

NÁDIA LAGUÁRDIA DE LIMA

A ESCRITA VIRTUAL NA ADOLESCÊNCIA:

**Os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função
do romance**

Belo Horizonte, março de 2009

NÁDIA LAGUÁRDIA DE LIMA

A ESCRITA VIRTUAL NA ADOLESCÊNCIA:

**Os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função
do romance**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Psicologia, Psicanálise e Educação

Orientadora: Ana Lydia Bezerra Santiago

Belo Horizonte, março de 2009

Ficha Catalográfica

LIMA, Nádia Laguárdia de.

A escrita virtual na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance.

Belo Horizonte, UFMG/FAE, 2009.

394 p.

Tese (doutorado) UFMG. FAE.

A ESCRITA VIRTUAL NA ADOLESCÊNCIA: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance

Autora: Nádia Laguárdia de Lima

Orientadora: Ana Lydia Bezerra Santiago

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada por:

Presidente, Prof^a. Ana Lydia Bezerra Santiago – Orientadora

Prof^a. Leny Magalhães Mrech

Prof^a. Tânia Coelho dos Santos

Prof. Jésus Santiago

Prof. Antônio Augusto Gomes Batista

Belo Horizonte

Março de 2009

Para Antônio Cláudio

AGRADECIMENTOS

O trabalho apresentado nesta tese é resultado da participação de várias pessoas, que gentilmente possibilitaram essa trajetória e participaram dela, desde o incentivo ao ingresso no doutorado, passando pelo acolhimento do projeto inicial, a indicação e o acesso ao material bibliográfico, o estímulo e o apoio constantes, a leitura, os ricos ensinamentos, a interlocução calorosa, os questionamentos e sugestões valiosos, as traduções de textos, a leitura e a discussão do material na banca de qualificação, as revisões do texto e, enfim, a participação na banca de defesa da tese. Entre as várias pessoas que estiveram presentes neste percurso, gostaria de agradecer a Elisa Alvarenga, Antônio Augusto Gomes Batista, Tânia Coelho dos Santos, Jésus Santiago, Leny Magalhães Mrech, Andréa Máris Campos Guerra, Márcia Rosa Vieira, Celso Rennó Lima, Elisa Arreguy Maia, Nádia Rodrigues de Figueiredo, Maria Júlia Andrade Vale, Margaret Pires do Couto, Mônica Assunção Costa Lima, Paula Ângela de Figueiredo e Paula, Rosana Figueiredo Vieira, Andréa Franco Milagres, Alexandre Dutra Gomes Cruz, Cláudia Maria Generoso, Bárbara Guatimosin, Renata Dumont Flexa, Avany Pazzini Chiavetti, Roberto Arreguy e aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Em especial, um agradecimento a Ana Lydia Bezerra Santiago, pelo acolhimento do projeto, pelo estímulo e pelas importantes contribuições dadas na orientação dos trabalhos desta tese.

Um agradecimento especial aos meus filhos Bernardo, Gabriel e Pedro, pelos grandes ensinamentos no ciberespaço e pela paciência e respeito nos momentos de ausência.

Por fim, um agradecimento muito especial ao Antônio Cláudio, companheiro querido, pelo grande apoio, carinho e cumplicidade no dia-a-dia.

RESUMO

A ESCRITA NA ADOLESCÊNCIA: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance

O objetivo deste trabalho é investigar a função da escrita de blogs por adolescentes na contemporaneidade, apoiados por recursos teóricos da psicanálise e pela leitura de blogs. Para fazer essa reflexão, adotamos dois eixos norteadores. Um eixo que relaciona a escrita com a cultura e o outro que analisa a função da escrita no tempo da puberdade. Defendemos a hipótese de que o romance é o paradigma do diário íntimo. A puberdade é um tempo em que se dá o encontro com o real do sexo, promovendo um desatar do nó que amarra os três registros da realidade psíquica. A escrita de um romance familiar pode operar na construção do sintoma adolescente. Identificamos em nossas pesquisas três tipos de blogs de adolescentes, a partir da referência ao romance: como uma escrita de gozo; como uma “escrita de si para si”; e aquele que corresponde à escrita de um romance, como produto de um endereçamento a um outro, que faz laço social. Nas duas primeiras vertentes, não há o estabelecimento de um laço social, o que pode ser considerado como um resultado do discurso capitalista. E por último, na vertente onde há a produção de um personagem como o principal protagonista da própria história, promove-se uma mudança na posição do sujeito, que deixa de ser determinado pela história para ler essa determinação.

Palavras-chave: escrita, blogs, romance, adolescência.

ABSTRACT

VIRTUAL WRITING IN ADOLESCENCE: blogs as a way to treat reality in puberty time, analyzed from the novel function perspective.

The purpose of this work is to investigate the role of blog writing by adolescents in contemporary times, supported by theoretical psycho-analytical resources. In making such a reflection, our study has taken two guiding lines: the first relates writing to culture and the second analyzes the role of writing in puberty time. We sustain the hypothesis that intimate diaries have the novel as their paradigm. Puberty is a period in which one meets the reality of sex, promoting the unfastening of the knot that ties the three stages of psychic reality. The writing of a familiar novel can operate in the construction of the adolescent symptom. Our research identifies three kinds of blogs produced by teenagers, from a novel perspective: as a writing to achieve pleasure; as a writing practice by oneself; and the third type of blog writing which corresponds to a novel, as a product of acknowledgment to the other, allowing social bonds. The first two types do not establish a social link, which can be considered an outcome generated by the capitalist discourse, whereas the last type presents the production of a character as the main protagonist of his/her own story, promoting a change of the subject position so that one, rather than being determined by history, is able to read one's historical determination.

Key terms: writing, blogs, the novel, adolescence.

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1. O diário íntimo adolescente como produto da modernidade	21
1.1. Primórdios da escrita de si: a subjetivação de um já-dito	21
1.2. O surgimento do diário: a tensão entre o público e o privado.....	27
1.3. O diário íntimo como produto da cultura moderna	34
1.4. O diário como paradigmático da adolescência	56
1.4.1. Da escritura escolar ao diário íntimo	57
1.4.2. A escrita na adolescência	65
Capítulo 2. O diário íntimo como um romance	88
2.1. O romance e o diário: aproximações	88
2.1.1. Origem, classificação e caracterização do romance	88
2.1.2. Romance, autobiografia e diário.....	100
2.2. O diário e o romance familiar	108
2.3. Hystorização e romance: a construção do personagem no diário íntimo adolescente.....	119
Capítulo 3. O blog adolescente como produto da contemporaneidade	140
3.1. O discurso capitalista e seus efeitos sobre o sujeito	140
3.2. O surgimento dos blogs	149
3.3. Pesquisando no ciberespaço	154
3.3.1. O método de pesquisa em psicanálise	154
3.3.2. Circunscrição do campo	160
3.3.3. Recorte para a pesquisa empírica	160
3.3.4. Desenvolvimento da pesquisa	161
3.3.5. Construção e análise dos dados	163
3.4. A primeira investigação: a escrita de si nos blogs.....	166
3.5. Por que os adolescentes escrevem diários na rede?	168
3.5.1. Uma leitura dos blogs	169
3.5.2. O blog como uma narrativa sobre si	169
3.5.3. O blog como um discurso	173
3.5.4. A identificação com a “adolescência”	178

Capítulo 4. A escrita do romance nos blogs	188
4.1. Escritos da adolescência: a vertente de romance nos blogs	189
4.2. A escrita do amor: relacionamentos “fluidos” na contemporaneidade	198
4.3. A escrita da “história familiar” no espaço público	206
4.4. Amizades múltiplas: encontros e desencontros no ciberespaço.....	211
4.5. A escrita da sexualidade nos blogs	213
4.6. A adolescência como resposta ao impossível de saber	217
Capítulo 5. Tempo e espaço nos diários virtuais: da linearidade à espacialidade	221
5.1. Um novo texto: leitura e escrita nos blogs	221
5.2. O constelar no ciberespaço: um hipertexto de fragmentos	233
5.3. O esfacelamento da imagem e sua multiplicidade	243
5.4. Letra: entre o significante e o gozo	250
5.5. Tempo e escrita: o blog como uma memória efêmera	258
5.6. O adolescente no tempo e no espaço	264
5.7. O adolescente e a escrita no blog: entre o sonho e o despertar	268
Capítulo 6. O blog como um sintoma atual na adolescência	274
6.1. Diário virtual: da escrita do romance à escrita de gozo?	274
6.1.1. Existiria uma perversão generalizada na contemporaneidade?	275
6.1.2. As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneo: a “escrita de gozo” nos blogs de adolescentes	288
6.1.3. A escrita de si para si	310
6.1.4. Enfim, o que há de novo hoje?	314
6.2. Uma saída aos impasses contemporâneos: a escrita no blog como um sintoma ...	317
6.2.1. Do sintoma ao sinthoma	317
6.2. 2. Voz do Solitário	329
Conclusão	354
Referências bibliográficas	362
Anexo – Por que os jovens escrevem blogs?	378

Começava a descobrir-me. Eu não era quase nada, quando muito uma atividade sem conteúdo, mas não era preciso mais. Eu escapava à comédia: não trabalhava ainda, porém não brincava mais, o mentiroso encontrava sua verdade na elaboração de suas mentiras. Nasci da escritura: antes dela, havia tão-somente um jogo de espelhos (SARTRE, 2005).

INTRODUÇÃO

... por ter descoberto o mundo por meio da linguagem, tomei durante muito tempo a linguagem pelo mundo. Existir era possuir uma marca registrada, em alguma parte nas Tábuas infinitas do Verbo... (SARTRE, 2005: 122).

O diário íntimo, fechado “a sete chaves”, funcionou durante muito tempo como um ritual de passagem para os jovens, simbolizando a entrada na adolescência, em especial para as meninas. O término da adolescência era acompanhado, frequentemente, pelo desinteresse por esse tipo de prática. O caráter transitório dessa escrita permite levantar a hipótese de que o diário desempenhava uma importante função subjetiva nessa fase da vida.

Na contemporaneidade, o avanço tecnológico e a difusão da Internet possibilitaram que muitos adolescentes começassem a escrever seus diários na rede, nos chamados blogs, passando assim dos diários íntimos às páginas *on-line*, que podem ser acessadas livremente. Nesse espaço virtual, os jovens escrevem seu perfil, poemas, pensamentos, letras de músicas, fazem protestos, colocam fotos e interagem com os leitores que deixam seus comentários nas páginas dos blogs. Os blogs de adolescentes multiplicam-se de maneira surpreendente no ciberespaço. Seriam os blogs hoje os substitutos dos diários íntimos? O que essa nova forma de escrita revela sobre o adolescente na contemporaneidade?

O blog é uma produção cultural da contemporaneidade. O crescimento acelerado dos blogs de adolescentes no Brasil e no mundo pode ser ilustrado através dos seguintes dados estatísticos pesquisados: “o número de blogs no mundo chegou a 57 milhões”; “um quinto dos adolescentes nos EUA que tem acesso à Internet tem o seu próprio blog”; “estima-se que o Brasil tem cerca de 3 milhões de blogs”; “entre 2004 e 2006 a quantidade de adolescentes que criaram um blog passou de 19 para 28% dos jovens conectados¹”. Acompanhamos uma mercantilização do gênero no mundo ocidental. Os adolescentes representam a maioria dos autores de blogs dentro do estilo pessoal. A

¹ Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI737650-EI4802,00.html>. Acesso em 12 dez. 2007.

grande expansão do gênero entre os adolescentes mostra a importante relação entre a cultura e a subjetividade.

É possível constatar que muito pouca coisa foi produzida até agora, no sentido de uma possível interlocução entre a escrita adolescente nos blogs e a psicanálise, provavelmente em função da atualidade do tema. Encontramos trabalhos recentes sobre o tema na área da sociologia, da comunicação e da psicologia social, mas poucos no campo da psicanálise. Podemos destacar nos campos da sociologia e da comunicação a dissertação de mestrado de Rosa Meire Carvalho Oliveira, *Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*, e a de Denise Araújo Schittine, *Blogs: comunicação e escrita íntima na Internet*, que foi publicada. Ambos os trabalhos, entretanto, não discorrem especificamente sobre os blogs de adolescentes.

Apoiados nos dados estatísticos que revelam o crescimento acelerado dos blogs entre o público adolescente, nos perguntávamos, originalmente, sobre a importância da escrita de si nesse ambiente virtual para os jovens. Dessa maneira, colocamos como objetivo principal, quando da proposição do projeto de pesquisa para esta tese, a função dessa forma de escrita no blog para o sujeito adolescente na contemporaneidade. Utilizamos como recurso metodológico a pesquisa qualitativa, que dialoga com alguns dados empíricos. Fizemos algumas incursões no ciberespaço, em especial nos blogs de adolescentes. A teoria psicanalítica ofereceu-nos os subsídios teóricos para a discussão do tema, que é também atravessado por diferentes campos do saber. Assim, tendo a psicanálise como principal referencial teórico, promovemos interlocuções com alguns autores que fizeram um percurso histórico dos “escritos de si” e do diário íntimo, autores que analisam a modernidade, que discutem gêneros literários, gêneros virtuais, além de autores que analisam a contemporaneidade.

Uma investigação preliminar do campo permitiu-nos constatar que os blogs de adolescentes são “escritos de si”, apesar de estarem lançados no espaço público. Essa observação nos leva a aproximar os blogs dos diários íntimos. O diário íntimo é um produto da modernidade, assim como o blog é um produto da contemporaneidade. No primeiro capítulo, apresentamos uma reflexão que permite situar historicamente o diário

íntimo como um produto da modernidade. Inicialmente, apoiando-nos em Foucault (2006) e em Bakhtin (2002), identificamos o surgimento de uma escrita de si antes mesmo do Cristianismo, mas destacamos como somente a partir do Renascimento ela começa a transformar-se em uma “narrativa sobre si”, uma “escrita do eu”.

Na Grécia antiga, a escrita de si não tinha a função de apreensão de um “eu”, mas a subjetivação de um “já-dito”, tendo em vista uma cultura fortemente marcada pela tradição, pelo discurso recorrente, pela prática da citação consagrada pela Antiguidade e pela autoridade. No entanto, esses escritos, tal como concebiam os gregos, não funcionavam como simples memorização de conhecimentos preestabelecidos, mas eram um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo próprio. Eles podem ser localizados entre o “já-dito” e “um dito com novo valor”, pois combinam a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso. Há uma unificação desses fragmentos “já ditos”, subjetivando-os na prática da escrita pessoal. Para Foucault, trata-se de uma apropriação “corporal”, pois a escrita constitui um corpo para aquele “que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas” (2006, p.152). Para Bakhtin, esses escritos de si na antiguidade grega revelam um homem que é totalmente público. Em tal homem biográfico não havia nada de íntimo-privado, de sigiloso-pessoal, de introvertido, nenhuma privacidade. A unidade do homem e sua autoconsciência eram puramente públicas.

Situando historicamente o surgimento do termo diário, é possível localizar os primeiros usos do termo referindo-se a registros públicos, que gradativamente foram convertendo-se em registros pessoais. No entanto, a dualidade público/privado permanece como traço constitutivo dos diários. Essa dualidade está presente de forma contundente na adolescência.

A escrita autobiográfica só é possível na modernidade, com o surgimento do indivíduo em sua concepção moderna. Além disso, nos países europeus onde o capitalismo industrial triunfou, o apelo ao mercado, à concentração do capital, à racionalização dos métodos de produção, subordinou a idéia de sociedade moderna ou industrial à de economia capitalista, separando brutalmente vida pública e privada. Na França, o declínio da esfera pública levou à valorização da intimidade e à preocupação com a

própria existência singular. A confissão, a colocação do sexo em discurso e a historização da vida levaram à valorização da narrativa individual. As escritas autobiográficas tiveram sua grande expansão no século XIX, quando o diário consolidou-se como uma escrita íntima, confessional e fundamentalmente adolescente.

O diário é paradigmático da adolescência. Buscamos conceituar a adolescência na psicanálise para tentar compreender a função que a escrita² pode exercer nesse momento da vida. Se a adolescência enquanto uma fase da vida é uma construção social, na psicanálise “a adolescência” pode ser considerada como um sintoma da puberdade. Nesse tempo lógico, o sujeito é convocado a realizar um trabalho psíquico. Diante das exigências que se impõem ao jovem adolescente: passagem do pai à lei social na ampliação do pacto edípico ao pacto social, elaboração do luto dos pais infantis, ressignificação da relação com o corpo e encontro com o outro sexo, a escrita de um diário pode ser um instrumento que possibilita esse trabalho psíquico, operando sobre a adolescência tomada como um sintoma. Fizemos a leitura de alguns diários íntimos de adolescentes³ que foram publicados, mas nos detivemos, em especial, na leitura de dois que tiveram grande repercussão: *O diário de Anne Frank* (século XX) e *Cem escovadas antes de ir para a cama* (século XXI), escrito por Melissa Paranello. Ilustramos, através do diário de Melissa, o encontro com o real do sexo nesse momento da adolescência e a escrita operando como uma forma de “dizer desse encontro com o inominável”.

A leitura de diários íntimos levou-nos a interrogar se, nesta construção narrativa, a escrita de um diário seria equivalente à escrita de um romance. Defendemos a hipótese de que o diário íntimo pode ser aproximado do romance como gênero. Utilizando a classificação dos romances em Bakhtin, relacionamos o diário íntimo com o romance de formação. Utilizamos também, para a discussão sobre o romance, os autores Barthes, Benjamin e Robert. Relacionamos a escrita de si nos diários com o romance familiar, descrito por Freud. Podemos dizer que toda narrativa de si é, fundamentalmente, um romance familiar.

² O termo “escrita” utilizado aqui é relativo ao ato mesmo de escrever. No entanto, ao abordar a função da escrita para o sujeito, tendo como referência a psicanálise, utilizamos o conceito de escrita em duas vertentes: como linguagem e como escrita do real.

³ Utilizaremos o termo adolescente sempre que nos referirmos ao jovem que está situado no tempo da puberdade. Consideramos que na puberdade há o encontro com o real do sexo e a adolescência é a resposta sintomática do sujeito a esse encontro.

Recorremos à elaboração feita por Lacan (2003 [1976]) de hystorização⁴ e romance, referidos ao processo do final de análise, e reportamos esses conceitos para o contexto da escrita de si na adolescência. Brevemente, podemos dizer que a hystorização é a redução da operação analítica transmitida no procedimento da transmissão de um final de análise. Há a apresentação da análise como um relato, uma história, mas esse relato não é cronológico. É o relato de um percurso, um testemunho. Esse relato hystoriza a experiência singular de cada análise, faz elo numa história com seus cruzamentos e não-cruzamentos, seu ritmo próprio. A essa construção se subtrai uma lógica. O testemunho decorrente da “hystorização” privilegia os efeitos de estilo. Operou-se uma contração do tempo, próprio da passagem do romance à novela.

Já o romance é uma modalidade de narrativa em que a função reguladora do sentido se faz por meio do tempo de construção desse ser de escritura que é o personagem. É a temporalidade necessária à construção do personagem que constitui o eixo essencial da legibilidade da significação da própria narrativa. Assim o personagem não é um dado *a priori*, mas, uma construção temporal, uma forma vazia que vai pouco a pouco sendo preenchida por diferentes predicados. Para Lacan: “Termina-se sempre por tornar-se um personagem do romance que é sua própria vida”⁵. Para isto, não é necessário fazer uma psicanálise. Na hystorização, há o desaparecimento do personagem, que, até então, se colocava como o principal protagonista de sua história. Cessa-se a decifração significativa e, nessa forma de testemunho, fica evidente que os significantes-mestres se desprenderam, irremediavelmente, do personagem que outrora lhes deu suporte.

Defendemos a hipótese de que a escrita do diário íntimo na adolescência equivale à perspectiva da escrita de um romance clássico, enquanto ele leva à construção do

⁴ A palavra utilizada por Lacan em “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, publicado em *Outros Escritos* (1976/2003) é *hystorisation*, uma soma de *hystérie* e *historisation*. Ao utilizar o termo hystorização, Lacan faz entender a dimensão de ficção, de relato necessário para circunscrever uma posição de gozo conectado a significantes-mestres. A adoção da vertente discursiva da histeria no momento de conclusão de uma análise reforça a importância do testemunho na lógica de transmissão, em detrimento da demonstração puramente matemática. Há uma solução “particular” encontrada pelo sujeito no final de análise. Ele se deparou com os acontecimentos que, por definição, encarnam o que há de mais contingente no percurso de sua vida e de sua análise. Há, portanto, uma diferença entre a hystorização, que é relativa ao testemunho, da história, no sentido de sua versão romaneada. Essa discussão é apresentada no terceiro capítulo.

⁵ Frase de Lacan dirigida a Eric Laurent e comentada por este no texto: “Quatre remarques sur le souci scientifique de Jacques Lacan”. In: BRISSAC, Marie-Pierre de Cossé; DUMAS, Roland et al. *Connaissez-vous Lacan?* Paris: Seuil, 1992.

personagem como o principal protagonista de sua história. O encontro com o Outro é sempre faltoso e é desse encontro que nasce a possibilidade de construção de uma resposta pelo sujeito. No despertar do real do gozo na puberdade, quando o simbólico se mostra insuficiente, o diário íntimo, como um romance, pode ser uma tentativa de suprir essa insuficiência simbólica. Ao se fazer o principal protagonista da própria história, o sujeito adolescente deixa de ser determinado pela história, podendo “ler essa determinação”. No ritmo e na temporalidade próprios da escrita diária, o adolescente pode descobrir um ponto de ancoragem de uma referência significativa. Assim, a escrita pode levar à construção de um romance no tempo da adolescência, fazendo surgir uma resposta ao encontro com a falta no Outro. Ilustramos brevemente esse trabalho de construção de um romance na adolescência por meio de recortes do diário de Anne Frank.

O final do século XX foi marcado pela expansão tecnológica, com o crescimento da informática atingindo e transformando todos os setores da vida humana. Surgem os blogs ou diários *on-line*, que funcionam como *sites* pessoais. Esse tema é abordado segundo capítulo, quando introduzimos a definição de blog e situamos historicamente o seu surgimento. Desenvolvemos algumas investigações em blogs de adolescentes, com diferentes objetivos.

Uma primeira leitura de alguns blogs escritos por adolescentes permitiu-nos conhecer quem são os adolescentes que os escrevem (sexo, idade), a linguagem utilizada em seus textos, o tipo de uso que fazem dos blogs, a quem dirigem os seus textos (se escrevem para conhecidos ou desconhecidos), se utilizam o nome próprio ou um apelido (*nick name*) e o que escrevem.

Numa outra investigação, buscamos conhecer por que os adolescentes escrevem blogs. Para essa investigação⁶, recortamos nos textos os motivos pelos quais os jovens escrevem diários *on-line*. O principal motivo eleito pelos adolescentes foi o interesse em fazer uma "escrita de si" ou uma “narrativa de si”, o que aproxima os blogs dos diários pessoais. Discutimos, portanto, a relação existente entre o diário íntimo e o blog, utilizando a caracterização de diário enquanto gênero e buscando identificar nos blogs

⁶ Existem 6.310 blogs no *site* www.uol.com.br com as palavras “adolescente” e “diário” (palavras-chave). Só com a palavra “adolescente” existem 34.028. Acesso em 13 ago. 2008.

as características formais de um diário. As leituras de alguns blogs de adolescentes permitiram-nos concluir que, nesse encontro com o íntimo, os jovens se deparam com o “êxtimo”, com o real, com o estranho, que pode levar a uma nova construção simbólica que permita “dizer disso”.

O segundo motivo eleito pelos adolescentes foi o interesse em falar para outro adolescente. O blog tem um caráter claramente público. Diferentemente do diário íntimo, os blogs pesquisados revelaram que o adolescente se endereça a um outro adolescente. Apresentamos brevemente a teoria dos discursos em Lacan, para discutir o tipo discursivo presente nos blogs. Essa modalidade discursiva que leva à construção de um romance, como resposta ao que o sujeito interpreta como vindo do campo do Outro, é ilustrada pela modalidade de laço social que Lacan descreve como discurso histérico. O discurso histérico nos mostra o sujeito dividido em posição de agente, que, ao interrogar o outro sobre o desejo, escreve um romance e termina por se tornar um personagem do romance que é a sua própria vida. O blog pode se constituir em um romance que faz laço social.

O terceiro motivo eleito pelos jovens foi o interesse em falar sobre a adolescência, fase em que se situam. Apresentamos então uma breve reflexão sobre a identificação que o jovem faz, nesse tempo lógico, com a “adolescência”. Para esta reflexão, empregamos os conceitos de identificação nas teorias de Freud e Lacan. Se a puberdade é o tempo do encontro com o real do sexo, consideramos a adolescência como sintoma da puberdade.

Numa nova investigação de campo, buscamos identificar a presença da dimensão de romance nos blogs, além de conhecer os temas mais comuns abordados pelos adolescentes em seus escritos.

As várias leituras de blogs permitiram constatar que existem “particularidades” nessa forma de escrita que se faz no universo virtual, em função de sua dimensão espaço-temporal. Essas particularidades teriam incidências na relação do jovem com a “escrita de si” na contemporaneidade? No quarto capítulo, discutimos a relação entre o suporte material que sustenta a escrita de si e a dimensão espaço temporal envolvida nesses suportes. A passagem do diário íntimo para o diário virtual revela a passagem da

linearidade à espacialidade, da lógica linear à lógica constelar⁷. Essa passagem implica a própria mudança do estatuto de sujeito. Para essa discussão, o conceito de letra em Lacan é fundamental. Assim, apesar da existência de uma lógica “constelar” no ciberespaço, alguns adolescentes constroem em seus blogs um texto que se aproxima muito do diário íntimo, obedecendo a uma lógica linear, da ordem significativa, endereçada a um Outro, buscando uma construção de sentido ao encontro com o furo no Outro. Mas em outros blogs podemos observar uma escrita fragmentária, sem endereçamento, da ordem da ausência de sentido.

Normalmente, na primeira perspectiva, os blogs são escritos de maior duração, enquanto na segunda perspectiva são textos mais curtos. Se o tempo é um fator importante na escrita de um romance, buscamos investigar a questão temporal nos escritos adolescentes, para comprovar a hipótese acima. Uma nova pesquisa feita com blogs de adolescentes teve como objetivo investigar nos blogs a relação da escrita com o tempo a partir de dois critérios: em primeiro lugar, pela presença do “passado” e do “futuro” na escrita e, em segundo lugar, pelo tempo de duração dos blogs.

Essa investigação tornou possível compreender que os blogs pesquisados constituem-se como uma escrita preferencialmente do tempo presente, do imediato. Mesmo nos blogs de longa duração, acompanhamos uma preferência pela escrita da atualidade, um grande interesse em descrever e situar o tempo da adolescência. Uma outra constatação feita é que a maioria dos blogs tem curta duração.

Relacionamos a dimensão espaço-temporal dos blogs com a adolescência. Apresentamos uma reflexão sobre o adolescente no tempo e no espaço. A dimensão temporal na adolescência assume características peculiares. O adolescente busca escrever sobre o tempo “presente”, tentando, nesse momento de transformações tão rápidas, reter o fluxo temporal. Ele procura situar-se na adolescência, noção cultural que implica uma posição social “intermediária”, de “tempo de espera”, entre a infância e a fase adulta. A adolescência é um “não-lugar” assim como o ciberespaço. Muitos dos paradoxos da adolescência se fazem presentes no ciberespaço, o que explica o grande

⁷ O termo constelar, utilizado na literatura e na psicanálise, é aqui referido ao predomínio do fragmentário sobre o sistemático, pela retomada constante dos mesmos temas com várias significações e pelas rupturas ou passagens bruscas de um tópico para o outro.

fascínio que o espaço virtual exerce sobre os jovens. Lançando mão da referência que Lacan faz da adolescência como o tempo do despertar, apresentamos o ciberespaço como um espaço onde é possível tanto a permanência no sonho quanto o despertar. Discutimos então a adolescência e a escrita no blog, entre o sonho e o despertar.

No quinto capítulo, utilizando a discussão feita por Lacan de Kant com Sade, questionamos se acompanharíamos, hoje, a passagem da escrita do romance à escrita do gozo. Inicialmente, discutimos, a partir de autores que analisam a contemporaneidade, se existe uma “perversão generalizada”⁸ na contemporaneidade, ou uma “ética sadeana” hoje, que contribuiria para essa irrupção de gozo nos escritos dos blogs. Utilizando a teoria lacaniana, fazemos uma diferenciação entre estrutura perversa e traços de perversão. Buscamos extrair nos blogs esses traços de perversão. Constatamos em vários blogs a presença de traços de perversão e a dimensão da escrita de gozo.

Se por um lado identificamos em alguns blogs a construção do romance, que leva à construção do personagem como o principal protagonista de sua história, a construção de um sentido, por outro lado identificamos em outros blogs a dimensão do apagamento do sujeito no anonimato do ciberespaço. Na dimensão de romance, destacamos a função significante, da mensagem endereçada como vertente do discurso histérico, que visa à construção do sentido. Na dimensão da escrita de gozo, o imediato, as imagens obscenas, agressivas, os fragmentos dispersos, as letras soltas, o “sem-sentido”.

Mas, além dos dois tipos acima, identificamos um terceiro tipo de blog, que não se encaixa em nenhuma das duas perspectivas acima. Trata-se de uma escrita que tem um endereçamento, na tentativa de se constituir um romance, mas que acaba por se fechar em si mesmo, num curto-circuito narcísico, que não faz laço social. Apresentamos no último capítulo uma leitura possível desse fenômeno, buscando refletir sobre o que a escrita de si nos blogs de adolescentes revela de novo hoje.

⁸ A existência de uma perversão generalizada na contemporaneidade é uma hipótese defendida por alguns psicanalistas. De acordo com Alain Merlet (s.d.), a perversão generalizada não é nada mais do que o efeito e o resultado da mercantilização dos objetos vertidos para o gozo pela tecnologia. Essa discussão é feita no quinto capítulo.

CAPÍTULO I: O DIÁRIO ÍNTIMO ADOLESCENTE COMO PRODUTO DA MODERNIDADE

Pois aquilo que o fantasma impõe é o escritor tal como podemos vê-lo em seu diário íntimo, é *o escritor menos sua obra*: forma suprema do sagrado: a marca e o vazio. (BARTHES, 2003: 92)

1.1. Primórdios da escrita de si: a subjetivação de um “já-dito”

Escrever sobre si mesmo não é uma prática recente. Se na atualidade os jovens utilizam o blog para falar de si, levando ao espaço público suas vidas pessoais, na antiguidade a abordagem biográfica era também de caráter público. Mesmo no século XIX, época áurea dos diários íntimos, “guardados a sete chaves”, muitos diaristas decidiam publicar seus escritos. Que particularidades apresenta, portanto, essa escrita de si no ambiente virtual na contemporaneidade? O que há de inédito nessa forma de escrita? Em que a leitura dos blogs de adolescentes ajuda-nos a compreender a importância dessa escrita na adolescência hoje?

Buscamos localizar historicamente o surgimento das primeiras formas de escrituras pessoais para compreender a interferência da cultura nessa prática. Os escritos de si têm origem bastante remota, podendo ser localizados ainda na antiguidade. Os escritos pessoais surgiram também a partir de registros públicos, de anotações de atividades profissionais, religiosas ou de viagens dos primeiros séculos depois de Cristo, que aos poucos foram convertendo-se em “escritas de si”. No entanto, o diário íntimo, como uma narrativa da experiência pessoal e subjetiva, de caráter confessional, só foi possível a partir do Renascimento, mais especificamente, na modernidade.

Se a “escrita de si” pode ser localizada ainda na Grécia Antiga, ela assume diferentes formas e objetivos ao longo da história e nos diferentes contextos sociais. No texto “A escrita de si”¹, Foucault (2006a) faz uma reflexão sobre “as artes de si mesmo”, ou seja, sobre a estética da existência e o domínio de si e dos outros na cultura greco-romana,

¹ Esse texto foi publicado em: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Coleção: Ditos e escritos de Michel Foucault, vol. V. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

nos primeiros séculos do império. A referência inicial de Foucault é a “Vita Antonii”, que apresenta uma notação escrita das ações e dos pensamentos como um elemento fundamental da vida ascética. A escrita tinha uma função importante para o asceta, ela buscava atenuar os perigos da solidão e oferecer o que se faz ou pensa a um olhar possível. A escrita é como um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha. Essa escrita tinha uma função de combate espiritual.

Foucault observa a presença de alguns aspectos comuns à escrita espiritual, em documentos dos séculos I e II, os *hypomnêmata*², e a correspondência. Considera que o “Vita Antonii”, um dos mais antigos textos produzidos pelo Cristianismo sobre o problema da escrita espiritual, torna possível detectar de forma retrospectiva alguns dos aspectos que a função da escrita vai desempenhar na cultura filosófica sobre si antes do Cristianismo. Nos textos de Epicteto, “a escrita parece regularmente associada à meditação, ao exercício do pensamento sobre ele mesmo que reativa o que ele sabe, torna presentes um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim se prepara para encarar o real” (FOUCAULT, 2006a: 146-147). Como elemento de treinamento de si, a escrita tinha uma função etopoiética, ou seja, operadora da transformação da verdade em *êthos*. Estas formas de escrita de si na antiguidade clássica tinham uma função “estética da existência” ou autodisciplinar, mas não eram ainda a ascese e a moral de renúncia que o Cristianismo veio a consagrar mais tarde.

Os *hypomnêmata* podiam ser, no sentido técnico, tanto livros de contabilidade como registros públicos ou cadernos de lembretes, mas sua utilização como livro de vida e guia de conduta parece ter se tornado comum a todo público culto. No entanto, Foucault observa que por mais pessoais que fossem, esses *hypomnêmata* não devem ser entendidos como diários ou como narrativas de experiência espiritual. Elas não constituem uma “narrativa sobre si mesmo”, nem têm papel de confissão com valor de purificação. Não buscam o indizível, nem almejam revelar o oculto, não querem dizer o não-dito, mas tratam de captar o já-dito, de reunir o que se pôde ouvir ou ler, “e isso com a finalidade que nada mais é que a constituição de si” (FOUCAULT, 2006a: 149).

² *Hypomnêmata* é uma palavra grega com várias traduções para o português: uma lembrança, uma nota, um registro público, um comentário. Foucault (2006) utiliza o termo referindo-se a uma caderneta de notas.

Essa análise de Foucault é importante para se estabelecer alguns parâmetros de diferenciação entre a escrita de si na antiguidade e a escrita de si a partir do Renascimento. Somente a partir do Renascimento é que a escrita de si começa a constituir-se em uma “narrativa sobre si mesmo”, com papel de confissão e valor de purificação. No século XIX, os diários íntimos e as diferentes formas de escrita autobiográfica são marcados por uma reflexão pessoal que envolve a busca da revelação do oculto, do não-dito, do indizível.

Situando as *hypomnêmata* no contexto da época, não se pode deixar de considerar na antiguidade a cultura muito fortemente marcada pelo valor do saber tradicional, pelo já-dito, pela recorrência do discurso, pela prática da citação sob a chancela da antiguidade e da autoridade, marcadas por uma ética muito explicitamente orientada para o cuidado de si.

Essa escrita de si era uma prática que visava contribuir para a formação pessoal. Segundo Foucault, se a redação dos *hypomnêmata* pode contribuir para a formação de si através desses *logoi* dispersos, é principalmente por três razões: os efeitos de limitação devidos à junção da leitura com a escrita, a prática regrada do disparate que determina as escolhas e a apropriação que ela efetua (FOUCAULT, 2006a: 149). Em primeiro lugar, a prática de si envolve a leitura, como insiste Sêneca. Mas não é preciso dissociar leitura e escrita. Deve-se recorrer alternadamente a essas duas ocupações. “A contribuição dos *hypomnêmata* é um dos meios pelos quais a alma é afastada da preocupação com o futuro, para desviá-la na direção da reflexão sobre o passado” (FOUCAULT, 2006a: 150). Em segundo lugar, a escrita dos *hypomnêmata* é uma prática regrada e voluntária do disparate. Ela é uma escolha de elementos heterogêneos. A caderneta de notas é dominada por dois princípios; “a verdade local da sentença” e “seu valor circunstancial de uso” (2006a: 151). Foucault destaca que:

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso (FOUCAULT, 2006a: 151).

Personagens como Plutarco ou Sêneca ilustram a necessidade de apropriação que um leitor deve fazer de um texto. Sêneca diz que é preciso ler sempre autores de uma autoridade reconhecida. Entre os vários textos lidos, ele recomenda escolher um para ser

digerido durante o dia. Em terceiro lugar, esse disparate proposital, segundo Foucault, não exclui a unificação. Trata-se de unificar esses fragmentos heterogêneos pela sua subjetivação no exercício da escrita pessoal. Assim, essa escrita não representava uma simples memorização do “já-dito”, mas ela combina a autoridade tradicional com a singularidade da verdade que nela se afirma. O papel da escrita é constituir um corpo. Trata-se mesmo de uma apropriação “corporal” por meio da escrita: “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em ‘forças e em sangue’ (*in vires, in sanguinem*)” (FOUCAULT, 2006a: 152).

É possível fazer uma aproximação entre essa função da escrita pessoal descrita por Foucault na antiguidade e a função da escrita na psicanálise. Rapidamente, podemos destacar dois aspectos, que serão aprofundados nos próximos capítulos. Em primeiro lugar, o sujeito se constitui através do laço social. O sujeito se apropria dos significantes que recebe do campo do Outro, enquanto campo simbólico ou cultural. É a partir do que o sujeito recebe da cultura que ele constitui algo “próprio”. Em segundo lugar, ao considerar que o papel da escrita é constituir um corpo, podemos pensar que, para além do registro da linguagem, essa escrita revela a dimensão de uma escrita no corpo, derivada de um mapeamento constitutivo das bordas erógenas. Essa escrita tem como base os objetos a^3 , como o olhar, o seio, as fezes e a voz; objetos que, extraídos do campo do Outro, recortam o campo do gozo próprio. A escrita revela, pois, para além da vertente significativa, a dimensão real.

Não eram apenas as *hypomnêmatas* que constituíam-se como uma forma de escrita de si. As correspondências também permitem o exercício pessoal, como revela Foucault (2006a). As cartas eram enviadas para ajudar os correspondentes, aconselhá-los, exortá-los, admoestá-los ou consolá-los. Mas essa escrita dirigida a um outro age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia. Ela tem, portanto, uma dupla função. Ela constitui uma maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros, tornando o escritor presente para aquele a quem ele envia. Foucault comenta que escrever é se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. Assim, “a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário... e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo” (2006a: 156).

³ O conceito de objeto a é apresentado no final deste capítulo, quando é abordada a escrita na adolescência.

A partir do texto de Foucault, podemos destacar as funções da escrita de si na antiguidade. Para Foucault (2006a), no caso dos *hypomnêmata* tratava-se de constituir a si mesmo como objeto de ação racional. Para que isso fosse possível, buscava-se a apropriação, a unificação e a subjetivação de um “já-dito”. No caso da anotação monástica das experiências espirituais, buscava-se desalojar do interior da alma os movimentos mais escondidos para deles se libertar. No caso do relato epistolar de si mesmo, buscava-se “fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo, ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida” (FOUCAULT, 2006a: 162).

Uma outra particularidade da escrita de si na antiguidade era o seu caráter público, aspecto que é destacado por Bakhtin (2002). O autor nomeia essas escritas na Grécia Antiga como “formas biográficas e autobiográficas”. No entanto, faz a ressalva de que esses escritos não apresentavam, nesse período, as funções que passam a assumir a partir do século XVIII. Para o autor, essas formas biográficas exerceram enorme influência para o desenvolvimento da biografia e autobiografia europeias, assim como para o desenvolvimento de todo o romance europeu. Essas formas antigas estão baseadas em uma noção própria de tempo biográfico e em uma imagem específica de homem.

No Classicismo grego, as formas de autobiografias e biografias não eram desligadas do acontecimento político e social concreto e da sua publicidade retumbante. Ao contrário, eram inteiramente definidas por esse acontecimento, eram atos verbais cívico-políticos de manifestação pública. “Em tal homem biográfico não havia nada de íntimo-privado, de sigiloso-pessoal, de introvertido, nenhuma privatividade” (BAKHTIN, 2002: 252). Não há nada “para si só”, nada que não seja sujeito ao controle e à avaliação público-estatal. A unidade do homem e a sua autoconsciência eram puramente públicas. Toda a existência era “visível e audível” (p.253). Não havia nenhum núcleo no homem que fosse mudo ou invisível. Ele situa as *Confissões* de Santo Agostinho nessa perspectiva. Elas não podem ser lidas “em voz baixa”, é preciso declamá-las em voz alta, “em sua forma ainda encontra-se vivo o espírito da praça grega, onde primeiro se formou a conscientização do homem europeu” (p.254). O autor destaca como o grego não conhecia a nossa divisão em interior e exterior, pois para ele os dois planos estavam no

mesmo nível. Viver exteriormente é viver para os outros, para a coletividade, para o povo. A abordagem biográfica era, portanto, de caráter público.

A partir da modernidade, a escrita de si começa a apresentar novas funções. Não mais a apropriação e a unificação de um “já-dito”. As referências identificatórias, bem definidas na antiguidade, são desconstruídas na modernidade. À medida que os astros deixam de ser tomados como determinantes absolutos e passam a ser vistos como passíveis de efeitos polares, como observa Lima (1986), surge uma nova concepção de homem, que exerce o livre-arbítrio. A iminência dessa nova concepção leva à constituição da concepção moderna de indivíduo. A partir de então, através da escrita de si busca-se conhecer “a si mesmo”, como um processo individual e de caráter privado.

Tendo localizado as primeiras formas de escrita de si e delineado as suas particularidades nesse contexto histórico e cultural, buscaremos situar os primeiros usos do termo “diário”, destacando a tensão entre o público e o privado que o caracteriza. Depois, buscaremos identificar, na modernidade, os principais fatores que propiciaram o surgimento desta forma de escrita como uma prática íntima e confessional, como uma “narrativa de si” e, fundamentalmente, adolescente. Para desenvolver essa discussão sobre a escrita na adolescência, acrescentaremos algumas das principais elaborações teóricas de Freud e de Lacan sobre o tema.

Construiremos dessa forma o percurso que fundamenta a discussão sobre a relação entre a “escrita de si” e a cultura, permitindo situar o diário íntimo como produto da modernidade. Vamos fazê-lo de forma a discutir posteriormente o blog como produto da contemporaneidade. Essa abordagem cultural alimenta a discussão mais específica sobre a aproximação entre o diário íntimo e o romance no segundo capítulo, que permitirá delimitar com maior precisão teórica a possibilidade do blog, como um diário *on-line*, se constituir também como um romance. A discussão sobre o romance será ponto chave para, associada à reflexão sobre a dimensão espaço-temporal nos blogs, permitir relacionar a escrita no blog, o sintoma e a adolescência na contemporaneidade.

1.2. O surgimento do diário: a tensão entre o público e o privado

Apesar da “escrita de si” poder ser localizada antes mesmo do Cristianismo, os primeiros usos do termo “diário” datam do século XIV e se referem a registros de caráter público. Somente a partir do Renascimento europeu os diários deixam de ser públicos. O diário, como um tipo de escritura íntima e confessional, como uma forma de “autobiografia”, alcança seu pleno desenvolvimento no final do século XVIII e início do século XIX. Apesar da passagem gradativa que se acompanha no diário, de público a privado, ele é marcado por uma constante tensão e ambiguidade entre esses dois polos.

Buscando o significado da palavra descobre-se que o termo “diário” refere-se à relação do que se faz ou sucede em cada dia, ou à obra em que se registram, diária ou quase diariamente, acontecimentos, impressões ou confissões. O termo refere-se também ao jornal que se publica todos os dias ou ao livro comercial de uso obrigatório, no qual se registram todas as operações econômicas, em ordem cronológica (FERREIRA, 1986). No latim, segundo a etimologia apresentada pelo dicionário Houaiss, o adjetivo “*diarius* /a/ um” é “o que se faz ou acontece todos os dias”; e o substantivo neutro, “pagamento de um dia, registro escrito de memória que se faz cada dia”. E são vários os significados encontrados no verbete. Como substantivo masculino: “**1.** Escrito em que se registram os acontecimentos de cada dia; **2.** Periódico que se publica todos os dias (...)” (HOUAISS, 2000: 1032). O termo jornal vem do latim *journalis*, o substantivo masculino jornal significa: **1.** “Publicação diária, com notícias sobre o cenário político nacional e internacional, informações sobre todos os ramos do conhecimento, entrevistas, comentários, etc.; (...) **4.** Escrito em que é feito um relato cotidiano dos acontecimentos; diário” (HOUAISS, 2000: 687).

O termo jornal vem do francês antigo *journal*, significando diário; do latim *diurnal*, de pertencente ao dia. Segundo a pesquisadora norte-americana Gannett (p.106)⁴, cujo livro publicado em 1992 constitui-se em uma referência anglossaxônica da história do diário, os primeiros usos do termo em inglês parecem datar da metade do século XIV e

⁴ GANNETT, Cinthia. *Gender and the journal. Diaries and academic discourse*. New York: State University of New York Press, 1992. 262 p.

se referem aos livros de serviços religiosos que continham as horas do dia, conhecidos como “Livros de Horas”. Eles eram inicialmente de domínio religioso e aos poucos passaram a ser utilizados pelos leigos. Ao final da Idade Média, surge a necessidade de um livro para possibilitar aos leigos o acesso a certos elementos do breviário utilizado pelos padres. Apesar das variações de formato e da abundância de ilustração, todos os Livros de Horas são concebidos segundo um mesmo esquema: começam com um calendário elaborado exclusivamente em função das festas religiosas. Seguem-se numerosas preces. Estas, compostas em grande parte de salmos, seguem o ritmo cotidiano – as matinas, laudas, prima, terça, sexta e noa, as vésperas e as completas escalonam o dia. O livro de horas ficou limitado à leitura privada, alheia às cerimônias públicas e coletivas. Todos tinham seu Livro de Horas, muitas vezes o único da estante.

O termo *journal* surgiu como verbete do dicionário inglês Oxford em torno de 1355-56; e em 1454 aparece outra referência: a palavra *journal* é usada para se referir a viajar ou para recordação de viagem. Em 1540, o termo é usado para designar os registros comerciais do livro diário, e em encontros públicos é usado para se referir às recordações diárias de eventos do dia ou às transações realizadas por corpos públicos. Apesar da correlação etimológica existente entre os termos “diário e jornal”, no Brasil não observamos a utilização prática do termo “jornal” para denominar o diário íntimo, como existe nas tradições culturais norte-americana e europeia (GANNETT, 1992: 106).

Os diários escritos antes do século XVI são primeiramente públicos. Robert A. Fothergill, considerado o primeiro estudioso crítico do desenvolvimento das tradições do diário na Inglaterra, que publicou *Private chronicles* (1974), citado por Gannett (p.105), afirma que não há uma fonte única da escrita do diário. Ele afirma, especialmente, que o diário como nós conhecemos hoje se desenvolveu da “junção de um número de hábitos pré-diários até a forma que excede os elementos componentes”. Ele apresenta a evolução do modelo de diário íntimo com quatro formas de proto ou pré-diários: diários públicos, diários de viagem, diários de registro pessoal – análogos aos livros comunitários (*commonplace books*) – e diários de consciência ou espirituais, que são descritos de forma sintética a seguir.

Os diários públicos, segundo Fothergill, são tão antigos quanto a própria escrita. Marcados pela tradição de escrita comunitária, tinham a função de divulgação pública

de fatos e eventos. Exemplo de diário público são “as tábuas de argila encontradas na Suméria, datando de aproximadamente 3000 a.C., contendo listas de ração para ser distribuída, recordação de tributos e donativos, e listas de nomes divinos”. Ainda nessa categoria, estão incluídas as recordações e relatos sobre transações de corpos públicos, diários de viagem, recordações diárias de campanhas militares e expedições científicas.

O diário de viagem agrupa relatos de experiências de viagens de inúmeros diaristas. Os primeiros registros aparecem no século X, no Japão. Eles relacionavam, frequentemente, prosa narrativa e descritiva, bem como poesia, e eram um gênero altamente reconhecido pelo valor histórico e literário. Os diários de viagem tinham parte importante na relação de hierarquia e poder nos meios religiosos, utilizados em orações e oráculos, e entendidos como um diálogo entre os seres humanos e os deuses. Religiosos faziam excursões para lugares citados em poemas famosos para promover o poder religioso. Chegado ao destino, o viajante podia compor um poema incorporando uma linha a partir do original. Essas práticas funcionaram como uma devoção ancestral, de acordo com Fothergill (citado por GANNETT, 1992).

Os diários de viagem, muito comuns entre os séculos XV e XVIII, refletiam as viagens de caráter exploratório ou não, trazendo informações sobre a geografia específica, terreno, possibilidade de rotas, fauna e flora, mas também curiosidades sobre os povos nativos e a expressão do sentimento associado a cada uma dessas experiências. Na metade do século XVII, esse tipo de diário começa a ser utilizado como rito de passagem na educação de rapazes. Uma das etapas para se tornar adulto, o *Grand Tour*, oferecia ao jovem a oportunidade de empregar o diário de viagem para desenvolver o hábito da observação e reflexão. Os jornais de viagem eram utilizados por exploradores e militares na Europa, para relatar as expedições, como os textos gerados a partir dos descobrimentos portugueses, denominados posteriormente de “literatura de viagens”. Esse *corpus* é composto de obras escritas por testemunhas presenciais dos acontecimentos narrados e que se identificam por uma temática comum, que é a experiência proporcionada pela própria viagem.

Observa-se, portanto, como esses diários começam a passar do público ao privado, do uso “informativo de viagens” a seu uso como um processo educativo, funcionando como “rito de passagem” para os rapazes, que desenvolviam a prática de observação e

reflexão em seus diários. A escrita de um diário de viagem era uma prática essencialmente masculina.

Os diários de memória pessoal são análogos aos *commonplace books* (livros de família). Conforme Ariès e Duby (2003), na Idade Média já eram escritos livros de família (*ricordanze, ricordi*) com o objetivo de prolongar no tempo o privado doméstico. Os autores dão conta que essas *ricordanze* não eram escritas de forma coletiva. Em geral, os autores eram os próprios pais de família que até podiam emprestar o livro de memórias para algum familiar, mas, de fato, eles mantinham um caráter secreto. Segundo Gannett (1992), o *commonplace book* é considerado um ancestral dos diários de leitura, quotas, observações, notas e desenhos que pessoas letradas, particularmente estudantes, têm mantido por séculos. Percebe-se aqui mais claramente o surgimento da escrita privada nesses diários de memória pessoal, assim como a função educativa desses escritos.

Os diários de consciência ou espirituais foram instrumentos religiosos utilizados para o auto-exame espiritual. Gannett (1992), citando Fothergill e Brian Dobbs, afirma que os puritanos, e mais tarde os *Quacres*, Metodistas e outros grupos que desafiaram a autoridade externa em matéria de crença pessoal, voltaram-se para a punição e rigoroso autoexame espiritual, para o que encontraram nos diários ferramenta muito útil. Pela metade do século XVII, *how-to*, livros tais como o de John Beadle – *The journal or diary of a thankful christian* (1656) – eram utilizados para ajudar praticantes potenciais a usar o diário para examinar seus comportamentos, suas consciências, suas almas e sua relação com Deus e seu trabalho, e para mapear e documentar a mão de Deus em seu trabalho e no mundo.

A partir dessa época, a prática de escrever diários como meio de autoexaminação e autopunição tornou-se muito comum entre os religiosos puritanos e protestantes. No grupo protestante “A Sociedade dos Amigos” ou “*Quacres*”, os jornais também eram um instrumento importante para avaliar as chances de salvação. Durante a Restauração na Inglaterra, ocorrida após o assassinato do Rei Charles I e a subida ao trono de Charles II (1660-1685), os diários tornaram-se palco de uma confissão geral, determinada pela multiplicação de retiros e missões. Aterrorizados pela ameaça de culpa, muitos passaram a investigar a si mesmos à procura de faltas. Os diários serviam tanto

para as confissões e a autoanálise, como também como regulamentos e resoluções que aprofundavam os exames. As mulheres eram estimuladas a manter diários como parte do sacramento e penitência e os homens mantinham a vida registrada e ordenada. Os diários chegaram aos Estados Unidos pelas mãos dos primeiros protestantes, no séc. XVII. A tradição norte-americana dos diários espirituais tornou-se uma das mais antigas tradições literárias, situando-se como modelo central até o século XIX, junto com os diários de viagem.

Os diários de consciência ou espirituais, que se tornaram muito populares no século XVII, fomentaram a prática do diarismo nos séculos seguintes, segundo Gannett (1992). Mallon, citado por Gannett (p.110), destaca que os diários espirituais representam “a grande forma de arte protestante”, responsável por retirar dos diários o caráter público que tinham até então, para concentrar-se no aspecto da vida privada do diarista.

É possível perceber que diferentes formas de escritura podem ser identificadas como fontes do diário íntimo. Mas os diários espirituais, comuns a partir do Renascimento europeu, ilustram de maneira mais clara a passagem da escrita pública para a privada ou íntima. Esses diários espirituais contribuíram para o exercício de uma escrita de si com valor de confissão, purificação e autorreflexão.

Como a passagem da escrita pública para a escrita privada se deu de forma gradativa e com diferentes fontes, não existe um consenso com relação ao que se deva identificar como “o primeiro diário íntimo”. Gannett (1992, p.111) considera Samuel Pepys (1633-1703) o precursor dos diários íntimos. Ele escreveu entre 1660 e 1669, em escrita taquigráfica, os 64 volumes de seus diários chamados de *Memoirs*, que foram publicados somente em 1825, após terem sido descobertos e decifrados. Esses exemplares ilustram o hábito crítico da mente, associado com a observação e reflexão do mundo físico, social e do mundo interior. Os seus diários foram escritos em dez anos – entre os 27 e os 36 anos – e apresentam uma reflexão do autor sobre sua atuação como um homem importante da corte inglesa, circulando nos altos escalões científicos e culturais do reinado de Charles II, a quem serviu de perto como membro da marinha.

Porém, outros dois ingleses, John Evelyn (1620-1706) – que escreveu os diários entre 1641-1706, publicados apenas em 1818 – e James Boswell (1740-1795) – que teve o

diário publicado em 1785 – são considerados por Gannett como os maiores praticantes do gênero. Boswell é celebrado pelo fato de ter aberto a público, como ninguém até então, a própria intimidade. John Evelyn também foi um membro da corte inglesa e relatou detalhes da era do Rei Charles I até a Rainha Anne, além de descrever, em seus diários, o nascimento da ciência e da arte modernas. Seus escritos compõem uma leitura do século XVII. Gannett (1992, p.112) destaca que, embora os diários de Pepys sejam considerados modelo para o diarismo, o marco da nova consciência é o livro de ensaios do francês Montaigne, escrito em 1580.

Enquanto Gannett considera Montaigne o precursor do diário íntimo, Lima⁵ considera o modelo clássico do gênero autobiográfico as *Confissões* de Jean Jacques Rousseau, escritas no período de 1782-1789. Para Lima, o texto de Rousseau pode ser considerado autobiográfico, porque busca o desvendamento do eu pela sondagem de suas motivações, por mais remotas ou ocultas que fossem. Para Rousseau a “escrita de si” possibilitaria ao leitor o conhecimento sobre a verdadeira natureza humana. Rousseau inaugura uma escrita confessional, marcada pelo desejo de desvendar o “eu”, que não existia na antiguidade e que passa a ser comum nas escritas de diários nos séculos XVIII e XIX. Veremos adiante as condições que possibilitaram a emergência de um diário íntimo e confessional na modernidade.

Se diferentes formas de escritura pessoal surgiram de registros públicos, elas não marcam uma transição simples do público ao privado, mas, uma relação de ambiguidade e de conflito entre os dois polos. O diário, desde suas formas originais até a sua forma eletrônica contemporânea, é marcado por uma constante tensão entre a publicização e a escrita de si, entre o desejo de seu autor de revelar-se e esconder-se.

Pode-se dizer que essa tensão é constitutiva do próprio diário. Não se pode deixar de sublinhar que, de acordo com a psicanálise, essa tensão é também característica da própria subjetividade. Partindo do conceito de sujeito cindido, a escrita de si revela grande complexidade. As contradições entre o ficcional e o real, o subjetivo e o objetivo, o público e o privado, estão presentes em todo texto e atestam a divisão do sujeito. Todo

⁵ LIMA, Luiz Costa. “Júbilos e misérias do pequeno eu”. In: *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

texto joga com a ambiguidade que se traça entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, entre o consciente e o inconsciente, o “eu” e o outro. Na adolescência essa ambiguidade se revela de forma contundente.

Fundamentalmente, baseamo-nos no pressuposto de que, por mais íntima que seja uma forma de escrita, ela é sempre dirigida a um outro. Ao se dirigir ao seu “querido diário”, o sujeito se dirige a um outro imaginário, a quem confere o poder de escuta, de julgamento e de absolvição. O diário é um outro para o sujeito que escreve, um outro capaz de acompanhar e atestar suas transformações subjetivas, capaz de acolher as mais íntimas confissões e desejos, respeitando-os e guardando-os para si, um outro especular, matriz da projeção dos ideais narcísicos de seu autor. Mas toda escrita é também endereçada a um Outro, campo simbólico, cultural. Veremos, na passagem que o sujeito adolescente deve fazer do espaço familiar para o social mais amplo, como ele exercita a constituição de um íntimo, que escapa ao domínio parental, ao mesmo tempo em que se lança no espaço público.

Se a escrita de si torna-se uma forma de desvendamento de um eu, como a apreensão de uma unidade, essa unidade, como nos ensina Lacan, é uma ilusão. O sujeito é dividido e não há como se curar dessa divisão. A origem de sua existência está situada no desejo do Outro, dimensão inconsciente de seu ser, transindividual, que lhe escapa. O sujeito é inicialmente marcado pelo Outro, pelo significante. O desconhecimento da determinação simbólica do desejo incita o sujeito a buscar restaurar sua unidade perdida, ilusória. O texto autobiográfico é um campo especular, projeção de múltiplos reflexos e espaço de encenação de um eu. O autor de um diário se dirige a um outro especular, narcísico, tecendo um texto que, através de suas tramas significantes, deixa escapar o desejo.

Veremos agora as condições que propiciaram o surgimento do diário como uma escrita íntima, confessional, como uma “narrativa sobre si” na modernidade. Para essa discussão, retomaremos as noções de público e privado, localizando na modernidade o momento do declínio da dimensão pública e da expansão da dimensão privada da existência.

1.3. O diário íntimo como produto da cultura moderna

A escrita “autobiográfica”, incluindo o diário pessoal, pode ser historicamente localizada. Se as escrituras pessoais existem desde a antiguidade, elas não se configuram como autobiográficas nesse período histórico. Só a partir do Renascimento e, mais especificamente, na modernidade, podemos encontrar condições efetivas para o aparecimento de uma “autobiografia”. No mundo greco-romano a experiência pessoal, como algo íntimo e particular, não era considerada digna de consideração pública e inexistia uma nítida linha divisória entre a narração dos fatos reais e de fatos inventados. Uma vida adquiria sentido à medida que se adequasse a um modelo vigente. Mesmo a autoconsciência não tinha nessa época uma dimensão individual, mas pública. Assim, não existia uma dimensão propriamente privada, como passa a ser desenvolvida a partir da modernidade. No mundo antigo, apenas a educação para a vida social e a moralidade eram relevantes. Enquanto discurso ficcional, nem mesmo a literatura existe na antiguidade, porque não há fronteiras absolutas entre as formas ficcionais e as formas autobiográficas.

Mesmo na Idade Média o sujeito não tem dimensões psicológicas. No conjunto literário medieval a poesia aparece quase totalmente “objetivada”, cujo sujeito nos escapa (LIMA, 1986: 255). O caminho autobiográfico se torna impossível num contexto cultural onde os modelos de vida são colocados de forma que a opção individual consiste apenas na escolha de um deles.

Assim, compreende-se que a escrita de diários, como uma forma de escrita autobiográfica, é uma prática cultural. Ela só é possível com o surgimento do sentimento de individualidade. O Renascimento possibilitou a emergência de uma escrita que visa “a si mesmo”, o indivíduo. É nesse momento que a individualidade começa a se delinear, pois progressivamente se dissolve a vivência medieval da *comunitas* e o indivíduo se encontra perante si mesmo, quando a ruptura das condições esperáveis segundo um modelo prévio de conduta ganha a intensidade conhecida desde o século XVI. Ela emerge acompanhada pelo exercício da escrita, pelo emprego da simulação e/ou da sinceridade. A complexidade da vida renascentista começa a tornar problemática a permanência de um ideal de conduta, uma vida coletivamente orientada e previamente ensinável.

Tanto o eu individualizado quanto a literatura não são manifestações atemporais, portanto, mas são possíveis com o desenvolvimento do individualismo. “Desde que o Ocidente converteu a individualidade em valor, a impaciência de viver se desdobrou na impaciência de contar” (LIMA, 1986: 243). A narrativa real ou fingida da própria vida foi, desta forma, tomada como história. Até os fins do século XVI, portanto, inexistiu uma literatura da interioridade. Lima situa o Renascimento como um ponto de ruptura, que marca o surgimento de uma escolha individual na forma de conduta, mas ela ainda está em estado embrionário.

É importante salientar que o indivíduo renascentista ainda não pertence à espécie do indivíduo moderno, pois apesar da secularização do conhecimento tornar possível ao homem ser individual na escolha de sua forma de conduta, esse homem ainda permanece heterodirigido (LIMA, 1986). O monismo teórico e metodológico impedia que se admitisse o livre-arbítrio, permanecendo o homem dependente da vontade dos poderosos. Não há ainda espaço, no Renascimento, para o autoexame radical.

O que é, então, esse “indivíduo moderno”? Recorremos à definição de Dumont (1985) para essa discussão. Segundo o autor, quando não há nada de ontologicamente real além do ser particular e quando surge a noção de direito ligada ao ser humano particular (e não a uma ordem natural ou social), é possível a noção de indivíduo no sentido moderno do termo.

O indivíduo, em sua acepção moderna, começa a surgir nos textos autobiográficos no século XVIII. É esse o momento da presença incontestável da autobiografia como gênero, inaugurada com *As confissões* de Jean Jacques Rousseau.

Se a autobiografia é fruto da modernidade é porque uma série de condições, que emergiram na modernidade, propiciaram o seu desenvolvimento. Mas o que caracteriza a modernidade? O termo “moderno” é, com efeito, fonte de muitos equívocos. Cunhado no século V pelo latim vulgar, e derivado de *modo*, o termo *modernus* significa “agora mesmo, recentemente, agora”. O termo “modernidade” é assim definido por Baudelaire: “A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a

outra metade o eterno e o imutável” (BAUDELAIRE, 2002: 24). Baudelaire é considerado o responsável pela introdução do termo no campo das artes.

Inserida em uma perspectiva temporal, a modernidade é destacada como o período histórico marcado pelo declínio das grandes certezas e ideais, que reflete na incerteza com relação ao homem. Descartes é considerado o primeiro filósofo moderno devido ao *cogito*. Ao refletir sobre “o que sou eu” em suas *Meditações filosóficas*, ele conclui que os sentidos são sempre enganadores, assim como o corpo próprio, então o que é verdadeiro só pode ser concebido pela razão. O autor coloca em suspenso a existência de tudo, recusando qualquer autoridade externa, mesmo divina, que garanta a existência das coisas. Ele defende um único ponto de certeza: o pensamento. O *cogito* cartesiano “penso, logo existo (sou)”, é correlativo do advento da ciência, que constitui seus objetos liberando-os de suas qualidades sensíveis, tratando-os como letras matemáticas (MILNER, 1996). Assim, a ciência moderna rompeu com a noção de cosmos, destruindo a harmonia natural e, conseqüentemente, a harmonia humana. O universo da ciência moderna se torna infinito e a regulação natural falha. O saber universal desaparece.

O *cogito* cartesiano não é a afirmação de uma identidade, de um “eu” como função de síntese, ao contrário, é o esvaziamento da esfera psíquica e de todo o universo de representações, de tudo o que é imaginário. Descartes introduz a noção de um eu esvaziado de substância, desamarrado de todas as aderências naturais. Lacan⁶ considera que esse sujeito desprovido de qualidades e esvaziado de saber é a condição para o surgimento do sujeito do inconsciente. A ciência moderna ofereceu condições favoráveis para o nascimento da psicanálise. Lacan considera que Descartes elaborou o sujeito da ciência (nomeado sujeito por Lacan, não por Descartes), que passa a ser definido em função de seu pensamento.

Para Lacan (1998 [1965]), se Descartes inventa o sujeito moderno e o sujeito da ciência, o sujeito freudiano, portanto, não poderia ser outro que não o sujeito cartesiano. Milner (1996) utiliza alguns argumentos para fazer essa aproximação entre o sujeito da ciência e o sujeito freudiano. O autor ressalta que a física matemática elimina todas as

⁶ LACAN, Jacques. “A ciência e a verdade” (1965). In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (Campo Freudiano no Brasil), p.855-892.

qualidades dos existentes, uma teoria do sujeito que pretenda responder a uma física como esta deverá, ela também, despojar o sujeito de toda qualidade. Esse é o sujeito da ciência:

Não lhe assentarão as marcas qualitativas da individualidade empírica, seja esta psíquica ou somática, nem as propriedades qualitativas de uma alma, não é mortal nem imortal, nem puro nem impuro, nem justo nem injusto, nem pecador nem santo, nem condenado nem salvo, nem lhe caberão as propriedades formais que durante muito tempo se acreditou serem constitutivas da subjetividade enquanto tal: não tem nem “si mesmo”, nem reflexividade, nem consciência (MILNER, 1996: 41-42).

O pensamento mesmo, qualquer um, verdadeiro ou falso, pode brindar-me com a oportunidade de concluir que “eu sou”. Segundo Milner (1996), esse pensamento sem qualidades responde ao gesto da ciência moderna e é necessário para fundar o inconsciente freudiano. Se o pensamento ganha precedência sobre o ser, e este passa a ser o que se deduz do pensamento, há uma morte do ser pelo pensamento. Lacan considera que a teoria do sujeito do inconsciente é o efeito dessa exclusão entre o ser e o pensamento, pois “se penso, logo sou”, isso equivale a “não penso, logo não sou”, logo, podemos deduzir que: “penso onde não sou e sou onde não penso”. A consciência de si não é uma propriedade constitutiva do pensamento. Essa relação de exclusão entre o ser e o pensamento é o fundamento do desejo como desejo inconsciente. Se há pensamento no sonho, há um inconsciente. Se há pensar, há um sujeito. Como contrapartida, nem o sujeito, nem o pensamento, exigem a consciência.

Essa concepção de sujeito, cartesiano, despojado de toda qualidade, que pensa onde não tem consciência de si, é a concepção de sujeito da psicanálise. No entanto, se Freud acentua a divisão do sujeito, essa divisão é negada pela ciência moderna. Esse sujeito da ciência que emerge com Descartes, ao mesmo tempo em que emerge é rechaçado do discurso da ciência. Se esse sujeito é a condição do surgimento da ciência moderna, ele é lançado para o exterior, fazendo com que a ciência se apresente efetivamente como um discurso impessoal, como o discurso sem sujeito.

Para a psicanálise o sujeito é dividido pela castração. A castração é considerada enquanto impossibilidade real de simbolização. Freud postula que o sujeito não é o eu, instância imaginária. Enquanto o “eu” (senhor da consciência e do corpo) é uma instância imaginária, narcísica, o sujeito do desejo é o sujeito do inconsciente, determinado pelas leis da linguagem, por onde desliza o desejo. O “eu” resiste ao saber

sobre o desejo, é um obstáculo ao sujeito do inconsciente. O sujeito na psicanálise é tomado em sua dimensão radical de sujeito do inconsciente, sujeito desejante e, portanto, sujeito que inclui uma articulação que considera o real em jogo na experiência da castração. Se para a psicanálise o sujeito é dividido, para Descartes o sujeito é unificado pelo pensamento.

A racionalidade da modernidade leva ao declínio da autoridade religiosa, promovendo o direito à igualdade e à liberdade, que fomenta o individualismo. O nascimento do Estado moderno é, de acordo com Dumont (1985), fruto do declínio do poder da Igreja e da separação dos domínios econômico, social e político no que se refere à religião. De acordo com Touraine (1999, p.18), “a ideia de modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela ciência, deixando as crenças religiosas para a vida privada”. A atividade intelectual deve ser protegida contra o nepotismo, o clientelismo e a corrupção, e as administrações públicas e privadas não podem ser instrumentos de um poder pessoal. É necessário separar vida pública e privada, assim como devem ser separadas as fortunas privadas do orçamento do Estado. Assim, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, ao separar o Estado e a família, promove a divisão do mundo moderno entre as esferas pública e privada de existência. Surge, neste contexto, o indivíduo, noção central das ideologias individualistas.

A ideologia modernista ocidental não triunfou apenas no domínio das ideias, mas dominou também no mundo econômico, onde tomou a forma do capitalismo. Para Marx (1975, citado por SANTOS, 2001: 185), o capitalismo é o retorno do que há de judaico no Cristianismo, que é o desejo egoísta, o interesse pessoal, a necessidade prática, a traficância e o dinheiro. O judeu emancipou-se pela aquisição do poder do dinheiro, que se tornou poder mundial. O que não existe de direito nas ideologias individualistas, em que todos são livres e iguais, retorna por meio do capitalismo nos efeitos de segregação, de exclusão, de concentração de riquezas e de produção de miséria. O segredo das relações de produção capitalistas é o lucro, a mais-valia, o que produz como efeito a escravização do trabalhador. O valor da mercadoria não se reduz ao valor de uso, nem ao custo da produção, mas inclui a mais-valia, o lucro, que leva à acumulação do capital, ao mesmo tempo em que reduz o valor de mercado da mão-de-obra. Nos países europeus onde o capitalismo industrial triunfou, o apelo ao mercado, à concentração do capital, à racionalização dos métodos de produção, subordinou a ideia de sociedade

moderna ou industrial à de economia capitalista, separando brutalmente vida pública e privada.

Dumont (1985) considera que o indivíduo, agente empírico, que toma a si mesmo como objeto de reflexão problematizando e tematizando sua interioridade, é fruto do surgimento do indivíduo como valor e um dos efeitos da separação entre as esferas pública e a privada da existência, além da moderna configuração de valores que levaram à emergência do Estado burguês. Assim, o indivíduo é filho do individualismo burguês.

Na sociedade de corte não existia a divisão da vida humana em esferas profissional e privada, como observa Elias (1993). Essa cisão inaugura uma nova fase no processo civilizador. O modelo de controle de emoções que passou a ser necessário ao trabalho profissional era muito diferente do que era imposto pela função de cortesão e pelo jogo da vida na corte. Na esfera sexual passou a existir maior regulação das relações sexuais e um maior controle das paixões. Ainda segundo o autor:

O fato de a conduta dos grupos ocidentais dominantes, o grau e tipo de seu controle de paixões demonstrarem alto grau de uniformidade, a despeito de todas as variações nacionais, foi, em termos gerais, resultado da existência de cadeias de dependência muito entrelaçadas e longas, que ligavam as várias sociedades nacionais do Ocidente (ELIAS, 1993: 254).

No entanto, apesar das diferenças nos hábitos da vida aristocrática e da burguesa, a modelação aristocrática de corte sobre a personalidade passou para a burguesia profissional e foi mais difundida por esta.

Nas formas de comportamento, no controle das paixões e em todo o estilo de vida da burguesia, é possível identificar a impregnação dos valores da aristocracia, que tiveram origem na sociedade cortesã. Na França, em especial, quando a nobreza perdeu seus direitos hereditários e *status*, como classe superior separada, os grupos burgueses assumiram as funções que eram dela e mantiveram, como resultado da longa interpenetração anterior, os modelos, os padrões de controle de emoções e as formas de comportamento da fase cortesã, de uma forma muito mais constante e invariável do que as outras classes burguesas da Europa (ELIAS, 1993: 262). A divisão cada vez mais clara entre o público e o privado nas classes burguesas contribuiu de forma decisiva para a expansão da introspecção e para o interesse crescente pela escrita de si.

Os novos ambientes privados que começaram a proliferar foram dando lugar para a introspecção: nesses espaços solitários, o sujeito moderno podia observar sua enigmática vida interior, muitas vezes transcrevendo-a no papel. Nessa busca “interior”, o desejo de escrever tomou conta dos indivíduos, imbuídos tanto pelo espírito iluminista de conhecimento racional como pelo desejo romântico de mergulhar nos mistérios mais insondáveis da alma. A escrita de si tornou-se uma prática comum nos lares burgueses, dando à luz uma diversidade de textos marcados pela autorreflexão, pautada na particularidade de cada experiência individual.

Se a modernidade impõe a separação entre o público e o privado, existe uma relação de ambiguidade entre as duas categorias, como foi visto. Hannah Arendt⁷, ao buscar conceituar o termo público, destaca que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos constitui “a realidade”. Até mesmo as maiores forças da vida íntima, como as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos, que vivem uma espécie de existência incerta e obscura, precisam ser transformados, desprivatizados e desindividualizados, para se tornarem adequados à aparição pública. Quando falamos de coisas que só podem ser experimentadas na privacidade, trazemo-las para uma esfera na qual assumirão uma espécie de realidade. “A presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos...” (ARENDR, 2008: 60).

Assim, como sublinha Arendt, mesmo com o pleno desenvolvimento da intimidade de uma vida privada e com o declínio da esfera pública na modernidade, que “intensifica e enriquece grandemente toda a escala de emoções subjetivas e sentimentos privados, esta intensificação sempre ocorre às custas da garantia da realidade do mundo e dos homens” (ARENDR, 2008: 60). A autora sublinha que, se nossa percepção da realidade depende totalmente da aparência, ou seja, da existência de uma esfera pública onde as coisas podem emergir da treva da existência resguardada, “até mesmo a meia-luz que ilumina a nossa vida privada e íntima deriva, em última análise, da luz muito mais intensa da esfera pública” (ARENDR, 2008: 61). A autora observa, portanto, que aquilo

⁷ ARENDR, Hannah. “As esferas pública e privada”. In: ARENDR, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

que é privado precisa tornar-se público para que possa ser validado pelo outro, confirmado, constituindo-se em “realidade”.

Essa perspectiva pode ser relacionada com a abordagem psicanalítica. A ambivalência que envolve as dimensões pública e privada, tão presente nos textos autobiográficos, como vimos, reflete a divisão do próprio sujeito, que, ao buscar o “si mesmo”, se depara com a própria divisão. Em consequência da linguagem, todo homem está irremediavelmente privado da verdade sobre o seu ser. A causa do desejo depende da linguagem, da cultura. O desejo de cada sujeito comporta sempre uma dimensão da alteridade, já que o desejo inconsciente é desejo do Outro. A dimensão da alteridade (pública) se faz presente na mais incontestável intimidade (privada). Apesar da relação intrínseca entre as duas dimensões, a valorização da privacidade e o declínio da esfera pública da existência levam a uma busca constante pelo mais íntimo de si mesmo, como algo que proporcionaria o encontro com a verdade individual.

A expansão do capitalismo, o declínio da esfera pública e a ampliação da esfera privada levaram a uma valorização dos pequenos objetos, íntimos, pessoais. O irrelevante passa a assumir um lugar cada vez mais importante na vida íntima, especialmente entre os franceses. Arendt ressalta que “após o declínio de sua vasta e gloriosa esfera pública, os franceses tornaram-se mestres da arte de serem felizes entre ‘pequenas coisas’, dentro do espaço de suas quatro paredes, entre o armário e a cama, entre a mesa e a cadeira, entre o cão, o gato e o vaso de flores...” (ARENDR, 2008: 61-62). Com a rápida industrialização, os objetos são continuamente destruídos e substituídos por novos “pequenos” objetos, considerados “fundamentais” para a felicidade humana. Esses objetos, as *latusas*, como comenta Lacan, assumirão lugar de destaque no século XX.

A ampliação da esfera privada e seu encantamento, entretanto, não a torna pública. A esfera pública refluíu quase que inteiramente, e a grandeza foi substituída pelo encanto; a esfera pública não pode ser encantadora precisamente por não abrigar o irrelevante. A admiração pública é também algo a ser consumido, ela é consumida pela vaidade individual. Como postula Arendt, “...os homens tornam-se seres inteiramente privados, isto é, privados de ver e ouvir os outros e privados de serem vistos e ouvidos por eles. São todos prisioneiros da subjetividade de sua própria existência singular...” (ARENDR, 2008: 67).

Essa vaidade individual é refletida no interesse crescente em falar e escrever sobre si. Os diários íntimos fazem parte desses pequenos objetos íntimos, que passam a ser “fundamentais” para as jovens adolescentes. Eles são também frutos dessa vaidade individual. Na publicação de um diário íntimo existe certa dimensão de vaidade que se revela na exposição pública de “um eu”, muitas vezes tomado pelo autor, como “ideal”. Assim, o paradoxo entre o público e o privado se revela na necessidade de se expor publicamente o íntimo.

A confissão assume um importante papel nas narrativas individuais. Para Giddens (1995), a modernidade pode ser compreendida como um esforço global de produção e de controle, cujas quatro principais dimensões são o industrialismo, o capitalismo, a industrialização da guerra e a vigilância de todos os aspectos da vida social. Giddens considera a sociedade moderna como um sistema de “reflexibilidade”, de ação sobre si, o que a opõe às sociedades naturais, que uniam o indivíduo ao sagrado. A sociedade moderna separa o indivíduo e o sagrado, em benefício de um sistema social autoproduzido, autocontrolado e autorregulado, como comenta Touraine (1999). No entanto, se essa autorregulação da sociedade moderna leva ao desaparecimento do sujeito, o sentimento de intimidade cresce significativamente no século XVIII. As reformas protestante e católica, graças à importância dada à piedade e à confissão, instigaram o desenvolvimento da intimidade no final do século XVIII, sobretudo na Inglaterra e na França. Rapidamente ela se seculariza, transformando-se, de confissão dos pecados, em conselho psicológico.

A confissão passa a ser uma importante prática para a produção de verdade. Se aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos constitui “a realidade”, é fundamental falar de si a um outro. Um fator determinante para o surgimento de uma “narrativa sobre si” é, portanto, a necessidade de confissão a um outro. Segundo Foucault (2006b), desde a Idade Média as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de produção de verdade: a regulamentação do sacramento da penitência pelo Concílio de Latrão em 1215; o desenvolvimento das técnicas de confissão, que vêm em seguida; o recuo, na justiça criminal, dos processos acusatórios; o desaparecimento das provações de culpa e o desenvolvimento dos métodos de interrogatório e de inquérito; a importância cada vez maior ganha pela administração real na inculpação das infrações, a instauração dos tribunais de inquisição,

tudo isso contribui para dar à confissão um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos.

O termo “confissão”, originalmente associado à função jurídica, designava *status*, identidade e valor atribuído a alguém por outrem e passou gradativamente a designar reconhecimento, por alguém, de suas próprias ações ou pensamentos. Foucault (2006b) esclarece que durante muito tempo o indivíduo foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); depois passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de ter sobre si mesmo. A confissão de verdade veio a ser um dos procedimentos de individualização pelo poder.

A confissão logo se tornou uma técnica essencial para a produção de verdade. Seus efeitos apareceram nos mais diversos setores, como na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera pública e privada. Quando a confissão não é espontânea, ela deve ser imposta ou extorquida. Se antes havia um prazer de contar e ouvir, centrado na narrativa heroica ou nas provas de bravura e santidade, passou-se a buscar, no fundo de si mesmo, uma forma de verdade que a própria confissão acena como o inacessível. Essa busca passa a ser feita através das “palavras”. Para Foucault (2006b) a obrigação da confissão se difundiu tão amplamente e está tão profundamente incorporada a nós, que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage.

Mas, sabemos pela psicanálise que, para além da dimensão política e cultural, o ato da confissão remete à experiência do testemunho, fundamental para a produção de um saber. O endereçamento de uma fala a um outro leva à transformação de um vivido em história. A psicanálise nos ensina que, no ato do testemunho, algum saber se produz, é necessário um outro para testemunhar o inconsciente.

Um outro fator importante para o surgimento do diário íntimo é a colocação do sexo em discurso na modernidade, que é analisada por Foucault (2006b). A partir do século XVI, houve uma constrição geral no Ocidente moderno com relação à prática sexual, mas, paradoxalmente, a pastoral cristã inscreveu a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo da palavra. O exame e a confissão aparecem como as

duas condições primordiais da salvação, que se tornou uma tradição ascética e monástica no século XVII. Mas por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica e técnica a falar do sexo. Para Foucault (p.74-80), o ocidente moderno no século XIX fez funcionar os rituais da confissão nos esquemas da regularidade científica, através de:

- uma codificação clínica do “fazer falar” que combinava a narração de si mesmo com o desenrolar de um conjunto de sinais e de sintomas decifráveis;
- do postulado de uma causalidade geral e difusa, pois o dever de dizer tudo encontra justificativa no princípio de que o sexo é dotado de um poder causal inesgotável e polimorfo;
- de uma latência intrínseca à sexualidade, já que o funcionamento do sexo é obscuro e seu poder causal é em parte clandestino;
- do método de interpretação, já que é preciso duplicar a revelação da confissão pela decifração daquilo que ela diz, e através da medicalização dos efeitos da confissão, já que o sexo aparece como um campo de alta fragilidade patológica e a confissão é necessária para as intervenções médicas.

Há, portanto, uma relação entre o discurso da psicanálise e certa “coerção” à confissão do “sexual”, que passa a ser justificada cientificamente. Se a colocação do sexo em discurso não nasce com a psicanálise, a psicanálise certamente contribuiu para que o falar de si (e sobre o sexual) tomasse o caráter de exigência científica e terapêutica.

A confissão liga-se à sexualidade, mas também vai além. A palavra toma o valor de libertação e de cura. Por volta de 1830, nos meios fervorosos, escolher um confessor é um verdadeiro ritual de passagem; para a moça que retorna do internato e vai ingressar no mundo, essa decisão é fundamental. No entanto, segundo Corbin (2003), o isolamento imposto aos filhos e filhas da burguesia, que são afastados da convivência popular e das relações mundanas, estimula a amizade particular e apaixonada; a dificuldade da confissão “a um estranho” aviva o desejo de “se abrir” para um amigo de sua escolha.

A prática da confissão, portanto, não fica restrita ao domínio religioso, mas se estende e é relançada a outros campos. Escolher uma amiga íntima passa a ser importante na vida

de uma adolescente. Muitas estabelecem amizades íntimas e duradouras com as colegas de internato. As correspondências íntimas entre as amigas passam a ser comuns, assim como a troca entre si das anotações pessoais e de confidências íntimas. A confissão se diversificou e tomou novas formas: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas: “A confissão libera, o poder reduz ao silêncio; a verdade não pertence à ordem do poder, mas tem um parentesco originário com a liberdade...” (FOUCAULT, 2006b: 69). Pressupõe-se que a verdade cura quando dita a tempo e quando dita a quem é devido.

A confissão pode ser considerada como um instrumento de poder. Se o poder monárquico exibia seu excesso, como, por exemplo, através das punições públicas violentas e das aparições públicas do rei, exibindo-se com todo o luxo e sujeitando a população pela admiração e pelo êxtase, a direção do olhar, com o declínio da monarquia, desviou-se do poder majestático para os próprios indivíduos, como observa Foucault. Assim, entram em cena os novos poderes que, pela disciplina, adestram um novo corpo, dócil e útil, para exercê-la. A aparente liberdade de direitos esconde uma grande vigilância. O poder se torna uma instância invisível, que passa a ser interiorizada e sujeitada à consciência moral. No ocidente moderno o poder não mais é operado pela coerção externa e eventual, mas de modo contínuo e vigilante. Os novos poderes são disciplinares, e não partem mais de um centro, mas se exercem como correlações invisíveis de forças. A confissão é mais um efeito desse exercício do poder que nos coage.

Os dispositivos do poder, que não se estruturam em termos de causa e efeito, funcionam como correlações de força controlando a produção e a circulação de saber e prazer. Foucault (2006b) distingue, a partir do século XVIII, quatro grandes conjuntos estratégicos, que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Na preocupação com o sexo, que aumenta ao longo do século XIX, ele destaca quatro figuras que se esboçam como objetos privilegiados de saber: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano e o adulto perverso. O autor defende a ideia de que nessas estratégias se trata da própria produção da sexualidade.

A sexualidade é o nome que se dá a um dispositivo histórico⁸. Foucault descreve dois tipos de dispositivos: o dispositivo de aliança e o dispositivo da sexualidade. No primeiro, trata-se de um “sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens” (FOUCAULT, 2006b: 117). Este dispositivo perdeu importância à medida que os processos econômicos e as estruturas políticas passaram a não mais encontrar nele um instrumento adequado.

Assim, as sociedades ocidentais modernas inventaram e instalaram, sobretudo a partir do século XVIII, o dispositivo da sexualidade que se superpôs ao dispositivo de aliança. Para esse dispositivo, as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, todas se articulam em torno do corpo, que produz e consome. Contrariamente ao que se poderia pensar, esse dispositivo não leva à repressão da sexualidade. O corpo é intensificado, valorizado como objeto de saber e como elemento das relações de poder. Por outro lado, a colocação do sexo em discurso serviu para o fortalecimento do dispositivo de aliança.

Foucault acredita, pois, que a hipótese da repressão da sexualidade e seu dispositivo teórico clínico, o Complexo de Édipo, são na verdade, uma estratégia para submeter todo poder ao imperativo do “sexo rei”. Os perversos, as históricas, o onanismo das crianças, todo esse saber construído pela psicanálise, longe de banir o desejo sexual, leva a proliferá-lo, “edipianizando” todos os laços sociais. Realmente, como observa Santos (2001), a liberação da sexualidade, o feminismo, o conflito de gerações, os novos vínculos afetivo-sexuais nasceram da crença de que somos todos injustamente reprimidos pela civilização. Surge então a reivindicação do direito ao prazer. Ao mesmo tempo, há um aumento da demanda por uma análise, como via de alcance da felicidade.

Mas, se o homem sempre busca a felicidade, para a psicanálise essa busca é pelo objeto perdido de satisfação, ou pela experiência primária de satisfação, impossível de ser alcançada. Essa busca de felicidade que movimenta o homem é sustentada pela realidade, não a cotidiana ou factual, mas a realidade psíquica. A psicanálise opera com a realidade sempre a partir de sua definição de realidade psíquica. Parte do que se

⁸ A esse respeito, ver a reflexão feita por: SANTOS, Tânia Coelho dos. *Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001.

chama de realidade é efeito da apreensão que o sujeito, determinado pelo inconsciente, faz dela.

Santos (2001) faz uma analogia entre as noções de poder e corpo nas teorias de Foucault e Freud, que apresentaremos de forma sintética. Freud (1974 [1930]) ressalta que o progresso da civilização exige a renúncia pulsional. Há uma moralidade interior ao progresso da civilização que nos mantém confinados aos seus limites. Vivemos em constante tensão entre a busca pela satisfação pulsional e as exigências da civilização. Freud esclarece que aquilo que a nossa moral sexual civilizada recalca retorna por meio das “descontinuidades dos processos psíquicos conscientes”, ou seja, através dos lapsos, sonhos e sintomas. O inconsciente atesta essa falha do recalçamento. Segundo Santos (2001), podemos supor uma analogia entre “o corpo pulsional, corpo autoerótico fonte e objeto da pulsão e o corpo social descrito por Foucault como constituído e atravessado por correlações de força que testemunham a difusidade do poder e a erogeneidade política do corpo social” (SANTOS, 2001: 208).

O poder é imanente ao corpo social, assim como a pulsão é imanente ao corpo autoerótico. A erotização dos corpos faz parte das técnicas móveis e polimorfos de poder que engendram novos domínios e formas de controle na esfera do prazer e do saber. “A repressão da sexualidade, entendida como coerção externa derivada do código moral e que se articula a partir do dispositivo de aliança, produz pela sua expressão intrapsíquica e intersubjetiva novas fontes, novos domínios de exercício do poder”. (SANTOS, 2001: 213). Assim, a repressão é também incitação sexual. Uma vez codificadas as práticas sexuais, é engendrada a classe dos deserdados da aliança: os homossexuais, onanistas, celibatários, bem como os controles: a medicina, a pedagogia, a psiquiatria e a psicologia, destinados a reconduzi-los à ordem.

O dispositivo de sexualidade, apoiado no dispositivo da aliança, reorganizou as relações no espaço da família, que se constituiu em suporte permanente da sexualidade. O dispositivo da sexualidade é a expressão mais microfísica do poder. Para Foucault (2006b), a demanda de liberação da sexualidade serve ao propósito de investir mais fortemente nos vínculos familiares. A batalha pela liberação sexual é uma das formas pelas quais a burguesia assegura o poder sobre a vida, base de sua diferença social e alicerce de sua hegemonia política (SANTOS, 2001: 216).

Assim, o dispositivo da sexualidade apoiado no dispositivo da aliança serve aos propósitos da lógica capitalista. A liberação da sexualidade, a colocação do sexo em discurso e a implantação das perversões fortaleceram os dispositivos de aliança, fortalecendo também os propósitos mais gerais da ordem social capitalista.

A dissociação entre o público e o privado promove um movimento de “interiorização”, que se articula com o exercício de poder. O poder autoritário gradativamente é substituído pelo poder disciplinar. Passa-se de uma ordem disciplinar externa para uma interna, anônima, inconsciente e invisível. Os diversos campos do conhecimento passam a discorrer sobre a sexualidade, produzindo saberes e estabelecendo padrões de normalidade e anormalidade no campo sexual. As manifestações de desejos, raiva ou tristeza devem ser mantidas na esfera privada. A sexualidade é também assunto privado, expressa por meio da escrita íntima, confessional, revelada nos diários pessoais, fechados com cadeados.

Com a expansão dos sentimentos de individualidade e de privacidade, surge a intensa preocupação com a própria existência singular, o desejo imperioso de “falar de si” e de narrar-se. Se na antiguidade existiam as “narrativas heroicas” que despertavam grande fascínio nas pessoas, a modernidade introduz uma nova modalidade de interesse. Surgem as autobiografias e diários públicos, como pequenas narrativas individuais, frutos da “ vaidade individual”, que substituem os grandes mitos. Nesse momento de questionamento sobre a própria existência, há um estímulo à escrita pessoal. É nesse espaço de posicionamento do sujeito frente a si mesmo que a autobiografia surge como tentativa de refletir sobre sua existência, permitindo ao sujeito constituir-se e projetar-se no futuro. É uma escrita que tem como objeto o “si próprio”, a autoanálise da história de uma vida, a vida do próprio sujeito narrada por ele mesmo.

Os diários íntimos no século XIX tinham a função de certa afirmação de identidade, numa época de acelerada transformação social. Corbin (2003) explica que os grandes autores de diários da primeira metade do século XIX buscavam a prática da introspecção, um autoexame permanente. Esses diários registram simultaneamente o trabalho, o dinheiro, o lazer e a ação amorosa. Manter um diário é uma disciplina de interiorização, um exercício de confissão (discreta). O autor enumera as razões para o crescimento dessa prática no século XIX (CORBIN, 2003: 457): apoiar a ciência do

homem na observação, captar as relações que se estabelecem entre o físico e o moral e o aprofundamento da sensação de identidade, sobretudo diante da aceleração da mobilidade social que engendra um sentimento crescente de insegurança. O autor do diário é incitado a indagar-se sobre sua posição e a calcular o julgamento dos outros: “A muda presença da sociedade frequenta a vida privada e solitária do autor. O novo feito das relações interpessoais ditado pela urbanização multiplica as feridas narcísicas, gera uma frustração que convida ao recolhimento neste refúgio interior” (CORBIN, 2003: 458).

A escrita do diário íntimo é também possibilitada pela “historização” da vida que surge na modernidade. Para Foucault (2006b), a escritura pessoal surge quando o indivíduo começa a situar sua vida num percurso histórico e esse percurso deve ser construído, inventado e relatado, como uma aventura individual. As pessoas precisam “falar de si”, “contar a própria história”. Segundo Foucault (2006b), falar ou escrever de si é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, já que a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito, subordinada à sua sinceridade. Com a modernidade surgiu uma literatura ordenada em função da tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade.

O discurso psicanalítico é contrário a esse discurso hegemônico da modernidade, pois revela que, apesar de existir um saber inconsciente, o processo analítico não leva a um autoconhecimento, já que qualquer conhecimento sobre si é sempre parcial e incerto. O sujeito em seu processo de análise deve se deparar com o fato de que o seu ser é somente um resíduo irreduzível no campo do saber. Na direção do tratamento, há uma destituição do inconsciente enquanto saber suposto.

Os diários buscam narrar a própria vida, escrever a própria história. Pierre Bourdieu, em *A ilusão biográfica* (2005), observa que falar de história de vida é supô-la como um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto ou um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional, que tem um começo, etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade. É aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos. Essa teoria apresenta alguns pressupostos, tais como o fato de que a vida é um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção”

subjetiva e objetiva, de um projeto, e que essa vida organizada segue uma ordem cronológica e lógica, desde um começo até o seu fim. Essa história organiza-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado da existência narrada.

O relato autobiográfico se baseia sempre, ou em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoáveis os estados sucessivos, de extrair uma lógica, uma consistência e uma constância entre eles. Para Bourdieu (2005), o interesse em escrever uma biografia talvez tenha como origem a busca de coerência, selecionando certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões, criando artificialmente um sentido.

Mas essa “individualização” da narrativa mítica comporta características próprias de uma cultura. O retorno à infância, como uma procura “interior”, é fruto da cultura moderna. Cunha, na introdução de *O mito individual do neurótico*, de Lacan (1987), fazendo referência a *A estética de Levi-Strauss*, de Merquior (1975), comenta a passagem do mito coletivo para a individualização da narrativa mítica. Lévi-Strauss aborda a questão referindo-se à transformação do estatuto social do artista. No Renascimento há uma individualização da produção artística, que passa a exprimir uma “mitopoética individual” (CUNHA, 1987: 19). A individualização da produção artística tem maior relação com o espectador/consumidor do que com o artista. O desfrute dessa obra deixou de ser coletivo e passou a ser individual, como um “gozo íntimo do cliente”. A obra de arte passou a ser produzida como mercadoria, numa relação mercantil própria do modo de produção capitalista. Há uma possessividade em relação ao objeto, como consequência da lógica capitalista.

A modernidade introduz a historização da vida e sua ordenação através da escrita. O indivíduo passa a situar sua vida como uma aventura individual e que deve se manter na memória dos outros, portanto, ele deve “arquivá-la” para que possa sobreviver ao tempo. Arquivar a vida implica colocá-la no papel, registrá-la. Segundo Artières (1998), desde o fim do século XVIII assistimos nas nossas sociedades a uma grande valorização da escrita pessoal; que ele ilustra por meio de três exemplos. O primeiro é no século XIX, no qual se desenvolve um verdadeiro comércio em torno dos escritos autográficos. O

texto autógrafo torna-se um objeto de coleção. M. de Lescure dedica um ensaio a essa paixão, que ele caracteriza nos seguintes termos:

Cobiçam-se, procuram-se, adquirem-se a peso de ouro ou a custa de esperteza algumas folhas de papel cujo branco um personagem qualquer cobriu de preto, sobre o qual ele expôs, com uma tinta mais ou menos bela, com caracteres mais ou menos finos, suas ideias, suas opiniões, seus sentimentos, suas paixões, suas afeições, suas ambições, suas cóleras (LESCURE, 1965, *apud* ARTIÈRES, 1998: 4).

Surge então um verdadeiro mercado no qual se trocam ou se vendem esses fragmentos de escrita. Essa valorização coincide igualmente com a mudança profunda do estatuto dos manuscritos dos escritores. Artières destaca que Victor Hugo foi o primeiro, no início dos anos 1880, a entregar à Biblioteca Nacional os seus manuscritos. Desde então, cada escritor decide o destino dos seus papéis. Alguns, como Sartre, não lhes dão nenhum valor literário: “considero que são uma forma intermediária e entendo muito bem que desapareçam, uma vez produzido o objeto impresso” (ARTIÈRES, 1998: 4), mas não ignoram seu valor financeiro; outros, como Aragon, valorizam e consideram os manuscritos como parte integrante da obra e os põem à disposição dos pesquisadores (p.5).

Acompanhou-se também uma grande valorização dos escritos pessoais pela medicina. Os médicos começaram a colecionar os escritos dos seus doentes, publicam certos manuscritos (fragmentos de cartas, poemas etc.) e desenvolveram em torno dessas coleções uma verdadeira ciência da escrita ordinária. E finalmente, nas sociedades ocidentais, desde o fim do século XVIII estabeleceu-se progressivamente um formidável poder da escrita, que se estende sobre o conjunto das atividades cotidianas; a escrita está em toda parte: para existir, é preciso inscrever-se: nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias. A escrita vai assumindo um lugar crescente na vida diária, tendo como consequência uma gestão diferente dos nossos papéis.

É imperativo na nossa sociedade manter arquivos domésticos, documentar tudo, classificar, ordenar, numa tentativa de organização do mundo e do eu. Como destaca Italo Calvino:

(...) Este mundo que vejo, este que costumamos reconhecer como o mundo, se apresenta a meus olhos – pelo menos em grande parte – já definido, rotulado, catalogado. É um mundo já conquistado, colonizado por palavras, um mundo com uma pesada crosta de discurso. Os fatos de nossas vidas já estão classificados, julgados, comentados, antes mesmo de ocorrerem. Vivemos num mundo onde tudo já foi lido, antes mesmo de existir (CALVINO, 2005: 143).

Calvino mostra a relação entre a existência humana e sua ordenação através da escrita. A sensação de pertencer ao mundo passa pela necessidade de registrar essa existência. O registro garante certa “estabilidade”, “ordenação” e, fundamentalmente, a identidade de seu autor. Artières (1998) explica a necessidade do homem moderno de “arquivar sua vida”:

Pois, por que arquivamos nossas vidas? Para responder a uma injunção social. Temos assim que manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas. O anormal é o sem-papéis. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico. Arquivamos portanto nossas vidas, primeiro, em resposta ao mandamento “arquivarás tua vida” – e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade (ARTIÈRES, 1998: 3).

Assim, há uma exigência social de organização da vida por meio dos papéis. Até a escrita do diário passa a ser uma exigência social, de organização e “controle” da própria vida. Nessa escrita íntima, visa-se alcançar “a verdade” de si mesmo.

A escrita passa a ter uma função de apreensão e controle do mundo, estruturada pela lógica capitalista. Citando Lévi-Strauss, Cunha (1987) comenta que a escrita teve um papel fundamental na evolução da arte para uma forma figurativa, ensinando aos homens que era possível, por intermédio dos signos, não só significar o mundo como apreendê-lo, tomar posse dele. A passagem do mito coletivo para o mito individual, portanto, está intimamente ligada à modernidade, que passa a ser estruturada pelo modo de produção capitalista.

Nessa lógica capitalista, a apreensão material visa escamotear a castração. O capitalismo joga com que há de estrutural no homem: o seu desamparo, oferecendo “objetos” que supostamente poderiam tamponá-lo, “garantindo” a sua existência individual. Os objetos pessoais, como os diários, as fotos, os adornos, as pequenas lembranças, funcionam como meios de “arquivamento de si”, como tentativas de apreensão de uma existência tão efêmera. A “escrita de si” visa à afirmação da individualidade moderna.

Essa afirmação da individualidade tem diversos desdobramentos e repercute nas diversas correntes da psicologia. Um dos pilares que sustenta o projeto civilizatório moderno é o mito do progresso, que se encontra na origem do desenvolvimento científico e tecnológico. O outro pilar da tradição moderna judaico-cristã é o mito do individualismo moderno, afirmado e sustentado pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1789 (DUMONT, 1985). A noção de individualidade na modernidade apresenta-se sob duas perspectivas: por um lado, como individualidade empírica (*individuum*), o indivíduo é a unidade indivisível da espécie humana, sujeito da palavra e do pensamento. Por outro lado, como valor supremo, o indivíduo não deve depender senão de si mesmo em sua tarefa de produção de si, como indivíduo da moral e independente. Aqui a noção de indivíduo está intimamente relacionada à noção de autonomia.

Mas existe uma outra duplicidade envolvida na noção de indivíduo que tem implicações nas diversas correntes psicológicas. A partir de meados do século XVIII, impõe-se uma duplicidade na noção de indivíduo: para além do indivíduo soberano, que não gera um saber sobre si, emerge o sujeito disciplinado⁹. O indivíduo soberano surge a partir do século XVI, quando o sujeito é constituído enquanto um sujeito autônomo, singular, igual aos demais e dotado de uma interioridade (foro íntimo), que é a base contratual dos Estados modernos e fonte jurídica do poder destes. O indivíduo é soberano e regulado pela lei. O indivíduo aqui é a fonte de um poder e não o alvo de um poder. Esse indivíduo soberano não é objeto de um saber, uma vez que é a fonte da legalidade e identificado a um sujeito autônomo.

Surge, entretanto, a partir de meados do século XVIII outra forma de individualização, oriunda das disciplinas e do biopoder. É o indivíduo disciplinado. No poder soberano o indivíduo é avaliado a partir da lei contratada, já o indivíduo disciplinado é ordenado a partir de uma *norma*, que determina a sua filiação ou não à normalidade. Esse novo indivíduo desponta não como um sujeito, mas como um objeto determinado, singular, diferenciado e dotado de uma interioridade que será o alvo do cuidado dos Estados contemporâneos e de uma série de agências privadas. Esta dupla experiência de

⁹ A esse respeito, ver: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 23ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 295 p.

individualização, ao mesmo tempo soberana e disciplinar, configura o indivíduo ora como sujeito livre, ora como objeto determinado, marcando diversas escolas fundadas no século XIX, como correntes teóricas da psicologia¹⁰.

A psicologia se situa, portanto, em um espaço político entre o indivíduo autônomo e soberano (fonte do poder) e o indivíduo sob controle das disciplinas (alvo dos poderes), realizando o trânsito entre estes. O autor conclui que, sem esta ambiguidade moderna, não haveria nem mesmo a psicologia, pois, se só houvesse a individualidade autônoma, não haveria a suposição do indivíduo como objeto de conhecimento e, por outro lado, se só houvesse a determinação, toda a intervenção psicológica seria desnecessária.

Assim, a escrita de si nesse contexto histórico pode ser compreendida operando a partir dessa ambivalência que marca a noção de indivíduo. A narrativa sobre si busca a libertação do “eu” e, paradoxalmente, seu controle e ordenação. Os diários apresentam essa dupla vertente: caracterizam-se pela liberdade de expressão, que é afirmada pelo seu caráter sigiloso e pessoal, e, ao mesmo tempo, funcionam como um autoexame permanente, como uma forma de se obter controle sobre os próprios pensamentos e ações, como forma de autoconhecimento e de “apreensão do eu”, como tentativa de alcance de uma unidade imaginária.

A divulgação das primeiras interpretações psicológicas e psicanalíticas também contribuiu para reforçar o mito do individualismo e levar à busca pelo “conhecimento sobre si mesmo”. Não podemos nos esquecer de que a psicologia e a psicanálise surgem no século XIX, período de grande expansão dos escritos autobiográficos. Existe grande influência da psicanálise e, portanto, do “surgimento do inconsciente”, na procura que as pessoas passam a fazer de um “íntimo” que deve ser “desvelado”. Santos (2001) chama de psicologismos alguns dialetos que surgem a partir de interpretações da teoria freudiana. Ela destaca o fato de que o “psicologismo” não é uma retórica homogênea. “Ele é sempre o efeito de um corte teórico-clínico muito particular” (SANTOS, 2001: 126). No movimento de difusão da psicanálise estruturaram-se diferentes “psicologismos”, que ela considera como dialetos particulares do pensamento freudiano,

¹⁰ A esse respeito, ver as considerações de Ferreira em: FERREIRA, A. A. L. (2006). “O surgimento da psicologia e da psicanálise nos textos da genealogia foucaultiana”. In: *Memorandum*, 10, 71-84. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/ferreira03.pdf> 84. Acesso em 12 jul. 2008.

e muito frequentemente estão ligados a interesses de certos movimentos sociais. Uma versão medicalizada da psicanálise, que engendra um imaginário de normal e patológico, como sublinha Santos, muitas vezes se reduz a uma paranoica explicação de si. Essas explicações generalizantes ocultam a realidade psíquica, isto é, “o mito particular por meio do qual um sujeito estrutura a relação do desejo ao desejo do Outro” (SANTOS, 2001: 144). Nesse contexto, podemos pensar que a escrita de um diário passou a funcionar como um laboratório de experiências particulares e de explicação de si que leva à afirmação da individualidade.

Se existe em todo historiador uma espécie de culto narcísico do arquivo, uma captação especular da narração histórica pelo arquivo, como sublinha Roudinesco (2006), a história como criação corre o risco de ser substituída pelo arquivo transformado em saber absoluto, em espelho de si. Mas, paradoxalmente, se nada está arquivado, se tudo está apagado ou destruído, a história tende para a fantasia, uma soberania delirante do eu, um arquivo reinventado que funciona como dogma. A autora ressalta que, entre esses dois limites, deve-se admitir que o arquivo é a condição da história. A relação do historiador com o arquivo é da mesma ordem que a do assassino com seu ato. A ausência de vestígios ou a ausência de arquivos é, segundo Roudinesco, tanto um vestígio do poder do arquivo quanto o excesso de arquivo. Assim, Roudinesco ressalta que as diversas formas de escrita de si apontam duas perspectivas. Por um lado, essa “narrativa de si” leva ao risco de se transformar em “saber absoluto”, em espelho de si. Por outro lado, nesse trabalho de “documentação de si”, a escrita mantém a história, não a deixando desaparecer ou migrar para a “pura fantasia”.

Ora, sabemos quanto é tênue a linha que separa o ficcional do factual. Desta forma, os diários e outras formas de escrita autobiográfica não só servem à história, preservando-a, como também a criam. Essa criação envolve tanto a realidade quanto a fantasia, já que parte do que chamamos de “realidade” é uma construção sustentada pelas nossas fantasias.

O que queremos destacar com esse recorte histórico é que a escrita de um diário íntimo é uma prática que está inserida em um contexto cultural. O inconsciente é o discurso do Outro, que representa o campo dos valores e determinações de uma cultura. Assim, em cada momento histórico e cultural podemos encontrar produções discursivas diferentes,

que determinam posições subjetivas também diferentes. Se a escrita de si transformou-se em uma narrativa íntima, confessional, que busca o desvendamento de um “eu”, isso foi possibilitado pela ascensão da individualidade, que foi tomada como valor a partir do Renascimento europeu e que ganhou corpo com o individualismo burguês no século XVIII. O nascimento da ciência e a expansão do capitalismo, com os seus diversos desdobramentos, entre eles a valorização do privado, são fatores decisivos para a crescente busca pela felicidade individual, que vê no mercado possibilidades de se escamotear a divisão do sujeito, a sua castração. A escrita de um diário íntimo passa a ser vista como uma possibilidade de alcance dessa unidade imaginária, através da “descoberta de si”.

A psicanálise nos ensina que todo conhecimento que se pode produzir sobre si mesmo é insuficiente e incerto. Não existe a possibilidade de se alcançar um “si mesmo”, já que a alienação ao Outro é constitutiva da subjetividade. O sujeito, por se constituir pelo significante que lhe é atribuído pelo Outro, já nasce descentrado de “si mesmo”. Ao buscar a essência de um ser, chega-se ao desejo do Outro. O texto autobiográfico revela, pois, um sujeito descentrado, desconhecido de si mesmo e que, através das contradições, tensões e equívocos de seu texto, emerge como uma multiplicidade, fruto de suas múltiplas identificações. No máximo de “consciência de si” o que emerge é a fratura, o êxtimo¹¹, quando o íntimo nos mostra o seu avesso.

1.4. O diário como paradigmático da adolescência

Sábado, 15 de janeiro de 1944

Minha querida Kitty,

Não há motivo para eu continuar descrevendo todas as nossas brigas e discussões [com os vizinhos] até os mínimos detalhes. Basta dizer que dividimos muitas coisas, como carne, gordura e óleo, e que estamos fritando nossas próprias batatas. Ultimamente comemos um pouco mais de pão de centeio, porque às quatro horas já estamos com tanta fome que mal podemos controlar os roncões no estômago. (...) A guerra vai continuar, independentemente das brigas e do desejo de liberdade e ar puro (...). Acredito que, se eu morar aqui durante muito mais tempo, vou me transformar num pé de feijão velho e seco. E na verdade só quero ser uma adolescente! Sua Anne (*Diário de Anne Frank*)

¹¹ A discussão sobre o íntimo e o êxtimo é feita no capítulo 2.3, sobre hystorização e romance.

1.4.1. Da escritura escolar ao diário íntimo

O diário é uma escrita paradigmática da adolescência. No entanto, como vimos, nem sempre foi assim. A própria adolescência é uma construção social, já que até o século XVIII ela não era percebida como uma fase da existência humana distinta da infância e da fase adulta. A escolarização foi um fator determinante para o surgimento da prática da escrita de diários na adolescência. Muitos etnólogos, como Daniel Fabre (1993), localizam no século XIX o momento de divulgação dessa prática na adolescência, em grande parte consequência da escritura escolar. O autor, pesquisando as escrituras pessoais adolescentes, mostrou que a tomada de notas de leitura cotidiana foi um caminho natural para a escrita dos diários. Muitos diários íntimos se iniciaram como prolongamentos das escrituras escolares.

Nos anos 1850, a escritura escolar alcança os alunos dos meios populares nas escolas, que descobrem a arte de redigir textos e a maneira de dispô-los em seus cadernos. Assim, há uma passagem natural da tomada de notas de leitura para o diário. Ainda hoje, muitos alunos utilizam os suportes escolares para a escrita mais pessoal, como um prolongamento das escrituras da escola, como atestam as agendas escolares. Fabre (1993) acrescenta que, com a proliferação dos cadernos graças à fabricação industrial que substituiu as encadernações artesanais, a escritura pessoal foi facilitada, possibilitando o surgimento do diário íntimo. Além disso, a alfabetização, praticamente generalizada com a instauração da escola republicana, permitiu que a juventude passasse a se dedicar às diferentes modalidades de escrita de si. Didier, citada por Corbin (2003), afirma que o castigo cotidiano da escrita do diário prolonga os imperativos da pedagogia juvenil, pois lembra simultaneamente o caderno escolar e o dever de casa. Mas, gradativamente, os diários íntimos constituíram-se como um tipo de escritura confidencial e íntima:

Quando estou sozinho, basta-me a ocupação de seguir o movimento de minhas ideias ou impressões, de apalpar-me, observar minhas disposições e as variantes de minha maneira de ser, de tirar o melhor partido de mim mesmo, de registrar as ideias que me ocorrem por acaso, ou as que minhas leituras sugerem... aspiro a tornar-me eu mesmo, retornando à vida privada e familiar... erguendo-me assim acima de mim mesmo; então não serei ninguém (MAINE DE BIRAN, citado por CORBIN, 2003: 459).

A microfamília burguesa da província é o lugar privilegiado da ascensão do diário íntimo. Ao comentar sobre os ritos da vida privada burguesa, Martin-Fugier (2003)

explica que a ritualização do cotidiano ganha, na sociedade burguesa, uma significação sentimental. Assim, as lembranças capitalizadas são registradas em cadernetas. Os diários íntimos são escritos como repositórios de lembranças. A autora cita o diário da adolescente Gabrielle Laguin, que começa a ser escrito em julho de 1890, aos 16 anos de idade:

Dentro de muitos anos, relerei talvez com felicidade esses rabiscos iniciados nos dias de juventude e alegria (12 de julho). Mais tarde, quando eu for bem velha, vou me divertir em relê-lo, em rever-me, nesse espelho do passado, como eu era então (30 de outubro) (MARTIN-FURGIER, 2003: 195).

Philippe Lejeune, no livro *Le moi de demoiselles* (1993), apresenta um verdadeiro mapeamento do diário íntimo na França: o aparecimento nos anos de 1780, o eclipse entre 1789 e 1830, a época do diário romântico, a do diário de “ordem moral” entre 1850 e 1880 e a sua democratização no final do século XIX. Ele pesquisou mais de 100 diários de adolescentes francesas do século XIX, analisando as particularidades dessa prática cultural que era inicialmente uma técnica educativa que aos poucos foi se transformando em uma atividade espontânea e secreta.

Com o estudo desses diários, Lejeune (1993) vai entrando em contato com a história da educação, com a cultura francesa e penetrando no universo feminino do século XIX. Aspectos psicológicos, sociológicos e literários são por ele abordados. Ele mostra como, num universo de mulheres “reprimidas”, esses diários eram uma das possibilidades de expressão feminina, apesar de, em sua maioria, eles serem misteriosos, elípticos, um escrito de meias palavras e poucas revelações, mostrando uma escrita feita de si para si.

Se no século XIX homens e mulheres escreviam diários, essa prática vai sendo gradativamente de domínio feminino e adolescente. Do ponto de vista social, existem várias razões para isso. As mulheres do século XIX eram proibidas de publicar, segundo o código das conveniências, portanto o diário supria as suas necessidades de escrever. Segundo Corbin (2003), mal inserida na sociedade onde foi chamada a viver, a mulher autora de um diário sofre por não poder comunicar-se.

A repressão sexual imposta às mulheres era um forte motivo para o incentivo à escrita de um diário. No século XIX os pais, aconselhados pelos educadores, impunham um rígido regulamento às moças que retornavam do internato, com o objetivo de afastá-las

das tentações da vida. Alguns as estimulam a escrever diários, como corolário do sacramento da penitência. Em Marselha, Isabelle Fraissinet, com 12 anos de idade, é constrangida a preencher todos os dias o seu. Elas são estimuladas a registrar o progresso da vida espiritual e aliviar os escrúpulos nascidos das pequenas falhas diárias (CORBIN, 2003: 456). Jullien, militar de reserva, em seu *Ensaio sobre o emprego do tempo ou método*, redigido em 1810, recomenda que se divida o dia em três fatias de oito horas. A primeira deve ser consagrada ao sono, a segunda aos estudos e aos deveres de seu emprego, e a terceira, às refeições, ao lazer e aos exercícios corporais. Aconselha, sobretudo, que se mantenham três diários: um para registrar as flutuações da saúde, outro para as vicissitudes da moral e outro para as pulsações da atividade intelectual.

Às mulheres é imposto que escrevam às escondidas, ocultando mesmo dos pais suas escritas pessoais. Os álbuns, as pequenas lembranças e até o enxoval bordado à mão são objetos pessoais que passam a ter grande valor na adolescência. Os álbuns guardam registros dos momentos importantes das jovens; ali se colam boletins escolares, diplomas, gravuras, leituras, fotos e declarações dos primeiros admiradores. Todo esse material irá unir-se aos cadernos e diários, fazendo parte dos arquivos pessoais. “O enxoval bordado pela juvenzinha não pode ser considerado como uma atenta escrituração de si e de seus sonhos para o futuro?” (CORBIN, 2003: 460).

De fato, o diário íntimo é um texto híbrido, composto de “fragmentos de si”, reunidos e colados em suas páginas encadernadas. No tempo da adolescência, o simbólico se mostra insuficiente para explicar as transformações da puberdade. Podemos pensar que as palavras são insuficientes para “dizer” desse real, daí o apelo aos objetos “materiais”, que, como os “detritos corporais”, são restos que escapam à significação. Todo esse material faz parte do trabalho de “escrita” feito pelo adolescente. Veremos adiante como os blogs, escritos no ciberespaço, ilustram de forma contundente o caráter híbrido de um texto.

Até o século XX, diários de mulheres não eram “autorreflexivos nem autorreveladores”, conforme indica Blodgett: “(...) mulheres foram treinadas para não falar ou pensar sobre seus corpos; foram treinadas para considerar o sentimento de outras pessoas em detrimento de seus próprios, e muito da linguagem que elas usam pode silenciá-las” (GANNETT, 1992: 127). Gannett destaca as esferas privada e pública de discurso,

referenciando-as, respectivamente, à mulher e ao homem. Citando a pesquisadora norte-americana Dale Spender, ela comenta que a dicotomia masculino/feminino, público/privado, foi mantida para permitir às mulheres escreverem para uma audiência privada, mas as desencorajando de escrever para audiências públicas, que seria uma prática masculina. Na esfera “privada” as mulheres foram autorizadas a escrever para elas mesmas (por exemplo, diários) e para outros em forma de cartas, tratados morais, artigos de interesse para outras mulheres e mesmo novelas para mulheres (durante o século XIX, as mulheres eram a viga mestra do público leitor de novelas e romances).

As pesquisas desenvolvidas por Lejeune (1993) também mostram que as jovens mulheres eram encorajadas a escrever diários na esfera privada e essa escrita tinha uma função autodisciplinar. Lejeune comenta que em 1847 a condessa de Basanville, em Paris, assim escreveu em seu livro *Du perfectionnement de l'éducation des jeunes filles*:

Estudai vosso caráter, como se fizésseis vosso exame de consciência para vos apresentardes ao tribunal da penitência; examinai vossas inclinações, vossos gostos e vossos pensamentos [...] Para fazê-lo mais facilmente, existe um hábito muito bom de ser adquirido: é o de todas as noites, antes de vos deitardes, escreverdes o diário dos vossos pensamentos e das vossas ações durante o dia que passou; vereis então se caís com frequência nos mesmos erros, corrigir-vos-eis deles, para não terdes vergonha de vós. Dedicai portanto uma atenção severa a vos observar, e em pouco tempo vossos defeitos desaparecerão (LEJEUNE, 1993: 353).

Se às mulheres era permitida a prática da escrita de diários íntimos, assim como outras formas de narrativas pessoais, um dos motivos desse interesse crescente pela escrita dos diários pelas meninas adolescentes está relacionado à possibilidade de usar esse espaço como forma de expressão pessoal, quando não lhes era permitido exprimir suas ideias publicamente. Mas, para além dos fatores sociais, veremos adiante como a psicanálise contribui para a compreensão da relação existente entre a escrita íntima e a feminilidade.

A prática da escrita de diários vai se configurando gradativamente como adolescente e feminina. Lejeune (1993) destaca que o que limita socialmente a adolescência especialmente feminina, no século XIX, é o casamento. Em muitos diários de adolescentes pesquisadas por Lejeune, ele identifica preocupações com relação ao casamento, à escola e às amizades, além da família. Normalmente, a prática da escrita dos diários era abandonada a partir do casamento. Assim, a escrita de um diário para a

jovem adolescente, nesse período histórico, parece substituir o encontro com o outro sexo. O diário perde o sentido quando esse encontro se dá.

A escrita de diários por jovens adolescentes no Brasil não era muito diferente da França no século XIX, como observa Cecília Brasil:

(...) as jovens de antigamente costumavam manter diários em que, geralmente, anotavam sua vida amorosa, mas esses diários, com o casamento e a chegada dos filhos, não progrediam e, dependendo de seu texto, tinham até que ser queimados (BRASIL, Cecília de Assis. *Diário de Cecília de Assis Brasil*, p.6, citado por LACERDA, 2003: 45).

Como o conteúdo do diário era “secreto” e, muitas vezes, escapava ao rígido padrão moralista da época, era difícil mantê-lo guardado, devido ao risco que se corria dele ser descoberto e lido. Muitas moças destruíam seus diários. Isso explica a dificuldade em encontrar diários do século XIX. Lejeune destaca também que o interesse recente dos pesquisadores pelos diários íntimos esbarra na dificuldade em recuperá-los, tendo em vista a dificuldade dos autores em compartilhar seus conteúdos mais íntimos. Quando surge o interesse pela publicação, normalmente os autores fazem uma revisão nos textos, retirando aquilo que poderia comprometê-los de alguma forma. O interessante em sua pesquisa é que ele não se limita a estudar diários íntimos que foram publicados. Lejeune pesquisa diários íntimos não publicados, muitas vezes encontrados escondidos nas próprias casas e recolhidos por parentes, filhos ou netos, após a morte do diarista. Alguns são entregues pelo próprio autor quando está mais velho.

No Brasil, a dificuldade em conseguir diários íntimos do século XIX é ainda maior que na França, onde muitos manuscritos foram conservados por bibliotecas e arquivos. Os fatores políticos e sociais são determinantes na expansão que se observa dessa prática no País. Desde o século XIX as mulheres brasileiras começaram a lutar pelo seu espaço na sociedade, conseguindo gradativamente ampliar suas possibilidades de inserção e expressão social, o que está diretamente relacionado ao crescimento da prática de escrita de diários. Segundo Minot:

Desde o século XIX, mulheres brasileiras que tiveram acesso à alfabetização tentaram refletir sobre a própria vida, rompendo o silêncio sobre o mundo. Famílias, confessores e educadores estimularam a anotação dos acontecimentos mais importantes do dia, através de diários íntimos e troca de correspondências entre amigas, num projeto de educação dos sentimentos, como assinala Anne Vincent-Buffault (1996). Nesse período, professoras escreviam romances e poemas, publicavam em jornais e revistas, participavam das campanhas abolicionista e republicana. Em prosa e verso, elas expressaram seus sonhos, reclamaram seus direitos, ingressaram em

escolas, fundaram associações, assinaram manifestos (TELLES, 1997). Na imprensa, defenderam a elevação cultural da população e das mulheres, reivindicaram igualdade de direitos, melhores níveis educacionais, reconhecimento de profissões, reforma da legislação matrimonial, direito de voto e elegibilidade. Reclamaram até mesmo a exclusividade feminina em algumas profissões, como enfermagem, medicina para mulheres e magistério para crianças, segundo Bernardes (1998) (MINOT, 2000: 20).

Um dos pioneiros diários brasileiros de adolescente é *Minha vida de menina*, de Helena Morley, pseudônimo da dona de casa Alice Dayrell, escrito no final do século XIX, aos 15 anos, publicado pela primeira vez em 1942, e até transformado em filme em 2004. O diário registra impressões sobre os acontecimentos da vida de Helena entre 1893 e 1895, quando cursava a Escola Normal de Diamantina. O seu diário ilustra como as meninas no século XIX eram encorajadas a escrever diários até mesmo pelos seus pais. Helena comenta o que seu pai lhe disse ao presenteá-la com um diário: “Escreva o que se passar com você, sem precisar contar às suas amigas, e guarde neste caderno para o futuro as suas recordações” (MORLEY, 2005: 68). Helena comenta: “Cada dia acho mais razão no conselho de meu pai de escrever no meu caderno o que penso ou vejo acontecer” (p. 68).

O lugar social privilegiado ocupado pelo homem fazia com que muitas mulheres, em seus diários, revelassem o desejo de serem homens. Helena Morley confidencia em seu diário: “Eu sempre desejei ter nascido homem e só certas horas gosto mais de ser mulher” (MORLEY, 2005: 75).

A prática da escrita de diários cresceu significativamente no século XX, passando a ser cada vez mais associada à adolescência feminina. Os diários íntimos tornaram-se praticamente “um ritual de passagem” que marcava a entrada na adolescência das meninas.

Há um aumento considerável da publicação de diários e autobiografias por mulheres no Brasil a partir de 1960. Lacerda (2003) realiza uma pesquisa sobre a escrita de diários por mulheres no Brasil e destaca que o *boom* editorial ocorrido a partir dos anos 1970 e 1980 recebeu influência do mercado editorial europeu, que desde os anos 1960 começou a absorver as publicações de cunho autobiográfico de prisioneiros, camponeses, negros, homossexuais, guerrilheiros e mulheres. Ela conclui que o crescimento e a divulgação da literatura memorial feminina coincide com o final da censura militar. Segundo Viana,

citada por Lacerda (2003, p.56), uma outra razão para o crescimento da produção autobiográfica feminina, além dos movimentos feministas da década de 1960, foi o crescimento industrial e tecnológico, em particular dos meios de comunicação, que favoreceu um avanço nas formas de produção e circulação das ideias. Ela observa também o fato do diário ser uma prática feminina e adolescente. De acordo com Lacerda,

Os diários são objetos que quase todas as mocinhas possuíam e, até certo modo, ainda possuem. Era e ainda é comum presentear uma menina com um diário ou caderno de notas. Assim fez Carlos Drummond de Andrade com a filha Maria Julieta, fez o pai de Helena Morley e também o de Cecília de Assis Brasil. Talvez, mais do que um objeto de leitura, a escrita dos diários acabou se transformando em um refúgio para os desejos de transgressão moral e religiosa da época, ainda que não fosse tomada como tal, nesses cadernos guardavam-se pensamentos secretos, desejos contidos, curiosidades e descobertas, suspiros de amor e tudo do cotidiano que merecesse papel e tinta. Apesar do rigor dos preceitos sociais, permitia-se que tais cadernos circulassem pelo interior da casa e que as moças sonhadoras se desgovernassem pelas linhas de suas anotações pessoais. Muitos diários, sendo suspeitos, terminavam queimados ou eram, após o casamento, abandonados em função dos afazeres domésticos e da maternidade (LACERDA, 2003: 242).

O século XX é o século dos diários íntimos escritos por adolescentes. É fundamentalmente nesse momento histórico que as adolescentes começam a escrever de forma mais livre e o diário íntimo vai assumindo um caráter cada vez mais confessional.

Se a escrita de diários passou a se caracterizar de forma crescente como uma prática privada de adolescentes do sexo feminino, isso não significou, entretanto, a exclusão dos homens e de adultos da realização dessa prática. Existem muitos diários conhecidos escritos por homens, nas diversas culturas onde a prática do diarismo se expandiu, como, por exemplo, nos Estados Unidos no século XIX: os de Meriwether Lewis e William Clark, norte-americanos que escreveram suas aventuras ao mapear a Passagem Noroeste; o nova-iorquino George Templeton Strong, que manteve um diário relatando o tempo de estudante na Universidade de Colúmbia, o casamento, a carreira em Wall Street e a Guerra Civil; na Europa no século XIX temos os famosos escritos de Tolstói, na Rússia; Jonathan Swift, na Irlanda; Charles Baudelaire, os irmãos Jules e Edmund de Goucourt e Andre Gide, na França.

Entre os diários de adolescentes que se tornaram famosos depois de publicados, o maior destaque tem sido *O diário de Anne Frank*, o qual não só registra os conflitos, sentimentos e experiências de uma adolescente, mas também é um testemunho da

Segunda Guerra Mundial. *O Diário da jovem Moshe*, escrito pela adolescente polonesa Moshe Flinker, é outro diário de guerra. Em 1942, a garota e a família, que vivia na Holanda, foram forçadas a fugir do nazismo para a Bélgica. A Gestapo descobriu e todos foram mandados para o campo de concentração de Auschwitz, onde morreram. Um outro importante diário de adolescente, também escrito durante a guerra, é *O diário de Zlata*. Ele foi escrito por uma garota de 11 anos que viveu em Sarajevo. Zlata descreve o seu cotidiano, que vai sendo modificado gradativamente a partir da guerra na ex-Iugoslávia, em 1992. Além desses, o célebre *Une jeune fille mal dans son siècle*, diário de Amélie Weiler, editado por Nicolas Stoskopf e, mais recentemente, publicado em 2003, o diário de Morgan Menzie, *Diary of an anorexic girl*, que se tornou famoso por abordar um tema bastante divulgado na contemporaneidade, a anorexia. Há também a obra *L'herbe bleue: journal d'une jeune fille de 15 ans*, diário de uma jovem viciada em drogas, publicado na França por autor anônimo.

Um outro diário publicado na adolescência que teve importante repercussão em nosso país foi o do antropólogo Gilberto Freyre, confirmando que essa prática, no século XX no Brasil, não era exclusivamente feminina. Seus diários foram publicados pela primeira vez em 1975, sob o título *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. O texto constitui-se de fragmentos dos diários, organizados para publicação por Maria Elisa Dias Collier, com acompanhamento do próprio autor. O prefácio do diário de adolescência de Gilberto Freyre apresenta uma reflexão sobre os motivos que podem levar um jovem adolescente a escrever diários:

Esses registros foram afinal registros de conversa de um homem consigo mesmo. De um homem desdobrado em dois: ele e o seu diário. De um homem analítico e, ao mesmo tempo, com uns instantes tão antianalíticos de devaneio poético, que o diálogo parece adquirir, por vezes, aspectos quase líricos. Há nas notas um misto de lirismo anárquico e de tentativa de organização: a de um adolescente e depois um jovem na sua primeira mocidade a buscar dar alguma ordem aos começos do seu pensar, do seu sentir, do seu viver, do seu existir. Ao seu preexistir e ao seu pós-existir – dadas suas preocupações com seu futuro e até com o futuro de sua gente, em particular, e do Homem, em geral (FREYRE, 1975).

Esse prefácio do diário, acrescentado por Gilberto Freyre na fase adulta, descreve o que um adolescente no início do século XX podia buscar através da escrita de seu diário: uma análise de sua vida, uma tentativa de organização de si no início de seu viver e de seu ingresso no mundo social, uma construção de sentido para o seu passado, presente e

futuro, ordenando-os (como na escrita de um romance), além de uma preocupação consigo mesmo e com o mundo. Mais recentemente, publicado em 1985, *O diário de uma garota*, de Maria Julieta Drummond de Andrade, ficou famoso por retratar parte da vida da filha de um importante poeta brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, e por apresentar reflexões comuns aos adolescentes do século XX.

Vimos como o interesse em escrever sobre si tem acompanhado a adolescência. Inicialmente fruto de uma exigência escolar, os diários vão se constituindo gradativamente como uma escrita cada vez mais livre, íntima, confessional, que visa conhecer e desvendar um “eu”, num momento de transição do espaço familiar para o campo social. Por outro lado, como evidenciou Lejeune, constata-se um frequente abandono dessa atividade, no final dessa fase da vida. O caráter transitório dessa escrita permite levantar a hipótese de que essa prática exerce uma importante função psíquica para o adolescente. Para que possamos aprofundar nessa reflexão, tentaremos, de forma breve, conceituar a adolescência para a psicanálise e refletir sobre sua relação com a escrita.

1.4.2. A escrita na adolescência

A “adolescência” enquanto uma fase intermediária da vida, entre a infância e a fase adulta, é uma construção social. Até o final do século XVIII a adolescência não era percebida como um estágio particular do desenvolvimento humano. O termo adolescência surge, em sua concepção moderna, entre o final do século XVIII e início do século XIX. Até então, a adolescência se confundia com a infância e ambas demarcavam a ideia de dependência socioeconômico-cultural.

Se a adolescência é uma construção social, o termo mais adequado para abordar esse tempo lógico do encontro com o real do sexo talvez seja a puberdade, termo utilizado por Freud. Consideramos a adolescência como uma resposta sintomática do sujeito ao encontro com o real do sexo na puberdade, discussão que será feita adiante.

Freud utiliza o termo puberdade descrevendo-a como um segundo tempo da sexualidade. O primeiro ocorre na infância e retrocede ou é detido na latência; e o segundo sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual. E explica que com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que

levam a vida sexual infantil à sua configuração definitiva. A pulsão na infância era predominantemente autoerótica e na puberdade encontra o objeto sexual. Surge um novo alvo sexual para a conjunção de todas as pulsões parciais: a zona genital.

Assim, com a chegada da puberdade, duas transformações são decisivas, segundo Freud: a subordinação de todas as outras fontes de excitação sexual ao primado das zonas genitais e o processo do encontro do objeto. A normalidade da vida sexual só é assegurada pela exata convergência das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual, a de ternura e a sensual: “A primeira destas comporta em si o que resta da primitiva eflorescência infantil da sexualidade. É como a travessia de um túnel perfurado desde ambas as extremidades” (FREUD, 1974 [1905]: 195).

Um outro trabalho que o jovem deve fazer é o de separação de seus pais, como ressalta Freud. Ele destaca que na puberdade há o redespertar do Édipo, renovando os conflitos edipianos e as fantasias incestuosas. Ele comenta:

Contemporaneamente à subjugação e ao repúdio dessas fantasias claramente incestuosas consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha gerações (FREUD, 1974 [1905]: 213).

Há uma reativação do Édipo na puberdade que, diferentemente de sua primeira manifestação na infância, agora tem a marca da interdição. De acordo com Cottet (1996), Freud descreve a puberdade como “...um mito, o da conjunção de todas as pulsões parciais em torno da genitalidade sobre um novo objeto após a fase da latência e, portanto, para além do recalçamento” (COTTET, 1996: 12). Na puberdade, o desejo sexual, à medida que desperta a antiga corrente, reativa o Édipo. Há uma reativação da escolha do objeto interdito. A diferença com relação à infância é que desta vez é reativada numa época mais além do recalque com esse novo elemento que é a genitalidade. O desejo sexual reativa uma interdição pondo em questão a impossibilidade de uma harmonia entre a pulsão sexual e a corrente terna sobre o mesmo objeto.

Os pais, enquanto modelos de identificação, devem ser substituídos por outras pessoas. Em 1914, em *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*, Freud faz algumas

considerações sobre a adolescência, marcando em especial o desligamento que o jovem faz do pai e sua substituição pela figura do mestre. Freud explica que é nessa fase do desenvolvimento do jovem que sobrevém seu encontro com o mestre. Ele acrescenta que tudo o que distingue a nova geração, tanto o que é portador de esperança quanto o que choca, tem como condição esse desligamento do pai. Ou seja, a crise do pai faz nascer a nova geração. Nesse movimento, a função de interdição edípica, bem como a abertura à possibilidade do exercício do desejo, ampliam-se para sua concretização no pacto social.

A partir das referências freudianas acima, podemos destacar como principais determinantes da puberdade: as transformações fisiológicas com a consequente maturação genital, o encontro com o outro sexo (que ele chama de encontro com o objeto), o redespertar do Édipo com a necessidade de separação dos pais e a escolha de outras referências de identificação, ou seja, a passagem do pai ao mundo social mais amplo.

Para Freud a sexualidade humana não é inaugurada na puberdade, mas na infância. No segundo ensaio de seu texto de 1905 o autor demonstra a existência da sexualidade infantil, descreve a fragmentação das pulsões parciais e comprova o caráter normal das exteriorizações sexuais infantis. A vida sexual infantil vai apresentar uma lógica pré-genital organizada como oral e anal. Em 1924 o autor acrescenta a fase fálica. Essa fase se apoia numa zona genital, mas com diferenças com relação à organização genital adulta, pois a criança só reconhece uma classe de órgão sexual: o masculino. Mas não se trata da primazia dos genitais, e sim do falo. A descoberta da diferença entre os sexos (tendo o falo como referência) é fundamental para a constituição da sexualidade.

A separação entre masculino e feminino só ganha significação após a puberdade, e essa distinção será fundamental na sexualidade do adulto. O Complexo de Édipo e o Complexo de Castração marcam a passagem da sexualidade infantil para a vida sexual adulta. Freud formula o Complexo de Édipo para afirmar que o desejo inconsciente determina no sujeito uma estrutura ternária, uma rede complexa na qual o sujeito articula o seu desejo ao desejo do par parental. Podemos considerar que, ao escrever o Complexo de Édipo, Freud indica uma direção, do mito à estrutura. A impossibilidade do amor incestuoso encaminha o Édipo para a sua destruição. Essa impossibilidade é a

castração, enquanto um fato de estrutura. Marca-se a impossibilidade do encontro com o objeto, não há complementaridade. As teorias sexuais infantis constituem o recurso utilizado pela criança no trabalho de velar e desvelar a castração, enquanto impossibilidade estrutural. Há um recalque das fantasias e do desejo incestuoso com a incidência da castração, marcando a entrada da criança na latência. A latência se situa nesse tempo intermediário entre a infância e o despertar da puberdade. Na puberdade existirá a necessidade de distinção sexual e o primado da zona genital irá se firmar. A maturação genital leva ao encontro com o objeto.

Há, portanto, uma constituição da realidade psíquica que se dá em dois tempos: o da infância e o da adolescência. O trabalho psíquico que ocorre na adolescência envolve um segundo tempo desse processo. Para a teoria lacaniana, a subjetividade se constitui a partir do enlaçamento de três dimensões topológicas: o simbólico, o imaginário e o real. O registro simbólico designa a relação do ser falante com o significante; o registro imaginário, a relação do ser falante com a imagem; e o real, com o objeto. O Complexo de Édipo é o que amarra os três registros.

O registro simbólico representa, na teoria psicanalítica lacaniana, o lugar do código fundamental da linguagem, o lugar da lei, onde fala a cultura, a voz do grande Outro. A escritura do Outro (com maiúscula) foi adotada por Lacan para mostrar como a relação entre a estrutura simbólica e o sujeito se distingue da relação imaginária do eu e do outro (com minúscula indica o outro imaginário). Lacan, em *O estádio do espelho como formador da função do eu*, chama a atenção para a matriz simbólica em que o eu se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (LACAN, 1998: 97). O acesso ao simbólico tem como efeito “a divisão do sujeito”, ou seja, a perda de uma parte essencial de si mesmo, pois no simbólico o sujeito só pode ser representado.

O sujeito mediatizado pela linguagem está irremediavelmente dividido, pois está excluído da cadeia significante, ao mesmo tempo em que aí é representado. Nomeado no discurso dos pais, e deles recebendo um prenome, o sujeito entra no circuito da troca e, nessa troca, algo se perde. A condição para a sua aparição na ordem do significante é a sua “morte”, ou a sua “perda”, a sua “divisão”, ou seja, pode-se dizer que ao mesmo

tempo em que ele se humaniza através do Outro, o preço a ser pago por essa humanização é a sua alienação a esse Outro, a essa ordem cultural.

Entre o campo do sujeito e o campo do Outro há uma hiância; é nesse hiato que acontecem as duas operações na relação do sujeito com o Outro. Se a primeira operação é a alienação, como vimos acima, a segunda está situada numa interseção, é a separação. O encontro inaugural com o Outro deixa como marca uma inscrição significativa, o S_1 , um significante sem qualquer sentido. O sentido de S_1 o sujeito lhe dará retroativamente, a partir de certo sentido, certo saber, o S_2 . A fundação do sujeito se dá então a partir dessa marca originária vinda do campo do Outro, o S_1 , e de um significante que pretende dar sentido, o S_2 . Nem S_1 nem S_2 dão conta de representar o sujeito integralmente. O sujeito do inconsciente surge no intervalo entre S_1 e S_2 , como $\$$ (Sujeito dividido). Para a psicanálise, não há relação entre S_1 e S_2 , somente uma amarração. O objeto a é o que aponta para aquilo que escapa a qualquer tentativa de recobrir um significante pelo outro, substituindo-o, sem falha. O objeto a é o resto da operação de emergência do sujeito entre S_1 e S_2 , que supostamente taparia nossa falha estrutural.

A separação surge no recobrimento de duas faltas: a que o sujeito encontra no Outro e a que recobre a primeira, quando o sujeito responde à primeira falta com a proposta de seu desaparecimento, sua morte, que permanece na pergunta infantil: “Será que o Outro pode me perder?” Falta um significante no campo do Outro do qual o sujeito do inconsciente depende para se constituir como tal. Então surge a fantasia como resposta e solução para o sujeito diante do enigma do desejo do Outro. Por meio da fantasia, o sujeito pode evitar o encontro com o real faltoso, com a falta de objeto, com o que não está inscrito. Com a fantasia, onde há furo coloca-se objeto a fantasioso. Quando há a instalação da fantasia inconsciente fundamental, há a instalação dos três registros: o real, o simbólico e o imaginário.

O imaginário para a psicanálise envolve não só as imagens e a imaginação, como também o registro da identificação especular, onde há a relação do sujeito com as identificações formadoras do eu. Lacan descreve o estádio do espelho como uma identificação, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem: “O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação” (LACAN, 1998: 100). Lacan, retomando Freud, diz

que no princípio não há unidade, ou seja, inicialmente o corpo do indivíduo é fragmentado pelas pulsões autoeróticas, ou pulsões parciais, que ainda não se organizaram em torno de um eu. As pulsões autoeróticas convergem para a imagem do corpo tomado pelo objeto: imagem com a qual o sujeito se identifica para constituir seu eu. Essa imagem é o *eu ideal* formado pela imagem do outro, que dará a unidade que constitui o eu, ou seja, a criança se identifica com aquela imagem refletida no espelho (ou imagem do outro), alcançando uma “identidade alienante” que a acompanhará no seu desenvolvimento. Essa unidade ou “armadura”, esse “eu”, é antes de tudo “um eu corporal” (FREUD, 1974 [1914]). A percepção visual do corpo constitui a base do imaginário e da identificação especular. A unidade do eu é, portanto, imaginária.

No entanto, se o espelho fornece ao sujeito uma unidade corporal, que o organiza, conferindo-lhe uma *gestalt*, um eu ideal, essa imagem é sustentada pelo olhar de um representante do Outro. O sujeito se vê no espelho através desse ponto simbólico situado fora da imagem, suporte da identificação simbólica ao ideal do eu. Mas, como nem tudo da realidade subjetiva é captado pela imagem, existe sempre algo não especularizável, o objeto fora do espelho. Diante de sua falta a ser, o sujeito se vê impelido a compensar sua incompletude através do recurso às imagens unificadoras do eu. Mas em algum momento ele se depara com a impossibilidade de captar-se totalmente numa imagem. A experiência especular traz como uma de suas importantes consequências a subordinação do sujeito ao significante que o designa, com a consequente perda do objeto. Os objetos pulsionais não se deixam captar pelo espelho, permanecendo como traços no corpo do sujeito. O sujeito tenta recuperar esses objetos mediante a construção de sua fantasia.

A puberdade é um tempo lógico, portanto, no qual o sujeito é convocado a realizar um trabalho psíquico. Há uma resignificação da sua relação com o corpo. A construção especular do eu feita na infância é perturbada na adolescência. O corpo “púbere”, em transformação, denuncia os pontos de fraqueza da “unidade especular” construída na infância. As perguntas sobre o ser, sobre o sexo, sobre o próprio desejo e o desejo do Outro, surgidas na infância e silenciadas na latência, são redespertadas na adolescência. A consistência imaginária do Outro é abalada. O Outro aqui é referido ao campo simbólico ao qual o sujeito do inconsciente está remetido. Sua consistência imaginária é

abalada nesta fase. O adolescente terá que fazer um intenso trabalho de construção imaginária da realidade, quando o corpo desponta como fundamental ao sujeito. Na reconstrução que o adolescente deve fazer da sua imagem, a questão do olhar é fundamental. O adolescente demanda um olhar que confirme “a nova imagem corporal” como desejável e desejante. O olhar do outro confere ao sujeito um reconhecimento de sua nova condição sexuada.

Mas a imagem do corpo em transformação do adolescente torna-se estranha a ele mesmo, correspondendo à categoria do *estranho* (*Unheimliche*), descrita por Freud em 1919. O estranho remete ao que é conhecido e familiar, que se tornou alheio ao próprio sujeito. O termo *unheimliche*, através da partícula negativa *um-*, põe um limite na ambiguidade de seu provedor *heimliche*¹². A raiz de ambos, *das Heim* (casa, lar), refere-se a tudo o que é íntimo, conhecido e familiar, e de tão íntimo torna-se secreto, estranho, assustador e angustiante. Para Freud o termo refere-se a tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.

O duplo como figura do estranho, que comumente aparece como imagem especular, torna-se causa de estranheza, quando o corpo familiar vira objeto de angústia. O eu para a psicanálise é sempre imaginário, daí a sua fragilidade e o estatuto de ficção que derivam de uma articulação entre o estranho e o narcisismo. O fundamento do duplo está no momento de cristalização do eu. O espelho, parâmetro de exterioridade, oferece ao sujeito a chance de se ver por inteiro, mas ao preço de se ver como um outro. Nessa relação com o semelhante, a figura que se reflete aparece invertida, impondo uma diferença no registro do idêntico, forçando a alteridade. A própria imagem, que deveria ser o mais conhecido e familiar, vira estranho, sinistro. Surge então a angústia que leva a buscar eliminar o duplo, este rival. O fenômeno do *Unheimliche* mostra que a mesma imagem da qual o eu depende para se constituir pode se tornar uma ameaça à sua “suposta” integridade. No fenômeno do duplo, há um destacamento da imagem especular, que se apresenta como duplo autônomo, estranho para o sujeito.

Na puberdade, a imagem corporal claudica, há um despedaçamento da imagem, causando estranhamento. A imagem do corpo torna-se estranha ao sujeito. O estranho é

¹² A esse respeito, ver: PORTUGAL, A. M. *O vidro da palavra. O estranho, literatura e psicanálise*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

o real, que se rompe quando o véu que o recobre é descoberto. O estranho é o impossível a ocultar, é a experiência do real que irrompe, furando a imagem. A experiência do duplo traz à tona a “outra cena”, que nos aliena de nós mesmos, provocando um sentimento de estranheza que nos angustia, exigindo um trabalho de escrita que leve à construção de sentido.

Lacan (1993 [1964]), no *Seminário 11*, introduz o olhar como objeto *a* no lugar do Outro. Na experiência especular existe um ponto cego, uma parte faltante, que corresponde ao que do registro real não é especularizável. O autor diferencia visão e olhar, identificando o olhar com o objeto. O olhar ou o escópico aponta para o real, que é diferenciado da visão ou do especular, que corresponde ao imaginário. A dimensão escópica, apesar de não poder ser vista, dá razão àquilo que se vê (especular). Para Lacan, o segredo do fascínio pela imagem é o encobrimento da falta e, também, o encobrimento do objeto (olhar). O olhar como objeto *a* é encoberto pela imagem e é o responsável, tanto pelo segredo da beleza, quanto pelo horror da imagem, que causa estranhamento.

O despertar do real do sexo leva o sujeito a um desatar do nó que amarra a estrutura. Se o Complexo de Édipo é uma amarração da estrutura, há na puberdade uma exigência de um novo enodamento. Como o sujeito pode fazer essa amarração? Tornar-se homem ou mulher envolve fazer um trabalho de amarração com os restos do enlace do sujeito ao Outro. Ilustraremos, com o diário de Melissa, o encontro com o real na adolescência e a escrita de um diário operando como uma forma de dizer desse encontro.

Melissa Panarello, uma adolescente siciliana, publica o diário que escreveu dos 14 aos 16 anos, entre 2000 e 2002. Seu diário, *Cem escovadas antes de ir para a cama* (2004), revela os seus desejos mais íntimos, o início de sua vida sexual e a busca desenfreada pelo verdadeiro amor, que a leva a oferecer o próprio corpo a quem quer que o solicite. Os conflitos da adolescência e as experiências sexuais são vividos intensamente e descritos minuciosamente em seu diário. O seu texto mistura a escrita sem “pudores” com a escrita poética de uma adolescente que faz uma viagem em busca de “si mesma” e do amor. Se ela se entrega aos excessos carnis, seu prazer convive com a repulsa e a angústia.

Na puberdade a *gestalt* do corpo muda, assim como a percepção que o jovem passa a ter de si e do meio que o cerca. Melissa observa seu corpo no espelho e descreve em seu diário seu encantamento com a nova forma que começa a se delinear: “Diante do espelho, eu me admiro, extasiada com as formas que vão pouco a pouco se delineando, com os músculos que ganham um contorno mais modelado e seguro, com os seios que começam a aparecer sob as camisetas e se movem suavemente a cada passo” (PANARELLO, 2004: 8).

O jovem, diante das rápidas transformações físicas, desconhece o seu corpo e não sabe dele se servir. Ele então reinveste a imagem especular que o fazia reconhecer-se no outro imaginário. Mas, é exatamente o seu corpo que lhe causa angústia, ele é um estranho. Sua imagem claudica, despedaçando-se: “Sinto meu corpo arrasado e pesado, inacreditavelmente pesado. É como se alguma coisa muito grande tivesse caído em cima de mim e me esmagado. Não me refiro à dor física, mas a uma dor diferente, por dentro” (PANARELLO, 2004: 24).

De acordo com Freud, a forma definitiva normal do corpo é assegurada pela fantasia, por meio da junção de duas correntes, a terna e a sensual, em direção ao objeto e ao fim sexual. Nesse desencontro do sujeito com sua imagem especular, imagem que traz em si um ponto de real, surge a angústia, quando se produz um abalo na significação fálica¹³, que de alguma forma sustentava essa imagem. Surge então a pergunta sobre o seu ser. Essa pergunta, insistente, instiga a escrita pessoal, como tentativa de construir uma resposta que lhe sustente: “Mais buscas, não vão acabar até eu encontrar aquele que procuro. Na verdade, não sei bem o que quero. Procura, continua a procurar, Melissa, sempre” (PANARELLO, 2004: 78).

Através da prática sexual promíscua, Melissa busca despertar a paixão do parceiro: “...vou entregar meu corpo a qualquer homem por dois motivos: porque, saboreando-me,

¹³ Lacan, ao escrever a operação da metáfora paterna, indica que por meio desta substituição do significante Nome-do-Pai pelo significante do desejo da mãe, “o significante Nome-do-Pai conserva um efeito de significado que é a significação fálica. Ao mesmo tempo, o falo é um índice de gozo; é inclusive o índice de gozo por excelência, a tal ponto que Lacan modificará esta construção e se verá conduzido a falar do falo como significante do gozo” (MILLER, J.-A., 2006: 274). $\frac{NP}{DM} \frac{DM}{X} = NP \frac{A}{falo}$

talvez ele sinta o sabor da raiva e da amargura e por isso pode sentir um pouco de ternura, e depois porque vai se apaixonar pela minha paixão até não poder mais passar sem ela” (PANARELLO, 2004: 30).

Lacan (2003) vai apontar a adolescência como fornecedora do paradigma da impossibilidade do encontro simétrico e recíproco com o outro. A relação ao outro sexo é contaminada pelo interdito. Lacan desenvolve este ponto de vista em seu *Prefácio ao despertar da primavera de Wedeking*¹⁴, peça que foi traduzida por François Regnault nos anos 70 e que tinha sido discutida na Sociedade Psicanalítica de Viena em 1907. Na puberdade, há o despertar para a discordância entre o sujeito que surge como produto dividido do recalçamento e o mundo das pulsões. Nesse tempo da puberdade essa dicotomia se faz presente de forma contundente e não permite mais o recurso, utilizado pela criança, de lançar mão do Outro parental para fazer frente a este desencontro entre o sujeito dividido e a pulsão. O Outro parental apresenta-se falho, incapaz de responder à altura dessa exigência. Os ideais vacilam, e os adolescentes vão à procura de novos ideais.

É neste período também que o encontro com o outro sexo ganha corpo. É exatamente no momento em que o rapaz satisfaz aos ideais de sua virilidade e a moça se instala na identificação, momento de assunção do desejo, que o encontro fracassa. Há um mal-estar, um impasse na relação sexual. Os desencontros dos primeiros amores são paradigmáticos do impasse da relação sexual. De acordo com Lacan, quando chega a hora do rapaz fazer amor com as moças, é preciso que sonhe com isso, antes disso se ocupar. Em *Televisão* (2003)¹⁵, retomando o vocabulário da época que qualifica o adolescente de jovem, Lacan observa que sua relação ao sexo é marcada por dois afetos modernos, o tédio e a morosidade:

Se falei de tédio, e até mesmo de morosidade a respeito da abordagem “divina” do amor, como desconhecer que esses dois afetos são denunciados – em falas e até mesmo em atos – em jovens que se entregam a relações sem repressão – o mais incrível sendo que os analistas, em quem eles encontram suas motivações, lhes respondem fazendo birra. Mesmo que as recordações da repressão familiar não fossem verdadeiras, seria preciso inventá-las, e não

¹⁴ LACAN, Jacques. Prefácio a *O despertar da primavera*. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 (Campo Freudiano do Brasil), p.557-559.

¹⁵ LACAN, Jacques. *Televisão*. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 (Campo Freudiano do Brasil), p.508-543.

se deixa de fazê-lo. O mito é isso, a tentativa de dar forma épica ao que se opera da estrutura (LACAN, 2003: 530).

Se não existe a repressão sexual, como adverte Lacan, é necessário criá-la, inventá-la. Assim, o adolescente, ao criar o mito da repressão familiar, dá forma épica ao que se opera na estrutura. De acordo com Cottet (1996), Lacan designa uma espécie de infelicidade do ser no fato dos jovens se devotarem ao exercício de relações sem repressão. Sem fazer uma apologia da repressão, Lacan na verdade busca deduzir a estrutura desse impasse, estrutura que ele referia à lógica, ao menos à aritmética, ao gozo do Um, ideal de uma beatitude na qual o parceiro é reduzido ao semelhante. “Lacan observava a intolerância do adolescente em consagrar o outro como objeto *a*, em enraizar seu desejo ou sua causa em um objeto que não fosse o semelhante idealizado” (COTTET, 1996: 19).

A adolescência pode ser considerada como um “sintoma” da puberdade. Stevens¹⁶ considera que o termo puberdade tem mais pertinência na clínica do que o termo adolescência. Retomando a tese de Freud de que após a infância certas escolhas são feitas (de objeto e quanto à sexuação), ele ressalta uma terceira escolha, determinada mais cedo na existência e que só vai ter consequências na adolescência, é a eventual escolha da perversão. É a escolha em permanecer em uma pulsão parcial, mas também uma escolha de se colocar a serviço de uma vontade de gozo, de um Outro do gozo, do gozo obscuro. Assim, a puberdade é tomada não só como um tempo de escolha de objeto e de posição quanto à sexuação, mas também como um tempo lógico de escolha de uma possível orientação quanto à perversão.

No momento em que se dá a sua entrada na adolescência, o sujeito ainda não se decidiu totalmente sobre suas escolhas e esse é o momento de se decidir. O autor destaca que a escolha do sintoma e a organização da fantasia se estabelecem extremamente cedo, mas são recolocadas parcialmente na adolescência. Essas escolhas deverão ser recolocadas tanto do lado da fantasia, posta à prova na puberdade, quanto do lado do sintoma. Elas são recolocadas mesmo se a estrutura clínica já está decidida. No entanto, as formas comportamentais, fenomenais e também a forma do sintoma com o sexo vão se encontrar modificadas na puberdade.

¹⁶ STEVENS, Alexandre. Adolescência, sintoma da puberdade. In: *Clínica do Contemporâneo*. Revista *Curinga*. Escola Brasileira de Psicanálise. Seção Minas, 2004 (n° 20). p.27-39.

Se a puberdade é um dos momentos em que a não-relação sexual aparece para o sujeito, a adolescência, segundo Stevens (2004), é a resposta sintomática que o sujeito vai dar a isso, é o arranjo particular com o qual ele organizará sua existência, sua relação com o mundo e com o gozo. O autor propõe a clínica da adolescência como a clínica do sintoma. Mas se trata de uma resposta individual e como escolha de um sujeito. Na adolescência, há certo despedaçamento do imaginário diante da irrupção do real da puberdade (órgão marcado pelo discurso na ausência de um saber sobre o sexo). Na ausência de um saber, resta a cada um inventar sua própria resposta. Stevens descreve o real da puberdade articulando-o com três definições de real em Lacan: um primeiro conceito de real, articulável na disjunção entre a identificação simbólica e imaginária, disjunção esta acentuada no momento da adolescência em função do despedaçamento da imagem; um segundo conceito de real como aquilo que irrompe, que não tem nome e que vem modificar a imagem, que acontece no tempo do despertar da puberdade; e o real como a não-relação sexual, que faz retorno na puberdade. A adolescência é, pois, a enumeração de uma série de escolhas sintomáticas em relação a esse impossível, que é o real da puberdade.

Diante das exigências que se impõem ao jovem adolescente: passagem do pai à lei social na ampliação do pacto edípico ao pacto social, elaboração do luto dos pais infantis, ressignificação da relação com o corpo, escolha do objeto e da posição sexuais, além da escolha da perversão, a escrita de um diário pode ser um instrumento que possibilita esse trabalho psíquico, ou, a partir das considerações de Stevens (2004), o diário pode ser uma resposta do sujeito, uma escolha sintomática possível ao impossível do encontro com o real, próprio da puberdade.

Mas uma questão que se faz pertinente é compreender por que a prática da escrita do diário é preferencialmente feminina. A psicanálise permite ir além da referência puramente social para explicar a escrita do diário como prática feminina. Para discutir essa questão, apresentaremos, brevemente, o percurso da feminilidade na teoria psicanalítica.

Freud, no terceiro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1974 [1905]), ressalta as transformações fisiológicas que acontecem na puberdade, em função do aparecimento dos caracteres secundários. Para o autor, a singularidade do

desenvolvimento sexual feminino se dá por uma “espécie de involução” dos órgãos sexuais masculinos. Além disso, um novo recalçamento deve incidir sobre a atividade clitoriana, fazendo sucumbir ao recalque uma parte da vida sexual masculina das meninas. A menina, para tornar-se mulher, deve então organizar sua sexualidade em torno da vagina. A essência da feminilidade está relacionada à troca de zona erógena. Nos textos posteriores de Freud sobre a feminilidade, o autor define a feminilidade em termos de maternidade. O menino renuncia ao objeto incestuoso pela ameaça de castração e a menina tem a sua entrada no Édipo em função de uma privação real, a ausência de pênis. Freud estabelece três saídas para a mulher, diante da “inveja do pênis”: renúncia, masculinidade e feminilidade. A feminilidade é alcançada pela aceitação de sua condição de privação e por não buscar autoproporcionar-se o substituto fálico; ela o espera de um homem, especialmente sob a forma de um filho. O desejo do pênis então deve ser substituído pelo desejo de um filho do pai, para que se instaure a feminilidade. Esse é o impasse a que Freud chega com relação à feminilidade, pois ele equivale mulher e mãe, não ultrapassando o complexo de masculinidade.

Inicialmente, Lacan retoma essas hipóteses freudianas, acrescentando, entretanto, que, diferente do menino, a menina, ao passar pela fase fálica da castração, não herda o reconhecimento simbólico do pai, a marca de uma filiação. Assim, esse “prejuízo” se traduzirá por uma demanda eterna de reconhecimento dirigida ao pai. Essa posição estabelece a estrutura histórica, ditada pelo ideal fálico. A falta fálica traduz-se, na histórica, num investimento da imagem corporal, como recurso para o “velamento da falta”. Há um deslocamento do pênis que falta para um investimento em “todo o corpo”. A mulher, na ausência do falo, busca “ser o falo”, como tentativa de uma identificação possível. Na ausência de um traço especificamente feminino, a mulher recorre ao significante viril, só lhe restando a saída via “a mascarada”. Assim, o conceito de mascarada apresenta-se como uma saída à impossibilidade da identificação do feminino no plano do significante pela via da ficção fálica. O lugar do feminino permanece vazio e nele só se encontram máscaras. As máscaras funcionam para velar o nada.

Lacan, no entanto, avança em suas teorizações sobre o feminino, afirmando que a mulher não é a mãe. Para o autor, entre a mãe e a mulher existe um hiato. Um filho pode obturar, em parte, a falta fálica na mulher, “mas não é a causa do desejo feminino que está em jogo no corpo-a-corpo sexual” (SOLER, 2005: 35). Lacan identifica um desejo

bem alheio a qualquer busca do “ter o falo”, e que também não é a aspiração a “ser”. Ele se define como equivalente a uma vontade de gozo. Mas um gozo que não é limitado ao gozo fálico. O gozo fálico é o gozo do Um, localizado, limitado e fora do corpo. É resultado da castração, sendo, pois, aquele que a castração deixa ao ser falante. Ele não se limita ao registro do erotismo, sendo subjacente às conquistas e realizações do sujeito no campo da realidade, constituindo a “substância de todas as satisfações capitalizáveis” (SOLER, 2005: 37). No entanto, o outro gozo é um gozo que não cai sobre a barra do significante, ele é foracluído do simbólico, “fora do inconsciente”. Deste gozo, o inconsciente nada sabe. Ele manifesta-se na experiência, mas não se traduz em termos de saber. Esse é o gozo real. Ele está mais além do falo, é desmedido e o sujeito se vê “ultrapassado por ele”. Esse é o gozo d’A Mulher. Por ser heterogêneo à estrutura da linguagem, esse gozo não é identificatório.

À famosa interrogação de Freud: “Que quer a mulher?”, Lacan responde então: ela quer gozar. Já a histérica, quer um mais-ser. O gozo fálico tem valor identificatório para o homem, por isso eles se vangloriam de seus desempenhos fálicos. Já na mulher, apesar do gozo fálico não lhe ser proibido, sair-se tão bem quanto os homens não faz dela uma mulher. Longe de exhibir seu gozo, o que ela faz é escondê-lo. Daí os seus esforços para se identificar pelo amor. Na impossibilidade de ser “A Mulher”, resta ser “uma mulher”, eleita de um homem. Ela toma emprestado o “um” do Outro para se identificar, para se certificar de que não é uma qualquer, mas uma mulher escolhida. “Assim, é compreensível que as mulheres, históricas ou não, mais que os homens, amem o amor” (SOLER, 2005: 57).

Santiago, em: “Psicose e surto na adolescência: por que os adolescentes surtam tanto?”¹⁷, retomando Freud, destaca que na passagem da infância para a adolescência algo se mantém intransponível, que é a perversão polimorfa. Ela é lançada no momento em que o sujeito deve identificar-se com o ideal de seu sexo. A fantasia é um recurso que o neurótico construiu e deve ajustar quando é chegado o momento do encontro sexual, mas é também um exílio para não ter que se haver com a sexualidade, como o que “faz buraco no real”. Segundo a autora, esse mal-entendido, apesar de estar

¹⁷ SANTIAGO, Ana Lydia. “Psicose e surto na adolescência: por que os adolescentes surtam tanto?” In: GUERRA, Andréa Máris Campoe e LIMA, Nádia Laguárdia de. *A clínica de crianças com transtornos no desenvolvimento*. Uma contribuição no campo da psicanálise e da saúde Mental. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.75-89.

marcado para os dois sexos, apresenta especificidades no homem e na mulher, que não fazem amor na mesma proporção. Enquanto a puberdade masculina se decifra como um sintoma obsessivo, a puberdade na moça responde ao modelo histórico, cujo efeito principal, uma vez passado o estupor e a angústia, é o desgosto da sexualidade. Esse desgosto sanciona a difícil assunção da feminilidade a essa fase de reativação do *penisneid*.

Na adolescência, a passagem do corpo de menina ao corpo de mulher leva ao confronto com a questão: o que quer uma mulher? Na ausência de um significante feminino, a adolescente constrói um semblante, velando a falta fálica. É nesse sentido que podemos situar a escrita de um diário para a menina. O ressentimento pela ausência de um significante feminino e a necessidade de se constituir um artifício fálico para recobrir a falta levam muitos adolescentes a buscar a solução histórica.

A escrita pode apresentar-se nesse momento como alguma coisa que visa à construção de um véu, como um semblante, que recobre o vazio. A tentativa de construção de “um feminino” via um “artifício fálico” supõe o olhar do outro. Nos escritos dos diários íntimos de adolescentes acompanhamos todo um jogo de se mostrar e de se ocultar, na tentativa de elaboração de um íntimo que se subtrai e, ao mesmo tempo, se oferece ao olhar do outro, num convite ao desvelamento. Podemos pensar na irrupção do feminino como algo além do registro fálico, e a histerização como defesa contra esse encontro. Essa solução não é necessariamente da mulher, mas pode ser comum aos dois sexos. Todo adolescente, homem ou mulher, é confrontado com o feminino, no sentido da indeterminação, da impossibilidade de uma representação única para o desejo.

Alguns adolescentes buscam certo isolamento social, um espaço íntimo, para tentar construir uma significação diante desse encontro com o real. Phillippe Lacadée, em *O despertar e o exílio*¹⁸, descreve a busca que alguns adolescentes fazem de um exílio particular. Como o autor observa, o adolescente é aquele que se encontra particularmente confrontado ao mal entendido da linguagem e ao real da sexualidade. A adolescência é um tempo que pode dar ao sujeito o sentimento de uma desconformidade com o simbólico. O adolescente está, em sua vida, em um tempo de corte com o seu meio familiar, “um tempo de separação da criança ideal”, separação que traz a incerteza

¹⁸ LACADÉE, Phillippe. *O despertar e o exílio*. Editions Cecile Defaut, 2007.

identificatória e sofrimentos mais ou menos acentuados, mas traz também pedaços de real que condicionam sua realidade.

Esse corte com o meio familiar aparece na maioria dos diários de adolescentes, como pode ser ilustrado pelo diário de Melissa, por suas críticas aos pais: “O problema é que os meus pais só veem aquilo que eles estão a fim de ver. Quando estão animados, participam das minhas alegrias e se mostram afetuosos e compreensivos. Quando estão tristes, ficam afastados e me evitam como se eu tivesse uma doença contagiosa” (PANARELLO, 2004: 20).

Esse sentimento intenso de uma desconformidade com o simbólico pode conduzir o adolescente, portanto, a um exílio particular. Partindo de seu exílio da infância a este da língua, o adolescente pode experimentar um “desregramento de todos os sentidos”. Segundo Lacadée (2007), o adolescente vive momentos delicados de ruptura, de contradição, onde a infância, adolescência e loucura se aproximam e se margeiam em um fora do discurso que conduz a certas rupturas do laço social, como pode ser observado na escrita de Melissa: “Quando estou em casa, entro na Internet. Procuo, exploro. Busco tudo aquilo que me excita e me faz ficar mal ao mesmo tempo. Busco a excitação que nasce da humilhação. Busco o aniquilamento. Busco os indivíduos mais bizarros, aqueles que enviam fotos sadomasoquistas, aqueles que me tratam como uma verdadeira puta” (PANARELLO, 2004: 75).

Entrei num *chat*, na sala “Sexo perverso”, com o apelido “whore”... Ele logo me contactou, “the carnage”; foi direto, explícito, invasivo, exatamente como eu queria que fosse. – Como você gostaria de ser comida?... E eu respondi: – Com brutalidade, quero ser tratada como um objeto” (PANARELLO, 2004: 79).

A escrita da Melissa é muitas vezes “sem véus”, descoberta, invadida pelo gozo: “Montei em cima dele e deixei que sua haste mirasse bem no centro do meu corpo” (PANARELLO, 2004: 27). “Levantei-me e, chegando perto de sua orelha sussurrei: – Me fode” (p.99).

Ela busca essa mesma liberdade na “carne”, se oferecendo a qualquer um como objeto, mas o que encontra é a angústia e o horror. O encontro com o outro é desconcertante. O

gozo avassalador causa estranhamento e angústia: “Tudo começou como sempre, e acabou da mesma maneira. Eu sou uma estúpida, diário, não deveria ter permitido que ele se aproximasse outra vez” (PANARELLO, 2004: 35).

A fantasia é o recurso utilizado pelo sujeito nesse momento de confronto com o outro sexo, mas ela vacila exatamente diante do gozo que escapa ao falo: o gozo d’A Mulher, um gozo sem sentido e implacável. Ao se oferecer como objeto de gozo para o Outro, Melissa se apavora diante da possibilidade de seu aniquilamento enquanto sujeito: “Embaixo das cobertas, voltei a pensar nas palavras do pintor e depois na manhã anterior, quando perdi aquilo que o velho brasileiro tinha achado de tão especial em mim. Perdi entre uns lençóis frios demais e as mãos de alguém que devorou o próprio coração, que já não bate mais. Morro.” (PANARELLO, 2004: 29).

No encontro com o outro sexo, o sujeito, na posição feminina, se faz de semblante de objeto causa do desejo do Outro. No entanto, o que faz Melissa é encarnar esse objeto. Ela, no jogo sexual, ocupa uma posição de submissão absoluta, como objeto de gozo do Outro. Ao invés de “se fazer” desejar bancando o objeto, ela o encarna. Freud, no texto “Uma criança é espancada” (1974 [1919]), mostra a construção da fantasia de espancamento em três tempos: “O meu pai está batendo na criança”, “estou sendo espancada por meu pai”, “uma criança é espancada”. Comenta que essa fantasia é também uma forma de assegurar o amor do pai, ou seja, “se o meu pai me bate é porque me ama”. Melissa, ao se fazer escrava dos homens, tenta se assegurar do amor deles, e fundamentalmente, tenta resgatar de alguma forma sua alienação ao Outro, buscando anular a perda que se inscreveu com a irrupção do gozo no tempo da adolescência. “Se eu gritar, pensei, ele vai ficar satisfeito, afinal foi o que ele pediu. Vou fazer tudo o que ele me mandar fazer” (PANARELLO, 2004: 46).

Nesse despertar pubertário, surgem pedaços de real que incitam a criação de um lugar e de novos laços. O adolescente tem, entretanto, uma chance de inventar uma resposta para si, capaz de tecer seu trajeto singular. A escrita pode ser uma possibilidade de certo ordenamento desse desregramento. Alguns jovens se aventuram à escritura, como nos seus diários íntimos, pois, segundo Lacadée, alguma coisa se liga a esta questão da escrita, ou seja, a errância é ligada à questão da escritura. O gosto das palavras pode permitir ao adolescente, em sofrimento, agarrar alguma coisa do seu ser. É o que

podemos observar no diário de Melissa: “A solidão talvez esteja me destruindo, mas já não me dá medo. Eu sou a melhor amiga de mim mesma, eu nunca iria me trair, me abandonar” (PANARELLO, 2004: 35).

Comentando sobre os escritos de Rimbaud, Lacadée (2007) observa como o tempo da adolescência pode levar certos sujeitos aos sofrimentos do exílio. Mas ele acredita que Rimbaud soube de modo magnífico elevar a perturbação do comportamento à dignidade de uma pantomina, de um texto que se escreve. A língua que o adolescente procura pode, por um trabalho onde o gosto das palavras é o motor, lhe permitir traduzir esta parte viva em seu texto. Lacadée propõe ao psicanalista saber se aproximar desta língua adolescente, se aproximar desse gosto pelas palavras tão próximas do corpo, para que o despertar não readormeça.

Existe um grande interesse pelas palavras e pela escrita na adolescência. Essa escrita tem uma importante relação com o corpo, já que as palavras estão tão próximas do corpo. A relação entre escrita e corpo foi bastante enunciada na obra de Lacan. No seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan comenta que nosso corpo é mediatizado pelos objetos pulsionais, que são objetos compartilhados com o Outro, como o olhar e a voz. Esses objetos *a* são objetos de circulação que não pertencem exclusivamente ao corpo próprio nem ao corpo do outro: “O objeto *a* é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão” (LACAN, 1993 [1964]: 101). As pulsões fazem um movimento circular, saindo através da borda erógena (orifícios pulsionais) para a ela retornar, depois de contornar o objeto *a*.

Lacan recorre a Freud para afirmar que a sexualidade só se realiza pela operação das pulsões, no que elas são pulsões parciais. Ele descreve a passagem da pulsão oral para a pulsão anal não como um processo de maturação, mas pela intervenção da demanda do Outro. Entretanto, o alvo da pulsão não é outra coisa senão o retorno em circuito: “Nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão se contornando o objeto eternamente faltante” (p.170). Esse circuito pulsional, descrito por Freud, é retomado por Lacan, destacando os seus três tempos. O sujeito da pulsão, que é propriamente o outro, só aparece no fechamento do circuito pulsional, no seu terceiro tempo. O que organiza os orifícios pulsionais é a dialética fálica. No movimento do circuito pulsional,

algo se escreve. Na constituição de um corpo pulsional, há um “escrever” do corpo, marcado pela incidência do Outro.

Em *O seminário 17, O avesso da psicanálise*, Lacan comenta que a linguagem é a condição do inconsciente e que o inconsciente permite situar o desejo (1992 [1969-70]: 43). No entanto, a repetição significativa visa ao gozo, ela se funda em um retorno do gozo. Na própria repetição, no entanto, há perda de gozo. Lacan situa a origem do saber na repetição, sob a forma do traço unário. O significante se introduz como aparelho de gozo. Há uma equivalência entre o gesto que marca, e o corpo, que é objeto de gozo do Outro. Desta maneira se dá uma das vias de entrada do Outro em seu mundo. O autor ainda observa que a imagem especular do eu é sustentada do interior pelo objeto perdido que ela apenas veste, por onde o gozo se introduz. Assim, o saber, originado no traço unário que funda o gozo e introduz a repetição significativa, como retorno do gozo, mostra a sua equivalência com o gozo do Outro. O saber é equivalente ao gozo do Outro.

Uma série de objetos vem preencher essa hiância que se produz na perda de gozo da repetição significativa (objetos *a*: oral, anal, escópico, vocal). É com o saber como meio de gozo que se produz o trabalho que tem um sentido obscuro, que é a verdade. A verdade é a impotência, pois ela só poderia ser enunciada por um semidizer. Lacan, então, mostra a lógica do funcionamento dos discursos, que estruturam o laço social, discussão que será feita adiante. Apoiando-nos nesses recortes do *seminário 17* de Lacan, buscamos evidenciar a relação entre a escrita e o corpo. O gesto que marca o corpo introduz nele o gozo. A imagem especular do eu é sustentada pelo objeto perdido, ao mesmo tempo que o vela, por onde o gozo se introduz. A repetição significativa, ou a busca pelo saber, visa ao gozo e, paradoxalmente, leva à perda de gozo. O gozo, resíduo da operação significativa, é, no entanto, aquilo que põe o sujeito em marcha.

Em *O seminário Mais ainda*, Lacan (1985 [1972-73]) observa que falamos com o nosso corpo. Ao falarmos, aquilo que está em jogo nas pulsões encontra um escoamento. Mas, para além do entendimento das palavras, para além do sentido, está presente a escrita, a dimensão da língua. Assim, Lacan postula que as palavras funcionam como escoamento

das pulsões, como forma simbólica de apreensão do real, e destaca que, para além da dimensão do sentido, está a dimensão da língua¹⁹.

Na relação da escrita com o corpo na adolescência, existe uma dimensão pública e outra privada. Ana Costa, em *A transicionalidade na adolescência*²⁰, ressalta duas formas de escrita e de marca corporal que a escrita coloca em causa. A primeira é o caráter coletivo da escrita, que implica todos e cada um, inclusive corporalmente, na condição de circular socialmente. A condição de coletivizar o corpo é de que ele constitua algo que se inscreva no olhar do Outro. Um exemplo é a tatuagem, uma escrita no corpo. A marca corporal constitui algo que faz circular o olhar pelo corpo. A autora descreve uma outra face da escrita, que se apresenta através do seu caráter privado, como o diário adolescente. Esse tipo de escrita diz respeito a uma necessidade que está colocada na relação com um resto, como uma impossibilidade de universalizar, de tornar o corpo completamente coletivizável, de sublimar completamente o que fica como resto da operação de representação do corpo.

A escrita “transporta detritos”. Os detritos são restos de uma operação de separação nunca concluída, restos não assimiláveis, que escapam nesses objetos pulsionais que nos ligam ao Outro. No ato de escrever, o sujeito transporta esses restos, buscando dar conta de algo não “registrado” do lado do autor, um resto inassimilável pelo simbólico. Esse resto, expresso nos diários, implica a necessidade de ter, de alguma maneira, o suporte da letra. Quando só se escreve na condição de não se mostrar, segundo Costa (2004), esta condição implica um resto ligado ao funcionamento do olhar, que somente funciona a partir de algo velado. Em concordância com a autora, podemos localizar na escrita de um diário a tentativa do sujeito de dar conta desse excesso não assimilável pelo simbólico, a tentativa de transportar pela via da escrita uma dimensão que não é totalmente coletivizável, de um resto que deve se subtrair ao olhar do Outro.

¹⁹ A referência feita à língua (*alíngua*) diz respeito à *lalangue* que Lacan desenvolve no *Seminário 20, Mais ainda*. Lacan opõe a língua à linguagem, quando esta se põe a serviço da comunicação. *Lalangue* refere-se à relação do sujeito com a língua para além do plano comunicacional, sua relação com o gozo. Mas existe uma relação da linguagem com *alíngua*. Lacan afirma que a linguagem é feita de *alíngua*. É uma elucubração de saber sobre *alíngua*. No entanto, esse “saber fazer” com *alíngua* ultrapassa os limites da linguagem. Essa discussão será feita no último capítulo.

²⁰ COSTA, Ana. “A transicionalidade na adolescência”. In: COSTA, Ana (Org.) *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004 (p.165-193).

Este resto como o impossível de sublimar, resto da operação de representação do corpo, é também o resto que o espelho não recobre, o estranho, como ilustra Melissa:

“Onde foi parar você, a Narcisa que se amava tanto e tanto sorria, tanto queria dar e mais ainda receber? Onde acabaram seus sonhos, suas esperanças, suas loucuras, loucuras de vida, loucuras de morte? Onde está você, imagem refletida no espelho, onde posso te procurar, te encontrar, como te segurar?” (PANARELLO, 2004: 126).

A experiência do duplo, do estranho, é frequente na escrita de Melissa: “Não, aquela não era eu. Era a outra, a que não se ama, deixando-se roçar por mãos ávidas e desconhecidas...” (PANARELLO, 2004: 58).

Para Costa (2004), o diário íntimo pode ser pensado como semelhante a um objeto transicional, que vai permitir uma contenção e uma reconstituição do campo do Outro, viabilizando relações com os semelhantes. Nesse momento de passagem, de reconstrução do corpo, o jovem precisa de outro suporte para “o olhar” e os diários são suportes para uma circulação, que dependem de um registro fálico, uma representação do corpo que seja em comum com outros. O diário, como evento transicional, é um *a priori* para a construção desse registro, sendo mais da ordem do privado que do grupal. No campo do privado, o sujeito faz do objeto um suporte da falha no espelho. Segundo a autora, essa construção do amigo imaginário é algo do próprio corpo que se cola no objeto, mas, ao mesmo tempo, ele não é só objeto nem só corpo, é também palavra.

Assim, a escrita na adolescência vai ocupar o campo da transicionalidade, como um elemento terceiro que é ao mesmo tempo incluído e excluído do campo representacional. Ela destaca também o caráter de endereçamento da escrita, que leva à construção de dois lugares: o do sujeito e o do Outro. A autora distingue a escrita de um diário íntimo, como construção de um espaço privado, da escrita para outros. No campo da transicionalidade, a escrita ainda não é para outros, ela está construindo os lugares. Escrever para outros significa perder. Portanto, a escrita, quando sai do campo transicional e passa à cultura, mostra a possibilidade de produzir algo que seja interpretante do contexto, que tenha a ver com o “espírito do tempo”, que diga respeito ao laço social, para onde essa escrita se dirige. Há então a saída do suporte estrito ao eu para que seja também uma produção cultural, uma passagem do privado ao público, da

dimensão do segredo para a dimensão da circulação social, podendo ser interpretante de um sujeito.

De fato, podemos diferenciar a escrita “para si” da escrita “para um outro”. Na escrita de um diário íntimo, há a construção de um espaço íntimo, privado. Essa escrita, ao ser lançada no espaço público, faz laço social. Nesse sentido, podemos diferenciar o diário íntimo do blog, que é uma escrita para os outros. Mas, a partir das considerações que fizemos, sabemos da ambiguidade existente entre as dimensões pública e privada. O diário íntimo comporta uma dimensão pública e veremos como o blog comporta também uma dimensão privada.

Ao terminar o seu diário, Melissa mostra ter feito parte de seu percurso. Ela continua a realizar a sua travessia para chegar do outro lado do túnel. A escrita tornou possível a reconstrução de um véu fálico, “a ilusão do amor”, a fantasia que encobre o traumático do sexual:

Concluí minha viagem dentro do bosque, consegui escapar da torre do orco, das garras do anjo tentador e de seus diabos, fugi do monstro andrógino. E acabei no castelo do príncipe árabe, que esperou por mim sentado em almofadas macias e aveludadas. Me fez despir as minhas vestes gastas e me deu roupas de princesa. Chamou as criadas e mandou que me penteassem, depois beijou-me na testa e disse que ia me olhar enquanto eu dormia. Depois, uma noite, fizemos amor, e quando voltei para casa vi meus cabelos ainda brilhantes e a maquiagem intacta. Uma princesa, como minha mãe sempre disse, tão linda que até os sonhos querem roubá-la (PANARELLO, 2004: 157).

Através da escrita de seu diário, Melissa constrói o seu romance particular, tecendo um fio que reconstitui o manto imaginário que se desfez diante do encontro com o real do sexo. Diante da ausência de um significante feminino, surge a necessidade de se constituir um véu fálico, substitutivo da falta. Ao construir o seu mito particular, ela passa a se reconhecer nessa história, que, ao final, termina como os contos de fadas, ao se re-encontrar no traço identificatório que fisionomizou do Outro: a princesa, que escova 100 vezes os seus cabelos antes de ir para a cama. Uma princesa, como sua mãe a chamava. Mas não mais a “princesa da mãe”, e sim alguém que encontra um príncipe, que a “reveste” de princesa e que a ama. Nesse novo encontro, ela não mais “encarna” o objeto sexual, mas se faz de semblante de objeto causa do desejo do Outro. De uma prática sexual “sem restrições”, ao início da arte do velamento, via de acesso à feminilidade.

Este trabalho foi possível através da escrita. A escrita possibilitou a Melissa um suporte simbólico para “dizer” desse encontro com o real do sexo. Melissa resolve publicar o seu diário, coletivizá-lo, fazê-lo circular socialmente, marcando a saída do suporte estrito ao eu para uma produção cultural, fazendo uma passagem do privado ao público, da dimensão do segredo para a dimensão da circulação social. Podemos considerar essa escrita do diário como um sintoma²¹ para Melissa, pois foi uma solução encontrada por ela diante do confronto com o real do sexo.

Veremos adiante as aproximações que podemos fazer entre o diário íntimo e o romance. Essa reflexão é importante para a discussão da nossa hipótese de que a escrita de um diário pode ser equivalente à escrita de um romance familiar, nesse tempo do despertar da puberdade.

²¹ A discussão sobre o sintoma é feita no último capítulo.

CAPÍTULO 2: O DIÁRIO ÍNTIMO COMO UM ROMANCE

Escrevendo, eu existia, escapava aos adultos: mas eu só existia para escrever, e se dizia eu, isso significava: eu que escrevo (SARTRE, 2005: 103).

2.1. O romance e o diário: aproximações

Nossa hipótese consiste em considerar o diário íntimo como um romance. Não é de nosso interesse aprofundar na teorização do romance, apenas destacar alguns de seus aspectos, que nos parecem relevantes para a nossa hipótese. Para essa discussão, utilizamos como referência os autores: Bakhtin, Benjamin, Robert, Corbin e Barthes. O fio condutor desta leitura selecionará três aspectos do romance: sua origem, classificação e caracterização, buscando, nesses três aspectos, fazer uma aproximação entre o diário e o romance. Os autores escolhidos não apresentam um consenso com relação a todos os aspectos abordados. No entanto, ao apresentarmos as diferentes posições, tentaremos situar-nos em relação a elas, dentro do objetivo proposto.

2.1.1. Origem, classificação e caracterização do romance

O nascimento do diário íntimo é contemporâneo ao surgimento do romance como gênero. O romance, da forma como o conhecemos hoje, nasce no século XIX, mas sua origem está na antiguidade grega, como nos mostra Bakhtin (2002). O autor destaca que o Classicismo dos séculos XVII e XVIII não considerava o romance como um gênero poético independente, e o relacionava aos gêneros retóricos mistos (p.363). Na segunda metade do século XIX surge um vivo interesse pela teoria do romance como gênero predominante da Europa. O autor destaca que o estudo do romance enquanto gênero caracteriza-se por dificuldades particulares, condicionadas pela singularidade do próprio objeto, já que o romance para Bakhtin é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado. O autor considera ainda que o romance, por ser o único gênero em evolução, reflete mais profundamente a evolução da própria realidade. “O romance tornou-se o principal personagem do drama da evolução literária da era moderna precisamente porque, melhor que todos, é ele que expressa as tendências evolutivas do nosso mundo...” (BAKHTIN, 2002: 400). Tornando-se o “senhor da modernidade”, segundo o autor, o romance contaminou todos os outros gêneros.

As particularidades do romance apresentam, para Bakhtin, uma relação importante com uma determinada crise na história da sociedade europeia: sua saída das condições de um estado socialmente fechado, surdo e semipatriarcal, em direção às novas condições de relações internacionais e de ligações interlinguísticas. Essas características vão estar presentes no romance.

Para Benjamin¹, o surgimento do romance remonta à Antiguidade, mas ele precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento. Benjamin considera que o surgimento do romance no início do período moderno é um indício da morte da narrativa. Para esse autor, o que separa o romance da narrativa é a sua vinculação ao livro. A tradição oral, patrimônio da poesia épica, tem uma natureza profundamente distinta do romance. O romance não procede da transmissão oral nem a alimenta e só é possível com a invenção da imprensa. Enquanto o narrador retira da experiência o que ele conta e incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes, o romancista segrega-se. “A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (BENJAMIN, 1994: 201). O autor considera que o romancista se separou do povo e do que ele faz. A matriz do romance é o homem em sua solidão e “escrever um romance significa descrever a existência humana, levando o incomensurável ao paroxismo” (BENJAMIN, 1994: 54).

Assim, nas diferentes referências que se fazem ao romance, considera-se que ele, enquanto gênero, nasce na modernidade. Para Benjamin, o romance, que está vinculado à escrita, se diferencia de outras formas de prosa, como os contos de fadas, as sagas, os provérbios, as farsas e, em especial, as narrativas, que provêm da tradição oral. A narrativa, no sentido empregado por Benjamin, portanto, refere-se à narrativa oral. Consideraremos, na aproximação que estamos fazendo entre o romance e o diário, o romance como uma história narrada.

O que nos parece relevante destacar é que o diário, assim como o romance, é uma herança burguesa. Um dos principais fatores que contribuíram para o crescimento do

¹ BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras Escolhidas, vol. 1), p.197- 221.

individualismo foi a ascensão do amor romântico, quando começou a construção da subjetividade burguesa, com uma intimidade que era intermediada pela escrita. O crescente interesse da classe burguesa pela arte de ouvir música e poesia levou a um aumento considerável da produção escrita e as ideias românticas sobre o amor tinham um público numeroso. Segundo Corbin (2003), o amor romântico modifica o ordenamento da confissão, aumenta as reações devidas à vergonha e estabelece novos procedimentos de deliberação. A palavra que poderia ser escandalosa é substituída pelo olhar, o sorriso, o toque; surgem a perturbação, o rubor e o silêncio. Para Corbin, depois de 1850, o modelo do amor romântico declina.

O estudo das experiências vividas impõe-se como uma tarefa fundamental dos historiadores. Segundo Corbin (2003), o estudo das correspondências íntimas do início do século XIX revela a violência da linguagem da paixão, logo após a Revolução. O amor violento e os ciúmes doentios aproximam o amor da morte. A psicanálise floresce nesse contexto, no jardim das *Flores do mal* (Baudelaire), quando há um crescimento do tema da “felicidade do mal” (MILLER, 1997). Mas, ao mesmo tempo, prolifera a linguagem angélica; a metáfora religiosa toma conta do discurso e o amante é uma criatura celeste. A partir de 1850, encontra-se a mesma linguagem na pequena burguesia. A linguagem forte da paixão e a linguagem angélica estão presentes também nos textos dos diários íntimos que se proliferam no século XIX.

No final do século XVIII e no início do século XIX, a busca pela particularidade de cada experiência individual promoveu a ascensão de uma literatura cujas formas subjetivas ganharam maior visibilidade, surgindo um conjunto difuso de gêneros conhecidos como “narrativas do eu”. Foi nesse contexto histórico que Goethe publicou seu romance: *Os sofrimentos do jovem Werther*, que utilizava o formato epistolar (como cartas) para narrar uma dramática história de amor que terminava com o suicídio de um personagem. O livro teve grande repercussão e sucesso, provocando um efeito inesperado, a identificação tão forte dos leitores com os personagens que uma onda de suicídios por amores não correspondidos sacudiu a Europa. Foi em função desse fenômeno que passou a se dizer que Goethe ensinou seus contemporâneos a se apaixonar, seguindo a escola do movimento romântico. Outro romance que obteve repercussão semelhante nesta época foi *A nova Heloísa*, de Rousseau. Diversos romances que exploravam essa vertente “sentimentalista” tiveram enorme sucesso.

O Romantismo no século XIX influenciou, portanto, todas as práticas de escrita pessoal. Para Barthes (2004), o romance e a história tiveram relações muito estreitas no século XIX. A sua ligação profunda, segundo o autor, “está na construção de um universo autárquico, a fabricar as suas próprias dimensões e limites, a dispor o seu tempo e espaço, sua população, sua coleção de objetos e seus mitos” (BARTHES, 2004: 26). O romance, assim como a história, organizam o universo, delimitando-o, dispoendo seus objetos e pessoas, construindo seus mitos e dispoendo-os no tempo e no espaço.

Roland Barthes, em *O grau zero da escrita* (2004), observa que o romance “é uma mentira manifesta: traça o campo de uma verossimilhança que desvendaria o possível no tempo mesmo em que ela o designaria como falso” (BARTHES, 2004: 29). A finalidade comum do romance e da história narrada é alienar os fatos, segundo o autor. É a tentativa de posse da sociedade sobre o seu passado e o seu possível. Barthes relaciona esse ato com certa mitologia do universal, própria à sociedade burguesa, de que o romance é um produto caracterizado: “dar ao imaginário a caução formal do real, mas deixar a esse signo a ambiguidade de um objeto duplo, ao mesmo tempo verossímil e falso” (2004, p.30). Essa ambiguidade está presente em toda a arte ocidental, segundo o autor, para a qual o falso se iguala ao verdadeiro. O verdadeiro é sentido como contendo uma universalidade. A burguesia, conforme observa Barthes, considerou os seus próprios valores como universais. É esse o mecanismo do mito o que o aproxima do romance.

Existem diferentes classificações do romance. Bakhtin (2003) apresenta a seguinte classificação, segundo o princípio de construção da imagem da personagem central: o romance de viagens, o romance de provação, o romance biográfico e o romance de educação (formação). O romance que tem início no século XIX é romance de formação. Faremos uma breve exposição dos diferentes tipos de romance segundo essa classificação do autor, para depois apresentarmos a nossa hipótese.

No romance de viagens a personagem é um ponto que se movimenta no espaço e não se encontra no centro da atenção artística do romancista. Seu movimento no espaço são as viagens que permitem ao artista desenvolver e mostrar a diversidade espacial e socioestática do mundo. O romance de viagens tem como característica uma concepção

puramente espacial e estática da diversidade do mundo. O tempo nesses romances carece de um sentido substancial e de colorido histórico. O tempo biológico do personagem está ausente ou marcado em termos puramente formais e é ressaltado apenas o tempo de aventura. A imagem do homem, mal traçada, é absolutamente estática. Presente em solo antigo, ele pode ser exemplificado pelo romance picaresco europeu: *Lazarillo de Tormes*.

O romance de provação é construído como uma série de provações das personagens centrais, de provações de sua fidelidade, de bravura, de coragem, de virtude, de nobreza, de santidade etc. Trata-se da forma mais difundida de romance da literatura europeia. O mundo do romance é a arena de luta e provação da personagem. Todas as suas qualidades são dadas desde o início, e ao longo de todo o romance apenas são verificadas e experimentadas. Segundo Bakhtin (2003), o romance de provação surge também em solo antigo, sendo representado tanto pelo romance grego quanto no início do Cristianismo.

O romance biográfico é também de origem antiga, segundo Bakhtin (2003). Ele pode ser encontrado nas biografias antigas, autobiografias e confissões do período inicial do Cristianismo (terminando em Agostinho). Para ele, o romance biográfico nunca existiu de forma pura. A forma biográfica apresenta as seguintes modalidades: a velha forma ingênua do êxito-fracasso, os trabalhos e as obras, a forma confessional (biografia), a forma hagiográfica e o romance biográfico familiar, a forma mais importante. Todas essas formas apresentam características comuns, como: 1- O enredo de forma biográfica; 2- Apesar das modificações da vida da personagem, a sua própria imagem continua essencialmente inalterada. A única mudança substancial da personagem é constituída pela crise e pelo renascimento da personagem. A concepção de vida que embasa a obra é determinada pelos seus resultados objetivos; 3- O tempo biográfico é plenamente real, todos os seus momentos estão vinculados ao conjunto do processo vital, caracterizam esse processo como limitado, singular e irreversível; 4- Os contatos e vínculos da personagem com o mundo já não se organizam como encontros fortuitos e inesperados. Há uma representação realista mais profunda da realidade; 5- A construção da imagem do personagem sofre profundas alterações. A heroificação desaparece quase inteiramente. O herói se caracteriza tanto por traços positivos quanto negativos.

Esses são os princípios fundamentais de informação das personagens no romance, que se constituíram e existiram até a segunda metade do século XVIII, preparando o terreno para o romance de educação. O romance de educação surge na Alemanha na segunda metade do século XVIII, segundo Bakhtin (2003).

O romance de educação inclui alguns protótipos básicos dessa modalidade de gênero, tais como *Ciropédia*, de Xenofonte (Antiguidade), *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach (Idade Média), *Gargântua e Pantagruel*, de Rabelais (Renascimento), *Emílio*, de Rousseau, *Infância, adolescência e juventude* de Tolstói, *Os Buddenbrooks*, de Thomas Mann, entre outros (BAKHTIN, 2003: 218).

Os romances de educação constituem um grupo bem heterogêneo, tanto do ponto de vista teórico quanto histórico. Alguns são de natureza biográfica e autobiográfica, outros não; alguns têm como princípio de organização a ideia puramente pedagógica de educação do homem, outros não apresentam essa concepção; alguns apresentam um plano rigorosamente cronológico de desenvolvimento do personagem central e carecem de enredo, outros têm um complexo enredo aventureiro e são ainda mais substanciais as diferenças no que diz respeito à relação desses romances com o realismo, mais particularmente com o tempo histórico real.

Bakhtin (2003) destaca, nos romances, o elemento de formação substancial do homem. Ele comenta que, na grande maioria dos romances, a personagem é uma grandeza constante. Apesar de todas as diferenças possíveis de construção na própria imagem da personagem, não há movimento, não há formação. A personagem é um ponto imóvel e fixo em torno do qual se realiza qualquer movimento no romance. A permanência e a imobilidade interna da personagem são a premissa do movimento do romance. O movimento do destino e da vida dessa personagem pronta é o que constitui o enredo do romance, seu conteúdo. Mas o caráter do homem, imutável, não se torna enredo.

Mas existe um outro tipo de romance, bem mais raro, que, em contraposição à unidade estatística, apresenta uma unidade dinâmica da imagem da personagem. O próprio herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável na fórmula desse romance. As mudanças sofridas pelo herói ganham significado de enredo e em face disso reassimila-se e reconstrói-se todo o enredo do romance. Segundo Bakhtin (2003), nesses romances, o

tempo se interioriza no homem, passa a integrar a sua própria imagem, modificando o significado de todos os momentos do seu destino e da sua vida. Bakhtin designa esse romance como *romance de formação do homem*.

O romance de formação é o que buscamos destacar. Dependendo do grau de assimilação do tempo histórico real, a formação do homem pode ser muito variada. Bakhtin (2003) diferencia cinco tipos de romance de formação. O primeiro tipo diz respeito aos tempos cíclicos, podendo mostrar a trajetória do homem entre a infância e a mocidade e entre a maturidade e a velhice, mostrando as mudanças substanciais no caráter e na visão de mundo do homem. Essa série de desenvolvimento do homem é de natureza cíclica, repetindo-se em cada vida.

Um segundo tipo de romance de formação é também de formação cíclica, mantém também sua ligação com as idades e desenha uma trajetória recidiva de formação do homem, partindo do idealismo juvenil, por exemplo, até a sobriedade madura. Esse tipo de romance tem como característica fundamental a representação do mundo e da vida como experiência, como escola. Todo indivíduo deve passar e levar dessa experiência o mesmo resultado.

O terceiro tipo de romance de formação é o tipo biográfico e autobiográfico. Aqui não existe o tempo cíclico, mas o tempo biográfico. O indivíduo passa por etapas individuais, singulares. A formação é o resultado de todo um conjunto das mudanças nas condições de vida, de acontecimentos e de trabalho. “Cria-se o destino do homem, cria-se com ele o próprio homem, o seu caráter. A formação da vida-destino se funde com a formação do próprio homem” (BAKHTIN, 2003: 221).

O quarto tipo é o romance didático-pedagógico. Ele se baseia em uma determinada ideia pedagógica, ou seja, ele representa o processo pedagógico da educação no próprio sentido do termo, como *Emílio*, de Rousseau.

No quinto tipo de romance de formação, a formação do homem não é um assunto particular. O homem se forma concomitantemente com o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo. Trata-se da formação do novo homem. A imagem do homem em formação começa a superar seu caráter privado e desemboca em outra esfera.

Esse é o romance realista. Esse romance tem uma relação próxima com o romance biográfico de formação.

No nosso entender, a partir dessa classificação de Bakhtin, é possível fazer uma aproximação entre o romance de formação, em especial o terceiro tipo, e o diário. Nos relatos dos diários, o indivíduo passa por etapas singulares, experiências individuais. Junto com as mudanças que seu autor relata nas condições de vida e nos acontecimentos diários, acompanham-se as transformações subjetivas, “a formação da vida e do destino” se misturam com a formação do próprio homem. O próprio autor e seu caráter se tornam uma grandeza variável durante a escrita do diário. As mudanças sofridas pelo “herói” (autor e protagonista da própria história) ganham significado de enredo e em face disso reassimila-se e reconstrói-se todo o enredo do romance. O tempo se interioriza no homem, passa a integrar a sua própria imagem, modificando o significado de todos os momentos do seu destino e da sua vida. Diferentemente dos outros tipos de romance, aqui o sujeito é constituído pela escrita de sua história, transformando-se continuamente.

Alguns autores destacam no romance a sua abrangência e a sua liberdade expressiva. Para Robert (2007), o romance é um gênero revolucionário e burguês, que do ponto de vista literário apropria-se de todas as formas de expressão: utiliza a descrição, a narrativa, o drama, o ensaio, o comentário, o monólogo, o discurso, sendo sucessiva ou simultaneamente fábula, história, apólogo, idílio, crônica, conto, epopeia, com liberdade para a escolha do tema, do cenário, do tempo e do espaço.

Essa abrangência do romance e a sua liberdade expressiva permitem aproximá-lo do diário. O texto do diário pode incluir: poesias, letras de música, descrição de fatos, narrativas, comentários soltos, além de colagens de fotos, desenhos, entre outros. No entanto, na escrita de um diário há um predomínio da narrativa. O diarista narra os acontecimentos de sua vida, além de incluir pensamentos, sonhos e lembranças. Essa narrativa segue uma ordem sucessiva e temporal, compondo uma história. Um relato de um dia não necessariamente leva a uma continuidade no dia seguinte, mas existe uma ordem e uma coerência nessa sequência. O diarista busca a “compreensão do leitor”, que, no caso, é o próprio diário, que funciona como um outro. Ele se preocupa em ser coerente, em se fazer compreender, em relacionar os fatos narrados, em oferecer

explicações para o “diário”. É comum o autor de um diário escrever: “Você não deve estar entendendo nada, vou explicar melhor...”; “Vou te colocar a par dos últimos acontecimentos” etc. Uma outra diferenciação que pode ser feita é com relação ao tempo. Não existe essa liberdade de escolha do tempo nos diários. O diário é uma escrita do tempo presente, a narrativa é datada.

Assim como as trocas epistolares, os diários íntimos se constituíram como uma atividade burguesa por excelência, tendo grande expansão no século XIX. A linguagem dos diários aproximava-se da linguagem dos romances, em especial, dos romances psicológicos, que utilizavam não só a forma epistolar como a forma da confissão íntima, construindo uma maior aproximação entre a ficção e a realidade. Diversos personagens de romances se destacavam das páginas dos livros para transformarem-se em modelos de identificação. As novas subjetividades eram influenciadas pelas referências identificatórias ofertadas pelos romances e relatos autobiográficos modernos.

Mas é importante salientar que, ao lado do romance sentimentalista, desenvolve-se um outro tipo de romance. Diferenciando-se desse movimento “extrínseco” e do seu caráter marcadamente idealista e sentimentalista, alguns românticos alemães (Novalis, August e Friedrich Schlegel) configuraram um outro movimento “intrínseco” do romance moderno. Esse movimento é marcado pelo privilégio da consciência poética em detrimento da espontaneidade e da inspiração, na leitura das questões do sujeito poético e da representação, de acordo com Maciel².

Essa modalidade de romantismo introduziu a ironia como método, marcando uma distância crítica entre o poeta e a sua obra. Assim, há um descentramento do sujeito poético, contribuindo para a construção do espaço poético da modernidade, “a linguagem e os seus mecanismos converteu-se no cerne da experiência poética, a poesia foi submetida a um processo de desreferenciação e assumiu a tarefa de se autodizer” (MACIEL, 1999: 22).

Uma outra diferenciação que pode ser feita é entre o romance clássico e o romance contemporâneo. No romance clássico (a literatura da interioridade se inscreve muitas

² MACIEL, Maria Esther. *Vôo transversal*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

vezes nessa perspectiva), há um relato linear, que postula um sentido na existência narrada. Nessa modalidade de romance, observa-se a tentativa de extrair uma lógica retrospectiva e prospectiva, estabelecendo relações inteligíveis entre os estados sucessivos.

Essa modalidade de romance, que pode ser nomeada como “romance clássico” ou “sentimentalista”, é a que buscamos aproximar dos diários íntimos. Ressaltamos, na escrita dos diários íntimos nos séculos XVIII, XIX e XX, essa busca por um sentido na existência narrada, a tentativa de extração de uma lógica retrospectiva e prospectiva, por meio de certa ordenação e busca de coerência entre os estados sucessivos.

Já o romance contemporâneo é descrito por Bourdieu em *A ilusão biográfica* (2005). Para o autor, o romance “moderno” (ou contemporâneo) é aquele que apresenta uma dupla ruptura na visão da vida como existência dotada de sentido: tanto da significação quanto da direção. Assim, o advento do romance moderno, que podemos identificar com o contemporâneo, está ligado a essa descoberta: “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório” (BOURDIEU, 2005: 185). Esse novo modo de expressão literária, como adverte o autor, faz surgir o arbitrário, que rompe com a representação tradicional do romance como história coerente e totalizante.

Nossa hipótese consiste em aproximar essa modalidade literária, nomeada como “romance contemporâneo” ou “romance moderno” da escrita dos blogs. O texto virtual ilustra de forma magistral essa emergência de elementos justapostos, sem uma ordem, todos únicos e imprevistos, aleatórios, que apontam para uma lógica não coerente e totalizante. Essa perspectiva não linear, da lógica da multiplicidade e da espacialidade, marcada pelo império dos semblantes, é ilustrada pelos blogs, discussão que será feita adiante.

Alguns autores ressaltam que o romance é a forma literária mais próxima da realidade. O romance mantém relações mais estreitas com a realidade que qualquer outra forma de arte, podendo representá-la de forma mais fiel ou falseá-la, deformá-la ou conservá-la (ROBERT, 2007).

Essa proximidade da realidade não é também a característica do diário? Para a psicanálise, a realidade é sempre fantasmática, assim, qualquer narrativa implica a dimensão da fantasia. Se o romance é livre, aberto a todos os possíveis, de certa forma, indefinido, essa mesma liberdade não existiria no diário? Segundo Robert (2007) a razão principal da grande expansão do romance nas sociedades modernas é a sua liberdade. Veremos como alguns autores diferenciam a autobiografia do romance exatamente pela liberdade de expressão. Segundo esses autores, a autobiografia é menos livre, pois ela pretende oferecer a “realidade dos fatos”, enquanto o romance não tem esse compromisso. Discutiremos isso adiante. Robert acrescenta que a ilusão realista talvez seja o recurso romanesco mais frequentemente escolhido, apesar do romance ter justamente a particularidade de não comportar nenhuma obrigação definida. Ora, o que seria essa ilusão realista? Não poderíamos pensar que toda realidade é uma ilusão?

Para Robert (2007), “*Dom Quixote* é provavelmente o primeiro romance moderno, se entendermos por modernidade o movimento de uma literatura que, perpetuamente em busca de si mesma, se interroga, se questiona, fazendo de suas dúvidas e sua fé a respeito da própria mensagem o tema de seus relatos” (p.11). A autora acrescenta que *Robinson Crusoe* pode ser considerado moderno, sobretudo na medida em que reflete com bastante clareza as tendências da classe burguesa e mercantil oriunda da Revolução Inglesa. O romance é um gênero burguês que, antes de se tornar universal, começou como especificamente inglês, segundo a autora. Ainda segundo Robert (2007), a *Enciclopédia britânica* expõe que a palavra “romance” é simplesmente consagrada pelo uso, nada dizendo da regularidade de seu objeto.

O romance pode ser escrito na primeira ou na terceira pessoas, segundo Barthes (2004). Ele considera que a terceira pessoa fornece aos leitores de romances a segurança de uma fabulação credível e, no entanto, manifestada como falsa. Já o “eu” é menos ambíguo e por isso mesmo menos romanesco, segundo o autor. É a solução mais imediata, quando a narrativa fica aquém da convenção (obra de Proust) e a mais elaborada, quando o “eu” se coloca além da convenção e tenta destruí-la devolvendo a narrativa à falsa naturalidade de uma confidência (algumas narrativas gidianas).

Para Barthes (2004), considera-se que o “ele” seja uma vitória sobre o “eu”, como um ato de fidelidade à essência da linguagem, na medida em que realiza um estado mais

literário e mais ausente. Essa convenção literária do “ele” leva ao apequenamento da pessoa, mas corre o risco de entulhá-la com uma espessura inesperada. “A Literatura é como um fósforo: brilha mais no momento em que tenta morrer” (BARTHES, 2004: 34). A terceira pessoa do romance ilustra a tragicidade da escrita, quando, sob o peso da história, a literatura se viu desligada da sociedade que a consome.

Mas esse caráter destrutivo e ressurreicional do romance é considerado por Barthes como próprio de toda arte moderna. Busca-se destruir a duração infável da existência através da ordem. Se o romance é uma morte, é a sociedade que a impõe: “...a escrita, livre em seus começos, é finalmente o liame que acorrenta o escritor a uma História, ela própria acorrentada: a sociedade o marca com os sinais bem claros da arte a fim de arrastar seguramente sua alienação” (BARTHES, 2004: 36).

Essa perspectiva do romance como morte é importante para a discussão do diário como “escrita de si”. O romance tenta destruir a duração infável da existência através da ordem, ao fazer desaparecer o “eu” elegendo o “ele”, mais impessoal e mais literário. Há, portanto, uma supremacia da História sobre a história individual. Barthes, entretanto, mostra toda a ambiguidade presente nos gêneros romanescos, mesmo aqueles que utilizam a “terceira pessoa”. A terceira pessoa pode manter a existência tomando parte o mínimo possível, em benefício de uma “tragicidade das relações humanas”, mas, por outro lado, a função do “ele” romanesco pode ser a de exprimir uma experiência existencial. Barthes (2004) ilustra como em muitos romancistas modernos a história do homem se confunde com o trajeto da conjugação. O autor parte de um “eu” e conquista pouco a pouco o direito à terceira pessoa, à medida que a existência se torna destino, e o solilóquio, romance.

Podemos aproximar o romance escrito na primeira pessoa do diário. O diário, um texto escrito na primeira pessoa, é considerado menos literário e mais pessoal. Nesse texto, o “eu” se sobrepõe à história. A história é individual, e a escrita aqui envolve o relato de uma experiência existencial, uma narrativa de si. Veremos adiante como em um blog escrito por um adolescente podemos acompanhar em seus textos a passagem da primeira para a terceira pessoa.

Alguns críticos negam a existência de algo como um gênero romanesco, ou afirmam que “o romance é demasiado vasto, variado, amorfo para ser considerado um gênero ou uma espécie literária” (ROBERT, 2007: 21). Segundo a autora, a verdade do romance não reside em outra coisa senão em um aumento de seu poder de ilusão. O romance se distingue de todos os outros gêneros literários por sua aptidão, não para recriar a realidade, mas para subverter a vida, para lhe recriar novas condições e redistribuir seus elementos.

Existem diferentes classificações do romance. Como afirma Robert (2007), ele pode ser classificado de acordo com temas, como sugere Thibaudet (doméstico, aventura, intelectual, de prazer, de dor etc.), de acordo com o estado social ou a profissão dos personagens (O *Larousse* diferencia o romance religioso do romance de caça, por exemplo), de acordo com a nacionalidade (romance inglês, russo, alemão, entre outros). Mas, segundo Robert (2007: 15), em vão se multiplicam as subclasses do romance, pois a variedade não explica o gênero, que é precisamente o invariável.

A tentativa de diferenciar e classificar os romances pode deixar escapar aquilo que não se enquadra em nenhuma classificação, como adverte Robert (2007). Mas, utilizando da diferenciação já abordada entre o romance clássico e o contemporâneo, defendemos a hipótese de que o diário íntimo pode ser aproximado do romance clássico.

O diário e o romance são muitas vezes diferenciados a partir do critério ficcional, mas o grande poder de ilusão e a aptidão para subverter a vida, característicos do romance, não estariam presentes também nas diferentes formas de escritura pessoal, como o diário? Poderíamos estabelecer uma diferença entre o diário e o romance a partir do critério ficcional? Por mais que exista uma linha bastante tênue entre a realidade e a ficção, seria o diário marcado por uma escrita pelo menos mais pretensamente “realista” e menos ficcional? Teria o autor de um diário “menor liberdade” na recriação da realidade? Faremos essa discussão a seguir.

2.1.2. Romance, autobiografia e diário

Vários autores apresentam uma diferenciação entre o texto autobiográfico e o romance a partir do critério ficcional. Lima (1986) considera que as dificuldades em se diferenciar

o ficcional do factual não podem apagar suas especificidades. Ele observa que, apesar das fronteiras que separam o gênero ficcional do autobiográfico não serem absolutas, elas não são espécies discursivas indistintas. Elas se separam pelo papel que reservam ao “eu”. Na ficção o “eu” empírico do escritor é um suporte da invenção e na autobiografia é a fonte de experiências que tentará transmitir. O autor postula que a autobiografia não é nem história nem ficção. Só a partir do Renascimento, quando o “eu” adquire destaque, quando ele se faz uma figura de contraste com seu meio, é que o material autobiográfico não poderia se confundir com o puro documento histórico.

Se a autobiografia apresenta suas especificidades, esse “gênero literário” é marcado por contradições e incongruências que o acompanham desde o seu surgimento. Somente no século XX a autobiografia e o romance foram diferenciados. Contudo, a despeito de todos os esforços para diferenciar os vários estilos de “escrituras do eu”, essas escrituras se inter-relacionam e se entrelaçam. O romance autobiográfico, uma mistura entre a realidade e a ficção, se diferenciaria da autobiografia, que se pretende mais realista. Entretanto, a delimitação entre o ficcional e a realidade é bastante tênue para que se possa situar a autobiografia totalmente no campo da realidade e o romance somente no campo da ficção.

Essa vizinhança de discursos entre a historiografia, a ficção e a autobiografia é reconhecida por Lima (1986). O historiador se quer “relativamente isento” do que descreve e analisa. Ele tem e deve ter a pretensão de oferecer “a verdade” sobre seu objeto. Já na ficção, o seu limite não é a verdade, mas as possibilidades de conceber a existência de acordo com o seu imaginário. Entre a ficção e a autobiografia, o “eu” é a barra separadora. “Entre a história e a autobiografia, a barra separadora são suas pretensões diversas à verdade” (LIMA, 1986: 302). Mas esses territórios vizinhos apresentam uma inter-relação e certa zona comum e indistinta. O texto autobiográfico ora se inclina para a história, ora para o ficcional.

Alguns autores, portanto, consideram problemática a separação entre a ficção e a história. Para Philippe Lejeune³, o texto autobiográfico e o texto ficcional obedecem às mesmas leis. A diferença entre eles não está no texto, mas no “paratexto”, no

³ Entrevista com Philippe Lejeune. *Ipotesi*, Revista de Estudos Literários. Juiz de Fora, vol. 6, n. 2. p. 21-30. (s. d.)

compromisso do autor com o leitor em dizer a verdade sobre si mesmo. Em um polo, o compromisso com a verdade, em outro, o descompromisso, a instauração de um jogo, de um distanciamento. Entre os dois polos há posições intermediárias, comprometimentos, ambiguidades, tudo o que se define pelo termo vago de “autoficção”, segundo Lejeune. O compromisso de dizer a verdade implica a possibilidade de verificação, compromete social e juridicamente seu autor. No plano relacional, Lejeune comenta que o autobiógrafo pede ao leitor reconhecimento, aprovação e amor. E propõe a reciprocidade. Quanto às fronteiras, existe uma série de produções híbridas, autoficções, memórias imaginárias e autobiografias em terceira pessoa.

Os diários íntimos podem ser definidos como gêneros literários? Para Lima (1986), comumente a palavra gênero parece encobrir apenas as manifestações literárias. O autor, no entanto, considera que o termo tem uma extensão maior que o termo literatura. Para ele, “gênero não significa outra coisa senão uma forma historicamente reconhecida de comunicação, seja literária ou não literária, seja escrita ou oral, seja presente em discursos claramente configurados, seja em discursos difusos, como o do cotidiano” (1986: 247). Neste sentido, observa que a categoria gênero deve ser subordinada e associada à ideia de discurso. Os discursos são definidos pelo autor como formas de territorialidade, que estabelecem descontinuidades sobre o contínuo da *parole* e assim possibilitam que um mesmo enunciado tenha diversas significações, de acordo com o contexto discursivo em que se mostra. Os gêneros se integram a cada discurso, como modalidades de manifestação deste. Assim, de acordo com Lima, podemos identificar o diário como um gênero, não literário, mas de discurso.

O “eu” é a matéria-prima indispensável para a escrita do diário e da autobiografia, “pois tem como seu traço absoluto o intercâmbio de um eu empírico com o mundo” (LIMA, 1986: 255). Os textos autobiográficos (como os diários) supõem um duplo e simultâneo foco: como o eu reage ao mundo e como o mundo experimenta o eu. Sabemos que todo gênero, literário ou não literário, é uma forma de comunicação dotada de regras. O leitor, ao ler uma autobiografia, a reconhece mesmo que formalmente não saiba defini-la. O diário apresenta, portanto, características formais que levam o leitor a reconhecê-lo. Lima (1986) insere o material autobiográfico entre a história e a ficção, não se instalando em um polo nem em outro. Para ele, o relato do autobiógrafo pode constituir

“seu próprio conto mítico”, que não é experimentado pelo autor como ficção, mas como algo em que se crê. Assim, o diário é um texto em que o autor busca construir o seu próprio conto mítico.

Para Lejeune (s.d.), a autobiografia é uma arte difícil, pois difícil é construir uma narrativa que prenda a atenção dos outros. A autobiografia é pouco escrita e muito lida. Já com os diários acontece o oposto. Muitos são escritos e poucos são lidos. O diário não intimida. Todos acham ter o direito de escrever um e se creem capazes de fazê-lo. Mas, para o autor, é uma escrita invisível, quase não é publicada e é frequentemente destruída. Lejeune afirma que antes de 1986 ele não pesquisava diários, pois tinha preconceitos com relação a eles. A partir dessa data tentou estudá-los, inicialmente não como um gênero literário, mas como prática ordinária.

A característica fundamental da escrita autobiográfica, que a difere da escrita ficcional, para Lejeune (1975), é sua identidade entre autor, narrador e personagem. Para o autor, a semelhança deve fundar a identidade. Ele diferencia basicamente três formas de escrita biográfica: o diário, a memória e a autobiografia. Para o autor, a escrita que ele chama de memorialística pode assumir outras denominações, como romances pessoais, diários intimistas, crônicas memoriais e romances autobiográficos, embora todas elas sejam sobreposições da trilogia clássica.

Algumas especificidades do gênero diarístico são destacadas por Lejeune (1975). Segundo o autor, no diário não existe a preocupação com a publicação e o autor se exprime com a maior liberdade possível. Já a correspondência, por exemplo, apesar de tão datada e embebida das delimitações impostas pelo cotidiano quanto o diário, apresenta uma diferença crucial em relação a ele: as cartas possuem um interlocutor explicitamente definido, ao passo que o diário pertence ao diarista, sendo ele, a princípio, seu próprio interlocutor.

Uma outra diferenciação pode ser feita pelo critério temporal. O diário é escrito no tempo presente, mesmo que o seu autor recorra a lembranças do passado para compor o presente, enquanto as autobiografias e memórias recorrem à memória de eventos e fatos situados no passado. O diário é, então, uma narrativa feita na primeira pessoa, datada, que segue uma ordem cronológica e de caráter confessional.

A autobiografia se define como um relato retrospectivo em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, dando ênfase à sua vida individual e, em particular, à história de sua personalidade. Lejeune (1975) reconhece os limites dessa definição e propõe uma série de elementos organizados em categorias diferentes: forma de linguagem (narração em prosa), tema (a vida individual, a história de uma personalidade), situação do autor (identidade do autor como pessoa real com o narrador do discurso), posição do narrador (identidade do narrador com a personagem principal, perspectiva retrospectiva do relato). Discutindo essas categorias, o teórico demonstra a falibilidade do critério de pessoa gramatical, uma vez que a primeira pessoa tanto pode ser usada numa autobiografia quanto num romance, e coloca em xeque critérios como a autenticidade da narrativa, ao defender a hipótese de que a ficção pode até encorajar uma confissão mais sincera e menos censurada pelo pudor.

Assim, se a autenticidade da narrativa e a identidade do autor são critérios problemáticos, a questão da identidade colocada em jogo nas autobiografias só pode ser tratada, segundo o autor, através do pacto autobiográfico. O que diferencia basicamente essas formas literárias de outras são as marcas da escritura do eu e os modos de inscrição de si mesmo, que resultam num pacto denominado por Lejeune de pacto autobiográfico (LEJEUNE, 1975). O pacto autobiográfico é selado num acordo tácito de cumplicidade entre quem escreve e quem lê, à medida que o texto avança e que se partilham experiências do mundo privado do escritor. Mas, se a pessoa gramatical não é um fator decisivo na diferenciação das diversas formas de escrita literária, toda a existência do que designamos como autor resumir-se-á ao nome impresso sobre a capa do livro, sobre a página de abertura, acima ou abaixo do título do volume, à qual se atribuirá a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito. Uma pessoa cuja existência é atestada pelo estado civil e verificável.

De acordo com Lejeune, portanto, o nome próprio, “signo da realidade”, faz com que o autor seja um nome de pessoa, assumindo uma “identidade” que se mantém nos diferentes textos publicados. Assim, os escritos autobiográficos, como o diário, são definidos pela identidade de nome próprio entre o autor, narrador e personagem. Fica-se então indicado que o gênero autobiográfico é baseado numa crença em uma identidade entre o personagem e a pessoa real.

O objeto da autobiografia é o nome próprio, que designa um indivíduo, como uma identidade estável. Bourdieu (2005) observa que o nome próprio é um “designador rígido”, que “designa o mesmo objeto em qualquer universo possível” (KRIPKE, citado por BOURDIEU, 2005: 186). Para Bourdieu, por essa forma inteiramente singular de nomenclatura que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que permite ao indivíduo biológico ter uma identidade social em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, em todas as suas histórias de vida possíveis. Ele assegura a constância através do tempo e a unidade através dos espaços sociais. A assinatura, *signum authenticum*, autentica essa identidade, é a condição jurídica das transferências de um campo a outro (BOURDIEU, 2005). O nome próprio é uma instituição que assegura aos indivíduos designados, para além de todas as mudanças e flutuações biológicas e sociais, a *constância nominal*, a identidade no sentido de identidade consigo mesmo, que a ordem social demanda:

O nome próprio é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações em registros oficiais, *curriculum vitae*, *cursus honorum*, ficha judicial, necrologia ou biografia, que constituem a vida na totalidade finita, pelo veredicto dado sobre um balanço provisório ou definitivo (BOURDIEU, 2005: 187).

Assim, o relato de vida aproxima-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, como a carteira de identidade, o *curriculum vitae*, entre outros, como sublinha Bourdieu (2005). No entanto, o relato de vida varia tanto em sua forma como em seu conteúdo, de acordo com a “qualidade social” do mercado no qual é oferecido. O autor acrescenta que a apresentação pública de sua vida privada implica um aumento de coações e de censuras específicas. Mas apenas o nome próprio apresenta um estatuto rígido e fixo. Não se deve pretender compreender uma vida como uma série única e organizada em acontecimentos sucessivos. Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações e deslocamentos* no espaço social, cuja personalidade designada pelo nome próprio nada mais é do que “o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos” (BOURDIEU, 2005: 190). A discussão sobre o nome próprio será aprofundada adiante, considerando a perspectiva psicanalítica.

A partir das considerações psicanalíticas, sabemos da impossibilidade da existência dessa “identidade” entre o personagem e a pessoa real, já que essa “identidade” é imaginária, da ordem do “eu”. O estatuto de sujeito na psicanálise revela a complexidade que envolve um relato de si.

Freud, em *Um estudo autobiográfico* (1974 [1924-1925]), ressalta que, ao escrever um estudo autobiográfico, ele deve esforçar-se por construir uma narrativa na qual atitudes subjetivas e objetivas, interesses biográficos e históricos, se combinem em nova proporção. No seu discurso na casa de Goethe, em Frankfurt⁴, comentando sobre as biografias de Goethe, Freud destaca que mesmo a melhor e a mais integral delas não pode elucidar o enigma do dom miraculoso que faz um artista, e não nos ajuda a compreender melhor o valor e o efeito de suas obras. Assim, mesmo a melhor e a mais completa biografia não é totalmente reveladora. Ele acrescenta que não há dúvida de que uma biografia desse tipo satisfaz uma poderosa necessidade existente em nós. É o desejo de aproximar-mos de tal homem de maneira humana. O biógrafo, por outro lado, deseja também trazer seu herói para mais perto de nós. Ele tenta reduzir a distância que o separa de nós e tende ainda no sentido de uma degradação. Freud destaca a nossa atitude para com os mestres como de ambivalência. “...Nossa reverência por eles via de regra oculta um componente de rebelião hostil” (p.245). A admiração comporta, portanto, a hostilidade. A respeito de Goethe, Freud ressalta que “Goethe, como poeta, não foi apenas um grande revelador de si mesmo, mas também, a despeito da abundância de registros autobiográficos, um cuidadoso ocultador de si mesmo” (p.246). Ainda citando Mefistófeles, Freud conclui: “O melhor do que sabeis não pode, afinal de contas, ser contado a meninos” (1974 [1930]: 246).

Essa reflexão freudiana nos permite fazer uma aproximação da biografia com a escrita do diário. O autor de um diário pretende aproximar-se de seu leitor (mesmo que imaginário), por meio de sua escrita. Toda escrita é, portanto, dirigida a um outro. Quando se escreve para um outro, mesmo imaginário, o sujeito busca, de alguma forma, atender a esse outro, agradá-lo, fazer-se compreender ou construir uma imagem que atenda à suposta demanda do outro. Ao mesmo tempo, a leitura de um diário publicado oferece ao leitor tanto a chance de identificar-se com um “modelo ideal”, como também

⁴ FREUD, Sigmund. *O prêmio Goethe* (1930). In: *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Vol. XXI. Edição Standard das Obras Completas, Imago, 1974.

com um modelo mais humano, mais próximo, obtendo certa satisfação na “degradação” do outro, que se apresenta como alguém que falha, erra, peca ou sofre. A partir do comentário de Freud sobre Goethe, é possível compreender como toda escrita (poética ou não, autobiográfica ou não) envolve a revelação e a ocultação de si mesmo.

Para Paul de Man⁵, a autobiografia não é um gênero, mas uma figura da leitura ou da compreensão que ocorre, em algum grau, em todos os textos. Assim, não são tão claros os limites que separam a autobiografia (incluindo o diário) do romance. O lugar do autor/narrador em um texto é sempre móvel, deslocando-se entre os diversos personagens, numa articulação que se constrói em vários planos da narrativa, mostrando a dimensão da ambiguidade entre realidade e ficção. Mesmo no texto autobiográfico há uma divisão entre o sujeito do enunciado e da enunciação, que atesta a cisão do sujeito. Ao escrever um texto sobre si mesmo, o autor constrói um percurso no próprio ato da escrita, tomando um rumo muitas vezes totalmente imprevisto para o próprio autor.

Se a autobiografia supõe um sujeito que diz sobre si, a psicanálise nos adverte que o dizer é que tem por efeito o sujeito, já que o sujeito é um efeito do discurso (LACAN, 1998 [1957]). O sujeito falante inscreve-se na linguagem que o constitui e o institui. O sujeito é escrito e inscrito no texto, onde ele se encena. O sujeito da enunciação está aquém da escritura, que é, no entanto, a sua condição. É o lugar onde se produz o discurso que suporta o autor e do qual sua verdade é um dos efeitos. Assim, é ao dizer-se que o sujeito se constitui como seu produto. A distinção entre historiografia e ficcionalidade, que poderia permitir uma diferenciação entre autobiografia e romance, torna-se, portanto, problemática, a partir dessas considerações psicanalíticas.

Pode-se pensar, portanto, que toda escrita comporta essa ambiguidade, ela é ao mesmo tempo factual e ficcional, e toda escrita ficcional é também autobiográfica. Se o diário, como uma “escrita de si” ou autobiográfica, baseia-se num contrato, numa identidade de nome próprio entre o autor, o narrador e o personagem, sabemos que essa identidade não é senão imaginária. Na narrativa sobre si, constrói-se um sujeito através de uma sucessão de fatos descritos no diário. Mas uma sucessão nunca é senão imaginária. “Não há uma última instância real que legitime as ordens seriais” (MILNER, 1996: 62).

⁵ MAN, Paul de. “Autobiography as de-facement”. In: *The rhetoric of Romanticism*, p.70. Citado por MIRANDA, José A. Bragança e CASCAIS, Antonio Fernando. *A lição de Foucault*. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Nova Veja, Passagens, 2006, p.13.

Toda história, segundo Lacan, é da ordem da falácia, e “a primeira adulteração reside justamente na homogeneização mínima que supõe a seriação temporal” (p.61). Veremos adiante como todo romance sobre si é fundamentalmente um romance familiar.

2.2. O diário e o romance familiar

O Romance é uma Morte; ele faz da vida um destino, da lembrança um ato útil, e da duração um tempo dirigido e significativo (BARTHES, 2004: 35).

Paralelamente à Revolução Industrial, se desencadeia na Inglaterra, no início do século XIX, o Romantismo inglês. Apresenta-se, segundo Lacan (1997), com seus traços particulares que constituem o valor dado às recordações de infância, ao mundo da infância, aos ideais e aos votos da criança, temas explorados pelos poetas da época. A referência à infância pautada no pensamento de que a criança é o pai do homem levou à grande exploração do tema pela psicologia. A perspectiva de um desenvolvimento humano que leva à maturação ou ao alcance de um “ideal” adulto não é a perspectiva psicanalítica. A psicanálise nos mostra que o desenvolvimento ou a gênese oferece um suporte inconstante. É a tensão entre o processo primário e o processo secundário, entre o princípio do prazer e o princípio da realidade que caracteriza a subjetividade humana (LACAN, 1997 [1959-60]: 37). Existe um conflito na gênese do desenvolvimento, conflito esse insuperável. Freud observa que o infantil é insuperável. Esse caráter insuperável do conflito é identificado por meio das fantasias infantis que se revelam em análise.

Freud menciona pela primeira vez o romance familiar em 1897, numa carta a Wilhelm Fliess, mas o artigo sobre o tema foi publicado pela primeira vez em 1908. Ele descreve uma fantasia infantil que, consciente na criança e inconsciente no adulto, revela-se com conteúdo constante e com tão grande frequência que pode atribuir-lhe valor quase universal. Mostra-se com um padrão de narrativa que, mesmo variando conforme os casos e passando por diferentes graus de desenvolvimento, nunca muda de cenário, nem de personagens, nem de tema; nunca perde sua coloração afetiva nem os desejos confusos que o obrigam a camuflá-los. Esse padrão repetitivo parece estar ligado a uma necessidade primordial. Esse pequeno mito ou fantasia, caracterizado pela originalidade

de sua estrutura, pela especificidade de seu conteúdo e pelo modo patológico sob o qual é convocado a reviver, é nomeado por Freud de “romance familiar dos neuróticos”.

Todo homem o forja conscientemente em sua infância, mas o esquece, ou antes, o “recalca” e ele só reaparece regularmente nas condições especiais de tratamento analítico, sob a forma de vestígios mais ou menos bem conservados que, uma vez complementados e reunidos por meio de uma interpretação apropriada, recompõem-se em um todo coerente.

A criança constrói seu “romance familiar” porque precisa dele num momento de crise grave para superar a primeira decepção com os pais: “Os pais constituem para a criança pequena a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos” (FREUD, 1974 [1908]: 243). O desejo mais intenso da criança é igualar-se aos pais. Contudo, com o seu desenvolvimento, a criança começa a se tornar descontente com seus pais e a criticá-los: “Para manter essa atitude crítica, utiliza seu novo conhecimento de que existem outros pais que em certos aspectos são preferíveis aos seus” (p.243). Sua sensação de que sua afeição não está sendo retribuída, pois a criança começa a desenvolver um sentimento de estar sendo negligenciada, encontra abrigo na ideia de que é uma criança adotada, ou de que o pai ou a mãe não passam de um padrasto ou de uma madrasta.

O estágio seguinte no desenvolvimento do afastamento do neurótico de seus pais pode ser descrito como o “romance familiar do neurótico”, sendo raramente lembrado conscientemente. Freud acrescenta que essa atividade imaginativa emerge inicialmente no brincar das crianças e, depois, mais ou menos a partir do período anterior à puberdade. Exemplifica essa atividade imaginativa com os devaneios que se prolongam até muito depois da puberdade.

Que funções teriam esses devaneios? Freud esclarece que eles constituem uma realização de desejos e uma retificação da vida real. Têm dois objetivos principais: um erótico e um ambicioso. “A imaginação da criança entrega-se à tarefa de libertar-se dos pais que desceram em sua estima, e de substituí-los por outros, em geral de uma posição social mais elevada” (p.244). Os acontecimentos fortuitos que a levam a conhecer pessoas de posição social mais elevada despertam-lhe inveja, que encontra expressão numa fantasia em que seus pais são substituídos por outros de melhor linhagem. Esse

estádio é alcançado quando a criança ainda ignora os determinantes sexuais da procriação. Esse primeiro estágio do romance familiar é, portanto, assexual.

Quando a criança passa a conhecer a diferença entre os papéis desempenhados pelos pais e pelas mães em suas relações sexuais e compreende que a mãe é certíssima e o pai incerto, o romance familiar sofre uma restrição. A criança passa a exaltar o pai, deixando de lançar dúvidas sobre sua origem materna. Esse segundo estágio, sexual, do romance familiar sofre o influxo de outro motivo. A criança tende a se imaginar em relações e situações eróticas, cuja força motivadora é o desejo de colocar a mãe em situações de infidelidade sexual. Nessas fantasias aparece também o desejo de retaliação e vingança contra os pais, presentes no primeiro estágio. Para Freud,

...todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, a mãe, a mais linda e amável das mulheres. Ela dá as costas ao pai, tal como o conhece no presente, para voltar-se para aquele pai em quem confiava nos primeiros anos de sua infância, e sua fantasia é a expressão de um lamento pelos dias felizes que se foram (FREUD, 1974 [1908]: 246).

Esse texto de Freud nos esclarece sobre a função da construção do romance familiar para o sujeito: a realização de desejos e a retificação da vida real, determinantes fundamentais de qualquer fantasia. Há, portanto, uma tentativa de encobrimento da castração, como uma forma de não se haver com a separação, no momento em que o sujeito se depara com a falta no Outro. Essa construção fantasística envolve, desta forma, uma separação dos agentes parentais, ou, no dizer de Freud, o desenvolvimento do afastamento do neurótico de seus pais. Destacamos, assim, o caráter paradoxal da fantasia: ela busca recobrir a castração, mas, por outro lado, envolve um desligamento da autoridade dos pais. Ao construir a própria fantasia, o sujeito se separa da posição de objeto da fantasia materna.

Para Freud, o Complexo de Édipo como um fato universal é o que dá origem aos mitos, ficções e romances familiares. Assim, as diversas linguagens da imaginação, pertençam elas à literatura, à música, à pintura, ou mesmo à ciência, todas remetem a um nível bem primitivo do “romance familiar”, segundo Robert (2007). Para ela, o mito familiar da infância define o romance naquilo que o torna precisamente indefinível: sua ausência de características genéricas e, sobretudo, o desejo de engendrar verdade. Para a autora, o romance não se contenta em representar, mas pretende fornecer “um relatório completo

e verídico”, como se respondesse diretamente à realidade. Dessa maneira ele trata espontaneamente seus personagens como personagens, suas palavras como tempo real e suas imagens como a própria substância dos fatos, o que vai ao encontro do convite ao sonho e à evasão, especialidade do romance. Para Robert (2007), a natureza particular da fé que todo homem atribui a seu romance familiar é a única explicação aceitável da ilusão romanesca. “O herói de romance recebe unanimemente o direito de confundir sem cessar o vivo e o escrito, como se pudesse sair do papel” (ROBERT, 2007: 50).

O mito construído por Freud, *Totem e tabu*⁶, traça o drama primordial que é o assassinato do pai e suas consequências, que estariam na origem da cultura. Esse mito da origem da Lei se encarna no assassinato do pai. Freud cria um personagem onipotente, temível, semianimal da horda primitiva, que é morto por seus filhos. Esse assassinato leva à instauração de uma lei, que organiza as relações entre os homens. Como comenta Lacan, o assassinato do pai não abre a via para o gozo (que era “supostamente” interdito pelo pai), mas reforça sua interdição (LACAN, 1997: 216). Todo exercício de gozo comporta algo da dívida. Lacan nos mostra que existe uma relação entre o gozo, sua interdição, a falha dessa interdição e o mito: “Essa falha interditiva é, portanto, sustentada, articulada, tornada sensível pelo mito, mas é, ao mesmo tempo, profundamente camuflada por ele” (LACAN, 1997: 216). Poderíamos pensar que, nessa perspectiva, todo mito sustenta, evidencia e camufla a falha da interdição do gozo. No romance familiar, trata-se de construir uma fantasia que, como um mito individual, contorne esse drama primordial.

As teorias sexuais infantis funcionam como mitos. Lacan (1995)⁷ apresenta uma série de características do mito. O mito apresenta-se como uma narrativa. Ele tem um caráter de ficção. Esta ficção apresenta uma estabilidade que não a torna maleável às modificações que lhe podem ser trazidas, sugerindo a noção de estrutura. Lacan acrescenta que essa ficção mantém uma relação singular com alguma coisa que está sempre implicada por trás dela, e da qual ela porta, realmente, a mensagem formalmente indicada, a saber, a verdade. O mito se apresenta com um caráter de inesgotável. Ele está muito mais próximo da estrutura que de todo conteúdo. A espécie de molde que ele

⁶ FREUD, Sigmund. *Totem e tabu* (1912-13). *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p.13-191. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13.

⁷ LACAN, Jacques. “Para que serve o mito”. In: *O seminário. Livro 4. A relação de objeto* (1956-57). Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p.254-273.

oferece é um certo tipo de verdade que trata de uma relação do homem com os temas da vida e da morte, da existência e da não-existência e do nascimento, ou seja, temas ligados, por um lado, à existência do próprio sujeito e aos horizontes que sua experiência lhe traz; por outro lado, ao fato de que ele é o sujeito de um sexo, do seu sexo natural. Para Lacan (1995), é a isso que a atividade mítica se emprega na criança:

Os mitos, tais como se apresentam em sua ficção, visam sempre mais ou menos, não à origem individual do homem, mas à sua origem específica, à criação do homem, à gênese de suas relações nutrizas fundamentais, à invenção dos grandes recursos humanos, ao fogo, à agricultura, à domesticação dos animais (LACAN, 1995: 260).

O autor relaciona também a construção mítica com a relação do homem com a força sagrada, diversamente designada nos relatos míticos que explicam como o homem adveio em relação a ela. Lacan ressalta uma surpreendente unidade entre os mitos aparentemente mais distantes. Assim, as fantasias infantis, como criações míticas, apresentam uma estrutura comum. O romance familiar, uma fantasia infantil, nas suas diferentes versões, apresenta uma estrutura comum e ordena-se em torno dos mesmos temas.

Se existe uma base comum ao romance, ao mito e aos escritos autobiográficos, essa base é a fantasia. A fantasia do neurótico é estruturada como um romance. O romance familiar dos neuróticos, essa ficção primária, é o que alimenta o imaginário romanesco. Enquanto ainda desconhece as diferenças sexuais, as construções fantasísticas são expressas nos contos de fadas, nos mitos de heróis e nas histórias românticas, onde o sujeito onipotente reina. Com a descoberta da sexualidade e da incerteza do pai na sua gênese, a criança atribui-se um nascimento ilegítimo, revestindo e colorindo sua pseudobiografia com a fantasia do bastardo. Para Robert (2007), essa é a origem do romance propriamente dito, ilustrado através de *Robinson Crusóe* ou *Dom Quixote*, nascidos na modernidade. Como observa Soler (1998a), a psicanálise freudiana nos mostrou que o neurótico é aquele que parece copiar a fábula ao narrar sua história familiar, a qual chama de o “romance familiar”, ou seja, sua fantasia é estruturada como um romance.

O romance é marcado pelo desejo do autor de refazer a vida em condições ideais, é a busca do tempo perdido através da ilusão. A ilusão do romance pode ser tratada de duas formas, segundo Robert (2007). Na primeira, o autor faz como se ela não existisse, e a

obra passa por realista, naturalista ou fiel à vida. Na segunda, a obra é dita onírica, fantástica, subjetiva ou classificada na forma ampla do “simbólico”. No primeiro tipo, há uma tentativa de escamotear a ilusão, dimensão sempre presente na subjetividade, como sabemos.

Segundo essa classificação, podemos dizer que o diário aproxima-se do primeiro tipo, que pretende oferecer uma visão “realista” dos fatos, detalhando-os e organizando-os numa escrita diária. Nesta tentativa de fazer do diário um “espelho”, tenta-se apagar a dimensão de ficção presente em qualquer escrita de si. Toda escrita pessoal está marcada pelo “romance familiar” de seu autor. Por outro lado, nos romances mais “fantasiosos” e seguramente não realistas, há uma dimensão de verdade. Com efeito,

...as ideias supersticiosas ligadas ao romance contêm a porção de verdade que cabe a toda realidade psíquica esquecida, testemunham a antiga fé que todo homem acrescentava outrora às suas próprias histórias e atestam a sobrevivência do “romance familiar” tornado inconsciente, que não cessa de tentar desbravar um caminho e fascina para além do tempo (ROBERT, 2007: 55).

O romance não é totalmente livre, já que é determinado pelo mito familiar. Ele não determina livremente sua idade nem o nível das relações humanas que está apto a figurar, mas é claro que existe uma margem de liberdade em sua criação. Se para Robert essa liberdade está na possibilidade infinita de técnicas entre as quais lhe é permitido escolher, para misturar o fingido e o verdadeiro, o que se considera verdadeiro está muitas vezes no campo da fantasia. Essa imensa margem de liberdade seria menor nos diários íntimos? Existiria no diário íntimo uma preocupação maior com a verdade?

Ora, como vimos, se a realidade é fantasmática, mesmo o compromisso em dizer a verdade não isenta o sujeito de “construir uma fantasia” e crer nela. Em *Construções em análise*, Freud (1937) comenta que a restituição, feita pelo analista, de um fragmento da história vivida pelo analisante, ao invés de provocar no paciente uma recordação, provocava uma cena encobridora. Freud define essa cena encobridora como uma “falsa” lembrança infantil, formada *a posteriori*, que, por deslocamento, surgiu no lugar da lembrança “recalcada”. Freud faz então uma equivalência entre essas construções e as formações delirantes. Apesar das diferenças estabelecidas por Freud entre a neurose e a psicose, ele conclui que sempre existe certo caráter delirante que acompanha as narrativas ficcionais. Assim, a construção ou o mito individual é uma “falsa” lembrança, que na verdade vem encobrir algo da verdade do sujeito. Por outro lado, o ficcional do

romance nos fascina exatamente por revelar aquilo que se busca velar. Para a psicanálise, a verdade tem estrutura de ficção. Ela só pode ser abordada pelo dizer, e que será sempre um semidizer, através do saber colocado em posição de verdade. Essa discussão será feita adiante.

A ambiguidade de um romance e sua relação com o mito aparece nos comentários de Barthes (2004) sobre os novos ensaios críticos. Ao se referir a Rochefoucauld⁸, Barthes destaca que seu discurso é ambíguo, situado na fronteira de dois mundos: o da morte e o do jogo. Do lado da morte, há a questão trágica por excelência, endereçada pelo homem ao deus mudo: *Quem sou?* Mas essa pergunta mortal é também, por excelência, a pergunta de todos os jogos. “Ao interrogar Édipo sobre o ser do homem, a Esfinge fundou ao mesmo tempo o discurso trágico e o discurso lúdico, o jogo da morte (já que para Édipo a morte era o preço da ignorância) e o jogo do salão” (BARTHES, 2004: 102).

O tema da morte permeia toda escrita autobiográfica, como tentativa de conter a proximidade entre a vida e a morte:

Desvencilhou-se do resto do grupo. Foi envolvido pela névoa. Uma clareira redonda na floresta. O pássaro Fênix no mato. Uma mão fazendo o sinal da cruz num rosto invisível, sem parar. Eterna chuva fria, um cântico instável como de um peito arfante (Franz Kafka. *Diário*, 30 jul. 1917)⁹.

Na verdade, todo pensamento é biográfico na medida em que está em causa a relação da finitude ao que a nega, a escrita, como diz Miranda e Cascais (2006). Assim, a escrita visaria à apreensão da vida, dada a sua fragilidade. Essa relação entre a biografia e a morte é sublinhada por Derrida¹⁰. Para ele a biografia não é um meio de unir a vida e a obra, mas é um discurso sobre vida/morte, ocupando certo lugar entre o *logos* e o drama. A biografia procura dominar essa relação, apresentando como sujeito absoluto o que é apenas um sujeito possível. Para Derrida, o discurso biográfico dá coerência ao corpo próprio num dado *corpus* de escrita, mas ele é sempre desassossegado pela presença de uma relação com a morte. Derrida acrescenta que a singularidade tem a ver com esta

⁸ Barthes, R. “La Rochefoucauld: reflexões ou sentenças e máximas”. In: *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.79-103.

⁹ KAFKA, Franz. *Sonhos*, trad. Ricardo F. Henrique. São Paulo: Iluminuras, 2008, p.99.

¹⁰ DERRIDA, Jacques. *Otobiographies – l’enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre*. Paris: Galilée, 1984 (citado por MIRANDA, José A. Bragança e CASCAIS, Antonio Fernando. *A lição de Foucault*. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Nova Veja, Passagens, 2006).

indomesticabilidade da morte, que leva a estabilizar a biografia, ao mesmo tempo em que possibilita abrir as categorias abstratas do sujeito, do autor etc. O autor observa que a modernidade constitui o sujeito como proprietário da sua escrita e da sua vida, que acompanha a transformação do particular em discurso.

Já que toda escrita é marcada pelo desassossego diante da presença de certa relação com a morte, então ela pode ser uma forma de se esquivar dela e de corrigir uma realidade insatisfatória. Em *Escritores criativos e devaneios*, Freud (1974 [1908]) sublinha que o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca, pois cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, mesmo mantendo uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. Ele acrescenta que toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória. A fantasia flutua entre os três tempos: passado, presente e futuro, que são entrelaçados pelo fio do desejo que os une.

Nas criações dos escritores de romances, novelas e contos, Freud salienta um aspecto em comum: “Todas possuem um herói, centro de interesse, para quem o autor procura de todas as maneiras possíveis dirigir a nossa simpatia, e que parece estar sob a proteção de uma Providência especial” (FREUD, 1974 [1908]: 155). Nessas criações, identifica-se também uma divisão dos personagens em “bons” e “maus”. Os “bons” são aliados do ego que se tornou o herói da história e os “maus” são seus inimigos e rivais. Freud reconhece que muitas obras guardam boa distância do modelo do devaneio ingênuo, mas todos eles estão ligados através de uma sequência ininterrupta de casos transicionais. Ele destaca então uma característica dos romances chamados “psicológicos”. Nestes, só o herói é descrito interiormente, como se o autor se colocasse em sua mente e observasse as outras pessoas de fora. Ele conclui que o romance psicológico deve sua singularidade à inclinação do escritor moderno de dividir seu ego, pela auto-observação, em muitos egos parciais, e em personificar as correntes conflitantes de sua própria vida mental por vários heróis.

Freud destaca, entretanto, que existem certos romances “excêntricos” que parecem contrapor-se a esse modelo. Nestes, o herói desempenha um papel pouco ativo, vê os atos e sofrimentos das demais pessoas como mero espectador. Freud faz então uma relação entre a vida do escritor e suas obras:

Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual

se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga (FREUD, 1974 [1908]: 156).

Ainda nesse artigo, Freud examina um outro gênero de obras imaginativas, que não são uma criação original do autor, mas uma reformulação de material preexistente e conhecido. Ele afirma que mesmo nessas obras o escritor mantém certa independência que se manifesta na escolha do material e nas alterações do mesmo. Esse material procede do tesouro popular dos mitos, lendas e contos de fadas. Ele apresenta como uma reflexão inicial, que ele considera que precisa ser mais investigada, a seguinte hipótese: “...É muito provável que os mitos, por exemplo, sejam vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, os *sonhos seculares* da humanidade jovem” (FREUD, 1974 [1908]: 157).

Existe uma outra dimensão na fantasia que é a sua dimensão que vai além do princípio do prazer. Para Freud, as fantasias que o indivíduo oculta cuidadosamente dos demais, se ele as comunicasse, não causaria prazer às pessoas, mas sim repulsa ou indiferença. Mas quando um escritor nos apresenta suas peças ou as relata, “sentimos um grande prazer, provavelmente originário da confluência de muitas fontes” (FREUD, 1974 [1908]: 158). Ele destaca que “o escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias” (p.158). Freud conclui que todo o prazer estético que o escritor nos proporciona é dessa natureza, a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma liberação de tensões em nossas mentes, da possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha.

Assim, o que nos interessa apontar nesses recortes freudianos é que, como postula o autor, qualquer romance é construído a partir das fantasias de seu autor, além de proporcionar ao leitor a possibilidade da identificação através das próprias fantasias. Essa é a chave do verdadeiro prazer que uma obra literária pode proporcionar ao leitor.

Ao mesmo tempo, aquilo que normalmente acreditamos ser “lembranças da infância”, muitas vezes são fantasias infantis. Em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, Freud (1974 [1910]) sublinha que, nos primeiros três ou quatro anos de vida,

certas impressões tornam-se fixadas e as formas de reação para com o mundo exterior ficam estabelecidas, não perdendo a sua importância para outras experiências posteriores. Comentando o caso de Leonardo da Vinci, ele relaciona as fantasias infantis com sua curiosidade adulta. Quando criança, Leonardo enfrentou um problema a mais do que as outras crianças, segundo Freud, e começou a pensar nesse enigma com uma intensidade toda especial, tornando-se um pesquisador atormentado pela grande pergunta: saber de onde vêm os bebês e o que tem a ver o pai com sua origem. Leonardo declarou, mais tarde, que tinha sido destinado, desde o começo de sua vida, a investigar o problema do voo das aves, pois tinha sido visitado por um abutre, quando em seu berço. Em sua fantasia, o abutre tinha aberto a sua boca com a cauda. Freud acrescenta que a curiosidade que ele passou a ter acerca do voo das aves deriva das pesquisas sexuais de sua infância.

Nos primeiros anos de sua vida, Leonardo viveu sozinho com sua mãe, que foi abandonada pelo pai da criança. Aos cinco anos de idade Leonardo foi recebido na casa de seu pai para ser cuidado pela sua jovem esposa, devido à esterilidade desse casamento. Assim, Leonardo, como filho ilegítimo, passou a ser cuidado pela madrasta. Freud (1974 [1910]) interpreta a fantasia do abutre da seguinte forma: a substituição de sua mãe pelo abutre indica que a criança tinha conhecimento da ausência do pai e se sentia solitário junto à sua mãe nos primeiros anos de sua vida. Como filho ilegítimo, ele se compara ao filhote de abutre.

Apesar de Leonardo descrever essa cena como uma “recordação” infantil, Freud esclarece que se tratava de uma fantasia que ele criou mais tarde, transpondo-a para sua infância: “É deste modo que muitas vezes se originam as lembranças da infância” (1974 [1910]: 77). Como atesta Freud, diferentemente das lembranças conscientes da idade adulta, elas não se fixam no momento da experiência, mas surgem muito mais tarde, quando a infância já acabou; nesse processo sofrem alterações e falsificações de acordo com os interesses posteriores, de maneira que, de um modo geral, não poderão ser claramente diferenciadas de fantasias. Para Freud, depois de sua curiosidade ter sido ativada, na infância, a serviço de interesses sexuais, Leonardo conseguiu sublimar a maior parte da sua libido em sua ânsia pela pesquisa. No entanto, muitos interesses e habilidades demonstrados por grandes artistas na idade adulta revelam sua ligação com

as fantasias infantis. Nesse sentido, é possível pensar que os romances, como uma criação artística, revelam muitos dos desejos e fantasias infantis de seus autores.

Ainda ao comentar sobre Leonardo da Vinci, Freud faz uma importante reflexão sobre a história, que nos permite reportar para a escrita do diário. O diário é uma narrativa sobre si, seu autor busca construir uma história de si, um romance da própria vida. Nesse processo de historização da própria vida, ele recorre a lembranças ou “fantasias” do passado, enlaçando-as com as experiências presentes e se lançando no futuro. Segundo Freud (1974 [1910]), quando as nações eram pequenas e fracas, não cuidavam de escrever a sua história. Foi uma época de heróis e não de historiadores. Seguiu-se outra época – a da reflexão; os homens sentiram-se ricos e poderosos e sentiram a necessidade de saber suas origens. Os relatos históricos começaram por anotar os sucessos do presente e depois se voltaram para o passado recolhendo lendas e tradições, interpretando os vestígios da antiguidade, para criar uma história do passado: “Era inevitável que essa história primitiva fosse a expressão das crenças e desejos do presente, e não a imagem verdadeira do passado...” (p.77). Freud justifica essa afirmação explicando que muitas coisas já haviam sido esquecidas, outras distorcidas ou interpretadas erradamente, de modo a corresponderem às ideias contemporâneas.

Freud acrescenta, além desses fatores, o motivo que leva as pessoas a escreverem uma história: o desejo de influenciar seus contemporâneos, animá-los, inspirá-los ou oferecer-lhes um exemplo onde mirar-se. A história de si, quando publicada, pode ser considerada nessa perspectiva de transmissão de um modelo individual considerado ideal, para o grupo social mais amplo.

A leitura aqui realizada de alguns textos freudianos, acrescentada de alguns comentários de Barthes e Robert, teve como propósito mostrar que todo romance é um romance familiar. Por mais ficcional que seja um romance, ele é alimentado pelo romance familiar. Todo romance tem algo de biográfico. Em sua construção narrativa, existe sempre uma tentativa de buscar o tempo perdido no campo da ilusão, além de tentar domesticar seu desassossego diante da angústia de morte. Da mesma forma, o mito é uma narrativa ficcional, construída para responder aos enigmas da existência. Assim, o pano de fundo para a construção de um romance ou mito é a fantasia, que por sua vez é estruturada como um romance. Ao se pretender escrever “a realidade dos fatos”, o autor

escreve a partir de suas fantasias. A partir dessas considerações, não é difícil constatar a relação existente entre o romance e o diário íntimo.

Concluindo com Barthes e Freud, podemos pensar que toda escrita é ao mesmo tempo autobiográfica e ficcional. Todo romance é uma busca pela resposta ao grande enigma humano: *Quem sou?* Para respondê-la, o autor de um texto combina o factual com o ficcional, a realidade e a fantasia, revelando a ambiguidade de todo discurso, sempre situado na fronteira de dois mundos: o da morte e o do jogo. Esse conflito está sempre presente na escrita dos diários íntimos: “O impulso de representar minha vida onírica deslocou todo o resto para um plano secundário, que definhou assustadoramente e não para de definhar. Nada mais poderá me satisfazer, nunca” (KAFKA, 1914: 86).

Continuaremos a discussão do romance a partir das considerações psicanalíticas sobre hystorização e romance. Essa abordagem psicanalítica será fundamental para a reflexão sobre a importância da escrita de um romance para um sujeito adolescente.

2.3. Hystorização e romance: a construção do personagem no diário íntimo adolescente

Os termos hystorização e romance foram utilizados por Lacan para se referir à construção feita pelo analisando no processo final de sua análise, no momento do “passe”¹¹. É possível localizar em Lacan diferentes perspectivas com relação à hystorização.

Inicialmente, no texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*¹², Lacan utiliza o termo “história” para se referir ao inconsciente. A histórica, ao revelar o seu passado ao analista, ao descrever a sua “história”, vacila. O caráter ambivalente da revelação histórica, segundo Lacan (1998 [1953]), é resultado do fato de que ela nos apresenta o nascimento da verdade na fala e, através disso, esbarra-se na constatação de que esse discurso não é verdadeiro nem falso. A verdade dessa revelação é a fala

¹¹ Lacan introduziu em sua escola, na “Proposição de outubro de 1967”, a partir de sua conceituação do que seja a experiência de uma análise levada até suas últimas consequências, o procedimento do passe como dispositivo que visa articular a questão do fim de análise com a nomeação de analistas e da assim dita análise didática.

¹² LACAN, Jacques. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1953], p.238-324.

presente, que funda a verdade em nome dessa realidade. “Ora, nessa realidade, somente a fala testemunha a parcela dos poderes do passado que foi afastada a cada encruzilhada em que o acontecimento fez uma escolha” (p.256). Trata-se “de rememoração, isto é de história, fazendo assentar unicamente sobre a navalha das certezas da data a balança em que as conjecturas sobre o passado fazem oscilar as promessas do futuro” (p.257). Assim, Lacan conclui que não se trata, na anamnese psicanalítica, de realidade, mas de verdade. O efeito da fala plena é reordenar as contingências passadas, oferecendo-lhes o sentido das necessidades por vir.

Para Lacan, na análise, trata-se da assunção de sua história pelo sujeito, no que ela é constituída pela fala endereçada ao outro. Ele define o método psicanalítico da seguinte forma: “Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real” (LACAN, 1998 [1953]: 259). O inconsciente apresenta, nesse texto, uma estrutura intersubjetiva: “O inconsciente é a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (p.260).

Ainda nesse texto, Lacan considera o inconsciente como “o capítulo de minha história” que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira, um capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada e muitas vezes ela está escrita em outro lugar: no próprio corpo, nas lembranças da infância, na evolução semântica (vocabulário particular, estilo de vida e caráter), nas tradições e lendas que sob forma heroicizada veiculam a própria história e em outros vestígios. Trata-se aqui do reconhecimento da história pelo sujeito, que equivaleria a seu inconsciente. O inconsciente é uma história a reconhecer e o analista está na posição de coadjuvante (MILLER, 2006)¹³.

Lacan então distingue dois tipos de historização, a primária e a secundária. A historização primária é equivalente à simbolização, o real é traduzido em verdade. A história do sujeito é organizada na sua relação ao Outro. Na historização secundária, a historização é remanejada por tal acontecimento histórico. O ocorrido de maneira

¹³ MILLER, Jacques-Alain. Orientation lacanienne III, 9. Troisième séance du Cours (mercredi 29 novembre 2006) III. Sixième séance du Cours (mercredi 10 janvier 2007), trad. Elisa Alvarenga.

contingente torna-se o caminho necessário para alguém ser o que deverá ser. As conjecturas sobre o passado se articulam com as promessas de futuro.

Nessa perspectiva, podemos fazer uma aproximação do diário com a historização secundária. O adolescente, ao escrever seu texto, constrói uma história de si que é remanejada por um determinado acontecimento histórico. O adolescente frequentemente elege um fato histórico como o desencadeador da necessidade de escrever sobre si. Este acontecimento histórico pode ser nomeado como: a entrada na adolescência, o despertar da primeira paixão, a crise com os pais, entre outros. Esse ocorrido leva à construção de um caminho que visa ao alcance de uma nova posição, que implica o desligamento da autoridade dos pais. Nesse percurso da escrita, o jovem faz conjecturas sobre o passado, articulando-as com as promessas do futuro, tecendo uma história sobre si, um romance familiar.

Esta primeira abordagem do inconsciente supõe uma supremacia da verdade sobre o real. Há uma mudança de perspectiva com relação à historização na teoria lacaniana. No “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”¹⁴, Lacan (2003) introduz o termo *histoeria* [*hystoire*], que busca reunir “história” e “histeria” (p.567). Lacan acrescenta que “...o analista só se historisteriza [*hystorise*] por si mesmo...” (p.568). Segundo ele, “a miragem da verdade, da qual só se pode esperar a mentira... não tem outro limite senão a satisfação que marca o fim da análise” (p.568). Ele designa por passe essa verificação da historisterização da análise. O passe, “deixei-o à disposição daqueles que se arriscam a testemunhar da melhor maneira possível sobre a verdade mentirosa” (p.569). Em *O seminário 24, L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*, Lacan continua a discorrer sobre o tema da hystorização.

Diante do real, diz Miller (2006), história é *histoeria* (*hystoire*). Tendo chegado ao inconsciente real, trata-se de produzir sentido, uma boa história. Ela se faz sem o analista, na solidão e se endereça à psicanálise e à escola. Busca-se medir o que faz função de verdade na análise, diante do real. Aqui há uma falha entre real e verdade.

¹⁴ LACAN, Jacques. “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1976], p.567-569.

Fazer sentido com pedaços do real é diferente de objetivação, como ilustra Miller (2006). A miragem da verdade termina no inconsciente real, que pode se apreciar pela satisfação que marca o final da análise. No passe há a passagem do inconsciente transferencial ao inconsciente real.

Segundo Pierre-Gilles Guéguen¹⁵, no caso do relato do passe, só se pode apresentar a análise como um relato, uma história, um *witz*. Esse relato não é cronológico. É o relato de um percurso, um testemunho. Esse relato hystoriza a experiência singular de cada análise, faz de elo numa história com seus cruzamentos e não-cruzamentos, seu ritmo. A essa construção se subtrai uma lógica. Ela tem a estrutura de uma histeria, histeriza o público que a escuta, no sentido de que suscita identificação e desejo, e também apela à verdade. Ele destaca o êxtimo e íntimo no trabalho do passe. Há algo íntimo no relato, há um “semblante”, um pudor que vela as coisas. Mas há também o êxtimo no relato, o que não se pode dizer.

Fazendo uma diferenciação entre o romance e a historização a partir de Lacan e dos comentários de Miller, Santiago¹⁶ explica que o romance é uma modalidade de narrativa em que a função reguladora do sentido se faz por meio do tempo de construção desse ser de escritura que é o personagem. É a temporalidade necessária à construção do personagem que constitui o eixo essencial da legibilidade da significação da própria narrativa. Assim o personagem não é um dado *a priori*, mas sim uma construção temporal, uma forma vazia que vai pouco a pouco sendo preenchida por diferentes predicados.

Os processos cumulativos pelos quais os traços distintivos dos personagens se distribuem ao longo da narrativa é o que levam à construção do romance. A temporalidade não é nada evidente entre a construção, ou a obra e o autor. A construção vem em primeiro lugar, ela está à espera do autor. O autor se reduz ao lugar de retorno do discurso que vem do Outro, como uma mensagem sempre invertida. O autor chegará

¹⁵ GUÉGUEN, Pierre-Gilles. Acerca de lo inesencial del Sujeto supuesto Saber. Conferência. In: LAURENT, Éric (Org.). *El pase y la formación del analista*. IX Conversación de la ELP. Madrid, 5 de mayo de 2007.

¹⁶ SANTIAGO, Jesús. O tempo na metodologia do testemunho. Texto não publicado, produzido pelo grupo de pesquisa que se formou em função da VIIIª Jornada da EBP-MG, sobre o tema do “destino do sintoma no final de análise”. Essa investigação baseou-se no estudo detalhado de cinco relatos e das atividades de ensino dos Aes, publicados em revistas e livros das Escolas da Associação Mundial de Psicanálise.

depois. Ele encontrará o lugar que o esperava. Segundo Lacan: “Termina-se sempre por tornar-se um personagem do romance que é sua própria vida”¹⁷. Para isto, não é necessário fazer uma psicanálise. Segundo Laurent (1992), é a obra que é primeira e que espera o autor.

Se a obra é primeira em relação ao autor, podemos dizer que um romance construído pelo sujeito em seu diário, esse romance familiar, leva à constituição do autor? Trata-se de que tipo de autoria? Buscaremos inicialmente em Foucault um apoio para essa discussão. Foucault, em “O que é um autor?”¹⁸, mostra toda a complexidade que envolve a noção de autoria. Ele observa que a noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na filosofia e nas ciências. Ele destaca a relação do texto com o autor, discutindo como um texto pode apontar o seu autor. Foucault faz uma crítica a certa perspectiva contemporânea que pretende excluir o autor, separando-o da obra, pois o que importa é “a obra”. Ele então questiona o que significa “obra” e como podemos pensá-la sem um autor. Foucault destaca ainda a noção de escrita, que apesar de toda a discussão sobre o desaparecimento do autor, ela, com sutileza, preserva a existência do autor, pois faz subsistir o jogo das representações que configuram uma certa imagem do autor. Foucault, ao tentar definir o que é um autor, esclarece que, longe de dar uma resposta, ele limita-se a indicar algumas das dificuldades que a noção de autor apresenta.

Foucault (2006) estabelece uma série de características e condições que definem a noção de autor, problematizando-as. Ele postula que o nome do autor é um nome próprio, é mais do que uma indicação, em certa medida, é o equivalente a uma descrição. Ele não tem uma significação pura e simples. O nome próprio e o nome do autor encontram-se situados entre os polos da descrição e da designação; têm seguramente alguma ligação com o que nomeiam, nem totalmente à maneira da designação, nem totalmente à maneira da descrição, mas uma ligação específica. A ligação do nome próprio com o indivíduo nomeado e a ligação do nome de autor com o que nomeia não são isomórficas e não funcionam da mesma maneira. O nome do autor não é um nome próprio exatamente como os outros.

¹⁷ Frase de Lacan dirigida a Eric Laurent e comentada por ele no texto: LAURENT, Eric. “Quatre remarques sur le souci scientifique de Jacques Lacan”. In: BRISSAC, Marie-Pierre de Cossé; DUMAS, Roland et al. *Connaissez-vous Lacan?* Paris: Seuil, 1992.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Nova Vega, Passagens, 2006.

Um nome de autor, segundo Foucault (2006), não é simplesmente um elemento de um discurso; “ele exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos” (FOUCAULT, 2006: 44-45). O agrupamento de vários textos sob o mesmo nome indica que se estabeleceu entre eles uma relação de homogeneidade, de filiação, de mútua autenticação, de explicação recíproca. O nome de autor serve para caracterizar um modo de ser do discurso, indica que esse discurso não é um discurso cotidiano, indiferente, flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de determinada maneira e que deve receber um estatuto numa determinada cultura.

Uma diferença entre o nome de autor e o nome próprio, segundo Foucault (2006), é que o nome de autor não transita, como o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu, mas ele bordejia os textos, recortando-os, delimitando-os, caracterizando-os. O nome de autor não está situado no estado civil dos homens nem na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e o seu modo singular de ser. A função autor é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade.

Para analisar a função autor, Foucault (2006) destaca quatro características diferentes. Resumidamente, o nome de autor serve para caracterizar um modo de ser do discurso, ele bordejia os textos, recortando-os, delimitando-os, caracterizando-os, a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que leva o autor a apropriar-se de uma obra, ele determina e articula o universo dos discursos, o autor não está no escritor real nem no locutor fictício, ele dá lugar a vários “eus” simultâneos e o texto sempre traz consigo um certo número de signos que reenviam para o autor. Mas o autor não se confunde com o nome próprio. O autor de uma obra não está situado no estado civil e não transita, como o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu.

O texto de Foucault mostra a relação existente entre a noção de autoria e o conceito de sujeito, envolvendo também uma questão ética. O autor coloca em questão o pressuposto filosófico de um sujeito livre e autônomo e a ética como exercício da racionalidade e consciência. Para Foucault, a ética não pode ser considerada fora da

dimensão da historicidade. A base epistemológica de Foucault reside na crítica à visão filosófica do sujeito racionalista, autônomo e senhor de si. Em suas análises arqueológicas, Foucault considera o sujeito como função do enunciado, efeito das formações discursivas. O sujeito é falado pelo discurso. Qualquer fixidez identitária é diluída nas móveis e fragmentárias posições e funções nas formações discursivas. Para Foucault, a figura discursiva do homem é atrelada aos jogos de verdade, remetida à malha de poderes do tecido social. A subjetividade, portanto, não é um conceito genérico e abstrato, mas se constitui a partir de jogos de poder e de uma política das verdades.

Batista (2004), em “O texto escolar: uma história”, também apresenta uma reflexão sobre a questão da autoria, ao discutir a noção de texto. Segundo o autor, a partir das considerações de Foucault, Bakhtin e Bourdieu, pode-se estabelecer três pontos principais em torno dos quais é possível construir um modo de compreensão concreto do texto. O primeiro ponto é a noção de autor, que, a partir das considerações de Chartier (1994), é visto não como uma unidade ou estabilidade, mas ao mesmo tempo como dependente e reprimido. Dependente, pois ele não é o mestre do sentido e suas intenções expressas no texto não se impõem necessariamente nem para os editores ou operários da impressão nem para os leitores. Reprimido, pois ele se submete às múltiplas determinações que organizam o espaço social da produção literária. O segundo ponto é a manifestação linguística por meio da qual o autor se expressa, que não contém todos os elementos necessários à sua interpretação e nem os oferece a seus leitores, deixando “espaços em branco”, “não-ditos”. E o terceiro ponto é o caráter de imobilidade, estabilidade e unidade de um texto. O texto existe apenas em estado potencial e supõe um leitor que o atualize. O leitor está presente na própria constituição do texto, não só como parte de uma formação imaginária do escritor, como um suposto leitor, mas também como aquilo que se deseja construir: um texto contém “instruções de uso”, protocolos, que mostram ao leitor como ler. No entanto, os leitores podem desenvolver formas diferentes de apropriação, constituindo assim um novo texto.

Essa visão apresentada por Batista (2004) vai ao encontro da nossa perspectiva, que não considera a dimensão de autor como unicidade e estabilidade, mas como marcada por uma instabilidade e multiplicidade, que também deve ser considerada como inserida em uma cultura.

Lacan, em sua releitura de Freud, ressalta como a psicanálise também se opõe à tradição racionalista de sujeito, pois Freud, ao postular a existência do inconsciente, destrói a soberania da consciência. No *seminário 16*, Lacan, ao comentar a palestra de Foucault sobre “O que é o autor?”, mostra que “Foucault encontrou meios de destacar a ordenação dessa função no nível de uma interrogação semântica, atendo-se a sua situação estreitamente interna ao discurso...” (LACAN, 2008: 184). O autor comenta que dessa posição de Foucault decorre um questionamento, um efeito de cisão ou rompimento da relação com o discurso que prevalece na “Sociedade dos Seres Pensantes, ou República das Letras” (p.184). Lacan então retoma a discussão sobre a ética da psicanálise. Para Lacan, o ponto axial do que se refere à ética da psicanálise é o real.

Essa discussão sobre a ética da psicanálise é fundamental para a nossa reflexão sobre a noção de autoria. Ainda no *Seminário 16*, Lacan postula que o gozo é o absoluto, o real, definido como aquilo que volta sempre ao mesmo lugar. O autor observa que o enunciado do inconsciente traz a marca do *a* no nível em que falta o saber, pois não sabemos nada desse absoluto, do real. O real não está ligado no enunciado. Lacan postula que o gozo só se institui por sua evacuação do campo do Outro. O sujeito é efeito do significante, então aquele que o representa só pode colocar-se em posição de anterioridade, como lugar dos significantes. Se o gozo só se constitui por sua evacuação do campo do Outro, o objeto *a* é o resíduo dessa operação, funcionando como lugar de captura do gozo. A constituição do sujeito no campo do Outro produz sempre perda, restos não articulados na cadeia significante, que Lacan nomeia como objetos *a*. Ao se referir ao objeto *a*, Lacan considera: “Aqui, ele está num lugar que podemos designar pelo termo *êxtimo*, conjugando o íntimo com a exterioridade radical” (LACAN, 2008: 241). O objeto *a* é *êxtimo* na relação instaurada pela instituição do sujeito como efeito do significante, determinando, por si só, no campo do Outro, uma estrutura de borda. Esse *a* é o que há de mais estranho para representar o sujeito, com toda a ambiguidade que a palavra estranheza comporta, “com seu toque afetivo e também com sua indicação de margem topológica” (p.303).

Para a psicanálise, não há verdade que não tenha a estrutura de ficção. Qualquer discurso esbarra em seus limites, mostra a sua fratura, o seu impasse, aquilo que não

pode ser representado pela linguagem. Há um limite na linguagem. Não existe um saber sobre o real. Essa perspectiva problematiza ainda mais a questão da autoria de um texto.

O tema da autoria é tratado muitas vezes como equivalente ao estilo. Com frequência, considera-se que o autor destaca-se do texto pelo seu estilo, como algo singular, que se mantém constante, invariável. Faremos uma aproximação entre o estilo e o nome próprio, utilizando a teoria psicanalítica. Consideramos que essa aproximação pode ser feita a partir da relação do singular com o real: tanto o estilo quanto o nome próprio tocam o real.

Podemos articular o estilo com algo que se constitui entre o social e o singular¹⁹. Ele implica algo que é, ao mesmo tempo, próprio a cada um, pertencente à dimensão privada da existência, mas também está inserido na via da transmissão e do endereçamento. O estilo pode ser situado entre o objeto *a* e o Outro, como algo da ordem de um gozo próprio que busca conquistar a aceitação social.

A aproximação com o real em um texto pode ser identificada nas interrupções de sentido, nas quebras de previsibilidade na ordem das sequências e no surgimento de elementos “estranhos” à narrativa, que apontam para a falência da linguagem, do vazio significante. Pode-se apreender em um texto algo da ordem de uma repetição, como o encontro com o real. O estilo pode ser abordado também pelo tratamento que o sujeito dá a esse encontro com o real. Esse tratamento singular, ao ser lançado no espaço público, pode alcançar reconhecimento de valor universal. O estilo é, portanto, o trabalho que se faz a partir da ruptura, um trabalho de escritura que toca o real. Há aqui a aproximação entre o estilo e o nome próprio.

Na psicanálise o nome próprio tem um estatuto particular. O nome próprio é um modo de designação do ser, o modo pelo qual um sujeito reconhece a si próprio por meio da linguagem. Inicialmente, essa designação é abordada por Lacan pela noção de identificação. Na dimensão da nomeação inserem-se as identificações imaginárias, relacionadas às imagens que alguém faz de si mesmo, ou as identificações simbólicas pelas quais o sujeito encontra seus traços de identificação, provenientes das insígnias

¹⁹ Uma discussão interessante sobre o estilo é feita por Heloísa em CALDAS, Heloísa. *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

advindas do Outro. Posteriormente Lacan destaca, na nomeação, a dimensão de gozo. O nome próprio é um índice da existência do sujeito, segundo Soler²⁰. Se o neurótico é um sem-nome, ele é encoberto pelo nome próprio. O nome próprio é um índice daquilo que no sujeito é impensável, é o índice do sujeito como real, um esforço para dar uma significação fálica à existência de sujeito.

O que seria essa significação fálica? Lacan considera que a nomeação é relacionada à presença de uma função essencial na constituição da realidade psíquica de um sujeito, a incidência do Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai é a função capaz de nomear um vazio enigmático, correspondente ao desejo da mãe. Ao nomear esse enigma, a operação do Nome-do-Pai equivale a uma metáfora, conferindo ao desejo enigmático da mãe uma significação universal, o falo. Essa operação de fixar uma significação a um significante (sem significado) produz como resultado um apaziguamento na relação do sujeito com o gozo.

Lacan, no *Seminário 9, A identificação* (1961-62), discute a função do nome próprio, relacionando-o com o traço unário, ou seja, com a via da identificação a um traço do Outro. Ele retoma a definição de nome próprio de Stuart Mill, que diferencia o nome próprio do nome comum em função do sentido. O nome comum concerne ao objeto, enquanto junto com ele vem um sentido. No caso do nome próprio, ele não é o sentido do objeto que ele traz consigo, mas algo da ordem de uma marca aplicada ao objeto, superposto a ele. Lacan evoca Gardner, que, em contraposição à definição de Mill, afirma que o nome próprio tem sim um sentido. Todo nome próprio tem um sentido, por ex., Smith quer dizer ferreiro. Mas, para Gardner (citado por LACAN, 1961-62), o acento do nome próprio não está no seu sentido, mas no som enquanto distintivo. Lacan postula que há nessa definição a introdução da dimensão subjetiva (psicológica), da atenção dispensada ao significante como material sonoro.

Para Lacan (1961-62), a partir da função do traço unário, não pode haver definição do nome próprio a não ser a partir da relação da emissão nomeadora com algo que em sua natureza radical é da ordem da letra. A letra, nesse momento da teorização de Lacan, é definida como o suporte do significante. Ele acrescenta que o que representa o advento

²⁰ SOLER, Collete. "A clínica do Real". In: *FOLHA*. Revista da Clínica Freudiana. Ano 3, n. 30. Salvador: Fator, 1989.

da escrita é que alguma coisa que já é escrita (isolamento do traço significante) passa a servir como suporte do som. A característica do nome próprio é sempre mais ou menos ligada a este traço de ligação, não ao som, mas à escrita.

O que distingue um nome próprio é que de uma língua para outra ele conserva sua estrutura, sonora provavelmente, mas esta estrutura sonora se distingue das outras especialmente em razão da afinidade do nome próprio com a marca, com a designação direta do significante como objeto. Lacan destaca o uso de uma função sujeito na linguagem: a de nomear por seu nome próprio. O nome próprio faz parte deste recalçamento no qual o sujeito se apoia para falar, ele inaugura a cadeia. O sujeito é o que se nomeia e nomear é antes de tudo algo que tem a ver com uma leitura do traço *um*. Designando esse traço como *unário*, ele ressalta seu caráter estruturante da subjetividade, ao inscrever uma marca que inaugura o sujeito, a partir da qual ele insere-se em uma rede simbólica. Lacan ressalta que o fundante não está no dito. O nome próprio faz falar. No seminário *Os Nomes-do-Pai*, Lacan comenta que o nome absoluto, o nome como singular, o nome único não existe (MILLER, 1992). Seria mais adequado dizer os Nomes-do-Pai, pois uma série de nomes pode fazer essa função. Há, portanto, uma pluralização dos Nomes-do-Pai. No trabalho de uma análise deve-se considerar o que, para cada sujeito, pode fazer às vezes de Nome-do-Pai.

Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, Lacan (1998) comenta que os nomes próprios não recobrem inteiramente o ser. Há um ser que aparece em falta no “mar de nomes próprios”, esse ser chama-se gozo. Assim, Miller (1992) propõe agregar ao nome próprio uma dimensão para além do Nome-do-Pai. Trata-se da dimensão do “nome de gozo”. É por meio do gozo que o sujeito experimenta-se como vivo.

Ao se referir a Joyce em seu seminário *O sintoma*, Lacan (2007) mostra como que, por meio da leitura de sua obra, o nome James Joyce desloca-se do nome registrado em cartório, para apontar para uma nova maneira de se ver designado em seu ser. Lacan destaca então que se trata de um nome relacionado agora a uma experiência de linguagem, ou uma experiência de gozo por meio da linguagem. Ao designar “Joyce o sintoma”, Lacan nomeia uma experiência de gozo particular. Por meio dessa forma de gozo associada à experiência literária, Joyce constrói uma obra a ponto de se ver

determinado, em seu nome, por ela. Lacan, nesse seminário, ao renovar a noção de sintoma, relaciona-o com o nome próprio, pois o sintoma inscreve o que há de mais singular em um nome. O sintoma passa a ser um modo como um sujeito busca capturar o gozo. Ele opera fazendo um aparelhamento do gozo. Assim, a dimensão de nomeação passa necessariamente pela dimensão do gozo.

Essa digressão teve como propósito discutir o que seria a autoria de um texto e sua relação com o nome próprio. Se a escrita de um romance leva à construção de uma autoria, poderíamos relacionar a autoria com a nomeação, com o nome próprio? Os diários de adolescentes poderiam levar à construção de um nome próprio? Podemos concluir que alguns diários publicados podem ter esse efeito. Existem diários publicados que são verdadeiras obras literárias e que permitem ser articulados com a construção do nome próprio. Se o nome do autor está relacionado a uma experiência de gozo por meio da linguagem, associado à experiência literária, ele pode ter esse efeito de nomeação. Se o nome do autor nomeia uma experiência de gozo singular, por meio da qual ele pode construir uma obra a ponto de ser determinado por ela, há então algo nesse nome que permite ao sujeito a construção de uma nova maneira de se ver designado em seu ser. Mas acreditamos que essa é apenas uma possibilidade, que não caracteriza toda e qualquer escrita de diário.

O diário íntimo pode ser aproximado do romance, como uma narrativa individual. Laurent (1992) observa que a psicanálise não é uma experiência de comunicação, mas uma experiência narrativa. Segundo o autor, o inconsciente de Freud caminha junto com uma forma de narrativa que é a do romance de Goethe. Essa forma de narrativa implica algumas exigências: “Definição clara e distinta dos personagens, estrutura dividida de interlocução, separação do comentário e da descrição, jogo de palavras da conversação pública e a ruminação da conversação interior” (p.38). Já a prática de Lacan é contemporânea de uma estrutura de narração que transformou da escritura moderna onde o romance é subvertido para a contração do tempo, do espaço, dos personagens, do interior e do exterior (LAURENT, 1992).

Podemos então diferenciar o romance clássico do romance moderno. O romance clássico é caracterizado por um relato linear, que postula um sentido na existência narrada. Esse sentido é construído através da tentativa de se extrair uma lógica

retrospectiva e prospectiva, estabelecendo relações inteligíveis entre os diversos estados que se sucedem. Já o romance moderno apresenta-se como um real descontínuo, formado por elementos que se justapõem, únicos, sem relação entre si, que surgem de maneira imprevista e aleatoriamente, como descreve Bourdieu (2005).

A passagem do romance à novela leva à contração do tempo e produz efeitos de estilo. Esse é processo do passe. A metodologia do testemunho inclui a exigência lacaniana da contração do tempo. Para isto, é necessário recusar o “empuxo-ao-romance”. O passe isola efeitos de estilo, que estão sempre na contramão do romance. Esses efeitos de estilo emergem no lugar em que a tendência ao romance vacila ou fracassa. Nessa perspectiva, o romance se opõe ao estilo. Se o romance envolve a criação de um sentido para encobrir o real, o estilo envolve a contração do tempo, do espaço e dos personagens, do interior e do exterior, promovendo uma “quebra” do sentido, deixando surgir o descontínuo, o aleatório, o real.

O romance inclui o tempo entre seus princípios constitutivos. Como observa Benjamin (1994), de acordo com a “Teoria do romance”, somente o romance separa o sentido e a vida, o essencial e o temporal, sendo toda a ação interna do romance uma luta contra o poder do tempo. “Desse combate, (...) emergem as experiências temporais autenticamente épicas: a esperança e a reminiscência (...). Somente no romance (...) ocorre uma reminiscência criadora, que atinge seu objeto e o transforma...” (BENJAMIN, 1994: 212). O sujeito ultrapassa o dualismo da interioridade e da exterioridade quando percebe a unidade de sua vida na corrente do seu passado, resumida na reminiscência. Essa visão da unidade da vida é uma apreensão intuitiva do sentido da vida. O romance gira em torno de um centro que é o sentido da vida. Benjamin não considera o romance como uma narrativa, porque para ele a narrativa é oral. Enquanto a narrativa busca “a moral da história”, o romance gira em torno do “sentido da vida”, sempre inatingido e inexprimível.

O romance visa, portanto, à construção do “sentido da vida” do protagonista, numa luta contra o poder do tempo. O romance clássico (provavelmente é o romance ao qual Lacan se refere) busca estabelecer um sentido para a vida individual, enquanto a novela superpõe camadas temporais de modo a produzir um efeito de simultaneidade. A novela trabalha com o princípio de sincronicidade.

Santiago (op. cit.) relaciona o testemunho com a h(y)storização e a história com o romance. A h(y)storização é algo inovador na metodologia do testemunho. Se a história se faz presente no desfecho da análise é porque o testemunho se apoia sobre o valor ficcional de um relato em que predomina a apreensão dos significantes-mestres (S_1) que viabilizaram a conexão do aparelho do sintoma com a posição de gozo do sujeito.

A h(y)storização é a resposta que se encontra no lugar preciso em que o saber do mestre se verifica impotente para responder à questão que se implanta no âmago da divisão do sujeito. Se há aqui uma elevação da histeria é no sentido de desembaraçar esse final do “todo-saber” próprio do tipo clínico da obsessão. Aqui, o ponto culminante do passe deixa de ser o matema para prevalecer a clínica das soluções particulares de cada um quanto ao saber-como-fazer com o sintoma. O testemunho é privilegiado em relação à demonstração puramente matemática. As soluções decorrentes da h(y)storização exigem do analisante deparar-se com os acontecimentos que, por definição, encarnam o que há de mais contingente no percurso de suas vidas e de suas análises.

Nos relatos de passe, o personagem conta menos do que os efeitos de estilo que resultam do destino do sintoma no final. O testemunho decorrente da “h(y)storização” privilegia os efeitos de estilo. Operou-se uma contração do tempo, próprio da passagem do romance à novela.

A contração do tempo é compatível com a operação analítica de captura dos significantes-mestres (S_1) que cunham a trama ficcional do passante e, nesse mesmo instante, corroem o personagem que, até então, se colocava como o principal protagonista de sua história. Esses efeitos de estilo cessam a decifração significativa e são o signo de que, nessa forma de testemunho, os significantes-mestres se desprenderam, irremediavelmente, do personagem que outrora lhes deu suporte. A temporalidade é importante para se definir o romance. Se a novela envolve a contração do tempo, no romance (clássico) existe “um tempo da construção da história”, necessário à formação do personagem.

Não é o nosso objetivo, nesta tese, o estudo do processo de final de análise. Ao realizar esse breve percurso sobre hystorização e romance, buscamos recortar as especificidades do romance, naquilo que o contrapõe à hystorização.

Defendemos a hipótese de que a escrita do diário íntimo na adolescência equivale à perspectiva da escrita de um romance clássico, enquanto ele leva à construção do personagem como o principal protagonista de sua história. Ele surge como o lugar de retorno do discurso que vem do Outro. Se a escrita de um romance familiar na adolescência produz efeitos na relação do adolescente com a sua obra, talvez seja no sentido de sair da posição de “ser determinado pela história” para se tornar o principal protagonista dela, podendo “ler essa determinação da história”.

Ao se deparar com o real na puberdade, o sujeito deve fazer um trabalho de escritura que envolve a amarração com os restos do enlace do sujeito ao Outro. Com esses restos, o sujeito constrói o seu romance familiar. O romance familiar é uma construção que resulta do desligamento da autoridade dos pais, ao mesmo tempo em que busca encobrir essa separação. A construção de um romance familiar envolve, pois, um distanciamento dos pais que permite “uma leitura de sua determinação histórica”. No entanto, nessa construção narrativa, que visa à elaboração de um sentido para o real do sexo, pode-se esbarrar nos limites do sentido, “tropeçar no real”, naquilo que faz obstáculo à simbolização. Na construção que o sujeito faz a partir desses obstáculos, surge o estilo.

O mais famoso diário de adolescente escrito durante a guerra, o diário de Anne Frank, ilustra essa construção de um romance, tendo como efeito a constituição de um personagem como principal protagonista de sua história. Há no texto de Anne Frank uma escritura autorreferencial e um tom confessional, que busca o desvelamento de uma subjetividade. O pacto entre leitor e escritor permite uma aproximação dessa intimidade que se constrói no texto autobiográfico. Veremos em sua escrita esse trabalho de desligamento da autoridade dos pais e a construção de um romance familiar.

Anne Frank nasceu em 12 de julho de 1929, na Alemanha. Ela escreveu o seu diário durante a Segunda Guerra Mundial, entre 12 de junho de 1942 e 1º de agosto de 1944, portanto, dos 13 aos 15 anos, na Holanda, onde a família refugiara-se com a perseguição aos judeus após a chegada de Hitler na Alemanha. Ela morreu aprisionada no campo de concentração antes de completar 16 anos. Inicialmente, escrevia-o sem a intenção de torná-lo público, mas depois decidiu que o publicaria quando a guerra terminasse. Assim, resolveu reescrever seu diário, melhorando o texto, omitindo algumas passagens

e acrescentando outras. Ao mesmo tempo, continuava a redigir seu diário original. O primeiro diário de Anne é conhecido como versão *a*, para distingui-lo do segundo, com alterações, conhecido como versão *b*. Três dias depois da última anotação em seu diário, Anne e as outras pessoas que se escondiam no Anexo Secreto foram presas. Duas secretárias que trabalhavam no prédio encontraram as folhas do diário de Anne espalhadas no chão e as guardaram. Depois da guerra as entregaram ao pai de Anne, Otto Frank, que decidiu realizar o desejo da filha de publicar o diário. Ele selecionou material das versões *a* e *b*, organizando-os numa versão mais concisa, citada como versão *c*, que é a versão mais conhecida, editada pela escritora e tradutora Mirjam Pressler.

O seu diário passou a ser um documento histórico do Instituto Estatal Holandês para Documentação de Guerra, em Amsterdã, que procurou fazer uma profunda investigação para avaliar a autenticidade do texto de Anne Frank. Depois de ter sido considerado autêntico, ele foi publicado na íntegra, juntamente com o resultado das exaustivas investigações que foram feitas para comprovar sua autenticidade.

O objetivo dos recortes feitos no diário de Anne Frank (versão *c*) para esta pesquisa é o de se refletir sobre a escrita na adolescência como a escrita de um romance familiar. Nesse sentido, não são as dramáticas experiências da guerra que se buscou retirar de sua narrativa, mas as condições que definem um romance clássico, segundo a definição de Laurent: “Definição clara e distinta dos personagens, estrutura dividida de interlocução, separação do comentário e da descrição, jogo de palavras da conversação pública e a ruminação da conversação interior” (1992: 38). Além de se considerar a presença dessas condições no diário de Anne, foi possível identificar a construção do protagonista nessa construção temporal e a busca pelo sentido da vida no tempo do despertar da puberdade.

Anne Frank busca, a partir da escrita do diário, construir o que lhe é próprio, suas próprias ideias, antes mesmo de conseguir verbalizá-las: “Tenho minhas próprias ideias, meus planos e ideais, mas ainda não consigo verbalizá-los” (FRANK, 2007: 163). A escrita, portanto, tem a função de organização e apropriação de suas ideias: “É por isso que sempre termino voltando ao meu diário – começo nele e termino nele...” (p.164). A escrita permite também diminuir a angústia: “*O fato de escrever me levantou um pouco das ‘profundezas do desespero’*” (p.177).

A escrita na adolescência tem a função de organização de um corpo que se apresenta como algo estranho, um corpo que não é mais de criança, mas também não é de adulto. Nesse momento de passagem para o qual não há inscrição, a escrita do diário pode funcionar como possibilidade de situar essa passagem, como suporte da reconstituição do corpo. A escrita “privada” registra e ao mesmo tempo possibilita uma mudança de endereço, da casa dos pais para o grupo social, como um espaço intermediário. Nessa travessia, o diário permite a construção de um percurso “solitário”, “íntimo”, que leva ao reconhecimento de si mesmo como o principal personagem dessa história. Assim, o romance, como “escrita”, é a condição para esse percurso.

No despertar do real do gozo na puberdade, quando o simbólico se mostra insuficiente, o diário íntimo, como um romance, vem tentar suprir essa insuficiência simbólica: “Acho que o que está acontecendo comigo é maravilhoso, e não falo somente das mudanças que acontecem no exterior do meu corpo, mas também das que ocorrem por dentro. Nunca comento essas coisas com os outros, e é por isso que tenho que falar sobre elas comigo mesma” (FRANK, 2007:184).

O diário íntimo, por seu caráter privado, permite escrever as fantasias e descobertas sexuais: “Às vezes, quando me deito à noite, sinto um desejo terrível de tocar meus seios e ouvir as batidas calmas e firmes de meu coração” (FRANK, 2007: 184). As descobertas sexuais envolvem o próprio corpo e o corpo do outro: “Uma vez, quando estava passando a noite na casa de Jacque, não pude conter minha curiosidade sobre seu corpo, que ela sempre havia escondido de mim e que eu nunca tinha visto. Perguntei se, como prova de nossa amizade, poderíamos tocar os seios uma da outra” (p.184).

Anne Frank se dirige ao seu diário como a um amigo, um amigo ideal, silencioso e paciente, que a escuta e a compreende. Esse companheiro imaginário exerce a função de um amigo íntimo: “...Quero que o diário seja minha amiga, e vou chamar essa amiga de Kitty” (FRANK, 2007: 19). “Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo” (p.19). “Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito” (p.18). “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (p.11).

A construção da “história” vem em primeiro lugar na escrita do diário, ela está à espera do autor. Anne Frank começa seu diário escrevendo sua “história passada”, para tentar situar-se a partir dela: “Como ninguém entenderia uma palavra de minhas histórias contadas a Kitty se eu começasse a escrever sem mais nem menos, é melhor fazer um breve resumo de minha vida” (FRANK, 2007: 20).

O mergulho no passado permite situar-se no presente e lançar-se no futuro, trabalho feito pela escrita: “Concluí que, quando se começa a buscar, é preciso cavar cada vez mais fundo no passado, o que leva a descobertas ainda mais interessantes” (FRANK, 2007: 200).

A memória dos fatos passados é também acompanhada de angústia. A memória apresenta uma estreita relação com a morte. Ela é construída exatamente a partir da perda, do “já vivido”. Na tentativa de resgatar o perdido, entretanto, busca-se capturar o vivido. Mas, quanto mais se escreve o passado, mais dele se distancia. A morte da “infância” exige seu luto, trabalho feito na adolescência pela via da escrita “dos fragmentos de lembranças”.

Na reconstrução do infantil, ficções e fatos se misturam, tecendo um texto que é marcado pela angústia diante da impossibilidade de tudo dizer: “Estou numa confusão absoluta, não sei o que ler, o que escrever, o que fazer. Só sei que estou sentindo falta de alguma coisa....” (FRANK, 2007: 211).

Mas a presença iminente da morte na vida de Anne faz com que a angústia se intensifique e o passado seja nostalgicamente reconstituído: “Agora que estou relendo meu diário, depois de um ano e meio, estou surpresa com a minha inocência infantil. No fundo, sei que nunca poderia ser tão inocente de novo, por mais que quisesse” (FRANK, 2007: 77). “Simplesmente não consigo imaginar que o mundo volte a ser normal para nós” (p.166).

As teorias sexuais da infância, recalçadas, não são mais acessíveis ao adolescente, mas Anne Frank descreve em seu diário uma fantasia sexual infantil de sua amiga: “Eva achava que as crianças cresciam em árvores, como maçãs, e que a cegonha as arrancava da árvore quando estavam maduras e levava para as mães” (FRANK, 2007: 67).

Anne Frank esboça, através da escrita, um esforço constante de separação de “seu estado infantil”, marcando as diferenças entre a adolescência e a infância. Ao descrever o período da infância como o de inocência, resgata o romance familiar construído na infância: “Antes de vir para cá, quando eu não entendia tanto as coisas, de vez em quando achava que não pertencia a mamãe, papai e Margot, e que seria sempre uma estranha. Algumas vezes passava uns seis meses fingindo que era órfã” (FRANK, 2007: 191).

Os conflitos de Anne Frank que envolvem o amor pelo pai e o ódio pela mãe ilustram a reedição do Édipo na puberdade: “Até que enfim contei a papai que gosto mais dele que de mamãe, e ele respondeu que era só uma fase passageira, mas não acredito” (FRANK, 2007: 66) “Papai é sempre tão bom comigo e, além disso, me entende muito melhor. Nessas horas, não suporto mamãe. É obvio que sou uma estranha para ela; ela nem sabe o que penso sobre as coisas mais simples” (p.56). “Então, será que eu deveria sentir mais simpatia por mamãe? Será que deveria ajudá-la? E papai? Não posso, vivo imaginando outra mãe” (p.210).

Mas, gradativamente, a separação dos pais, trabalho psíquico tão doloroso e fundamental nesse percurso, é proporcionada pela escrita: “Demorou um bocado, mas finalmente percebi que papai, por mais gentil que seja, não pode ocupar o lugar do meu mundo antigo. Quando se trata de meus sentimentos, mamãe e Margot deixaram de contar há muito tempo” (FRANK, 2007: 88).

O amor pelo pai é substituído pelo amor ao Peter: “Ontem à noite sonhei que eu e Peter estávamos nos beijando, mas o rosto de Peter foi uma frustração: não era tão macio quanto parecia. Era mais como o de papai – o rosto de um homem que já se barbeia” (FRANK, 2007: 239) “Quando meu pai me beijou de manhã, eu quis gritar: Ah, se você fosse Peter!” (p.188).

O principal personagem dessa história se reduz ao lugar de retorno do discurso que vem do Outro, como uma mensagem sempre invertida: “É engraçado, mas às vezes consigo me enxergar como os outros me veem. Dou uma olhada tranquila na pessoa chamada Anne Frank e folheio as páginas de sua vida como se ela fosse uma estranha” (FRANK,

2007: 191). “Parece que cresci desde a noite daquele sonho, como se tivesse ficado mais independente” (p.195).

Mas, nessa construção de sua história, há sempre algo de “estranho”, de desconhecido, de incontornável pela linguagem:

Na cama à noite, enquanto penso em meus muitos pecados e em meus defeitos exagerados, fico tão confusa pela quantidade de coisas que tenho de analisar que não sei se rio ou choro, dependendo do meu humor. Depois durmo com a sensação estranha de que quero ser diferente do que sou, ou de que sou diferente do que quero ser, ou talvez me comportar diferente do que sou e do que quero ser (FRANK, 2007: 90).

Ao se fazer protagonista da própria história, no ritmo e na temporalidade próprios da escrita diária, o sujeito adolescente pode descobrir um ponto de ancoragem de uma referência significativa. Assim, a escrita de seu “romance particular” pode funcionar como um operador de subjetivação para o adolescente. O diário, então, torna-se desnecessário no final da travessia.

Anne Frank observa suas transformações, fazendo um reconhecimento de si como resultado dessas transformações. Ao reler seus primeiros escritos no diário, ela faz uma avaliação crítica do que escreveu, se sentindo agora diferente: “Eu me escondi dentro de mim, pensei somente em mim e escrevi no diário sobre toda a minha alegria, o meu sarcasmo e a minha tristeza. Como este diário se transformou numa espécie de livro de memórias, ele significa muito para mim, mas eu poderia facilmente escrever ‘passado esquecido’ em muitas páginas” (FRANK, 2007: 181).

Anne Frank escrevia o seu diário com a intenção de publicá-lo quando a guerra terminasse. Seu pai realizou o seu desejo e o nome “Anne Frank” ficou internacionalmente conhecido.

O diário íntimo na adolescência equivale à perspectiva da escrita de um romance clássico ou “de formação”, permitindo a construção do personagem como o principal protagonista de sua própria história, funcionando como um operador de subjetivação para o adolescente. Vimos dois tipos de romances: o da Melissa e o da Anne Frank. Os dois diários apresentam aspectos comuns e diferentes. Em Melissa, destacamos uma escrita inicialmente invadida pelo gozo. Melissa, no início do século XXI, é uma

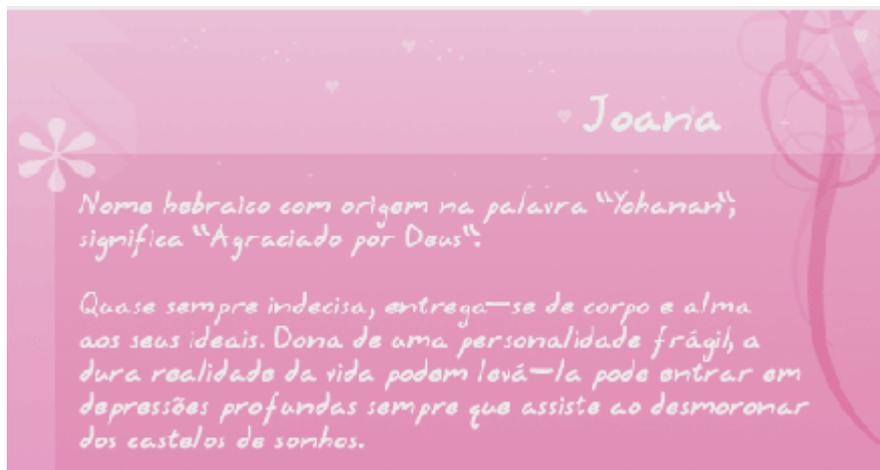
adolescente que busca “a liberdade sexual”. Ela quer experimentar tudo, dizer tudo, numa escrita “sem véus”. Mas, como nos mostra Lacan, não existe um saber sobre o real. O que Melissa encontra, nessa proximidade com o objeto, é o horror. No final de seus escritos Melissa reconstituiu o véu que encobre o traumático do sexual, através da ilusão do amor. Anne Frank, também no despertar da puberdade, é invadida pelo gozo. Mas, em seus escritos, o gozo é abordado de forma sutil, por meio da curiosidade sobre o próprio corpo, o corpo da amiga e do amigo por quem ela se apaixona. Anne Frank vive a paixão, que ela cultiva na sua impossibilidade.

Nos dois diários identificamos o trabalho de desligamento da autoridade dos pais na construção do romance familiar, e o desejo de publicar seus escritos. Podemos dizer que o diário íntimo, nos dois casos, através da construção de um romance familiar, promoveu uma mudança na posição do sujeito.

A partir de nossas considerações sobre o romance, podemos estabelecer algumas hipóteses. A escrita de um romance familiar, no diário íntimo, pode desempenhar, no tempo da puberdade, uma importante função para o sujeito. Essa função, como foi visto, relaciona-se com a construção de um sentido que encobre o traumático do encontro com o real. Essa construção narrativa permite a elaboração de uma resposta ao enigma da origem, que ressurge a partir de uma contingência na adolescência. Ela possibilita sustentar o sujeito em sua travessia no tempo da puberdade, operando como uma solução para o encontro com a castração. É uma fantasia criada pelo sujeito no momento em que ele se depara com a falta no Outro, como uma interpretação dessa falta. Ao se deparar com a impossibilidade real da castração, o sujeito adolescente constrói um outro a quem se ligar. É uma ficção que visa “a relação” entre o sujeito e o outro, diante do confronto com a não-relação sexual. O romance familiar é a articulação significativa que encobre o real. Nesse sentido, se o sintoma é uma construção do sujeito ao encontro com o impossível, a escrita de um diário pode ser uma resposta possível a esse encontro, como uma modalidade de resposta sintomática na adolescência.

O blog, como um diário contemporâneo, também pode ser considerado como um novo espaço de escrita de um romance na adolescência? Existe no blog o esforço de construção de uma autoria, ou ele marca a passagem da construção do romance à escrita de gozo? Essa discussão será feita adiante.

CAPÍTULO 3: O BLOG ADOLESCENTE COMO PRODUTO DA CONTEMPORANEIDADE



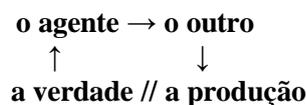
<http://avidanaocheга.blogs.sapo.pt/>

3.1. O discurso capitalista e seus efeitos sobre o sujeito

Lacan partiu da lógica capitalista construída por Marx para escrever o discurso capitalista, introduzindo o conceito de mais-de-gozar, que deriva do conceito de Marx de mais-valia. Mas para apresentar o discurso capitalista é necessário introduzir os quatro discursos de Lacan, já que o discurso capitalista é o seu quinto discurso.

A teoria dos discursos foi elaborada por Lacan para formalizar os laços sociais entre os homens. A noção de discurso, segundo Lacan, visa à inscrição daquilo que funda a palavra nos seus efeitos. Ela permite que se perceba o que se passa quando se faz uso da palavra. Uma palavra é endereçada a um outro. O discurso, portanto, enquanto articulação significante, funda um vínculo social instaurado pela palavra. Por outro lado, nesta articulação significante há um exercício de poder. No *Seminário 17*, Lacan (1992 [1969-70]) afirma que todo discurso é discurso de dominação. Uma certa ação (exercida pelo agente do discurso) é exercida sobre aquele a quem se dirige a palavra (o outro). Assim, o discurso funda um poder, na medida em que supõe o uso da palavra, e algo é produzido, como efeito dessa relação (produção). Mas quando alguém dirige a palavra a alguém, onde está a verdade? A verdade é a dimensão oculta, que escapa à captura do

dito, é irreduzível ao dito. O sujeito que fala não tem a verdade daquilo que diz. Lacan estabelece, portanto, quatro lugares (agente, verdade, outro, produção)¹:



O lugar do agente é o lugar do “dominante”. Na teoria dos discursos, cada discurso apresenta um elemento diferente no lugar dominante. Esse elemento, no lugar de agente, domina o laço social. O lugar da verdade, escamoteado pela barra, é o que sustenta a verdade do discurso. O lugar do outro é o lugar do dominado, daquilo que se pretende dominar. O lugar da produção refere-se ao que o outro de cada laço social deve produzir. Os termos que ocuparão estes lugares, ou seja, as funções em relação às quais se situa o sujeito que fala, são quatro: o significante inaugural (S_1), o saber (S_2), o sujeito ($\$$), o objeto (a).

O discurso como laço social é um modo de aparelhar o gozo com a linguagem. Os discursos podem então ser tomados como aparelhos de tratamento do gozo nos laços sociais. Os laços sociais escritos pelos quatro discursos se constituem como possibilidades diante da impossibilidade da relação sexual.

O “mal-estar” na civilização é representado nos discursos por esse elemento heterogêneo, o objeto a , parte excluída da linguagem, aquilo que a civilização exige do homem renunciar. Mas o gozo também se presentifica no campo significante: como traço unário (S_1), que inaugura a irrupção de gozo e como saber (S_2), enquanto meio de gozo. Como perda e produção de gozo, próprios à repetição, ele é representado pelo objeto a (mais-de-gozar). O sujeito ($\$$) enquanto significante barrado é o sujeito do inconsciente, que não pode ser representado na cadeia significante, é uma resposta real da repetição significante do gozo. É a repetição do S_1 que constitui o S_2 como saber inconsciente. Lacan identificou também o objeto a com o supereu, que, como rebotallo da civilização, retorna na sua modalidade de supereu como a voz que critica e o olhar que vigia.

¹ A flecha indica a direção da mensagem e, ao mesmo tempo, o sentido da relação sincrônica entre os dois lugares. Há uma irreduzibilidade entre a verdade e a produção.

Lacan formaliza quatro tipos de discursos, que são: o discurso do mestre, da histórica, do analista e da universidade. Os discursos vão se constituindo por um quarto de volta a partir do discurso do mestre, girando no sentido horário.

Discurso do mestre: $\underline{S1} \rightarrow \underline{S2}$
 $\$ // a$

Discurso da histórica: $\underline{\$} \rightarrow \underline{S1}$
 $a // S2$

Discurso do analista: $\underline{a} \rightarrow \underline{\$}$
 $S2 // S1$

Discurso da universidade: $\underline{S2} \rightarrow \underline{a}$
 $S1 // \$$

O discurso do mestre é o discurso por excelência da dominação: “...A referência de um discurso é aquilo que ele confessa querer dominar, querer amestrar. Isto basta para catalogá-lo em parentesco com o discurso do mestre” (LACAN, 1992: 65). Aqui o dominante é a lei, que encarna o mestre, que leva o outro a produzir para ele objetos de gozo. No discurso do mestre, o governo parece se instaurar a partir de leis, projetos ou programas (S_1), mas na verdade o que está escamoteado é que existem sempre sujeitos ($\$$) sustentando esse governar.

No discurso da histórica o sintoma assume a posição dominante. A divisão do sujeito está expressa no sintoma. A histórica se dirige a um outro como mestre (S_1), para que ele produza saber (S_2). “Mas se é de seu discurso que se trata, e esse discurso é o que possibilita que haja um homem motivado pelo desejo de saber, trata-se de saber o quê? – que valor ela própria tem, essa pessoa que está falando. Porque, como objeto a , ela é queda, queda do efeito do discurso, por sua vez quebrado em algum ponto” (LACAN, 1992: 32). Lacan demonstra que a verdade da histórica é que precisa ser o objeto a para ser desejada.

No discurso do analista, o mais-de-gozar assume a posição dominante, ou seja, o analista, na posição de objeto, se dirige ao outro como sujeito, para que ele produza um significante de sua singularidade. É do lado do analista que há saber. O saber aqui ocupa

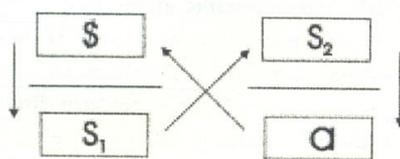
o lugar da verdade: “É do seu lado que há S_2 , que há saber – que ele adquira esse saber escutando seu analisante, quer seja um saber já adquirido, localizável, isto pode, em um certo nível, ser limitado ao *savoir-faire* analítico” (LACAN, 1992: 33). Mais adiante, ele formula: “Um saber como verdade – isto define o que deve ser a estrutura do que se chama uma interpretação” (p.34).

No discurso universitário o saber (S_2) ocupa a posição dominante e se dirige ao outro como objeto (a), para produzir o sujeito dividido ($\$$), que se revolta por ser tratado como objeto. Nesse discurso, a educação se dá pela aplicação do saber como saber universal, que, no entanto, é sustentado por autores ou inventores (S_1) desse saber.

O discurso do capitalista foi proferido por Lacan na conferência de Milão em 12 de maio de 1972². Lacan introduz uma modificação no discurso do mestre, designando-o como o discurso capitalista para caracterizar a nossa civilização. Há, portanto, uma mudança na teoria dos quatro discursos, com a inclusão do quinto, o discurso capitalista.

No capitalismo, o mais-de-gozar, produzido e condensado por meio do objeto a , ganhou o caráter de um “mais” de valor produzido e condensado em *mercadorias*. No lugar do mais-de-gozar surge a mercadoria. O discurso do mestre na atualidade é o discurso do capitalismo. Ele não se constitui a partir de um quarto de giro de letras como os outros discursos, mas se deduz por uma torção do discurso do mestre.

Lacan transforma o discurso do mestre a partir de uma comutação dos termos que ocupam os lugares do lado do sujeito (à esquerda), conservando inalteradas as posições daqueles que estão no lugar do “outro significante” (à direita):



² LACAN, JACQUES. *Du discours psychanalytique*. Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue: *Lacan in Italia 1953-1978. En Italie Lacan, Milan, La Salamandra*. 1978, p.32-55.

Em certo momento da evolução do conhecimento o mestre se apropriou do saber que era produzido pelo escravo. O escravo, antes, era o que trabalhava e que ocupava o lugar do saber e do gozo (à direita). Ele detinha o saber sobre o trabalho que produzia.

Mais tarde, as ciências e a própria universidade determinaram uma mudança dessa relação, universalizando o saber do escravo. Transmutado num saber de mestre, ele passou a circular no mercado com valores especiais de troca, de uso e, ainda, agregado de certo poder. O que antes era um “saber-fazer” do escravo, transformou-se em um “aparelho de saber” para o mestre, numa passagem do saber prático para o saber teórico. Essa condição passou a fazer parte da própria dimensão da linguagem, de alguma forma. Houve, portanto, uma modificação no estatuto do saber, responsável pela transmutação do discurso do mestre antigo para aquele que se constituiu como o capitalista.

O mestre contemporâneo é o capitalista. Lacan partiu da lógica capitalista construída por Marx, introduzindo o conceito de mais-de-gozar, derivando do conceito de Marx de mais-valia. Na teoria marxista, o valor está vinculado ao trabalho e a mais-valia refere-se a trabalho não pago. O discurso do capitalista corresponde a um deslocamento a partir do discurso do mestre. O gozo produzido neste discurso ganha um caráter contábil quando passa a valor relativo a um mercado.

Ao aproximar o conceito de mais-valia em Marx do seu conceito de mais-de-gozar, discussão iniciada no seminário da *Ética*, Lacan relaciona o mestre com o capitalista e o escravo com o trabalhador, para fazer uma reflexão sobre a lógica capitalista. Lacan comenta que Marx parte da função de mercado. O trabalho para Marx é comprado, há um mercado de trabalho. É a relação com o trabalho que constitui o senhor, o qual pretende fazer dela o princípio de seu poder. A separação entre capital e trabalho engendra uma perda do lado do trabalhador (do escravo), uma apropriação de um mais-de-gozar (a mais-valia) por parte do mestre (no caso, o capitalista), de forma que o escravo fica numa relação de alienação da fruição do produto e da razão pela qual trabalha. Já o escravo antigo detinha um saber-fazer com o gozo. O mestre antigo não queria saber, era o escravo quem sabia fazer. O mestre moderno se apropria do saber do escravo, expropria o gozo do escravo e o transforma em lucro. O escravo fica privado do usufruto do seu trabalho e do saber sobre o conjunto da produção.

O capitalismo alterou por completo os hábitos do poder. O capitalismo introduziu o poder liberal. E, segundo Lacan (2008), ele reina, porque está estreitamente ligado à ascensão da função da ciência. O poder do capitalismo é um poder camuflado, secreto e anárquico, pois é dividido contra si mesmo por seu aparelhamento com a ascensão da ciência, pois a ciência avança para além do seu controle. A globalização desse saber apropriado do escravo, tendo adquirido um estatuto de “objeto” ao qual tem sido agregado um valor de mercado, permitiu deduzir o discurso do capitalista. O saber passa a valer o quanto se pode vender e comprar dele. Nestas condições, o “próprio trabalhador” também vai se transformar num valor de mercado que pode ser vendido e comprado, ou seja, ele tem seu “passe” colocado à venda.

Marx denunciou a existência de algo do trabalho e do gozo do proletário como “um a mais”, que era tomado e espoliado pelas ciências. Lacan retomou a noção de “mais-valia” transformando-a em “mais-de-gozar”, mas para definir algo que não deve ser entendido como uma alienação do trabalho do escravo ou do proletário, mas que corresponde a essa condição de que, aquilo que se produz, paga-se com o gozo. Trata-se de algo de que o sujeito tem que se desembaraçar.

Assim, a partir de um determinado momento, como afirma Lacan, o mais-de-gozar passou a se contar, a se contabilizar, a se totalizar. “Aí começa o que se chama de acumulação de capital” (LACAN, 1992: 169). A partir de então, o significante mestre aparece como mais inatacável, justamente na sua impossibilidade. “Onde está ele? Como nomeá-lo? Como discerni-lo, a não ser, evidentemente, por seus efeitos mortíferos? Denunciar o imperialismo?...” (p.169).

O saber na modernidade, ao tornar-se homogêneo, passa a ordenar-se num elemento comum de gozo, mas é somente no século XX que essa condição se tornou mais explícita, com o surgimento das leis de mercado, quando o saber passou a ser reduzido a um valor de mercado, sendo tomado como mercadoria. Desta maneira, ele adquiriu essa condição de mais-valia ou, em termos lacanianos, mais-de-gozar, passando a conter uma dimensão do real.

O saber, ao transformar-se em mercadoria, toma o estatuto de objeto *a*, ocupando o lugar da produção, adquirindo a condição de ser consumido. Enquanto nos outros

discursos o objeto desliza, sendo impossível apreendê-lo, no discurso capitalista ele passa a ser um objeto acessível. O saber, ao perder sua relação com o inconsciente ($S_1 - S_2$), leva a uma produção contínua de objetos (S_2/ a).

Esse novo estatuto que o saber adquire traz uma mudança essencial para o sujeito. O saber, ao ser transformado em objeto de consumo, num objeto com valor de mercado, produz uma subversão do desejo e altera sua própria relação com o sujeito. Antes, havia uma impossibilidade estrutural e discursiva do sujeito ter acesso ao saber e ao objeto causa do desejo, mas agora, ao adquirir o estatuto de objeto de consumo, ele é oferecido continuamente como uma promessa de satisfação possível para o sujeito.

O sujeito, apesar de ocupar o lugar dominante no discurso, faz apenas semblante de amo. Ele se crê capaz de comandar, através do saber (que está no lugar do outro), o objeto mais-de-gozar. Estabelece-se uma relação entre o sujeito e o objeto que ocupa o lugar da produção. Com efeito, o discurso do capitalista por um lado promove o sujeito à posição de mestre, ou seja, o comando é exercido por um sujeito e não pela tradição impessoal, ao mesmo tempo o apaga, ao fazer desaparecer as expressões individuais de comando na estrutura do próprio discurso. Dessa forma o ideal do sujeito autônomo, senhor do seu destino, desaparece. O que causa o desejo do sujeito é um objeto do qual ele não tem controle. Assim, embora o lugar de comando seja ocupado pelo sujeito, o verdadeiro comando é exercido pelo objeto de consumo, que sustenta de fato o discurso.

Diferentemente do discurso histórico, aqui há certa rejeição da castração, determinando no sujeito certa suspensão de sua divisão subjetiva. Desligando o sujeito do saber inconsciente, há certo apagamento de sua subjetividade com uma eleição do objeto de consumo, que deve ser produzido e forçosamente consumido. A intensa produção de objetos (cada vez “melhores” que os anteriores) leva a um funcionamento cíclico infinito. O sujeito é comandado pela presença do objeto, mas dentro das regras e leis de mercado.

O discurso capitalista visa à produção constante de objetos que passam a ser desejados com voracidade pelo sujeito, sempre insaciável. O sujeito, através da mediação do saber, disponibiliza os meios para a aquisição do objeto. Esta condição, no entanto, é imposta pelo discurso capitalista, que visa ao consumo, obedecendo às leis do mercado.

Essa suspensão da castração tem como um dos efeitos o desaparecimento da disjunção entre o lugar da produção e o lugar da verdade. Assim, o saber, reduzido ao mercado comum de gozo, torna-se acessível ao sujeito. O discurso capitalista, portanto, passa a se organizar numa circularidade completa, onde todos os vértices são alcançados.

Como consequência, a verdade passa a ser capaz de ser “toda dita”. O saber é transformado em informação. O não-saber (sobre o real do gozo) passa a equivaler à falta de informação. Desde que os proletários (ou escravos) tenham acesso aos objetos de consumo, eles se satisfazem. Essa é a estratégia da lógica capitalista. O proletário goza por produzir e por dispor daquilo que produz e alimenta o capitalismo.

Se para o mestre antigo interessava, sobretudo, que as coisas funcionassem, para o capitalista interessa manter a insatisfação do sujeito para garantir um mercado para o qual não há falta, onde tudo é possível. O objeto neste caso é produzido em escala veloz para ser imperativamente consumido. A demanda perde valor para a oferta embrutecida. *Gadget* ou *latusa* é o nome do seu produto. De acordo com Lacan (1985: 115), “depois do meteoro do amor cortês, foi de uma partitura totalmente diferente que veio o que o rejeitou à sua fertilidade primeira. Foi preciso nada menos do que o discurso científico, ou seja, algo que não deve nada aos pressupostos da alma antiga”.

Lacan (1992) cria o neologismo *aletosfera*, que é uma condensação de *aleteia* com atmosfera, para designar o lugar onde se situam as fabricações da ciência moderna. E cria o termo *latusa* para designar os objetos que povoam a *aletosfera*: “E quanto aos pequenos objetos *a* que vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que o governa, pensem neles como *latusas*” (LACAN, 1992: 153).

O saber formalizado da ciência trabalha na fabricação de *latusas*, na proliferação de objetos mais-de-gozar. O saber da ciência, entretanto, não está submetido a nenhum senhor, nada o detém. Isso aponta para o declínio do senhor, do mestre, a crise dos ideais, que gerou a crise dos significantes-mestres que ordenavam a civilização. Fala-se, portanto, em declínio da função paterna. O que impera é o mercado, são as leis do mercado, que é o mercado das *latusas*. A universalização introduzida pela ciência

conjuga-se à unificação do mercado produzida pelo mercado capitalista. Lacan, no *Seminário 17*, comenta que:

Em um mundo onde emergiu, de maneira que existe de fato, sendo uma presença no mundo, não o pensamento da ciência, mas a ciência de algum modo objetivada, refiro-me a essas coisas inteiramente forjadas pela ciência, simplesmente essas coisinhas, *gadgets* e coisa e tal, que por enquanto ocupam o mesmo espaço que nós no mundo em que essa emergência teve lugar, será que o *savoir-faire*, no nível do manual, pode ainda ter peso suficiente para ser um fator subversivo? É assim, para mim, que a questão se coloca (LACAN, 1992: 140-141).

Esses objetos *a*, as *latusas*, passam a ser encontradas em toda parte, exploradas pela mídia, prometendo um acesso ao *mais-de-gozar*. São objetos feitos para se consumir e para se destruir, descartáveis. Como esses objetos não são distribuídos igualmente nas diferentes camadas sociais, os sujeitos se sentem prejudicados pelo “outro”, aquele que ele julga responsável por ter lhe tirado a possibilidade de ter esses objetos. Há então um enfraquecimento dos laços sociais.

Para Lacan, a saída para o discurso do capitalista é a psicanálise. O analista, em sua prática, não oferece a felicidade nem o gozo, possibilitando, pelo seu silêncio, que o analisante interrogue o enigma de seu desejo e sua condição de gozo. O discurso analítico articula essa renúncia e faz evidenciar-se nela a função do *mais-de-gozar*. Essa é a essência do discurso analítico.

Assim, a globalização não permitiu o acesso igualitário de todos os países ao desenvolvimento tecnocientífico, nem extinguiu o desequilíbrio social. As leis do mercado não são nada “livres”, pois são prescritas dentro de normas rígidas de mercado ditadas pelas grandes empresas e pelos cartéis econômicos. Articulados numa produção de massa, os objetos produzidos pelo capitalismo atual, torneados com adornos infalíveis, se oferecem como imprescindíveis para o alcance da felicidade. Há um imperativo do novo, e tudo se torna rapidamente obsoleto, ultrapassado, descartável. A história perde o sentido, torna-se também descartável, como o próprio sujeito, que deve manter-se eternamente jovem, dinâmico e belo, ou também será descartado (LIMA, 2003). Os objetos são oferecidos como podendo escamotear o desejo, mantendo o sujeito preso na ilusória promessa de que a falta estrutural pode ser preenchida. Veremos, no último capítulo, as incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos, a partir da leitura de alguns blogs de adolescentes.

3.2. O surgimento dos blogs

O final do século XX foi marcado pela expansão tecnológica, com o crescimento acelerado da informática atingindo e transformando todos os setores da vida humana. A informatização promoveu (e continua a promover) uma “revolução” na história da humanidade comparável à Revolução Industrial. As tecnologias digitais promoveram o surgimento do ciberespaço³, um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, e também de informação e conhecimento. Nesse espaço virtual surgem os blogs, que funcionam como *sites* pessoais.

O diário aberto na rede é conhecido como *weblog* ou blog. O termo *weblog* é resultado de um jargão derivado da união das palavras inglesas *web*, que significa rede (no caso, de computadores), e *log*, que significa registro, diário de navegação (de bordo). *Weblogs* são serviços de atualização de *sites* pessoais ou coletivos⁴. Trata-se de uma página *web* atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. A primeira característica que o diferencia do diário tradicional ou íntimo é seu caráter público.

O norte-americano Justin Allyn Hall é considerado por muitos como a primeira pessoa a manter um diário *on-line*. Hall, em janeiro 1994, aos 19 anos de idade, inaugurou na rede o diário *Justin's links from the underground*. Passou a fazer dele um livro sobre sua própria vida. Desde então, inúmeras pessoas começaram a narrar as próprias vidas na rede.

Mas o termo *weblog* foi cunhado em dezembro de 1997 pelo norte-americano Jorn Barger, editor do Robot Wisdom Weblog (www.robotwisdom.com), quando os *textitblogs* começavam a despontar. Segundo Barger, o termo *weblog* foi utilizado no *site* pessoal Robot Wisdom Weblog em dezembro de 1997:

³ O termo ciberespaço foi criado pelo escritor William Gibson e passou a ser usado para se referir ao espaço abstrato construído pelas redes de computadores. O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 2000: 17).

⁴ Disponível em www.blogger.com. Acesso em 7 jul. 2007.

Weblog (sometimes called a blog or a newspaper or a filter) is a webpage where a weblogger (sometimes called a blogger, or a pre-surfer) "logs" all the other webpages she finds interesting. The format is normally to add the newest entry at the top of the page, so that repeat visitors can catch up by simply reading down the page until they reach a link they saw on their last visit (BARGER, 1999, citado por LEMOS, 2002⁵).

A norte-americana Rebecca Blood, autora de *Weblogs: a history and perspective*, em 1999, comenta que o desenvolvedor de *web* Peter Merholz, em seu blog Peterme.com (www.peterme.com), anunciou que passaria a chamá-los de *wee-blog*. Com o uso, o termo foi inevitavelmente reduzido para *blog* e o dono do *site* passou a ser chamado de *blogger* (blogueiro). Ainda segundo Blood, em 1998 Jesse James Garrett, editor do blog Infosift (www.jjg.net/infosift), recolheu pela primeira vez endereços de 23 blogs existentes e depois os mandou para Cameron Garrett, que os publicou no *site* que mantinha, o Camworld (www.camworld.com). A partir daí, outros editores de blogs passaram a mandar os endereços para serem incluídos na lista.

Em 1999, outros anéis de *site* surgiram, como o Eatonweb Portal, da blogueira Brigitte Eaton, considerado por Rebecca “a mais completa lista de *weblogs* disponível”⁶. O Eatonweb Portal⁷ mostra a presença dos *weblogs* no mundo, divulgando numa lista o número de blogs cadastrados por país. Para ser incluído no Eatonweb Portal, a única exigência é ser considerado um *weblog*, que tem por principal característica a presença de *links* e de "entradas datadas", marcas do *software*.

Em julho de 1999 surgiu o Pitas, o primeiro serviço gratuito do tipo “publique seu próprio *weblog*”. Em pouco tempo apareceram centenas. Todos os serviços eram gratuitos e tinham o objetivo de habilitar indivíduos a publicarem seus próprios *weblogs* de maneira rápida e fácil.

O autor de um blog pode controlar, autorizar, negar ou restringir o acesso público e permitir ou controlar os comentários em seu blog, o que mostra seu caráter também privado. A sua autonomia dependerá de qual servidor de blogs utilizar. Pagos ou

⁵ LEMOS, André. *A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet*. Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2002/T3G4.PDF>. Acesso em 7 jul. 2007.

⁶ BLOOD, Rebecca. *Weblogs: a history and perspective*. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em 8 jul. 2007

⁷ Disponível em: <http://portal.eatonweb.com/portal/portal.php3>. Acesso em 8 jul. 2007.

gratuitos, os servidores de blogs variam quanto aos tipos de serviços oferecidos, sendo que assinantes de grandes portais brasileiros de Internet como o UOL, a Globo, ou o Terra, entre outros, oferecem a possibilidade de criação de *blogs* mais sofisticados, mantendo também serviços gratuitos mais simples para não-assinantes. Grande parte, se não a maior, dos *sites* publicados atualmente é na forma de blogs. Existem diversos servidores em todo o mundo para esse tipo de serviço e boa parte deles é gratuita, o que facilita o acesso de todo o tipo de público. A facilidade com que é possível criar e publicar um *blog* e a popularização de diversas modalidades de Internet de banda larga no Brasil (e em todo o mundo ocidental) são fatores que estimularam a utilização dos *blogs* por jovens. O blog requer atualização constante, por isso seu autor precisa adicionar novas informações a cada momento. Os leitores participam da vida do autor, fazem comentários e sugestões, tornando coletivo o diário íntimo.

Há vários tipos de blogs, com diferentes propósitos e estilos, coletivos ou individuais, literários, jornalísticos, pessoais, profissionais ou temáticos. Eles podem apresentar relatos de experiências em salas de aula, viagens, crônicas, jornalismo, comentarismo esportivo, econômico, social, erotismo etc. O blog pode ser uma forma de contato ou de comunicação entre famílias, amigos, grupos de trabalho, escola ou empresas. Ele permite a comunicação entre grupos de forma mais simples e organizada do que por *e-mail* ou grupos de discussão, por exemplo. Servem também para promover pessoas, bandas, lançar artistas, divulgar notícias, informar, formar grupos por interesses temáticos, entre outros. Artistas famosos, esportistas, profissionais de diversas áreas fazem seus blogs para divulgarem informações pessoais ou profissionais, ou simplesmente para estarem “na mídia”.

Os blogs pessoais ou confessionais são muito comuns, principalmente entre adolescentes, como revelam as pesquisas feitas com blogs. Eles talvez estejam entre os que mais se aproximem do que seria a ideia de diário íntimo. Mas um mesmo blog pode ser uma combinação de diferentes tipos, apresentando vários objetivos.

Autores de blogs desconhecidos podem se tornar famosos a partir de seus blogs. Ava Lowery, uma garota norte-americana de 16 anos, é uma estrela do mundo dos blogs (sua página, <http://www.peacetakescourage.com/page-home.htm>, recebe mais de 30 mil visitas por dia), devido às suas mensagens contra o presidente George W. Bush. Uma

estudante de 16 anos foi presa em Shizuoka, região central do Japão, por envenenar a mãe colocando em sua comida altas doses de tálio, um veneno para ratos. Ela descreveu em seu blog cada passo de sua ação: "Hoje é um dia claro e ensolarado, e eu administrei uma dose de tálio acético. O homem da farmácia não percebeu que tinha me vendido uma droga tão poderosa"⁸. Alguns blogs "muito acessados" abrem possibilidades para os seus autores no mercado de trabalho ou na mídia. Muitos jovens que criaram blogs interessantes e criativos foram contratados por agências de publicidade ou outras empresas.

O número de blogs no mundo já ultrapassou 57 milhões. O dado faz parte de um estudo feito pelo *site* de busca e hospedagem de blogs Technorati no terceiro trimestre de 2006. De acordo com a pesquisa, entre julho e agosto de 2006 foram criados cerca de 100 mil novos blogs por dia, alimentados por 1,3 milhão de *posts*, algo em torno 54 mil postagens por hora. Dos 57 milhões de diários virtuais registrados, 55% receberam pelo menos uma postagem nos últimos três meses. Entre as línguas mais utilizadas para a criação dos blogs está o inglês, com 39% dos textos. Em seguida aparece o japonês, com 33% dos diários virtuais. Já a língua portuguesa ocupa a sétima posição no *ranking*, com apenas 2% dos blogs, e empatada com o russo e o francês⁹.

Segundo a pesquisa da Pew Internet and American Life Project¹⁰, que procura explorar o impacto da Internet e outras tecnologias na sociedade, três em cada cinco adolescentes dos EUA com acesso à Internet criaram material *on-line*, e um quinto tem seu próprio blog. Ainda segundo a pesquisa, a maioria dos adolescentes de 12 a 17 anos coloca fotografias, narração ou vídeos na *web*, ou faz suas próprias páginas, e inclusive cria um blog. A enquete indica que 25% das meninas de 15 a 17 anos mantêm seu próprio diário pessoal, em comparação com 15% dos meninos dessa mesma idade. Entre os adultos, a enquete da Pew indica que somente 7% dispõem de seu próprio blog. Entre os adultos, 26% declaram lê-los habitualmente, um número baixo se comparado com 38% que declaram fazê-lo entre a população mais jovem. Para os adolescentes norte-americanos,

⁸ Disponível em: <http://www.netmarkt.com.br/noticia2005/6227.html>. Acesso em 11 nov. 2007.

⁹ Fonte: Info-Exame – Brasil – Data: 7 nov. 2006. Disponível em: <http://www.conceitoweb.com.br/news.asp?codigo=3294>. Acesso em 20 jul. 2007.

¹⁰ Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI737650-EI4802,00.html>. Acesso em 12 dez. 2007.

os blogs são sobretudo uma maneira de expressar-se e manter redes de amizades, assinala Amanda Lenhart, pesquisadora da Pew e diretora do estudo.

No Brasil, apesar de se considerar que os blogs surgiram no início de 2000, algumas pesquisas mostraram os primeiros blogs escritos no País em 1998. Segundo uma reportagem da revista *Época*¹¹, o primeiro blog brasileiro em português foi o de Renato Pedroso Júnior, Nemo Nox, *O diário da megalópole*, em 1998. Com o sucesso de seu diário na rede, foi contratado para escrever num portal e lhe pediram para manter a assinatura. O nome acabou conhecido pela Internet e ele resolveu mantê-lo como marca. Nemo Nox mora atualmente nos Estados Unidos e seu *site* atual é <http://www.nemonox.com/ppp/>.

Em 2 de março de 2000 entrou no ar aquele que, segundo a reportagem da revista, é provavelmente um dos mais antigos blogs brasileiros ainda em atividade, o Zamorim (<http://zamorim.com>), do brasiliense Marcus Amorim. No final de 2000, começavam a se formar as comunidades blogueiras, que estão hoje ativas na rede. Desde esse ano surgiram blogs espalhados nos diversos pontos do País, formando comunidades ativas, participantes, entusiasmadas, fazendo com que o fenômeno blog se tornasse um sucesso entre os internautas.

Segundo dados do Ministério da Cultura¹², estima-se que o Brasil tenha cerca de 3 milhões de blogs, o que representa mais ou menos 6% do número total de blogs da blogsfera registrado pelo Technorati.

Segundo pesquisa feita em São Paulo pela *InfoMoney*¹³, entre 2004 e 2006, a quantidade de adolescentes que criaram um blog aumentou de 19% para 28% dos jovens conectados. Porém, são as meninas que dominam esses *sites*: 35% delas possuem blogs, contra 20% dos garotos. De acordo com uma pesquisa do instituto norte-

¹¹ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG74942-5856,00.html>. Acesso em 19 jul. 2007.

¹² Disponível em: http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/cultura_digital/na_midia/index.php?p=20645&more=1&c=1&pb=1. Acesso em 20 jul. 2007.

¹³ Disponível em: <http://web.infomoney.com.br/templates/news/view.asp?codigo=900429&path=/suasfinancas/>. Acesso em 27 jan. 2008.

americano Pew Internet & American Life Project¹⁴, enquanto as meninas preferem os blogs, os meninos utilizam mais os *sites* de vídeos, como o YouTube. O estudo também aponta que os adolescentes que fazem parte de alguma rede de relacionamentos, como Orkut, Facebook ou MySpace, têm maior probabilidade de criar blogs. Dois em cada cinco jovens que participam desses *sites* possuem diários na Internet.

3.3. Pesquisando no ciberespaço

A metodologia em pesquisa científica implica o caminho que se deve trilhar para a investigação de um problema, especificando e esclarecendo os procedimentos que o pesquisador utilizará para alcançar seus objetivos. Nesta pesquisa, esbarramos em algumas especificidades relacionadas ao objeto de estudo e à abordagem teórica escolhida.

3.3.1. O método de pesquisa em psicanálise

Em primeiro lugar, uma particularidade desta pesquisa diz respeito à atualidade do tema, que gira em torno do diário *on-line*. A atualidade do tema envolve algumas dificuldades, tanto teóricas quanto metodológicas. Como afirma Jean Hébrard, citado por Galvão e Batista (2004), na medida em que se trata de um campo de pesquisa relativamente novo, certamente os instrumentos metodológicos serão continuamente "(re)inventados" ou "reconstruídos" durante o desenvolvimento da pesquisa. O campo de pesquisa é o ciberespaço, que, se implica facilidade de acesso, implica também dificuldades na determinação da credibilidade da fonte alimentadora dos dados, o que nos remete a uma discussão sobre a confiabilidade da pesquisa desenvolvida na rede. Mas se a virtualidade já se impôs na atualidade, não cabe mais evitá-la, como se fosse "perigosa" ou "irreal". Sabemos também que os limites real/virtual são bastante tênues e o ciberespaço não faz mais do que confirmar essa complexidade. Precisamos nos conduzir pela interconectividade, diversidade, flexibilidade e variedade do ciberespaço, que impõem a ruptura dos padrões invariantes e tradicionais, em busca de novas soluções, permitindo a invenção e a criatividade. Segundo Costa,

¹⁴ Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI737650-EI4802,00.html>. Acesso em 27 jan. 2008.

Navegando na rede, não estaremos, portanto, apenas nos apropriando de um novo instrumental técnico revolucionário ou de novos códigos sonoro-visuais ou gráfico-auditivos comunicativos para escrever e ler, mas, sim, construindo um novo objeto conceitual mediado por novos tipos de interação linguística, social e cultural (2005: 26).

Em segundo lugar, ao utilizar a teoria psicanalítica para a leitura do material pesquisado, esbarramos nas dificuldades que advêm da inter-relação da psicanálise com o campo da ciência. Freud sempre buscou inserir a psicanálise no campo científico, mas, apesar de seus esforços, ela sempre teve uma relação de exterioridade com a ciência, por considerar os efeitos do real em sua elaboração teórica e clínica. A psicanálise parte do pressuposto de que se deve considerar, em toda teoria, aquilo que orienta a clínica psicanalítica: a castração enquanto impossibilidade real de simbolização.

Lacan em, *A ciência e a verdade* (1998 [1965]), destaca que a psicanálise aparece como uma derivação da ciência, pois sua condição de possibilidade está radicada no corte que inaugurou, com Descartes e Galileu, a ciência moderna no século XVI. Mas esse corte, ao mesmo tempo em que permitiu a emergência do sujeito, também o excluiu do campo da ciência. A psicanálise, derivada da ciência, dela se distancia ao incluir o sujeito em seu campo. Se o sujeito com o qual a psicanálise opera não é senão o sujeito da ciência, como afirma Lacan (1998 [1965]), esse sujeito é tomado em sua dimensão radical de sujeito do inconsciente, portanto, dividido e desejante. Essa dimensão de sujeito inclui uma articulação que considera o real em jogo na experiência da castração.

A psicanálise não opera com a realidade factual, mas com a realidade psíquica. Assim, toda realidade é fantasmática. A constituição da realidade é sempre efeito da apreensão que o sujeito, determinado pelo inconsciente, faz dela. Nesse sentido é que podemos pensar num rompimento da lógica dualista mundo interno-externo, sujeito-objeto da ciência positivista. Como consequência, o acesso ao fenômeno estudado se faz a partir dessa mediação simbólica, introduzindo, em sua análise, a interpretação do sujeito no fato. Não se demonstra, afirma ou refuta o fato do inconsciente em si mesmo, mas sim a construção que foi erigida em torno dele. É somente a partir dessa perspectiva que se processaria seu critério de validação.

É Freud quem nos esclarece, portanto, sobre a metodologia utilizada em pesquisa psicanalítica. A psicanálise parte, na clínica e na pesquisa, da dimensão de um saber

não-todo constituído pelo inconsciente. Freud pontua que, uma das reivindicações da psicanálise a seu favor é o fato de que, “em sua execução, tratamento e investigação coincidem” (FREUD, 1974 [1912]: 152). Mais tarde, em seu texto sobre “Os instintos e suas vicissitudes” (1974 [1915]: 137), o autor faz algumas observações sobre a metodologia que procede da epistemologia psicanalítica. Segundo Freud, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com conceitos básicos claros e bem definidos. O verdadeiro início da atividade científica consiste em primeiro lugar na descrição dos fenômenos, passando depois a seu agrupamento, classificação e correlação. Mas Freud nos adverte que, mesmo durante essa fase de descrição, não é possível evitar a aplicação de ideias abstratas ao material manipulado. Essas ideias, que se tornam cada vez mais indispensáveis à medida que o material é elaborado, se constituirão como os conceitos básicos da ciência. E, apesar de apresentarem necessariamente certa indefinição no início da investigação, não podem apresentar dúvidas quanto à delimitação de seu conteúdo. Freud acrescenta que “chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas” (p.137).

Uma outra observação destacada pelo autor refere-se à escolha desse material teórico, ou, segundo Freud, a escolha “dessas ideias” que antecedem a pesquisa empírica. Tal escolha não é arbitrária, mas determinada pelas relações significativas que essas ideias estabelecem com o material empírico. “Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área” (FREUD, 1974 [1915]: 137). Esse é o momento de “confiná-los em definições” (p.137). Ao concluir uma investigação mais aprofundada do campo de observação, portanto, as definições se tornariam mais exatas, entretanto, ainda passíveis de alterações em seu conteúdo, à medida que as pesquisas avançam e novas descobertas se fazem.

Freud situa o método utilizado na construção do saber psicanalítico numa posição intermediária entre o empirismo e o racionalismo, deslocando a importância central ora do fenômeno, ora das ideias, para uma relação na qual, sobre o conjunto de fenômenos encontrados, sobreponham-se ideias que os organizam, construindo um campo de saber teórico que os contemple. No entanto, a universalidade dos conceitos e seus efeitos de

verdade, orientadores do método de clínica e pesquisa em psicanálise, são recolhidos por cada sujeito na singularidade de sua experiência. Assim, a psicanálise nos revela que a verdade é sempre singular. Para Lacan, toda verdade tem estrutura de ficção. Toda teoria é ficcional, mas, entretanto, produz seus efeitos de sentido. A prática psicanalítica reintroduz o sujeito na ordem da construção do saber, de onde a ciência positivista o excluiu.

Uma dificuldade encontrada nesta pesquisa está relacionada à sua proposta de realizar a leitura de um fenômeno atual, que é a escrita dos blogs, buscando compreender sua emergência e sua função subjetiva na adolescência. O blog, como uma página em branco, permite qualquer tipo de construção. Cada sujeito imprime, nesta página, as próprias marcas, fazendo um percurso singular, conduzido por sua posição subjetiva. Então, como proceder?

Primeiramente, ao ler fragmentos de blogs buscamos conhecer um pouco dessa cultura virtual, e, mais especificamente, conhecer um de seus produtos, o blog. A utilização do recurso de leitura dos blogs não teve como objetivo desenvolver uma pesquisa quantitativa, mas serviu como um “pré-texto”, um caminho inicial, para impulsionar a pesquisa teórica. Assim, realizamos uma pesquisa qualitativa, fazendo uma interlocução da teoria com alguns dados empíricos.

Os fenômenos e manifestações subjetivas sofrem alterações em função das transformações culturais. Santiago¹⁵, a respeito dos sintomas histéricos, observa que o sintoma sofre transformações, muitas vezes de maneira bem mais rápida que o avanço da própria teoria psicanalítica. Destaca que o sintoma é uma mensagem que tem a estrutura de uma metáfora, cuja formulação está condicionada pelas manifestações particulares do mal-estar na civilização. Estas manifestações não são simples abstrações, mas assumem seu acento e sua incidência efetiva no campo do outro simbólico, considerado como lugar de inscrição. O lugar do Outro não pode ser concebido como uma entidade fixa e estável, mas como lugar aberto às eventualidades próprias da diacronia da história. As manifestações subjetivas revelam a ação do discurso no

¹⁵ SANTIAGO, Jesús. “Aspecto atual da histeria na civilização da ciência”. In: COUTO, Luís Flávio Silva (Org). *Pesquisa em psicanálise (Coletâneas da Anpepp* n. 16, p.33-42). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996.

sistema de significantes e dos ideais. Assim, Santiago ressalta que essas manifestações obedecem ao processo de metamorfose das configurações dominantes do mal-estar da civilização. Podemos pensar que os jovens adolescentes, na atualidade, encontram, na cultura, dispositivos específicos de manifestação e de expressão simbólicas, de subjetivação e de inserção social.

Assim, exatamente por se constituir como discurso do Outro, como sede de uma determinada cultura, o inconsciente se manifesta de forma diferente em cada momento da civilização. Como sublinha Pinto, “em cada momento simbólico podemos ter produções discursivas diferentes, as quais determinam posições subjetivas diferentes” (PINTO, 2008: 70).

Nossa pesquisa promove uma interlocução entre a psicanálise e a literatura. A aproximação entre esses dois campos do saber existe desde os primórdios da psicanálise. A teoria psicanalítica deve muito aos escritos autobiográficos, às obras de arte e aos escritos literários. Leonardo da Vinci, Gide, Schreber e Joyce são alguns dos principais exemplos de que é possível fazer uma aproximação entre o discurso analítico e o escrito literário. Segundo Soler (1998a), Freud viu nos artistas seus precursores e nos textos literários a oportunidade de validar o método analítico. Freud encontrou na ficção uma antecipação da descoberta do inconsciente. Já para Lacan, como sublinha Soler, “o texto escrito não deve ser psicanalisado; antes é o psicanalista que deve ser bem lido” (SOLER, 1998a: 14). Os trabalhos artísticos não são produtos do inconsciente. Se é possível interpretar um romance ou um poema, este sentido não tem nada a ver com a criação do próprio trabalho, com sua existência, pois um enigma permanece do lado da obra de arte. O trabalho tanto resiste quanto se presta à interpretação. Mas Soler (1998a) sublinha que, ainda que a psicanálise não se aplique à literatura, aquela pode tirar uma lição desta. Podemos aprender a partir da obra do artista, de sua pessoa e de sua vida, ou seja, a psicobiografia é possível, mesmo que seja incapaz de explicar a obra de arte. Há uma impossibilidade de se deduzir a obra de arte da vida do autor.

Podemos dizer que a arte provoca no observador a interpretação. Nesse sentido, não é a arte que deve ser interpretada ou desvendada, mas ela provoca no sujeito o surgimento

da palavra, ela faz falar. Segundo Miller¹⁶, a arte “interpreta o comentador, pelo menos no fato de que lhe faz falar”. Assim, não buscamos “interpretar ou desvendar a cultura”, mas seremos por ela interpelados, interpretados.

Se, através de recortes nos blogs, pretendemos conhecer um pouco dos blogs e dessa cultura virtual, sabemos que a psicanálise, como método, não se apoia em um conhecimento geral sobre o real, mas ela visa à apropriação do que é oferecido pelo Outro, porém de modo singular. A ética da psicanálise, como afirma Pinto, “visa à singularidade do sujeito, sua particularidade de gozo e desejo contra qualquer pretensão universalizante dos outros discursos” (2008: 72). Toda e qualquer pesquisa em psicanálise é, em sua essência, uma pesquisa clínica, pois se há um campo de pesquisa em psicanálise, este campo é o inconsciente, que inclui o sujeito. Freud nos mostrou que, a cada novo objeto de investigação, desenvolve-se um novo método, impulsionando a ciência. Assim, a psicanálise, como método de pesquisa, parte do não-todo e pode chegar até a classificar modos de gozo ou padrões de sintomas, mas sempre a partir do singular, como destaca Pinto (2008).

Dessa forma, nos conduzimos nesta pesquisa de duas formas. Em um primeiro momento, visando recortar fragmentos de vários blogs para que eles “nos façam falar”, para que possamos aprender alguma coisa com o que extraímos dessa escrita adolescente na cultura virtual. Buscamos conhecer o que os jovens escrevem, como escrevem, para quem escrevem, por que escrevem, o tempo de escrita, a duração do blog, se há uma construção narrativa e o que há de inédito nessa escrita de si nos blogs. Tentamos extrair do próprio discurso do adolescente essas informações. Em um segundo momento, buscamos, em um blog de longa duração (três anos e cinco meses), fazer um acompanhamento dessa escrita, procurando a solução encontrada por um sujeito ao encontro com o real do sexo. Se o real é o impossível de escrever, sabemos que cada sujeito cria um arranjo próprio para lidar com essa impossibilidade. Diante dos impasses impostos pela formação discursiva do momento atual da civilização, buscamos ler a resposta de um sujeito adolescente a esses impasses.

¹⁶ MILLER, Jacques-Alain. “Siete observaciones de Jacques Alain Miller sobre la creación”. In: *Revista Malentendido*, n° 5, maio de 1989. Citado por VIEIRA, Márcia Maria Rosa. *Fernando Pessoa e Jacques Lacan: constelações, letra e livro*. Tese doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 292 p.

3.3.2. Circunscrição do campo

Nossa pesquisa foi desenvolvida no espaço virtual, ou ciberespaço, que é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. Como o objetivo aqui era buscar compreender a função da escrita dos blogs na adolescência, optamos por tentar “extrair” dos próprios blogs essa função. Os blogs são *sites* pessoais ou páginas *web* atualizadas frequentemente, compostas por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. Existem diversos servidores em todo o mundo para esse tipo de serviço e boa parte deles é gratuita, o que facilita o acesso de todo tipo de público. Assinantes de grandes provedores brasileiros de Internet como o UOL, a Globo, ou o Terra, entre outros, oferecem a possibilidade de criação de blogs, mantendo também serviços gratuitos mais simples para não-assinantes. Para a primeira pesquisa empírica, recolhemos blogs da UOL. Para as outras pesquisas recolhemos blogs de diversos provedores.

3.3.3. Recorte para a pesquisa empírica

A seleção dos blogs obedeceu ao seguinte critério:

- Os blogs selecionados foram de provedores brasileiros. Apesar da expansão dos blogs em diversos países, dos efeitos da globalização e da expansão dos meios de comunicação em todo o mundo, defendemos a hipótese de que os jovens inseridos numa determinada cultura apresentam características próprias dessa cultura. Buscamos conhecer os blogs e sua função para o adolescente do Brasil.
- Nos diferentes provedores brasileiros de Internet, a procura pelos blogs pode ser feita através de palavras-chave. Utilizamos duas palavras-chaves para ter acesso aos blogs: “diário” e “adolescente”. Acreditamos que essa “filtragem” nos ofereceria a vantagem de não precisarmos definir quem é ou não adolescente, são os próprios autores de blogs que se nomeiam “adolescentes”. Além disso, a maioria dos blogs pesquisados tinha como título a palavra: diário. Os próprios adolescentes definem os seus blogs como diários.

- Foram excluídos os blogs “sem texto”, só com imagens. A maioria apresenta textos, mesmo que curtos. Os blogs só com imagens e fotos pertencem à categoria dos fotologs.

3.3.4. Desenvolvimento da pesquisa

Realizamos essa investigação basicamente em seis etapas, descritas a seguir.

1- Numa primeira etapa, fizemos uma aproximação desse tipo de espaço virtual de escrita, conhecendo alguns blogs de adolescentes. Para essa primeira investigação, foram selecionados 17 (dezessete), através da página da UOL (www.uol.com.br). Aberta a página Blog, encontra-se à direita da página o título “busca por blogs” e logo abaixo aparece a janela “palavras-chave”. Foi escrita a palavra “adolescente” na janela. Apareceram 8.829¹⁷ blogs. Portanto, todos os blogs selecionados apresentavam a palavra adolescente no título ou no corpo do texto. A escolha dos 17 foi aleatória, tendo como único critério de seleção a existência de palavras, além de imagens, já que o objetivo do trabalho era pesquisar os textos dos blogs de adolescentes. Depois de imprimir as páginas, foi feita uma primeira análise deles, bem como um quadro classificatório para identificar os blogs segundo as seguintes características: nome (do blog), idade (do autor), sexo, se o autor se identifica ou não, se ele se caracteriza como adolescente, se usa uma linguagem de internauta ou não, se fala de si diretamente (descrevendo suas atividades diárias e se é do tipo confessional) ou indiretamente (com poemas, pensamentos, notícias etc.) e se escreve para um interlocutor conhecido ou desconhecido. Essa primeira classificação teve como objetivo uma aproximação dos blogs a partir de algumas características iniciais e a identificação de outras características passíveis de serem pesquisadas. Além disso, a investigação contribuiu para uma melhor delimitação do objeto de pesquisa, maior compreensão do tema, definição dos referenciais teóricos a serem utilizados e aprofundamento teórico do objeto de estudo.

¹⁷ Pesquisa desenvolvida em 7 jul. 2006. Para se ter uma ideia do crescimento acelerado de blogs de adolescentes, ao se fazer a mesma consulta no *site* da UOL no dia 12 out. 2008, o número já havia passado para 35.500.

2- A segunda etapa da pesquisa buscou investigar por que os adolescentes escrevem blogs. Para essa pesquisa foram lidos 50 blogs de adolescentes, recolhendo-se em seus textos os motivos que elegem para a escrita. Normalmente esses motivos encontram-se no primeiro dia de postagem. Assim, são os próprios adolescentes que descrevem as razões que os levam a escrever um diário aberto na rede. Como critério de seleção, a presença das palavras “diário” e “adolescente” no corpo do texto ou no título do blog. Nessa pesquisa, uma opção importante foi a de selecionar blogs que eram definidos pelos próprios autores como um “diário”, o que já evidencia a aproximação que o próprio adolescente faz entre o blog e o diário.

Optamos por manter a linguagem do autor, sem alterações na sua escrita, mesmo que apresente erros ortográficos (comuns e até normais na Internet) e o formato do texto. Só foram alterados o tamanho, a cor e a forma da letra, a fim de se estabelecer certa padronização que favorecesse a leitura. As poucas imagens mantidas foram as consideradas componentes do texto do blog. Esses textos recolhidos dos blogs estão em anexo.

3- A terceira etapa teve como objetivo pesquisar se os blogs se constituem como romances para os adolescentes. A leitura de três diários íntimos publicados permitiu que fizéssemos uma aproximação entre o diário íntimo e o romance. Buscamos identificar a existência dessa mesma aproximação entre o romance e o blog, coletando nos textos dos diários virtuais os elementos que definem um romance, segundo Bakhtin, Benjamin e Lacan. Buscamos também “recortar” os temas mais comuns abordados pelos adolescentes em seus blogs, em seus “romances”. Buscamos conhecer o que os adolescentes escrevem em seus blogs. Seriam os mesmos temas dos diários íntimos? Para essa pesquisa foram selecionados dois blogs de adolescentes de curta duração, que foram transcritos de forma integral, sem recortes, para que se pudesse avaliar, a partir de seu texto, os diferentes temas abordados e sua evolução temporal. Mostramos as diferenças na forma da construção narrativa entre os dois blogs. Foram também selecionados dez blogs para identificar os temas mais frequentes em seus textos. Os textos desses dez blogs não foram reproduzidos na íntegra, mas foram “recortados” alguns trechos de seus textos para ilustrar os temas mais frequentes.

4- Uma outra investigação utilizou os mesmos 50 blogs da segunda etapa da pesquisa. Buscamos identificar a possibilidade de o blog ser uma tentativa de arquivamento de si ou, ao contrário, ser uma escrita do imediato, do fugidio e do efêmero. Há um privilégio do presente, dos fragmentos curtos e imediatos, com um conseqüente apagamento da “história” nesses diários virtuais? Optamos por investigar essa relação com o tempo nos blogs a partir dois critérios: em primeiro lugar, pela presença do “passado” e do “futuro” na escrita dos blogs e, em segundo lugar, pelo tempo de duração dos blogs.

5- Esta pesquisa teve como objetivo identificar nos blogs a dimensão de pura escrita de gozo, para além da dimensão de romance. Utilizando a discussão feita por Lacan de Kant com Sade, investigamos se haveria na escrita a passagem do romântico à escrita de gozo na contemporaneidade. Buscamos extrair dos blogs alguns “traços de perversão” nessas páginas virtuais. Para esta investigação, utilizamos os mesmos dez blogs que foram selecionados para a terceira pesquisa.

6- Fizemos um estudo mais detalhado de um blog de longa duração (três anos e cinco meses), acompanhando o percurso de construção de um romance feito pelo autor. Destacamos as transformações na escrita durante todo o percurso no blog, através de recortes feitos de seus textos.

3.3.5. Construção e análise dos dados

Até alcançar a definição do percurso metodológico e teórico desta pesquisa, foram feitas várias tentativas e percursos diferentes. Realizamos muitas leituras sobre blogs, diários, gêneros literários, ciberespaço, escrita na psicanálise, adolescência, até que conseguíssemos definir e centralizar dois eixos: a escrita de si na cultura e a escrita no tempo da adolescência. As questões centrais que nortearam toda a pesquisa permaneceram constantes: - Qual a importância que a escrita do blog tem para o adolescente? Qual a sua função? O que a escrita de si nos blogs nos revela sobre o adolescente hoje? O que há de inédito nessa forma de escrita de si nos blogs?

Como a primeira investigação nos revelou que o adolescente utiliza o blog para escrever sobre si, decidimos então empreender uma pesquisa histórica, para localizar o surgimento e da escrita de si e do diário. Esse percurso teve como objetivo analisar a

relação entre a escrita de si e a cultura. O diário é uma forma de escrita de si, mas não é a única. Como o diário íntimo é paradigmático da adolescência, buscamos situar na história o momento em que o diário se transformou em uma escrita preferencialmente adolescente. Buscamos na teoria psicanalítica a relação entre a adolescência e a escrita.

Por que os adolescentes escrevem blogs? O resultado da pesquisa nos revelou que os três principais motivos para a escrita de um blog são: o interesse em escrever sobre si (que já havia sido identificado na primeira pesquisa), o interesse em escrever para um outro adolescente e o interesse em escrever sobre a adolescência. A discussão teórica desses dados foi feita considerando três aspectos: o blog como uma narrativa sobre si, o blog como um discurso e a identificação nos blogs.

O diário íntimo é contemporâneo ao surgimento do romance como gênero. Realizamos uma aproximação entre o diário e o romance. Recorremos às contribuições de Freud sobre o romance familiar e de Lacan sobre historização e romance, para relacionar a escrita na adolescência com a escrita de um romance. A leitura do diário de Anne Frank permitiu ilustrar a importância da escrita na adolescência ligada à construção de um romance familiar.

A terceira investigação foi movida pelo interesse em tentar identificar nos blogs a dimensão de romance. Assim como os diários íntimos, os blogs de adolescentes seriam também romances? Como se constituiriam esses romances? Quais os temas abordados pelos jovens em seus romances? Recortamos em seus textos os principais temas abordados pelos jovens em seus blogs e fizemos uma leitura desse material utilizando a teoria psicanalítica, situando o tema no entrecruzamento entre a estrutura e a cultura. A leitura de um blog de longa duração permitiu acompanhar a construção de um romance feita pelo autor, para que pudéssemos assim fazer a leitura de uma solução de um sujeito ao encontro com o real do sexo.

Como toda pesquisa apresenta encontros inesperados ou novas contingências, a abundância de material recolhido nos revelou uma grande variedade de blogs, de diferentes estilos, formas e propósitos. Ao lado de textos belíssimos, poéticos, melancólicos, de longa duração, encontramos textos curtos, em fragmentos, alguns da ordem do sem-sentido, bizarros, apelativos. Identificamos que o ciberespaço facilita um

tipo de escrita fragmentária, espacial, não linear. Achamos que seria importante analisar a mudança temporal e espacial que ocorre com a passagem do diário íntimo ao blog. Essa pesquisa nos levou a um encontro inesperado com um conceito da literatura e da psicanálise: o conceito de constelar. Analisamos a mudança do diário íntimo ao blog, operando uma passagem da linearidade à espacialidade. Essa mudança implica uma alteração também no estatuto de sujeito: da lógica do binarismo significante à lógica constelar, da multiplicidade significante. Para essa discussão, o conceito de letra foi fundamental. Desenvolvemos uma outra investigação nesses mesmos blogs recolhidos para a pesquisa temática. Buscamos identificar a dimensão temporal dos blogs, o que nos possibilitaria compreender a relação entre essa escrita e o tempo. Qual o tempo médio de duração de um blog? Ele é uma escrita diária? Os adolescentes escrevem sobre o passado e o futuro ou apenas sobre o tempo presente? O blog é uma escrita do imediato e do fugidio ou é uma escrita sequencial e ordenada, que busca a construção de um sentido, como o diário? Haveria um “apagamento da história” e a sua subordinação ao fluido e efêmero?

Ao pesquisarmos a função do blog na adolescência, relacionando-a com a escrita de um romance, pensamos na possibilidade desse romance operar como um sintoma para o adolescente. Da questão central surgiu então uma nova questão: O blog poderia operar como um sintoma para o adolescente na contemporaneidade? Seria essa a função do blog na adolescência? Se o romance está relacionado com a vertente de sintoma, alguns blogs não parecem situar-se nessa dimensão. Acompanharíamos então na atualidade a passagem do romântico à escrita de gozo? Essa dimensão seria prevalente nos blogs? As duas dimensões corresponderiam às duas dimensões do sintoma, como mensagem dirigida a um outro e como escrita de gozo? A quinta pesquisa foi realizada para responder a essas questões. Buscamos extrair dos blogs a dimensão de escrita de gozo. Recorremos à teoria psicanalítica para definir os conceitos de perversão, gozo, escrita de gozo, sintoma e *sinthoma*, buscando analisar a possibilidade do blog operar como sintoma para o adolescente na contemporaneidade.

A maior dificuldade encontrada para se avaliar a possibilidade do blog operar como um sintoma para um adolescente está na dificuldade em se acompanhar a escrita de um blog durante muito tempo, analisando as transformações subjetivas ocorridas durante o tempo de sua escritura. Os blogs têm vida curta e os textos, em sua maioria, são também

curtos, muitas vezes enigmáticos, em fragmentos. Seleccionamos, portanto, um blog de longa duração para acompanhar sua evolução e buscar identificar mudanças em sua escrita durante esse percurso, avaliando também a possibilidade de um blog, como um romance, fazer laço social.

3.4. A primeira investigação: a escrita de si nos blogs

Buscamos uma primeira aproximação dos diários *on-line* a partir da leitura de alguns blogs escritos por adolescentes. O objetivo dessa investigação foi conhecer quem são os adolescentes que escrevem blogs (sexo, idade), a linguagem utilizada, como usam o blog, se escrevem para conhecidos ou para desconhecidos e o que escrevem.

A primeira investigação, cuja descrição já foi feita na abordagem metodológica, proporcionou os seguintes resultados: os jovens blogueiros identificados se caracterizam como adolescentes e encontram-se na faixa etária entre 12 e 19 anos, sendo que apenas um diz ter 23 anos. Dos 17 blogs, apenas três foram escritos por jovens do sexo masculino, e as jovens do sexo feminino são a grande maioria dos autores: 14 blogs (82,35%). Seis autores se identificam com nome e sobrenome, além de fotos e outras características pessoais. Onze (64, 07%) se identificam por apelidos ou *nick names*, ou seja, não se expõem diretamente. Sete autores utilizam uma escrita tradicional (não internauta) e dez (58, 82%) utilizam a escrita típica do ciberespaço.

A grande maioria dos jovens, isto é, 15 (88, 23%), escreve de forma confessional, ou seja, escreve para falar de si diretamente, de suas atividades diárias, de seus sentimentos, experiências, valores, ideais, relações afetivas, vida social e familiar. Nesse sentido, os blogs de adolescentes constituem-se como diários. Os próprios títulos dos diários virtuais já permitem compreender algumas de suas funções: “Eu adolescendo”, “Eu e o meu mundinho”, “Confissões de uma adolescente quase normal”, “Delírios anônimos”, “Confissões de uma adolescente”, “Relatos diários de uma adolescente”, “Ser uma adolescente”, “Um ser adolescente”, “Loucuras de adolescente”, “Diário de uma jovem”, “Volta ao mundo”. Apenas dois não falam de si diretamente, não

descrevem suas atividades ou sentimentos, mas reproduzem citações de autores, letras de música, poemas e filmes. Podemos dizer que eles falam de si de forma indireta. Sete jovens escrevem para pessoas desconhecidas, enquanto nove (52, 94%) escrevem para conhecidos e desconhecidos. Apenas um escreve somente para conhecidos, deixando isso explícito, nomeando os interlocutores e usando códigos a que só eles têm acesso. Foi também possível observar que todos escrevem de alguma forma sobre a adolescência, situando-se nela, tentando descrevê-la ou compreendê-la. Assim, chegamos às seguintes conclusões:

- Os jovens que se nomeiam adolescentes estão entre 12 e 19 anos.
- As mulheres representam a grande maioria dos autores de blogs “adolescentes” (82, 35%).
- A maioria dos adolescentes não se identifica pelo nome, mas utiliza um *nick-name* (64,07%).
- A maioria utiliza uma linguagem típica do ciberespaço (e da adolescência) em seu blog (58,82%).
- A maior parte escreve para um público conhecido e também para um público desconhecido (52,94%).
- A maioria dos adolescentes utiliza o blog para falar de si, como em um diário (88, 23%).
- Todos escrevem sobre a adolescência (100%).

As conclusões acima serão comentadas a partir das próximas pesquisas de campo. Rapidamente podemos observar que a idade dos jovens corresponde à faixa etária normalmente definida como “adolescente”. Se a escrita do diário íntimo sempre foi uma prática preferencialmente das mulheres, elas continuam representando a grande maioria dos autores dos diários *on-line*. O blog é um diário público. Os adolescentes endereçam seus escritos às pessoas conhecidas e desconhecidas. Veremos como os jovens adolescentes buscam fazer novas amizades e estabelecer novos contatos através de seus blogs. A maioria dos adolescentes utiliza o blog para falar de si, como em um diário íntimo. Seria esse o principal motivo que leva o adolescente a escrever um blog? A segunda investigação buscou responder a essa questão.

3.5. Por que os adolescentes escrevem diários na rede?

A primeira vez nunca se esquece.

Olá eu! Dou hoje início àquilo que será a mais profunda busca de mim mesma, à mais intensa viagem àquilo que sou e que sinto

<http://malucadanet.blogs.sapo.pt/>



seja vc mesmu que seja estranhu mesmu que seja bizarro bizarro bizarro !!!

http://deboravitoria.blog.uol.com.br/arch2004-10-10_2004-10-16.html

Por que os adolescentes escrevem diários abertos na rede? Para essa investigação, buscamos “recortar” nos textos dos adolescentes os motivos que eles mesmos elegem para escrever um blog, como já apresentamos na discussão metodológica. Os textos recortados de todos os blogs estão em anexo.

3.5.1. Uma leitura dos blogs

A leitura dos 50 blogs mostrou que a grande variedade de formas, estilos e objetivos torna difícil caracterizá-los e defini-los com critérios únicos. Os autores, apesar de usarem alguns recursos comuns a todos os blogs, usam esse espaço “próprio” de forma também própria. Mesmo sendo todos caracterizados dentro do estilo pessoal, definidos por seus autores como “diários” e escritos por “adolescentes”, existe grande variedade

de tipos e formas. As mulheres continuam representando a maioria nesse universo da escrita de si: 90% dos blogs pesquisados são de adolescentes do sexo feminino. Identificamos três principais motivos para a escrita dos blogs: o interesse em escrever sobre si, a busca por fazer amizades e conhecer pessoas (adolescentes) e o interesse em falar sobre a adolescência. Optamos por fazer uma leitura desses motivos acima a partir das seguintes perspectivas:

- O interesse em escrever sobre si: o blog como uma narrativa sobre si.
- A busca por fazer amizades e conhecer pessoas: o endereçamento ao outro. O blog como um discurso.
- O interesse em falar sobre a adolescência: a identificação com a adolescência nos blogs.

Essas reflexões serão apresentadas a seguir.

3.5.2. O blog como uma narrativa sobre si

Começo de tudo

Olá...

Aqui começo a escrever de mim, um pouco de cada dia, um pouco da minha vida...

http://rluchiari.zip.net/arch2006-11-19_2006-11-25.html

Constatamos em nossa pesquisa que a grande maioria dos adolescentes elege como o principal motivo para a escrita de um blog o interesse em falar de si. Em 70% dos blogs o principal motivo para se escrever é o desejo de se expressar e de falar da própria vida, continuamente (muitas vezes, diariamente), como em um diário íntimo. Eles assim descrevem seus motivos: “contar suas aventuras”, “contar suas histórias”, “escrever sobre si”, “falar de si um pouco a cada dia”, “expor sua vida amorosa em capítulos”, “desabafar”, “fazer um diário”, “expressar totalmente”, “escrever diariamente”, “falar da adolescência”, “contar tudo o que se passa em sua vida”, “falar tudo o que vier à mente”, “relatar toda a vida”, “fazer confissões a cada dia”, “descrever cada momento da própria vida”. O adolescente busca escrever sobre si, relatar a própria história, continuamente, ordená-la, como uma escrita diária, confessional (o termo confissão aparece frequentemente, assim como “falar tudo”, “relatar tudo”, “expressar totalmente”). O principal motivo eleito pelos adolescentes, portanto, foi o interesse em fazer uma “escrita de si”, uma narrativa sobre si.

Alguns blogs se assemelham muito ao diário clássico. Um adolescente inicia seu diário assim: “Querido diário”. Esse blog parece não se diferenciar em nada de um diário confidencial, impresso. Seu autor não só se dirige ao diário para se apresentar e falar de si, como acaba o seu texto também se despedindo do diário. Uma autora expressa enfaticamente o desejo de conhecer a si mesma. Revela seu desejo de fazer uma profunda busca de si mesma, de querer saber quem é, de ser “eu própria”.

Todos os blogs pesquisados são nomeados por seus autores como diários. As características formais de um diário são facilmente identificáveis pelo leitor e serão resumidas abaixo. Muitas dessas características estão presentes nos blogs, como podemos ver:

- Escrita pessoal: normalmente o autor de um diário íntimo o escreve para falar de si. O texto é escrito na primeira pessoa. Os textos dos blogs são também escritos em primeira pessoa e têm como objetivo falar de si.
- Datação: apesar de não existir a exigência da escrita diária, todo registro é datado, tanto no diário íntimo como no blog. O diário e o blog são escritos do tempo “presente”, mesmo que recorram a lembranças do passado e escrevam sobre o futuro. Essa é considerada a principal característica formal de um diário.
- Caráter linear da escrita: a escrita no diário segue uma ordem cronológica, uma evolução temporal, apesar de não ser necessária a presença de um encadeamento lógico entre os registros. A escrita do blog também segue uma ordem cronológica, uma evolução temporal, com a presença da datação. Mas o texto do blog é mais fragmentado, híbrido, marcado por diferentes tipos de escrita, imagens e sons. Os diversos *links* permitem uma leitura amplamente não linear, descontínua, com acesso a diferentes caminhos, definidos pelo leitor.
- Leitura descontínua: a leitura do registro de um determinado dia não obriga à leitura dos registros anteriores nos diários íntimos. Mas a leitura nos blogs é acentuadamente descontínua, permitindo o acesso a outros blogs, outros textos, a partir de diferentes *links* situados nas páginas do blog.
- Registro de língua familiar: a linguagem normalmente utilizada pelo autor de um diário é familiar, espontânea, informal. A linguagem nos blogs não só é uma linguagem informal, mas é também típica do ciberespaço, com suas características de fragmentação, uso de clichês, acrescentada dos recursos de imagens e sons.

- Caráter confessional do texto: o texto do diário íntimo é normalmente confessional. O diarista se dirige ao diário como a um amigo íntimo, um confidente e o conteúdo de seu diário é secreto. Apesar do caráter público do blog, o adolescente faz muitas confidências em seu blog. Essas confidências são facilitadas pela possibilidade de se ocultar a identidade. Se nos diários íntimos as confidências são facilitadas pelo caráter privado de seus escritos, nos blogs as confidências são possibilitadas pelo caráter de “velamento” do espaço virtual. Os blogs, portanto, aproximam-se dos diários íntimos em alguns aspectos e distanciam-se em outros.

Apesar das características formais descritas acima, alguns autores consideram que apenas duas características definem o diário íntimo: a temporalidade e a sinceridade. Para Maurice Blanchot (1971)¹⁸, o diário pode apresentar grande liberdade de formas, já que pode conter pensamentos, sonhos, ficções, comentários sobre si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe é conveniente, dentro da ordem e desordem que quer o autor, de modo que parece conter vários gêneros dentro de si. No entanto, um aspecto determinante na escrita de um diário é que ele deve respeitar o calendário. A identidade do diário está, desse modo, na temporalidade.

Se o pacto de sinceridade é a outra característica do diário íntimo, uma espécie de contrato de sinceridade entre autor e leitor, como considera Lejeune (1975), existiria esse contrato no blog, já que o ciberespaço é por excelência o espaço da ficção? No blog não há a exigência do nome próprio e seu autor pode criar um nome ficcional. O autor de um blog pode criar diferentes identidades e nomes no espaço virtual, tendo vários blogs simultaneamente. Podemos pensar que o texto escrito no ciberespaço é um texto ficcional por excelência. Mas a leitura dos blogs nos levou a considerar que leitor e autor estabelecem certo “pacto de sinceridade”, mesmo que o espaço virtual seja “o campo da ficção”.

Se, mesmo no diário íntimo, o narrador que se quer contar divide-se em sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, narrador e personagem, relacionando-se de forma dual com sua escritura e percorrendo múltiplos caminhos até imprevistos para o próprio autor, o blog “expande infinitamente” essas possibilidades, potencializando-as. O

¹⁸ BLANCHOT, Maurice. “VIII – le journal intime et le récit”. In: *Le livre à venir*. Gallimard, 1971, p.271-279.

caráter ficcional do ciberespaço torna mais próximo o ficcional do autobiográfico, promovendo uma quase indistinção entre os dois gêneros literários. Consideraremos, no próximo capítulo, a dimensão de narrativa, presente em muitos blogs, que os aproxima da escrita de um romance.

Uma particularidade do blog é o seu caráter declaradamente público, que cria possibilidades de interlocução com diferentes pessoas e que favorece uma interatividade constante. Assim, a escrita íntima se torna pública e o texto pessoal se torna “plural”. O autor de um blog submete o seu texto à apreciação de um outro. O interesse do autor em ser lido e avaliado por um outro pode estar presente na escrita de qualquer diário íntimo, mas esse desejo nem sempre é revelado e a publicação de seus escritos pode ser adiada e até mesmo nunca realizada. No blog, ao contrário, esse interesse é explícito. O autor de um blog não espera concluir o seu diário para publicá-lo, mas, a cada fragmento de texto que escreve, ele já é lançado no espaço público. Ele espera os comentários do leitor e se decepciona quando seu texto não é lido ou comentado. Essa frustração apareceu em vários blogs.

Essas particularidades do blog tornam difícil sua localização dentro de um gênero discursivo. O blog aproxima-se do diário íntimo, mas mantém dele certa distância. É uma escrita ao mesmo tempo individual e coletiva, uma escrita de si e endereçada a um outro. Podemos, talvez, localizá-lo entre o diário íntimo e a carta, com a diferença que o blog, mesmo sendo endereçado a um leitor específico (como, por exemplo, a um outro adolescente), pode ser lido por várias pessoas. Assim, sem buscar fazer uma análise comparativa entre o diário e o blog, interessa-nos conhecer as especificidades desse tipo de escrita no universo virtual. Veremos adiante esse endereçamento presente nos blogs de adolescentes.

3.5.3. O blog como um discurso

O adolescente que escreve um blog se dirige a um outro. Quase metade dos blogs revela o desejo de seus autores de serem lidos, vistos, de receberem comentários ou de fazerem amizades, como vemos abaixo:

Meu nome é Cat, e no meu blog eu vou falar de tudo na minha vida tipo sobre: meus amigos, a escola, passeios, inimigos e sobre o que penso e vcs vão me ajudar às vezes, a resolver muitos problemas que se passam na minha vida, a vida de uma adolescente.

Em outro blog seu autor revela:

... e pretendo compartilhar todas minhas alegrias e tristezas aqui... procurar conselhos de vez em quando tbm eh bom, ã faz mal a ninguem.. =D

Muitos terminam seus textos pedindo aos leitores que deixem seus comentários: *... e por favor, deixem seus comentários.*

Uma blogueira faz a seguinte proposta:

Quero fazer amizade. Alguém topa?

Os adolescentes muitas vezes buscam, através da Internet, se lançar no espaço público para fazer amizades, se mostrar e conhecer pessoas. Eles manifestam “querer compartilhar com amigos alegrias e tristezas”, “procurar conselhos”, “atrair pessoas que estejam passando pelo mesmo problema”, “conquistar amizades verdadeiras”, “compartilhar ideias”, “começar uma boa conversa”, “ouvir sugestões”, se abrir com alguém, discutir os assuntos da adolescência, compartilhar cada momento.

O adolescente busca fazer muitos amigos através de seu blog. O desejo de fazer “inúmeros” amigos na rede parece ser facilitado pela possibilidade de se omitir o nome próprio. Os adolescentes revelam que poder omitir a identidade facilita uma escrita “mais livre, solta, despreocupada”. Assim, a possibilidade de se expressar sem ter que se identificar é um motivo importante para se escrever um diário na rede:

“Eu não vou me apresentar, já que eu não confio muito em Internet e tenho as minhas paranoias. Não é qualquer um que sabe o meu nome não!!! Onde já se viu...”

*“Vou ser sincera mesmo, vou falar tudo o que eu fiz e o que eu eu penso em fazer. Não vou esconder nada, já que a minha identidade será mantida em mais perfeito sigilo; **Medo?** Acho que o motivo não seria esse, mas sim, a vergonha e o receio de me abrir como já disse. ~Por isso não vou me identificar, e se achar ruim, o que está fazendo aqui???”*

“Aki poderei colocar todos os meus pensamentos....Sem ninguem ao menos saber.... poderei colocar de td, desde meus desejos mais fortes, qto aos meus piores rancores.... Sei q minha vida eh igual a de toda adolescente... e todos temos um objetivo, e o meu, eh perder minha timidez podendo assim, flr com todos sem receio algum...”

“OI genteeu sou a Gatinha Maluca...desculpa não colocar meu nome verdadeiro...é que como isso é um diario, prefiro declarar tudo sem omissões e é bem melhor fazer isso sem qu voces saibam quem eu sou...”

O caráter paradoxal que envolve a publicização/privacidade é também característico dos blogs. A escrita de si no blog comporta certa dimensão privada: o adolescente pode restringir o acesso de pessoas por meio de vários recursos, como o uso de códigos a que só um grupo restrito tem acesso. Ele pode usar um pseudônimo, não colocar fotos, omitir dados mais pessoais e até alterá-los. Mas, mesmo apresentando uma dimensão privada, o blog está lançado no espaço público. Existe um velamento “que se mostra”, num jogo de se ocultar e de se oferecer ao olhar do outro, como um convite ao desvelamento. O adolescente, ao endereçar a pergunta sobre o seu ser a um outro, se hysteriza, como solução à feminilidade.

O adolescente elege um outro “adolescente” para se comunicar. Ele busca assim um outro “supostamente igual”, especular. Pensa que está se dirigindo a um outro especular, mas na verdade ele está interrogando a linguagem. Para além do outro especular, há um endereçamento a um Outro. Para Lacan, o Outro é o tesouro do significante, o lugar simbólico de onde o sujeito recebe sua mensagem invertida, é “o Outro como sítio prévio do puro sujeito do significante” (LACAN, 1998: 807)¹⁹. O Outro está numa posição de anterioridade lógica em relação ao sujeito, que busca nesse lugar sua determinação significativa. O adolescente situa no Outro sua determinação significativa, como aquele que, situado como lugar de anterioridade lógica em relação ao sujeito, lhe enviará sua própria mensagem invertida. Como já foi abordado, nesse trabalho psíquico de separação dos pais, feito na adolescência, esses são destituídos do lugar de saber e, na atualidade, podemos interrogar se “o mestre” ainda se situa como um substituto dos pais, como na época de Freud. Será que a identificação horizontal hoje substitui a identificação vertical?

Existe uma outra leitura possível desse endereçamento que o jovem faz a um outro adolescente. Ao questionar sobre o seu ser e sobre o sexo, o adolescente precisa construir a própria resposta a essa pergunta. Ele não pode endereçar essa pergunta aos pais, por vários motivos. Em primeiro lugar, porque os pais são destituídos deste lugar de saber, nesse momento em que o adolescente está fazendo um esforço de separação deles. Em segundo lugar, porque os pais apresentam dificuldades em abrir mão do lugar de saber e se sentem ameaçados diante do novo. Os pais normalmente “se fecham” no

¹⁹ LACAN, Jacques. “Subversão do sujeito e dialética do desejo”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.793-842.

próprio saber e não conseguem abrir espaço para um saber que lhes escapa, para algo que possa ser diferente da própria experiência. Eles repetem frequentemente suas experiências passadas, nostálgicamente, como um ideal que deve ser seguido e “repetido” pelos filhos. Esse fechamento dos pais só pode levar o adolescente a buscar um outro lugar de endereçamento. Um outro adolescente está exatamente no lugar do vazio de saber, como aquele que não é “suposto saber”, que, assim como ele, não sabe. Assim, é nesse lugar do vazio de saber que pode haver a produção de um novo. Como isso se relaciona com a histerização? Veremos essa relação a partir do discurso histórico.

O romance clássico é caracterizado por um relato linear ($S_1 - S_2$), que postula um sentido (I/S) na existência narrada. Esse sentido é construído pela tentativa de se extrair uma lógica retrospectiva e prospectiva, estabelecendo relações inteligíveis entre os diversos estados que se sucedem. O autor se reduz ao lugar de retorno do discurso que vem do Outro, como uma mensagem sempre invertida. No blog há um endereçamento da pergunta sobre o próprio desejo e sobre o sexo a um outro adolescente e, retroativamente, há a construção de um romance familiar pelo sujeito, como retorno do discurso que vem do outro, como uma mensagem invertida.

Temos aqui a estrutura do discurso histórico. Mas, ao abordar o discurso histórico, estamos indo além da estrutura clínica que o mesmo evoca – a histeria – para definir um tipo especial de relação de palavra, uma estrutura elementar de linguagem. O discurso histórico refere-se, portanto, não à histeria enquanto tipo clínico, mas à própria posição do sujeito falante. O discurso histórico constitui uma estrutura elementar da relação de palavra.

É na demanda endereçada ao Outro que circula o desejo, sempre escamoteado na enunciação. A partir do desejo do Outro, abre-se para o sujeito a dimensão do seu desejo. O sujeito constrói respostas para o suposto desejo do Outro: “Que queres?” O desejo do Outro é sempre enigmático, é algo apenas suposto. O desejo, ao se apresentar como pergunta, faz surgir a dimensão do enigma, pois o desejo é um enigma. O desejo inconsciente é, portanto, articulado a uma questão e sustentado pela fantasia que se constitui na resposta do sujeito a essa questão. A resposta que o sujeito constrói ao enigma do desejo do Outro lhe advém como mensagem que ele recebe do Outro. O desejo inconsciente se articula com a demanda, circulando em seus significantes. O

discurso histórico ilustra como o sujeito situa o Outro com o poder de responder sobre o seu desejo.

Qualquer sujeito só emerge do laço social. O matema de Lacan nos esclarece que todo laço social que trata o outro como um mestre é discurso da histórica. Ao escrever o discurso da histórica, Lacan buscou colocar em evidência o que constitui o valor da histeria, que é obter do mestre a produção de um saber. Aqui o sujeito (\$) é aquele que mantém o discurso, enquanto que o outro é suposto ser o detentor do saber. Só que este saber será sempre incompleto, jamais podendo atingir sua verdade e escrever seus próprios limites, pois a verdade do saber que tal discurso supõe se acha no sintoma que caracteriza o próprio sujeito (\$). No *Seminário 17*, Lacan postula que no nível do discurso da histórica, esta, na posição dominante, aparece sob a forma de sintoma (\$). “É em torno do sintoma que se situa e se ordena tudo o que é do discurso da histórica” (LACAN, 1992: 40). O saber que o sujeito faz advir no outro é apenas parte do saber.

A histórica representa a falta-a-ser. Seu desejo, como todo desejo, é o desejo do Outro. O discurso histórico é o inconsciente em exercício. A linguagem é a condição do inconsciente, e o inconsciente permite situar o desejo (LACAN, 1992: 43). A repetição significativa visa ao gozo, pois ela se funda em um retorno do gozo.

Lacan observa que o discurso da histórica tem o mérito de manter na instituição discursiva a pergunta sobre o que vem a ser a relação sexual, como um sujeito pode sustentá-la ou não. Desde que faça a pergunta sobre o desejo, o sujeito entra na função do desejo e faz o significante-mestre cair (LACAN, 1992: 122). Lacan, ainda neste seminário, diz que nós temos necessidade de sentido (p.13). Para ele, o que conduz ao saber não é o desejo de saber, mas o discurso da histórica (p.21). O que o analista institui como experiência analítica é a histerização do discurso, a introdução estrutural do discurso da histórica. A experiência analítica dá ao outro, como sujeito, o lugar dominante no discurso da histórica, histeriza seu discurso, faz dele um sujeito a quem se solicita que produza significantes que constituam a associação livre, soberana, do campo.

O discurso histórico inscreve um tipo especial de relação de palavra e refere-se à própria posição do sujeito falante, que busca no Outro a resposta para o seu desejo. O enigma é

uma enunciação e o discurso histórico mostra a entrada do sujeito na função do desejo. Assim, podemos pensar que a escrita de um blog, como artifício fálico substitutivo da falta, pode se inscrever no registro do “discurso histórico”, e não como discurso “da histórica”, pois ele revela uma “estrutura discursiva” que parte da pergunta sobre o desejo. Como destaca Soler, “como discurso, a histeria determina um sujeito que nunca está sozinho, mesmo que esteja isolado, um sujeito sempre pareado na realidade com um outro que se define pelo significante-mestre, e que o sujeito interroga quanto a seu desejo de saber sobre o sexo” (SOLER, 2005: 55). Se há o estabelecimento de um discurso, já existe o laço social, e podemos considerar que o sujeito está dando um tratamento à sua questão sobre o sexo.

O adolescente, em seu blog, se dirige a um outro adolescente, interrogando sobre o seu desejo de saber sobre o sexo. O sujeito dividido na posição de agente determina o laço social definido como discurso histórico:

$$\begin{array}{l} \$ \rightarrow S_1 \\ a // S_2 \end{array}$$

A partir da leitura dos blogs, situamos hipoteticamente, nos quatro lugares do discurso histórico, os seguintes elementos:

$$\begin{array}{l} \underline{\text{Adolescente}} \quad \rightarrow \quad \underline{\text{outro adolescente}} \\ \text{Não-relação sexual} // \quad \text{romance familiar} \end{array}$$

O adolescente (\$), na posição de agente, interroga um outro adolescente (semelhante) sobre o seu desejo de constituir um saber sobre o sexo. Ao se dirigir a um outro adolescente, o jovem busca um outro supostamente semelhante (“só um outro adolescente pode entender o que estou passando...”), como um lugar esvaziado de saber (o adolescente, assim como ele, não sabe). O produto dessa operação é a produção de um novo onde existe um vazio de saber. O produto é a escrita de um romance familiar no blog. No lugar da verdade encontra-se a “não-relação sexual”, enquanto impossibilidade. Essa verdade encontra-se recalcada. Como verdade, ela não pode ser capturada em sua totalidade, se organizando sempre como um semidizer. É ela,

entretanto, que faz agir o agente, mas se mantendo e se situando como ponto de interrogação para cada sujeito.

Diante do encontro com o real do sexo, o adolescente busca uma saída fálica para encobrir esse vazio. A construção de um romance familiar permite bordejar esse vazio, conferindo-lhe um sentido, como a tessitura de um véu fálico que permite velar o real. O romance familiar escrito no blog, como produto do discurso, pode representar a construção de um novo que inclui o real e faz laço social.

3.5.4. A identificação com “a adolescência”

O adolescente escreve em seus blogs sobre a adolescência: 44% deles mostram explicitamente um dos principais motivos que levam seus autores a escrever: “falar sobre a adolescência”. Em alguns textos, aparece a representação de adolescência do seu autor; em outros, a busca por compreender essa fase da vida:

“sou uma adolescente normal, com meus 14 anos, chegando nos 15 esse ano, o/tenho meus amores, minhas dores, decepções.. como todo mundo!”

“nunca vi um livro onde uma adolescente tenha escrito (exceto, talvez o Diário de Anne Frank) todas as suas dúvidas, as suas confusões, os seus problemas, seus dramas, suas carências...”

“É irônico como vimos um diário de uma adolescente, dizem k esta é a fase melhor da noxa vida, uma parte tem razão por outra ã, 1º andamos na escola e temos carradas d coisas para estudar! 2º temos de tomar decisões importantes k iram afectar a nossa vida já por adultos. Por ixo não venham com história k a vida de um adolescente é a melhor fase, pois eu digo n é! A pesar k iremos ter muitos mais problemas”

“vcs vão me ajudar às vezes, a resolver muitos problemas que se passam na minha vida,a vida de uma adolescente”

“O que uma adolescente poderia fazer? Viver, Amar e Aprender. E é nisso que se resume a minha vida, neste espaço vou colocar como eu estou aprendendo a amar e a viver.”

“e tô aqui pra falar de assuntos atuais de Adolescentes para Adolescentes...”

“ Bom á partir de hoje iremos falar e discutir sobre os assuntos da adolescência numa especie de Blog Novela...”

“hj eh o 1º dia de postar ...quero q aqui seja um diario q atrai apenas pessoas q estao passando pelo mesmo problemaser adolescente nao eh facil neh ...”

“Porque eu preciso me abrir com alguém, e como não tem “alguém” em que eu confie vou me abrir para você, que está lendo meu diário neste momento. Quem sabe você não está passando por isso, ou passou e Deus queira que não passe.”

.....como ja viram meu nome e mayta tenho 14 anos e estou naquela fase onde nunca sei se estou fazendo as coisas certas onde nunca sei se meus "amigos" na verdade sao meus "amigos" espero dar conta de expressar o que ando sentindo para voceis....

Escrever sobre a adolescência é algo comum ao diário clássico e ao diário aberto na rede. Além do interesse em escrever sobre essa fase da vida, identificamos o interesse em ler o que o outro adolescente escreve sobre a adolescência. A leitura de outros blogs de adolescentes é uma prática muito frequente entre os blogueiros pesquisados. Além de blogs de amigos, eles visitam outros de autores desconhecidos (também adolescentes) e vão formando uma rede de amigos blogueiros adolescentes. Costumam indicar, no próprio blog, outros blogs que consideram interessantes. Assim, os adolescentes identificam-se com o grupo de adolescentes no ciberespaço.

Freud, no texto “Psicologia de grupo e análise do eu”, descreve a identificação como “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1974 [1921]: 133). Ele destaca três tipos de identificação. O primeiro tipo é bem precoce na vida de um sujeito, relaciona-se com a primeira fase da organização da libido, a fase oral: “...em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal. O canibal, como sabemos, permaneceu nessa etapa; ele tem afeição devoradora por seus inimigos e só devora as pessoas de quem gosta” (p.134). Essa identificação, que ele define como identificação ao pai, pode perder-se de vista, segundo Freud. E acrescenta que esse primeiro tipo de laço já é possível antes que qualquer escolha de objeto tenha sido feita.

Freud recorre ao sintoma para exemplificar o segundo tipo de identificação, que está relacionado com a escolha de objeto. Ele dá o exemplo de uma menina que desenvolve o mesmo sintoma da mãe de uma tosse atormentadora. Freud esclarece que “...a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação” (FREUD, 1974 [1921]: 135). Nesse caso, o “eu” assume

as características do objeto. A identificação é parcial e extremamente limitada, “tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela” (p.135).

O terceiro tipo de identificação é baseado na possibilidade ou desejo do sujeito de colocar-se em uma mesma situação de um outro sujeito. Freud explica esse processo com o exemplo de uma moça que está num internato e recebe uma carta de seu namorado que lhe desperta ciúmes e que a ela reage por uma crise de histeria. Outras moças do internato que conhecem o assunto passam a ter a crise, como um desejo de colocar-se na mesma situação, ou seja, gostariam também de ter um caso amoroso secreto e, sob a influência do sentimento de culpa, aceitam também o sofrimento envolvido nele. Freud nomeia esse tipo de identificação como “identificação por meio do sintoma”.

Freud resume os três tipos de identificação da seguinte forma: o primeiro tipo constitui a forma original de laço emocional com um objeto; no segundo tipo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por meio da introjeção do objeto no ego; e no terceiro tipo, “pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto da pulsão sexual” (FREUD, 1974 [1921]: 136). O terceiro tipo de identificação explica o laço mútuo existente entre os membros de um grupo, segundo Freud, e é baseada numa importante qualidade emocional comum.

Para Lacan, a identificação é da ordem da relação do sujeito ao significante. Como a identificação se confunde com a identidade, Lacan parte da desmontagem dessa falsa equivalência que estaria no centro da identificação: $A=A$. O significante não pode ser idêntico a si mesmo. Para dar suporte ao que se deseja, é preciso uma letra. Lacan mostra na letra justamente esta essência do significante por meio do qual ele se distingue do signo. O significante não é o signo. O signo é representar alguma coisa para alguém. O significante se distingue do signo por manifestar apenas a presença da diferença, nada mais. Lacan afirma que a primeira coisa, pois, que ele implica é que a relação do signo com a coisa seja apagada (LACAN, 1961-62). É tomando a identificação enquanto significante que podemos diferenciá-la dos efeitos da imagem para compreender o que é colocar em um ser a substância de um outro, essa operação

em que o sujeito assume a identidade de duas aparições tão diferentes. É o significante que introduz a diferença no real.

A primeira espécie de identificação abordada por Freud é, portanto, segundo Lacan, mítica, ambivalente, sobre o fundo da devoração assimilante, da incorporação. Ela é direta e imediata, sem a mediação do traço (do significante). Essa primeira identificação tem a marca que o sujeito recebe do Outro como suporte, quando se dá a fundação do sujeito no campo do Outro, mas só com a segunda identificação essa marca invisível será revestida.

A segunda, de tipo regressivo, tem o traço unário como instrumento de identificação. Lacan introduz a noção de traço unário, esse traço único, traço de estrutura mais simples, destituído de toda variação. O que o distingue não é uma identidade de semelhança. Como significante, ele se distingue do signo por manifestar apenas a presença da diferença. O traço unário é a marca da diferença. Sua função e seu valor estão justamente relacionados a essa redução extrema das diferenças qualitativas. Todos os significantes têm esse traço por suporte. O *Einzigster Zug* é o traço que Lacan designa unário para acentuar seu caráter de um, contável, esse um em cuja repetição toda a série se apoia, por oposição ao *um-unificador*. O traço unário suporta as variações, o deslizamento da bateria significante.

O sujeito só pode ser situado a partir da segunda identificação, a de tipo regressivo, que, ao tomar um traço do objeto como instrumento da identificação, escreve no inconsciente o enlace do sujeito com o objeto. O objeto perdido é conservado nesse traço unário ao qual o sujeito se identifica. Lacan destaca que esta identificação é parcial, altamente limitada, mas que é acentuada no sentido de estreiteza, de encolhimento, que é “*nur ein einziger Zug*”, somente um traço único da pessoa objetualizada.

Essa segunda identificação reporta, pois, ao ideal, como traço que reveste essa marca invisível. O ideal representa o Outro através de um signo, um traço único. Esse traço intervém na relação narcísica, constituindo a orientação dos investimentos libidinais e mantendo a função do eu ideal. Esse traço tomado emprestado do objeto torna-se o signo do amor. No amor, a dimensão da falta está sempre presente. O eu do amante,

empobrecido, situa no outro aquilo que lhe falta, para resgatar a sua imagem ideal. Trata-se de uma escolha narcísica, tendo como referência o traço unário.

A terceira identificação é ao Outro por intermédio do desejo, desejo subjacente às relações do sujeito com a cadeia significante, que alteram profundamente a estrutura da relação do sujeito com suas necessidades.

Lacan reporta aos tempos da privação e da frustração para situar a emergência do sujeito. Ele comenta que, para que a verdade simbólica, que supõe a contagem, seja fundada, é preciso que algo tenha aparecido no real, esse algo é o traço unário. É no nível da privação que se situa o tempo anterior à contagem. Freud se refere à primeira como a mais importante identificação do sujeito. Mas a segunda identificação é necessária, pois reforçaria a primeira. Lacan demonstra que o (-1) constitutivo do sujeito da privação, ou seja, a casa vazia de traços está ligada à estrutura mais primitiva do inconsciente, mas requer o apoio, a sustentação do traço unário como instrumento de identificação do sujeito.

É no tempo da frustração que se introduz com o Outro a possibilidade para o sujeito de um novo passo essencial. Surge, no tempo da frustração, a dimensão de perda essencial à metonímia, perda da coisa no objeto. O par presença/ausência introduz o sujeito no registro do apelo. Assim, o sujeito pode estabelecer uma relação não só com o objeto real, mas com os traços que restam dele. As duas identificações vão se articular no ponto em que o sujeito toma um significante como insígnia dessa toda-potência, no traço unário que aliena o sujeito na identificação primeira e forma o ideal do eu. Lacan localiza na imagem do eu o ponto de nascimento do desejo. E afirma que, depois da privação real, a frustração imaginária. Mas a imagem fundadora do desejo vai situar-se dentro do simbólico.

O terceiro tipo de identificação é a identificação ao Outro por intermédio do desejo. A identificação histórica mostra como o desejo supõe em sua subjacência a articulação das relações do sujeito com a cadeia significante, já que esta relação modifica a estrutura de toda relação do sujeito com cada uma de suas necessidades. Para Lacan (1961-62), o desejo está articulado a um ponto de falta na imagem do Outro, na qual o sujeito se aliena. O automatismo de repetição é a busca, ao mesmo tempo necessária e condenada,

do traço unário, aquele que não pode se repetir. O desejo é o que suporta o movimento, certamente circular, da demanda sempre repetida. Esse ciclo de repetição, como o movimento da bobina, desenha o objeto do desejo, o objeto *a*. É pelo fato de ter sido tomado no movimento repetitivo da demanda, no automatismo da repetição, que ele se torna objeto do desejo, segundo Lacan. O advento constituído pela repetição, o metonímico, que desliza, é evocado pelo próprio deslizamento da repetição da demanda.

Nesse terceiro tipo de identificação, portanto, um ponto de falta é percebido pelo eu no outro. Nesse ponto vazio, um objeto é convocado para ser colocado no lugar do ideal do eu. Aqui a escolha de objeto não é narcísica. Esse modo de identificação é que está na base do sintoma histórico. Num grupo social, as pessoas colocam um objeto no lugar de seu ideal e, em função disso, se identificam entre si no seu eu. Assim, uma comunidade se organiza em torno de um ponto, objeto inapreensível que causa o desejo, objeto *a*.

O desejo se constitui, para Lacan (1961-62), antes de tudo como aquilo que está escondido no Outro por estrutura; é justamente o impossível ao Outro que se torna o desejo do sujeito. O desejo constitui-se como a parte da demanda que está escondida ao Outro, este Outro que não garante nada justamente enquanto Outro. O objeto vai pôr-se coberto no princípio de ocultação do lugar mesmo do desejo. O objeto de desejo existe como este nada enquanto oculto ao Outro, e torna-se o invólucro de todo objeto.

O sujeito de que se trata, este do qual seguimos o traço, as pegadas, segundo Lacan, é o sujeito do desejo, e não do amor. Lacan (1961-62) comenta que o desejo remete ao falo, que é a presença a partir da ausência. Ele acrescenta que eu desejo o outro como desejante, e não como me desejando, pois quem deseja sou eu e, desejando o desejo, esse desejo só poderia ser o desejo de eu (*moi*); se me encontro nessa reviravolta onde estou bem seguro, ou seja, me amo no outro, se sou eu quem eu amo. Lacan explica que o neurótico está numa posição crítica em razão de sua impossibilidade estruturante de identificar sua demanda com o objeto de desejo do Outro ou de identificar seu objeto com a demanda do Outro.

Assim, a identificação histórica remete à alienação ao Outro. Soler (1998a) comenta que “o sujeito histórico se caracteriza por sua conexão direta com o Outro barrado e por sua propensão a identificar-se pela via do sintoma” (SOLER, 1998a: 446). Esse uso do

sintoma não separa o sujeito do Outro, ao contrário, o conecta com ele. Como salienta Soler, a identificação em seu sentido habitual implica a alienação ao Outro. Ela acrescenta que o que permite ao ser falante ser educável, dócil ao laço social, é a sua possibilidade de identificação, “sua capacidade para aceitar as ordens do significante” (p.445).

No seminário *RSI*, Lacan, comentando sobre os três registros e seu enodamento, retoma a identificação tripla, como foi definida por Freud, a partir da formulação dos três registros: real simbólico e imaginário: “...se há um outro real, não está senão no próprio nó e é por isso que não há Outro do Outro. Esse Outro real, identifiquem-no com o seu imaginário, terão então a identificação do histérico com o desejo do Outro, esta se passa nesse ponto central” (LACAN, 1974-75: 53). Quando há uma identificação com o simbólico do Outro real, há a identificação como traço unário (*Eizinger Zug*). Quando há uma identificação com o real do Outro real, há o nome do pai, no que a identificação tem a ver com o amor. Essa discussão da identificação com o real levará à formulação de Lacan sobre a identificação com o sintoma.

Podemos relacionar esse terceiro tipo de identificação com o processo de identificação que ocorre na adolescência. Diante da necessidade de se operar uma separação da autoridade paterna, o adolescente vai em busca de novas identificações. Se o saber, na infância, estava ligado aos pais, a adolescência é exatamente o momento em que eles são destituídos deste lugar de saber. Nesse momento, o adolescente busca a construção de um saber próprio, que escape aos pais.

Assim, nesse grupo social, os jovens colocam um objeto no lugar de seu ideal e, em função disso, se identificam entre si no seu eu. Uma comunidade se organiza em torno de um ponto, objeto inapreensível que causa o desejo, objeto *a*. Os adolescentes se identificam entre si com “a adolescência”.

O grupo de adolescentes vai ser o lugar de construção de um novo saber, que é compartilhado pelo grupo de pares, que exclui os pais. Nesse espaço, cria-se uma comunidade de códigos, de língua, de regras, um saber comum. Num grupo de iguais, estabelecem-se critérios de “entrada” e de “saída”, “inclusão” e “exclusão”, onde é possível reconhecer-se enquanto adolescente. As identificações coletivas constituem-se,

portanto, possibilidades de inserção social, mas que funcionam, de certa maneira, à margem do social. O adolescente busca o reconhecimento “fora” do grupo social, enquanto pertencente a um grupo que está certamente à margem da sociedade, pois a representação social de adolescente define-o exatamente como aquele que está em transição, não é criança nem adulto, está, conseqüentemente, “fora”, “à margem”, “em compasso de espera” para entrar no universo social.

O grupo é um campo de fenômenos narcisistas maciços, como salienta Soler (1998a). A pertinência ao grupo leva aos ganhos narcisistas. Ela destaca que, neste laço do sujeito com o Outro do significante, há uma dupla necessidade: incluir-se e subtrair-se. O incluir-se realiza-se nas admissões formais ou instituídas, quando o sujeito, ao pedir para ser admitido, busca ser representado pelo significante do grupo, incluir-se. Mas, paradoxalmente, “ao ser admitido como um entre outros, o sujeito não pode menos que sentir sua diferença aplainada e então aspirar a distinguir-se” (SOLER, 1998a: 297). Assim, a autora aponta a dialética do sujeito e o Outro: incluir-se através da identificação com o grupo e distinguir-se para deixar aí o seu vazio.

Podemos estabelecer aqui uma hipótese: os adolescentes, ao identificarem-se com o grupo de “adolescentes”, buscam incluir-se a partir da identificação com o grupo. Mas, para distinguirem-se nesse grupo onde a diferença fica aplainada, eles escrevem seus diários, seus “blogs” pessoais, individuais, como uma “escrita de si”, que os particulariza nesse universo de iguais.

Soler (1998a) identifica o grupo enquanto o Outro do significante no qual o sujeito deve alojar-se e enquanto o Outro do gozo. Retomando Freud em “O mal-estar na civilização”, Soler destaca que o grupo identifica, coletiviza e contém o gozo destrutivo. Assim, o grupo exerce uma função humanitária, mas ela destaca que é um efeito interno e parcial, já que toda renúncia se paga com um retorno do gozo. “No grupo, o contido no interior retorna ao exterior” (SOLER, 1998a: 298). Esse conjunto identificado por um significante (S_1), que no caso dos blogs pesquisados é “adolescente”, opera uma certa regulação interna do gozo. Fica, portanto, excluído aquele que não se inscreve como S_1 , ou seja, aquele que não é “adolescente”, como o adulto. Entre os dois cria-se uma luta estruturalmente programada. Como salienta Soler, o S_1 , como significante mestre, pacifica apenas localmente e leva, de maneira correlata, à guerra com o que não

é S1. Há o racismo em relação ao gozo do Outro, mas, paradoxalmente, há a idealização dos modos de gozo em relação ao que está fora. Identificamos em muitos blogs de adolescentes o “adulto” como aquele que não compreende o adolescente, está situado “fora”, “excluído” do grupo, desta forma, incapaz de compreender o que se passa internamente no grupo e, muitas vezes, “um inimigo em potencial”.

Atualmente, como há uma homogeneização dos modos e objetos de gozo, há um apagamento das diferenças, o que pode levar à exaltação das particularidades e a reivindicações regionalistas, como um retorno da diferença foracluída, uma de suas compensações, como sublinha Soler (1998a). É possível pensar que a adolescência, como fase marginal da vida, não muito bem situada (“entre” a infância e a fase adulta), ao se agrupar na marginalidade do espaço virtual (que é também um “lugar/não lugar”), exalta suas particularidades, unindo-se e retornando como uma diferença foracluída.

No blog abaixo, sua autora se dirige apenas às pessoas que estão passando pelo mesmo problema, os “adolescentes”. Ela exclui, portanto, quem não é adolescente:

“e tô aqui pra falar de assuntos atuais de Adolescentes para Adolescentes...”
“...quero q aqui seja um diario q atrai apenas pessoas q estao passando pelo mesmo problemaser adolescente nao eh facil neh...”
http://desabafodeumaadolescente.zip.net/arch2006-10-15_2006-10-21.html

A autora do blog abaixo comenta que “odeia” escritores adultos falando da adolescência. Para ela, só mesmo um adolescente pode escrever sobre a adolescência:

Sinceramente, eu odeio esses livros para pessoas como eu, em plena puberdade (por sinal, que palavra horrível) de autores adultos e principalmente autores homens. OK, eles já passaram por isso um dia e, muitas vezes já nos sentimos como eles, mas existe um pequeno e modesto detalhe nisso: nunca vi um livro onde uma adolescente tenha escrito (exceto, talvez o Diário de Anne Frank) todas as suas dúvidas, as suas confusões, os seus problemas, seus dramas, suas carências...se alguém conhece um, me diga, por favor, porque eu estou cometendo uma rata terrível.

http://adolescentegirl.zip.net/arch2006-07-30_2006-08-05.html

Se a puberdade é um dos momentos em que a não-relação sexual aparece para o sujeito, sabemos que a adolescência é a resposta sintomática que o sujeito vai dar a isso, é o arranjo particular com o qual ele organizará sua existência, sua relação com o mundo e com o gozo. O autor propõe a clínica da adolescência como a clínica do sintoma. Mas se

trata de uma resposta individual e como escolha de um sujeito. Na adolescência, há certo despedaçamento do imaginário diante da irrupção do real da puberdade (órgão marcado pelo discurso na ausência de um saber sobre o sexo). Na ausência de um saber, resta a cada um inventar sua própria resposta. Stevens descreve o real da puberdade, articulando-o com três definições de real em Lacan: um primeiro conceito de real, articulável na disjunção entre a identificação simbólica e imaginária, disjunção esta acentuada no momento da adolescência em função do despedaçamento da imagem; um segundo conceito de real como aquilo que irrompe, que não tem nome e que vem modificar a imagem, que acontece no tempo do despertar da puberdade, e o real como a não-relação sexual, que faz retorno na puberdade. A adolescência é, pois, a enumeração de uma série de escolhas sintomáticas em relação a esse impossível, que é o real da puberdade.

Podemos pensar que a identificação com a adolescência é, portanto, uma resposta a esse impossível de ser nomeado, ao real da “puberdade”. Mas, dentro das várias respostas a esse impossível, cabe a cada sujeito uma escolha particular. Assim, podemos pensar que o blog é uma das possibilidades ofertadas pela cultura atual ao jovem que se identifica com a adolescência. Nessa cultura “global”, o sujeito, em seu blog, pode construir algo que o particulariza. A construção de um romance familiar no blog pode ser a tentativa de tecer algo particular, nesse universo de iguais.

CAPÍTULO 4: A ESCRITA DO ROMANCE NOS BLOGS

O texto do blog, como uma narrativa sobre si, é construído a partir da pergunta sobre o desejo e sobre o sexo. Na tentativa de responder a essa questão, o sujeito pode construir um romance familiar. Ele é feito de recortes de frases, palavras e letras soltas, poemas, ilustrações, fotos, letras de música, piadas, crônicas, escritos enigmáticos, sem sentido, lembranças, compondo um texto híbrido, que revela duas dimensões da escrita: como linguagem e como letra¹, escrita de gozo. Como sublinha Lacan em *Lituraterra* (2003 [1971]: 16), “a literatura é uma acomodação de restos”.

A escrita de um blog evidencia a tessitura de um território, ao mesmo tempo íntimo e público. É uma escrita de enigmas, que são constituídos para não revelarem e, portanto, que velam. Mas também é uma escrita que se oferece ao olhar do outro. Como escrita do íntimo, ela inscreve-se como vertente do véu, como tentativa de inscrever o feminino, esse vazio para além do registro fálico com o qual o jovem é confrontado na puberdade. Lançada ao olhar do outro, ela provoca e incita, convidando ao seu desvelamento. O adolescente tece seu texto com o cuidado de se oferecer e, ao mesmo tempo, de se subtrair ao olhar do outro, construindo uma solução à feminilidade, num jogo histérico. A escrita de um blog, como artifício fálico substitutivo da falta, pode se inscrever no registro do “discurso histérico”, que parte da pergunta sobre o desejo e sobre o sexo, podendo levar à construção de um romance.

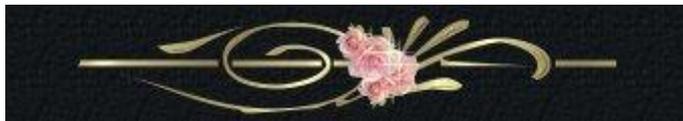
Na vertente romanceada dos blogs, identificamos, assim, a vertente do discurso histérico, do inconsciente estruturado como linguagem, a vertente significante ($S_1 - S_2$), que busca a construção de um sentido (a amarração entre o imaginário e o simbólico), como mensagem endereçada a um Outro, que serve à comunicação e faz laço social, como será visto adiante.

¹ O conceito de letra é trabalhado no capítulo 5.

4.1. Escritos da adolescência: a vertente de romance nos blogs

02/08/2007

AMOR ROMÂNTICO



Se você não tem mesmo certeza se é amor o que está sentindo, não se preocupe. A melhor coisa sobre o amor é sua constante incerteza. Um dia você está seguro, sabe exatamente o que está se passando com você, então numa semana inteira de angústia, sua certeza desaparece e você não tem mais certeza de nada.

Um dos grandes mitos que nos engana muito, é como saber quando o amor verdadeiro chega; outro é, se não sentimos aquela descarga elétrica que nos tira a respiração, então não é amor; e um terceiro é a existência da "Pessoa Certa".

E nada disso é verdade...

Namorar é muito divertido e romântico, mas eu descobri que para muitos casais o namoro é uma fonte de angústia, por causa do medo da rejeição e da solidão.

O mito do "Amor Romântico" é o que causa mais sofrimento, pois hoje em dia ninguém demonstra o romantismo que tem dentro de si, para não se tornar uma pessoa "careta", e é essa expectativa do amor romântico que deixa as pessoas solitárias e inseguras. E o mais interessante é que somos nós mesmos os responsáveis pela manutenção desse mito, somos nós que damos a expectativa que o mesmo terá.

E ninguém tinha me dito que eu passaria o tempo avaliando as diferenças que me separavam da pessoa que talvez eu estivesse amando. Ficamos todo o tempo tentando descobrir qual é a natureza do amor verdadeiro, isto machuca as pessoas e aumenta as dúvidas a respeito dos sentimentos dedicados a ela. Muita gente pensa: ... se tivesse encontrado a pessoa realmente certa, não estaria em conflito com ela o tempo todo...



http://xonadinhamarcell.zip.net/arch2007-07-29_2007-08-04.html

No blog acima, sua autora (Xonadinhamarcell) fala dos desencontros amorosos e do ideal do amor romântico. Comenta que na atualidade não existe mais o romantismo,

mas, paradoxalmente, ela sofre por buscá-lo. Assim, mesmo na cultura do “amor fluido”, o romance, como a ilusão do amor, é o que permite sustentar o vazio do encontro com o que escapa à significação.



Terça-feira , 06 de Junho

Oiee!! 😊

Hmmm.. o//

Então.. ateh q enfim criei meu Blog.. Meu diário.. hehe. Deve ser legau, contar minhas "aventuras".. quer dizer, nem são aventuras.. ah sei lah, soh sei q passo por tanta coisa..

bem, sou uma adolescente normal, com meus 14 anos, chegando nos 15 esse ano, o//

tenho meus amores, minhas dores, decepções.. como todo mundo! 😊

tenho meus amigos, minahs amigas..minha vidinha normal..tenho meus estudos.. tenho a minha família q eu amo d+!

tenho mta coisa.... e pretendo compartilhar todas minhas alegrias e tristezas aqui... procurar conselhos de vez em quando tbm eh bom, ã faz mal a ninguem..

=D Acho q eh isso. Beijos!! 😊

Postado por: ^^_Bah_^_ às 19h53

No blog acima, “Bah” utiliza uma imagem para ilustrar seu texto, que transmite sua angústia. Ela escreve em sua primeira postagem que é uma adolescente “normal”. O que ela considera uma adolescente normal? Logo vem a resposta: tem seus amores, dores, decepções, amigos, amigas, família... O significante adolescente opera pacificando o gozo, mas, por outro lado, não a singulariza nesse universo de adolescentes. Ela se descreve “igual” a todos os outros adolescentes. Seria o blog o início da tessitura de algo particular? Buscamos conhecer o que os adolescentes escrevem em seus blogs. Seriam os mesmos temas dos diários íntimos? Os blogs se constituiriam como romances, assim como os diários íntimos?

Para esta pesquisa foram selecionados dois blogs de curta duração escritos por adolescentes. Eles foram transcritos de forma integral, sem recortes nem correções, para que se pudesse avaliar, a partir de seu texto, os diferentes temas abordados e sua evolução temporal. Foram também selecionados dez blogs para identificar os temas mais frequentes em seus textos. Estes não foram reproduzidos na íntegra, mas foram “recortados” alguns trechos para ilustrar os temas mais frequentes, como já foi apresentado na discussão metodológica.

As condições que definem um romance clássico podem ser encontradas em alguns blogs. Em alguns textos os personagens são distintos e bem definidos, há a separação do comentário e da descrição, está presente também o jogo de palavras da conversação pública (os autores muitas vezes dialogam com os leitores que deixam os seus comentários) e há a ruminação da conversação interior (muitas vezes o blogueiro “conversa com ele mesmo”). A busca de um sentido para a vida individual aparece em vários blogs pesquisados. É possível identificar aí a construção do personagem como principal protagonista da própria história.

Os temas mais frequentes são: relacionamentos amorosos, relacionamentos familiares, amizades, vida sexual (medos da iniciação sexual, fantasias, experiências e conflitos sexuais) e adolescência. Em seguida, são também comuns os temas: músicas (shows, bandas, letras de música), artistas, novelas, filmes, leituras, moda, animais de estimação, objetos de consumo, esportes, política e religião.

De acordo com a pesquisa, o preconceito com relação ao blog pessoal ou confessional, comum aos blogueiros adultos, não parece estar presente entre os adolescentes². Os adolescentes utilizam o blog para uma escrever “sobre si” e nomeiam seus blogs como diários. Selecionamos dois deles para ilustrar a grande variedade de temas abordados e para mostrar dois percursos diferentes na escrita.

O primeiro é o blog “Volta ao Mundo”, de uma adolescente de 15 anos, Grazielle.

BLOG Volta ao Mundo “GRAZIELE”

22/02/2004

 *Outro BLOG que vale a pena: - Diário da Dani - Pensamentos e idéias*

"Existe diferença entre conhecer o caminho e trilhar o caminho." (matrix)

Escrito por Escrito por Grazi às 04:55

[***(0) Dê sua opinião!***] [***envie esta mensagem***]

21/02/2004

Grazielle = Puro conhecimento

Escrito por Escrito por Grazi às 03:35

[***(0) Dê sua opinião!***] [***envie esta mensagem***]

Blog da ZiZi...

É este aqui!!!

Escrito por Escrito por Grazi às 03:33

[***(0) Dê sua opinião!***] [***envie esta mensagem***]

 ***Você tem um caminho certo, ou vive se perdendo? Você tem um caminho a seguir ou está ao vento?***

 ***Converta seu caminho, mude a  direção, pois onde estás, pode terminarem em um abismo. Siga o  caminho que leva à salvação. E o  caminho  só é um:  O Senhor Jesus ***

Escrito por Escrito por Grazi às 03:18

[***(0) Dê sua opinião!***] [***envie esta mensagem***]

Dica: Ao colocar sua foto na internet, você está dando a oportunidade de qualquer um tê-la. Se uma pessoa mal intencionada acha a sua foto, e à transfira para um outro programa e escreva sobre você (no caso sua foto) um monte de bobagens, seria desagradavel, não seria?

² Denise Schittine constata em sua pesquisa que existe uma grande rejeição por parte dos blogueiros quanto à classificação do blog como diário íntimo. In: SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 235 p.

Escrito por Escrito por Grazi às 03:09
 [(0) Dê sua opinião!] [envie esta mensagem]

Somos todos brasileiros! Qual a diferença do carioca para o gaúcho, ou do paraibano para o paulista, ou do mineiro para o amazonense, ou do baiano para o paraense?

Existem pessoas que se sentem ofendidas, por serem confundidas com uma pessoa que tenha nascido em um estado que não seja o seu. Existem também, pessoas que por terem conhecido (exemplo) um carioca ruim, generalizam, tendo o Rio de Janeiro como um estado ruim, e que todos os cariocas ou fluminenses sejam ruins, essa atitude é incorreta, digna de uma pessoa sem conhecimento.

É claro que muda de estado para estado, o modo de falar, alguns modos de agir, alguns alimentos, as paisagens, enfim, cada estado tem sua cultura e sua história, mas isso não significa que uns sejam melhores que os outros, pois todos nós, de Norte a Sul defendemos uma única pátria, temos um único hino, e sofremos com o mesmo governo.

Escrito por Escrito por Grazi às 02:58
 [(0) Dê sua opinião!] [envie esta mensagem]

18/02/2004

Suz@ninh@maninha amada!

Escrito por Escrito por Grazi às 12:45
 [(0) Dê sua opinião!] [envie esta mensagem]

O Rio é tri legal, E o gaúcho é sangue bom... Visite Viamão (Rio Grande Do Sul)

Escrito por Escrito por Grazi às 03:35
 [(0) Dê sua opinião!] [envie esta mensagem]

 Vamos fazer justiça!

 Vamos fazer rebelião!

 Vamos tirar pobre da cadeia!

 E por político ladrão!

Escrito por Escrito por Grazi às 03:28
 [(0) Dê sua opinião!] [envie esta mensagem]

Coisa boa no Rio: Praia Coisa ruim no Rio: Carnaval

[(0) Dê sua opinião!] [envie esta mensagem]

Somos nós que criamos a nossa realidade, enquanto DEUS nos permite viver. (Ronaldo Monteiro Nunes)

Escrito por Escrito por Grazi às 03:19
 [(0) Dê sua opinião!] [envie esta mensagem]



Teen Não é só porque você é jovem, que vai ser um tolo, adolescente não precisa ser ridículo para ser adolescente.

*Escrito por Escrito por Grazi às 03:16
[(0) Dê sua opinião!] [envie esta mensagem]*

2/12/2004

GRAZIELE 🧑🏻 🧑🏻 🧑🏻

** Todo mundo procura ser feliz na vida. Não é? E você, quer uma sensação de felicidade, quer ser feliz hora sim hora não, quer uma felicidade que dure uma noite só, ou uma Felicidade que não tem fim?*

*** Então não seja mais careta! Conheça o Deus vivo e tenha a verdadeira felicidade!! ***

Escrito por Escrito por Grazi às 02:49

[(0) Dê sua opinião!] [envie esta mensagem]

Saiba mais sobre mim:

Sou uma carioquinha de 15 aninhos, que brevemente irá morar no Rio Grande do Sul.

Como toda adolescente gosto de dançar, paquerar, ter amigos, etc. Tudo que faço é bem pensado, sou bem responsável, porém não sou aquela pessoa chata. Sou justa e crítica, sei valorizar uma verdadeira amizade e não suporto pessoas preconceituosas, pois para mim são dignas de pena.

O meu objetivo com este blog é ter um espaço que seja a minha cara, onde eu possa por o que eu penso, é uma oportunidade a mais de conhecer pessoas legais, de ter acesso a outros mundos, etc.

Vimos no blog da Grazi que ela utiliza uma linguagem informal e própria do ciberespaço. Seu texto é composto de citações diversas, contestações, indicações de blogs e de cidades que ela considera interessantes, pensamentos que abrangem diferentes temas: Deus, amizades, adolescência, riscos da Internet e política. Mistura imagens, cores, letras e mensagens diversas. Ele é marcado, de uma maneira geral, por frases curtas, é claramente fragmentário, sem um encadeamento de ideias. Não existe uma sequência lógica nos temas abordados. Esse tipo de blog é muito comum no

ciberespaço. Não acompanhamos aqui a construção de um romance próprio e, conseqüentemente, a constituição de um personagem como o protagonista dessa história. É um blog de curta duração, um texto de fragmentos, sem a construção de uma história. Veremos agora o blog da Lana:

Blog da Lana

04/01/2005

Amores possíveis...

Tenho uma amiga, praticamente uma irmã, na verdade é um grupo heterogêneo de vidas que se encontraram no colégio e dividem seus segredos mais íntimos e põe íntimo nisso, alegrias, tristezas, esperanças, dores.

Mas esse texto se refere a uma única exclusivamente, a Erica, é doce, carinhosa, compreensiva, mas quando põe algo na sua cabeçinha naum volta atrás. É pra ela que estou escrevendo, pra dizer: por mais que pareça o mundo vai desabar, queum buraco no chão se abriu e vai cair nele, amiga, sentimentos são transitórios e até aqueles que achamos eternos se tornam ternos, pois o fogo que o arde incendiando o nosso peito apenas se transformam em brasas.

Amiga, com o tempo exergamos muitas coisas que antes no calor do amor naum percebíamos, talvez qualquer coisa que fale naum adiantaria, no entanto te peço apenas pra descer da gangorra, pois no amor deve haver um equilíbrio...e caso vc resolva descer, moída, despedaçada, angustiada e chorosa, aqui estarei eu pronta pra te consolar, porque pra que servem os amigos se naum estão conosco nas horas cruciais?

- Postado por: **Lana** às 20h16
[(0) Comente] [envie esta mensagem]

28/12/2004

Pessoas que passam.... na nossa vida

Há pessoas que passam nas nossas vidas, e apesar de um papel quase coadjuvante são de extrema importância para o continuar de nossa jornada ...

Eu tinha um pensamento preconceituoso, onde apenas pessoas "mestradas", ou com alguma experiência de vida, e com a cabeça no lugar poderiam me ensinar alguma coisa, onde poderia extrair delas algo de grande pra minha vida...

Pois é ledô engano... e talvez só agora a ficha tenha caído, pois conheci pessoas a pouco tempo que mudaram um pouco a forma de eu ver o mundo, os meus conceitos e pré-conceitos e a forma de ver o amorAcho ou melhor tenho a certeza de não que não as verei mais nesta minha passagem pela majestosa terraMas fiquei com algo delas em mim.

Aprendi o valor de um simples toque de pele; pude constatar que a frase clichê "um olhar valem mais que mil palavras", é a afirmativa mais coerente quando não há muito que falar. No entanto a alma usa os olhos como seu espelho pra declarar o que está sentindo naquele instante mágico, e este irá ser preservado em algum lugar de nossa memória.

Aprendi também, como está no filme de Cazuza que existe o certo, o errado e todo resto. O todo resto é aquilo que ninguém aplaude, nem vaia, porque ninguém vê. E as vezes a forma de nós realmente descobriremos um pouco de nós e descolarmos de nossas pobres almas os mitos do sapo que se transforma em príncipe , o amor ideal , o amigo perfeito , que tipo de pessoa vamos ser daqui a dez anos : inacessíveis , distantes , amargas porque não nos permitimos viver aqueles momentos mágicos por não ter tido alguém que nos abriu as janelas de nossas almas , pois ignoramos as pessoas que se enquadram no todo resto.

Quem sabe um dia eu digo quem são essas pessoas que deixaram suas marcas mais intimas em mim, apesar de termos ficados juntos por instantes....

- Postado por: **Lana** às 21h15

Monique **Meu perfil**

Martins

23 anos BRASIL, Sudeste,

São Gonçalo - Mulher, de 20 a 25 anos,

RJ Arte e cultura, Bebidas e

vinhos, gastronomia

MSN -

niktista@hotmail.com



Histórico:

- 01/03/2005 a 31/03/2005

- 01/01/2005 a 31/01/2005

- 01/12/2004 a 31/12/2004

- 01/11/2004 a 30/11/2004

02/12/2004

Alguma vez na vida, já precisou mudar radicalmente a sua vida seja de lugar , ou de estilo de vida .Pois é eu estou passando por essa fase , naum vou mudar de bairro e sim de cidade, um lugar não desconhecido, mas que não tinha vinculos pois minhas raízes ainda estavam aqui...

Mesmo sem ter ido, sinto uma certa melancolia. apesar de um dia ter desejado muito sair daqui por causa de uma paixão do passado, hoje consigo ver tudo que passei aqui e ao analisar vejo que valeu a pena.

Aqui começou a minha vidinha de criança, brinquei de escolinha mesmo que sozinha pelos corredores do meu apartamento. Sonhei em ter uma amiguinha perto , mas com o tempo fui crescendo e quis apenas ficar no meu quarto escrevendo no meu diário à cadeado , sobre os meus amores platônicos ... e olha daria um livro pq arrastava esse sentimento platônico por anossss...rsrs.

Quando dei por mim já não era mais pré -adolescente e sim aborrecente, não queria mais me exilar no quarto e sim fazer com que o mundo me conhecesse , queria ser descoberta por alguém ,ou descobrir o primeiro amor ...Foi aqui que descobri o amor ou o que se parecia com ele ,e tive minha primeira decepção também..Hoje que estou adulta... acho que tenho que ir Está na hora de bater a porta daqui para outra se abrir....

- Postado por: **Lana** às 23h11

[(1) Apenas 1 comentário] [envie esta mensagem]

01/12/2004

só por hoje eu não quero chorar, por aquilo que eu não vivi...pelo vazio que ficou sem você mesmo nunca ter vindo...por amar sem nunca saber ao certo quem ao menos és...pelo adeus que não lhe dei porque nunca partiu...pelas brigas que naum protagonizei...e pelas pazes que não fizemos, já que nunca brigamos...

- Postado por: **Lana** às 22h55
[(0) Comente] [envie esta mensagem]

30/11/2004

Aguma vez em sua vida ...

Alguma vez quis que o tempo parasse e aquele momento congelasse...Que naum amanhesse nunca....Que a pessoa que encontrou fosse exatamente aquilo que estava ali , mas ao mesmo tempo naum fosse , porque por ser assim , seria o começo do fim ...Que a porta do elevador naum fechasse...Que o taxi naum chegasse...Que o carro tivesse pra sempre quebrado...Que o telefone tocasse e sempre fosse quem queria...Que tudo isso fosse verdade, e naum mentira...Que naum fosse apenas uma recordação solitária, mas fizesse parte das lembranças de alguém...Que pelo menos, a parte da música "ela dormiu no calor dos meus braços e eu acordei sem saber se era um sonho" fosse por completo protagonizada por vc ...Mas essa é a melhor forma de sair e entrar na vida de alguém, sem deixar rastros e naum saber quantas marcas deixou, ou pior...saber que naum deixou nenhuma marca, pelo menos alguma vez na vida de alguém...

- Postado por: **Lana** às 12h22
[(2) Vários Comentários] [envie esta mensagem]

29/11/2004

que tipo de pessoas somos

Pode parecer que tenho uma visão romântica das coisas, mas a minha volta só conheço uma pessoa que talvez naum tenha sucumbido ao glamour do dinheiro , ou as coisas que ele proporciona, ou a pedantismos devido a um novo amor , sabe aquele sentimento adolescente quase infantil de quando estamos amando e tudo e todos parecem pequenos diante do que vivemos ...God... parece que esses vírus estão se espalhando pelos meu queridos ...

A vida é tão curta ligeira, e perdemos o tempo com sentimentos mesquinhos e pequenos. Afastamos de nós aqueles que realmente poderiam nos estender a mão , nos amar de verdade sem termos que pagar pedágio por isso .Mas tudo bem as vezes na vida uns crescem e sua mente evolui quase igual de um monge budista do Tibet , outras involuem e perigam pssar pelo que está na música do Ben Harper "quem acha que tem tudo , tem tudo a perder "

Beijos

28/11/2004

Queria entender, porque tendo entender tanto as pessoas?Claro que naum são todas... Há algumas especiais...Queria entender porque acabamos muitas vezes repetindo os mesmos erros, como se acontecessem em círculos...Queria entender porque nos apaixonamos por pessoas que são cópias de outras... Será que amamos também em círculos...Queria entender o motivo de achar quem achamos, talvez porque tenha procurado, mas quero ir mais além... Porque o achei se naum foi por você que procurei...Como faço eu, pra colocá-lo de volta aonde o encontrei sem que algum dia queira passar por lá...Queria apenas entender, não para mudar alguém ou o mundo, mas pra descobrir o que nunca me disse:Quem realmente é você?

O blog da Lana apresenta a combinação da linguagem formal com a linguagem típica do ciberespaço. Ele possui muitas características formais do diário tradicional. Diferentemente do “Volta ao mundo”, neste aqui não existem muitas imagens e cores, recursos muito frequentes nos blogs de adolescentes. Lana aborda os seguintes temas: relacionamentos amorosos, amizades, transformações da adolescência, conflitos com relação à identidade e os motivos da escrita de um diário na rede. Apesar dos diferentes temas abordados a cada dia, há no texto um encadeamento de ideias, uma ordem lógica, uma articulação significativa. Há um predomínio da vertente romântica, sentimentalista. Como no romance clássico, há a busca pelo estabelecimento de um sentido para a vida individual. Acompanhamos, também, a relação entre o tempo e a construção de um personagem. Está presente uma escritura autorreferencial e um tom confessional, que busca o desvelamento de uma subjetividade. Ela questiona as escolhas amorosas, o sentido da vida, recorre ao passado, interroga o futuro. Começa a construção de um romance familiar. Mas como o blog é interrompido, não podemos acompanhar todo o processo de construção de um romance. Talvez ele possa ser definido como um blog que tem a intenção de um romance.

Nos blogs que se constituem como romances, identificamos a busca de construção de sentido, de significação. Essa construção se dá em torno de diferentes temas. Os cinco mais frequentes encontrados nos dois blogs citados acima e nos outros dez blogs pesquisados foram: relacionamentos amorosos, relacionamentos familiares, amizades, vida sexual e adolescência. Esses temas sempre estiveram presentes nos diários de adolescentes. No entanto, eles devem ser considerados também em sua relação com a cultura, pois apresentam especificidades na contemporaneidade. Discorreremos sobre eles considerando essa dupla perspectiva.

4.2. A escrita do amor: relacionamentos “fluidos” na contemporaneidade

Os conflitos amorosos estão presentes em quase todos os blogs pesquisados. No blog da Lana, ela situa a fase em que está: “aborrecência”, diferenciando-a da pré-adolescência. Diz que na pré-adolescência tinha um diário fechado “com cadeado” e ficava sozinha escrevendo em seu quarto. Agora diz que na adolescência “não quis mais se exilar no quarto e sim fazer com que o mundo a conhecesse, queria ser descoberta por alguém, ou descobrir o primeiro amor”; acrescenta que foi “aqui” (Internet) que descobriu o amor e

teve também sua primeira decepção. Fica claro o interesse da autora em “ser conhecida” pelo mundo e em fazer relacionamentos amorosos via Internet.

As declarações de amor dirigidas aos parceiros, na maioria das vezes não identificáveis, estão muito presentes nos diários virtuais. Em um outro blog de adolescente, encontramos:

*Amor...tá tão difícil sem você aqui
Faz tanto tempo e eu não me acostumei
Eu com você seria tão feliz*

*Não sei, quanto demora pra essa dor passar
E se vai ter alguém no seu lugar
Que possa um dia me fazer feliz*

*Eu não agüento ficar sem você
E dói de um jeito, nem dá pra explicar
Meu sonho com você é tão real...
Acordo e sinto seu cheiro no ar*

*Como eu queria que o tempo te fizesse voltar
Outra vez, me amar...Só não pode demorar!!!!*

No “Navblog”, sua autora, que escreve um “diário da minha vida”, relata “coisas de mim”, como ela mesma nomeia. Afirma estar amando e descreve outras coisas e pessoas de que gosta, incluindo sua mãe:

Diario da minha vida

coisas de mim!

😊 no momento meu coraçozinho esta muito bem ocupadinho com um grande everdadeiro amor 😍

Eu adoro sair com os amigos adoro conversar, adoro ver no rosto de uma criança um sorriso 😊

Me amarro em sk8 so que nem sei andar mas olha adimiro o Choro ele e a pampa 🤔!

Eu gosto de amar!

Eu amo minha mae

navblog.uol.com

Freud escreve três textos sobre “Contribuições à psicologia do amor”, entre 1910 e 1918. No segundo texto, intitulado “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do

amor” (1974 [1912]), postula duas correntes cuja união é necessária para assegurar um bom relacionamento amoroso, a afetiva e a sensual. A corrente afetiva é a mais antiga das duas e constitui-se nos primeiros anos da infância. Ela se dirige aos membros da família e aos que cuidam da criança. Desde o início está ligada à pulsão sexual e corresponde à escolha de objeto, primária, da criança. As pulsões sexuais encontram seus primeiros objetos, segundo Freud, no momento em que as primeiras satisfações sexuais são experimentadas através da satisfação das necessidades de sobrevivência do organismo. Assim, “essas fixações afetivas da criança persistem por toda a infância e continuamente conduzem consigo o erotismo, que, em consequência, se desvia de seus objetivos sexuais” (p.165).

Na puberdade, essas fixações afetivas se unem à corrente sensual, “a qual já não se equivoca mais em seus objetivos” (FREUD, 1974 [1912]: 165). O autor destaca que, evidentemente, “jamais deixa de seguir os mais primitivos caminhos e catexizar os objetos da escolha infantil primária com cotas de libido, que são agora muito mais poderosas” (p.165). Freud ressalta, entretanto, que agora se defronta com obstáculos erigidos pela barreira contra o incesto. Portanto, há um esforço para transpor esses objetos (inadequados) e encontrar um caminho para outros objetos, com os quais possa ter uma vida sexual. Esses novos objetos serão escolhidos ao modelo dos objetos infantis e com o correr do tempo atrairão para si a afeição que se ligava aos mais primitivos:

Um homem deixará seu pai e sua mãe – segundo o preceito bíblico – e se apegará à sua mulher; então, se associam afeição e sensualidade. O máximo de intensidade de paixão sensual trará consigo a mais alta valorização psíquica do objeto – sendo esta a supervalorização normal do objeto sexual por parte do homem (FREUD, 1974 [1912]: 165).

As escolhas amorosas são feitas segundo o modelo dos objetos infantis. No blog da Lana ela escreve: “Queria entender por que nos apaixonamos por pessoas que são cópias de outras... Será que amamos também em círculos...”

Freud observa ainda que, quando a frustração da realidade for muito grande, no sentido de se opor à nova escolha de objeto, e quando a quantidade de atração dos objetos infantis for suficientemente forte, a libido afasta-se da realidade e é substituída pela atividade imaginativa, fortalecendo as imagens dos primeiros objetos sexuais e fixando-se nos mesmos. Mas a barreira erguida contra o incesto mantém a libido no inconsciente.

A sensualidade do jovem fixa em fantasias incestuosas inconscientes. O resultado disso é a impotência sexual.

Freud descreve também o que ele denomina como “impotência psíquica”. Nesses casos, a atividade sexual é forçada a evitar a corrente afetiva. A restrição se coloca na escolha do objeto. A corrente sensual que permaneceu ativa procura apenas objetos que não rememorem as imagens incestuosas que lhe são proibidas. Toda a esfera do amor, nessas pessoas, permanece dividida: quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar. Procuram objetos que não precisem amar. Assim, sempre que um objeto lembra o objeto proibido, o sujeito o evita. Freud explica o mecanismo utilizado pelos homens para protegê-los contra essa perturbação, que consiste na depreciação do objeto sexual, sendo reservada a supervalorização do objeto incestuoso e seus representantes. Quando se consuma a condição de depreciação a sensualidade pode se expressar livremente.

Pode-se compreender, portanto, nessa leitura freudiana, os motivos ocultos que levam o menino a construir uma fantasia que degrada a mãe ao nível de uma prostituta. São esforços para transpor a distância entre as duas correntes amorosas, pelo menos em fantasia, e, pela depreciação da mãe, ele a possui como objeto de sensualidade.

Nesses três textos, Freud descreve uma série de fatores relacionados aos mal-entendidos entre os amantes, entre eles o ciúme, a escolha de um parceiro que não esteja livre ou de um socialmente depreciado, as dificuldades relativas à virgindade, entre outros. Essa lista evidencia a atemporalidade dos mal-entendidos, que estão presentes nas diferentes relações amorosas através dos tempos.

No blog da Shirlene ela descreve alguns “mal-entendidos” que envolvem sua relação amorosa:

05/03/07: Nesses dias fikei sabendo d uma coisa muito xata, o Pablo a ploc q ele tem como namorada e as ploc amigas dela ligaram pro Patrik d madrugada xamando ele pra sair pq a ploc Mariana keria falar com ele e ainda disseram q eu não ia fikr sabndo d nada, fikei muito xateada, briguei com o Pablo, pensei maldades, até adoeci por isso, mas nada vai abalar nosso sentimento. Essas pessoas são sujas, eu odeio todos os q se envolveram nisso.

Beca também relata algumas dificuldades que enfrenta em sua relação amorosa:

♥E, mudando de assunto, **tadinho** do meu namorado!!! Eu terminei com ele há algumas semanas, estava estressada por um monte de coisas e tal, mas acabamos voltando depois de muitos desaforos e roupa lavada (e alguns corações partidos, claro). O legal é que agora o namoro está às mil-e-uma-maravilhas! Estamos saindo bastante, conversando mais e ele está sendo super carinhoso.. Aiai, tá tudo muito fofo³³³! Ele acabou de sair daqui de casa e tal...

http://beca_glitter.blig.ig.com.br/

Freud relaciona a complicada transição da posição de filho para a de amante com as dificuldades nas relações amorosas. Essa passagem é inaugurada na puberdade. Assim, os primeiros amores da vida de um sujeito deixam marcas que afetarão profundamente as escolhas amorosas futuras. Lacan (1995 [1956-57]), no *Seminário 4, A relação de objeto*, ao comentar o caso clínico de Dora, paciente atendida por Freud, afirma que se ama para além daquilo que o sujeito é, ama-se o que lhe falta: “...o que faz o dom é que um sujeito dá alguma coisa de uma maneira gratuita; na medida em que, por detrás do que ele dá, existe tudo o que lhe falta, é que o sujeito sacrifica para além daquilo que tem” (p.143).

Lembramos que Lacan (1992 [1960-61]), no *Seminário 8, A transferência*, acrescenta que aquele que ama não sabe o que lhe falta e o objeto amado é aquele que não sabe o que tem. A célebre frase: “Amar é dar o que não se tem”, que Lacan retira do *Banquete*, ilustra a impossibilidade de um relacionamento amoroso pleno, sem faltas. Para Lacan, o que caracteriza o amante é essencialmente aquilo que lhe falta. E ele não sabe o que lhe falta. O objeto amado, por sua vez, não sabe o que tem, o que tem de oculto e que constitui sua atração. Entre o amante e o amado não há nenhuma coincidência. “O que falta a um não é o que existe, escondido, no outro” (p.46). Aí está todo o problema do amor. No amor há sempre um mal-entendido que ilustra o desencontro fundamental entre os seres humanos.

No momento da adolescência, há um apelo a um encontro de um parceiro para a realização do ato sexual. O sujeito recorre então à fantasia. Freud, em um de seus primeiros textos, *Interpretação dos sonhos*, escrito em 1900, distingue o desejo do “eu” de dormir, do desejo inconsciente. O sonho é, ao mesmo tempo, uma forma de realização de desejo, guardião do sono e do desejo do “eu” de dormir; e, paradoxalmente, como realização do desejo inconsciente, leva ao “despertar”. Nesse sentido, todo sonho tem um efeito despertante (FREUD, 1974 [1900]).

Os rapazes só pensam em fazer amor com as moças porque, de alguma forma, algo os “despertou” de seus sonhos³. O real do gozo desperta o sujeito de seus sonhos infantis. O desejo infantil de responder ao desejo do Outro como falo já não mais o satisfaz. O sujeito, ao se dirigir ao outro, agora o parceiro, o semelhante, se interroga sobre o seu ser e sobre o desejo do Outro. A relação entre os parceiros na verdade é uma encenação da relação de cada um com o objeto de sua própria fantasia.

É exatamente quando os rapazes satisfazem as ideias de virilidade e as moças se posicionam como semblante de objeto, que o encontro sexual fracassa. É no momento em que os rapazes e as moças estão “prontos” para o encontro, que ele fracassa. Assim, Lacan enuncia a relação sexual como impossível, como já foi abordado. Não há relação sexual entre os sexos. No inconsciente não há inscrição de significantes que poderiam elaborar um saber sobre a relação entre um homem e uma mulher. Nenhuma relação entre dois significantes vai possibilitar inscrever um saber sobre a “relação sexual”. Há no inconsciente uma falha de saber, um buraco estrutural, que aponta para a impossibilidade da linguagem recobrir o real. No lugar dessa ausência, se inscreve a função fálica. O Complexo de Édipo inscreve a função fálica, como efeito da castração. A linguagem introduz a possibilidade de gozar e a universalização da perda de gozo. Mas Lacan ressalta que há algo que escapa aos limites implicados na função fálica, que é o enigma do gozo sexual feminino. O gozo feminino não se submete à norma fálica, é enigmático, está fora do sentido.

Na adolescência a irrupção do sexual faz ruptura com o gozo fálico, mostrando a impossibilidade da relação entre os sexos. O encontro com o parceiro aponta para algo que não se inscreve no falo, que confronta o adolescente com essa ausência que é da ordem da estrutura.

O amor vela essa ausência, evitando o trauma do encontro. Lacan (2003 [1974]) comenta que o amor cortês é um grande engodo, é uma maneira de evitar o trauma do encontro. O amor cortês, ao colocar o objeto de amor como inacessível, evita e adia o

³ LACAN, Jacques. Prefácio a *O despertar da primavera* (1974). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 (Campo Freudiano do Brasil), p.557-559.

encontro. Esse momento do encontro é ricamente ilustrado no romance de Marguerite Duras, *O deslumbramento*⁴.

Nesse romance, a adolescente Lol V. Stein, de 19 anos, vê o noivo Michael Richardson ser “arrebatoado” por uma desconhecida no grande baile do Cassino Municipal de T. Beach. Toda a trama se desenvolve em torno da cena do baile. É nesse momento que começa e, ao mesmo tempo, se interrompe, por dez anos, a vida de Lol. Lacan comenta esse romance no texto em que faz uma homenagem a Marguerite Duras⁵. O romance gira em torno do “arrebatoamento” de dois numa dança, sob o olhar de uma terceira, Lol, a noiva que observa o rapto de seu noivo por uma outra mulher. “Ele tinha parado, olhado as recém-chegadas, depois conduzido Lol em direção ao bar e às plantas verdes do fundo do salão” (DURAS, 1986: 10). “Lol, momentaneamente imobilizada, tinha visto avançar, como ele, aquela graça abandonada, encurvada, de um pássaro morto. Era magra. Devia ter sido sempre assim” (p.10).

Marguerite Duras descreve a roupa que vestia o corpo da mulher, sob o olhar atento de Tatiana, a amiga de Lol que a acompanha: “Havia coberto aquela magreza, lembrava-se claramente Tatiana, com um vestido preto bastante decotado, com duas sobressaias de tule igualmente pretas... Adivinhava-se a ossatura admirável de seu corpo e de seu rosto. Da mesma maneira que apareceria dali por diante, morreria, com o corpo desejado” (DURAS, 1986: 10).

O tema do vestido, como Lacan sublinha, sustenta aqui a fantasia a que Lol se prende posteriormente, “a de um além para o qual não soube encontrar a palavra certa, essa palavra que, fechando as portas aos três, a teria conjugado no momento em que seu amante tivesse levantado o vestido, o vestido preto da mulher, e revelado sua nudez” (LACAN, 2003 [1974]: 201). Há um indizível dessa nudez que se insinua e, segundo Lacan, é aí que tudo se detém.

Lacan destaca que o olhar está em toda parte do romance e a mulher do acontecimento, segundo Lacan, é descrita por Marguerite como “não-olhar”: “...a visão se cinde entre a

⁴ DURAS, Marguerite. *O deslumbramento (Le ravissement de Lol V. Stein)*, trad. Ana Maria Falcão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 145 p.

⁵ LACAN, Jacques. “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatoamento de Lol V. Stein”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.198-205.

imagem e o olhar, que o primeiro modelo do olhar é a mancha de onde deriva o radar, que o corte do olho oferece à extensão” (LACAN, 2003 [1974]: 202). A partir do olhar do noivo para a desconhecida, Lol observa as mudanças que ocorriam nele: “Lol olhava-o, olhava-o mudar” (DURAS, 1986: 11). “Os olhos de Michael Richardson haviam-se iluminado. Seu rosto se havia contraído na plenitude da maturidade. Nele se lia uma dor, mas uma dor antiga, da infância” (p.11).

A cena do vestido ilustra, para Lacan, o amor, que não é nada mais que essa imagem de si que é revestida por um outro e que o sujeito “a veste”, e, no entanto, quando é desinvestida, o outro “a deixa”. Lacan chama a atenção para o fato de que Lol é desinvestida de seu amante e a outra mulher é agora investida (vestida) por ele. “O que quer dizer disso, quando nessa noite, Lol totalmente entregue à sua paixão dos dezenove anos, ‘sua investidura’ [*prise de robe*]; sua nudez ficou por cima, a lhe dar seu brilho?” (LACAN, 2003: 201).

O adolescente encontra com o que do sexo faz buraco no real. Há uma queda das vestiduras fálicas, que desvela o nada que as sustenta. Por trás do vestido, o indizível. O véu levantado mostra o nada. Lol desmaia.

Os adolescentes, nesse redespertar da sexualidade, buscam seus parceiros amorosos. Essa procura não parece diferir da procura que os adolescentes sempre fizeram. Mas uma particularidade da contemporaneidade é que essa procura se dá também no ciberespaço. A maior facilidade de conhecer pessoas nesse espaço é um fator de grande fascínio pelo ambiente virtual. Alguns autores enfatizam a maior facilidade de engajamento e de rompimento dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade, impulsionados pelo ciberespaço.

Bauman, em *Amor líquido* (2004), comenta que os relacionamentos “virtuais” parecem feitos sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que “as possibilidades românticas” surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e impondo a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa” (BAUMAN, 2004: 12). Ele acrescenta que na vida moderna os compromissos são irrelevantes e a facilidade do engajamento e do rompimento nas relações virtuais seduz as pessoas. Para o autor, “pode-se namorar sem

medo de repercussões na vida real” (p.85). Assim, as coligações tendem a ser flutuantes, frágeis e flexíveis.

Existe uma proximidade entre o amor, a morte e a adolescência. Bauman ressalta a relação entre o amor e a morte, considerando que o amor é tão atemorizante quanto a morte. Mas o amor encobre essa verdade com a comoção do desejo e do excitamento. Se a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, é igualmente poderosa a atração de escapar. Como o encontro com o outro sexo envolve, ao mesmo tempo, o fascínio e o medo, o adolescente pode evitar uma aproximação que leve ao despertar da paixão.

Nos blogs de adolescentes é possível identificar tanto a tentativa de encontrar o par amoroso através de seus blogs, como a necessidade de se escrever sobre o mal-estar que envolve as primeiras relações amorosas. Mas há também uma outra dimensão importante nessa busca amorosa feita no espaço virtual. Essa dimensão é exatamente a do não-encontro. No despertar do real na puberdade, o adolescente pode buscar adiar o encontro com o outro sexo. A Internet tanto possibilita o acesso ao outro como o interdita. O amor é a ilusão necessária para a relação amorosa. Na ausência de contato corpo a corpo, o adolescente, no ciberespaço, adia esse encontro, mantendo e possibilitando a ilusão necessária ao amor.

06/02/2007 15:29

TE AMO

Quando penso em te perder, me sinto sufocada, uma dor imensa me invade, é como se o céu se abrisse e dele viesse um raio em minha direção que me partisse em mil pedaços.

Quando penso em te perder, não consigo lembrar da certeza que tenho do nosso amor.

Queria nunca mais pensar assim, queria viver nossos momentos maravilhosos, certos, e loucos, que me deixam com o prazer de acordar a cada dia.

Acho que esse medo de alguma forma me faz bem, que é pra nunca esquecer que não quero te perder.

enviada por Amor

<http://shirlenepatrik.blig.ig.com.br/>

4.3. A escrita da “história familiar” no espaço público

Os relacionamentos familiares são abordados com grande frequência nos blogs de adolescentes. Conflitos com os pais e a busca por “maior liberdade” são temas comuns.

Esses temas são também típicos da adolescência, pois envolvem o importante trabalho de separação que os jovens devem fazer de seus pais, como foi visto. Os conflitos familiares, comuns na puberdade, atestam as tentativas e as dificuldades nesse processo de separação. Beca escreve em seu blog o desejo de conseguir um emprego e ter o próprio dinheiro para conseguir se libertar da dependência das tias (substitutos dos pais) e obter o “reconhecimento” delas:



😊 03/09/2007 01:04

- Chateada, Lembranças, Rosas Coloridas, Etc...

♥Oi Amores! Como vocês estão??

Postando rápido para mostrar algumas coisinhas legais que achei por aí e desabafar um pouco...

♥Estou louca pra arrumar um emprego logo. Não agüento mais ficar aqui em casa ouvindo reclamação das minhas tias por isso ou aquilo. É incrível como algumas pessoas, por exemplo, só reconhecem que eu arrumei a casa se me **virem** arrumando a casa. Caso contrário, acham que está tudo arrumado todos os dias porque a casa resolveu se arrumar sozinha. Tô de saco cheio de tudo isso. Já tive que dar o Cookie (meu toy poodle) porque uma delas acha **o fim** existir seres de quatro patas no mundo. Enfim, vou arrumar um emprego, ganhar meu próprio dinheiro e, quando passar no vestibular ano que vem, vou tapar a boca de todo mundo que acha que eu não sou capaz. De todo mundo que acha que eu não estudo ou não reconhece o que eu faço.

http://beca_glitter.blig.ig.com.br/

No blog da Thaise, ela escreve a sua “história de vida” e reflete sobre o sentimento de ter sido “usada” pelos pais:

“Meus pais são divorciados há praticamente, dezesseis anos e alguns meses, todavia se respeitam, apesar de sempre reconhecerem os defeitos um do outro. Não tenho muito contato com o meu pai. Ou seja, fui, e continuo sendo filha de mãe solteira. Segundo os relatos de minha mãe, fui gerada com prévios planos, ditados em um acordo entre meus pais, ou seja, os poderes e obrigações que ambos poderiam exercer sobre mim. Por um lado, fico triste quando penso nisso, uma vez que me sinto usada, por não ter sido fruto de uma paixão ou de um amor, tendo sido tratada como mera aquisição derivada

de um contrato comercial, todavia, por outro lado me alegro por perceber que fui desejada por ambas as partes”

No blog da Carol, ela escreve toda a sua “história de vida”, a história de amor de seus pais, com seus encontros e desencontros, buscando situar-se nesta história:

Diário de Uma Adolescente

As confusões dessa adolescente fodastiiicas... ** E ollha que confusão é o que nao falta...

Domingo, 6 de Abril de 2008

O Começo

E ai pessoas??

Depois de muuuuittos "deixa pra depois" finalmente resolvi fazer meu blog...O principal motiivoo??...Simples...Procuro alguém que me de conselhos e me apoie...É que os problemas por aki andam seno meio frequentes e ja nao tenho com quem lidar...É ser Adolescente não é facil... Mas a Adolescente aki nao começou adolescente...Começou criança...E como o título diiz...Hoje vou explicar o começo...Nasci em Sorocaba, mas morava com meus pais e meus avós em uma cidade vizinha, era meio que a "keridinhá do papai"...A princesinha pra ser mais exata...rsrs...Titulo que no começo me serviu muito, mas ja nao tem tanta serventia...Dois anos apos minha chegadaa esse doce lar (ahh...A quem queremos enganar??), chegou minha irma... e 5 anos depois dela outro irmao...Como moravamos com meus avvos a casa começou a apertar demais...Era Hora de se mudar!...Arrumamaos as coisas e fomos pra Sorocaba (isso em 2001), a casa era beem grande e espaçosa...Tinha o meu quarto(meu e da minha irma)..Era tudo otiiimo...Mas os problemas começaram a chegar...E quando evm um...Vem logo variios...É a lei da vida nao?!...Meua paiis começaram a brigar demais...Eram brigas diarias...As coisas melhoravam e pioravam a todo tempo...Em uma das melhooras chegou minha irmazinha maais nova(e a mais chata...)...Mas depoois as coisas se complicaram e eles se separaram...Uma separação nada...nada amigavel...Quem nos apoiou??...A familia da minha mãe...Chegamos a passar uma temporada na casa deles...E como meu pai nunca gostou da familia da minha mae a briga depois da separação foi maior, mas eu sai em defesa deles e eu e meu pai brigamos feio e ficamos um tempo sem nos falar...Ai no dia da minha 1ª comunhao ele apareceu e fez minha mae escolher entre ele e a familia dela...E ela??...Escolheu ele.. É o Amor realmente fala mais alto quando o quesito é AMORxFAMILIA... Boom...Ai viemos fazer uma visitinha pros meus Avós(akeles com kem moravamos qnd eu era pekena) e nunca mais saimos daki..rsrsrs...Mas a casa foi reformada e ta maior(sao duas casas...Uma casa-Um jardim-Outra casa)...Tenho meu quarto(meu e da minha irma), meus irmaos menores tem o deles...Enfim...Beem melhor...Meus pais tao SUPEEER BEEEM agoora, mas de vez em quando aindatem akelas briguinhas tipicas de casais(Hoje msm teve uma...Nao é que meu "Dad" brigou com minha mae pq o cel dela tava sem bateria?? =/)...

Aki tenho coisas que nunca sonhei em ter antes...A vida ta beem melhoor..Mas toda Adolescente que se preze enfrenta crises na viida não??...E eu sou uma delas...Dá pra fazer uma historia com o tanto de coisas que acontece comiigo...haha³³...O Título???...Esse mesmo ai do blog: Diário De Uma

Adolescente...

Mas um pokinho sobre miim??

É pra já...Sou uma menina muito sensível e qualquer coisinhá ja me faz derramar umas lagrimas nada boas...Sou leal em todos os quesitos e se tem uma coisa que eu odei é mentira e deslealdade...(Ai não da neah?!)...Sou FANÁTICA ASSUMIDA E MORRIDA por RBD...Mas meu trauma mesmo...A razão da minha vida é Ponny(Any e Poncho) e eu sei que muita gente nao gosta e talz..mas eu AMO...E so peço que respeitem e nada maiis....

Também Amo...Vondy (Dul e Ucker),Pollis e Mai e Zanessa...

Ahh...Camila(Uma banda mexicana fodastica de booa) e claroo.....JONAS BROTHERS....(Nao tem como nao amar)...

É sou uam menina beeem diversificada...

Agoora, por esse blog dessa garota fodastica aki...Vou contar meu diia, meus amoores, minhas amiizades...Tudo...Agoora encontrei um meio de me abrir....

Besitoos fodastiicos de boons!!!

<http://diarioadolescente33.blogspot.com/search?updated-min=2008-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&updated-max=2009-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&max-results=1>

No blog acima, Carol constrói o seu romance familiar. O romance familiar é a história que cada sujeito cria, em sua fantasia, sobre as relações dos pais, como foi visto. Essa criação fantasiosa está ligada à sexualidade e acontece em dois tempos: na infância e na puberdade. As fantasias da infância correspondem ao primeiro tempo do romance familiar e seu conteúdo relaciona-se normalmente com a depreciação dos pais. Nesse tempo, trata-se de substituir os pais por outros de posição social mais elevada, como foi visto.

Na puberdade, as fantasias estão relacionadas ao desejo sexual e ao encontro com o sexo. O desejo pode ser realizado pelo sujeito por meio de suas fantasias, como ilustra Freud ao comentar sobre a vida de Dostoiévski (FREUD, 1928 [1927]). Freud relaciona a compulsão de Dostoiévski pelo jogo com um sentimento de autopunição. Além do amor ao jogo existia a necessidade de se punir e o jogo era também um método de punição. Depois de perder tudo no jogo, até suas últimas posses, Dostoiévski censurava-se e humilhava-se diante da esposa, um ciclo que se repetia constantemente em sua vida. No entanto, a sua esposa observa (em seu diário) que era exatamente quando o sentimento de culpa dele se satisfazia com os castigos que se havia inflingido, que ele conseguia libertar-se um pouco de sua inibição para a escrita e seu trabalho tornava-se mais criativo, permitindo-lhe dar mais alguns passos ao longo da estrada do sucesso.

Freud (1974 [1927]) relaciona esse sentimento de culpa e a obsessão pelo jogo com o despertar do Édipo na puberdade. Mostra como a análise muitas vezes revela uma fantasia plena de desejo pertencente ao período da puberdade que muitas vezes é lembrada conscientemente. Essa fantasia revela o desejo do menino de que a própria mãe o inicie na vida sexual, para salvá-lo do vício da masturbação. Freud relaciona o vício do jogo com o vício da masturbação. Em Dostoievski, a antiga compulsão de se masturbar é substituída pela paixão pelo jogo. Relatando um conto de Stefan Zweig, que, segundo Freud, causa um efeito profundo no leitor, ele demonstra como o conto é motivado pelas fantasias comuns na puberdade. Freud observa: “A igualização da mãe a uma prostituta, feita pelo rapaz da história, vincula-se à mesma fantasia. Traz a mulher inatingível para um alcance fácil. A consciência má que acompanha a fantasia provoca o final infeliz da história” (FREUD, 1974 [1927]). O encontro com o sexual na puberdade caracteriza o despertar para o mal-estar. Há o despertar do Édipo e das fantasias sexuais, que exigem do sujeito um longo trabalho de separação.

Na adolescência o sujeito tem que refazer suas escolhas de objeto, mesmo que essa escolha já esteja colocada. A escolha do sintoma e a organização da fantasia se estabelecem extremamente cedo, na primeira infância. Mas essas escolhas são recolocadas na adolescência, tanto do lado da fantasia, que vai ser posta à prova na puberdade, quanto do lado do sintoma, que assume diferentes formas.

O real desperto na puberdade, essa “explosão hormonal”, é exatamente uma irrupção, a eclosão de alguma coisa radicalmente nova. Esse real é a emergência de um novo para o qual o sujeito não tem uma resposta pronta. As palavras são insuficientes para explicar esse surgimento. As fantasias construídas na infância não são suficientes para interpretar esse novo. Há uma falha de saber no real.

Como lembra Stevens (2004), no primeiro tempo do ensino de Lacan o real é o enquadramento da fantasia como janela ou como véu sobre o impossível, sobre o que é inacessível ao sujeito. Há uma discordância entre o imaginário e o simbólico por uma espécie de intervalo operado entre as identificações simbólicas e as identificações imaginárias. “Na adolescência, essa discordância entre o imaginário e o simbólico falha; logo, a fantasia falha” (STEVENS, 2004: 33). Do lado da identificação imaginária, a imagem se modifica, no “vai tornar-se” há um certo despedaçamento do imaginário. Do

lado da identificação simbólica, a criança tem de operar uma separação entre as figuras simbólicas dos pais. “Ela tem de modular seus ideais de outra forma que não seja pela simples identificação com o pai. Isso se faz por ancoragem sobre um certo número de outros traços tomados de outras pessoas” (p.34).

O blog é um espaço onde é possível identificar o esforço do sujeito de separar-se do Outro, escrevendo seu romance familiar, buscando novas identificações e tentando construir um saber sobre o que se pode fazer em face do outro sexo. O diferencial na contemporaneidade é que esse romance familiar é também construído e lançado no espaço virtual. Se o avanço tecnológico abriu novos espaços de expressão e comunicação, tornando a cada dia mais forte a relação dos jovens com o espaço virtual, o adolescente utiliza o blog como uma ferramenta para fazer circular suas ideias, estabelecendo contato com pessoas e reescrevendo, a partir do retorno do outro, seu romance. A dimensão de sentido, significante, como mensagem do Outro invertida, é facilitada pela rapidez desse retorno no universo virtual: “Vou contar meu diia, meus amoores, minhas amiizadas...Tudo...Agoora encontrei um meio de me abrir...”.

4.4. Amizades múltiplas: encontros e desencontros no ciberespaço

A passagem da infância para a puberdade envolve a entrada no universo social mais amplo. As amizades são extremamente importantes nessa etapa da vida, quando os amigos passam a substituir as referências parentais. No blog da Lana, a autora escreve sobre a importância da amizade em sua vida: “Tenho uma amiga, praticamente uma irmã, na verdade é um grupo heterogêneo de vidas que se encontraram no colégio e dividem seus segredos mais íntimos e põe íntimo nisso, alegrias, tristezas, esperanças, dores

O grupo de adolescentes, como um grupo de semelhantes, é o endereço privilegiado dos jovens, pois o adolescente os supõe em posição subjetiva semelhante. Como campo de identificações horizontais, o grupo relativiza o poder do pai, pluralizando as referências identificatórias e facilitando a separação do Outro parental. Nesse sentido, podemos pensar numa passagem: do Nome-do-Pai aos Nomes-do-Pai.

O adolescente, ao escrever seu blog, se dirige a um outro. É como uma carta que contém seu endereço. Esse endereçamento pode estar explicitado ou não. Mas, fundamentalmente, existe um endereçamento a um Outro, lugar para o qual o autor se dirige, que não está subscrito, que comporta uma demanda de reconhecimento e que o faz produzir. Os adolescentes se dirigem preferencialmente a outros adolescentes, buscando, por meio de um outro supostamente semelhante e, portanto, situado num local vazio de saber, a produção de algo novo, como vimos. Mas, quais as particularidades desse endereçamento a um outro adolescente no espaço virtual?

Com o avanço tecnológico a comunicação ficou mais rápida e mais fácil. Os diversos aparelhos tecnológicos que servem à comunicação multiplicam-se mais rapidamente do que se pode imaginar. O celular, o Orkut, Messenger, *e-mail*, os blogs e fotologs são ferramentas “vitais” na atualidade para os jovens adolescentes comunicarem-se uns com os outros. Para estar inserido no grupo de “adolescentes” hoje, é necessário estar “conectado”. Essas ferramentas trouxeram maior liberdade e grande facilidade de expressão, ampliando as possibilidades de se estabelecer contato com pessoas do mundo inteiro.

O ciberespaço configura-se como o mais novo ambiente de comunicação e de circulação social, que possibilita uma ampliação “sem limites” das redes de socialização. Nesse universo sem fronteiras é possível ter um milhão de amigos, nos mais distantes pontos do mundo, e manter contato com eles diariamente, no tempo presente, mas afastados corporalmente.

Nesse novo universo virtual, há um intenso fluxo de palavras e imagens, onde, segundo Bauman (2004), a “circulação” é mais importante que “a mensagem”. Como destaca o autor, a introspecção é substituída pela interação frenética e frívola, onde os segredos mais profundos pessoais misturam-se às listas de compras. “Pertencemos à conversa, não àquilo sobre o que se conversa” (BAUMAN, 2004: 52). No ciberespaço o silêncio equivale à exclusão. Na verdade, podemos dizer que o próprio meio é a mensagem, ou seja, a mensagem é só isso: “Tô na rede”. O jovem busca uma marca nesse universo virtual. Não ter amigos na Internet hoje equivale à exclusão social. No blog da Tati acompanhamos a sua procura desesperada por amizades nesse universo virtual:

27/02/2006

 *ola, galera to super triste ninguem quer seu meu amigo.po galera venham ser meus amigos. por favor*

bjs tati

Os blogs constituem-se em espaços virtuais onde se pode escrever sobre amizades e também fazer amizades. No entanto, nem sempre essas amizades são mantidas fora do espaço virtual. O ciberespaço é o campo por excelência dos paradoxos: o sujeito pode fazer um milhão de amigos e, entretanto, não sair de casa e não encontrar pessoalmente com nenhum deles. O ciberespaço é um lugar de encontro e, ao mesmo tempo, de desencontro. As relações são feitas e desfeitas com a mesma facilidade e velocidade. É possível aproximar-se de um desconhecido do outro lado do mundo compartilhando com ele as mais íntimas confidências, sem o contato pessoal e sem a garantia de que as informações trocadas sejam verdadeiras.

Numa cultura onde a quantidade se sobrepõe à qualidade, o superficial ao profundo e a velocidade à estabilidade, como o jovem adolescente pode hoje construir um saber que se sustente, diante desse encontro com a falha do saber sobre o real? Veremos a partir de um blog de longa duração, no último capítulo, a resposta a essa questão.

4.5. A escrita da sexualidade nos blogs

O tema da sexualidade é muito comum nos blogs de adolescentes. Um deles nos mostra como até as fantasias ou os “medos” sexuais mais íntimos podem ser compartilhados no diário virtual:

Adôlescência em apuros

26/09/2004

Estou mais confusa do que nunca!!!!

Tem coisas pra mim que ainda são difíceis de entender, o que um namoro exige, uma delas é: virgindade realmente é uma coisa importante? até que ponto?...acho q só eu penso nisso, conheço tantas meninas mais novas que eu que não tem essa preocupação, e já até perderam a virgindade.

Acho que eu tenho um certo bloqueio em relação a isso, não que eu tenha medo de perder minha virgindade, eu tenho medo é de não gostar, de não ser a pessoa certa e o mais desesperador de todos....será que vai doer????..genteeeeeee isso me aterroriza de uma forma que vc nem imaginam.

Dei-me ir ..tenho muita coisa pra fazer, uma delas é tentar resolver os meus dilemas pessoais...

Bju galerinha!!!!

http://nenavanhalensp.zip.net/arch2004-09-26_2004-10-02.html consultado em 24/07/2007

Ao contrário do que se pensa, a maior liberdade de se falar sobre o sexo hoje não tem facilitado o “tratamento simbólico” desse real que irrompe na puberdade. O encontro com o sexo é sempre traumático. Mesmo o tabu da virgindade não está excluído da nossa cultura, como atesta o blog acima. Longe de ser apenas uma “exigência cultural”, ele expressa um conflito de maior complexidade, como observa Freud em *O tabu da virgindade* (1974 [1917]). “O alto valor que o pretendente atribui à virgindade da mulher parece-nos tão natural, que ficaremos quase perplexos se tivermos de oferecer razões para justificar essa opinião” (p.179).

Freud relaciona o tabu da virgindade, entre outras coisas, com as fantasias ligadas ao sangramento no defloramento da virgem. O horror ao sangue, presente nas raças primitivas que o consideram como a origem da vida, levam muitas tribos a criar um ritual onde o marido não pode ser aquele que irá deflorar a virgem. Ela precisa ser iniciada antes do casamento por outro homem. Como ressalta Freud, longe de demonstrar maior liberdade sexual, essas tribos confirmam a dificuldade dos povos primitivos de dissociar o sangramento de ideias sádicas. O sangramento do ato do defloramento, assim como da menstruação mensal, é interpretado como a mordedura do espírito do animal, como sinal de relação sexual com esse espírito. Assim, “a menina que menstrua é tabu porque constitui propriedade desse espírito ancestral” (FREUD, 1974 [1917]: 182). Freud explica o horror ao sangue e sua relação com a primeira ocasião de relação sexual, que passa a ser visto como um ato perigoso.

Freud ressalta também que o tabu da virgindade é parte de uma grande soma que abrange a totalidade da vida sexual. Não só a primeira relação sexual é um tabu, mas a totalidade da vida sexual. A “mulher” é também um tabu. A menstruação, a gravidez, o parto e o puerpério estão sujeitos a restrições tão solenes que levam a duvidar da suposta liberdade sexual entre os selvagens, como adverte Freud. A mulher muitas vezes é considerada como sendo fonte de perigos e como um perigo de especial intensidade. Freud acrescenta que, mesmo na nossa cultura, a mulher é vista como fonte de desconhecimento e, portanto, de perigo.

É comum na nossa cultura, segundo Freud, a mulher “fugir” da primeira ocasião de relação sexual. E que é frequente a decepção sentida pela mulher na ocasião da primeira relação sexual e a instalação de uma frigidez que pode desaparecer ou não com o tempo. O autor relaciona as muitas agressões, até físicas, da mulher contra o homem “que a deflorou”, mesmo quando o ama, com a “injúria narcísica que decorre da destruição de um órgão ...” (FREUD, 1974 [1917]: 187). Por outro lado, a dor das primeiras relações sexuais é também associada às proibições feitas pelos pais.

Freud faz uma relação entre as dificuldades sexuais da mulher e o Complexo de Édipo. Na infância, os desejos sexuais estão voltados para os pais (no caso da mulher, para o pai ou para o irmão que o substitui). O marido é apenas o substituto, nunca o homem certo. É o pai que primeiro tem direito ao amor da mulher. Quanto maior a ligação da filha com o pai e sua fixação na puberdade, maior a rejeição sentida pelo seu substituto. Freud então explica a frigidez como um sintoma resultante desse conflito.

Um outro motivo descrito por Freud como responsável pela relação paradoxal em relação aos homens está relacionado à assunção da feminilidade. A inveja do pênis (símbolo de masculinidade) e a hostilidade para com seus irmãos, dela decorrente, na infância, podem levar a mulher a uma agressividade incontrolável dirigida contra o marido, segundo Freud. Com a importância dada à virgindade na nossa cultura, quando ela passa a ser considerada uma propriedade do marido, há um aumento do sentimento de raiva das mulheres com relação ao marido. O defloramento não só prende a mulher permanentemente ao homem, como desencadeia também a reação arcaica de hostilidade para com ele. Freud constata então as dificuldades sexuais das mulheres muitas vezes relacionadas aos conflitos inconscientes ligados ao Complexo de Édipo e à assunção da feminilidade.

Não estamos mais na época de Freud. No entanto, em pleno século XXI, uma adolescente escreve em seu blog que tem muito medo de perder a virgindade. Como na atualidade “não cabe mais” dizer isso, ela tenta explicar esse medo. Diz que não é medo de perder a virgindade, já que atualmente isso é normal, mas tem medo de não gostar, de não ser com a pessoa certa, e tem muito medo de doer!!! Diz que fica aterrorizada só de pensar nisso. Se na atualidade não há mais a exigência da virgindade para o casamento, esse “medo” de perder a virgindade, ainda presente, mostra sua raiz nas

fantasias inconscientes. Lacan, em *Os complexos familiares* (1938), observa que na puberdade há a emergência do ideal, que ele nomeia nessa época como viril no rapaz e virginal na moça, ideais que, portanto, já marcam a impossibilidade de um encontro harmonioso entre os parceiros sexuais.

As primeiras experiências sexuais são certamente decepcionantes, em função das expectativas e das fantasias que as acompanham e, fundamentalmente, pela impossibilidade de se saber sobre o sexo. O encontro sexual é sempre malsucedido e o sexual é sempre traumático. Em outro blog, sua autora descreve o seu primeiro beijo, que lhe pareceu bastante decepcionante:

25/02/2006
primeiro beijo

🤔ola,galera eu vou contar como foi o meu primeiro;eu tava na casa da minha prima em outra cidade era carnaval eu tava doida para deixar de ser bv eu pedia a minha prima para pergunta todo menino q eu via se ele queria ficar comigo,entao um aceitou ele tinha 15 e eu 8 ,a gente ficou conversando e derepente ele me beijo o bj duro 4 seguntos foi horrivelmente horrivel

Na contemporaneidade, o blog é utilizado pelo sujeito adolescente para escrever sobre a sexualidade, para trocar com o outro suas experiências e fantasias sexuais. O adolescente leitor é convidado a participar de sua escrita, compartilhando também de suas ideias e fantasias sexuais, emitindo opiniões e sugestões no texto escrito. Essa vertente de “sentido” sexual que aparece na linguagem esconde a sua vertente traumática, de não-sentido. O adolescente pode utilizar-se do virtual para evitar o encontro sexual. Fala-se de tudo no ciberespaço, sem restrições e constrangimentos, mas se evita o encontro corpo a corpo.

Por outro lado, nos deparamos com jovens que não adiam o encontro, ao contrário, o antecipam. Os jovens parecem estar em constante experimentação, gozam da liberdade para viver as mais diferentes experiências, em um ritmo acelerado e numa multiplicidade que parece nunca se esgotar, sem barreiras sociais ou familiares. Nessa vivência intensa, há o imperativo do gozo absoluto, numa cultura que promete o gozo acessível a todos, sem limites.

4.6. A adolescência como resposta ao impossível de saber

Se a inexistência da relação sexual é a dificuldade de saber o que fazer quanto ao sexo, no lugar dessa ausência de saber o sujeito constrói uma resposta possível a esse real impossível de circunscrever. Se a puberdade é um tempo privilegiado em que essa inexistência da relação sexual reaparece para o sujeito, a adolescência pode ser uma resposta sintomática que o sujeito dá a esse desarranjo, como foi visto. É a construção, o arranjo possível, com o qual o sujeito organiza sua existência, sua relação com o mundo e sua relação com o gozo.

Vimos como, diante da falha de saber sobre o seu ser e sobre o sexo, o sujeito busca respostas a partir das identificações com os grupos de adolescentes, tentando se situar na “adolescência” e nomeando-se “adolescente”. Buscamos extrair nos blogs as representações ou significações que os jovens dão à adolescência na atualidade.

Adolescente 😊

Adolescente não briga.....da porrada
 Adolescente não vai na festa.....vai pra balada
 Adolescente não cai.....capota
 Adolescente não entende.....se liga
 Adolescente não come.....engole
 Adolescente não entra.....invade
 Adolescente não mata.....destroi
 Adolescente não pede.....impõe
 Adolescente não fala.....troca ideia
 Adolescente não cospe.....escarra
 Adolescente não solta gases.....peida
 Adolescente não vai em bora.....vaza
 Adolescente não digita.....tecla
 Adolescente não reclama.....protesta
 Adolescente não dorme.....capota
 Adolescente nunca tá apaixonado.....ta afim
 Adolescente não viaja.....faz uma trip
 Adolescente não namora.....da uns cata
 Adolescente não ouve musica.....curti um som
 Adolescente quando beija nao poem a mao na cintura....mete a mao na buda
 Adolescente não se da mal.....se fode
 Adolescente não fica triste.....fica xateado
 Adolescente não axa interessante..... axa irado
 Adolescente não eh gente.....é JOVEM

http://lilinelinda.zip.net/arch2005-07-17_2005-07-23.html consultado em 20/07/2007

Nessa representação de adolescência, o adolescente é identificado com “um transgressor”, não só da linguagem adulta, como também do comportamento adulto. Assim, a adolescência é percebida como uma fase de transgressão, que aparece no comportamento, na linguagem e na aparência dos jovens. Essa é também a representação social de adolescente. Há uma identificação do jovem com essa construção social.

No Blog “Volta ao Mundo” sua autora apresenta, numa frase contraditória, uma representação de adolescência que demonstra o próprio preconceito com relação a essa fase: *“Teen: Não é só porque você é jovem, que vai ser um tolo, adolescente não precisa ser ridículo para ser adolescente.”*

No blog da Lana ela comenta a sua passagem da infância à adolescência, construindo uma representação de adolescente, que ela nomeia como “aborrescente”:

Aqui comecei a minha vidinha de criança, brinquei de escolinha mesmo que sozinha pelos corredores do meu apartamento. Sonhei em ter uma amiguinha perto, mas com o tempo fui crescendo e quis apenas ficar no meu quarto escrevendo no meu diário à cadeado , sobre os meus amores platônicos ... e olha daria um livro pq arrastava esse sentimento platônico por anossss...rsrs. Quando dei por mim já não era mais pré -adolescente e sim aborrecente, não queria mais me exilar no quarto e sim fazer com que o mundo me conhecesse , queria ser descoberta por alguém ,ou descobriru primeiro amor ...Foi aqui que descobri o amor ou o que se parecia com ele ,e tive minha primeira decepção também..

Lana descreve sua entrada na adolescência a partir do desejo de “sair para o mundo”, não mais se exilando no quarto. Nesse momento ela substitui o diário “privado” pelo diário “público”. Zizi (Blog “Volta ao Mundo”) descreve o que considera que uma adolescente gosta de fazer: *“Como toda adolescente gosto de dançar, paquerar, ter amigos, etc.”*

Ao ler as representações de adolescência escritas pelos próprios adolescentes em seus blogs, descobrimos que eles se identificam com esses significantes que vêm do campo do Outro, determinados pela nossa cultura. Alguns textos revelam uma tensão entre essa “representação social” e a própria. Uma particularidade da contemporaneidade é que o ciberespaço configura-se como um novo espaço público, onde o jovem se sente “incluído”. Um espaço onde é possível encontrar os seus pares e exercitar a passagem do privado ao público, da família para o laço social mais amplo. Além disso, os jovens

podem construir, nesse espaço de escrita, uma significação própria para “esta fase da vida”. Os adolescentes buscam, nesse momento do despertar, novos significantes para estarem ancorados em sua travessia. Inserir-se na adolescência construindo o seu romance particular e fazendo-o circular no espaço público pode ser a possibilidade para o sujeito encontrar os significantes que irão balizar o adolescente hoje em sua trajetória subjetiva.

Defendemos a hipótese de que o blog pode ser um espaço onde o sujeito constrói o seu romance familiar. Como no romance autobiográfico, o indivíduo passa por etapas individuais, singulares, que são registradas em seu blog. A “formação” é o resultado de todo um conjunto das mudanças nas condições de vida, de acontecimentos e de trabalho. Assim, “cria-se o destino do homem, cria-se com ele o próprio homem, o seu caráter. A formação da vida-destino se funde com a formação do próprio homem” (BAKHTIN, 2003: 221). As mudanças sofridas pelo “herói” (autor e protagonista da própria história) ganham significado de enredo e em face disso reassimila-se e reconstrói-se todo o enredo do romance. O tempo se interioriza no homem, passa a integrar a sua própria imagem, modificando o significado de todos os momentos do seu destino e da sua vida. O sujeito é constituído pela escrita de sua história, transformando-se continuamente. O romance apresenta uma dimensão paradoxal, como foi visto: representa, de um lado, um encobrimento da castração e, por outro lado, um esforço de separação. Nessa construção narrativa, há uma mudança de posição subjetiva. Há a construção do personagem como principal protagonista da própria história. O sujeito adolescente deixa de ser determinado pela história para ler essa determinação.

A escrita no blog como escrita de um romance pode levar à construção do personagem, como o principal protagonista de sua história. Alguns blogs têm a duração de dois, três anos, a mesma de muitos diários íntimos. O blog abaixo foi escrito durante dois anos, de 2004 a 2006. Pode-se acompanhar sua evolução durante todo esse tempo. O início e o fim de um relacionamento que durou um ano, além de outros fatos da vida da autora, são compartilhados. O nome do blog é “Diário de uma louca”. Depois desse percurso de dois anos, ela faz em sua “sua última escrita” nesse diário sua despedida, mostrando que não mais precisa de um diário e que não se considera mais “louca”. Nesse blog só recortamos essa despedida final:

Completo um ano. Um ano que embarquei nesta loucura, na ilusão de que ia ser feliz. Fui feliz é verdade! Mas fui feliz às prestações. E pagava os momentos de felicidade com lágrimas; lágrimas que nasciam por essa felicidade ser tão volátil, tão madrastra, tão puta!

Sofri o que jamais achei que seria capaz de sofrer o sofrimento do amor faz nascer outros sofrimentos Tornei-me frágil e tudo me foi atirando para esta loucura. Agora, passou um ano e eu estou feliz de novo. Consigo olhar para trás e admirar com saudade os bons momentos que passamos. Ajudaram-me a crescer como pessoa e foram bons a seu tempo.

Agora, que passou um ano, consigo olhar novamente nos teus olhos sem dor, sem rancor, sem angústia.

No fundo sei que não me mereces! Sou demasiado boa para ti. Foste muito importante para mim e vai ser assim que te recordarei. Mas agora, agora deixo este diário inacabado, sem saber o que virá depois. Dizem que os diários não devem ser acabados, pois isso significa o fim da vida e a minha ainda mal começou. Por isso, agora que já não me sinto louca, não vos digo adeus digo-vos apenas um até breve! Nem que o breve seja eterno...

Até breve! <http://missantipatia.blogs.sapo.pt/>

CAPÍTULO 5. TEMPO E ESPAÇO NOS DIÁRIOS VIRTUAIS: DA LINEARIDADE À ESPACIALIDADE

...O fragmento é como a ideia musical de um ciclo: cada peça se basta, e no entanto ela nunca é mais do que o interstício de suas vizinhas: a obra é feita somente de páginas avulsas (BARTHES, 2003: 110).

5.1. Um novo texto: leitura e escrita nos blogs

Os diários íntimos são “escritos de si” reunidos em folhas encadernadas, seguindo uma ordem cronológica, que favorece uma leitura linear, sequencial e contínua. Os blogs que funcionam como diários são textos fragmentados, descontínuos, móveis e abertos, escritos em páginas virtuais e lançados no espaço público. Do diário íntimo ao diário público opera-se uma passagem, da linearidade à espacialidade. Buscamos fazer uma aproximação entre a noção de espacialidade do espaço virtual e a noção de “constelação” utilizada na literatura e na psicanálise. A partir das considerações sobre a lógica constelar no ciberespaço, buscamos fazer uma reflexão sobre as mudanças ocorridas no estatuto de sujeito, da lógica linear à lógica constelar. Essa reflexão nos dará suporte teórico para as reflexões finais sobre a escrita adolescente na contemporaneidade.

Para que a escrita de si fosse possível, era necessário um suporte material que possibilitasse um texto contínuo, linear, que proporcionasse ao escritor os meios para alcançar o domínio do tempo que passa e uma representação estável de si. Esse esforço de apropriação de sua história a partir de uma escrita de si exigia um suporte material que facilitasse e possibilitasse essa narrativa. Os suportes materiais de escrita foram sendo construídos a partir das exigências que a prática fazia e, ao mesmo tempo, esses mesmos suportes favoreciam o desenvolvimento de novas práticas.

Analisando a relação da prática da escritura pessoal com seus suportes, Hébrard (2000) comenta que o *scriptorium*¹, e depois a oficina do impressor, tiveram que construir suportes apropriados para administrar as continuidades narrativas e argumentativas praticadas nos livros. O autor acrescenta que articular o tempo da escritura e o tempo social e aprender a manifestar a continuidade de uma sensibilidade durante muito tempo

¹. *Scriptorium* era um local dos mosteiros destinado aos monges copistas que na época medieval elaboravam os manuscritos.

continuou a depender de soluções improvisadas, da singularidade de toda escritura pessoal.

O hábito de escrever um diário, difundido a partir do século XVI, esbarrava na dificuldade de obter os suportes de escrita e prepará-los. Até o primeiro terço do século XIX, as folhas eram compradas de um fabricante de papel e depois confiadas a um encadernador, que as trabalhava em função de seu uso. Para Hébrard (2000), a articulação entre o gênero de escritura do diário pessoal e o suporte que o recebe se constitui em torno da exigência da continuidade textual, que era dificultada pelo uso de folhas separadas. A escrita do diário exigia, pois, um caderno com folhas presas, que não se soltassem. O diário íntimo é então possível quando se afasta o uso de folhas separadas e quando se pode assegurar de que as folhas não sairão da ordem. A possibilidade de ordenação dos textos com seu encadernamento facilitou a escrita dos diários íntimos. A encadernação favoreceu a escrita linear, com uma ordem cronológica, temporal, sequencial.

Mas não se pode deixar de considerar que o texto encadernado é também um texto híbrido. Nas diversas fontes de escritura pessoal que estiveram presentes nos diversos períodos da história, observa-se como, num mesmo caderno, diferentes tipos de escritura se misturam: o pessoal e o profissional, o escolar e o informativo, o subjetivo e o objetivo, sem limites rígidos que os demarquem, compondo um texto muitas vezes marcado por turbulências e contradições. Registros profissionais, escolares, jurídicos ou religiosos eram associados aos lembretes e pensamentos; registros de caráter público convertiam-se em notas pessoais e informações sobre fatos e eventos eram gradativamente substituídos por reflexões pessoais, formando um texto híbrido, multifacetado.

Mesmo quando o diário se configura como um texto pessoal e íntimo, ele combina diferentes temas, ritmos e formas de escrita. O diarista não precisa escrever diariamente, pode variar o ritmo da escrita, sem obedecer a uma sequência lógica na ordenação dos temas, pode utilizar outros recursos além da escrita de palavras, como colagens de objetos, fotos e desenhos. O texto impresso apresenta suas descontinuidades, diferentes recursos visuais e gráficos, recortes e rupturas. O diário também permite ao leitor percorrer diferentes caminhos, em um ritmo complexo, descontínuo. O leitor se

aproxima e se afasta do texto, interrompe a leitura, consulta referências, retorna ou avança na leitura, estabelecendo uma relação particular com o texto.

Se todo texto é híbrido e não linear, o texto do ciberespaço potencializa essa não-linearidade, com seus inúmeros recursos que permitem uma multiplicidade de caminhos e ritmos e pelo seu caráter fragmentário. O blog é um texto escrito no ciberespaço. A leitura e a escrita no ciberespaço possibilitam a criação de um texto fundamentalmente diferente do texto no papel, o *hipertexto* que é, segundo Lévy (2000, p.56): “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. Esse novo espaço de leitura e escrita interfere também nas formas de aprendizagem, nas interações sociais e na relação do sujeito com a escrita.

O termo hipertexto foi utilizado pela primeira vez por Ted Nelson, na década de 1960, em que o prefixo *hyper* expressa generalidade, extensão, designando sistemas textuais não lineares, ou seja, uma escritura eletrônica não sequencial e não linear. O hipertexto possui uma textualidade eletrônica virtual. Segundo Costa (2005), trata-se de um texto composto de blocos de palavras ou imagens, conectados eletronicamente, conforme múltiplos percursos, numa textualidade sempre aberta e infinita.

O hipertexto compreende a noção de hipermissão, o que inclui modos de informação visuais, animados, como outras formas de organização de dados. O hipertexto é uma estrutura de rede, cujos elementos textuais são nós, ligados por relações não lineares e pouco hierarquizadas.

As principais características do hipertexto (MARCUSCHI, 2004) são: a não-linearidade, a volatilidade, a topografia (sem limites espaciais definidos de leitura ou escritura), a fragmentação, a acessibilidade ilimitada, a multissensuosa (íntegra linguagem verbal e não verbal), interatividade (interconexão interativa do leitor-navegador com uma multiplicidade de textos e autores) e a iteratividade (intertextualidade). Segundo Levy:

Se definirmos um hipertexto como um espaço de percurso para leituras possíveis, um texto aparece como uma leitura particular de um hipertexto. O navegador participa, portanto, da redação do texto que lê. Tudo se dá como se o autor de um hipertexto constituísse uma matriz de textos potenciais, o papel dos navegantes sendo o de realizar alguns desses textos colocando em jogo,

cada qual à sua maneira, a combinatória entre os nós. O hipertexto opera a “virtualização” do texto (LEVY, 2000: 57).

Os processos discursivos que ocorrem na Internet revelam uma comunicação viva, característica da oralidade. Se na oralidade as mensagens circulam em espaço e tempo reais, numa interação face a face, quando os interlocutores compartilham da mesma situação de produção discursiva, a escrita rompe com essa partilha da situação de produção e com a interação face a face, como já foi abordado. O hipertexto, com sua dinâmica e características próprias, mistura formas, processos, funções da oralidade, da leitura e da escrita.

Várias características da oralidade, como as pausas, entonações e expressões fisionômicas, são transportadas para a linguagem do computador criando códigos de escrita específicos desse universo virtual, como alongamento de letras, sinais de pontuação, uso de letras maiúsculas, caracteres (*emoction*), além do alfabeto tradicional, como podemos ver nos recortes feitos em diferentes blogs:

Oiee!! 😊

Abração!!!!!!!!!!!!

Querido diário, hoje é o primeiro dia de nossa caminhada..... Blá, blá, blá, blá...

A vida é tão complicada 🤔

😡 Estou ficando nervosa com o simples fato de não estar sabendo usar um negócio que fiz aqui na web, e isso é totalmente irritante. Mas vou tentar e tentar até conseguir. Aff.

Bom meu plimeiro post...

meiu sem u qí iscrever...us outrus jujubb i jujubb2 saum meus tbm...sow qí eu perdih a senha....i agora mi deu uma saudade di blog..intaum resolvih fazer outruh...aki eu vow desabafar mtu...msm qí poukus vejam...=[[

Amigus...amu v6!!!!

Existem, portanto, as regras ortográficas próprias desse espaço virtual. Não é nosso objetivo apresentar as regras ortográficas do ciberespaço, mas, entre elas, sabemos que escrever uma palavra ou frase com letras maiúsculas é um recurso que se usa para acentuar o que se quer dizer, normalmente significa que se está gritando:

Adoro a banda RBD, animais, internet... AMO MEU NAMORADO!

Nesse espaço virtual, leitor e autor se cruzam, *on-line*, participando da edição do texto que leem e escrevem. Dessa maneira surgem novos gêneros discursivos, novas modalidades de linguagem, novos códigos e novos estilos de leitura, escrita e conversação (COSTA, 2005).

Diversos autores (FRADE, 2005) confirmam que os movimentos entre o oral e o escrito demonstram a não-existência de uma oposição entre eles, mas um contínuo entre os modos de utilização dessas linguagens. A escrita proporcionou a virtualização da fala, ou seja, tornou a fala virtual, existindo em potência e podendo ser atualizada. Nesse sentido, o texto escrito, seja qual for o suporte (papel, papiro, pergaminho, tábua, barro, livro ou a tela do computador), é sempre virtual; o leitor atualiza o texto, por meio de leitura e interpretação. Mas a revolução numérica introduzida pela cultura digital tornou ainda mais complexas as relações entre os termos oralidade e escrita, fazendo surgir textos híbridos entre essas duas modalidades, como os da comunicação *on-line*.

Com o hipertexto, ou o texto da Internet, o trânsito informacional se dá em um ciberespaço, um não-lugar. Na verdade, a informática simula um espaço e essa simulação permite atualizar um texto. Com a Internet não precisamos mais de um espaço geométrico, apenas de sua simulação na tela do monitor. A informática eliminou a dependência espacial, assim como a escrita eliminou a dependência temporal. (RIBEIRO, 2005).

Chartier (2002) descreve várias rupturas introduzidas pela revolução do texto digital. Uma delas refere-se à ordem dos discursos. Na cultura impressa, essa ordem se estabelece numa relação entre tipos de objeto, como os livros, o diário ou a revista, as categorias de textos e as formas de leitura. Essa vinculação está arraigada a uma história antiga da cultura escrita e surgiu devido a três inovações fundamentais: a difusão de um novo tipo de livro composto de folhas e páginas reunidas numa mesma encadernação (códex), a partir do século II; o aparecimento do livro unitário, ou seja, a presença dentro de um mesmo livro de obras compostas em língua vulgar por um único autor, no final da Idade Média, nos séculos XIV e XV; e, por último, a invenção da imprensa no século XV.

Essa ordem dos discursos foi profundamente alterada com a textualidade eletrônica. Um único aparelho, o computador, apresenta diante do leitor os diversos tipos de textos que tradicionalmente eram distribuídos entre objetos diferentes. O computador cria uma

continuidade que não diferencia os diversos discursos a partir de sua materialidade. A percepção da obra como obra se torna mais difícil em função da leitura diante da tela ser geralmente descontínua. A partir de palavras-chave, busca-se o fragmento textual do qual se quer apoderar, sem que sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade do texto que contém esse elemento. Chartier (2002) acrescenta, que quanto à ordem dos discursos, o mundo eletrônico provoca três rupturas: introduz uma nova técnica de difusão da escrita, provoca uma nova relação com os textos e impõe-lhes uma nova forma de inscrição. Essa revolução digital obriga o leitor a abandonar todas as heranças que o fundaram nesse universo da leitura, pois o universo virtual não utiliza a imprensa, ignora o “livro unitário” e desconhece a materialidade do códex.

É possível fazer uma caracterização dos blogs, utilizando os parâmetros que definem o texto digital. Os blogs são diários localizados em um espaço virtual, não material, onde seu autor pode também desenvolver pesquisas, fazer compras, conversar no MSN e entrar em salas de bate-papo, abrindo simultaneamente diversas telas, como num *continuum*, transitando nesses diversos espaços ao mesmo tempo em que escreve seu diário. Esses espaços virtuais funcionam em uma lógica completamente diferente da lógica do livro impresso, na qual o diário tem as características de um “livro unitário”.

Outra ruptura provocada pelo texto digital diz respeito à ordem das razões (as modalidades das argumentações e os critérios ou recursos de que o leitor pode dispor para aceitá-las ou dispensá-las). O texto eletrônico introduz uma lógica que já não é necessariamente linear nem dedutiva, mas aberta, clara e racional, graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais. O leitor pode comprovar a validade de qualquer demonstração consultando pessoalmente os textos e imagens que são o objeto de sua análise, e se estiverem acessíveis numa forma digitalizada. Assim, a revolução textual é também uma mudança epistemológica que transforma as formas de construção e crédito dos discursos do saber.

Essa nova lógica também interfere na escrita e na leitura dos blogs. O escritor de um blog pode, ao escrevê-lo, consultar autores, poetas, letras de música e imagens e utilizar tudo isso em seu texto. Ele pode fazer consultas a outros blogs, copiar imagens e frases, e consultar diretamente autores citados por outros blogueiros. Essa liberdade de percurso pôde ser vista nos textos dos blogs pesquisados.

Uma terceira ruptura refere-se à ordem das propriedades que, segundo Chartier (2002), abrangem tanto um sentido jurídico (propriedade literária) quanto um sentido textual (propriedades dos textos). O texto eletrônico é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir no conteúdo do texto, pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais e modificá-las. A atribuição dos textos ao nome de seu autor pode, nesse processo, desaparecer, e o texto é modificado por uma escritura coletiva, múltipla, polifônica. A possibilidade de o leitor interferir pode modificar a escrita do próprio texto, e sua elaboração deixa de ser individual, passa a ser coletiva.

Essa possibilidade de interferir em um texto foi experimentada em nossa pesquisa. Entramos em um blog de uma adolescente e deixamos um comentário, apresentando-nos, falando de nossa pesquisa e perguntando se ela queria entrar em contato conosco. Logo depois, ela escreve em seu blog: “Estou ficando com medo de blogs”.

O autor do blog pode responder aos comentários, dialogar com seus leitores através da escrita no próprio blog, manter contato com eles também pelo MSN, por *e-mail* e outros, não responder aos comentários, selecionar alguns etc. Tanto o autor do blog quanto o leitor têm autonomia para seguir um rumo próprio. A presença de *links* nos blogs revela suas possibilidades de incursão, para diferentes “caminhos”. O leitor tem acesso a outras páginas que o autor do blog costuma visitar, a lista com os blogs favoritos do autor da página, comentários e alguns *links* de outros blogs. O leitor do blog pode acompanhar o caminho percorrido pelo autor, visitando outros blogs, conhecendo as preferências do autor e entrando em contato com esses outros autores. O navegante da rede pode abrir várias “janelas” para observar *sites* diferentes em paralelo.

Ao pesquisar blogs de adolescentes, tivemos a chance de experimentar essa liberdade de percurso no ciberespaço. Ao entrar em um blog, começávamos a ler um texto, pulávamos para outro, deixávamos um comentário, visitávamos outros blogs que estavam indicados nesse blog, voltávamos para o blog original, construindo um percurso próprio.

A leitura e a escrita de um texto na tela apresentam, portanto, características distintas da leitura e da escrita do texto impresso. Segundo Marcuschi (2004), a deslinearização e a constituição plurilinearizada do texto virtual (hipertexto) trazem como grande novidade

o rompimento com a ordem da construção textual, tornando-se um princípio de sua construção.

O texto do blog é um hipertexto eletrônico, o que o diferencia do texto impresso. O hipertexto é não linear e uma forma de apresentar e consultar informações. Ele vincula as informações contidas em seus documentos (ou hiperdocumentos) criando uma rede de associações complexas através de *links* (LÉVY, 2000: 254). O hipertexto envolve a atualização constante, em qualquer lugar e em tempo real, com utilização de links e outros recursos audiovisuais. A interface oralidade/escrita encontra-se então dissolvida na Internet, que fez surgir novos gêneros textuais, ligados à interatividade verbal. A emergência de novos suportes de escrita influencia o surgimento de novos gêneros de escrita, e o leitor amplia seu leque de possibilidades de leitura à medida que entra em contato com esses novos suportes e gêneros, mais híbridos.

Para discutir sobre as especificidades de um determinado gênero virtual, podemos utilizar as considerações de Souza (2007). Segundo o autor, um gênero virtual é um gênero interativo guiado por funcionalidades, com uma natureza dialógica e hipertextual. As formas de enunciação, por conseguinte, não são monológicas, mas dialógicas. Do ponto de vista da recepção, quando um sujeito interage com um gênero virtual, não apenas constrói uma representação desse gênero, mas reconstrói uma representação de um gênero já existente. Um gênero virtual é sempre identificado na relação que estabelece com o suporte; essa relação chamada de “modelos mentais” ajuda os indivíduos a operarem com esses gêneros de forma intuitiva. Para Souza (2007) para ser rotulado de *e-mail*, por exemplo, um gênero deve ter: endereço de destinatário ou destinatários, assunto, local, data e modo de enunciação de acordo com o “Eu co-enunciador”.

Para ser denominado blog, o gênero deve ter um eu que enuncia, um eu que processa essa enunciação, um local para comentários desse segundo eu, dados relevantes sobre quem enuncia. Em substância, o sujeito possui “internalizada” (SOUZA, 2007) a forma que um gênero virtual comporta e se apresenta, e a forma de enunciação que está diretamente ligada àquele gênero.

Circulando pelo universo virtual, gradativamente nos familiarizamos com as particularidades de cada gênero virtual. Assim, o adolescente, ao conduzir-se no universo virtual, transita com facilidade de um gênero ao outro, conhecendo as especificidades de cada um e sabendo como utilizar os diversos recursos de que dispõe. Os jovens, nos textos de seus blogs, evidenciam essa grande familiaridade com os diversos gêneros virtuais.

As mudanças no letramento introduzidas pelo texto eletrônico são destacadas por Soares (2002). Ela comenta as alterações que o texto impresso promoveu na leitura e na escrita, para discutir as novas alterações introduzidas pelo texto eletrônico. Ainda segundo a autora, a tecnologia da impressão, mais do que o rolo e o códice, “enformou” a escrita em algo estável, monumental e controlado. Estável, porque o texto impresso é passível de ser reproduzível em cópias sempre idênticas; monumental, porque sobrevive e persiste como um monumento a seu autor e a seu tempo; controlado, porque numerosas instâncias intervêm em sua produção e a regulam.

As tecnologias de impressão e difusão da escrita permitem instaurar a propriedade sobre a obra, que se expressa de maneira concreta no surgimento da figura do autor, que nos livros manuscritos apareciam em geral de forma difusa e não identificada. As tecnologias de impressão e difusão da escrita instituem os direitos autorais, a criminalização da cópia e do plágio (SOARES, 2002).

Sabemos que as tecnologias de impressão e difusão da escrita criam várias instâncias de controle do texto, de sua escrita e de sua leitura. O texto é produto não só do autor, mas também do editor, do diagramador, do programador visual, do ilustrador, de todos aqueles que intervêm na produção, reprodução e difusão de textos impressos em diferentes portadores (jornais, revistas, livros...) (SOARES, 2002). Assim, com o surgimento do texto impresso, se altera fundamentalmente o estado ou condição dos que escrevem e dos que leem. O texto impresso marca uma profunda alteração no letramento com relação ao texto manuscrito.

A cultura do texto eletrônico traz uma nova mudança no conceito de letramento, segundo Soares (2002). No entanto, em certos aspectos, essa nova cultura do texto eletrônico traz de volta características da cultura do texto manuscrito: como o texto

manuscrito, e ao contrário do texto impresso, também o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado. Segundo Soares (2002), assim como os copistas e os leitores frequentemente interferiam no texto, também os leitores de hipertextos podem interferir neles, modificar e definir seus próprios caminhos de leitura; não é monumental em função de sua instabilidade, que faz com que o texto eletrônico seja fugaz, impermanente e mutável; e finalmente, pouco controlado, porque é grande a liberdade de produção de textos na tela e quase totalmente ausente o controle da qualidade e conveniência do que é produzido e difundido.

Essa ausência de controle de qualidade permite também a maior liberdade de expressão nos blogs. Existem os mais diferentes blogs de adolescentes. Encontramos blogs completamente sem “identidade”, verdadeiras “cópias” de outros blogs.

Há uma nova diferenciação entre o texto impresso e o eletrônico. No texto impresso, é grande a distância entre autor e leitor. Já no texto eletrônico, a distância entre autor e leitor se reduz, porque o leitor se torna, ele também, autor, tendo um papel ativo e podendo construir, independentemente, a estrutura e o sentido do texto.

Essa maior proximidade entre o autor e o leitor pôde ser vista nos blogs pesquisados. Os autores pedem comentários, gostam de recebê-los e escolhem aqueles que querem responder. Acompanhamos como os adolescentes ficam incomodados com alguns comentários que recebem, satisfeitos com outros ou “ignoram” aqueles que não interessam comentar. Para essa pesquisa, tentamos entrar em contato com dois adolescentes através de seus blogs. Deixamos um comentário em cada um dos blogs, sempre nos apresentando e tentando conversar com eles sobre os seus blogs. Eles não responderam (vimos como os adolescentes escrevem para “outros adolescentes”).

O hipertexto é construído pelo leitor no ato mesmo da leitura, pois, optando entre várias alternativas propostas, é ele quem define o texto, sua estrutura e seu sentido. Soares explica que, no texto impresso, cuja linearidade por si só já impõe uma estrutura e uma sequência, o autor procura controlar o leitor, lançando mão de protocolos de leitura que estabeleçam os limites da interpretação e impeçam a “superinterpretação” (SOARES, 2002). No texto eletrônico, ao contrário, o autor será tanto mais competente quanto mais alternativas de estruturação e sequenciação o texto possibilitar, ou quanto mais opções

de interpretação oferecer ao leitor. A autora comenta que na verdade o hipertexto não tem propriamente um autor; pois a intertextualidade, presente no texto impresso, quase exclusivamente por alusão, no hipertexto se materializa. Ela se dá pela articulação de textos diversos, de diferentes autorias. No hipertexto, não há uma autoria, mas uma multiautoria.

Essa questão da autoria deve ser pensada a partir das considerações que já fizemos. Em primeiro lugar, Foucault nos mostra que a dimensão da autoria de um texto deve ser problematizada, pois qualquer autor, na construção de um estilo próprio, sofre influências de vários autores com os quais ele se identifica durante todo o percurso que fez (e faz) enquanto leitor. Sabemos, como foi mencionado nesta tese, que um sujeito se constitui no campo do Outro, campo simbólico que o determina. A dimensão da alteridade está, portanto, presente em qualquer texto. Sendo assim, não consideramos pertinente afirmar que no texto eletrônico não há uma autoria, mas uma multiautoria. A dimensão da multiautoria está presente em qualquer autoria. Veremos no blog “Voz do solitário”, no último capítulo, como Gabriel constrói um percurso que o particulariza, a partir não só das leituras que faz de vários autores, como também das trocas que mantém com os leitores.

Vários autores analisam o hipertexto de acordo com a sua organização. Marcuschi (2005) destaca que no hipertexto a forma de organização não é hierárquica e linear: a maneira de o hipertexto organizar a informação é o *bricolage* e a justaposição, numa perspectiva flexível, ou seja, sem uma relação de natureza lógica ou outra que lhe pareça evidente ou imediata. Dessa forma, pode-se esperar uma fragmentação do conteúdo. O autor acrescenta que os *links*, interconectores que guiam de forma objetiva e direta a textos ou blocos informacionais novos, estão submetidos a uma complexa retórica. Para Marcuschi (p.197), tanto o texto impresso quanto o hipertexto eletrônico são emergentes, incompletos, maleáveis, não determinísticos, multidimensionais, plurineares, multifocais e interativos. Para o autor, as diferenças entre o texto impresso e o eletrônico não são tão definidas. Ele comenta que lidar com o hipertexto é lidar com o texto. O autor e o leitor continuam ativos e com papéis bastante claros. Mas podemos pensar que, se todo texto é multidimensional, plurinear, emergente e interativo, o ciberespaço expande e potencializa essas características.

Ora, ao apresentarmos a diferenciação entre o diário clássico e o moderno (ou contemporâneo), aproximamos o diário íntimo do romance clássico. Não poderíamos aproximar o blog do romance moderno? O romance moderno é aquele que denuncia o caráter descontínuo do real, que é formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos, difíceis de serem apreendidos, pois surgem de forma imprevista e aleatória. Assim, esse romance “moderno” inclui o arbitrário, rompe com a representação tradicional do romance como história coerente e totalizante. Essa é exatamente a lógica do ciberespaço.

O hipertexto evidencia, em suas diversas manifestações, o efêmero, desprovido de limites, indefinido, multilinear, composto por textos verbais e não verbais, como imagens e sons, apresentando um amplo aparato paratextual, como referências, gráficos e dados informacionais. A rede possibilita múltiplos percursos e construções, considerando sua textualidade aberta, sem fronteiras definidas. Podemos fazer uma aproximação entre o texto no ciberespaço e as reflexões das teorias pós-estruturalistas, que analisam a contemporaneidade. Nessas teorias (Foucault, Barthes, Benjamin), o texto é caracterizado pela ausência de um início e de um fim definidos, que permite múltiplos percursos, abolindo-se qualquer forma de organização hierárquica.

Com a emergência de novos suportes e novos recursos, mais confortáveis e ágeis, surgem também leitores mais rápidos e mais íntimos desse material. O leitor amplia seu leque de possibilidades de leitura à medida que entra em contato com esses suportes e gêneros reconfigurados, por vezes híbridos. Essa questão abordada por Ribeiro (2005) nos remete a uma diferenciação entre os diários tradicionais e os diários virtuais. Os textos dos blogs apontam para a lógica do ciberespaço: escrita mais ágil, fracionada, muitas imagens, sons e interatividade. Discutiremos essa lógica do ciberespaço a partir das considerações psicanalíticas.

5.2. O constelar no ciberespaço: um hipertexto de fragmentos

Escrever por fragmentos: os fragmentos são então pedras sobre o contorno do círculo: espalho-me à roda: todo o meu pequeno universo em migalhas; no centro, o quê? (BARTHES, 2003: 108)

A mudança do texto impresso para o hipertexto envolve a passagem da linearidade para a espacialidade. Mesmo sabendo que a leitura de um texto impresso nunca é totalmente linear, que todo texto é maleável e multidimensional, o ciberespaço potencializa e expande essa “espacialidade”. O ciberespaço ilustra a dimensão constelar, noção utilizada na literatura e na psicanálise. Walter Benjamin (1994) aproxima “as ideias” das constelações intemporais, que apreendem os elementos como pontos luminosos nessas “constelações”. Se cada estrela localiza-se em um ponto em relação a um conjunto, a constelação mostra o ponto em que dois extremos se encontram.

O termo constelação aparece diversas vezes na teoria de Lacan. Em *O mito individual do neurótico*, Lacan (1987) utiliza o termo constelação para se referir às relações familiares que estruturam a união de um casal. Ao se referir ao “Homem dos Ratos”, Lacan sublinha que “a constelação do sujeito é formada na tradição familiar pela narração de um certo número de traços que especificam a união dos pais” (p.54). Ao narrar o mito familiar desse paciente neurótico obsessivo, ele apresenta “a constelação familiar do sujeito”. Para Lacan:

A constelação – e por que não? No sentido em que dela falam os astrólogos – a constelação originária que presidiu ao nascimento do sujeito, ao seu destino, e diria quase à sua pré-história, a saber as relações familiares fundamentais que estruturam a união de seus pais, mostra ter uma relação muito precisa, e definível talvez por uma fórmula de transformação, com o que aparece como sendo o mais contingente, o mais fantasmático, o mais paradoxalmente mórbido do seu caso, a saber o último estado de desenvolvimento da sua grande apreensão obsidante, o cenário imaginário ao qual chega como a solução da angústia ligada ao desencadear da crise (LACAN, 1987: 53-54).

O termo constelação aqui aparece relacionado a uma reunião de traços que estruturam e organizam o mito familiar. Para Lacan, a narrativa do sujeito, no decorrer da análise, apresenta uma série de “fragmentos” que são reunidos pelo analista para compreender os elementos essenciais que levam ao desencadeamento da neurose.

No seminário *A angústia*, Lacan² demonstra que a psicanálise, em conformidade com a ciência moderna, denuncia o cosmo como lugar de engano. Num primeiro tempo, o mundo. Num segundo tempo, o palco em que fazemos a montagem desse mundo. “O palco é a dimensão da história. A história tem sempre um caráter de encenação” (LACAN, 2005 [1962-63]: 43). Ele acrescenta que tudo o que chamamos de mundo ao longo da história deixa resíduos superpostos, que se acumulam sem se preocupar com as contradições. “O que a cultura nos veicula como sendo o mundo é um empilhamento, um depósito de destroços de mundos que se sucederam e que, apesar de serem incompatíveis, não deixam de se entender muito bem no interior de todos nós” (p.43). E mais adiante destaca: “...Nada é mais legítimo do que o questionamento do que é o mundo da visão cósmica no real. Isso com que acreditamos lidar como mundo, será que não são simplesmente os restos acumulados do que provinha do palco, quando ele estava, se assim posso me expressar, em turnê?” (p.43).

A perspectiva de mundo sugerida nesse texto é a de que ele não passa de restos acumulados, empilhados, superpostos, empório de épocas que se sucederam. A noção de cosmo para a psicanálise é a de um lugar de engano e o mundo deixa de ser idealizado, o que coincide com a perspectiva da ciência moderna. O sujeito, portanto, não está sustentado em um conjunto harmonioso de significantes, mas exatamente nas falhas significantes.

Em *Lituraterra* (2003 [1971]), Lacan comenta que o sujeito japonês, devido às particularidades de sua língua, “é dividido pela linguagem como em toda parte, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita, e o outro, com a fala” (LACAN, 2003 [1971]: 24). Lacan destaca a divisão do sujeito entre a letra e o significante. A letra aqui é apontada como servindo de apoio ao significante. Ele evidencia a modificação do *status* do sujeito, promovendo a letra a um “referencial tão essencial quanto qualquer outra coisa...” (p.24).

Relacionando a constelação com a identificação, Lacan destaca que o sujeito se apoia num céu constelado e não apenas no traço unário, para sua identificação primordial. O

² LACAN, Jacques. “Do cosmo à *unheimlichkeit*”. In: *O seminário. Livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 (1962-63), p.38-52.

sujeito japonês, além de se apoiar nas leis de polidez para sua identificação, ou seja, numa estrutura de ficção da verdade nos graus de cortesia que marcam as relações entre os japoneses, num “império dos semblantes”, ele se apoia também na escrita, no vazio escavado pela escritura. É essa segunda dimensão que está sempre pronta a dar acolhida ao gozo, “ou, pelo menos, a invocá-lo com seu artifício” (LACAN, 2003 [1971]: 24-25).

Em *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache*³, Lacan (1998 [1960]) observa que é no Outro que o sujeito encontrará as marcas de resposta que tiveram o poder de fazer de seu grito um apelo. Ele comenta que assim ficam circunscritas na realidade, pelo traço do significante, as marcas onde se inscreve a onipotência da resposta do Outro. Essas realidades são chamadas de insígnias. Ele destaca que “é a constelação dessas insígnias que constitui para o sujeito o Ideal do Eu” (p.686). Miller, em *Los signos del goze* (2006)⁴, compreende que Lacan introduz nesse momento o termo “constelação de insígnias” para diferenciá-la da cadeia significante. Ele apresenta uma oposição conceitual entre a “cadeia” e a “constelação”. Ao se referir à constelação de insígnias, Lacan sugere que esses significantes introduzem um modo de identificação diferente daquele que é o apagamento dos traços em cadeia significante. Miller (1998) observa que o estatuto significante da insígnia é o de um significante solto, que não tem par, que não está articulado em uma cadeia.

Na concepção de “agrupamento em cadeia”, trata-se da ordem da representação, na qual o significante representa o sujeito para um outro significante. O sujeito surge dividido entre dois significantes. Na concepção de “constelação de insígnias”, diz respeito a captar a identificação onde ela não é uma representação, ali onde o sujeito se toma por um só. Miller (2006) diferencia, portanto, dois tipos de identificação aqui. No caso clássico citado por Freud da histérica que tosse como seu pai, a identificação estabelece uma relação com o pai e se decifra a partir dessa relação. Trata-se da ordem da identificação representativa. No caso da identificação que tem valor de insígnia, é outra coisa. Nesta identificação o sujeito não está representado pelo Outro, mas está no lugar

³. LACAN, Jacques. “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise e estrutura da personalidade’” (1960). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.653-691.

⁴. MILLER, Jacques-Alain. “La constelación y la cadena”. In: *Los signos del goze*. Buenos Aires: Paidós, 2006, p.139-154.

do Outro. Nesse caso, “o sujeito se toma pelo Um, por uma substância, uma entidade” (MILLER, 2006: 149).

Destacamos aqui duas vertentes de sujeito, que não são excludentes entre si, mas que se complementam: a que se refere à lógica simbólica e a que se refere à dimensão real. Na primeira, o campo dos semblantes, as palavras e imagens. Na segunda, o campo do real, a escritura. Acompanharemos brevemente a evolução do pensamento lacaniano com relação à noção de sujeito para fazer essa articulação.

Num primeiro tempo de seu ensino, Lacan define o sujeito como efeito da cadeia discursiva, como já foi visto. Nos anos 60, Lacan menciona a constelação de insígnias que constituem para o sujeito seu Ideal do Eu. Agora, para além do agrupamento em cadeia, onde um significante representa o sujeito para outro significante, é possível identificar uma constelação de insígnias. No seminário *Mais, ainda...*, Lacan (1985 [1972-73]) sublinha que o significante é signo de um sujeito. Ele lembra que o sujeito não é jamais senão pontual e evanescente, só é sujeito por um significante e para um outro significante. O significante Um é *um-entre-outros*, referido “a esses outros”, “sendo somente a diferença para com os outros” (p.196). Ele então se refere ao S_1 , que é o significante-mestre, como um enxame: $S_1 (S_1 (S_1 (S_1 \rightarrow S_2)))$.

O Ideal do Eu passa a ser apresentado como uma constelação de insígnias, que podem representar o sujeito e fazer com que ele seja reconhecido pelo Outro, e que podem também se soltar da cadeia significante e se transformar em insígnias, operando fora do sistema simbólico na sua face representativa e comunicativa. Dos Ideais do Outro tomados na vertente significante, aos traços tomados Um a Um. O império dos significantes transforma-se em um império dos semblantes, com sua multiplicidade.

O significante funciona como insígnia sempre quando está solto, fora do sistema. Um significante que faz parte de um sistema só adquire valor de insígnia quando é extraído deste, quando não funciona mais com este estatuto, quando funciona como redução do Outro (MILLER, 2006). Lacan indica que os traços do sujeito emprestados ao Outro, que o representam e que o fazem ser reconhecido pelo Outro, podem se soltar do sistema significante e se transformar em insígnias, operando fora do sistema simbólico na sua face representativa e comunicativa, fundada na lógica simbólica. Neste sentido,

eles operam como letra. Assim, o império do significante transforma-se em um “império de semblantes”.

Acompanhamos a mudança do estatuto de sujeito, da linearidade à espacialidade. Na perspectiva da linearidade, o simbólico tem uma função organizadora e apaziguadora e o inconsciente é estruturado como linguagem. Na perspectiva da espacialidade, há a substituição do Nome-do-Pai por uma pluralização. Surge a constelação de insígnias que constituem para o sujeito seu Ideal do Eu. O império dos significantes transforma-se em um império dos semblantes, com sua multiplicidade. Agora a própria linguagem é aparelho de gozo. O conceito de letra reúne significante e gozo.

Essa perspectiva não linear, da lógica da multiplicidade e da espacialidade, marcada pelo império dos semblantes é claramente exemplificada pelo ciberespaço. Como na literatura, o caráter constelar manifesta-se pelo predomínio do fragmentário sobre o sistemático, pela retomada constante dos mesmos temas com várias significações e pelas rupturas ou passagens bruscas de um tópico para outro⁵. O hipertexto do ciberespaço ilustra a contingência do múltiplo, a lógica fragmentar e multifacetada. Sua forma de organização não é hierárquica nem linear, sua informação é organizada na forma de *bricolage* e de justaposição, numa perspectiva flexível. Isso leva a uma maior fragmentação do conteúdo. Os *links*, interconectores que guiam de forma objetiva e direta a textos ou blocos informacionais novos, estão submetidos a uma complexa retórica.

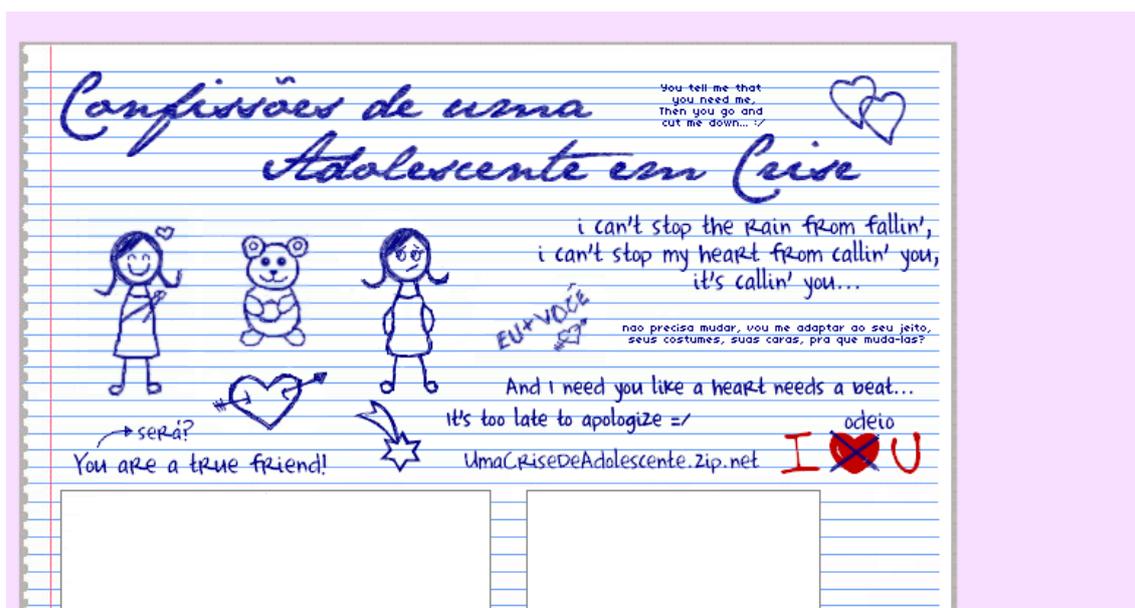
Essa lógica do hipertexto pode ser ilustrada pelo texto “escrevível”, definido por Barthes em *S/Z* (1992). O autor diferencia o texto escrevível (*scriptible*) do texto legível (*lisible*). Para ele, um texto escrevível é aquele que convida o leitor a reescrevê-lo, a ponto de torná-lo não um simples consumidor do texto, mas um produtor do texto. O texto escrevível não tem compromisso com a legibilidade. Já o legível é aquele que pode ser lido, mas não escrito. Sua leitura não convida o leitor a se engajar na escritura. Barthes define o texto escrevível como um texto onde as redes são múltiplas e se entrelaçam, sem dominação de uma sobre a outra; ele apresenta-se como uma galáxia de

⁵ Márcia Rosa discute a presença do constelar na obra de Fernando Pessoa em: VIEIRA, Márcia Rosa. *Fernando Pessoa e Jacques Lacan: constelações, letra e livro*. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2005. 292 p.

significantes, e não como uma estrutura de significados; não tem início; é reversível; tem várias entradas; seus códigos perfilam-se a perder de vista e não são dedutíveis nem submetidos a um princípio de decisão; os sistemas de sentido podem apoderar-se do texto, que é plural e infinito; trata-se de afirmar a pluralização do ser, “que não é o ser do verdadeiro, do provável ou até do possível” (BARTHES, 1992: 40).

Os textos dos blogs são, em sua maioria, textos curtos, pessoais, que misturam recortes de cenas, imagens, fatos, mensagens, fragmentos de vida. Esses fragmentos de vida aproximam-se dos *biografemas* de Roland Barthes (2005), como unidades mínimas da biografia que compõem um texto aparentemente autobiográfico. Esses fragmentos revelam os desejos e iluminações fugazes, momentos físicos e textuais de seu autor. Barthes (2005) comenta que, se ele fosse escritor, já morto, gostaria que a sua vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, ou *biografemas*, “cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir a tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão...” (BARTHES, 2005: XVII). Esses fragmentos de vida, segundo o autor, são os pormenores que captam o desejo do leitor, que o levam a se identificar com o autor, como o regalo branco de Sade, os vasos de flores de Fourier, os olhos espanhóis de Inácio.

Nos fragmentos de vida dispersos nos textos dos blogs, nessa lógica constelar, o leitor seleciona os seus retalhos e percorre um caminho singular, fígado pelos pequenos detalhes, gostos e pormenores com os quais se identifica. Esses fragmentos podem viajar para qualquer destino, compondo diferentes caminhos e se reatualizando a cada instante, permitindo ao leitor fazer o próprio percurso, construindo um arranjo particular. Assim, autor e leitor podem seguir diferentes rumos, que são refeitos e desfeitos continuamente. O sujeito adolescente tanto pode escolher a escrita do descontínuo, do fragmentário, do sem-sentido, como pode construir uma narrativa de si, seguindo uma ordem linear, sequencial, endereçada a um outro e que faça laço social.



 Sábado, 16 de Agosto de 2008

Bom, decidi criar esse blog para desabafar, porque, afinal, todo adolescente passa por suas crises e na maioria das vezes nem tem com quem conversar. Não vou citar nomes nem nada, para garantir que eu continue anonima, beleza?) Por favor respeite minha decisão, afinal não são todos que querem que todos saibam da sua vida. Só digo que sou uma menina, 14 anos e moro em São Paulo - Capital. E não, o nome do blog não foi escolhido em idolatria ao filme e muito menos à Lindsay Lohan, mas sim porque eu achei que ele combina com o contexto que queria! Template temporário, ainda não sei se faço um com meus (mínimos) conhecimentos de html ou se peço um em algum site. Bem, é isso, espero que leiam o que eu escrevo, e mesmo que não, foi uma forma de desabafo para mim : D Beijos :*

http://umacrisedeadolescente.zip.net/arch2008-08-10_2008-08-16.html

No blog acima, sua autora (que não quer se identificar), comenta que o seu blog tem um *template* temporário, pois ela ainda não decidiu como irá construí-lo. Ela não sabe se faz com os conhecimentos (mínimos) que tem de *html* ou se “pega um” em algum outro *site*. Identificamos, portanto, algumas das possibilidades de percurso que o sujeito tem ao construir o seu blog. Os adolescentes “visitam” vários blogs, buscando fisgar detalhes, imagens, palavras, copiar modelos, criando, a partir destes recortes, algo particular. Não podemos deixar de destacar o que nos chamou a atenção nesse blog. A imagem escolhida pela autora é a de uma página de caderno, com desenhos, anotações pessoais e letras de música, que “preenchem toda a página do caderno”. Esta página do blog “Confissões de uma adolescente em crise” é equivalente à página de um caderno impresso, ou de um diário tradicional.

A rapsódia, comentada por Barthes (2005), permite uma aproximação da lógica do ciberespaço. Barthes destaca que a rapsódia é pouco estudada pelos gramáticos da narrativa e que existe uma estrutura rapsódica da narração que é própria ao romance picaresco e, talvez, ao romance proustiano. Essa estrutura não obedece à ordenação própria de uma história, com um modelo implicitamente orgânico (nascer, viver, morrer), não segue uma ordem natural ou uma sequência lógica, com um sentido imposto pelo “Destino” para a vida, mas, ao contrário, ela é formada pela justaposição pura e simples de pedaços iterativos e móveis. O contínuo não é mais do que uma sequência de retalhos cosidos, um tecido barroco de trapos. Ele compara essa justaposição com a rapsódia de Sade, que enfileira sem uma ordem as viagens, roubos, assassinios, dissertações filosóficas, cenas libidinosas, fugas, narrações segundas, programas de orgias, descrições de máquinas etc. Essa construção, segundo Barthes, constitui um escândalo do sentido: “o romance rapsódico (sadeano) não tem sentido, nada o obriga a progredir, amadurecer, terminar” (BARTHES, 2005: 166).

Essa construção rapsódica não se aproximaria da lógica do hipertexto do blog? A justaposição de “fragmentos” iterativos e móveis, sem sentido, que não segue uma ordem própria ou uma história sequencial e evolutiva, que permite múltiplas combinações, não seria o modelo de texto do blog? Essa lógica constelar é resultado da própria lógica capitalista, que leva a um imperativo do gozo e a um empobrecimento do desejo, com a perda da singularidade. Há um enfraquecimento dos laços sociais.

A escrita do sujeito evidencia a sua face fragmentária, o sem-sentido, o desconexo, que ele deixa “escapar”. A lógica constelar no blog manifesta-se, pois, na desconexão, na desarticulação entre os significantes, que se desprendem da cadeia. O significante solto, fora do sistema, vale como insígnia e ganha o estatuto de letra, que é o significante considerado fora de sua função de produzir significações⁶. Enquanto a palavra é escutada, a letra se escreve. Para Lacan, a escritura tem acesso direto ao gozo. Essa nova escrita é referida ao registro do ilegível, que sacrifica o efeito de significado. No blog abaixo seu autor utiliza códigos, letras, sinais e números desarticulados, da ordem do “sem-sentido”, da ausência de significação. Em um blog encontramos:

⁶ O conceito de letra é discutido no subcapítulo 5.4.

?&`**%**\$\$\$##\$@#!#@%\$\$5466467?

Por fora está tudo confuso.

Por dentro está tudo ...

http://wastedwords.zip.net/arch2006-04-23_2006-04-29.html

Em outro blog, seu autor escreve alguns textos numa sequência lógica, construindo um texto que apresenta coerência e clareza em sua enunciação. Em seus últimos escritos, entretanto, o seu texto mostra uma escrita que é da ordem do “sem-sentido”, da ausência de significação (ou seria uma escrita enigmática, em códigos?):

*Pah..... nois moh xeganu(soh danu nois na cosmoFIASCO.... e tal's... ae... a
MiSs-xuruk...xega xeganu.... tropeça nu carro e vai pah frenti.... e dps... tropeça again dentro du
salaum lá.....NHAAAAAAAAA!!! mto comedia.....
Eh nois.....nu niver da Tha-larik.... ae... qndu a lok resolve ih atraix dus kras ki
tava moh com umas baketas lá... ae PAH..... a tha-larik...: OH DA BAKETAH...
HSAuosuiHOSUIAhsuiha!!!!1
td mundu olhaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah!!!!1
gsaIOSHAishiUAHSahsuihaHOISHaouishaISHAuishIAUSHAsiaHISUOAiusaHSAi
UIa!!! as ALEGRIIIIIIIIII...=> Miss-xuruk i Tha-larik si perderu nu centru da cidadi...
e pah fexa cum chavi di DIAMANMTIIIIIIIII!!! elas vaum para na 9 di julho...(o comercio
pornografico da city.... ou seja... A RUA DAS PUTAH İ TRAVECUUUUUUUUUU)
É nois indo felix pah kza... ae pah... começamu a cantah LONELY... nu meio da rua...
=> Eu(Pamk-da), e Jekinha, e Flavinha i a Tha-larik..... moh GRITANUUUW!!!!
Nhaaaaaaaaa!!!! nois gritanu pus karinha di Brod's .. DETALHE BASIKUUUUUUUUW!!!
Us krinnha moh ouvinu funk..... shaUSOAhsuoiHOSUIA!!!!
NOis pixanu a iskola di Brod's tbm... moh nas iscondida...shAUSOIAUHSUI!!!*

http://adolescenterebelde.zip.net/arch2005-11-13_2005-11-19.html

Luke | Estranho, pô... diz: foi o espirito do edu que baixou em mim

Luke | Estranho, pô... diz: ele ja me sacaneou assim

Luke | Estranho, pô... diz: hahahahaahhahahahaa

£µβι † Será?Será?Será? † de blog novo diz: 0.0

<http://bizarro-meu.zip.net/>



amor te beijo

a morte beijo

W%#&*(((@#!?~'?????***&`%\$\$#@bzzzzzz

@W!W@2222????????? %%%&*)****#ZOOOOOOOOOOOommmmPUTZZZZZZZZZZZZ

http://rnestor.blog.uol.com.br/arch2004-11-21_2004-11-27.html

5.3. O esfacelamento da imagem e sua multiplicidade

Na passagem da linearidade para a espacialidade, há a substituição do Nome-do-Pai por uma pluralização. A constelação de insígnias constitui para o sujeito seu Ideal do Eu. Assim, o império dos significantes transforma-se em um império dos semblantes, com

sua multiplicidade e a própria linguagem é aparelho de gozo. No entanto, essa pluralização já está presente em Lacan desde as suas primeiras elaborações teóricas. Para discutir essa pluralização recorreremos inicialmente ao texto de Lacan sobre a injeção de Irma, no *Seminário 2*.

Lacan (1992 [1954-55]), no *Seminário 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, retoma o sonho de Freud da injeção de Irma para ilustrar o que ele vai desenvolver ao longo de seu trabalho com esse sonho, que é ressaltar a função dos sonhos. Para Freud, a função do sonho é a de fazer passar a mensagem, a fala atemporal do sujeito, dado o estatuto atemporal do simbólico.

Esse sonho de Freud foi comentado por ele para mostrar a natureza de todo sonho, sua função de realização de um desejo inconsciente. Irma era paciente de Freud e amiga da família, o que implica em dificuldades no que diz respeito à contratransferência. Freud esbarrava em uma dificuldade especial nesse caso, pois havia para ele uma recusa de Irma em melhorar. Freud nessa época defendia a hipótese de que a revelação do sentido inconsciente de um conflito era suficiente para o seu desaparecimento. Irma obteve uma melhora de seus sintomas, mas ainda persistiam alguns, em particular a propensão a vômitos. Freud há pouco havia tempo interrompido esse tratamento, que obteve cura parcial, quando recebe, por Otto, um médico amigo da família, notícias de sua paciente. Este lhe diz que Irma estava muito bem, porém não tanto. Freud identifica um tom irônico na fala de Otto e acredita que este pode ter participado de críticas feitas pela família da paciente à sua condução desse caso. A desaprovação de Otto traz à tona os próprios conflitos de Freud, sendo o elemento provocador do sonho. Naquela noite Freud tem um sonho.

Um grande hall – muitos convidados que recebemos. Entre eles, Irma, que levo imediatamente para um lado, como se fosse para responder à sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceito a “solução”. Digo-lhe: Se você ainda sente dores, é realmente apenas por sua culpa. Ela responde: Se o senhor subesse as dores que sinto na garganta, no estômago e na barriga, isto me sufoca... Fico amedrontado e olho para ela. Ela parece pálida e inchada. Penso: afinal, deixei escapar, então, algum distúrbio orgânico. Levo-a até a janela e examino-lhe a garganta. Ela se mostra um tanto quanto recalcitrante como as mulheres que usam dentaduras postiças. Penso comigo mesmo:

no entanto, ela não precisa disso. Então, ela abre bem a boca e descubro, à direita, uma grande mancha branca; e em outro lugar avisto extensas crostas cinzas-esbranquiçadas sobre extraordinárias estruturas crespas, que evidentemente são modeladas nos cornetos do nariz. Chamo depressa o Dr. M., que repete o exame e confirma... O Dr. M. tem uma aparência muito diferente da costumeira; ele está muito pálido, claudica e tem o queixo escanhado. Meu amigo Otto também está agora ao lado dela, e o amigo Leopoldo a percute por cima do corpete e diz: Ela tem uma matidez embaixo à esquerda. Indica também uma região infiltrada da pele, no ombro esquerdo (o que noto, como ele, apesar da roupa)... M. diz: Não há dúvida, é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá a disenteria, e a toxina será eliminada... Sabemos também diretamente de onde provém a infecção. Meu amigo Otto deu-lhe, não faz muito tempo, quando ela não estava se sentindo bem, uma injeção com um preparado de propil, propileno... ácido propiônico... trimetilamina (cuja fórmula vejo diante de mim, em negrito)... Não se fazem injeções dessa natureza tão levemente... Provavelmente, a seringa não estava limpa (LACAN, 1992 [1954-55]: 190-191).

Lacan interpreta esse sonho de Freud destacando os seus três registros: simbólico, imaginário e real. Esse sonho pode ser dividido em dois momentos. No primeiro, os personagens cumprem mais ou menos os mesmos papéis que cumprem na vida desperta. Nesse momento do sonho, seu Eu encontra-se no mesmo nível de seu Eu vigil. Ele encontra-se com Irma e a repreende por não ter aceitado sua solução. Quando esta lhe fala de seu sofrimento, ele insiste para que ela abra a boca. Lacan ressalta a existência de outras mulheres envolvidas na imagem condensada de Irma, e aponta para o enfrentamento de Freud com a resistência feminina. Aqui ele está mostrando a dimensão imaginária do sonho, em que o que está em jogo é o Eu de Freud em sua relação narcísica com essas mulheres, bem como a função de resistência do Eu.

A dimensão real do sonho aparece no fundo da garganta de Irma, quando se revela, para Freud, o horror do real da carne, na presença da membrana diftérica modelada em forma de cornetos nasais: “Tudo se mescla e se associa nesta imagem, desde a boca até o órgão sexual feminino, passando pelo nariz. Freud, justamente antes ou logo depois, foi operado, por Fliess ou por outro, dos cornetos nasais. Eis aí uma descoberta horrível, a carne que jamais se vê, o fundo das coisas, o avesso da face, do rosto, os secretados por excelência, a carne da qual tudo sai...” (LACAN, 1992 [1954-55]: 197). Em seu sonho,

Freud vai mais além da imagem, atravessa a hiância e depara-se com o impossível de se ver. Após essa visão aterradora, entramos no segundo momento do sonho.

No segundo momento, aparecem então o Doutor M., Otto e Leopold. Os três apresentam, cada um a sua vez, uma fala absurda, e finalmente chega-se à conclusão de que Irma apresenta uma infecção decorrente da aplicação por Otto de uma injeção, provavelmente através de uma seringa suja, de uma solução, trimetilamina, solução essa que aparece para Freud no sonho, na literalidade de sua fórmula. Lacan conclui que “é aí que está, no sonho, o inconsciente, aquilo que está fora de todos os sujeitos” (LACAN, 1992 [1954-55]: 202).

Para Lacan, a estrutura do sonho permite-nos compreender que o inconsciente não é o ego do sonhador. O que está em jogo na função do sonho se acha para além do ego, no inconsciente. Como destaca Lacan, para Freud o desejo motivador do sonho seria descartar de si qualquer responsabilidade no fracasso do tratamento de Irma. Lacan nos adverte para o fato de que Freud, embora estivesse tão interessado em desenvolver a função do desejo inconsciente, contentou-se em explicar um sonho pela satisfação de um desejo nitidamente pré-consciente. Lacan se propõe a ir além de Freud, afinal, assim como na análise, encontra-se diante da possibilidade de interpretar um sonho a partir da interpretação do relato daquele que sonha. Lacan ressalta o fato de Freud continuar dormindo no momento crucial do sonho, quando normalmente qualquer um acordaria. Esse momento define-se pela visão da garganta de Irma, o ponto de virada do sonho, a visão da angústia.

Diante da visão do objeto em sua unidade (nesse momento de sua teorização, Lacan aborda o objeto pela via imaginária), o que aparece é a dimensão rasgada do desejo. Tal rasgamento se mostra pela regressão tópica do sonho, pela perda da unidade narcísica do Eu, acompanhada pelo que Lacan chama de *imissão de sujeitos*, o aparecimento dos três médicos, cuja fala ele diz, podem ser tomadas como frases interrompidas. “Estes personagens são todos significativos, uma vez que são personagens da identificação na qual a formação do ego reside” (LACAN, 1992 [1954-55]: 199). Lacan destaca que um limiar é transposto, a primeira parte do sonho, mais imaginária, chega ao fim e entra em cena *a multidão*. “Mas é uma multidão estruturada, como a multidão freudiana. Eis por

que eu preferiria introduzir um outro termo, que vou deixar para que meditem com todos os duplos sentidos que comporta – a imisção dos sujeitos” (p.204).

Dois sentidos da palavra *imisção* são destacados por Lacan. No primeiro, os sujeitos entram e se intrometem no sonho. No segundo sentido, um fenômeno inconsciente, que se desenrola num plano simbólico, descentrado em relação ao ego, ocorre sempre entre dois sujeitos. Quando emerge a fala verdadeira, ela faz deles dois sujeitos muito diferentes do que eram antes da fala. Eles se constituem como sujeitos da fala a partir do momento em que a fala existe.

Lacan destaca a substituição do sujeito pelo sujeito policéfalo. Há uma pluralidade imaginária do sujeito, pelo espalhamento, pelo desabrochamento das diferentes identificações do ego. “O sujeito transformado nesta imagem policéfala parece ter a ver com o acéfalo” (LACAN, 1992 [1954-55]: 213). O autor ressalta que a noção freudiana do inconsciente é justamente a de um sujeito acéfalo, que não tem mais ego, que não é do ego, que é extremo em relação ao ego, descentrado em relação ao ego. No entanto, ele é o sujeito que fala, é o que faz proferir todas as falas do sonho: “Este desarvoramento, este despedaçamento, esta discordância fundamental, esta não-adaptação essencial, esta anarquia, que abrem todas as possibilidades de deslocamento, ou seja, de erro, caracterizam a vida instintual do homem” (p.215).

A partir dessa anarquia, intervém a ordem simbólica. “O poder de nomear os objetos estrutura a própria percepção”, como sublinha Lacan (p.215). Retomando o sonho, é em seu final que aparece o elemento que vai esclarecer tudo. De uma voz desconhecida, de ninguém, surge a solução: a trimetilamina. O sonho, que culminou no primeiro momento, ainda na presença do Ego de Freud, na imagem horrível do objeto, no segundo momento culmina naquilo que, segundo Lacan, não se pode deixar de identificar como sendo a fala, o rumor universal. Apesar da fórmula não fornecer resposta alguma ao que quer que seja, a estrutura triádica de todo o sonho revela por essa acefalia a impossibilidade da localização de um significante para o Sujeito. A acefalia da fórmula da trimetilamina revela o impossível de localizar, o ponto em que o sujeito se insere na cadeia simbólica. Assim, no ápice do sonho, não há outra palavra, outra solução senão a própria palavra.

Essa relação do sujeito com o objeto quando mediada pelo simbólico se dá numa forma esvaecente, em que “Se for você, não sou. Se for eu, é você que não é” (LACAN, 1992 [1954-55]: 214). Para além do Ego, o que está em jogo no sonho, o inconsciente, é aquilo que é do sujeito e não é do sujeito. É isso que conferiria a esse sonho o seu valor: a busca da significação como tal.

É no meio de todos os seus confrades, no meio do consenso da república dos que sabem – pois se ninguém tem razão, todo mundo tem razão, lei paradoxal e ao mesmo tempo tranquilizadora, é no meio deste caos que se revela a Freud, neste momento original em que nasce sua doutrina, o sentido do sonho... – não há outra palavra-chave do sonho a não ser a própria natureza do simbólico (LACAN, 1992 [1954-55]: 203).

Esse sonho possibilitou a Lacan sustentar que o sintoma analítico se produz na corrente de uma fala que tenta passar, e para passar precisa vencer essa dupla resistência estabelecida entre o ego do sujeito e sua imagem, o eixo a-a'. É necessário que o sujeito atravesse a janela onde sempre vê a sua imagem. Ao ultrapassar esta barreira, a interposição entre o sujeito e o mundo cessa. É a partir do ego que todos os objetos são olhados e é pelo despedaçamento desse ego que os objetos são desejados. Dessa forma, o sujeito não pode desejar sem se dissolver. Essa dissolução o reduz à dimensão da fala, e é sempre na juntura da fala, no nível onde esta aparece que se manifesta o desejo. O desejo surge no momento em que se encarna numa palavra.

O que é importante destacar nessa retomada de Lacan do sonho de Freud é o estatuto de sujeito para a psicanálise. Vimos que a lógica constelar nos revela um tipo de funcionamento para além da lógica do binarismo significante. A subjetividade, como atesta Lacan, é ilustrada pelo sujeito policéfalo. Há uma pluralidade do sujeito, pelo espalhamento, pelo desabrochamento das diferentes identificações do ego. A noção freudiana do inconsciente, retomada por Lacan é a de um sujeito acéfalo, que não tem mais ego, que não é do ego, que é extremo em relação ao ego, descentrado em relação ao ego. Diante do real, o que aparece é a dimensão rasgada do desejo, a pluralização do sujeito, sua “espatifação”. Tal rasgamento se mostra pela regressão tópica do sonho, pela perda da unidade narcísica do Eu, acompanhada pelo que Lacan chama de *imissão de sujeitos*. (Essa mistura de sujeitos e essa interrupção de frases sem sentido revelam a

impossibilidade da localização de um significante para o Sujeito, o impossível de localizar ou o ponto em que o sujeito se insere na cadeia simbólica.)

Num primeiro tempo de seu ensino, portanto, Lacan já anunciava esse descentramento do sujeito em relação ao ego e reconhecia essa multiplicidade de identificações egóicas, mas ele trabalhava com a estrutura formal e unificante do Édipo via Nome-do-Pai, retomando os conceitos freudianos de castração e recalque. Assim, o simbólico tem uma função organizadora e apaziguadora e o inconsciente é estruturado como linguagem, sendo o sujeito separado do corpo. Num segundo momento, Lacan substitui o Nome-do-Pai por uma pluralização e a operação do recalque não é mais atribuída à interdição paterna, mas à própria ação da linguagem. O sujeito não é mais falta-a-ser, mas ser falante ou *falasser*. O *falasser* ou *parlêtre* tem uma ancoragem no corpo. Os efeitos do significante não são mais significações, mas afetos, como o gozo. O gozo precisa de um suporte corporal e está em constante tensão com o significante. Ao invés de sujeito, trata-se agora de um corpo afetado pelo significante.

Nos anos 60, Lacan⁷ menciona a constelação de insígnias que constituem para o sujeito seu Ideal do Eu. Não se trata mais do agrupamento em cadeia, onde um significante representa o sujeito para outro significante, mas de uma constelação de insígnias. Aqui o Ideal do Eu passa a ser apresentado como uma constelação de insígnias, que podem representar o sujeito e fazer com que ele seja reconhecido pelo Outro, e que podem também se soltar da cadeia significante e se transformar em insígnias, operando fora do sistema simbólico na sua face representativa e comunicativa. Dos Ideais do Outro tomados na vertente significante, aos traços tomados Um a Um. O império do significante transforma-se em um “império de semblantes” e ele traz de volta os signos que, ao ressurgirem, portam em seu bojo a contingência do múltiplo, a lógica fragmentar e multifacetada. A lógica constelar manifesta-se, pois, na desconexão, na desarticulação entre os significantes, que se desprendem da cadeia. O significante solto, fora do sistema, vale como insígnia e ganha o estatuto de letra. Em seu último ensino, nos anos 70, o conceito fundamental trabalhado por Lacan é o de gozo. Agora a própria

⁷. LACAN, Jacques. “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise e estrutura da personalidade’”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.653-691.

linguagem é aparelho de gozo, significante e gozo não mais se opõem. Surge o conceito de letra, que reúne significante e gozo.

5. 4. Letra: entre o significante e o gozo

O conceito de letra merece uma discussão mais específica, já que ele está relacionado ao conceito de escrita, tema fundamental para a nossa pesquisa. Lacan (1998), no seminário proferido em 26 de abril de 1955 sobre o conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, e publicado nos *Escritos* (1998), destaca o valor da letra, ao caracterizar o inconsciente a partir de sua estrutura de linguagem. Para Lacan, a carta pode ser comparada à letra. Assim como a carta, a letra apresenta esse caráter ambíguo de ser absolutamente visível e, ao mesmo tempo, invisível. A carta/letra, bem como o inconsciente, não é algo profundo, mas está na superfície, está exposta. A carta circula sem que se saiba seu conteúdo. Seu conteúdo, apesar de estar tão próximo, na superfície, permanece um enigma até o final do conto. Assim, a carta se assemelha ao inconsciente. Lacan ressalta que a letra, enquanto significante, mata, já que ele materializa a instância da morte. O significante materializando a instância de morte está mais do lado da letra que mata do que do espírito que vivifica. Lacan aqui define a letra como o suporte material do significante: “A *letter*, a *litter*, uma carta, uma letra, um lixo” (LACAN, 1998: 28). Letra e significante se aproximam, diferenciando-se da palavra. A palavra é sopro etéreo, a letra, enquanto significante, é matéria carnal. Como o significante é apenas forma, sem um conteúdo que lhe seja permanentemente associado, ele é identificado com a letra, cuja consistência se encontra justamente nessa sua estrutura vazia.

Em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, Lacan (1998 [1957]) propõe a letra em relação com a linguagem e com o discurso. Retomando o texto freudiano sobre os sonhos, Lacan postula a noção de “letra do discurso” (p.513). Aqui, o conceito de letra remete à materialidade do discurso, “em sua textura, seus empregos e sua imanência na matéria em causa” (p.513). Nesse texto, linguagem e significante são equivalentes.

Lacan (1961-62), no *Seminário 9, A identificação*, retoma a noção de traço único (*einzigster Zug*) formulada por Freud na teoria da identificação, para abordar a função da

escrita no inconsciente e na constituição do sujeito. Como já abordamos essa teoria da identificação, retomaremos brevemente apenas para articulá-la com o conceito de letra. O traço único é o instrumento da segunda espécie de identificação. A primeira espécie é a identificação ao pai, mítica, ambivalente, que se faz sobre o fundo da devoração assimilante, da incorporação. A segunda, de tipo regressivo, tem o traço *unário* como instrumento da identificação e está ligada à perda do objeto. A identificação é parcial, pois se liga a tomar do objeto um único de seus traços.

Assim, Lacan introduz a escrita na fundação do inconsciente, no enlace do sujeito com o objeto, ao tomar dele um de seus traços. Designando esse traço como *unário*, ele ressalta seu caráter estruturante da subjetividade, ao inscrever uma marca que inaugura o sujeito, a partir da qual ele insere-se em uma rede simbólica. Lacan o designa como *unário* para acentuar seu caráter de um, contável, em cuja repetição toda a série se apoia. Lacan ilustra essa inscrição significativa através do caçador que grava a cada expedição um novo entalhe na caverna para marcar a repetição de um ciclo que é, ao mesmo tempo, “o mesmo” e “um outro”. Essa função significativa introduz a diferença no real, e requer, a cada vez, mais um traço. Esse automatismo de repetição é determinado pela “sombra do trauma”.

Um ciclo determinado é suportado por um significante inscrito, que sozinho tem função de suporte, de *letra*. Lacan (1961-62) define então a *letra* como o suporte do significante. O ciclo de comportamento se apresenta no lugar desse significante primordial, repellido, recalcado, mas presentificado através do ciclo de repetição. Esse é o “sistema do trauma”, segundo ele. O inconsciente busca em seu modo de retorno a identidade de percepção e essa identidade faltará sempre ao que quer que venha representá-lo. No advento da escrita, alguma coisa que já é escrita, pois sua característica é o isolamento do traço significativo, vem servir como suporte do som, e é na medida em que ela é fonetizada que funciona verdadeiramente como escrita. Lacan menciona que, num tempo historicamente definido, um momento em que alguma coisa está ali para ser lida com a linguagem, quando ainda não há escrita, é pela inversão dessa relação de leitura do signo que pode nascer a escrita, uma vez que ela serve para conotar a fonetização.

Ainda nesse seminário, Lacan assinala um ponto essencial quanto à função do significante na constituição do sujeito, que é a função do nome, definindo o nome próprio como a maneira de designar uma coisa como particular, fora de toda descrição. Assim, ele demarca a relação entre a letra e o nome próprio, que é esse traço de ligação à marca, à escrita. Ele não está ligado ao som, mas à função da *letra*. É em razão dessa afinidade com a marca que, de uma língua para outra, ele conserva a sua estrutura sonora, e não se traduz.

No *Seminário 18, De um discurso que não seria do semblante*, Lacan (1971) diferencia a escrita da linguagem: “...O próprio escrito, enquanto se distingue da linguagem, está aí para mostrar que, se é do escrito que se interroga a linguagem, é justamente enquanto o escrito não o é, mas que ele só se constrói, só se fabrica de sua referência à linguagem” (LACAN, 1971: 59). Lacan afirma que o significante está no simbólico e que a escrita está no real: “Os efeitos da articulação do semblante – quero dizer da articulação algébrica e, como tal, trata-se apenas de letras – eis aqui o único dispositivo por meio do qual designamos o que é real; o que é real é o que faz buraco neste semblante” (p.24). O discurso científico é postulado por Lacan como o semblante. Aqui a letra não tem a primazia sobre o significante.

Destacamos, em especial, o conceito de letra introduzido no texto *Lituraterra*, que é contemporâneo ao *Seminário 18*. Em *Lituraterra*, Lacan (2003 [1971]), ainda no início do texto, faz uma relação entre a *letter* (uma carta, uma letra) e a *litter* (um lixo). Ele faz da letra *liteiralixo*. Afirma então que “a literatura é uma acomodação de restos” (p.16). Assim, Lacan evoca a metáfora da carta para se referir à letra. Nesse texto, a distinção entre letra e significante se torna explícita: “É esse o relato bem-feito do que distingue a carta [*lettre*] do próprio significante que ela carrega. ...É que o conto [Poe] consiste em que se transmita como um passe de mágica a mensagem, com que a carta faz peripécias sem ela” (p.17). Aqui Lacan enuncia a letra (carta) como uma materialidade desconectada de sentido.

Lacan evoca também nesse texto a metáfora do litoral para se referir à letra. A imagem do litoral que, situado entre o mar e a terra, entre esses dois elementos distintos, desenha a borda do furo no saber. Lacan aproxima então o conceito de letra da noção de rasura. Ele evoca esse aspecto a partir de sua viagem ao Japão. No avião, em viagem de retorno

à França após sua segunda viagem ao Japão, Lacan avista a planície siberiana, com seus sulcos e cursos d'água:

...por entre as nuvens, o escoamento das águas, único traço a aparecer, por operar ali ainda mais do que indicando o relevo nessa latitude, naquilo que da Sibéria é planície, planície desolada de qualquer vegetação, a não ser por reflexos, que empurram para a sombra aquilo que não reluz (LACAN, 2003 [1971]: 21).

Essa imagem serve de apoio a Lacan para figurar a letra como litoral entre a ordem simbólica e a dimensão real. Ele diz que o escoamento (das águas) é o remate do traço primário e daquilo que o apaga. Assim, ele continua, é pela conjunção deles (o traço e seu apagamento) que se faz sujeito. Isso é então a rasura do traço. Mas de onde surge a rasura? Lacan então evoca uma outra metáfora, a das nuvens:

... ao se produzir por entre as nuvens, ela se conjuga com sua fonte, pois que é justamente nas nuvens que Aristófanos me conclama a descobrir o que acontece com o significante: ou seja, o semblante por excelência, se é de sua ruptura que chove, efeito em que isso se precipita, o que era matéria em suspensão (LACAN, 2003 [1971]: 22).

Lacan sublinha que, ao se romper um semblante, que é essa nuvem de significantes, surge o gozo, isso que no real se apresenta como um “ravinamento das águas”. Assim, a escrita é, no real, “o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante” (p.22). Ela não decalca o significante, mas sim “...seus efeitos de língua, o que dele se forja por quem a fala” (p.22). Temos então duas dimensões da letra. De um lado, a dimensão simbólica, e do outro, a dimensão do gozo. A nuvem de significantes, ao ser rompida, leva ao surgimento do gozo, como efeito do real.

No *Seminário 20, Mais, ainda*, Lacan destaca a escrita como efeito da linguagem: “...há um outro efeito da linguagem, que é a escrita” (LACAN, 1985 [1972-73]: 63). Lacan postula a noção de letra valendo-se do recurso à matemática:

...qual é o suporte que podemos encontrar ao não lermos senão letras? É no jogo mesmo da escritura matemática que temos de encontrar o ponto de orientação para o qual nos dirigir para, dessa prática, desse liame social que emerge e singularmente se estende, o discurso analítico, tirar o que se pode tirar quanto à função da linguagem... (p.66).

Utilizando-se da teoria dos conjuntos, Lacan define a letra como um ajuntamento de objetos de pensamento:

A teoria dos conjuntos rompe ao colocar o seguinte – falemos do Um para coisas que não tenham entre si estritamente nenhuma relação. Ponhamos juntos objetos de pensamento, como se diz, objetos do mundo, cada qual

conta como um. Ajuntemos essas coisas absolutamente heteróclitas, e nos demos o direito de designar esse ajuntamento por uma letra (p.65).

O inconsciente, para Lacan, pode ser tomado então como “estruturado como os ajuntamentos de que se tratam na teoria dos conjuntos como sendo letras” (LACAN, 1985 [1972-73]: 65). Ele define a escrita, nesse seminário, como aquilo que vem a se tramar como efeito da erosão da linguagem (p.92). Segundo Milner (1996), nesse seminário Lacan define a letra a partir da presença de traços específicos, como: o caráter fragmentário ou dispersivo, a não-dedutividade e o cálculo local. O caráter fragmentário é identificado nesse ajuntamento de letras, sem vínculo entre uma e outra. A não-dedutividade e o cálculo local se mostram pela presença da letra depurada de qualquer procedimento de demonstração que implique um raciocínio lógico ou dialético. O matemático disjunto da dedutividade consiste num literal puro, “zonas estritamente circunscritas de literalidade”, que levam a um cálculo restritivo e local (1996, p.168). Assim, nesse momento de suas teorizações, significante e letra passam a ser mais claramente diferenciados.

O recurso à matemática permitiu que Lacan distinguisse o significante da letra. Em *O seminário 22, RSI*, Lacan (1974-75) comenta que o nó borromeano pode ser escrito. É uma escritura que comporta o real. Nesse seminário, ele formula: “O que é dizer o sintoma? É a função do sintoma, função a se entender como o faria a formulação matemática: $f(x)$. O que é esse x ? É o que, do inconsciente, pode se traduzir por uma letra, a identidade de si a si está isolada de qualquer qualidade” (LACAN, 1974-75: 23). Lacan então afirma que todo Um, naquilo que ele sustenta o significante em que o inconsciente consiste, é suscetível de se escrever com uma letra.

Em *O seminário 23, O sinthoma*, Lacan (2007 [1975-76]) aproxima a escrita do conceito de letra. Lacan comenta que o sinthoma faz laço real. Esclarece que o pai é um sintoma, assim como o Complexo de Édipo é um sintoma. O Nome-do-Pai é o sintoma, é o quarto nó que ata os três registros: real, simbólico e imaginário. Lacan então, nesse seminário, relaciona a escrita com o real. Para ele, é por meio dos pedacinhos de escrita que entramos no real. A escrita suporta o real. A escrita pode ter uma relação com a maneira como se escreve o nó (p.66). Trata-se de alguma coisa que tem uma relação muito estreita com a letra. Quando se escreve, toca-se o real. Os nós são pensados como tudo o que há de mais real. O nó não é a consistência, ele ex-siste ao elemento corda, à

corda-consistência. É por estar enganchado na linguagem que o sintoma subsiste. O real faz acordo entre corpo e linguagem. O gozo fálico situa-se na conjunção do simbólico com o real. O real se funda por não ter sentido, por excluir o sentido ou por ser excluído dele. A fala, ao ser quebrada, acaba por ser escrita. É por intermédio da escrita que a fala se decompõe. Para Lacan, uma escrita é um fazer que dá suporte ao pensamento. O nó dá a tal escrita uma autonomia. Há uma outra escrita que resulta de uma precipitação do significante.

Dois tipos de escrita são destacados por Miller (2005), a partir de sua leitura de Lacan. A escrita como representação da palavra e a escrita como traço. Na primeira perspectiva, ao relacionar o escrito com a voz, Miller comenta que “falar” o escrito foi necessário por muito tempo, para dar um significado ao escrito. Isso era ainda mais necessário, já que no início os rolos, assim como os códices, não tinham pontuação e nem as próprias palavras eram separadas umas das outras. A passagem do escrito pela voz era, afinal, uma condição para a legibilidade do escrito. No fundo, o escrito devia ser falado para tornar-se falante. Assim, temos a escrita como inscrição da palavra, como notação do que é dito, como sua coletânea, como sua representação. Mas existe um outro modo da escrita enfatizado por Lacan, que é a escrita como marca, a escrita como traço isolado, talvez como se dela criasse um neologismo, como traço, como um traço unário em oposição ao binário.

Temos então dois modos de escrita: uma forma de escrita que é verdadeiramente como um corpo, aquela que fala, e outra forma que é a da escrita que não significa nada, aquela que não se lê. Miller, utilizando uma referência de Lacan, destaca esse “para-não-ler” fazendo uma permutação de letras⁸, como “não-ligar”. “*Fou-à-lier*” (louco varrido), “*fou-pas-à-lier*” (louco não varrido), nós somos loucos não varridos. O que não-é-para-ligar, e a quê? Não-é-para-ligar a um significado. Miller acrescenta que, às duas formas de escrita, correspondem dois nomes. Primeiro, o significante, o escrito, o escrito que está aí para significar, que está aí para o significado, para ter efeito de significado; e segundo, a letra. A dicotomia entre o significante e a letra permite compreender a noção de “sinthoma”. O sintoma freudiano é constituído de significantes, é uma formação do inconsciente, que é estruturado como uma linguagem. O sinthoma

⁸ Permutação válida apenas para a palavra em francês: *non-lire* ⇔ *non-lier* (cf. MILLER, 2005).

lacaniano pertence à ordem da letra. Aqui aparece mais claramente a diferenciação entre escrita na via significante e a letra.

Os nós de Lacan são uma escrita. Apesar de Lacan ter utilizado letras para escrever as formações do inconsciente como efeito do significante, a letra só é significante na medida em que é semblante. As relações entre a letra e o significante foram estabelecidas mais claramente a partir de Joyce. Joyce fez da letra um uso para que fosse lido. Depreende-se das últimas elaborações de Lacan uma ampliação no estatuto de sujeito. O inconsciente não repousa apenas nas ligações entre S_1 e S_2 com seu efeito $\$$, isto é, sua estrutura de linguagem, mas repousa sobre o gozo de uma verdade.

Miller, em *Los signos del goce* (2006), destaca a relação entre o signo e a letra, que se faz importante para a reflexão sobre a escrita nos blogs. Ele ressalta que Lacan inicialmente privilegiava o significante e depois passou a privilegiar o signo. Retomando a definição de Peirce, o signo representa algo para alguém. O signo para Lacan refere-se ao sintoma, que não pode reabsorver-se por completo na ordem significante. O sintoma apresenta uma matéria de linguagem, uma linguagem que faz do corpo uma matéria distinta dos efeitos de significado. O sintoma está vinculado à escritura: “O sintoma toma a linguagem fora do sentido” (MILLER, 2006: 277). Ora, o que nos parece relevante destacar, a partir dessas considerações do autor, é que o sintoma apresenta duas vertentes: uma que corresponde à ordem significante e outra que está vinculada à escritura.

A escritura é o caráter ideográfico, é o símbolo matemático, é o desenho. Lacan passa a substituir a definição de inconsciente a partir da palavra para determiná-lo pela função do escrito. Sua definição é de um saber cifrado. Miller (2006) chama a atenção para o fato de que o cifrado inscreve-se no ensino de Lacan quando ele opera uma substituição: o que importa não é mais o efeito de significado do significante, mas o efeito de gozo da letra. Assim, o signo produz gozo mediante o cifrado. O cifrado equivale à pura escritura. A letra é o significante considerado fora de sua função de produzir significações, o que permite diferenciar, portanto, letra e significante. A interpretação é uma leitura que capta a escritura no campo da linguagem a partir da palavra. Enquanto a palavra é escutada, a letra se escreve. O inconsciente é o que se lê, é da ordem do que se escreve. Para Lacan, a escritura tem acesso direto ao gozo.

O signo pode ser tomado a partir de duas perspectivas. Como significante, pelos seus efeitos de significado, e, como letra, “quando é considerado de acordo com o seu segundo efeito: a produção de gozo” (MILLER, 2006: 290). Enquanto o significante é o signo em seu efeito de sentido, a letra é o signo considerado por seu efeito de gozo. O significante conduz à teoria da comunicação, implica o Outro na linguagem. O ponto de vista da letra é, ao contrário, autista, é a perspectiva de um gozo que não se dirige ao Outro. Miller ressalta que essa nova perspectiva permite compreender a mudança operada por Lacan no conceito de traço unário com o caso Joyce. O traço unário não é mais só de ordem significante. Este traço já não designa o sujeito como efeito de significação, mas sim como uma resposta do real. O sintoma o encarna. Por isso Lacan diz que Joyce é “desabonado” do inconsciente. Ele é desabonado dos efeitos de significado, segundo Miller (2006). Se o inconsciente supõe um sujeito representado por um significante para outro significante, este uso representativo é descartado por Joyce.

O novo conceito de literatura, que começa a ser formulado por Lacan a partir de Joyce, está referido ao registro do ilegível, sacrifica o efeito de significado e apresenta uma linguagem cujo efeito pertence a outro registro. O sintoma, como uma função matemática, como um $f(x)$, realiza a transferência da contabilidade ao gozo, do simbólico ao real. “Lacan chama sintoma aquilo do inconsciente que pode traduzir-se por uma letra, e escreve essa tradução como $f(x)$ ” (MILLER, 2006: 299). O sintoma não depende do que do inconsciente pode traduzir-se por um significante. O significante é sempre diferente de si. Na ordem da letra há identidade. Miller ilustra essa afirmação através da diferenciação entre Sade e Joyce. Enquanto Sade teve como ideal o apagamento de seu nome até não sobrar nenhum traço, Joyce quis eternizar seu nome e fazer dele uma insígnia.

Esse novo conceito de literatura formulado por Lacan a partir de Joyce permite-nos pensar a nova escrita nos blogs. Essa nova escrita referida ao registro do ilegível que sacrifica o efeito de significado apresenta uma linguagem cujo efeito pertence a outro registro. Que efeito teria essa nova escrita nesse ambiente virtual? Essa linguagem que pertence a outro registro revela uma mudança na noção de sujeito, que rompe com a linearidade e a ordem significante, introduzindo uma nova lógica, a da espacialidade e da universalidade, a lógica constelar.

Assim, a ruptura da linearidade da cadeia significante implica uma mudança no estatuto do sujeito. Na perspectiva linear, o sujeito é resultado de um movimento associativo, conectivo e articulativo ($S_1 - S_2$). Nessa vertente discursiva, o significante representa o sujeito para um outro significante e o inconsciente se articula entre um significante e outro, permitindo que o sujeito se represente e que o gozo se localize. Na perspectiva constelar há um movimento de dissociação, de ruptura, de desconexão ou desarticulação entre os significantes (S_1/S_2). Nessa vertente, há uma mudança no estatuto de sujeito e de inconsciente. Há aqui um inconsciente escritural que se sustenta ali onde só há S_1 , letra que se repete. O inconsciente é constituído de traços ímpares, memórias de gozo. O Um do traço é pluralizado, há um enxame de S_1s .

Se o signo pode ser tomado a partir de duas perspectivas, como adverte Miller (2006), nesse universo virtual carregado de signos, o sujeito adolescente pode conduzir-se de duas formas. Em primeiro lugar, buscando orientar-se pela lógica significante, pelos seus efeitos de significado. O significante conduz à comunicação, implica o Outro na linguagem. Assim, em seu blog, o jovem adolescente se dirige a um outro adolescente, visando à comunicação e construindo o seu romance familiar. E em segundo lugar, na produção de gozo, como letra. O ponto de vista da letra é, ao contrário, autista, é a perspectiva de um gozo que não se dirige ao Outro. Mas veremos como, na leitura dos blogs, localizamos ainda um terceiro tipo de escrita.

5.5. Tempo e escrita: o blog como uma memória efêmera

Os diários, privados ou públicos, apresentam uma importante relação com o tempo. Hébrard (2000) diferencia três tipos de escritura, considerada sua relação com o tempo: a escritura literária, a escritura científica e a escritura pessoal. A escritura literária cria um tempo específico, o da ficção que ela produz; a escritura científica se instala numa discursividade que apaga o tempo e a escritura pessoal precisa organizar sua relação com o tempo de uma maneira específica: o sujeito que escreve, para não se perder na alteridade, percebida como perigo ou ameaça, deve distinguir sua história própria (os acontecimentos sucessivos de sua vida social ou interior) do *continuum* mais ou menos organizado das temporalidades às quais está preso.

Existe uma íntima relação entre escrita e imortalidade. Escrever sobre si é uma tentativa de se fazer imortal. O diário é uma escrita do tempo presente, recorrendo às memórias do passado e se projetando no futuro. Os diaristas revelam o desejo de guardar seus escritos para que no futuro não se esqueçam do “presente”, como forma de “fixar” o tempo, como uma maneira de “guardar na memória” os fatos, pensamentos, sonhos e desejos atuais. Diferentemente dos livros de memória, onde se escrevem as lembranças do passado, nos diários há a escrita do tempo presente, para eternizá-lo.

Para os gregos, o tempo é o deus Cronos, filho do Céu e da Terra⁹. No mundo latino, o tempo é representado pela figura de um velho descarnado, de barba e cabelos brancos, grandes asas nas costas e, nas mãos, uma foice e uma ampulheta. Sua imagem vincula-se também à morte e à destruição. No mundo greco-latino, o círculo constitui o modelo da temporalidade. O tempo é circular, inexorável, do qual não é possível fugir. Ele sempre retorna, gerando a eterna repetição. O tempo cristão tem a imagem da linha reta, sucessão de instantes únicos. A Renascença apontou o profundo descompasso que divide o homem entre o tempo linear da história e o tempo cíclico do mito e da natureza. O relógio é uma invenção renascentista, uma maquinaria construída para tentar capturar o tempo e medi-lo de forma mais científica. O relógio, usando a gravidade e a rotação, registra o tempo em quantidades mensuráveis, individualizando-o e domesticando-o. O relógio contabiliza o tempo, que passou a se representar como um fluxo contínuo e uniforme. Na modernidade o tempo passa a ser pensado como um encadeamento coerente de fatos, uma sucessão cronológica, que ressalta a ideia de marcha contínua e automática em direção ao progresso. Já a visão contemporânea não percebe o tempo como linearidade homogênea e vazia, mas como uma realidade intangível, permeado de “agoras” em permanente fluir. O tempo é visto como uma dimensão onde se cruzam ritmo e acaso, velocidade e inércia, aceleração e quietude. O tempo apresenta-se com uma natureza paradoxal, que não possui ordenamento ou lei presumível, princípio ou fim definível e é impossível de ser dominado (SANTOS, L. A.; OLIVEIRA, S. P, 2001).

Nas narrativas dos diários íntimos há uma tentativa de se seguir o ritmo do calendário, reproduzindo um tempo que se ordena e se apreende através do ritmo da escrita diária. O narrador tem o poder de se deslocar livremente, a partir de visões retrospectivas,

⁹ SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. “Leituras do tempo”. In: *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*. Introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.54-65.

prospectivas ou simultâneas e por meio de arranjos entre planos temporais distintos, possuindo múltiplas formas de ordenar os eventos narrados. Existem representações objetivas e subjetivas do tempo, a primeira relaciona-se com os seus aspectos físicos e a segunda com uma percepção ou consciência do tempo. As duas representações são indissociáveis, pois mesmo se utilizando da maior liberdade imaginativa, há um tempo da realidade que transcorre e que não se controla.

Toda narrativa mantém um vínculo com o tempo, tende a representá-lo de algum modo. Diferentemente do texto poético, que explora sobretudo o tempo da própria linguagem, o texto narrativo, apesar de também explorar o tempo da linguagem, está subordinado a um propósito de reconhecimento de tempos ficcionalizados. Narra-se para intensificar a sensação de pertencer a um tempo e para produzir a ilusão de que se pode evitar a própria transitoriedade.

O blog, como uma escrita no ciberespaço, tem uma relação particular com o tempo. Ele aproxima-se e distancia-se do diário íntimo em sua relação com o tempo. O diário íntimo é publicado (quando seu autor decide publicá-lo) e disponibilizado ao leitor depois de ter seu texto concluído, organizado e revisado. O leitor recebe o texto integral, algum tempo depois de pronto, e não interfere na sua produção. Já o blog é escrito e simultaneamente lançado no espaço público. A cada dia o leitor tem a chance de acompanhar a escrita do diário, podendo interferir no texto, modificá-lo, a partir de seus comentários, perguntas e sugestões. O leitor pode, portanto, participar da escrita do texto do diarista. No blog a relação com o tempo é marcada pela instantaneidade e simultaneidade. O autor de um blog escreve o texto e o disponibiliza na Internet no mesmo instante, e ele pode, simultaneamente, consultar outros textos, fazer pesquisas na Internet, consultar outros blogs, acessar diversos *links* e conversar no MSN. Embora sejam publicizados rapidamente, os blogs podem também, na mesma velocidade, ser retirados do ar. O diário impresso, por sua própria natureza, parece ter um caráter de maior permanência no espaço e no tempo em relação ao diário *on-line*. No entanto, os blogs podem alcançar maior número de leitores, no mundo inteiro, com maior velocidade.

Os blogs podem ser caracterizados por uma dimensão temporal síncrona, ou seja, constituída na simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado na rede.

O programa indica o dia e a hora exatos em que o autor do blog disponibiliza o seu texto em rede. Assim, existem duas perspectivas implicadas nessa simultaneidade temporal: o texto do blog é eternizado pelo suporte (da Internet), mas, por outro lado, ele é fugaz, pois é prontamente substituído ou apagado do espaço de sua circulação¹⁰.

Existe uma “memória artificial” na contemporaneidade, graças aos recursos tecnológicos. O sujeito utiliza-se não só do recurso da escrita para a preservação e “construção” da memória, mas também de uma série de recursos tecnológicos, como os recursos da fotografia e da informática. É possível focalizar ou aplicar *zoom* sobre detalhes, utilizar sombreamentos, modificar cores, realçá-las, disfarçar ou destacar cenas, corrigir imperfeições, fazer cortes, operar *flashbacks*, utilizar da “câmera-lenta”, “deletar dados”, escanear, gravar informações com segurança redobrada, colocar trilha sonora, editar a montagem de eventos e abrir *links* para arquivamentos de dados. Essa montagem implica a própria construção da história que se busca “preservar” e tem seus efeitos sobre os mecanismos da memória.

As lembranças do passado cada vez mais estão marcadas pelas seleções que fazemos com os recursos tecnológicos audiovisuais. Seleccionamos ou subtraímos cenas, alteramos ou enfatizamos detalhes, construímos uma história que queremos preservar na memória. Se essa “reconstrução” da própria história sempre foi feita pelas nossas fantasias, agora temos o apoio dos recursos tecnológicos que possibilitam uma “verificação” dessa história, dando a ela um caráter de maior fidedignidade, apesar de sua dimensão ficcional.

O computador permitiu a multiplicação de arquivos, que cresceu em importância na contemporaneidade. O computador possui uma capacidade infinita de memória artificial, mas, por outro lado, é muito difícil manter um blog muito tempo no espaço virtual do computador em virtude de seus dispositivos, muitas vezes falhos, de memória. O computador ajuda a guardar e organizar os arquivos de memória. No HD é possível organizar os escritos separando-os por assuntos, criar arquivos pessoais e separá-los em pastas, como numa biblioteca.

¹⁰. A relação entre espaço e tempo na escrita dos blogs é trabalhada por Fabiana Komesu, em *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/blogs.pdf>.

A Internet possibilitou ao usuário a chance de “navegar” pelo mundo inteiro, selecionando os assuntos e guardando-os em seus arquivos pessoais. Segundo Bauman (1998: 202): “Agora todos têm a possibilidade e a probabilidade de ter o nome e o registro de vida conservados para sempre na memória artificial dos computadores”. Com a capacidade infinita e o apetite insaciável da memória artificial, todos podem ser registrados. Todos os comentários são guardados na memória do computador e no texto do blog. O computador permite esse “arquivamento” de informações, tendo a tela como “porta de acesso” aos diferentes assuntos. Esse arquivo é pessoal e plural, como uma memória pessoal e coletiva. Além disso, o blog conta com a autorização do próprio autor para colocar informações sobre si na rede e recebe a contribuição do público para essas memórias pessoais. Mas, apesar de já ser possível procurar textos por assunto, autor ou data no texto virtual, o blog é ainda um arquivo que falha. Ele permite escrever textos sobre vários assuntos e armazená-los, mas não oferece ainda ao autor e ao leitor a possibilidade de procurá-los, pois o programa não desenvolveu até hoje um mecanismo de busca e de organização.

Nos blogs os assuntos estão juntos numa mesma página e não são classificados por tema ou ordem de importância. O texto é fragmentário, individual e coletivo, com escritos do autor e de seus leitores. É, portanto, um arquivo pessoal e plural, uma memória individual e coletiva. A participação numa memória coletiva passa a ser acessível a muitos indivíduos. Os registros biográficos ficam na memória dos computadores, e circulando na Internet. No ciberespaço, esses registros escapam ao controle do seu autor. Os grandes *sites* de busca podem conter informações sobre a vida de uma pessoa sem que ela mesma saiba que esses dados estão registrados na Internet.

A velocidade e a instantaneidade na era do *tempo real* exigem rapidez na reconstrução da história. O passado parece perder um pouco o seu sentido diante da supremacia do presente. Assim, as histórias devem ser curtas e carregadas de imagens, para facilitar a apreensão rápida e imediata e evitar o desinteresse pela leitura. O passado parece ter perdido também o seu sentido como causa do presente. Vivemos uma sucessão de tempos presentes e todo o passado parece ter perdido sua importância na explicação da atualidade. O passado só interessa como produto a ser consumido, vendido, como objeto recriado e estetizado pela tecnologia.

O fluxo constante de informações que recebemos nos faz sentir incapazes de absorvê-las. Temos a sensação de estarmos sempre desatualizados. O tempo se comprime, virando uma sucessão de presentes acelerados. Diante de tantas informações que não conseguimos absorver, utilizamos o arquivo do computador para guardá-las, caso precisemos delas “algum dia”. São inúmeras pastas para o arquivamento de informações. No entanto, a memória artificial não garante ao indivíduo a possibilidade de exercitar a própria memória.

Se muitos acreditam que a memória artificial leva ao desaparecimento do arquivamento, já que ela permite a substituição do espaço físico, como as estantes e armários – onde se guardam as inúmeras “lembrancinhas”, folhetos, diários íntimos e cartas, pelo espaço virtual –, o computador, na verdade, possibilita a expansão dessa ilusão do arquivamento. Exatamente por ser um espaço virtual, ele permite a ilusão de se poder arquivar tudo, sem “ocupar espaço físico” e “sem perdas”.

Assim, o blog pode ser pensado como uma tentativa de arquivamento de si ou, ao contrário, é uma escrita do imediato, do fugidio e do efêmero? Há um privilégio do presente, dos fragmentos curtos e imediatos, com um conseqüente apagamento da “história” nesses diários virtuais?

Optamos por investigar essa relação com o tempo nos blogs a partir dois critérios: em primeiro lugar, pela presença do “passado” e do “futuro” na escrita dos blogs, e, em segundo lugar, pelo tempo de duração dos blogs.

Investigando essa relação com o tempo nos blogs comentados no capítulo anterior, foi possível constatar que: dos 50 autores de blogs, apenas seis fazem referências ao passado e quatro fazem referências ao futuro. A grande maioria dos autores escreve sobre a “adolescência”, sobre a atualidade. Com relação ao tempo de duração dos blogs, a grande maioria dos autores (70%) não escreve ali mais de um ano. O tempo médio de duração é de seis meses. Alguns têm curtíssima duração, com a escrita de dois ou três textos apenas (duração de dois ou três dias).

O blog é, portanto, um texto marcado pela instantaneidade. Os textos são, de uma maneira geral, curtos, breves, com muitos recursos visuais e de sons. Os blogs, em sua

maioria, não têm longa duração. Há um privilégio do tempo presente, dos fragmentos curtos e imediatos, com um consequente apagamento da “história” nesses diários virtuais.

Mas existem aqueles que se aproximam muito dos diários tradicionais em sua relação com o tempo, pois têm longa duração, os textos são densos e longos. Encontramos blogs com a duração de dois, três e quatro anos, ou seja, blogs que duram praticamente todo o período da adolescência. É possível observar que, ali, ao esforçar-se para distinguir sua própria história das temporalidades às quais está preso, o sujeito faz um esforço subjetivo de apropriação dessa história. A partir de uma escrita diária, busca tornar-se o autor e o protagonista de sua própria história. Como sublinha a autora do blog abaixo, ela não espera que “entrem em seu blog”, esse não é o seu propósito. Ironicamente, seu diário público é denominado por ela como “secreto diário”:

A primeira vez que eu vou blogar... bem nesse blog pretendo contar a minha vida mesmo quero q ser torne meu diario eu pretendo contar tudo o que acontece na minha vida...o que eu acho... não vou esperar que entrem pq esse não é o proposito... blz!!!!

http://secretodiario.zip.net/arch2006-09-24_2006-09-30.html

Vimos como a escrita tem uma importante relação com o espaço e com o tempo e refletimos sobre essa dimensão espaço-temporal no ciberespaço. Veremos agora como na adolescência existe uma relação particular com o espaço e com o tempo, e como essa relação aparece na sua escrita de um blog. Essa discussão nos levará a uma reflexão sobre a escrita de um texto “virtual” na adolescência, localizada entre o sonho e o despertar.

5.6. O adolescente no tempo e no espaço

No tempo do despertar pubertário, o sujeito sofre um despedaçamento de sua imagem corporal e precisa refazê-la. Da mesma forma, ele deve reorientar-se no tempo e no espaço.

Com relação ao espaço, o adolescente, ao sentir seu corpo transformar-se, começa a alterar também sua percepção do mundo e do espaço. Há a necessidade de reposicionar-

se em um mundo que é ampliado abruptamente. O espaço familiar passa a ser pequeno e as distâncias entre os locais de circulação são reduzidas. As fronteiras espaciais são diluídas e o sujeito passa a sentir a necessidade de circular mais livremente pelo espaço urbano. Nessa fase de transição do espaço familiar para o espaço social mais amplo, o jovem busca experimentar a dimensão exterior ao espaço familiar. O exercício de “sair de casa” é uma tentativa de separação dos agentes parentais. Passam a circular pelas ruas, em bandos, exercitando a liberdade fora do domínio parental e explorando os diversos espaços da cidade. O exterior passa a ser um lugar menos ameaçador do que o “interior”, espaço psíquico das fantasias e desejos “perigosos”. Assim, os jovens querem sair o tempo todo: para festas, barzinhos, fazer caminhadas “de aventura”, fogem da escola, de casa, vagando muitas vezes sem um destino específico, evitando o confronto com o “desconhecido interior” e experimentando a separação familiar.

A presença do adolescente no espaço urbano se dá muitas vezes de forma “evidente”. Ele busca “ser visto”, se destacar no grupo social. As roupas, o corpo, os adornos, a linguagem e os movimentos são frequentemente destacados e lançados ao olhar do outro. Há toda uma linguagem corporal que é dirigida ao Outro social. Através dessa presença tão “visível”, os jovens denunciam a invisibilidade do adolescente na sociedade, interpelando o Outro social. Se a sociedade não os reconhece como “adultos” e, portanto, responsáveis pelos próprios atos e capazes de produzir e oferecer a sua contribuição social, ela também não os reconhece como crianças, dependentes dos cuidados paternos e sociais. Enquanto os lugares sociais de criança e de adulto são bem definidos na nossa cultura, o lugar social do adolescente não é claramente delineado. As cobranças feitas aos adolescentes são contraditórias: ora são novos demais para terem liberdade e autonomia, ora são “grandes demais” para brincarem, demandarem cuidados e atenção. O adolescente é alguém que já tem o corpo de adulto, mas ainda não pode usufruir das condições dele. Até mesmo o acesso à vida sexual é impedido. A liberdade sexual é vista como “perigosa” e inconsequente. Assim, marginalizado pela sociedade, o adolescente se identifica com este lugar social marginal, confirmando sua condição de exterioridade, como vimos.

Existem, no entanto, aqueles jovens que evitam sair às ruas, se enclausuram dentro de seus quartos e, muitas vezes, se alienam no espaço virtual. Se o confronto com o espaço exterior é evitado (por diferentes motivos), o jovem adolescente hoje tem a chance de

“viajar pelo mundo” através de um aparelho de computador dentro de casa. Esses jovens, aparentemente tão próximos dos pais, distanciam-se totalmente deles, imersos na virtualidade. A dimensão espacial nesse universo é intensamente ampliada, oferecendo ao adolescente muito mais facilmente a chance de se deslocar para dimensões e lugares jamais imaginados. Os apelos dos pais, as chamadas telefônicas, a campainha, nada parece atingi-los, dada a “distância” em que se encontram. Eles abandonam o próprio corpo para imergirem numa viagem que lhes oferece as mais variadas possibilidades de satisfação. Transformam-se em heróis poderosos, guerreiros invencíveis, mulheres atraentes, fazem um milhão de amigos e namorados virtuais, circulam pelos ambientes “mais perigosos e proibidos”, experimentam diferentes identidades imaginárias, satisfazem suas pulsões exibicionistas, *voyeristas* e suas curiosidades mais mórbidas.

O ciberespaço expande a dimensão subjetiva imaginária, com todos os seus efeitos. O jovem adolescente, nesse momento de “passagem”, é facilmente capturado por esse universo fascinante de possibilidades e promessas. Mas, para além da dimensão alienante, o ciberespaço pode funcionar como um espaço de transição entre o familiar e o social. O adolescente está dentro de casa e ao mesmo tempo fora, estabelecendo contatos sociais, exercendo a liberdade da circulação fora do domínio dos pais, escrevendo suas próprias ideias e se preparando para o ingresso social. Nesse sentido, o espaço virtual pode propiciar a separação e não ser um espaço de alienação.

O adolescente também precisa situar-se no tempo. A velocidade das transformações pubertárias o convoca a uma rápida reorientação temporal. Atropelado pelo confronto com o real do sexo, o adolescente precisa rapidamente reapropriar-se de seu corpo e de seu espaço. Para fazê-lo, muitas vezes ele busca reter o fluxo temporal, colecionando imagens, fotos, pequenas lembranças, objetos, músicas e escrevendo suas ideias, experiências cotidianas, sensações e fantasias. Escrever diariamente oferece-lhes a ilusão da apreensão do tempo que passa tão rapidamente.

O ciberespaço expõe de forma intensa toda a ambivalência da dimensão temporal. O ciberespaço é o espaço por excelência da rapidez, da velocidade tecnológica, do imediato e do fluido. Nesse universo quase infinito de informações e imagens, o sujeito é convocado a fazer uma apreensão imediata desse excesso. Para isso, mais vale a quantidade do que a qualidade. O sujeito desliza pelas informações, sem se aprofundar

em nenhuma delas. A rapidez exige superficialidade. Paradoxalmente, o sujeito busca na memória do computador o “arquivamento” de suas ideias, pensamentos, imagens, para que não se percam. Diante da multiplicidade de informações e dados, as pastas do computador são recursos para o apoio à memória, para guardar aquilo que “pode” ser necessário algum dia. São várias as pastas que se multiplicam diariamente para arquivar aquilo que o fluxo temporal pode apagar.

Os adolescentes, nesse exercício de apreensão temporal, utilizam os blogs como um recurso para o “arquivamento” de fotos, lembranças, ideias, pensamentos e experiências cotidianas. Muitos afirmam que um dos motivos que os levam a escrever um blog é o desejo de “guardarem” as lembranças da adolescência, para não serem esquecidas. Há, portanto, uma tentativa de reter esse tempo da adolescência, tão fluido e instável.

A pesquisa que desenvolvemos possibilitou constatar que os adolescentes escrevem prioritariamente sobre o tempo presente. Seus escritos são breves, com curta duração, em sua grande maioria. Levantamos algumas hipóteses para explicar essa constatação. Primeiramente, a influência da cultura. Como vimos, o ciberespaço ilustra de forma contundente as características que ilustram a contemporaneidade: o imediatismo, o domínio da imagem, a velocidade das informações e a rapidez tecnológica. Os adolescentes circulam nesse espaço com grande velocidade e agilidade. A escrita no ciberespaço é superficial, rápida, abreviada, as frases são curtas, com muito apelo às imagens. Os blogs, portanto, apresentam todas essas características: frases curtas, palavras abreviadas, muitas imagens e sons. O tempo de duração de um blog é também curto, o texto é superficial, com pouco conteúdo. O adolescente “passa” brevemente pelo blog e, logo, perde o interesse por ele. Em segundo lugar, não seria o próprio tempo da adolescência tão rápido, marcado por tão grandes e rápidas transformações fisiológicas, que a escrita apresentaria exatamente esse caráter fluido e inconstante?

O despertar pulsional envolve um confronto com a brevidade da vida, com a morte. A insistência pulsional incessante é confrontada com a hiância que se abre na dimensão do saber, que, se por um lado, desperta a angústia adormecida na latência, por outro lado, abre possibilidades para o adolescente emergir como desejante. O real descoberto é, pois, o anúncio da morte e também o começo de algo singular, o que permite pensar a adolescência como o momento paradigmático da reatualização das relações possíveis

entre o significante e o gozo. O significante inaugural do sujeito é tanto a marca da morte que o sujeito recebe ao nascer, quanto apresenta a dimensão de insígnia que, na condição de semblante, recobre a dimensão do ser-para-a-morte. A psicanálise nos esclarece que o sujeito não é apenas resultado de uma operação de significação, mas, ao contrário, é antes o efeito de um vazio de significação, desse resto que não é absorvido pelo significante.

Na puberdade, o efeito traumático do confronto com o real do sexo aponta exatamente para esse vazio de significação, evidenciando a divisão do sujeito. Esse vazio faz apelo a um novo sentido. As pesquisas desenvolvidas com os blogs de adolescentes nos indicaram três modalidades de blogs, que serão aqui apresentadas brevemente, mas que serão discutidas no próximo capítulo.

Em primeiro lugar, identificamos aqueles em que existe um endereçamento a um outro, há uma busca de construção de sentido, mas os textos são curtos, fragmentários, logo são interrompidos. Não há a construção de um romance familiar que faz laço social. Em segundo lugar, os blogs se constituem como “pura escrita de gozo”, e não fazem laço social. Em terceiro lugar, o sujeito adolescente, endereça-se a um outro e, utilizando-se das coordenadas simbólicas de que dispõe, constrói o seu romance familiar. Nesse momento de vacilação das identificações, o inconsciente pode produzir novas significações, fornecendo ao sujeito a possibilidade de obter um novo saber, que se sustenta nessa cultura virtual.

5.7. O adolescente e a escrita no blog: entre o sonho e o despertar

A adolescência implica um confronto com o real do sexo, é um tempo lógico marcado por uma ruptura simbólica, que aponta para a impossibilidade do simbólico recobrir totalmente o real. A partir do processo de constituição subjetiva, sabemos que, como consequência da passagem do sujeito pelo Édipo, é instalada a função fálica. A função paterna possibilita a renúncia ao gozo fazendo emergir o significante como resposta ao enigma de sua existência; assim, pelo efeito do recalque, surgem as possibilidades do desejo. A adolescência é o momento paradigmático da reatualização das relações possíveis entre significante e gozo. Diante da pergunta: “Que sou eu?”, o sujeito busca

respostas através dos recursos simbólicos que possui. A escrita de um diário ou de um blog na adolescência pode ser uma tentativa de responder a esse enigma.

A puberdade leva o sujeito a relativizar os ideais parentais aos quais está alienado. A necessidade de contestar a palavra dos pais e sair do lar familiar rumo ao laço social leva o adolescente a buscar outras referências além das parentais, à exigência de uma nova construção identificatória. Os adolescentes lançam mão de algumas estratégias como forma de assegurar uma marca de identificação. Uma das estratégias buscadas pelos adolescentes contemporâneos é a tentativa de inserir-se no universo virtual, fazendo laços sociais e tentando “situar-se” dentro das possibilidades de ofertas de identificação que o ciberespaço oferece.

Buscando situar-se fora do espaço familiar e lançar-se no espaço público, o adolescente tenta um trabalho de separação. Nessa perspectiva, a escrita de um diário pode possibilitar o início de um trabalho de separação, permitindo ao adolescente ultrapassar a autoridade parental e inventar novas respostas, numa reorganização simbólica. O desligamento da autoridade dos pais exige do sujeito que se situe em relação à castração. Existe um endereçamento ao Outro simbólico nessa escrita no ciberespaço, que também pode ser pensada como uma tentativa de circunscrever um gozo. Esse gozo, que é desperto na puberdade, é da ordem de um real do corpo e exige do sujeito que o ordene, utilizando para isso das representações simbólicas e imaginárias que construiu ao longo da vida, ou seja, sua ficção de identificação e de objeto.

O adolescente, diante da sensação de fragmentação reforçada pela contemporaneidade, pode buscar no ciberespaço alcançar essa unidade do eu, tendo o espaço virtual como extensão do eu, alcançando uma identidade alienante. Se a sociedade caminha para uma marginalização cada vez maior do sujeito, sustentada, principalmente, pela própria tecnologia, a adolescência continua sendo um momento em que o sujeito procura situar-se na partilha dos sexos. Na adolescência a travessia pode ser mais rápida ou mais demorada, mas de uma maneira ou de outra o sujeito acaba chegando do outro lado do túnel.

Por que o ciberespaço é tão atraente para os adolescentes? A adolescência se configura como uma passagem, uma transição de um lugar ao outro. O adolescente é aquele que

está presente, mas fora da relação. Ele pode estar presente na família, mas se ausenta do contato. O espaço virtual, por sua vez, representa exatamente um lugar/não lugar. O ciberespaço pode ser tomado também como um lugar que, por ser virtual, é um lugar de espera, de transição, de deslocamento. Um lugar de todos e de ninguém. Lugar do desconhecido, de mudanças rápidas, do descontínuo.

Os paradoxos da adolescência estão também presentes no ciberespaço: o encontro entre o virtual e o real, o público e o privado, a interioridade e a exterioridade, o conhecido e o desconhecido. Nesse espaço de jovens por excelência, é possível encontrar seus pares, com os quais os adolescentes buscam uma identificação possível, quando as referências identificatórias hoje são tão precárias. Se o saber construído na infância para lidar com o real não mais se sustenta, a Internet (com o seu “excesso”) se oferece como podendo obturar essa falta, permitindo a ilusão de uma plenitude de satisfação, onde todo o conhecimento é possível, sem limites, incluindo a resposta sobre o seu “ser”.

A escrita de um diário “na rede” pode ser, portanto, uma forma de se fixar e se eternizar numa imagem, encobrendo a castração. Se a adolescência é um tempo onde é dado ao sujeito uma oportunidade de despertar, sabemos que nem sempre isto acontece. O que desperta o sujeito é o real de um gozo que rompe os recursos simbólicos construídos para lidar com ele:

A psicanálise nos alerta para a dificuldade do despertar. Quando dormimos e somos atingidos por algum estímulo que nos obrigaria a acordar, sonhamos para continuar dormindo. E, se durante o sonho algo irrompe e contraria seu trabalho de realização do desejo que mantém o sono, acordamos para continuar dormindo, embalados pela nossa realidade psíquica, que recobre com a fantasia o que provocaria o despertar. Nem sempre o encontro faltoso com o real que faz acordar, desperta. No entanto ele deixa a marca de um limite, que exigirá do sujeito uma resposta, mais cedo ou mais tarde (BARROS, 1996: 69).

Assim, a escrita nos *blogs* pode ser uma escrita não separadora, que visaria manter o sonho edipiano. Diante da irrupção do real na adolescência, o sujeito pode buscar resgatar a onipotência perdida através da experiência virtual. Segundo Lacan, a imagem especular encobre a falta-a-ser com o poder e o triunfo (imagem-rainha), tamponando as insuficiências do sujeito. Na ausência do encontro corpo a corpo, a tela do computador facilita a expansão das fantasias, do registro imaginário. O sujeito, ao escrever sobre si, não só busca construir um “novo eu” (que é sempre imaginário), como também pode

evitar ter que se haver com as frustrações inerentes ao encontro corpo a corpo. O encontro com o outro virtual pode ser um encontro não faltoso, onde a inconsistência do sujeito fica encoberta.

Manter-se sempre “conectado”, imerso em relações “virtuais”, seria, portanto, uma forma de se “desconectar” do mundo, como uma saída das relações sociais, para evitar os desajustes do gozo sexual. Nessa perspectiva, a “virtualidade” não promoveria a separação, ao contrário, manteria a continuidade dos “sonhos edipianos”, a esperança na “relação sexual”, a ilusão de não ter que fazer escolhas e se responsabilizar por elas, velando a angustiante questão da falta de um significante no Outro.

O encontro faltoso com o real implica uma escolha do sujeito: a renúncia ao gozo já perdido ou a tentativa de anular essa perda. É nesse momento que aparece a dimensão paradoxal da fantasia. Ela surge a partir da separação e, ao mesmo tempo, tenta encobrir o que a provocou. Podemos pensar que manter-se na “virtualidade” é buscar o adiamento que protege o sujeito das consequências da verificação da inexistência da relação sexual, a partir do encontro com o Outro sexo. Por outro lado, a inserção no “ciberespaço” pode ser uma tentativa de separação. Em busca de um lugar para existir, o sujeito pode encontrar na escrita do ciberespaço (no seu diário virtual, no MSN...) um ponto de ancoragem de uma referência significativa.

Se o adolescente é esse sujeito que escolhe sustentado na alienação ao Outro, mas inscrevendo, na relação com o Outro, a vertente da separação, o trabalho da adolescência se inscreve nesse trânsito entre a alienação e a separação. O ciberespaço pode ser tanto uma forma de não se haver com a separação como se configurar como um espaço não penetrável pelos pais, portanto, um lugar “separado” dos pais. Para além do apelo ao outro imaginário, existe o apelo ao Outro (simbólico). O endereçamento ao Outro simbólico aparece na exposição em um espaço público, na saída da intimidade dos grupos para o campo do Outro. Nessa escrita de si há também uma tentativa de transformação, de uma mutação do íntimo ao público, presente em qualquer diário.

Ao se apresentar em seu texto, o autor se esforça por conferir-lhe um caráter de identidade, numa tentativa de reconstrução racional de sua história, mas o ato da escrita envolve uma outra dimensão subjetiva, que escapa a essa tentativa de ordenação. O

adolescente, nesse segundo tempo do despertar sexual, é novamente abalado pelos enigmas humanos e impulsionado a responder sobre as questões sobre sua existência. Nessa tentativa, ele busca os recursos simbólicos e imaginários de que dispõe. Mas essa experiência escapa das amarras simbólicas e imaginárias e não permite ser nomeada. Há algo de incontornável na linguagem, a dimensão real.

Essa dimensão real no ciberespaço é apontada por Zizec (2006). Ele ressalta que o ciberespaço, como o imaginário pós-moderno digitalizado, deve ser considerado em sua ambiguidade. Para o autor, a visão celebrativa (gnóstica) do ciberespaço é a de um universo solto e impermeável ao real, no qual é possível manipular identidades e pôr as fantasias em prática. Mas ele ressalta que o ciberespaço é também o lugar onde nos aproximamos de nossos temores mais íntimos: obsessões fetichistas, mórbidas, o fascínio e a repugnância por certas práticas sexuais e sociais, uma associação insuportável com a alteridade, no sentido de se pensar que “eu poderia ser como eles”. Assim, há sempre a possibilidade do confronto com o excesso traumático, que também é inerente ao imaginário. É possível o encontro com “uma janela distante demais” que faça o sujeito fugir novamente para a realidade.

Dessa forma, manter-se sempre “conectado”, imerso em relações “virtuais”, pode ser uma forma do adolescente se “desconectar” do mundo, como uma saída das relações sociais, para evitar os desajustes do gozo sexual, mas o ciberespaço não lhe garante essa saída. Mesmo lá o adolescente pode ser confrontado com o real, o que lhe faria retornar à realidade.

O ciberespaço tem, portanto, um caráter radicalmente ambíguo. Ele tanto pode funcionar como meio de forclusão do real, de um espaço imaginário sem obstáculos, como pode ser um espaço em que é possível abordar o real, “cuja exclusão é constitutiva da experiência da realidade social” (ZIZEC, 2006: 125). Assim, ao constituir a “realidade social” buscamos excluir o real, porém a realidade em si é não toda. Há certa lacuna na realidade e a fantasia é o que preenche essa lacuna. A virtualização, segundo Zizec (2006), só é possível porque o real abre uma lacuna na realidade, que passa a ser preenchida pela virtualização.

O ciberespaço deve ser considerado, então, tanto um modo de escapar do real quanto uma forma de se deparar com ele. Tanto podemos ser capturados num movimento circular interno imaginário, como, nesse mesmo movimento circular, podemos nos deparar com o real, com a dimensão traumática foracuída de nossa realidade.

A dimensão real também pode ser identificada na relação do sujeito com o corpo. Por mais que o indivíduo se aprofunde na realidade virtual ele continua preso a um corpo, que envelhece, adocece, sente fome etc., do qual não se pode abstrair. Assim, Zizec (op. cit.) chama a atenção para o fato de que a transformação dos seres humanos em entidades virtuais é uma impossibilidade. O real é uma impossibilidade presente no próprio ciberespaço e é estritamente inerente a ele.

Em seus blogs, os adolescentes colocam suas fotos, imagens, cores, palavras, tentando construir nesse espaço um “eu ideal”, que cativa o olhar do outro e que alimente a ilusão de uma unidade imaginária, sem faltas. Mas mesmo nesse blog “tão fascinante” seu autor pode deixar escapar uma palavra que aponte um furo nessa imagem. Além disso, um leitor que esteja lendo esse blog pode deixar no espaço de comentários uma palavra ofensiva, agressiva, ou apenas dizer que não gostou do blog. Essa palavra pode ter um efeito de rompimento do ideal, de fratura do espelho, para o autor do blog. Porém nos interessa o que o sujeito pode construir a partir dessa quebra.

Podemos concluir que, mesmo na tentativa de adiar o encontro com o outro sexo, evitando o traumático desse encontro, o ciberespaço não garante ao sujeito essa fuga. No entanto, é frequente o adolescente permanecer “um bom tempo” preso nesse movimento circular interno imaginário da virtualidade, até que algo o desperte. Muitos blogs ilustram esse movimento circular fechado da virtualidade, que caracterizamos como uma “escrita de si para si”.

CAPÍTULO 6. O BLOG COMO UM SINTOMA ATUAL NA ADOLESCÊNCIA

6.1. Diário virtual: da escrita do romance à escrita de gozo?

Delícia

Olá, procuro você que esteja a fim de um papo bem gostoso, sensual, exótico, erótico e com muito tesão. Estou te esperando. Beijos nessa tua boca carnuda e molhada. http://gatom.blog.uol.com.br/arch2005-11-13_2005-11-19.html

Estamos na atualidade vivendo uma perversão generalizada, que se revelaria, por exemplo, através do exibicionismo da Internet (e dos blogs) e dos programas de televisão, como o *Big Brother*? Vivemos uma “ética sadeana”? Existiria alguma especificidade com relação aos modos de gozar na contemporaneidade? O blog nos revelaria uma mudança do diário, do romântico ao pulsional?

(P)reservar

Acordo de manhã quando possível,

Tiro a minha roupa sem me despir completamente

nem que seja pra me violentar numa cena de teatro,

nem que seja pra trepar com qualquer um,

para que minhas amigas não tão íntimas me chamem de puta em alto e bom tom,

Para que os diretores digam em alto e bom tom que sou uma puta atriz,

Me dizem que sou a libido personificada,

a personificação do paradoxo.

Personificação? se não me engano essa palavra é referente a palavra pessoa...

Abandono aquele sonho feliz de ser gente.

Um punhado de víceras sempre em horário de serviço

Um grotesco bolo de carne para fins mais ou menos sublimes.

http://semivirgem.zip.net/arch2007-11-11_2007-11-17.html

6.1.1. Existiria uma perversão generalizada na contemporaneidade?

Sabemos que os traços de perversão se impõem como condições de gozo, possibilitando a escolha dos objetos de satisfação dos seres falantes. Para Lacan, o desejo limita o gozo a partir da metáfora paterna. O neurótico defende-se da pulsão com o desejo, no entanto, a pulsão não é a perversão. É necessário diferenciar o gozo da perversão, a estrutura clínica do traço perverso, para se pensar, finalmente, na possibilidade de estarmos vivendo “uma perversão generalizada” na contemporaneidade. Para fazer esta reflexão, buscamos dois eixos norteadores: em primeiro lugar, as noções de gozo e perversão partindo da análise lacaniana de Kant com Sade, e, em segundo lugar, as incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozar contemporâneos.

A filosofia política do século XVII foi marcada pela tese de Hobbes: “o homem é o lobo do homem” (MILLER, 1997). Assim, precisava-se de um governo forte para permitir a convivência entre os homens. Necessitava-se de lei, já que existia uma agressividade fundamental do homem em relação ao outro. A lei passou a ser uma necessidade, um ponto exterior que controlava a agressividade humana. Acompanhamos, portanto, a relação entre o poder (externo) e a subjetividade.

No século XVIII observa-se uma mudança na filosofia política. A tese que caminhou no século XVIII foi a da filosofia das Luzes, o Iluminismo, a crença na bondade natural do homem. Segundo Miller (1997), foi essa tese que produziu a Revolução Francesa. “Se os homens são bons naturalmente, não necessitam de um governo forte para ser o mestre de todos” (1997: 170). Essa tese progressista foi encarnada por Jean-Jacques Rousseau. A bondade natural do homem levou a uma mudança de filosofia política e promoveu a luta contra o poder político da época. Essa filosofia aparece na literatura da época, que é, sobretudo, angelical. A suposição do século XVIII é que o homem só pode ter um bem-estar, um estado melhor, se ele for bom.

Depois da Revolução, a abordagem da literatura muda. Do Romantismo até Baudelaire, trata-se das *Flores do mal* (MILLER, 1997: 170). Os personagens são angustiados, maus, como Mefistófeles e Fausto de Goethe. Durante todo o século XIX há um crescimento do tema da “felicidade do mal”, que defende a ideia de que há uma

felicidade própria do mal. Isso quer dizer que o mal tem uma substância e que há certa felicidade e uma autonomia do mal. Existiria, pois, uma natureza humana “perversa”?

Essa é a concepção de homem que encontramos na teoria freudiana. Interessa a Freud não o bem-estar na civilização, mas o mal-estar, aquilo que impede a harmonia entre os homens. O sujeito na teoria psicanalítica é dividido, em conflito entre a moral e o gozo, não há nenhuma harmonização no ser humano. Essa divisão entre a moral e o gozo é ilustrada por Lacan a partir da leitura que ele faz das obras de Kant e de Sade. A *Filosofia na alcova* (1795) surge oito anos depois da *Crítica da razão prática* (1788) e, segundo Lacan (1998), a obra de Sade completa a obra de Kant. Ele diz ainda que a obra de Sade fornece a verdade da obra de Kant.

A busca da ética é a pergunta de Kant. Ele busca uma ética mais além da experiência, um sistema de moralidade pura, para ser referência à experiência. Ele busca “uma verdadeira universalidade”. A característica da ética kantiana é que não há objeto. Quando se trata de objeto, não se pode dar uma regra universal à ação humana. O princípio do prazer é a lei do bem, o bem-estar. Para Kant, “nenhum fenômeno pode prevalecer-se de uma relação constante com o prazer” (LACAN, 1998: 777). O bem é o objeto da lei moral. “Ele nos é apontado pela experiência que temos de ouvir dentro de nós ordens cujo imperativo se apresenta como categórico, ou seja, incondicional” (LACAN, 1998: 777). Esse bem se propõe a despeito de qualquer objeto que lhe imponha sua condição, por se opor a qualquer dos bens incertos que esses objetos possam trazer, numa equivalência de princípio, para se impor como superior por seu valor universal. “Assim seu peso só aparece por excluir, pulsão ou sentimento, tudo aquilo que o sujeito pode padecer em seu interesse por um objeto, o que por isso Kant designa como ‘patológico’” (LACAN, 1998: 778).

Lacan destaca o caráter subversivo do texto kantiano, pois Kant vai além dos objetos ofertados pela cultura, ele se opõe a qualquer bem que esses objetos possam trazer, defendendo uma posição de escutar apenas “esse imperativo” que se encontra dentro de nós. Lacan acrescenta que esse Bem Superior age como subtração de peso, ao subtrair o peso que se produz no efeito de amor-próprio que o sujeito sente como satisfação de seus prazeres, prazeres estes que se tornam menos respeitáveis diante do Bem. Lacan destaca que ao longo de toda a *Crítica da razão prática* o objeto se furta, “mas é

adivinhado pelo rastro deixado pela implacável sequência apresentada por Kant para demonstrar sua esquivia, e da qual o livro extrai seu erotismo, sem dúvida inocente, mas perceptível...” (LACAN, 1998: 779). Esse objeto é evidenciado na obra de Sade, como objeto fetiche. Miller (1997) comenta que o objeto escondido na *Crítica da razão prática* é o verdugo sadeano. Ele observa que na obra de Kant há uma separação entre o sujeito e sua dimensão patológica para obter o campo da ética sem objeto, o campo da ética pura. O objeto escondido é o objeto pequeno *a* da fantasia perversa. A separação que propõe a máxima kantiana não é possível senão com uma ação escondida desse objeto.

Ora, podemos então considerar que o objeto em Kant é definido negativamente, ele não é nomeável e se distingue dos objetos do afeto. Para se alcançar a Lei moral, o objeto deve ser extraído. Lacan observa o seguinte paradoxo: é no momento em que o sujeito já não tem diante de si objeto algum que ele encontra uma lei, “que é obtida de uma voz na consciência e que, ao se articular nela como máxima, propõe ali a ordem de uma razão puramente prática, ou vontade” (LACAN, 1998: 778). Para que essa máxima sirva de lei, é necessário que na experiência de tal razão ela seja aceita como universal por direito de lógica, ou seja, que ela valha para todos os casos. Mas como essa experiência é de razão, ainda que prática, ela só pode ter êxito em relação a máximas de um tipo que permita uma apreensão analítica em sua dedução. Lacan acrescenta que a Lei moral não é nada além da fenda do sujeito operada por qualquer intervenção do significante. Para ele, a máxima sadeana é, por se pronunciar pela boca do Outro, mais honesta do que o recurso à voz interior, já que desmascara a fenda, comumente escamoteada do sujeito.

Diferentemente de Kant, o objeto em Sade é desvelado, é o objeto fetiche e pode-se extrair dele toda a satisfação. A máxima sadeana é: “Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar” (LACAN, 1998: 780). Ou seja, de acordo com o imperativo sadeano, cada um tem o direito de gozar do corpo do outro sem sua permissão e até o limite que quiser (*Filosofia da alcova*). Sade fundamenta o império de seu princípio nos direitos do homem. “É pelo fato de que nenhum homem pode ser de outro propriedade, nem de algum modo seu apanágio, que não se pode disso fazer um pretexto para suspender o direito de todos de usufruírem

dele, cada qual a seu gosto” (LACAN, 1998: 782). É a liberdade do Outro que o discurso do direito ao gozo instaura como sujeito de sua enunciação.

Lacan observa que a problemática do direito de gozar aparece tanto em Sade quanto em Kant. Lacan nomeia como o paradoxo sadeano o fato de que o limite do seu capricho no uso do corpo do outro é morrer. Em contraste, o imperativo kantiano é moral e se encontra na *Crítica da razão prática*, na qual há uma frase-chave de Kant que faz com que ele apareça como o princípio maior da moralidade: “...preconceito incontrovertido de dois milênios, para recordar a atração que pré-ordena a criatura para seu bem” (MILLER, 1997: 177). Isso pressupõe que cada um quer o seu próprio bem. Lacan aproxima, portanto, o imperativo kantiano do imperativo sadeano.

Assim, Lacan destaca uma característica comum à perversão e à moralidade: haver algo mais do que bem-estar. A moralidade, por exemplo, implica sacrifício, e que pode levar o sujeito até a morrer por uma causa. Na perversão há também uma causa: a causa do desejo, que pode levar o sujeito para além do bem-estar. Lacan destaca que por trás da “aparente” falta de objeto em Kant, que defende a ideia de que existe uma “máxima universal”, esse objeto aparece de forma clara em Sade, o objeto fetiche.

A hipótese de Lacan é que, para compreender a máxima sadeana de gozar incondicionalmente, é preciso conceber Sade como kantiano. A única forma de conceber a ordem sadeana de gozar é interpretá-la como um imperativo categórico kantiano, que o impele a seguir, que é, para Lacan, o supereu obsceno. Por trás da aparente autonomia sadeana de gozar indefinidamente, existe um supereu obsceno que o impele a gozar. Em Kant, a ética se alicerça num bem supremo e o preço pago por ela é a dimensão obscena do supereu.

Assim, a fantasia sadeana é relacionada com o supereu. O supereu, na análise feita por Lacan em “Kant com Sade”, aparece como um ponto exterior, que manifesta a divisão do sujeito e impõe uma lei absurda, arbitrária, como um imperativo. Lacan (1997), no início de seu *Seminário 7*, discorre sobre o conceito de supereu a partir da obra freudiana. Ele questiona a gênese do supereu, mostrando que na obra de Freud seu esboço vai se elaborando, se aprofundando e se tornando mais complexo à medida que a obra de Freud vai avançando. Mostrando a impossibilidade de vincular o conceito de

supereu somente ao campo da necessidade social, Lacan demonstra sua relação com o significante e com a lei do discurso.

No final do *Seminário 7*, Lacan (1997: 371), retomando a discussão sobre o supereu, destaca que a interiorização da Lei nada tem a ver com a Lei. O supereu, mesmo servindo de apoio à consciência moral, nada tem a ver com ela no que se refere às suas exigências mais obrigatórias. O que ele exige nada tem a ver com o que teríamos o direito de constituir como a regra universal de nossa ação. O imperativo moral não se preocupa com o que se pode ou não se pode. É um *Tu debes* incondicional. O *Tu debes* de Kant é substituído facilmente pelo gozo erigido em imperativo na fantasia de Sade.

Existe um imperativo kantiano e um imperativo sadeano, que estão além da lei ou do prazer, como algo absoluto, uma lei absurda, implacável. É a lei feroz do supereu. Miller (1997) comenta que o supereu em “Kant com Sade” é uma instância que se manifesta como um ponto exterior, um ponto que manifesta a divisão do sujeito, que impõe uma lei absurda, que abarca a alma e o corpo humano. “Trata-se dos deveres absurdos que se impõem aos seres humanos, em sintomas e em suas fantasias” (MILLER, 1997: 191). A moralidade kantiana não é uma moralidade comum, não está no campo da lei, trata-se de um absoluto. Da mesma forma, há um imperativo sadeano que o impele a gozar até o extremo de seu capricho, para além do campo do prazer, trata-se de um absoluto.

A experiência moral não está limitada ao reconhecimento da função do supereu, figura obscena e feroz. Lacan questiona se o “eu” deve submeter-se ou não ao imperativo do supereu, paradoxal, mórbido e semi-inconsciente. Assim, Lacan introduz a discussão sobre a ética na psicanálise.

Lacan introduz a noção de ética para refletir sobre a ética da psicanálise. Mostrando que a ética em Aristóteles é a ética do caráter, da dinâmica dos hábitos, da educação, ele retoma Freud para destacar que a ética freudiana comporta o apagamento da dimensão do hábito e articula-se por meio de uma orientação do homem em relação ao real. Enquanto Aristóteles buscava a verdade em uma lei superior, a verdade da psicanálise é uma verdade particular. “A experiência de Freud instaura-se a partir da busca da

realidade que está em alguma parte dentro dele mesmo...” (LACAN, 1997: 38). A ação humana é percebida na dimensão ética na teoria freudiana.

O conflito, como consequência da divisão do sujeito, se encontra desde o início como ordem moral. O problema do conflito se coloca no interior de toda elaboração moral. A mais profunda experiência moral encontra-se nessa divisão, de um lado, “a busca de uma qualidade arcaica, diria quase regressiva, de prazer indefinível, que anima toda a tendência inconsciente, e, do outro lado, o que pode haver nisso de realizável e de satisfatório no sentido mais completo, no sentido moral como tal” (LACAN, 1997: 57). Podemos dizer, portanto, que as exigências éticas não são contemporâneas.

Freud identifica o incesto com o desejo mais fundamental e a lei fundamental seria a sua interdição. É na ordem da cultura que a lei se exerce. A interdição do incesto é a condição para que subsista a falta. A função do pai é fundamental para que ocorra a interdição do incesto e a interiorização da lei. Mas Lacan diferencia o Ideal do Eu do Supereu. A tese de Lacan é de que “a lei moral se articula com a visada do real como tal, do real na medida em que ele pode ser a garantia da Coisa” (LACAN, 1997: 97). Essa Coisa situa-se no para além do princípio do prazer, é exatamente o real enquanto padece do significante, mas o real aqui ainda era um conceito em elaboração por Lacan. Nos seminários anteriores, o real era confundido com a realidade. Neste *Seminário 7*, Lacan introduz o *Das Ding* como o real, o primeiro exterior ao campo simbólico. O simbólico funciona como defesa em relação ao *Das Ding*.

Lacan conclui que a ética na psicanálise é a de não ceder de seu desejo. “Se a análise tem um sentido, o desejo nada mais é do que aquilo que suporta o inconsciente, a articulação própria do que faz com que nos enraizemos num destino particular, o qual exige com insistência que a dívida seja paga, e ele torna a voltar, retorna e nos traz sempre de volta para uma certa trilha, para a trilha do que é propriamente nosso afazer” (LACAN, 1997: 383). Para Lacan não há outro bem senão o que pode servir para pagar o preço do acesso ao desejo. Esse preço que se paga, ou essa alguma coisa que se paga para ter acesso ao desejo, é o gozo. “Eis o objeto, o bem, que se paga pela satisfação do desejo” (p.386).

O que merece uma observação, de imediato, é que Lacan quer destacar a ética psicanalítica, que inclui o real. Não existe uma verdade universal, a verdade da psicanálise é sempre uma verdade singular. A máxima kantiana de um bem supremo, universal, esconde o objeto, que aparece na fantasia perversa.

Nosso questionamento inicial, que nos levou a realizar esse percurso em Lacan, deve então ser retomado. Perguntávamos originalmente sobre a existência de uma perversão generalizada na contemporaneidade. Ora, o que parece relevante, a partir dessa leitura de Lacan do *Seminário 7*, é destacar a existência de uma dimensão que vai além do princípio do prazer na natureza humana. O sujeito na teoria psicanalítica é dividido, em conflito entre a moral e o gozo, não há nenhuma harmonização no ser humano. Para se ter acesso ao desejo, é necessário abrir mão do gozo. Mas podemos dizer que existe na contemporaneidade um imperativo do gozo? Vamos então continuar nosso percurso na obra lacaniana que permite distinguir melhor desejo e gozo, situando-os na neurose e na perversão, para que possamos chegar à discussão sobre a dimensão de gozo na contemporaneidade.

Qual o estatuto de gozo na teoria lacaniana?¹ No *seminário 7* de Lacan, o gozo está articulado à pulsão de morte, ao real. As fantasias de Sade são relacionadas com a perversão. O estatuto do desejo na perversão não é semelhante ao estatuto do desejo na neurose. É na perversão que o desejo merece a nomeação de vontade de gozo. No perverso existe não o desejo, mas a vontade de gozo. O gozo é esse excesso que está mais do lado da pulsão de morte, segundo Miller (1997). Enquanto o prazer visa à redução da tensão, o gozo visa ao mais da tensão. A fantasia permite ir além do prazer, até o gozo. Permite atravessar esse obstáculo do prazer e os limites do prazer. A fantasia sadeana vai mais além do prazer, chega até a dor.

¹ Miller (2000) destaca seis paradigmas do gozo na teoria de Lacan. Muito resumidamente, relacionando o gozo com os três registros da realidade psíquica, podemos dizer que no primeiro há uma imaginarização do gozo. O gozo diz respeito ao eu. No segundo paradigma, há a significantização do gozo, a pulsão é transcrita em termos simbólicos, sendo que o simbólico sobrepõe-se ao imaginário. No *seminário 7*, surge o gozo como impossível. O gozo é da ordem do real. Há uma profunda disjunção entre o significante e o gozo. No quarto paradigma (*Seminário 11*), o gozo deixa de ter um caráter absoluto e maciço e passa a ser fragmentado, distribuído nos objetos *a*. Existe uma nova aliança entre o simbólico e o gozo. No quinto paradigma o gozo é incluído no discurso (*Seminário 17*). O significante é o aparelho de gozo. O sexto paradigma é orientado pela não-relação sexual (*Seminário 20*). O gozo surge como o gozo do corpo vivo, disjunto do Outro. É um gozo solitário, do próprio corpo, o gozo Uno.

Ocorre, portanto, uma íntima relação entre a neurose e a perversão. Essa proximidade se dá pela noção de gozo. Mas, enquanto o neurótico recupera o gozo pela fantasia, o perverso considera-se como um sujeito que “sabe” a verdade do gozo. O neurótico recusa a fantasia e ele “não sabe” do seu desejo. Para o perverso, ele já sabe o que deseja; para ele o desejo não é uma pergunta, é uma resposta. Segundo Miller (1997), a fantasia é alimentada pela substância do gozo. Contudo, “esse saber sobre a verdade do gozo” do perverso não implica o reconhecimento de sua divisão, ao contrário. A manobra da fantasia perversa é recusar a divisão do sujeito em si, para fazê-la surgir no Outro. Nas fantasias sadeanas existe certa “estática”, certa repetição ou monotonia, pois, apesar das variações nas fantasias, há uma mesma base, invariável, que pode ser reduzida numa fundamental. O paradoxo da fantasia em Sade é que o sujeito (dividido) aparece do lado da vítima, e não de quem produz a fantasia. Produzir a angústia no parceiro é produzir nele a manifestação de sua falta. O perverso não tem nada a ver com a castração. Em Sade, não se trata de usar o parceiro como objeto, ao contrário, trata-se, na sua fantasia, do parceiro como um sujeito. Fazer dor ao sujeito é a sua maneira de obter o ponto puro do sujeito, de imputar-lhe a castração.

Os conceitos de gozo e real são aprofundados nas obras posteriores de Lacan. Se, nesse tempo de sua formulação teórica, a “Coisa” é inatingível, é exterior ao campo da significação, o sujeito só tem a ilusão de tocá-la via fantasia. É enquanto recalcado que a Coisa se inscreve na cadeia significante. A “Coisa” passa gradativamente a ser tomada na obra lacaniana sob a forma das “espécies da Coisa”, que se transformam em objetos *a*.

Ao formalizar a fórmula da fantasia como $\$ \diamond a$, Lacan faz uma aproximação do sujeito, representado no campo significante, com o objeto, enquanto real. O gozo passa a ser resto da cadeia significante, um resíduo, um resto como impossível de ser apreendido pelo simbólico. A via para o acesso ao desejo é abrir mão do gozo, submetendo-o à castração, como destaca Lacan no *Seminário 7*. O gozo sem lei, ao se sujeitar à lei, ao Nome-do-Pai, deixa um resto não absorvível pelo simbólico.

No *Seminário 11*, Lacan sublinha que “a pulsão não é a perversão” (LACAN, 1993: 172). A pulsão não determina a estrutura clínica, mas a posição do sujeito em relação às modalidades de gozar. O que define a perversão é o modo pelo qual o sujeito aí se

coloca. A pulsão introduzida no campo das representações determina gramaticalmente o lugar do sujeito nas coordenadas do gozo. O objeto escolhido pela pulsão conserva sempre o caráter de fetiche, pois ocupa o lugar daquilo que o sujeito está simbolicamente privado.

Vivemos numa sociedade escópica. A diferenciação entre olhar e visão é o que permitiu a Lacan juntar a pulsão escópica à lista das pulsões e possibilitou também pensar o gozo na sociedade escópica. Ao abordar o objeto olhar, Lacan (1993) destaca o caráter ambíguo da pulsão escópica. Ele diferencia visão e olhar, identificando o olhar com o objeto. O olhar é o objeto *a* no lugar do Outro. Na experiência especular existe um ponto cego, uma parte faltante, que corresponde ao que do registro real não é especularizável. O olhar é esse objeto perdido, e repentinamente encontrado, na conflagração da vergonha, pela introdução do outro. Em nossa relação às coisas, tal como constituída pela visão, algo escapa, passa, se transmite de piso a piso, para ser sempre em certo grau elidido, é isso o olhar. Lacan diferencia o olhar ou o escópico (real) da visão ou do especular (imaginário). A dimensão escópica, apesar de não poder ser vista, dá razão àquilo que se vê (especular).

Para Lacan, o segredo do fascínio pela imagem é o encobrimento da falta e, também, o encobrimento do objeto (olhar). Esse olhar como objeto *a* é encoberto pela imagem e apagado pela visão. Esse é o segredo da beleza, do prazer e do horror da imagem. Ele acrescenta que, de maneira geral, a relação do olhar com o que queremos ver é uma relação de logro. “O sujeito se apresenta como o que ele não é e o que se dá para ver não é o que ele quer ver. É por isso que o olho pode funcionar como objeto *a*, quer dizer, no nível da falta (- ϕ)” (LACAN, 1993: 102).

Lacan ressalta que o que o sujeito procura ver é o objeto enquanto ausência. O que o *voyeur* procura e acha é apenas uma sombra. É aí que ele vai fantasiar. O que ele procura não é o falo, mas sua ausência. “O que se olha é aquilo que não se pode ver” (LACAN, 1993: 173). Lacan destaca o circuito pulsional no texto freudiano para ilustrar que a estrutura da pulsão só se completa verdadeiramente na sua forma invertida, no seu retorno. No momento do ato do *voyeur* o sujeito só se situa no atingimento do fecho. Quanto ao objeto, o fecho dá a volta em torno dele, e é com ele que, na perversão, o alvo é atingido. No exibicionismo, o que é visado pelo sujeito é o que se realiza no

outro. Não é só a vítima que é visada, mas a vítima enquanto referida a algum outro que olha.

Ora, para que se possa compreender melhor o conceito de objeto, Lacan, ainda no *Seminário 11*, retoma a noção de traço unário, o núcleo do ideal do eu, para diferenciá-lo do objeto *a*, marcando uma distinção entre eles na função da identificação. Ele situa o traço unário no campo do desejo, constituindo-se no reino do significante, no nível em que há relação do sujeito ao Outro. É no campo do Outro que se determina a função do traço unário. Mas Lacan destaca uma outra função que institui uma identificação de natureza singularmente de ordem diferente, e que é introduzida pelo processo de separação. É pelo objeto *a* que o sujeito se separa, deixa de estar ligado à vacilação do seu ser, ao sentido que constitui o essencial da alienação.

É no *Seminário 11* que Lacan começa a introduzir o conceito de inconsciente como modalidade de gozo. O inconsciente, até então, era apresentado como estruturado como uma linguagem. Lacan postula no *Seminário 11* que, para avançar em suas discussões, ele encontra-se numa posição problemática, que é a de redefinir esse conceito de inconsciente. “E, contudo, esse ensino teve, em sua visada, um fim que qualifiquei de transferencial... Vamos ao fato. A realidade do inconsciente é – verdade insustentável – a realidade sexual” (LACAN, 1993: 143). Depois Lacan apresenta uma versão do inconsciente que funciona como a pulsão, num movimento de abrir e fechar: “Vocês compreendem igualmente que, se lhes falei do inconsciente como do que se abre e fecha, é que sua essência é de marcar esse tempo pelo qual, por nascer com o significante, o sujeito nasce dividido” (p.188). Essa noção de inconsciente é muito mais corpo pulsional do que linguagem. É um inconsciente como modalidade de gozo pulsional.

A discussão sobre o gozo e a perversão é retomada no *Seminário 16*, por Lacan (2008). Ele ressalta que a relação do mais-de-gozar com a mais-valia gira em torno do objeto *a*. O objeto *a* é efeito do discurso analítico. Lacan afirma que a função do gozo é uma relação com o corpo. Todo o nosso acesso ao gozo é comandado pela topologia do sujeito. O sujeito cria a estrutura do gozo, mas tudo o que consegue são práticas de recuperação. O que o sujeito recupera não tem a ver com o gozo, mas com a sua perda. Assim, Lacan diferencia o mais-de-gozar do gozo. O mais-de-gozar corresponde à perda do gozo.

O gozo é, portanto, relacionado com a repetição. Retomando a noção de traço unário, Lacan (2008) mostra a sua relação com a repetição: “...nesse traço unário reside o essencial do efeito do que, para nós, analistas, no campo em que lidamos com o sujeito, chama-se repetição” (LACAN, 2008: 119). O objeto perdido é almejado, num esforço de reencontro, de revivência do gozo, e ele só pode ser reconhecido pelo efeito da marca instaurada pelo traço unário. No entanto, “a própria marca introduz no gozo a alteração da qual resulta a perda” (p.119). Lacan esclarece que a nossa experiência na análise confronta-nos a todo instante com a perda, que não é imaginária, narcísica, mas simbólica. Esse efeito simbólico inscreve-se no vazio que se produz entre o corpo e seu gozo, na medida em que é a incidência do significante, do traço unário, que o determina.

Há uma relação entre o objeto perdido, objeto *a*, e o lugar chamado Outro. O traço unário seria o campo completado do Outro, e o objeto *a*, a falta recebida do Outro. Lacan explica o gozo masoquista como um gozo analógico. “Nele, o sujeito assume analogicamente a posição de perda, de resto, representada pelo *a* no nível do mais-de-gozar” (LACAN, 2008: 132). Em seu esforço para constituir o Outro, o sujeito joga com a proporção que se furta, aproximando-se do gozo pelo caminho do mais-de-gozar. Assim, Lacan postula que a perda que visamos, que está no horizonte do nosso discurso, aquela que constitui o mais-de-gozar, é apenas um efeito da postulação do traço unário. O objeto *a* é o que está em causa, o que faz com que todos estejamos em um discurso qualquer. Relacionando o Um com a perda do objeto, Lacan postula:

...Um, na medida em que, uma vez repetido, ele prolifera, visto que só é posto ali para tentar a repetição do gozo, para reencontrá-lo no que ele já fugiu. Aquilo que não era marcado na origem, o primeiro Um, inscrito para encontrá-lo, já o altera, uma vez que na origem isso não era marcado. Ele já se coloca, portanto, na fundação de uma diferença que não constitui como tal, mas na medida em que a produz (2008, p.151).

Ao discutir a clínica da perversão, Lacan ressalta que o sujeito é efeito do simbólico no real (p.244). Ele retoma o lugar do Outro a partir da fórmula $S(\bar{A})$, para postular que o lugar do Outro como esvaziado de gozo não é apenas um lugar desobstruído, mas algo que por si só se estrutura pela incidência significativa. É isso que introduz nele essa falta. Nesse momento ele retoma as pulsões escopofílica e sadomasoquista para discutir a perversão. Ele mostra como, diferente do que normalmente se afirma, o perverso não é

aquele que sente desprezo pelo outro. O perverso é aquele que se consagra a tapar o buraco do Outro, ele defende a existência do Outro.

Para Lacan, o neurótico sonha com a perversão para sustentar o desejo (2008: 247). Mas, diferentemente do perverso, o neurótico quer ser o Um no campo do Outro. É no nível do narcisismo secundário que se apresenta o problema do objeto *a* para o neurótico. O neurótico visa a uma relação não de suplemento, mas de complemento no Um. Para ele, trata-se da impossibilidade de fazer o objeto *a* entrar novamente no plano imaginário, em conjunção com a imagem narcísica. O neurótico está fadado ao fracasso da sublimação.

O importante a recuperar para a nossa reflexão é que, a partir da discussão sobre a perversão, Lacan chega à estrutura das pulsões, mostrando que elas revelam que um furo topológico pode fixar, por si só, toda uma conduta subjetiva. A pulsão, portanto, não é a perversão, enquanto estrutura clínica. Existe sempre uma dimensão de gozo que escapa às determinações simbólicas. O gozo sem lei, ao se sujeitar à lei, ao Nome-do-Pai, deixa um resto não absorvível pelo simbólico.

No *Seminário 20*, Lacan reelabora o conceito de gozo, agora não mais partindo da supremacia do simbólico, mas do real. O real passa a ser irredutível, apresentando uma autonomia com relação ao simbólico. A dimensão do corpo é retomada na relação com o gozo: “Propriedade do corpo vivo, sem dúvida, mas nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo, isso se goza” (LACAN, 1985: 35). Gozar tem esta propriedade fundamental de ser o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro, que o Outro o simboliza, como ilustra Sade. Lacan então diferencia o gozo fálico do gozo da Mulher, ou o não-todo. O gozo fálico, que Lacan nomeia como o gozo do homem, é diferente do gozo da Mulher, enquanto aquele que não é submetido à cadeia significante.

No seminário *RSI* (1974-75) Lacan apresenta o desenho do nó com os três gozos: fálico, gozo do sentido e gozo do Outro, os registros Real, Simbólico e Imaginário e as manifestações clínicas: inibição, angústia e sintoma. O Gozo do Outro está localizado entre R e I; o Gozo do sentido, entre I e S; e o Gozo fálico, entre S e R. Um registro “fura” o outro, criando uma espécie de argola, por onde o gozo se inscreve. Lacan

associa o Imaginário à consistência, o Simbólico ao furo e o Real à existência. A existência articula os três registros da subjetividade humana pela via dos gozos. O gozo fálico é o gozo do Um. Ele não se relaciona com o corpo da mulher enquanto tal. O gozo sexual se desnuda como fálico a partir da inscrição do Nome-do-Pai, quando corpo e gozo se aparelham pelo fio do significante fálico, sem fazer relação. O gozo do Outro se situa para além do gozo fálico, fora da linguagem, fora da dependência da palavra. Ele só pode ser suposto, é mítico por definição. Já o gozo do sentido vem no lugar do gozo que conviria à relação sexual, o gozo do Outro, se ele existisse. Mas existe ainda o Outro gozo. Ele é da ordem do infinito, ele é suplementar, tem valor de excedente de gozo. Ele é gozo real. Esse é o gozo da Mulher. O sujeito mulher é não-toda submetida ao simbólico porque esse gozo Outro lhe é correlacionado. A mulher passa a ser um dos nomes do Outro como lugar do impossível.

Essa retomada de Lacan permite estabelecer alguns pontos fundamentais para a nossa discussão. Vimos como Lacan apresenta o gozo, no *Seminário 7*, como transgressão, prazer sexual no corpo, sendo um componente estrutural do sujeito. No *Seminário 20*, surge a não-relação sexual, a ausência de um significante sexual. No campo masculino o gozo é definido como gozo fálico e no campo feminino há o gozo fálico e o gozo suplementar, como Outro gozo. O gozo fálico nos mostra como o simbólico é também parasitado pelo gozo. O falo é o índice de gozo, é o significante do gozo. O inconsciente deixa de estar definido a partir da palavra para estar definido pela função do escrito. A escritura é disjunta da palavra. A definição de inconsciente passa a ser de um saber cifrado. Mas, existe um elemento não cifrável: a relação sexual. A relação sexual está fora do campo simbólico, é impossível de cifrar. Em seu lugar aparece a cifra fálica. O inconsciente é o que se lê, é da ordem do que se escreve. O inconsciente freudiano é a gramática, que se revela na linguagem com a escritura. “A escrita, então, é um traço onde se lê um efeito de linguagem” (LACAN, 1985: 164). A escritura oferece o acesso direto ao gozo.

Como nos adverte Lacan (1971), a letra é consequência do significante. Ela se destaca no momento em que cai como literalidade que vivifica o falasser. O sulco escavado é o receptáculo que acolhe o gozo, por onde ele se aloja e escorre. A chuva de linguagem faz escrita de gozo.

O gozo ex-siste como resposta real do sujeito. Existe sempre um excesso, que não se submete à cadeia significante, e um modo do sujeito presentificar esse excesso. Ele está escrito. Há uma escrita de gozo, uma marca de gozo, que resiste e é irreduzível ao simbólico. Dá-se uma impossibilidade estrutural de absorver esse excesso. O conceito de gozo, abordado nos textos de Lacan como estrutural, transgressão, excedente, resto ou impossível, é tanto um obstáculo quanto aquilo que impulsiona o sujeito, o coloca em marcha.

Podemos concluir que essa marca de gozo que resiste, esse modo do sujeito presentificar esse excesso, se inscreve e se atualiza nos “traços de perversão”, localizáveis nos sintomas, fantasias e nas condutas sexuais dos neuróticos. Esses traços de perversão diferenciam-se da estrutura clínica perversa. Não se trata do desmentido da castração que define a estrutura perversa, mas de traços de perversão. Há algo do gozo que se deixa escapar, para além do gozo fálico, que remete à dimensão da letra.

A discussão sobre uma possível “perversão generalizada” na contemporaneidade não pode se basear, portanto, na estrutura clínica perversa, mas nos traços de perversão, ou nas incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozar contemporâneos. Em que o discurso capitalista favorece essa irrupção de gozo, podendo até levar a uma perversão generalizada na contemporaneidade? Faremos essa discussão a seguir.

6.1.2. As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos: a “escrita de gozo” nos blogs de adolescentes

Os blogs revelam traços de perversão que implicam modos de gozar contemporâneos. Existem blogs em que seus autores fazem uma exposição pública de fotos insinuantes ou de nudez explícita. Alguns textos são completamente ofensivos, agressivos ou autoagressivos, nos quais seus autores revelam um grande ódio pela vida, pelas pessoas ou mostram uma escrita “sem véus”, onde o sexo é totalmente “desvelado”, em sua forma mais “crua”. Muitos apresentam letras, palavras, códigos ou frases soltas, recortes de imagens e cores sem uma ordenação ou coerência. São textos de fragmentos, da ordem do “sem-sentido”. Poderíamos dizer que são escritas de gozo?

Vivemos o declínio da função do pai. O que isto significa? Retomaremos brevemente o conceito de pai na psicanálise para poder situar esse declínio da função do pai. Existem diferentes versões do pai nos textos de Lacan.

Em primeiro lugar, Lacan introduz a noção de Nome-do-Pai como sustentação da ordem simbólica. O pai é o significante da lei, portador do interdito. Essa concepção inicial está apoiada na teoria freudiana do Complexo de Édipo, que estabelece o pai como fundamento do laço social reduzido a um símbolo, na condição de pai morto. A operação da metáfora paterna substitui a dimensão do desejo materno pela dimensão da lei paterna, introduzindo uma nova significação no mundo simbólico do sujeito. O pai é agente do “recalcamento” do gozo da mãe, abrindo a possibilidade da sublimação. Nesse primeiro momento do ensino de Lacan, a metáfora paterna traduz a subordinação do imaginário, campo da relação erótico-agressiva, ao simbólico, campo da relação da palavra. A operatividade do pai depende da anulação de sua própria condição de ser vivo, atingindo o *status* de função simbólica, reduzida a um Nome.

Nos seminários *A relação de objeto* e *As formações do inconsciente*, Lacan introduz a noção de um pai não só que proíbe o desejo do filho ou que o priva de sua mãe, mas a de um pai que permite e dá. O pai real é marcado como aquele que tem o falo e como aquele que o dá, que será decisivo para a identificação do filho à sua posição sexuada. A presença do pai surge como aquela que causa impacto no desejo da mãe, enquanto mulher. Assim, temos duas versões do pai: o pai que intervém simbolicamente e o pai de direito, o que intervém como pai real na relação. O pai não aparece como aquele que opõe o desejo à lei, mas, ao contrário, aquele que une o desejo à lei. Há um enlace entre o interdito e o desejo.

O percurso do ensino de Lacan sobre a questão do pai pode ser identificado como promovendo um deslocamento do simbólico para o real. A noção de Nome-do-Pai passa a ser designada como uma função de nó, que múltiplos substantivos, inclusive o próprio pai, podem desempenhar. No lugar de um significante primeiro que garantia o conjunto do significante e fundava uma ordem necessária, surge uma “fundação” contingente, encarnada na diversidade dos significantes mestres. Há um deslocamento do pai, de seu valor universal, para aquilo que se excetua no universal, daquilo que na lei, não é ditado pela lei. O *status* do Nome-do-Pai muda, pois, a partir do momento em que o lugar do

Outro, enquanto fundamento e garantia, evidencia-se como impossível. O Nome-do-Pai deixa de ser idêntico ao Outro, para tornar-se apenas uma máscara, que vela a sua inconsistência. Se há vários Nomes-do-Pai é porque nenhum deles é o Nome-do-Pai, nada corresponde ao nome próprio, todos são apenas semelhantes. Mas, dessa pluralidade, o pai transmite uma função de exceção, uma versão da causa do desejo, pois o pai é tomado na particularidade de seu desejo. A escolha de um gozo e não de outro, daquele que é causa do desejo por uma mulher, é portanto decisiva para que a função de exceção se torne modelo.

De Lei e fundamento universal, para uma multiplicidade de suplentes, como roupagens do objeto *a*. Do pai inicial, morto e reduzido a um símbolo, a um pai vivo. Da unicidade à multiplicidade de exceções à lei. Da universalidade à particularidade do objeto *a* que um homem retira do corpo de uma mulher. Surge, a partir do desejo do pai, da versão “pai” do gozo, a “pai-versão”: única garantia de sua função de pai, que é a função de sintoma.

Nessa perspectiva, ao considerar o declínio do pai, não estamos abordando apenas a dissolução progressiva dos papéis tradicionais da autoridade na nossa sociedade. O declínio do pai diz respeito a uma mudança no próprio estatuto de pai, que, da noção de ordem simbólica e do portador do interdito, desloca-se para uma multiplicidade de nomes que fazem suporte à sua função, tornando-se apenas um artifício, uma suplência da não-relação sexual.

Acompanhamos o declínio da função do pai desde a modernidade. A modernidade, com o advento e o desenvolvimento da ciência, promoveu uma separação entre o Estado e a religião. O Deus da Antiguidade e da Idade Média, que sustentava certa coesão entre os domínios econômico, social, político e religioso, declinou no mundo moderno. Se o discurso religioso era até então hegemônico, integrando os domínios da vida pública e privada, o advento da modernidade fez declinar a religião desse lugar central e ela passou a ser assunto da consciência privada.

Os representantes no poder não se autorizam da palavra de Deus e não apresentam uma verdade única, plena. Eles não fundam a verdade. De acordo com Santos (2006), eles não têm autoridade simbólica e, a partir de então, esses representantes paternos estão

marcados pela impotência. O pai da modernidade é, por definição, alguém que não está à altura da sua função. Santos comenta que esse novo regime de discurso, o discurso da ciência, que exige que o sujeito faça valer a verdade pela argumentação e demonstração, retirando dele a potência de emitir o significante enquanto fundador de uma verdade oracular, demonstra a função paterna como uma função esvaziada do objeto *a*. Mas, segundo Santos (2006), Freud descobre que há um regime de discurso onde essa potência paterna retorna. O discurso do inconsciente faz valer o Nome-do-Pai com sua potência ordenadora e fundadora da verdade. Como dizia Lévi-Strauss, o mito do Complexo de Édipo é o último grande mito que a ciência abriga e que traz de volta o pai com valor divino, oracular, à margem do discurso da ciência que o recalçou. Mas, como bem salienta Santos (2006), o valor do pai de família não excede o domínio familiar, pois sua potência ou palavra está limitada a um novo regime discursivo, entre os vários regimes discursivos da ciência. Mesmo tendo potência no nível inconsciente, ela não é assegurada ou validada nas demais instâncias sociais. Assim, como destaca Santos (2006), na contemporaneidade, o poder não tem poder.

De acordo com Miller (1998), o reino do Nome-do-Pai é o domínio freudiano. Lacan consagra a inexistência do Outro. Lacan inicialmente formula essa inexistência através do matema $S(A)$, significante do Outro barrado, que posteriormente vai culminar na formulação pluralista dos Nomes-do-Pai. Inaugura-se a época da errância, a psicanálise da época dos “não-tolos”. Miller aponta que eles não são mais nem menos tolos quanto ao Nome-do-Pai, quanto à existência do Outro. Eles sabem explicita ou implicitamente, desconhecendo-o, mas sabem que o Outro não é senão semblante. Inaugura-se, portanto, a época em que tudo não é senão semblante. Nesse ritmo acelerado contemporâneo, há uma desmaterialização vertiginosa, época em que o sentido do real tornou-se uma questão.

Há uma crise do real, segundo Miller (1998). A imersão do sujeito contemporâneo nos semblantes faz do real uma questão para todos. Uma questão que se desenha sobre fundo de angústia. Ele destaca a inversão paradoxal do discurso da ciência. Desde a idade clássica o discurso da ciência tem fixado o sentido do real para a civilização. O mundo dos semblantes, resultado do próprio discurso da ciência, tem levado à destruição da fixação do real.

Miller denuncia o surgimento de uma civilização “no singular”, de hegemonia científica e capitalista, de ascendência totalitária, que se designa como globalização. “Essa globalização acarreta, atravessa, fatura e mesmo, talvez, já fusione as civilizações” (MILLER, 1998: 7). *Como ser francês?* Miller reflete sobre essa interrogação que atravessa todo um povo, levando-o a uma depressão coletiva, numa época em que os ideais universalistas, alicerçados sobre certezas identificatórias milenares, são desmentidos pela atual globalização. Ele observa que a subjetividade contemporânea é arrastada, cativada e enrolada num movimento que a submerge numa escala industrial com semblantes produzidos de forma cada vez mais acelerada. O simbólico, longe da condição de perfurar o imaginário, é escravizado ou funciona em continuidade com o imaginário. O simbólico se submete à imagem.

A ascensão da imagem na contemporaneidade relaciona-se diretamente com a lógica transformista e transitória da realidade. Nessa cultura imediatista, o adiamento da satisfação torna-se insuportável, assim como qualquer ideia de trajeto, necessária à construção de um projeto que implique retorno a longo prazo. Busca-se o prazer aqui e agora e o conhecimento deve ser apreendido de forma rápida, panorâmica e globalizante. A imagem se torna, portanto, a única forma de transmissão de conhecimento que pode se adequar a essa demanda de rapidez e “imediatez”:

A contemporaneidade vem sendo descrita, portanto, como um período histórico que tem como características fundamentais a grande velocidade de transformações, a globalização, a convivência com contradições (dentre elas o global e o local), a relatividade de valores, o acúmulo de informações, a alta informatização, o avanço tecnológico e o predomínio da imagem. Tais características colocam o homem diante de um mundo fragmentado, com múltiplas referências, associadas ao declínio da autoridade e ao crescimento do individualismo, onde a ética pessoal muitas vezes suplanta qualquer tentativa de estabelecimento de uma ética comum a todos, universal (LIMA, 2003: 30).

Mrech² salienta que, enquanto na sociedade moderna os objetos originais possuíam um papel fundamental, e buscava-se sempre consegui-los, em detrimento das imagens e cópias, atualmente esse processo se inverteu. “O Imaginário na sociedade pós-moderna adquiriu novos contornos: a imagem se impôs no lugar do objeto, a imagem tem sido

² A autora apresenta essa discussão em seu texto “A informática: um dos nomes da imagem-rainha na sociedade contemporânea”. In: MRECH, Leny Magalhães. *Psicanálise e educação*. Novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999, p.121-128.

preferida em lugar do objeto” (MRECH, 1999: 123). O objeto concreto foi abandonado, privilegiando-se a produção de cópias, com as múltiplas reproduções. A imagem expandiu-se, com a conseqüente perda simbólica. A autora acrescenta que a informática se apresenta hoje como a forma mais completa e elaborada do sujeito na atualidade. Ela se propõe como um modelo ideal da comunicação humana. A informática, através do estabelecimento das redes internacionais, propõe um semblante em relação ao processo de estruturação da linguagem humana, criando a ilusão de uma comunicação humana sem falhas, exercendo grande fascínio sobre o sujeito.

Esse fascínio exercido pelo ciberespaço é observado principalmente pelos adolescentes, como vimos. Miller (1998) destaca que, se a verdade sempre tem estrutura de ficção, na atualidade a estrutura de ficção fez submergir a verdade, a engoliu. Para Miller (1998), não se está na época do mal-estar da civilização, mas na época do impasse, que é patente no nível da ética. A ética capitalista das virtudes, solução vitoriana que ainda existia na época de Freud, foi transportada e quando retorna hoje é sob formas inconsistentes e derrisórias. Quando não se encontra mais uma nova ética, ela passa a ser procurada pela via dos comitês de ética, que é uma prática de falação, ensurdecadora, que não tem chance de liberar uma relação ao real que não seja vaga. Há uma falência do humanitarismo, que não consegue resistir ao cálculo universal da mais-valia e do mais-de-gozar.

É nesse sentido que Miller afirma a promoção social do sintoma. A inexistência do Outro implica a promoção do laço social no vazio que ela abre. Retomando o conceito de identificação, ele ressalta seu caráter de laço social. A identificação faz laço social. Retomando Freud, ao comparar a identificação na Europa e nos Estados Unidos, Miller observa que, enquanto na Europa se pratica a identificação vertical ao líder, que aciona a sublimação de uma forma poderosa, os Estados Unidos a sacrificam em benefício do que se pode chamar identificação horizontal dos membros da sociedade entre eles. Não, pois, identificação ao mais-um, mas aos membros da sociedade entre eles. Freud já antecipava aí a inexistência do Outro e sua substituição pelos comitês de ética.

Essa identificação horizontal é ampliada pela informática. Atualmente, vivemos “em rede”, onde temos a possibilidade de acesso a qualquer tipo de informação. Não existe um líder que “detém um saber” e nos transmite o conhecimento, mas obtemos rápida e

livremente qualquer tipo de informação, sem limites. Da mesma forma, não há barreiras geográficas para a comunicação. Temos a possibilidade de nos comunicarmos com uma pessoa do outro lado do mundo, a qualquer momento. O declínio da função paterna promove o declínio da autoridade, que leva a qualquer um se autorizar pela informação que oferece. São milhares de informações na rede, que se multiplicam a cada instante. Os adolescentes hoje não buscam um mestre, mas um supostamente semelhante. Eles buscam essa identificação horizontal, com o grupo de semelhantes, na rede. E todos querem escrever sobre si, escrever “as próprias ideias” na rede. O interessante é que o blog tanto pode ser algo que os torna “iguais”, pois todos têm, como pode ser algo que os particulariza, nesse universo de iguais.

A civilização, segundo Miller (1998), é um sistema de distribuição de gozos a partir de semblantes. Relacionando com o conceito de supereu, Miller formula que uma civilização é um modo de gozo, um modo comum de gozo, uma repartição sistematizada dos meios e das maneiras de gozar. Se é possível falar de uma grande neurose contemporânea, seu determinante principal, segundo Miller, é a inexistência do Outro, o que leva o sujeito sair em busca do mais-de-gozar. Miller diferencia o supereu freudiano do supereu lacaniano. O supereu freudiano produziu o interdito e a culpabilidade. O supereu lacaniano produz o imperativo: goze! Esse é o supereu da nossa civilização.

Laurent, nesse mesmo artigo (1998), comenta que, na atualidade, somos confrontados a uma perda de confiança nos significantes mestres e a uma nostalgia dos grandes ideais. Para ele, os comitês de ética generalizados são as figuras onde a subjetividade de nosso tempo tenta restaurar o sentido moral do Outro, nos tempos de fuga do sentido, do paradoxo da fusão dos gozos e de sua segregação. De diferentes maneiras, tenta-se constituir comunidades suficientemente estáveis para fazer face ao gozo do sujeito.

Acompanhamos o resultado da mercantilização dos objetos construídos para o gozo pela tecnologia. Esses objetos prolongam a satisfação pulsional e favorecem a ilusão de uma possível plenitude de satisfação. Os sujeitos ficam servos de um mais-de-gozar insaciável. Diferentemente do que se passa na estrutura perversa, onde o sujeito tem uma relação fixa com o objeto fetiche, na “perversão generalizada” o sujeito joga com objetos intercambiáveis disponíveis na cultura.

Retomando o texto de Freud *O mal-estar na civilização*, Lacan (2008) comenta que, na teoria dos discursos, aquilo que se acha excluído da civilização, esse resto ou rebotalho de gozo, é na verdade o que estrutura toda a civilização. O supereu, como imperativo de gozo, é uma instância crítica e de vigilância. Essas funções de crítica e de vigilância são encontradas exatamente nas representações dos objetos *a* por excelência: o olhar e a voz. Esses objetos *a*, como rebotalhos de gozo e como instâncias de controle, estão presentes de forma contundente na nossa cultura.

Lacan (1995), ao comentar a diferença entre visão e olhar, ressalta que o mundo, o espetáculo do mundo é *onivoyeur*. Mas não é exibicionista. “Quando começa a provocá-lo, então começa também o sentimento de estranheza” (1995: 76). “No estado de vigília, há elisão do olhar, elisão do fato de que não só isso olha, mas que *isso mostra*” (p.76). Assim, a divisão entre a visão e olhar aponta para o real, o estranho, aquilo que, para além do fascínio, mostra o horror.

A possibilidade de se “penetrar” no cotidiano alheio, através desse olhar, exerce grande fascínio sobre as pessoas, como demonstram os programas de televisão “de grande audiência” chamados “*reality shows*”, como *Big Brother* e as diferentes formas de exibição pública no ciberespaço, como as exposições de fotos pessoais e as diversas formas de escrita de si nos blogs, no Orkut e outros. Mas é exatamente ao buscar o mais íntimo do outro que o sujeito se depara com o *êxtimo*, que causa o estranhamento e o horror. O autor do blog abaixo apela para o bizarro para atrair o olhar do outro:



Olha q bizarro!

http://chadmuska.zip.net/arch2004-04-18_2004-04-24.html

O blog da Emilly apresenta em sua página principal a seguinte foto:



minha amiga jú me enviou esta foto... Garotos, segurem-se... (os que gostam, eh claro!)

Na contemporaneidade, o discurso do capitalismo, acoplado ao discurso da ciência, ao invés de diminuir o mal-estar, só o aumenta cada vez mais, produzindo, sem cessar, objetos sob a forma de olhar e de voz. A voz tem sido também um objeto privilegiado na contemporaneidade, com o aumento das inter-relações anônimas, através, por

exemplo, dos celulares que já oferecem possibilidades de estabelecer contatos com grupos de pessoas desconhecidas, formar “comunidades” sem contato visual ou pessoal e também dos mandatos a que somos submetidos, atualmente, como, por exemplo, pelos elevadores que anunciam os andares dos prédios ou nos anúncios dos shopping centers. Os sons são comuns também nos blogs.

Assim, com o declínio da função paterna, a singularidade desaparece. A globalização promove a extrema homogeneização. Entretanto, uma forma que o sujeito busca, nessa cultura global, de se particularizar, é se servindo da particularidade do objeto do seu gozo. Entretanto esse objeto é particular, mas não é singular, não é o resultado da produção de um sujeito. Ele é industrializado e oferecido a todos, transformado em um “objeto ideal” pela mídia e colocado à disposição do sujeito pela indústria do consumo. São criados vários grupos que, no lugar de terem o Nome-do-Pai como ponto em comum, isto é, no lugar de terem colocado um nome próprio na posição de ideal, colocaram o objeto *a* na posição de objeto do seu gozo.

Comunidades inteiras são criadas com base num certo mais-de-gozar, que se caracteriza pela não particularidade, como ressalta Santos (2006). O objeto mais-de-gozar apaga a distinção, reduzindo os grupos à comunidade de adictos. Colocar o objeto *a* no lugar do Nome-do-Pai e fazer um grupo tem o efeito de abolir as diferenças, porque a relação do sujeito com o Ideal do Eu requer dele uma operação de recalque. Só assim surge a interpretação, a subjetivação. Se um objeto é promovido no lugar de agente, o resultado é o surgimento de um laço que dispensa a singularidade do sujeito, apaga-a, prescindindo da interpretação, da subjetivação.

Os blogs revelam essa emergência de comunidades de adictos. Alguns adolescentes fazem parte da comunidade de: “anoréxicos”, “bulímicos” ou “compulsivos sexuais”.

Blog A minha vida

25/09/2006

Anorexia

*Logo ao levantar
O corpo começa a fraquejar
De uma noite mal dormida*

*O estômago já só aguenta a cafeína
 Pêlos arrepiados evidenciam o frio sempre presente
 Tento abrir a boca petrificada
 Mas este corpo quase sem vida já só respira
 Os livros e o computador são a minha única companhia
 Não tenho mais forças para lutar
 Pois já não consigo dominar
 Este corpo transformado em cadáver
 Perdi os amigos e a felicidade
 Agora só me acompanha a dificuldade
 Em acreditar que ainda estou viva
 Que m**** é esta que me persegue?*

<http://pekenadoll.blogspot.com/>

No momento em que a psiquiatria produz intensamente classificações ateóricas de distúrbios psiquiátricos, os pacientes contam seu mal-estar na televisão (e, podemos acrescentar, na Internet) e publicam obras documentais fazendo diagnósticos sobre si próprios, utilizando termos da psiquiatria e da psicanálise, como lembra Roudinesco (2006). A autora destaca que a prática do diário íntimo desenvolveu-se de forma considerável nos últimos anos. Mas, apesar da autora não mencionar, podemos pensar que os blogs proliferam nos últimos anos de forma muito mais acentuada que os diários íntimos. Ela acrescenta que, na reivindicação contemporânea do modelo do desnudamento, o romance transforma-se em autoanálise.

Há uma multiplicidade de autoanálises, automedicações, documentos toscos redigidos pelos próprios doentes, que passam a se encarregar de um cuidado de si, inclusive publicando depoimentos pessoais que se convertem em “verdades” sobre terapêuticas de tratamento. O paciente fabrica seu tratamento. Se os diários íntimos vienenses do início do século XX constituíam um gênero ligado a certas situações invariáveis: a adolescência, a desorientação, a conversão ou a lateração de uma identidade³, remetendo a uma defesa contra a instabilidade, na contemporaneidade, o testemunho de si pode ser apenas uma forma pervertida de relato, “um arquivo de si enganador pelo qual o sujeito se compraz em ser valorizado em seu amor e em seu ódio de si” (ROUDINESCO, 2006: 62). Para a autora, o culto de um arquivo de si “põe em primeiro plano uma visão da sociedade fundada na superestimação da figura imaginária

³ Jacques Le Rider, *Journaux intimes viennois*, Paris, PUF, 2000, citado por ROUDINESCO, Elisabeth. “O culto de si”. In: *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.61.

de um sujeito desprovido de sentido histórico, atemporal, sem passado nem futuro; um sujeito limitado ao claustro de sua imagem no espelho...” (p.51).

O declínio da função paterna leva a uma perda do desejo. Soler (1998) comenta que na atualidade vivemos uma fragmentação do significante amo, acompanhada da multiplicação dos significantes amos, que corresponde à queda dos ideais na modernidade: do matrimônio, da responsabilidade paterna, da responsabilidade no nível da vida familiar, da educação, da vida dos cidadãos etc. A queda dos ideais clássicos e a pluralização de novos ideais levam a uma fragmentação, que determina a época contemporânea. Como consequência da fragmentação dos significantes amos, temos “nenhuma proibição universalizante”. Agora temos: tudo é permitido ou nada é proibido. Há o desaparecimento do desejo. Como desejar o que se possui? As proibições não têm o papel de sustentar o desejo.

Atualmente o gozo é oferecido na mídia, de maneira praticamente universal, por intermédio dos objetos da ciência. Quando a inexistência do Outro se torna evidente e os ideais se desvanecem, observam-se formas de satisfação marcadas pela promoção do objeto *a*. O declínio do viril, a solidão, a segregação e a degradação do amor são resultados dos efeitos do discurso capitalista sobre o sujeito. A ciência moderna não se interessa pela dimensão subjetiva, oferecendo objetos que “fazem calar” o sujeito, como os remédios, que prometem solução para o mal-estar da cultura. Temos toda uma lista de remédios oferecidos para curar a timidez, a depressão, a impotência sexual, entre outros, que, como resultado de um discurso “científico”, tentam obscurecer a questão do desejo. O sujeito busca se satisfazer por meio dos objetos ofertados pela cultura.

Nos blogs de adolescentes são comuns as referências aos objetos de consumo:

 ***Ah!!! Comprei a [Atrê](#) desse mês com a Avril na capa! A revista vem ótima, cheia de dicas de esmaltes (amo!!!) e acessórios fofos que custam os olhos-da-cara (outros, nem tanto). Sem contar as milhares de promoções e os pôsters de vários gatinhos.***

Uma outra consideração interessante sobre o lugar dos objetos de consumo na atualidade, é feita por Merlet⁴. Segundo o autor, a perversão generalizada não é nada mais do que o efeito e o resultado da mercantilização dos objetos vertidos para o gozo pela tecnologia. Esses são objetos fetiches, que engendram um mais-de-gozar, no sentido da mais-valia de Marx. O uso desses objetos pode ter o efeito de prolongar a satisfação pulsional, mas, no entanto, não mudam o caráter de “vazio” que caracteriza a pulsão. Na atualidade, os sujeitos estão tão conectados quanto desconectados, servos de um mais-de-gozar insaciável. Diferentemente do perverso por estrutura, que se mantém fixado ao objeto de sua perversão, na “perversão generalizada” o sujeito joga com objetos intercambiáveis.

A contemporaneidade é regida pelo mercado. Brousse⁵ considera que na atualidade vivemos uma nova variação do discurso do mestre. Ela extrai quatro elementos constituintes do discurso do mestre atual: o mercado comum, isto é, a universalidade de um imperativo de troca como novo significante-mestre; o procedimento ou protocolo como modalidade do saber; a rede, à medida que vem no lugar do sujeito, substituindo-o; e o dejetivo, pois existe hoje uma nova modalidade de gozo ligada ao estatuto de dejetivo:

mercado protocolo
rede dejetivo

A autora observa que, na contemporaneidade, nada nem ninguém escapam à troca. O mercado é a forma atual do Um, sendo o lucro o princípio da troca. O modo de funcionamento é regido pela abstração do cálculo da quantidade, que permite a universalização da troca: cotação e concorrência. Não se trata mais de um mundo dividido entre mestres e escravos, capitalistas e proletários, mas de um mundo de consumidores reais ou virtuais, um mundo de usuários potenciais. As modalidades de troca tornam objeto todo elemento que entra nessa lógica. Tudo se transforma em objeto, tudo é consumível e o que é consumível é útil. Assim, o desejo e o gozo estão afetados. Ela acrescenta que a forma científica do saber obedece a essa mesma exigência de universalidade. A revolução tecnológica no campo da comunicação transforma todo

⁴ MERLET, Alain. Entrevista. @gente. revista digital de psicanálise. Escola Brasileira de Psicanálise. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/bahia/agente/pagina2.html>.

⁵ BROUSSE, Marie-Hélène. “Em direção a uma nova clínica psicanalítica”. In: *Revista Mental* n. 15. Paris: NLS, 2005.

dados em informação e a informação generalizada é a nova forma de saber absoluto. Os protocolos e os procedimentos passam a ser regulamentos válidos para toda ação humana, seguindo a lógica da gestão de massa num mercado global. O saber é submisso à gestão. E ainda, a autora destaca que o sujeito, hoje, encontra-se em rede e não mais submetido a uma hierarquia. Ele é informado, não comandado. Brousse (2005) observa que o sujeito está submetido a uma informação infinita, sem princípio de ordenamento, na qual ele pode e deve participar como produtor. A relação do sujeito com o simbólico encontra-se modificada e os modos de gozo também se transformaram. O modo de gozo próprio ao novo discurso do mestre impôs uma nova definição de gozo, generalista, compatível com todo objeto. O novo discurso do mestre não se apresenta como limite ao gozo, mas ele dita um objeto: “se ele pode gozar, é um objeto”. Do “freio ao gozo” ao “imperativo ao gozo”. O supereu ocupa o posto de comando. Assim, esse “empuxo” ao “*enjoy*” leva a um rebaixamento geral do gozo, o que permite compreender a expansão das patologias ligadas ao supereu, em especial as patologias aditivas que se apresentam sob a forma do mais (bulimia) ou do menos (anorexia).

Com efeito, enquanto alguns autores consideram o discurso capitalista como um quinto discurso, outros o consideram como uma variação do discurso do mestre, como Brousse (2005). A autora enumera algumas das consequências do discurso capitalista, que serão mencionadas resumidamente abaixo, já que estão de acordo com a nossa perspectiva:

- A relação atual entre o objeto e o sujeito é sem véus no lugar da relação sexual. O consumo é a forma atual de relação.
- O objeto de consumo não interpela nossa divisão, ao contrário, enfraquece-a, oferecendo-se como o parceiro silencioso capaz de apagar os traços da castração pela linguagem.
- O objeto, no lugar de agente, se endereça ao sujeito dividido prometendo-lhe o gozo de ser. O objeto, longe de agalmático, é clinicamente desvelado. Seu valor encontra-se no fato de estar à venda e seu destino é o lixo, o esquecimento, sendo que o próprio consumidor pode se converter em dejetivo do discurso gestor.
- O estatuto de dejetivo do objeto realiza o desvelamento do véu. Estamos na época do desvelamento, a época do desaparecimento do sentimento de vergonha.
- Como resultado do fim da autoridade do significante paterno, há a desagregação do desejo em relação ao gozo, já que não mais se encontram enodados pela lei do S_1 .

- Há o desaparecimento do enigma, que deixa surgir um real que antes estava mascarado pelo véu da fantasia.

- O gozo sexual é arrancado ao império do significante paterno e não responde mais à sua lei. Cada um com seu gozo, tudo é permitido, desde que se desenrole com um semelhante, isto é, sobre o eixo imaginário. Se há um consenso entre os semelhantes, não há perversão; se não há consenso, há perversão (como a pedofilia, o assédio moral ou sexual etc.). Assim, chega-se a um paradoxo: nada é perversão se existir consentimento, mas tudo pode ser qualificado como perversão, se não responde a um consenso.

Essa lógica contemporânea é ricamente ilustrada pelos blogs. Os objetos de consumo são ali ofertados e promovidos a um lugar central, sendo considerados fundamentais para o alcance da felicidade. Como resultado da revolução tecnológica no campo da comunicação, todo dado vira informação e a informação generalizada é a nova forma de saber absoluto. Qualquer informação é válida, mesmo que não tenha importância nenhuma para a vida de ninguém. O sujeito está submetido a uma informação infinita, sem princípio de ordenamento, na qual ele pode e deve participar como produtor. Assim, ele “produz” informações em seus blogs, escreve “qualquer coisa” – sobre si mesmo, sobre filmes, livros, artistas, o que importa é que ele escreva. O “empuxo” ao “*enjoy*” leva a um rebaixamento geral do gozo, ilustrado pelas patologias ligadas ao supereu, especialmente as patologias aditivas, que se multiplicam na rede: comunidades de anoréxicas, bulímicas, entre outras.

Se o estatuto do objeto realiza o desvelamento do véu, o desaparecimento do enigma, o gozo sexual não mais está submetido ao império do significante paterno. Acompanhamos nos blogs essa relação atual entre o objeto e o sujeito completamente “sem véus” no lugar da relação sexual. Corpos são exibidos nos blogs como objetos de consumo. Tudo deve ser mostrado na rede: violência, morte e sexo. Surge, nesse contexto, a escrita de “puro gozo”.

Para definir o que é uma escrita de gozo, utilizaremos as reflexões de Barthes⁶. O autor faz uma distinção entre os textos de prazer e de gozo. Para ele, alguns textos provocam

⁶ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*, trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999.

prazer, enquanto outros, fruição/gozo. Quando a palavra é exposta, desvirtuada, o gozo deixa de ser apenas prazer, apontando para uma dimensão que se aproxima do coito proibido e desejado. Enquanto o texto do prazer contenta e dá euforia, o texto de gozo põe em estado de perda e causa desconforto, fazendo entrar em crise a relação do leitor com a linguagem. Para Barthes o texto de gozo é um texto insustentável, impossível, sobre o qual é também impossível falar, havendo apenas a possibilidade de se falar “nele”, a seu modo, pois a própria fruição/gozo, como grau supremo de prazer, é impossível de se delimitar numa definição. Seu objetivo não é a clareza das mensagens, mas os “incidentes pulsionais”.

O texto de gozo mostra sua relação estreita com a morte, com o excesso, com a violência e a ruptura. Se qualquer tipo de escrita mantém uma íntima relação com a morte, a especificidade do texto de gozo, para Brandão e Branco (1995), é que: “não se trata apenas de edificar sobre o morto, mas de capturar, explorar, exhibir a morte, não como um pré-texto, mas como o próprio texto” (1995, p.109). As autoras, em concordância com Barthes, postulam que a escrita do gozo é necessariamente a escrita do indizível, do impossível. “Falar em excesso, na máxima capacidade de minúcia do discurso, até não falar, até o silêncio absoluto do que se cala pela mais incompleta capacidade de dizer: o gozo” (p.109). Assim, esse é o texto não só do sexo explícito, mas da linguagem explícita, que pode cair no excesso de significação e, paradoxalmente, desembocar no silêncio ou no vazio, tornando-se uma “não-linguagem”, referindo-se à terminologia de Deleuze (p.109). A perversão maior do texto seria a de fazer com que um texto, que é linguagem, esteja ao mesmo tempo dentro e fora da linguagem. O texto de gozo é sempre incômodo, inquietante, inalisável pela crítica hermenêutica tradicional, como ponderam as autoras.

O texto de gozo é o texto do antiutilitarismo, do excesso, da extravagância, onde a linguagem não visa de fato à comunicação, mas à fruição do delírio languageiro, pois não busca a representação, mas a pura apresentação, a exibição da linguagem em sua materialidade. O texto de gozo, para Barthes, é subversivo e anarquista. Para Brandão e Branco (1995), o texto da pornografia que repudia o pai-pátria linguística acaba fazendo a trajetória do retorno à língua materna, “à fala da mãe, à pré-linguagem de gemidos, sussurros e balbucios, do suave toque de corpos, do gozo primeiro de um primeiro amor:

a linguagem de Eros. E aí ele é duplamente intransitivo, terrivelmente inquietante, absurdamente imoral” (p.114).

Essa escrita de gozo pode ser identificada em muitos blogs pesquisados. Neste aqui, sua autora comenta a entrevista de uma atriz que diz que fez um filme pornô e continua virgem:

Fiz pornô... Continuo virgem

Peraí, como é que é o negócio...? Ah, tá, é que vai ter só sexo anal... Sugiro então outros títulos mais adequados para o filmeco:

- *Fiz pornô... Continuo com o hímen intacto*
- *Fiz pornô... Mas não contei que meu hímen é complacente*
- *Fiz pornô... Continuo fingindo que sairei dessa virgem mesmo depois de fazer SEXO anal*
- *Fiz pornô... Continuo virgem - nas orelhas.*
- *Fiz pornô... Continuo cara-de-pau*

<http://sextosexo.com/pedolatria>

Neste outro, seu autor escreve que é preciso viver intensamente, sem medos, tudo que se tem vontade. Ele coloca a sua foto em seu blog, além se outras fotos com conteúdos eróticos. Abaixo, algumas imagens de seu blog e um texto que ele escreveu:



Alguma coisa como beijar a minha boca agora, como dizer que “quer trepar” comigo, que gosta de imaginar a gente na cama fazendo um monte de coisa, que gosta de acordar comigo, que acha legal procurar pela minha mão durante a madrugada, que gosta de ser beijado nas costas, que se excita quando nossas pernas se roçam debaixo da coberta. Essas coisas simples.

<http://joao.tipos.com.br/posts/2003/07/08/hora-de-viver>

Como vimos, o discurso capitalista elaborado por Lacan é o único que não se funda na renúncia ao gozo, mas, ao contrário, ele se erige sobre a crença no gozo todo, na saturação da falta de gozo e no seu caráter imperativo. Na atualidade estamos imersos no gozo e pobres de desejo. O capitalismo tenta assegurar o gozo para todos, viabilizando o acesso aos objetos de satisfação disponíveis na cultura. Esse direito ao

gozo acena para uma legalização da perversão, que tem efeitos nos modos de gozo dos sujeitos. O sexo virtual, a legalização das uniões homossexuais, as possibilidades de se assistir à privacidade alheia através dos recursos tecnológicos exemplificam essa liberdade de usufruir do gozo, sem restrições, como mostra a autora do blog abaixo:

“Bem, eu acho que um dos principais motivos que me fizeram ter um blog, no estilo do meu, além do tesoão do exibicionismo, foi p/ quebrar alguns preconceitos, as pessoas precisam começar a enxergar o sexo como algo natural, outro motivo foi que queria que as pessoas soubessem que na internet não existe apenas aquele protótipo de “nerds” ou mulheres feias e mal amadas... Existem pessoas de todos os tipos como em qualquer lugar, sou uma mulher livre, dona dos meus pensamentos, e que assume os desejos....”



<http://www.fry.blog.br>

Esses blogs se constituem como “escrita de gozo”, uma escrita “sem véus”, pois são textos marcados pelo antiutilitarismo, pelo excesso, pela extravagância, onde a linguagem não visa de fato à comunicação, mas à fruição do delírio linguageiro, pois não busca a representação, mas a pura apresentação, a exibição da linguagem em sua materialidade. Nesses blogs há um desaparecimento do sujeito no anonimato do ciberespaço. São fragmentos soltos, dispersos, “sem autor” e sem endereçamento.

Situamos também nessa categoria uma escrita que é da ordem do sem-sentido, não endereçada, como dimensão de gozo autista. A escrita nos blogs revela uma vertente fechada aos efeitos do sentido, um impossível a decifrar, como algo fechado em seu próprio gozo. É uma escrita que aponta para o gozo da letra, fora do sentido, desconectado do Outro e dos efeitos da comunicação. Esses blogs são caracterizados por uma escrita fragmentada, por vezes descontínua, não linear, revelando um texto híbrido, permeado de imagens, desenhos, sons, cores, diferentes formatos de letras,

“objetalidade”, ou seja, pela dimensão do objeto perdido no momento da produção do falasser. Retomando Lacan, a autora observa que, a Inibição, o Sintoma e a Angústia são três modos da função Nome-do-Pai, ou três maneiras de barrar o gozo que não está limitado pelo desejo. Assim, os três continuam presentes na contemporaneidade, colocando limites ao imperativo do “*enjoyment*”. A angústia é a manifestação do limite colocado a esse imperativo. Vindo do mesmo lugar do interdito, ela nomeia um ponto de insuportável para o sujeito. Como nomeação real, a angústia é o indicador da presença do objeto *a*, que não é da mesma natureza dos objetos do consumo. O objeto *a* ordena essa indiferenciação de objetos contemporâneos. A inibição também funciona como freio à perversão em nossa época. Se na contemporaneidade há um deslocamento da perversão para o mundo virtual, a inibição, como da ordem do imaginário, pode funcionar como freio à perversão. A terceira forma de limite feita ao gozo é o sintoma, que se sustenta no simbólico. Se por um lado observamos a ciência tentar fazer desaparecer os sintomas, através da medicalização ou por condicionamento, por outro lado, é a partir dos sintomas que os sujeitos se ordenam nas instituições, cada vez mais segregativas: especializadas em distúrbios alimentares, fobias, toxicomanias etc.

A angústia, a inibição e o sintoma, como três maneiras de barrar o gozo, podem ser ilustrados pelos blogs. São muito comuns nas escritas dos adolescentes manifestações de inibição (dificuldade social, para escrever, ler, sexual), de sintoma (anorexia, bulimia, entre outras), assim como encontramos também textos atravessados pela angústia, pela pulsão de morte, como veremos no blog abaixo, cujo autor se nomeia como *suicidenew*:

*ESTEJA PREPARADO PARA O FIM, SERÁ MENOS DOLOROSO ESTEJA SEMPRE UM PASSO Á FRENTE. ASSIM QUANDO SENTIMOS QUE TUDO ESTA INDO BEM TEMOS A NOTÍCIA MORTES NA FAMÍLIA, APARIR DESTE CHOQUE SEU CORPO JÁ NÃO TEM MAIS CONTROLE PERDE O SENTIDO DAS COISAS VOCÊ VOMITA SEM PARAR COM VONTADE DEPOIS VEM UMA TREMENDA DOR MENTAL MAIS UM ESTÁGIO COMPLETO “PARABÊNS ESTA É A VIDA” MINHA RAIVA É TAMANHA PRECISO ESCREVER FRASES SEM SENTIDO, JOGOS DE PALAVRAS SEM NEXO APENAS NÃO VOU MORRER CALADO COM MEUS PENSAMENTOS TRANCAFIADOS EM UM CAIXÃO. EXTREMO REAL BRUTAL REALLLL
LIFEEEEEE!!*

EU QUERO QUE NO FUNDO DA MINHA MERDA, BEM LÁ ONDE SE FORMA A MERDA MAIS FEDIDA QUE TODO MUNDO SE FODAAAAA!! FODAN-SE TUDO E A TODOS!!!!!!!!!!!! ACHO QUE FUI BEM CLARO. EXISTEM COISAS QUE JAMAIS IRÃO MUDAR SÓ DE PENSAR QUE TUDO DEPENDE DA PESSOA ME DEIXA MUITO PUTO E TRISTE SE SOUBESSE QUE AS COISAS ERAM ASSIM PREFERIA ESTAR MORTO PELO MENOS DA MORTE NÃO PRECISO IR ATRÁS ACHO EU, CAPAZ DE DEMORAR, MAS DAÍ EU DOU UM JEITO.

DO QUE ADIANTAM MOMENTOS FELIZES QUE NÃO DURAM PORQUE LOGO VEM A DESGRAÇA A MELHOR CONVIVÊNCIA QUE EU POSSO TER NESTE MUNDO É INEXISTENTE APENAS A MÚSICA ENTRA EM MEU CORAÇÃO À MEDIDA QUE PASSAM OS DIAS VOU ME TORNANDO INSUPORTÁVEL PARA TAL FARDAMENTO NESTE MOMENTO, TEMPO, PLANETA NESTA VIDA OS FATOS SE CONFUNDEM EM MINHA CABEÇA OS SIGNIFICADOS JÁ NÃO MAIS EXISTEM OU POUCO IMPORTAM, O SENTIDO A META O IDEAL SÃO APENAS PALAVRAS FALÇAS, SOZINHO É ASSIM QUE TEM QUE SER É ASSIM QUE VAI SER. A COMPREENÇÃO JÁ NÃO COMPREENDIDA, PREOCUPAÇÃO COM O QUE? PR QUÊ? SOMENTE EM QUE CEMITÉRIO IRÁ SE HOSPEDAR, OU QUEM SABE COM UM MUNDO DIFERENTE DIGITAL GRÁFICO FANTASIOSO ILUSIONÁRIO, ESTOU FICANDO ESGOTADO CANSADO PALAVRAS FRIAS NÃO BASTA, TORNO-ME MAIS FRORTE O ÁPICE DO ICEBERG, SIM ISSO MESMO E DAÍ EU ME REPITO E DAÍ SÃO MEUS PENSAMENTOS TEM UM MONTE DE SITE PORNÔ AÍ GARANTO É MAIS INTERESSANTE.

força!!!!!!!!!!

Escrito por suicidenew às 01h06

http://cumshotsperm.zip.net/arch2005-08-14_2005-08-20.html

O desenvolvimento sexual humano não segue a determinação biológica. No momento em que há a maturação biológica e a possibilidade da realização do ato sexual, o encontro com o outro sexo vai depender da estabilização do desejo como sexual. Na infância são construídas as fantasias que conduzirão ao encontro com o real do sexo, as identificações imaginárias. Na puberdade, a irrupção de um gozo não regulado pelo significante e a urgência em assumir uma definição sexual vão impor ao adolescente um trabalho psíquico.

O adolescente precisa reconstruir o semblante que foi rompido pela incidência do real do sexo. Para fazer esse trabalho, ele recorre às suas identificações imaginárias, e se apoia no Nome-do-Pai, como dom simbólico do falo, para construir um sentido ao real da sexualidade. Esse trabalho é exatamente a construção do sintoma. Temos aqui os três registros – real, simbólico e imaginário – enodados pelo sintoma, na puberdade. Discutiremos o tema do sintoma no próximo capítulo.

Esse trabalho de construção de um sintoma como resposta à ausência da relação sexual é mais difícil na contemporaneidade, segundo Viganó (2008). Para o autor, o adolescente hoje encontra dificuldade para realizar esse trabalho por dois motivos. O primeiro está ligado à sua infância, marcada por uma pobreza de construções ideais. Os jogos infantis, que permitem à criança mobilizar na fantasia sua imagem especular no espaço da realidade e da relação com o semelhante, além de levarem à identificação com os personagens das histórias, são trabalhados hoje pelas crianças de forma

extremamente apassivada. As histórias são oferecidas pela televisão, prontamente, sem exigir do sujeito o esforço de tradução em imagens que poderiam ser articuladas à sua própria imagem. O segundo motivo, segundo Viganó, está relacionado a uma importante função do pai: o dom de uma fundação: “é assim porque eu digo”. Na atualidade, essa função é multiplicada ao infinito, já que são inúmeros os portadores de uma autoridade cuja fundação tem o estilo científico – “é assim porque a ciência diz”. O sujeito da ciência, do saber do real, passou a ser encarnado pela mídia que transforma esse saber em verdade.

O adolescente é facilmente seduzido pelo sujeito da ciência. Os novos mestres são os especialistas, os formadores de opinião. Mas essa autoridade, no lugar do pai, não pode oferecer ao adolescente uma garantia real, um exemplo de vida, como salienta Viganó. Fazendo uso dos objetos de consumo, o adolescente “curto-circuita” o trabalho de escolha, numa incansável repetição, evitando a responsabilidade da escolha. O adolescente toma um objeto de consumo como véu, como uma roupa para dar forma ao corpo, ou, como diz Viganó, “para dar corpo à nova carne”. A ciência, por outro lado, demonstrou a inexistência da relação sexual, ao mesmo tempo em que rompeu o encanto que o mito envolvia. O jovem adolescente encontra-se em maiores dificuldades com relação às escolhas de parceiro. A escolha “certa” do parceiro não é da ordem natural e a via cultural não lhe oferece referências claras, nas formas tradicionalmente assinaladas pelo mito. Como o adolescente hoje poderá se orientar, como sublinha Viganó, uma vez perdida a bússola do desejo?

Ora, se acompanhamos um declínio da função do pai desde a modernidade, não se trata de buscar resgatar ou instaurar uma noção de poder universal, totalizadora. O que é decisivo na função do pai não é a imposição da disciplina ou a aplicação da lei, mas a versão do desejo que é transmitida, a particularidade de seu desejo, a versão “pai” do gozo. Trata-se do sintoma do pai, da particularidade do objeto *a* que ele enquanto homem extrai do corpo de uma mulher. A função do pai decorre da maneira particular pela qual um pai pode suprir uma não-relação sexual. A “pai-versão” é “uma forma” de amarração dos registros da realidade psíquica, é apenas “uma das formas”, pois em seus últimos ensinamentos Lacan destaca que alguns sintomas podem garantir uma função semelhante à do pai. O pai liga o simbólico e o real entre si, como “pai do nome”. Mas, mesmo quando há a incidência do pai, sobra um resíduo, um gozo não absorvido pelo

significante. Há um indizível para todos, resultado da falta inerente ao simbólico. Na puberdade há o despertar do gozo, mostrando essa insuficiência do pai. Cabe ao adolescente buscar uma solução, para além do laço paterno, para restabelecer essa amarração. É nessa solução que reside o singular.

Se existe na atualidade o declínio da função do pai, essa “carência” não diz respeito simplesmente a uma falha do simbólico, a uma perda ou enfraquecimento da lei, mas mais propriamente a uma demissão do pai real, que é relativa ao desejo da mãe, relativa a alguém que ele não ousa confrontar como mulher. Nesse caso, a mãe não é privada do seu objeto do desejo. Ela não se divide entre mãe e mulher. A função do pai é exercida ao demarcar a inacessibilidade ao gozo primordial. Se o pai pode ser tomado como uma forma de ligar os três registros da realidade psíquica, essa função é exercida por cada pai como homem em relação a uma mulher, que decorre da maneira particular pela qual um pai pode suprir uma não-relação sexual.

Acreditamos que a escrita de um blog pode ser uma tentativa de orientação, diante do declínio da função do pai. Ela tanto pode representar um “culto de si”, um “curto-circuito” imaginário, especular, que evita a responsabilidade da escolha, como pode ser um sintoma que enlaça os três registros da realidade psíquica no momento do confronto com a não-relação, quando há um desatar do nó que amarra os três registros. O blog pode fazer um enlace social através da publicização de sua “escrita de si”, de seu romance familiar.

6.1.3. A escrita de si para si

O blog que nomeamos como “de si para si” representa, de acordo com nossas pesquisas, a grande maioria dos blogs de autores adolescentes. Diante do desencantamento do mundo, testemunhar sobre a própria vida no ciberespaço é uma forma de cultivo do “eu”, cada vez mais incidente na contemporaneidade. Essa dimensão, abordada por Roudinesco (2006) como o “arquivo de si”, em progressão no mundo inteiro à medida da extensão do fenômeno de globalização econômica, funciona como um culto do narcisismo, que se pretende uma prática de “autoterapia” ou autoconhecimento, fundada numa valorização da imagem de si.

O culto de si e o cuidado terapêutico tornaram-se os grandes modelos de uma organização da sociedade ocidental caracterizada como “narcísica” pelos sociólogos. À afirmação de si da classe burguesa e seu elitismo hierarquizado, que, como destaca Roudinesco (2006)⁷, foi caracterizada pela devoção à família e ao patrimônio transmitido, segue-se uma sociedade de massa organizada em redes, que transforma os sujeitos em individualidades múltiplas, em personalidades dissociadas, fragmentadas, transformadas em mercadorias e corpos despedaçados, em sujeitos captados pela dupla imagem no espelho.

Designamos o blog como um texto “de si para si” quando ele se mantém como um espaço de pura valorização da imagem de si. Nesse espaço “particular”, o adolescente expõe muitas imagens e algumas palavras, com a preocupação de construir um blog que seduza o olhar do leitor. O adolescente inaugura o seu blog no espaço virtual e frequentemente entra numa competição com o grupo, comum entre os blogueiros, sobre qual blog é o mais bonito ou interessante. Para compor um blog que atraia a atenção dos internautas, ele utiliza de todos os recursos disponíveis aos blogueiros, como imagens, cores, sons e palavras. Nessa categoria de blogs, existe um endereçamento a um outro adolescente. Não se trata aqui de pura escrita de gozo. Em alguns casos há uma intenção de romance. Normalmente, nesses blogs, os textos são curtos e a produção própria é escassa. São frequentes: letras de músicas, poemas, fotos de artistas, frases soltas, desarticuladas, entrevistas de artistas famosos, mas “praticamente” não ocorre um texto com uma elaboração própria. Os blogueiros “copiam” modelos, palavras, imagens e sons, muitas vezes de outros blogs. São abundantes as fotos pessoais. Sabemos que nesses recortes que o jovem faz de outros blogs existe algo de particular, na própria seleção que seu autor faz do que recortar ou copiar, mas essa produção própria é muito pobre, as frases do próprio autor são quase inexistentes.

O que predomina aí é um culto narcísico de si. Dificilmente eles duram mais do que alguns dias. Apesar de se dirigirem a um outro adolescente, e fundamentalmente sabemos que toda escrita é endereçada a um Outro, nesses casos o blog se mantém num “curto-circuito” especular, fechado em si mesmo, que evita o confronto com aquilo que

⁷ ROUDINESCO, Elisabeth. “O culto de si”. In: *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.51-76.

remete à impossibilidade, ou a responsabilidade da escolha. Esses blogs normalmente não fazem laço social.

No blog abaixo, nomeado “Coisas de adolescente”, só se encontra esse texto abaixo, depois o blog é interrompido:

MeTaS:

- * Comprar roupas lindas e fashion, que apareçam no mínimo um pouco da barriga.
- * Aprender a me maquiar. "Fazer efeito dois tons nas sombras"
- * Comprar maquiagem, batons, gloss...
- * Pintar o cabelo de loiro.
- * Comprar baby liss.
- * Comprar tênis Skate, sapatos de salto...
- * Comprar celular de abrir.
- * Comprar esmaltes.
- * Fazer tratamento de pele e eliminar as espinhas, cravos e sardas.
- * Mudar de escola.
- * Fazer mais amigos.
- * Perder toda a vergonha.
- * Conhecer mais sobre as pessoas e aprender a lidar com elas.
- * Estudar para o peies.
- * Saber mais sobre música.
- * Dançar.
- * Fazer segundo furo.
- * Comprar brincos legais.
- * Comprar perfumes.
- * Comprar pulseiras e munhequeiras.

-> Mas o principal:

Ser eu mesma como pessoa. Jamais agir com falsidade. Mudar sim, mas não pelos outros e sim por mim mesma. As vezes é bom mudar, eu quero mudar e tenho necessidade disso

http://stoop.zip.net/arch2006-01-22_2006-01-28.html

Inicialmente (ordem de prioridade?) estão colocadas as metas da autora, que envolvem, além dos muitos objetos de consumo, alguns ideais culturais contemporâneos, como “perder toda a vergonha” (o que seria perder *toda* a vergonha?) e ideais típicos da adolescência, como mudar de escola, fazer mais amigos, dançar e saber mais sobre música. O paradoxo é que no final ela acrescenta que o principal é “ser eu mesma”. Nessa busca pela individualidade, ela se apega exatamente aos objetos de consumo, ditados pela cultura e “comuns a todos”. Essa mensagem teve três comentários, de adolescentes que compartilham dos mesmos ideais:

thay] [thay.gprieto.zip.net]

adolei teu blog e tuas metas estão d + ,e é como as meninas
diceram :Soh falta posts ! visita o meu blog e da a tua
opinião :thay.gprieto.zip.net

04/05/2008 11:15

Letania~~ Bad Girlss* *] [http://triobadgirls.zip.net/]

oiii~~ adorei u blog~~ soh falta uns póstss aee =P~~ heauheu~~ viu moçaa~ entra nu meu blog aee se qiseh algumas dicass dessa fazee show pela qual noss tamu passando~~ entra lah vale a pena =) bejOnss

03/04/2007 21:59

[Naiara] [http://urbangirls.zip.net]

Huhuhauhauhauhah oiee nossa essas suas metas estao oteemass mtu boom... verdadeiraas... td que uma adolescente ker mas tahh otemo seu blog soh falta posts neahhh hehehehhe bjk passa nu meu teh

10/06/2006 17:33

O blog abaixo foi escrito por duas adolescentes, que se nomeiam: “Totalmente Bad Girls”. Elas colocam as suas fotos e escrevem abaixo:

Jake++Lee++Bruu ~~ ;)

resoLvII~~ POsta uma fotenha di noixx~~ auhehauehu =P

Escrito por Baaad³ às 21h42

bOumm pessoass.. nõss fizemoss esse blog aqii~~

pq tivemooss a crazy idééiaa d fzer um trabalho di escola..(sab aqeles tipow feira d ciências??) ^^

sobre uss adolescentes~~ tipo comportamento em geral~~

Pq qem melhor pra fla dec assunto a n ser noss mesmoss??

=P qremo a ajudaa di vcs tbm .. nehhh?/pleasee~~ 🤪

conTamoss com a ajuda di vcsss~~uhuhuhu

bejoxx bejoss~~ aheuuu 🤪

Escrito por Baaad³ às 19h43

A última mensagem que escrevem é:

03/04/2007



<http://triobadgirls.zip.net/>

Assim como esses dois blogs ilustrados acima, existem inúmeros outros semelhantes. Alguns têm apenas dois ou três textos, muitas fotos e imagens, e logo são abandonados. Não sabemos os motivos dessa interrupção, mas podemos levantar algumas hipóteses. Eles correspondem exatamente à lógica contemporânea comentada acima, que resumidamente pode ser descrita como a do declínio do simbólico e da expansão da imagem, da cultura da fragmentação, da superficialidade, do imediatismo, do transitório, do consumo e do culto de si. Como consequência do discurso capitalista, há um apagamento do desejo, da dimensão da história, com o privilégio do imediato e do efêmero.

6.1.4. Enfim, o que há de novo hoje?

Vimos que a escrita tem a função de dar um tratamento ao real. A escrita de si sempre existiu, mas ela ganha contornos próprios na modernidade, com desenvolvimento do individualismo e com a expansão do capitalismo, quando então surgem as narrativas sobre si, os escritos autobiográficos. Vimos também que o diário é paradigmático da adolescência, tempo lógico da irrupção do real do sexo. Se a escrita sempre foi importante nesse despertar da puberdade, ela continua sendo na atualidade. Os

adolescentes continuam escrevendo sobre si, não mais nos diários íntimos, mas nos blogs. Então, o que há de novo hoje?

Elegemos como paradigmático do diário moderno o romance. O que é paradigmático do blog? Consideramos que a mudança do diário íntimo para o blog implica fundamentalmente uma mudança na posição do sujeito. Essa mudança está relacionada com as transformações que ocorreram no estatuto do saber, como consequência do discurso capitalista, principalmente no século XX, com o surgimento das leis de mercado. São várias as incidências dessa mudança sobre o sujeito contemporâneo, que iremos retomar resumidamente:

- O saber vira mercadoria e passa a valer o quanto se pode vender e comprar dele.
- Ele passa a ordenar-se num elemento comum de gozo, adquirindo a condição de mais-de-gozar, passando a conter uma dimensão do real.
- Ele toma o estatuto de objeto *a*, ocupando o lugar da produção e adquirindo a condição de ser consumido.
- Ele passa a ser um objeto acessível (nos outros discursos ele é inapreensível).
- Ele perde sua relação com o inconsciente ($S_1 - S_2$) e leva a uma produção contínua do objetos (S_2/a). O saber formalizado da ciência trabalha na fabricação de *latusas*.
- Assim, o saber na posição de objeto com valor de mercado subverte o desejo e sua relação com o sujeito. Agora não há mais uma impossibilidade estrutural e discursiva do sujeito ter acesso ao saber e ao objeto causa do desejo. O saber é oferecido continuamente como uma promessa de satisfação possível para o sujeito.
- O sujeito, por ocupar o lugar de agente no discurso, se crê capaz de comandar através do saber o objeto mais-de-gozar. Mas, na verdade, ele é comandado pelo objeto de consumo, esse que sustenta o discurso.
- Há certa rejeição da castração. Ao desligar o sujeito do saber inconsciente, há certo apagamento de sua subjetividade.
- Há uma disjunção entre o lugar da produção e o lugar da verdade. O saber (mercado) torna-se acessível ao sujeito.
- A verdade passa a ser capaz de ser “toda dita”.

- O saber é transformado em informação. O não-saber (sobre o real do gozo) passa a equivaler à falta de informação.
- Para o capitalista interessa manter a insatisfação do sujeito para garantir um mercado para o qual não há falta, onde tudo é possível.
- A demanda perde valor para a oferta embrutecida.
- Há um apagamento do desejo.
- O saber da ciência não está submetido a nenhum senhor, nada o detém. Isso aponta para o declínio do senhor, do mestre, a crise dos ideais, que gerou a crise dos significantes-mestres que ordenavam a civilização. O que impera é o mercado, são as leis do mercado, que é o mercado das latusas.

Com a entrada do saber no mercado, há uma anulação da via singular, com o declínio dos significantes mestres. O discurso do capitalismo sugere a eliminação do impossível, é o discurso da qualidade total. Todo o saber é possível. O discurso do capitalismo rompe, na verdade, a regra do discurso, cai nas letras desarticuladas. Onde não há discurso, não há laço social. Acompanhamos o declínio da diferença. Há um apagamento do desejo. A ética do desejo dá lugar ao imperativo do gozo. Há uma proliferação de gozos autistas. Como comenta Miller⁸, o social não tem mais consistência visível, há um embaralhamento geral das identidades sociais. A sociedade não oferece aos sujeitos identidades visíveis, que permitam uma identificação estável. Se a constituição do sujeito moderno implica a vertente significante ($S_1 - S_2$), a constituição do sujeito contemporâneo implica uma ruptura da cadeia ($S_1 // S_2$).

Como identificamos isso nos blogs? Utilizando o romance como referência (paradigma do diário moderno), identificamos três tipos de blogs: aqueles marcados por pura escrita de gozo, da ordem da dimensão da letra; aqueles que se constituem como uma escrita de si para si, como um culto narcísico de si; e os que se constituem como romances que fazem laço social. Somente nesse último, a escrita opera para o sujeito como um sintoma, fazendo laço social. As duas primeiras formas, que não fazem laço social, são predominantes na escrita dos blogs. Essa constatação poderia nos indicar que na

⁸ MILLER, Jacques-Alain. *O sobrinho de Lacan*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

atualidade o sujeito encontra maiores dificuldades em construir um saber que faça laço social?

6.2. Uma saída aos impasses contemporâneos: a escrita no blog como um sintoma

Defendemos a hipótese de que um blog pode operar no sintoma adolescente. Mas, para discutirmos essa dimensão de sintoma dos blogs, apresentaremos de forma sintética o percurso psicanalítico na elaboração do conceito de sintoma e, posteriormente, apresentaremos o blog que operou como um sintoma para um adolescente. Assim, poderemos ter acesso aos efeitos da escrita em um blog para um sujeito adolescente.

6.2.1. Do sintoma ao sinthoma

A primeira abordagem do sintoma feita por Freud a respeito do sintoma histérico é a de que ele tem uma dimensão de mensagem. O sintoma é uma mensagem do inconsciente a ser lida. Freud reconhece também que o sintoma é da ordem da satisfação pulsional e que, portanto, resiste ao dizer.

A primeira definição de sintoma em Lacan é elaborada a partir dessa perspectiva freudiana. O sintoma é considerado como uma mensagem cifrada. O sintoma é uma maneira de falar de forma cifrada e, ao mesmo tempo, um modo de gozar. Para Freud e para Lacan, portanto, o sintoma apresenta duas facetas: uma de linguagem e outra de gozo.

Lacan descreve o sintoma não como algo que perturba uma harmonia, mas, ao contrário, como uma solução para evitar o encontro com a castração. O sintoma é uma tentativa de estabelecer o laço entre o sujeito e o Outro. Esse laço se dá como uma conciliação que o sintoma promove entre a castração e o “envelope formal do sintoma”, como um invólucro significante. Esse termo foi utilizado por Lacan no texto “De nossos antecedentes”⁹. Partindo de um breve comentário de Lacan sobre o envelope formal, Miller faz um extenso comentário no seu texto: “Reflexões sobre o envelope formal do

⁹ LACAN, Jacques. “De nossos antecedentes”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.69-76.

sintoma”¹⁰, destacando dois aspectos no sintoma: o núcleo de castração, de mais-de gozo, em função da perda de gozo da operação significativa, ou seja, da extração do objeto *a* pela operação significativa; e a vertente da mensagem endereçada ao Outro e que espera decifração. Assim, podemos dizer que, da perda que se instala como resultado da castração, surge uma intenção de significação, para recobrir essa perda. Essa intenção de significação é uma resposta do sujeito ao confronto com a castração, mas, exatamente por ser essa resposta da ordem do impossível, pois a falta instaurada não pode ser totalmente recoberta pelo simbólico, vai relançar o sujeito na busca constante de significação.

Lacan denomina de “envoltório formal do sintoma” o envoltório significativo que o recobre, como uma vestidura simbólica. Portanto, em suas primeiras elaborações sobre o sintoma, ele enfatiza a vertente simbólica do sintoma. Nessa vertente, o sintoma, constituído como mensagem significativa, tem estrutura de ficção e é endereçado a um Outro. É o que demonstra o discurso histérico, pois na histeria o sintoma é colocado em evidência, na posição de agente do discurso, fazendo o objeto *a* ocupar o lugar da verdade. Essa posição do sintoma promove a construção de uma suposição de saber no campo do Outro. O laço entre o sujeito e o Outro se faz pelo sintoma.

Mas o percurso teórico de Lacan sobre o sintoma leva-o a considerar cada vez mais a dimensão real do sintoma. A vestidura simbólica não recobre todo o real. O real fura o envelope formal que o envolve. Para Lacan, o real do sintoma é o que serve ao gozo.

Em “Televisão”, Lacan introduz o nó borromeu e passa a discutir os nós do imaginário com o simbólico e o real, introduzindo novas categorias clínicas e novas formas de sintomatologias.

No *Seminário 23, O sintoma*, Lacan (2007) comenta que toda realidade psíquica depende de uma estrutura onde o Nome-do-Pai é um elemento incondicionado. O pai é o quarto elemento sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real. Esse pai é também nomeado como *sinthoma*. Lacan (2007, p.164) acrescenta que o

¹⁰ MILLER, Jacques-Alain. “Reflexions sur l’enveloppe formelle du symptôme”. In: *Les formes du symptôme*. Actes de L’École de la Cause Freudienne. Paris, octobre, ECF, 1, Rue Huysmans, Paris 6. (vol. IX).

sintoma, ao enodar-se ao imaginário, ao real e ao simbólico, encontra seus limites, e é por isso que se pode falar de nó.

A diferença entre linguagem e língua permite compreender a noção de *sinthoma*. Miller (2005)¹¹, comentando o seminário de Lacan sobre o *sinthoma*, explica que, para que se possa compreender esse conceito, Lacan introduz a diferença entre a linguagem e a língua. Mais precisamente, uma vez que por trás da linguagem se faz surgir a língua, a linguagem decaiu ao estatuto de uma elucubração de saber sobre a língua. A linguagem é o sistema eventualmente gramatical, o sistema linguístico que se inventa a partir da língua. Lacan chega a dizer que a linguagem enquanto tal não existe, é uma ficção, uma construção. É isso que permite compreender a definição inédita que Lacan dá ao sintoma, porque o fato de clivar a linguagem em sua diferença com a língua não deixa ileso a referência ao inconsciente na prática analítica, já que o inconsciente não é um dado.

Lacan escreve *sinthoma* para diferenciá-lo do sintoma, que repercute a diferença entre a língua e a linguagem. O sintoma é uma formação do inconsciente. Segundo Miller (2005), o sintoma se cura, mas não o *sinthoma*. No *sinthoma*, trata-se de saber que função encontrar para ele. Lacan introduz a noção que não é da literatura, mas da lógica, que deve ser aplicada ao *sinthoma*.

Para Lacan o *sinthoma* não é uma formação do inconsciente; desta forma, trata-se de usá-lo logicamente até atingir seu real. Ele nota que Joyce fez mais ou menos isso. Mas o uso lógico do *sinthoma* ao qual Lacan nos convida, segundo Miller, se opõe ao seu uso de deciframento: o deciframento remete à noção de verdade do sintoma, enquanto o uso lógico levaria ao real do *sinthoma*. O deciframento, portanto, não faz mais do que alimentar o sintoma, já que ele bebe o vinho da verdade, da significação. Lacan faz uma depreciação da verdade, afirmando que ela, enquanto significação, alimenta o sintoma.

O sintoma na perspectiva freudiana é a verdade, o que se interpreta e que é da ordem do significante. A ordem da qual se trata é o que exprime essa relação, S1-S2, a vertente significante. Ela é a condição para o sentido, pois o significante só tem sentido em sua

¹¹ MILLER, Jacques-Alain. "Pièces détachées". In: *La Cause Freudienne*. Paris, n. 61 (2005), p.131-153.

relação com um outro significante. Esse sentido do significante que é chamado de verdade. Essa verdade pode ser chamada de sintoma.

Quando Lacan faz uma disjunção entre sintoma e verdade, nessa disjunção ele dá um lugar ao gozo. Ao mesmo tempo em que Lacan substitui a verdade pelo gozo, ele opera outra substituição, a da linguagem pela língua. Por trás da linguagem, por trás da organização linguística que constitui uma estrutura de linguagem, há a língua, que não funciona como a linguagem. A linguagem consiste a imaginar-se que falar serve para comunicar. Já aquilo que da língua se deixa entrever serve a uma coisa completamente diferente da comunicação, a algo diverso do que pode, a partir daí, tomar a forma de diálogo.

Para mostrar que o significante serve ao gozo foi introduzido o conceito da língua. E a linguagem nada mais é do que uma elucubração sobre esse uso primário, que leva a acreditar que seu uso primeiro é servir à comunicação. O inconsciente freudiano pode ser compreendido no nível da comunicação. Ele defende a ideia de que a comunicação pode ser cifrada e, logo, que ela demanda ser decifrada.

Lacan introduz uma outra dimensão, para além do deciframento, que mostra a vertente de puro gozo do sintoma, que não pode ser interpretada. Essa dimensão é abordada a partir da leitura de Joyce. Assim, o significante é primeiro causa de gozo. Em consequência, o sintoma como tal, quer dizer, desnudado, reduzido ao invés de interpretado, não é verdade, ele é gozo.

Essa descoberta tem incidências clínicas, como comenta Miller (2005). Na direção do tratamento, trata-se, portanto, da redução ao invés da interpretação. E, se há interpretação, é para servir à redução do sintoma. Nesse seminário, segundo Miller (2005) Lacan descobre que a linguagem não existe como estrutura e ela é desfeita pelo impulso da língua. O uso lógico do sintoma faz objeção ao laço social e à forma sob a qual nós o abordamos, a da comunicação. É o que permite o recurso à lógica. A lógica é também uma ordem, segundo Miller, é uma articulação, mas que não dá nenhuma leveza ao laço social. O uso lógico do sintoma é como tal disjunto de seu uso social, que sempre é comunicação.

O uso lógico do sintoma é o ponto de partida do seminário do *sinthoma* e se opõe ao deciframento do sintoma em termos de verdade. Se ele introduz um desenvolvimento, esse desenvolvimento não é uma revelação, é redução. Redução a um osso, a um elemento, ou mesmo, redução a um significante.

O significante é representado e concebido por essa via, como um anel, um anel de barbante, com o qual se compõe o nó. O anel de barbante vem no lugar do uso onde Lacan colocava o significante. O anel de barbante fecha, isola, supõe um furo. Assim, o furo é colocado no lugar do traço. Os nós de Lacan são construídos a partir dessa função do furo. A partir de então, Lacan faz do furo a característica essencial do simbólico. Essa construção é iniciada por Lacan no seminário *RSI*:

Contentemo-nos então em dizer que o Inconsciente é o Real, enquanto no falasser, ele é afligido pela única coisa que, do buraco, nos assegura, é o que chamo o Simbólico, encarnando-o no significante cuja definição, no final das contas, não é outra senão essa, o buraco (LACAN, 1974-75: 61).

E, a partir daí, é no imaginário que recai a consistência. Toda consistência é suspeita de ser somente imaginária; mesmo o que se sustenta junto, como o nó em si, tudo o que constitui um sistema, é suspeito de ser imaginário. Em todo o seminário *RSI*, Lacan discute a consistência, relacionando-a ao Imaginário: “E a consistência, para designá-la pelo seu nome, quero dizer por sua correspondência, a consistência, diria eu, é da ordem Imaginária” (p.30).

Quanto ao real, ele é ex-sistência, isso quer dizer que ele vem a mais, é o terceiro como tal, o que faz com que o imaginário e o simbólico se mantenham juntos. Esse é o nó concreto, como relação dos três anéis. Um conjunto que não faz sistema, um conjunto do furo da consistência e da ex-sistência. Bastam três dispostos de maneira borromeana para que ele se sustente junto, e isso basta para servir de suporte para o sujeito, numa primeira perspectiva de Lacan: ...a ex-sistência está, por relação a esta correspondência da ordem do Real, que a ex-sistência do nó é real...” (p.35). Lacan acrescenta, nesse seminário, que o Real ex-siste enquanto impossível (p.66). E identifica a consistência com o imaginário, o furo como proveniente do simbólico e a ex-sistência como da ordem do real.

Lacan descobre, no entanto, que o nó básico não se sustenta sozinho. Há um quarto anel. Na nova perspectiva, que é a da consistência e não a do sistema, o fundamental não é a ordem simbólica. O primordial é a consistência do corpo. O corpo, nessa referência, é aquilo que o direito concede ao sujeito como sua propriedade, *habeas corpus*, seu corpo é seu; enfim, ele o concede ao sujeito de direito que, em consequência disso, toma-se por uma alma; toma-se por uma alma quando se extrai do mundo e sente que se submete, quer dizer que sofre dele. Essa consistência é imaginária, posto que, no que concerne a sua matéria, esse corpo se decompõe: “O corpo decerto não se evapora e, nesse sentido, ele é consistente...” (LACAN, 2007: 64). “O falasser adora seu corpo porque crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é a sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante” (p.64). Essa consistência é, entretanto, insuficiente, posto que há o amor, na medida em que há o amor ou que a questão do amor se coloca, quer dizer, de fazer a escolha de um outro corpo.

Podemos pensar que a fase da adolescência ilustra um tempo lógico onde a consistência do corpo é abalada. Se a consistência do corpo é imaginária, o real do sexo faz abalar essa ilusão imaginária que sustenta o corpo, exigindo do sujeito sua reconstrução. No encontro do adolescente com o outro, o amor é uma tentativa de tamponar essa insuficiência do corpo, um véu que recobre sua inconsistência.

O amor é relativo à insuficiência do corpo próprio e, na perspectiva do *sinthoma*, é uma maneira de dar sentido a um gozo que é sempre parasitário. Miller (2005) comenta que o gozo não está no corpo como consistência, o corpo como consistência está articulado com a sua forma; esse parasita vem a mais entre o corpo e o simbólico. Ele os enlaça. Lacan aborda o parasita do gozo como real.

Nesse sentido, o gozo como real é o que parasita o corpo e na adolescência o “despertar” é exatamente essa irrupção desse gozo parasitário. O amor é uma forma que o adolescente encontra de dar sentido a esse gozo real.

O *sinthoma* vem se inscrever na demissão do pai. A função do *sinthoma* é a de ser reparador. O *sinthoma* repara a cadeia borromeana quando os elementos dela não se mantêm juntos. O *sinthoma* aparece como um operador de consistência que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real continuar mantendo-se juntos. No caso Joyce, o

sinthoma é exatamente uma compensação da carência paterna, carência que se conclui na geração seguinte pela esquizofrenia da filha de Joyce, como Joyce tivesse sido o intercessor entre a carência de seu pai e a esquizofrenia de sua filha.

Na adolescência o sujeito se depara com a falha estrutural do pai, é um tempo lógico em que o sujeito busca construir um sintoma para compensar essa carência paterna. O Nome-do-Pai é insuficiente para abordar o real. Mas, se seu pai assegurou a conjunção do simbólico e do real, ele possui os referentes fálicos que o sustentam em sua travessia.

Lacan vai abordar o inconsciente, a partir do caso Joyce, em torno do caroço do real: “O real, aquele de que se trata no que é chamado de meu pensamento, é sempre um pedaço, um caroço. É, com certeza, um caroço em torno do qual o pensamento divaga, mas seu estigma, o do real como tal, consiste em não se ligar a nada. Pelo menos é assim que concebo o real” (LACAN, 2007: 119). O que a análise faz é isolar o caroço e para isso é preciso saber deixar cair o bordado. Miller (2005) interpreta esse deixá-lo cair como sendo diferente de decifrá-lo, porque decifrar é sempre ligar, enquanto que o real é uma invenção de algo que não é leve, mas é uma invenção frágil em si mesma, ele não se liga a nada.

Em torno do caroço do real, tece-se uma história. A história na perspectiva de Lacan neste seminário do sinthoma é uma fantasia. A história não passa de um mito, ela é somente uma maneira que parece factual para dar sentido ao real: “A história é a maior das fantasias, se assim podemos nos exprimir. Por trás da história dos fatos pelos quais os historiadores se interessam, há o mito” (LACAN, 2007: 120).

O adolescente escreve a sua história no blog. Como toda história, trata-se de uma ficção, uma maneira de dar sentido ao real. Na adolescência, busca-se dar sentido ao real. Para Freud, as fantasias, assim como os sonhos, são realizações de desejo e são construídas ainda muito cedo. Elas são herdeiras do Complexo de Édipo e se estabelecem a partir da castração do Outro. As fantasias tentam encobrir a castração, mas, por outro lado, veiculam uma função de real, como destaca Lacan. Na adolescência, quando as identificações simbólicas e imaginárias se desfazem, a fantasia (fálica) vacila e surge a interrogação sobre o sentido. É dessa maneira que podemos pensar que a escritura pode ser uma tentativa de reconstrução a partir dos restos das primeiras relações

identificatórias. É a escrita de uma história particular, feita de restos, de fantasias, que se organizam para a construção de um novo sentido.

Mas existe um limite na história, na criação de sentido. Numa análise, chega-se ao limite da história. Lacan diz que a história é fútil em relação a um sintoma quando se chega a esse ponto de redução onde não há mais nada mais a fazer para analisar. Quando Lacan afirma que Joyce era desabonado do inconsciente, pode-se pensar que isso não é exclusivo de Joyce. Ser desabonado do inconsciente é o real de qualquer sintoma. Segundo a elucubração freudiana, o sintoma é verdade e, para Lacan, o *sinthoma* é real. Lacan sublinha que o inconsciente de Freud não implica, obrigatoriamente, o real do qual ele se serve. O real para Freud era algo como a libido, uma energia constante. Para Freud, há um saber no real e era isso que dirigia seu manejo do sintoma, como observa Miller (2005).

Para Lacan, a psicanálise leva a uma redução ao que não tem sentido, ao que não se liga a nada. Entretanto, isso não quer dizer que devemos abolir qualquer sentido. Miller destaca que nos servimos do Nome-do-Pai na psicanálise. Numa análise, passa-se pelo deciframento, passa-se pelos efeitos de verdade, mas eles estão ordenados de acordo com um real que não tem ordem.

Mesmo fora da análise, a criação do sentido pode esbarrar num limite, naquilo que escapa à significação. Veremos essa passagem do sentido ao fora do sentido em um blog de adolescente.

É essa nova perspectiva que Joyce ilustra por meio de sua escrita. Joyce dá a essência do *sinthoma*, visto que sua obra é inalisável, que aponta para um não-sentido. Lacan, nesse seminário (2007), introduz a concepção dos três registros disjuntos. O simbólico, uma vez disjunto do real e disjunto do imaginário, não é mais uma ordem, não é mais a ordem simbólica. O simbólico não se impõe ordem alguma.

A imagem do nó fascina, pois ela impõe a ideia de uma nova ordem, mas o essencial é que as rodela não são amarradas. É isso que se encontra no Seminário *O sinthoma*: a categoria do soltar/destacar (*détachement*), como destaca Miller (2005), o corpo solto. O *sinthoma* do qual Lacan trata, a partir do caso Joyce, é justamente um *sinthoma* solto do

inconsciente. Joyce é desabonado do inconsciente, ou seja, o inconsciente pode se soltar do sintoma. Há uma disjunção do inconsciente e do gozo. Assim, o sintoma vem abolir o símbolo.

O sintoma, portanto, é uma modalidade de atar os três registros da realidade psíquica: Real, Simbólico e Imaginário. Ele opera como um quarto elemento que, junto com os três anéis, se atam em um nó a quatro, que aperta um vazio central, o objeto *a*. Esse nó pode falhar e pode ser reatado.

Na puberdade o nó falha e o adolescente deve então construir um sintoma, para enlaçar os três registros. Nesse sentido, o sintoma corresponde a uma criação, uma invenção particular que permite esse enodamento dos três registros da realidade psíquica.

O sintoma tem, portanto, duas vertentes. A primeira é a vertente significativa, da mensagem que pode ser decifrada e que se dirige ao outro, que remete à tese lacaniana de que o inconsciente é estruturado como linguagem. A outra vertente é a da letra, fora do significado, uma letra sozinha que é capaz de amarrar o próprio ser de gozo.

O sintoma designa precisamente o que do sintoma é rebelde ao inconsciente, o que do sintoma não representa o sujeito, o que do sintoma não se presta a nenhum efeito de sentido, enfim, que evidenciaria uma revelação. Já o sintoma é aquilo que representa o sujeito, ilustra a formação do inconsciente como linguagem, que tem efeito de sentido e que faz laço social.

Vimos como o adolescente, ao buscar no outro a resposta para o enigma do desejo, se histeriza. O sujeito neurótico se coloca numa posição para que o analista construa uma linguagem oferecida ao deciframento. Nesse caso, o sujeito permite a suposição do inconsciente. O neurótico faz a construção do romance familiar.

No caso da neurose, o sintoma quer dizer alguma coisa. Aqui se introduz a função de sua crença. O sujeito acredita que existe sentido no real, ou seja, que o sintoma quer dizer alguma coisa. É por isso que o adolescente busca “escrever sobre si”, ele crê que há sentido no real.

O querer dizer do sintoma mostra, segundo Miller, o seu fundamento. O fundamento é que há desde a sua origem uma relação com a língua. A língua para cada um, diz Lacan, é algo que é recebido e não aprendido. A língua é uma paixão, é sofrida. Há um encontro entre a língua e o corpo e deste encontro nascem marcas, que são marcas no corpo. O que Lacan chama de *sinthoma* é a consistência destas marcas. Assim, ele reduz o *sinthoma* a um acontecimento do corpo, algo que aconteceu ao corpo por causa da língua. Esta referência ao corpo, enfim, é ineliminável do inconsciente. Identificamos as duas vertentes do sintoma: uma que diz respeito à linguagem e a outra que diz respeito à língua.

Na adolescência há a imposição de um trabalho subjetivo. No despertar pubertário há o encontro com o traumático, com o real do sexo, que faz desfocar o corpo enquanto consistência. “Este desarvoreamento, este despedaçamento, esta discordância fundamental, esta não-adaptação essencial, esta anarquia, que abrem todas as possibilidades de deslocamento, ou seja, de erro, caracterizam a vida instintual do homem” (LACAN, 1992: 215). Diante do real, o que aparece é a dimensão rasgada do desejo, a pluralização do sujeito, sua “espatifação”. Tal rasgamento se mostra pela regressão tópica do sonho, pela perda da unidade narcísica do Eu, acompanhada pela *imissão de sujeitos* (1992). Há um desatar do nó que sustenta os três registros. O adolescente pode, a partir da escrita, fazer uma amarração singular. O blog pode operar como uma escrita que faz um enodamento entre os registros, como um sintoma.

Existe a versão do romance nos blogs. Essa versão do romance equivale à vertente significante, da linguagem. Soler (1998b) destaca que um cenário, isto é, o imaginário, pode ser a variável do sintoma. A autora faz uma diferenciação entre o romance e o sintoma. Um romance se dedica ao significado, ao passo que o sintoma é real, fora do significado (apesar dela usar aqui o nome sintoma, podemos dizer que essa vertente é a do *sinthoma*). Mas ela mesma mostra o equívoco dessa afirmação, pois nada opõe uma unidade de significado (como faz o romance) ao um do *sinthoma*. Assim, Soler postula que o poeta torna clara a junção ou a costura na qual a audácia da letra engendra algo novo no significado. Esta operação produz um gozo, mas esse gozo não é o puro gozo da letra. Esse gozo “emerge na junção em que o significado brota do literal, indo mais além e então curto-circuitando a intenção do sujeito” (SOLER, 1998b: 19).

Soler faz, então, uma aproximação entre a letra e o significado, mostrando que as duas vertentes do sintoma não se opõem, mas se avizinham. Existe no romance o gozo do significado, ligado à ficção. Podemos pensar que, se o blog tem sua vertente de romance, esse romance da própria vida escrito no ciberespaço relativiza ainda mais a linha que separa o factual da ficção na escrita de si. O ciberespaço é o campo por excelência da ficção. O blog é um romance em que a dimensão de ficção está muito mais presente do que no diário íntimo. Se há no romance o gozo do significado, que está ligado à ficção, o carácter ficcional do ciberespaço expande a dimensão imaginária do blog, aproximando-o ainda mais do romance enquanto escrita ficcional.

Se, como foi visto, há na puberdade a irrupção de um gozo que escapa à ordem significante e há a urgência em assumir uma definição sexual, o adolescente precisa reconstruir suas vestiduras fálicas e, para tanto, ele se apoia em instâncias ideais de sua relação com os seus semelhantes, ou seja, se apoia sobre o “eu ideal”. Ele utiliza-se do Nome-do-Pai como dom simbólico do falo para dar uma nova forma ao real da sexualidade.

A concepção de *sinthoma* relaciona-se com a invenção de um termo singular que fixa o gozo. É importante destacar que a singularidade não é a mesma coisa que a particularidade. Miller¹² explica que a singularidade é uma categoria lógica, mas que também está nos limites da lógica. Esse singular ex-siste à semelhança, está fora do que é comum. O que Lacan chamou de *sinthoma* é por excelência o conceito singular, que é da ordem do incomparável, que requer o instante de ver. A orientação ao singular visa ao próprio do *sinthoma* que exclui o sentido. É um gozo que não se deixa resolver na significação fálica. A orientação para o singular não quer dizer que não se decifra o inconsciente, mas que essa exploração encontra um limite, um obstáculo, que o ciframento encontra o sem-sentido do gozo e que, ao lado do inconsciente, há o singular do *sinthoma*. O particular é da ordem do universal e está relacionado ao sintoma, como vertente significante, que tem uma significação e que faz laço social.

¹² MILLER, J.-A. “L’orientation lacanienne. Choses de finesse en psychanalyse”. VI Cours du 17 décembre 2008. Texto não publicado.

O blog pode ser um sintoma no sentido de veículo de gozo, do gozo do significado, da ficção. O cenário imaginário do ciberespaço é a variável do sintoma. O blog situa uma transição – do corpo infantil ao corpo adulto – além de operar uma passagem – do privado ao público. O blog pode se constituir como um sintoma, construindo um semblante para sustentar o real, que faz laço social. Nesse caso, podemos acompanhar pela leitura de um blog uma construção da ordem do particular, que não exclui, entretanto, o singular, enquanto vertente de gozo autístico. Ilustraremos o percurso de um adolescente na escrita de um blog, mostrando o resultado desse percurso, ou seja, o que a escrita “fez com esse sujeito”. Destacaremos nessa construção o que é da ordem do particular de uma solução, que insere esse sujeito na ordem do universal. Trata-se, portanto, da vertente do sintoma, como mensagem dirigida que faz laço social. Se há nesse caso algo da ordem de uma criação singular, enquanto vertente de gozo autístico, não se pode afirmar. Só em análise é possível essa orientação em direção ao singular.

6.2.2. Voz do Solitário

VOZ DO SOLITÁRIO

E VIVA O ESCA(L)PISMO!

<http://vertigemvivente.blogspot.com/>

Buscamos, com este blog, ilustrar um percurso de um adolescente na escrita, para tentar identificar a possibilidade de um blog operar como um sintoma para um sujeito, diante da irrupção do real na puberdade.

Gabriel escreve a “Voz do solitário” durante três anos e cinco meses, dos 13 aos 16 anos, de fevereiro de 2005 a maio de 2008. No início, sua escrita é muito pessoal e dirigida a outros blogueiros: “meninos e meninas do Brasil”. Na primeira página de seu blog, encontra-se do lado esquerdo uma descrição do blog. Apesar de parecer literário, veremos como é inicialmente um texto autobiográfico, como um diário. Ele coloca na página principal do blog uma foto pessoal, com uma breve apresentação:

Sobre este blog

*"Voz do Solitário". Não, não é um blog de poeta torturado sentindo pena de si mesmo; eu odeio vitimização. É uma ~~vitrine~~ ensaio, onde eu coloco meus textos **ruins** para que o mundo todo o veja, se ~~quiser~~puder. O título é de uma explicação do Octavio Paz sobre o que é poesia. Entre muitas coisas, ele cita a poesia como a "Voz do Solitário", e também coloca que a poesia não é a representação em versos. É isso, enfim, que eu procuro fazer nesse blog: uma representação da poesia que todos nós podemos ter.*

Sobre o autor

Pretensioso, prepotente, um tanto quanto arrogante e indiferente, um sorriso de louco delinqüente e um ar solitário. Tão arrogante, prepotente e pretensioso, que tem uma foto com sorriso de louco delinqüente aparentemente não-solitário. Não-poeta, escritor, não-músico, açucarado ou lugar-comum, às vezes. Mas nem sempre.

Observamos, nesses dois trechos, uma escrita que joga com a ambiguidade da linguagem, com a sua contradição. Ele brinca com as palavras, num exercício poético. É a voz de um solitário que busca ser escutado por alguém. Ele se define pela negação: “não-poeta”, “não-músico”, mas se afirma escritor.

Abaixo da apresentação, encontram-se *links* com os títulos de seus textos, que podem ser acessados de acordo com o tema escolhido ou de acordo com a data de postagem, além da indicação de outros blogs. Ele divide os temas de seus escritos em: blog, contos, crônicas, diálogos, experimentais, microconto, pensata, pessoal, romance e “textos de que gosto”. Os textos também podem ser acessados por data de postagem. Nesse caso, eles são organizados por ano de postagem: de 2005 a 2008. Em seu primeiro dia de postagem, ele escreve:

Apresentação

Segunda-feira, 14 de Fevereiro de 2005

Aloha!

Olá, meninos e meninas do meu Brasil baromil! Pätz, que lixo de apresentação. Ok, let's start this over: Meu nome é Gabriel, sou viciado em O Senhor dos Anéis e Legião Urbana. Na verdade, adoro ler, assistir filmes e ouvir música. Gosto também de História, filosofia e política. Bem, já foi a apresentação. Depois eu escrevo. Falou.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [01:09 1 ADENDO\(S\)](#)

Nesta primeira postagem Gabriel faz uma breve apresentação, bem informal, descrevendo também o que mais gosta de fazer. Ele constrói uma “espécie” de assinatura nesse universo virtual. Não sabemos se o nome Gabriel Ribeiro é um *nick name*. Há um adendo depois dessa primeira postagem, o comentário de um leitor. A mensagem postada pelo leitor foi:

[Alguma/Destino](#) disse... olaah...

Q apresentação mais mixuruca...

Se bem q me lembra: "Acho q não sie quem sou..só se ido q não gosto.."

Sei que vc num vai ler...

Não quer dizer q num deva escrever...

tehh..kissus e ciao

Domingo, 12 Novembro, 2005

A resposta do leitor, numa linguagem típica do ciberespaço, ilustra como os adolescentes compartilham esses códigos no espaço virtual. Mas o que nos interessa,

mais especificamente, nessa resposta da leitora *Alguma/Destino*, é a sua crítica à apresentação de Gabriel. O autor de um blog, ao publicar suas ideias na rede, está sujeito a elogios, incentivos, críticas e comentários de toda ordem. Lançar-se no espaço público é arriscar-se a ser aceito ou não, a agradar ou desagradar. Algumas vezes Gabriel responde a comentários de leitores, outras vezes não.

Em seus primeiros escritos, no mês de fevereiro de 2005, Gabriel indica e comenta filmes e músicas, descreve suas atividades preferidas, escreve sobre a escola, sobre o seu time de futebol e indica alguns blogs de sua preferência.

Domingo, 20 de Março de 2005

Agora sim, comentem!!

Bem, é o seguinte: depois de fuçar bastante no blogger, consegui "dar um jeitinho" de autorizar comentários mesmo pra quem não é do blogger. Agora, vejam se comentam!!

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [23:39](#) [1 ADENDO\(S\)](#)

Nesse texto acima, Gabriel escreve que conseguiu autorizar comentários mesmo para quem não é do *blogger*, abrindo possibilidades para mais pessoas deixarem comentários em seu blog. Assim, verificamos o grande interesse do autor em se comunicar com o maior número de pessoas possível. Ele busca leitores e comentadores para os seus textos, é uma escrita dirigida aos leitores, endereçada a um outro.

O texto escrito em 29 de junho de 2005 é muito interessante, pois Gabriel escreve sobre “a importância da escrita” para ele:

Quarta-feira, 29 de Junho de 2005

Minha vocação é com papel e caneta

Escrever está virando uma necessidade para mim. Quero dizer, continuo escrevendo apenas inspirado; nunca escrevo algo sen inspiração, a menos que valha algo. E volto ao que disse no início: estou me sentindo forçado a escrever e, como não poderia deixar de ser, vejo tudo escrito nesse período com os olhos mais críticos que existem.

Talvez seja porque esse é um talento que devo desenvolver; afinal, é o que de melhor faço, tenho de fazer

direito.

Ultimamente, só tenho cabeça para pensar numa certa japonesinha e na resposta que dela espero (para ser positiva espero até o fim do mundo!). Ela está doente (mas melhorando) e o medo da perda assola meu coração. Espero que nenhum de vocês passe pelo que passo agora...

Penso ser só isso... Precisava dizer, num sabem? Bem... Estou de férias! Viva! Vamos falar aí... Quem quiser orkut deixa nos comentários... G-Mail também, tenho 50 convites...

Agora os agradecimentos... Mônica (ainda não sei se pode chamar de Momô^^), obrigado por ouvir esse mala aqui, viu... É bom dizer tudo pra alguém! Aliás, tenho de agradecer à Bianca (uma nova amiga, mas muito paciente), à Giu (menina, te adoro muuuuito! Você é dez!), ao Guilherme e ao Fernando por me agüentar falando só sobre ela o tempo todo! Obrigado!

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [01:23 2 ADENDO\(S\)](#) 

Bianca disse...

oi Gabriel...!!!

Adorei seu blog...pena que ele naum esta falando de coisas muito felizes...pois o AMOR é triste!!! (na minha opinião) Bom sinto muito por vc...sei que estar apaixonado não é facil...pq naum temos cabeça para nada na VIDA...soh para a "pessoa", e sei que em muitas vezes acamos esquecendo de viver...por causa dessas pessoas!!!!

Bom fikarei na torcida para que sua resposta..seja positiva!!!!^^

fiko aqui....adorei muito te conhecer....espero que a nossa amizade cresça a cada dia, ahhhhhhh valew por ter citado o meu nome....BIANCA emocionei!!!!^^

bjnhusssss...da sua nova amiga...Bianca

Terça-feira, 28 Junho, 2005

Lia disse...

Oi Gabriel, ñ te conheço, mas li seus textos na usina das palavras e achei mto bons,votei em "Precisamos de você".Parabéns!Sou leiga no assunto, mas deu pra perceber q vc tem um grande futuro!

bjos

Quinta-feira, 25 Agosto, 2005

Nesse texto acima, Gabriel afirma que escrever “está virando” uma necessidade, que se sente forçado a escrever. Ele já escreve o blog há cinco meses. Sua escrita é inspirada pelo amor. Gabriel recebe dois comentários, de Bianca e de Lia, que não conhecem Gabriel pessoalmente. Gabriel começa a incluir em seus textos os comentários dos leitores. Gabriel começa a publicar em um *site* literário. Ele escreve sobre o seu desejo

de “ser um escritor”. “Escritor” é um significante que causa o seu discurso, orientando a série na busca de um sentido para a sua vida.

Gabriel fica sem escrever durante dois meses. Volta a escrever em agosto, quando busca colocar os assuntos em dia:

Sexta-feira, 26 de Agosto de 2005

Vamos deixar as janelas abertas...

Há quanto tempo! Desde 28 de junho... Nossa, tanta coisa mudou durante esses dois meses! Pra começar, sei que tem gente que vai perguntar e ainda não sabe: a resposta foi não! Mas isso nem me incomoda mais... Agora estou mesmo tocando a vida, e não posso me ver tentando conseguir um sim... Descobri novas pessoas, e uma me é tão querida apesar do pouco tempo de amizade que gostaria de agradecer... Não sei se você tá lendo isso, Talita, mas é pra você o recado! O que mais dizer.. Ah, sim... Conheci gente no orkut, mas lá minhas amizades que floresceram se resumem à Mônica (a propósito, Mônica, sinto muito não estar respondendo, mas meu Gmail anda com uns problemas básicos, então não me leve a mal... Vou tentar postar mais aqui para compensar!)... Em compensação, no Fórum Jedicenter (que anda com mais problemas no server que meu e-mail) conheci a Gabriella... E você é muito legal, viu, mocinha? Adoro seu blog (o endereço é <http://www.indie-gente.weblogger.terra.com.br/>, para quem se interessar...)... Tô dando uma olhada lá freqüentemente (agora um recado pra quem tem e tá lendo isso: é só comentar esse post com o endereço que eu vejo, ok?), e tá sendo uma boa leitura! Por falar em blogs... Me dá muita raiva povinho que nunca fala comigo e do nada aparece no meu MSN: "Comenta lá no meu blog plx?"... Vá ser folgado assim longe, ok? Tô irritado mesmo. Na Educação Física o professor me pôs no pior time de basquete, o outro time roubou, e hoje teve vôlei (quem me conhece sabe que eu amo vôlei, tanto quanto basquete), quando eu recebia bola era deslocada ou adiantada... Tava fod! Agora, eu tô pensando em botar um template novo... Tipo Version 2.0... Que acham? Sabem o que eu comecei a ouvir? Pop Asiático (também chamado de APop)... E é bom, viu? A maioria é BoA (minha favorita), mas eu tô procurando mais... Kiss, alguém? Por falar em Kiss (esse é o coreano, não o americano)... O clipe de Because I'm a Girl é muito bonito... Assistam! Como eu tô proibido até o final do mês de ver filme, não tem nenhum para eu comentar... Exceto O Quarteto Fantástico, que vi nas férias e que é dez! O jogo online sobre o filme é melhor ainda! Por falar em jogo online, tenho jogado Meteorus (www.meteorus.com.br)... É ótimo! Tô em 7.200 alguma coisa... Nada mal para dois dias... Eu não sei o que tá havendo, mas eu tô me afastando dos "amigos"... Quem sabe o que é? Só sei que nada sei... Mas ainda tenho alguns bons^^ E sobre garotas... Bem, eu acho que gosto de uma... Mas como ela pode estar lendo... Não conto! Mas vou dar uma dica... Já citei aqui... Nesse post... E o post está gigante, hein! Mas é pra vocês entenderem tudo... E já que falei em entender, não estou entendendo nada de Matemática! Pela primeira vez na vida! Quer dizer, até entendo, mas regra que tem que decorar, nada! Tô melhor em geometria que álgebra! Can you possible imagine it?? Chega por esse post... Mas admitam, foi uma volta triunfal! Até mais! ^^*

Ouvindo: Lady Madonna - Beatles

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [19:54 0 ADENDO\(S\)](#) 

Gabriel “circula” com grande familiaridade pelo ambiente virtual, fazendo muitos amigos na rede. Mas ele escreve também sobre a sua vida fora do universo virtual.

Comenta que está proibido até o final do mês de ver filme. Aqui aparece uma referência indireta aos pais, que surgem na sua função de interdição. E comenta que está gostando de uma garota, mas não revela quem é. Sua escrita comporta a dualidade público/privado, é lançada ao olhar do Outro, mas também vela, provoca e incita, convidando a seu desvelamento. Gabriel se oferece e se furta ao olhar do outro, construindo uma solução histórica ao encontro com o feminino.

Gabriel escreve com grande frequência, mas não diariamente. Ele fica sem escrever de outubro de 2005 a janeiro de 2006, quando retoma os seus escritos no blog:

Quarta-feira, 18 de Janeiro de 2006

Here I go, is my shoot!

Faz tempo que não escrevo essas mal-traçadas linhas de amor... Nunca fui de bater ponto, então não se surpreendam por eu ter evitado esse blo por tanto tempo. Não que faltasse assunto, não mesmo. Faltou é vontade de expressá-lo.

O último post data de 27 de outubro. Na verdade, esse texto eu escrevi nesse dia, mas só o publiquei mesmo hoje. Ou seja, eu não dou notícias minhas desde o dia 21 de setembro.

*E **muita** coisa mudou desde então.*

Aconteceu tanta coisa que eu vou colocar na ordem.

Pra começo de conversa, passei de ano. Fiz uma monografia bonitinha-lixo e um jornal meia-boca e consegui empurrar mais um ano. Sem estudar quase nada. Fazer o que? Sempre fui um péssimo aluno no que se refere a estudo retardado, daqueles decoreba. Felizmente, em nota não.

*Depois, como eu merecia por ter passado, viagem de formatura! A melhor viagem que já fiz... Foi nela que uma pessoa que já há bastante tempo me impressionava aceitou meu pedido... Sim, eu comecei a namorar de novo! E, sim, **EU TE AMO MUITO, LI!!** A cada dia que passa mais eu me apaixono...*

Teve meu aniversário... 14 aninhos =)

Tive alergia u.u'... Foi um saco >.<

Mas muitas notícias foram boas! Passei na CEFET (Federal) e na CEETEPS (Aprígio)! Agora vou fazer Ensino Médio na Federal... Ahá!

Tenho medo de trote... Mas tô tranqüilo, tava mesmo pensando em raspar o cabelo careca...

Falando em radicalizar, eu tô querendo por um piercing na orelha... Mas quem diz que pai e mãe deixam?

Não tenho escrito muito; por outro lado, eu e meu amigo Caio (totalmente pirado) estamos com idéias políticas. Por enquanto, somos nós dois apenas no 'partido'. Ele é a 'ala radical' e eu a 'ala moderada'. Minhas idéias, eu tenho certeza, são muito mais viáveis, ainda que as mudanças que proponha sejam menos imprescindíveis. Com alguns adeptos no poder, é fácil de se resolver legalmente. O problema da política do Brasil não está no modelo econômico, na política externa, não é nada disso. Apenas a corrupção e a burocracia acabam com nossas chances. Temos que nos mobilizar.

Ainda no assunto política, na Veja dessa semana tem uma entrevista com um economista. Ele fala sobre o as mudanças necessárias. Como eu gostaria que o governo tivesse o bom-senso de tomar a atitude renovadora... É por isso que estou com plenas intenções de entrar na política. Temos que fazer a diferença enquanto ainda podemos.

Estou interessado em trabalhar! Sim, eu preciso, ou vou ficar louco. Não é pelo dinheiro, é pela ocupação. Se alguém tiver interesse em um jornalista-escritor para seu site ou revista... Estou disponível. Meus textos estão online! Muitos no site www.usinadaspalavras.com! Estou começando a escrever resenhas de CD's para o site www.revolvermusic.com.br, também. E quero mais trabalho!

Acho que escrevi um bocado, huh? Se alguém sentiu falta de alguma coisa, me avisa...

Fiquem na pax!

Ouvindo: I Can't Stop Lovin' You

Ele se justifica pela ausência e descreve o que lhe aconteceu durante esse tempo, como em um diário íntimo. Dentre outras coisas, ele fala do desejo de colocar *piercing* na orelha, mas que os pais não deixam. Podemos observar que os pais de Gabriel quase não aparecem em seus textos, e, quando surgem, é sempre na função de interdição. Ora, o “desligamento dos pais” é o que permite a Gabriel se lançar no espaço público, correr riscos, viver o amor. Isso não seria o resultado de uma operação bem-sucedida de interdição paterna?

Acompanhamos as possibilidades que o universo virtual abre para Gabriel e como ele se lança nesse espaço público. Ele passa a publicar seus escritos e consegue trabalho fazendo resenhas de CDs. Em março de 2006, volta a falar do amor:

Domingo, 5 de Março de 2006

Eu sou rapaz direito, fui escolhido pela menina mais bonita...

Yeah, Urbana Legio Omnia Vincit, huh?

Ahá! Ontem fui na Liberdade... Sozinho, você pergunta? No way! Quem foi comigo? ...

Hum...

Yeah =D... Finalmente conseguimos sair, né Tata?^^

Foi, com certeza, o melhor passeio do ano! E, por enquanto, do século! huahauhauhauh... Acho que por causa da companhia, né?^^

Hey! Uma semana para o dia da Integração!! Federal, afinal! =D

Hoje pulei feito um bobo huauhahuahua... Tô tão feliz... Agora o que pega é só a saudade mesmo^^... Mas um dia eu dou uma escapada pra ir até aí, viu... Kyu, kyu! xD

Hahaha, fico por aqui mesmo =)

Que o dia de vocês seja tão iluminado de alegria quanto o meu!

Buh-bye!

Ouvindo: Legião Urbana - Aloha

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO

1 comentário -  [Mostrar postagem original](#)

TaTa =] disse...

hayoow²

hiuahaiuaa!! UiA!

pensei~ será ke o bakazildo posto?

hiauhiua! acertei =]

la la la ^^ sim sim.

finalmenti a gnti saiu XD

*sodades di vC tbm tiO. ObA ^^ vem pah kah sim ~;]
kyu kyu! iUAHIuahIUAHAiau =]*

bjO²;
la la la! kyu³^^*

Domingo, 05 Março, 2006

Uma observação que pode ser feita nesse trecho é que, apesar de Gabriel dominar a linguagem do ciberespaço, a sua escrita aproxima-se mais da linguagem “formal”. Ele também tem alguns interesses diferentes da maioria dos adolescentes de sua época, como gostar muito de ler e ser “romântico”, como ele mesmo se define. Mas também compartilha de vários interesses dos jovens de sua geração.

O texto escrito em abril de 2006 é particularmente interessante, pois Gabriel faz uma “retrospectiva de sua vida”, construindo o seu romance familiar:

Segunda-feira, 10 de Abril de 2006

I would say I'm sorry if I thought that it'll change your mind...

*O engraçado é que eu nunca tinha pensado em escrever. Nunca me achei uma pessoa de letras, por assim dizer. Todos diziam que eu era. Sim, eu era uma traça-de-livros, e daí?
Mas mesmo sendo um leitor, eu não sabia que só servia pra isso. Eu **era** bom em Matemática.*

Aí, é claro, veio a minha sexta série. Sim, a sexta. 2003. Amigos. Diversão. Amor.

Parece estranho, eu sei. Eu tinha 11 anos, o que podia saber de amor? Pois é. Até que eu soube.

Eu simplesmente não me interessei por mais nada depois disso. Tudo pareceu sem sentido, e eu, inexperiente completo nos terrenos da paixão, só encontrei uma forma de me expressar: versos.

Foi quando eu comecei a escrever. Bem, é claro que eu era péssimo. Não só pra escrever bonito, mas para expressar sentimentos. Esse tipo de coisa não se ensina na escola, e não é bem considerado coisa de garoto. Portanto, ninguém se preocupou em me ajudar.

Sim, eu era péssimo, já disse. Mas é interessante. Após dois anos escrevendo, eu aprendi alguma coisa.

Aprendi que não podia escrever apenas sobre meu amor. Os textos não eram apenas cartas, eu fiz deles um diário informal. Meus medos estavam lá. Minha raiva. Fiz dos textos minha válvula de escape das minhas emoções indomáveis.

Por exemplo agora.

Ao som de: The Beatles - Back in the USSR

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [19:49](#) [0 ADENDO\(S\)](#)

Ele localiza o interesse pela escrita no despertar da puberdade, com o surgimento da primeira paixão. Segundo Gabriel, a escrita foi a única forma que ele encontrou de expressar o seu amor. Ele passou a fazer dos textos sua “válvula de escape das emoções indomáveis”. Aqui Gabriel revela a função da escrita para ele nesse tempo da adolescência: tentar domar o gozo indomável que o invade.

Lacan (1985 [1972-73]), em *Mais, ainda*, define a escrita como o que vem a se tramar como efeito da erosão da linguagem. Gabriel, nesse tempo lógico do confronto com a “erosão da linguagem”, tece, pela via da escrita, um trabalho de “suplência” a essa fissura. Segundo Lacan, “o que vem em suplência à relação sexual é precisamente o amor” (1985 [1972-73]: 62). Diante do encontro com o real do sexo, a escrita parece operar no amor como suplência.

O texto abaixo comprova a importância da identificação na adolescência:

Quarta-feira, 12 de Abril de 2006

Eu sou emo.

Sim, meus caros. Eu sei que isso causará: 1- Vontade de me matar e 2- Tentativa de fingir que não me conhecem.

Oh, bem.

Vejamos, que prejuízo declarar isso me trará?

Eu acho que emo é uma pessoa com capacidade de expressar suas emoções, que são irrefreáveis. É uma pessoa sem limites no que diz respeito a sentimentos. É uma pessoa com amor infinito, não um bebê chorão. Infelizmente, o mundo parece que se esquece ou nunca viu desse jeito.

Bem, eu não me importo com isso. Eu gostaria, sim, de conseguir viver sozinho, de não precisar de amigos ou de amor. Não posso. Ser emo não é uma escolha, é a única opção.

Ahhh.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS 23:08 9 ADENDO(S) 

O encontro com o indizível neste tempo do despertar leva o jovem a buscar em um grupo uma “identificação imaginária”. O “eu” recobre-se numa imagem para velar a falha simbólica. Assim, Gabriel se identifica com o “emo”, que ele descreve como uma pessoa com capacidade de expressar suas emoções “irrefreáveis”, uma pessoa sem

limites no que diz respeito a sentimentos e que precisa muito de amigos e de amor. O amor é o tema preferido dos seus escritos; como sublinha Lacan (1985, p.94), o amor cortês é uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência da relação sexual, uma maneira de sair com elegância desse impasse.

Terça-feira, 18 de Abril de 2006

Hold me, love me...

Esse é o 50º post desse blog.

Por isso eu quero desabafar, dizer o que é que está me corroendo. Há tempos.

Havia um tempo em que eu experimentei um sentimento maravilhoso. Algo parecido com amor, eu tenho certeza.

*Sim, ela ainda é especial. Sim, eu só fiquei um dia com ela. E **sim**, foi o melhor dia da minha vida.*

Caramba. Ela é linda, perfeita até nas imperfeições, inteligente, bem-humorada, japonesa. Tudo bem, não tem problema, eu até posso entender.

Mas ela TINHA de beijar tão bem?

Droga, eu acho que gosto mesmo dela, e acho que ela não está com a mínima saudade de mim ^^'.

Ahhh, bem.

"I can't believe... That it's happening to me..."

Ele parece desenvolver suas paixões no campo das fantasias, sempre como impossibilidades, destinadas ao fracasso, o que é próprio do tempo da puberdade. Os escritos de Gabriel são autobiográficos. Ele descreve os acontecimentos de sua vida, suas atividades, pensamentos, preferências, seus amores, suas decepções amorosas, construindo o seu romance familiar.

Mas, de repente o seu texto sofre uma alteração na forma da narrativa. Essa mudança aparece nas quebras na previsibilidade de sequências, no surgimento de elementos dissonantes à estrutura da narrativa, na mudança temática, na intensa angústia, nas letras em maiúsculo que expressam gritos, ou seja, cortes que apontam no desenrolar do texto para a falência da linguagem e que são indicadores da presença do vazio do significante, do real:

Terça-feira, 23 de Maio de 2006

You got another thing comin'!

Eu quero que se dane. Mesmo.

Lutar?? Protestar?? Corrupção??

FODA-SE!

Egoísmo? Pode ser.

EU NÃO TÔ COM SACO PRA FAZER ISSO!! Não quero mais saber!

Estou torturado e dilacerado por dentro. Estou morrendo de amores!

E sem esperanças.

Se eu não posso mudar a mim mesmo, posso tentar mudar o mundo?

Eu quero parar de sofrer!

Eu quero deixar essa carcaça e voltar a ser uma pessoa!

Todos estão se mexendo, exceto eu!

E FODA-SE se meu blog está egocêntrico, sem produções literárias.

O fato é que eu estou muito mal. Não é hora de escrever o que devo.

AARGH!

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [18:57 4 ADENDO\(S\)](#)

Ele fica um mês sem escrever. Quando retoma, seu texto revela uma escrita que é inteiramente tomada pela angústia:

Segunda-feira, 26 de Junho de 2006

.Arrogância e prepotência.

Até perdi o ânimo de escrever cá por essas paragens.

Aliás, por quaisquer campos. E sítios.

As pessoas do meu convívio já não parecem me oferecer nada.

Eu continuo a viver por pura inércia. E um baque precisa acontecer.

E acontecerá.

Enquanto isso, eu vou vivendo. Tentando fugir da minha sina de jovem-adulto e me desiludir com as pessoas aos 15 anos.

Ainda bem que tenho só 14.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [22:41 3 ADENDO\(S\)](#) 

Mas ele insiste em escrever. Busca o amor como “semblante” diante do encontro com o lugar da estrutura que aponta para o indizível. Lacan (1985) comenta, no *Seminário 20, Mais, ainda*, que não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado, tanto perverso, no que o Outro se reduz ao objeto *a*, quanto louco, enigmático. Ele ressalta que é do defrontamento com essa impossibilidade de onde se define um real, que o amor é posto à prova: “Do parceiro, o amor só pode realizar o que chamei, por uma espécie de poesia, para me fazer entender, a coragem, em vista desse destino fatal” (1985, p.197). Lacan define a relação sexual como aquilo que *não para de não se escrever*. Há uma impossibilidade de se escrever a relação sexual. Mas Lacan define a contingência como *para de não se escrever*. Diante da impossibilidade, não há outra coisa senão “o encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual” (LACAN, 1985: 198). Nesses encontros, por um instante, tem-se a ilusão de que a relação sexual *para de não se escrever*.

Quarta-feira, 19 de Julho de 2006

Amor Falso

É, eu nunca amei de verdade. Amor é sempre pra sempre, e o pra sempre nunca acaba.

Sabe o que eu acho que falta? É um tantinho assim... Pouco mesmo.

Um pouco de reciprocidade viria bem a calhar.

Aliás, só preciso de amor.

Amor.

Amor pra sempre.

Amor por uns dias a mais do que um ano.

Ah, amor.

Eu quero alguém pra chamar de 'querida'... É pedir demais?

Eu só preciso disso. Meus impulsos nunca falharam; eu não tomo decisões repentinas sem nexo. Acredite em mim, dará certo.

Confie em mim, me dê a mão e vamos juntos...

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [04:52 1 ADENDO\(S\)](#) 

Gabriel reclama da falta de reciprocidade no amor, dos seus desencontros amorosos, da ausência de uma complementaridade entre os sexos. Mas ele também escreve sobre amizades:

Sexta-feira, 18 de Agosto de 2006

Procura-se:

Uma amizade.

De verdade (ou não).

Amigo pra conversar, jogar conversa fora. Ou para desabafar e pedir ajuda e ajudar. Ou ambos.

Amigo para discutir, mas para concordar. Para todas as horas, para a hora do almoço.

Para voltar junto no metrô, para sair para a rua. Para ver o pôr do sol da estação, com o vento batendo no rosto, dividindo um refrigerante.

Amigo para rir, para brigar feio. Para apresentar amigas, para disputar uma garota.

Para errar feio e cair na quadra. Pra ouvir Legião no máximo em um fone e Nirvana no outro.

Para deixar saudades.

Adeus, Paulo.

Adeus, amigo.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [21:15 3 ADENDO\(S\)](#)

O blog é um texto endereçado aos leitores virtuais. Ele busca fazer novos amigos e corresponder-se com eles através do blog. Mas também escreve para amigos que conhece fora do universo virtual. No texto acima, parece que Gabriel sofreu uma desilusão com um amigo e se despede dele. Ao escrever sobre o amigo ideal, Gabriel mostra o desejo de uma complementaridade também no campo das amizades.

Em novembro de 2006, escreve sobre uma mudança que observa em si mesmo:

Segunda-feira, 6 de Novembro de 2006

Eu (não) sei.

É tão estranho.

Estou feliz, dá pra entender?

Mas parece que fiquei mais frio. Há menos de, o que, dois meses, eu estaria me comportando à altura

desse sentimento. Estaria transpirando alegria, verdadeiramente curtindo a emoção. Mas, ao invés disso...

*...estou aqui. Qual é? Que diabo de contenção é essa? Nem eu mesmo entendo. Eu quero, eu **preciso** ser eu mesmo. Porque eu mesmo estaria, a essa altura, perdido em seus pensamentos e sentimentos, porque estou encantado...*

...e graças a mim tenho esse blog pra descarregar temores e culpas.

E pra contar uma coisa boa, pelo menos. Sabe o que se procura?...

...Achei.

No texto acima, ele comenta que está feliz, mas, diferente das outras vezes, diz que parece estar “mais frio”. Parece que a sua escrita possibilitou certa contenção do gozo. Ele diz que está encantado, pois achou o que procura. Ele escreve que o blog serve como meio de “descarga de temores e culpas” e também para contar boas notícias aos leitores. Mas, fundamentalmente, a escrita no blog permite a construção de um semblante, que ordena o caos promovido pela irrupção do gozo na puberdade.

Levamos a hipótese de que, a partir da quebra evidenciada no texto do Gabriel, que denuncia o encontro com o real, ele se apoia no amor como suplência para se reerguer.

O texto escrito em dezembro de 2006 é bastante interessante:

Sábado, 2 de Dezembro de 2006

One Thing Leads To Another

Não confundam aplicabilidade com alegoria. A primeira é a liberdade do leitor interpretar o texto como quiser, enquanto a segunda é a dominação proposital do autor.

Sinto muito dizer que esse texto não é alegórico, mas faz alusão a fatos (dolorosos) recentes. É, acho que a Renata amaldiçoou mesmo isso tudo aqui.

Só sei que tô com esses pensamentos na cabeça, e precisava exagerá-los um pouco e colocá-los num texto, porque hoje fiquei bravo por ter de voltar de metrô.

E por uma outra porção de coisas.

Enfim, estou irritadiço, explosivo, chato e bobo.

É, definitivamente, só você me agüenta. E eu não agüento ninguém, só você. Eu prefiro acreditar que amar é isso, ao invés de ser sofrer durante quase um ano em silêncio (e às vezes nem tão em silêncio assim).

Ah, eu sinto muito se não sou sincero o tempo todo. Mas algumas coisas me são tão tristes que doem de

compartilhar.

Eu acho que isso passa.

As coisas boas e ruins, né?

(seria muita sacanagem só passarem as boas)

[e só tem uma coisa boa me mantendo, por enquanto]

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [02:05 3 ADENDO\(S\)](#) 

O texto acima faz o jogo do revela e esconde, revelando alguns fatos, sentimentos e nomes e escondendo outros. Quando escreve: “só você me aguenta” “e eu não aguento ninguém, só você”, não sabemos se ele se refere a uma pessoa ou ao blog. Ele se desculpa por não ser sincero o tempo todo (no blog), mas afirma que “algumas coisas me são tão tristes que doem compartilhar”. Acompanhamos em seu texto como em alguns momentos ele escreve para “si mesmo”, em outros momentos escreve para “algumas pessoas” que dominam os seus códigos e às vezes escreve para “qualquer um”. Assim, vemos como um blog pode ser, ao mesmo tempo, público e privado. Como sublinha Lacan em *O despertar da primavera*, fazer amor, para os jovens, exige um véu entre o público e o privado. O pudor designa o privado. Mas, se por uma levantada do véu o “púbis” pode passar ao público, é somente com a condição de que o véu levantado não mostre nada (LACAN, 2003 [1974]: 558).

Em fevereiro de 2007 Gabriel comenta que escreve: “para espantar a solidão”:

Domingo, 25 de Fevereiro de 2007

Sentimental

Escrevo para espantar a solidão e os pensamentos frios que ela me traz, nessa tarde quente de verão. Só me sinto acompanhado quando encosto o lápis no papel e lhe conto alguma coisa. Ser escritor é gostar de mentir, contar algumas histórias fantasiosas, quer pareçam críveis ou não. E, ao mesmo tempo, contar algumas verdades.

Já não lembro direito como é se sentir feliz com alguém. Parece que a espécie humana não me serve, e é algo como isso mesmo - mas o mais provável é que eu não sirva.

As pessoas são tanto melhores pra mim quanto menos conhecidas. O mundo traz mistérios que essas pessoas revelam. E quanto mais conheço o mundo e as pessoas, menos faço questão de conhecê-las.

Gostaria, às vezes, de um sinal que mostrasse o caminho certo, e se é esse que estou seguindo.

Mas acho que isso estragaria a surpresa.

Se isso consola, eu tinha um texto mais sentimental que esse pra postar.

*Isso é metalinguagem - suponho. Escritor escrevendo sobre escritor; era isso, não?
Pois é, esse texto é fictício.
Mas tudo que eu escrevo também é um pouco autobiográfico.*

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [15:17](#) [6 ADENDO\(S\)](#)

O papel é um outro a quem Gabriel se dirige “para contar alguma coisa”. Ele se diz “escritor” e, portanto, gosta de mentir, contar histórias fantasiosas, mas, ao mesmo tempo, contar algumas verdades. Assim, revela a ambiguidade de seu texto, que é ao mesmo tempo ficcional e autobiográfico, como conclui.

O desencanto com as pessoas marca a sua escrita no texto abaixo:

Segunda-feira, 12 de Fevereiro de 2007

Minhas Férias

*As minhas férias foram boas, mas eu gostei de voltar à escola.
Bem, não gostei tanto. Mas isso não faz diferença, porque eu só tive um dia de aula, e nem ao menos teve aula.
Nas férias, foi a maior confusão. Aconteceu uma porção de coisa, algumas chatas e outras legais. Como sempre.
Saí um pouco e exercitei o lado cultural, em museus, Paulista e cinema. E livros, bastante.
Ainda assim, percebi que não conheço quase nada do mundo, da vida e de todo o resto! E isso me deixa um pouco frustrado: achei que tivesse crescido e amadurecido tanto, que é desagradável acordar tão rápido e ver que era só ilusão.
Esse ano, caí numa sala nova e, ao mesmo tempo, conhecida. A maioria das pessoas legais do segundo ano estudarão comigo. O problema é que eu não estou muito relacionável, está faltando alguma coisa, que eu sei bem o que é.
Sinto falta de alguém comigo.
E sei onde ela está.*

Gabriel Ribeiro, nº 16, T200.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [17:41](#) [3 ADENDO\(S\)](#) 

Nesse texto, ele revela uma descoberta que acaba de fazer: descobriu que “não conhece quase nada do mundo, da vida e de todo o resto” e que essa descoberta o deixou frustrado, pois achou que tivesse crescido e amadurecido e viu que era só ilusão. Assim, Gabriel se depara com a “ausência de saber” que poderia recobrir a falha da estrutura. Essa falha simbólica, ou, como destaca Lacan em *Lituraterra* (2003 [1971]), esse rompimento do semblante, aponta para o real enquanto resto de gozo: “O que se evoca de gozo ao se romper um semblante, é isso que no real se apresenta como ravinamento

das águas” (p.22). Para Lacan, “a escrita é esse próprio ravinamento” (p.24). O vazio escavado pela escritura é o que há de mais distinto do semblante, e esse vazio é o que dá acolhida ao gozo, como observa Lacan. Esse despertar do gozo impulsiona o sujeito à construção de um novo semblante, num processo contínuo.

Vemos como Gabriel insiste em escrever, apesar do vazio que emerge na ruptura do véu. Acompanhamos uma mudança nos textos. Muitos deles passam a ser escritos na terceira pessoa:

Sexta-feira, 1 de Junho de 2007

Amou daquela vez como se fosse a última.

Atravessou a rua num passo tímido.

Como se fosse acontecer alguma coisa.

Não aconteceu.

Acho que ele ficou até que meio decepcionado.

Não sei.

Não podia se soltar na vida, então se soltou no tempo.

E no espaço.

Detestava aqueles pássaros.

"Vejam, pássaros, se eu não vôo é porque sou melhor".

E era, mesmo.

Muito melhor que eu.

Melhor que você, eu não sei.

Mas se me sinto culpado, e sem dúvida sinto, é porque era melhor do que eu.

E vai fazer mais falta.

Eu gostava dele, de verdade.

Mas ele foi pra estrada sozinho.

Desculpem, mas sem espaço para comentários dessa vez.

Adeus, não. Até logo mais.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [22:35](#)

Os textos passam a ser menos pessoais e mais literários. Como comenta Barthes (2004), a função do “ele” romanesco pode ser a de exprimir uma experiência existencial. O homem-autor conquista pouco a pouco o direito à terceira pessoa, “à medida que a existência se torna destino, e o solilóquio, Romance” (2004, p.33). Segundo o autor, o aparecimento do “ele” é o termo de um esforço que pôde extrair de um mundo pessoal uma forma pura, significativa, mas também desvanecida, graças ao caráter tênue da

terceira pessoa. A invasão da terceira pessoa é uma conquista progressiva que se conduz contra a sombra do “eu”. Assim, o romance, “identificado por seus signos mais formais, é um ato de sociabilidade; ele institui a Literatura” (p.33). Barthes destaca, portanto, que o romance é uma morte, pois “ele faz da vida um destino, da lembrança um ato útil, e da duração um tempo dirigido e significativo” (p.35). A morte do “eu” faz nascer o “ele”, desta forma o romance é ao mesmo tempo destrutivo e criador. Podemos dizer que os textos de Gabriel estão localizados entre o “eu” e o “ele”, num percurso que pode levá-lo à criação de uma obra e de um estilo.

No texto acima, Gabriel não deixa espaço para comentários. Ele está angustiado e escreve para si mesmo. Escreve sobre “um outro” que não podia se soltar na vida e então se soltou no tempo e no espaço, um outro “melhor que eu”, que partiu, “foi para a estrada sozinho”. Gabriel fala da perda, de sua divisão subjetiva. Não poderia se referir também ao ciberespaço? Se ele não pode se soltar na vida, ele pode se soltar no tempo e no espaço... O ciberespaço não é exatamente esse “não-lugar” que oferece ao sujeito adolescente, que ainda não tem a independência necessária para se soltar na vida, a chance de se soltar no tempo e no espaço? Mas, fundamentalmente, não teria a escrita essa função separadora, libertadora?

A busca pelo “íntimo” leva-o ao encontro com o *êxtimo*. Vimos como a constituição do sujeito no campo do Outro produz sempre perda, restos não articulados na cadeia significante, que Lacan nomeia como objetos *a*. Efeito da linguagem, o objeto *a* é parte integrante da fantasia, através da qual o sujeito “apreende a realidade”. Lacan (2008 [1968-69]) localiza o objeto *a* no lugar do *êxtimo*, conjugando o íntimo com a exterioridade radical. Na relação instaurada pela instituição do sujeito como efeito do significante, o objeto *a* é o efeito dessa operação, determinando no campo do Outro uma estrutura de borda. O objeto *a*, no lugar de *êxtimo*, é esse estranho/familiar que, como objeto agalmático, fascina e incita, mas também causa estranhamento e horror. É por meio do objeto que o sujeito tenta apreender o seu ser, inatingível. Recoberto pelo semblante, esse íntimo/exterior revela, ao ser descoberto, o vazio. No texto abaixo Gabriel faz uma despedida amorosa:

Despedida amorosa**Quarta-feira, 8 de Agosto de 2007***Adeus, adeus*— *Oi. Eu queria**dizer tudo que estou sentindo por você, pensando de você. Queria abrir meu peito e não precisar falar, queria que isso tudo saísse de mim como um veneno por uma ferida, já não agüento mais**ser só seu amigo. Que você pudesse falar comigo de qualquer coisa, sem nos deixar constrangidos. A única coisa que importa pra mim é**que te amo mais do que qualquer pessoa. Mais do que qualquer pessoa possa ter amado alguma outra, mais do que o eu amo a mim mesmo. E é estranho eu pensar isso, porque jamais falarei disso pra ninguém; mal o admito a mim mesmo. Talvez por eu ter sido tão estúpido e egocêntrico, sempre. Só espero**que você esteja bem. Agora e sempre. Vê se se cuida. Não acho que você vá pegar essa mensagem a tempo, mas saiba que pensei em você até meu último instante.**Adeus.*

*Por algum motivo qualquer, esse texto não parece melancólico demais pra mim. Mas que ele não merecia estar aqui, isso é verdade.*DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [21:35 1 ADENDO\(S\)](#) **1 comentário** -  [Mostrar postagem original](#)[Rena disse...](#)*ai ai ai**que melancólico.**xD*

Sábado, 11 Agosto, 2007

A impossibilidade de uma relação simétrica com o outro faz com que todo encontro seja um desencontro, que remete o sujeito ao desamparo fundamental e à não-completude, inerente a todos os sujeitos. Assim, Gabriel faz uma “despedida amorosa”. Ele faz uma declaração de amor à amada, sabendo da impossibilidade desse amor. O reconhecimento da impossibilidade não mais o destrói. O texto nem “lhe parece” melancólico demais. Essa perda não o paralisa, mas o impulsiona a escrever. A saída

para o sujeito é a construção de alguma coisa que pacifique esse mal-estar provocado pelo des-encontro. Gabriel encontra na escrita essa saída.

Gabriel atesta a íntima relação entre a escrita e a morte:

Quinta-feira, 20 de Dezembro de 2007

Escritor

Quando pensava em se matar, escrevia uma poesia.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [01:10](#) [1 ADENDO](#)

Existe uma catástrofe anunciada na adolescência, que é a descoberta da inexistência da relação entre os sexos. Essa constatação evidencia uma perda da ilusão. Se a escrita implica perda, ela também é o que salva o escritor da morte.

A escrita parece operar uma saída a Gabriel, permitindo-lhe alojar seu gozo e sustentar seu desejo. Diante do sem-sentido do gozo, ele parece ter construído algum saber sobre si. Um saber que faz laço social. “Um homem se faz O homem por situar-se a partir do Um-entre-outros, por entrar-se entre seus semelhantes” (LACAN, 2003: 558).

No texto abaixo, Gabriel mostra como ele faz parceiros no universo *on-line*, encontrando um lugar junto a outros que gostam de escrever, mas se destacando deles pelo seu estilo próprio de escrita, que começa a se delinear. Ele mostra a sua participação em blogs construídos em parceria, com fins literários:

Quinta-feira, 20 de Dezembro de 2007

Brevíssimos

Não sei se a idéia vingará, mas por enquanto parece bom: o blog [Brevíssimos](#), feito em uma grande parceria com (quase) todos os outros participantes do curso de produção de Narrativas Breves, com o [Marcelino Freire](#).

É claro que esse blog é minha prioridade, mas vale a pena conferir os textos de lá, porque muitos autores são bastante bons.

(um projeto underground corre à boca pequena entre dois autores do Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo, mas por enquanto é um grande segredo.)

Voltamos agora com nossa programação normal.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [23:42](#) [1 ADENDO\(S\)](#) 

Em seus últimos escritos, escreve algumas de suas mudanças. Faz a “declaração de desapego”, afirmando que ainda está apaixonado, mas que recentemente algo mudou:

Sábado, 10 de Maio de 2008

Declaração do Desapego

*Eu te amei por tanto tempo que achei que não podia mais queimar.
Aquela paixão - lembra, aquela que rasgava, encolerizava, enlouquecia? - ainda me rasga, encoleriza e enlouquece. Eu ainda sinto em meus nervos os choques, e quando você passa a vontade me faz estremecer.
É, eu te amo tanto que com você eu esquecia gramática, literatura, fotografia, imagem, sons, cheiros e gostos de tudo que não seja você.
Eu ficava absurdamente desconectado.
Mas recentemente algo mudou.
De repente, você deixou de ser o centro do meu universo. Deixei de viver em função de você. Você passou de tudo para parte de tudo, de unanimidade para maioria.
E, pra ser sincero, isso é bom.
É bom porque eu não sou só uma metade esperando ser completa, sou inteiro e independente, e não vou morrer porque você não me ama mais.
Eu não quero desistir de você, é possível que eu nem possa mais. Só que, agora, essa não é minha obsessão.
Você ainda me corrói e eu ainda deixaria qualquer uma por você. Só não vou deixar de viver por isso. Já consigo mudar de assunto.
Só falta avisar meus textos.*

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [00:06](#) [1 ADENDO\(S\)](#) 

Gabriel afirma que já não morre sem o amor de sua amada, que ela não é mais a sua obsessão, que já consegue mudar de assunto, mas sua escrita ainda não sabe disso, há uma divisão entre o saber e a escrita: “Só falta avisar meus textos”.

Diante do encontro com o real, o desamparo estrutural é “desvelado” e a linguagem “só pode” contorná-lo:

Segunda-feira, 12 de Maio de 2008

Pluralidade

Todos os exércitos são de homens sós.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS [17:29](#) [0 ADENDO\(S\)](#) 

Hugo Freda (1996), comentando sobre o texto de Freud *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*, escrito em 1914, observa o caráter autobiográfico desse texto, em que Freud reflete sobre a própria adolescência. Nesse texto, Freud destaca a importância da “colocação em palavras de um desejo, de uma intenção, mais precisamente, da inscrição de um desejo no campo do Outro” (FREDA, 1996: 25). Freud comenta nesse texto que todo o período da sua adolescência foi percorrido “pelo pressentimento” de uma tarefa, que inicialmente só se esboçava em voz baixa, até que finalmente conseguiu “vesti-lo com palavras sonoras”, redigindo-o, ao escrever sua dissertação de conclusão dos seus estudos. Ao colocar o desejo em palavras, numa redação, como a passagem de um pensamento a um ato, o ato da escrita, o sujeito dá forma ao seu desejo, fazendo a inscrição de um desejo no campo do Outro. Para Freda (1996), essa passagem do “pressentimento” à definição marca a constituição desse Outro. Se para Freud esse Outro é o saber, poderíamos pensar que para Gabriel esse Outro é a escrita no blog? Freda (1996) sublinha que esse Outro tem um nome muito preciso para cada sujeito. Podemos pensar que toda e qualquer aquisição de saber retorna ao sujeito através do Outro, revelando a estrutura discursiva histórica, pois o que conduz ao saber não é o desejo de saber, mas o discurso histórico.

A escrita opera uma passagem, do pensamento ao ato, dando forma ao desejo. Ela desperta em Gabriel o desejo de ser escritor profissional. Na puberdade, o sujeito é convocado a fazer um trabalho psíquico de reescritura, servindo-se de um dos Nomes-do-Pai, permitindo que o semblante tenha lugar. Apoiado no significante “escritor”, Gabriel se lança na escrita. Essa identificação orienta o seu desejo. A escrita de Gabriel é marcada pela angústia despertada pelo encontro com a impossibilidade da relação sexual, que aponta para um ponto de estrutura. Ao escrever, Gabriel tenta bordejar esse real, construindo alguma coisa em seu lugar. Para além de sua função de “escrever sobre o amor” e de servir como “meio de descarga de sentimentos”, a escrita passa a ser uma necessidade vital, que o impulsiona na vida.

No texto seguinte, sua escrita é atravessada pela angústia de morte:

Quarta-feira, 7 de Maio de 2008

Mergulho

Abre os braços e se solta.

Fica perdido no ar

Junta os braços e as pernas, fica tenso, seus músculos enrijecem

C

A

I

Olha uma última vez para baixo antes de fechar os olhos pra sempre.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS 14:30 

A irrupção de um gozo desconhecido do sujeito no tempo da puberdade, ao encontrar a falta no campo do Outro, tem como efeito a perda do objeto. A queda do objeto faz com que o significante que representa o sujeito, e ao qual ele se identifica (S_1) e lhe dá satisfação, não mais assuma um peso de um destino implacável. Assim, a perda do objeto implica uma separação entre S_1 e a . No encontro dessas duas faltas, tem-se a possibilidade de se esvaziar o gozo do Outro, que ameaçaria o sujeito de aniquilamento, abrindo possibilidades para o sujeito suportar-se na posição de objeto, necessária ao ato sexual. Para que o sujeito possa se colocar como objeto no desejo do parceiro sexual, ele precisa ter conseguido situar-se corretamente em relação ao que faz barreira contra o incesto, contra o suposto poder devorador do Outro, ou seja, situar-se em relação à função paterna de interdição. É possível articular o imaginário ao simbólico diante do real, produzindo um “sentido” ou um semblante. Como sublinha Barros (1996, p.77): “Esse semblante tem que ser deduzido da própria estrutura do significante e do objeto que aí se inclui, na medida em que estes são suplências do que ficou perdido na constituição do sujeito”.

Diante do encontro com o real do sexo, Gabriel encontra duas saídas: o amor e a escrita. A ilusão do amor é a primeira solução encontrada por ele, logo na irrupção da puberdade, aos 11 anos de idade, que veio recobrir o vazio instaurado pela ausência da relação sexual. Gabriel busca o amor, assim como busca o saber. Demonstra um grande

interesse pela leitura. Lacan (1985 [1972-73]) mostra a existência de uma importante relação entre o saber e o amor: “...o saber, que estrutura por uma coabitação específica o ser que fala, tem a maior relação com o amor. Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes” (p.197). Na escolha do amor, há um reconhecimento feito através de signos sempre pontuados enigmaticamente, da maneira pela qual o ser é afetado enquanto sujeito do saber inconsciente. Esse reconhecimento é a maneira pela qual a relação sexual *para de não se escrever*, a contingência, diante da impossibilidade. O amor é essa ilusão de que a relação sexual *para de não se escrever*. Assim, se a necessidade, tal qual é articulada por Lacan, é o *não para de se escrever*, no deslocamento da contingência à necessidade, há um ponto de suspensão a que se agarra todo o amor. O amor leva Gabriel ao *não para de se escrever*, não para, não parará, como ressalta Lacan, tal é o substituto que – “pela via da existência, não da relação sexual, mas do inconsciente, que dela difere – constitui o destino e também o drama do amor” (p.199).

O amor é um semblante, e como tal é inconsistente. As decepções amorosas logo deixam entrever o vazio, despertando a angústia. Assim, Gabriel busca na escrita esse apoio, que o sustenta nos momentos de “queda”. A cada decepção amorosa, a escrita o salva. A escrita do seu “romance” no blog opera como um sintoma, pois, sustentada pelo Nome-do-Pai, permite enlaçar o amor, fazendo laço social. Gabriel se agarra na letra, movido pelo desejo de ser escritor. Na tessitura da letra Gabriel escreve o amor, como um semblante, que o sustenta em sua travessia. É pela “escrita do amor” que Gabriel entra em contato com as pessoas, pois ele “tem o que contar” sobre suas experiências amorosas. O blog funcionou para Gabriel como uma solução “particular”, inserida no universal. O seu trabalho de escrita é uma tentativa de construir o nome próprio.

Se o particular está inserido no universal, o singular diz respeito a uma escrita que não se encaixa no universal, que aponta para o inconsciente real, um tipo singular de enodamento que não faz laço social. Enquanto o particular diz respeito ao sintoma, o singular diz respeito ao sintoma. Só uma análise pode desvelar o singular. Podemos dizer que Gabriel busca o singular no particular do amor, que o instaura no laço social e o insere no universal.

Gabriel abandona o seu blog pessoal em maio de 2008. Em sua última postagem neste blog, em 28 de maio, ele convoca parceiros para uma interlocução “intelectual”. Ele continua a escrever em blogs construídos em parceria, com fins literários, e a publicar suas ideias no *site*: “Usina das palavras”. Mas ele não precisa mais de um blog pessoal, pois parece ter chegado ao outro lado do túnel. O blog de Gabriel ilustra como a escrita de um romance na adolescência nesse novo espaço virtual, o blog, pode produzir um “sentido” ou um semblante diante da irrupção do real do sexo, constituindo-se em um sintoma que faz laço social.

Quarta-feira, 28 de Maio de 2008

Procura-se Para Breve

Interessados em conversas provavelmente com muita chatice intelectual com um interlocutor com pouquíssima paciência para baboseiras.

Contatar por meio desta.

(Especificamente autores e atores, mais especialmente autoras e atrizes [mesmo que da vida real])

Pra muito breve, diga-se.

DATILOGRAFADO POR GABRIEL RIBEIRO ÀS 15:01 5 ADENDO(S) 

CONCLUSÃO

Ao iniciar nossas pesquisas, constatamos que os jovens escrevem sobre si nos blogs. Essa descoberta levou-nos a buscar as particularidades dessa escrita na contemporaneidade. Se a escrita de si está presente desde a antiguidade, quais os contornos que ela ganha na atualidade? A emergência de uma narrativa sobre si, como um processo individual, se dá na modernidade, com o crescimento do individualismo e com a expansão do capitalismo. O declínio da esfera pública e a ampliação da esfera privada, com os seus diversos desdobramentos, levaram a uma valorização dos escritos autobiográficos, especialmente nos séculos XIX e XX, quando se dá um grande interesse pela publicação de diários íntimos e autobiografias. É também nesse momento histórico que o diário íntimo passa a ser paradigmático da adolescência.

A puberdade é um dos momentos em que a não-relação sexual aparece para o sujeito. No tempo do despertar da puberdade, há o encontro com o real do sexo. Esse real da puberdade pode ser articulado com as três definições de real em Lacan: articulável na disjunção entre a identificação simbólica e imaginária, disjunção que ocorre no momento da adolescência em função do despedaçamento da imagem, como algo que irrompe, que não tem nome e que vem modificar a imagem, e o real como a não-relação sexual, que faz retorno na puberdade. A adolescência é, pois, a enumeração de uma série de escolhas sintomáticas em relação a esse impossível, que é o real da puberdade.

Podemos rapidamente dizer que a puberdade é um tempo lógico que coloca em jogo o real, o imaginário e o simbólico, os três registros da realidade psíquica. Há a irrupção de um real sem controle, o esfacelamento da imagem (em função das rápidas transformações que levam ao não-reconhecimento na imagem) e uma falha simbólica para explicar esse acontecimento.

O Nome-do-Pai, que ata os três registros, mostra a sua insuficiência nos momentos de irrupção do real. Há, portanto, a necessidade do adolescente fazer uma nova amarração. Dentro das várias possibilidades sintomáticas “da adolescência” cabe a cada sujeito fazer um arranjo particular, com o qual ele organizará sua existência, sua relação com o

mundo e com o gozo. Na ausência de um saber, resta a cada um inventar sua própria resposta.

Vimos, a partir de dois diários íntimos publicados, como a escrita de um diário pode ser uma escolha sintomática, como uma possibilidade ofertada pela cultura moderna ao “adolescente”. No diário de Melissa, destacamos o encontro com o real do sexo e a escrita em um diário íntimo operando como forma de construir um recurso simbólico que permita dizer desse encontro.

O diário íntimo pode ser aproximado do romance enquanto gênero. Utilizamos a definição de Bakhtin do romance de formação para fazer essa aproximação. A discussão sobre o romance apoiou-se também em Barthes e Robert. Recortamos alguns elementos de definição e classificação dos romances para relacionar esse gênero literário com o diário íntimo. Apoiando-nos nas leituras psicanalíticas, buscamos relacionar o tempo da puberdade com a construção de um romance. Utilizando o diário de Anne Frank, buscamos identificar a construção do seu romance familiar. Concluímos que no tempo da puberdade a escrita de um romance familiar tem uma importante função para o sujeito, permitindo que ele se torne o protagonista de sua história.

Os blogs são as formas atuais de escrita adolescente, ocupando o lugar dos diários íntimos. A partir desses suportes materiais privilegiados de escrita na adolescência, ofertados pela cultura contemporânea, destacamos dois aspectos: a importância da escrita no tempo da adolescência e a forma que essa escrita assume na cultura. Se nos séculos XVIII, XIX e XX o diário íntimo toma a forma de um romance clássico, qual a forma que a narrativa sobre si assume nos blogs de adolescentes? O que é paradigmático da escrita adolescente hoje? Há algo que essa escrita nos blogs revela de forma inédita na contemporaneidade?

O que há de novo pode ser pensado como consequência do lugar que o saber ocupa na nossa cultura. A contemporaneidade é regida pelo mercado. O mercado é a forma atual do Um, sendo o lucro o princípio da troca. O modo de funcionamento é regido pela abstração do cálculo da quantidade, que permite a universalização da troca: cotação e concorrência. Nessa lógica, todos são consumidores, reais ou virtuais. As modalidades

de troca tornam objeto todo elemento que entra nessa lógica. Tudo se transforma em objeto, tudo é consumível e o que é consumível é útil. O desejo e o gozo estão afetados.

Com a entrada do saber no mercado, há uma anulação da via singular, o declínio dos significantes mestres. A revolução tecnológica no campo da comunicação transforma todo dado em informação e a informação generalizada é a nova forma de saber absoluto. Todo o saber é possível. O discurso do capitalismo sugere a eliminação do impossível, é o discurso da qualidade total. Ele rompe, na verdade, a regra do discurso, pois cai nas letras desarticuladas. O discurso do capitalismo não faz laço social. Acompanhamos o declínio da diferença. A ética do desejo é substituída pelo imperativo do gozo. Do “freio ao gozo” ao “imperativo ao gozo”. O supereu ocupa o posto de comando. Há uma proliferação de gozos autistas. O social não tem mais consistência visível, há um embaralhamento geral das identidades sociais. A sociedade não oferece aos sujeitos identidades visíveis, que permitam uma identificação estável. O sujeito, hoje, não está mais submetido a uma hierarquia, ele está na rede. Ele é informado, não comandado. Submetido a uma informação infinita, sem princípio de ordenamento, ele deve participar como produtor. Se a constituição do sujeito moderno implica a vertente significativa ($S_1 - S_2$), a constituição do sujeito contemporâneo implica uma ruptura da cadeia ($S_1//S_2$). A lógica constelar do ciberespaço ilustra essa lógica contemporânea.

Em nossas pesquisas nos blogs, foi possível perceber as incidências do discurso capitalista sobre o sujeito contemporâneo. Identificamos três formas de escrita nos blogs:

- A escrita pulsional, como “escrita de gozo”. A dimensão aqui é de um gozo autístico, que não faz laço social.
- A escrita de si para si, uma escrita narcísica, fechada em si mesmo e que, portanto, não faz laço social.
- Aquela que leva à construção de um romance familiar, como um romance clássico, que faz laço social.

As três formas de blogs descritas acima podem ser assim resumidas:

Tipo de escrita	1- Escrita de gozo	2- Escrita “de si para si”	3- Romance
Características da escrita	-Significantes soltos, desarticulados. -Ruptura da cadeia (S1//S2) - Lógica espacial, fragmentária	-Articulação significativa (S1- S2) -Lógica linear	-Articulação significativa (S1- S2) -Lógica linear
Relação com o saber	Manifestação do não-saber, ausência de sentido, enigma.	Ordem do sentido, elocubração de saber (mas logo é interrompida).	- Sintoma (uma resposta ao encontro com o real)
Laço social	Gozo autístico, não faz laço social	Não faz laço social (mantém-se num circuito especular fechado)	- Faz laço social

As duas primeiras formas, que não fazem laço social, são predominantes na cultura atual. Podemos levantar a hipótese de que a presença maior nos blogs de um tipo de escrita que não faz laço social é uma consequência do discurso capitalista. Diante do declínio da função paterna, da fragmentação e da multiplicidade de informações, da indefinição geral das identidades sociais, o sujeito encontra na atualidade maiores dificuldades em construir um saber que se sustente e que faça laço social. Apesar do ciberespaço se constituir como um espaço claramente público, ele não necessariamente facilita os laços sociais. Nos blogs pesquisados, há um predomínio da fragmentação sobre a linearidade, da escrita de puro gozo, fechada em si mesmo, sobre a escrita endereçada que faz laço social. Assim, essa lógica contemporânea revela a mudança no estatuto de sujeito, do binarismo significativo para o estatuto da letra. Apesar dos blogs

que se caracterizam por uma escrita “de si para si” revelarem a intenção de construção de sentido, de haver um endereçamento, eles permanecem num curto-circuito, fechados em si mesmos, e não fazem laço social. Há uma pobreza simbólica de tal ordem que dificulta a construção de um romance, que poderia sustentar o sujeito adolescente em sua travessia. Esses sujeitos permanecem pobres de desejo, submersos numa cultura que os homogeneíza, buscando nos objetos de consumo algo que os particularize.

A lógica constelar no ciberespaço, da espacialidade, com sua fragmentação, descontinuidade e multiplicidade de ofertas, permite que o sujeito faça qualquer percurso. Se essa lógica favorece a escrita do efêmero e do imediato, ela também permite a construção de um romance. Identificamos blogs de adolescentes em que a dimensão de romance está presente. O adolescente, ao interrogar um outro sobre o desejo, por meio de seu blog, se histeriza. No discurso histérico, o sujeito ocupa a cena com seu sintoma. Uma condição discursiva e estrutural que lhe assegura a divisão subjetiva instituída pela castração. Se o discurso capitalista promove a suspensão da castração, tamponando-a com os objetos de consumo, o discurso histérico é uma condição discursiva que permite preservar a sua divisão subjetiva, possibilitando a emergência do desejo. Os blogs de adolescentes são endereçados a outros adolescentes. A partir de nossa leitura dos blogs, situamos nos quatro lugares do discurso histérico os seguintes elementos:

Adolescente → outro adolescente
 Não- relação sexual // romance familiar

O adolescente (\$), na posição de agente, se dirige a um outro adolescente (semelhante) endereçando a questão sobre o seu desejo de constituir um saber sobre o sexo. Ao se dirigir a um outro adolescente, o jovem busca um outro supostamente semelhante, como um lugar esvaziado de saber. O grupo de adolescentes, como grupo de semelhantes, é o endereço privilegiado, pois o jovem os supõe em posição subjetiva semelhante. Assim, nesse campo de identificações horizontais ele relativiza o poder do pai. Fundamentalmente, a condição de emergência de um sujeito depende da falta no discurso do Outro. O produto dessa operação é a produção de um novo onde existe um vazio de saber, é a escrita de um romance familiar no blog. No lugar da verdade encontra-se a “não-relação sexual”, enquanto impossibilidade. Essa verdade encontra-se

recalcada. Como verdade, ela não pode ser capturada em sua totalidade, se organizando sempre como um semidizer. É ela, entretanto, que faz agir o agente, mas se mantendo e se situando como ponto de interrogação para cada sujeito.

Diante do encontro com o real do sexo, o adolescente busca uma saída fálica para encobrir esse vazio. A construção de um romance familiar permite bordejar esse vazio, conferindo-lhe um sentido, a tessitura de um véu fálico que permite velar o real. É o lugar onde se produz o discurso que suporta o autor e do qual sua verdade é um dos efeitos. Assim, é ao dizer-se que o sujeito se constitui como seu produto. Aquele que fala testemunha uma verdade que lhe escapa. No ato do testemunho, algum saber se produz. O endereçamento de uma fala a um outro leva à transformação de um vivido em história, que pode ser transmitida. Essa transmissão da própria experiência estabelece o laço social.

A escrita de um romance familiar no blog pode desempenhar uma importante função para o sujeito, como uma possibilidade de tratar algumas questões que surgem no tempo da puberdade. Nessa construção narrativa há o enlace do passado com o devir futuro, permitindo a elaboração de uma resposta ao enigma da origem, que ressurge a partir de uma contingência, nesse momento da adolescência. Ao tecer a sua história, o sujeito se constrói como o seu principal personagem, deixando de ser determinado pela história e passando a ler essa determinação. Na escrita do romance, o desejo se articula sob a cadeia significativa, permitindo a construção de um sentido que encobre o traumático do sexual, como uma solução para o encontro com a castração. Esse trabalho escritural permite a constituição de um íntimo e de um público, como uma saída aos impasses do feminino. Assim, se o sintoma é uma construção do sujeito ao encontro com o impossível, a escrita de um blog pode ser uma resposta possível a esse encontro, como uma modalidade de resposta sintomática na adolescência.

A escrita de um romance no blog pode operar no sintoma adolescente, permitindo atar os três registros da realidade psíquica. Sua estrutura mítica, veiculada a um discurso, fornece o material para a escrita da castração. O romance familiar, como produto do discurso histórico, pode representar a construção de um novo que faz laço social. Ele funciona como um saber que permite uma articulação simbólica e imaginária, possibilitando uma afirmação subjetiva, sustentada pelo Nome-do-Pai.

Vimos o percurso feito por um sujeito adolescente na escrita, em seu blog, durante três anos e cinco meses. Recortamos em seu texto pontos de ruptura que sugerem a emergência do real, a resposta do sujeito a essas rupturas, as mudanças operadas na escrita durante seu percurso na construção do blog, a constituição do romance familiar como suplência à ausência da relação sexual. A escolha de um blog de longa duração permitiu-nos identificar, na particularidade de um caso, uma resposta de um sujeito aos impasses contemporâneos. A escrita nos interessa quando, a partir de um encontro com o real, o sujeito constrói uma saída para esse encontro. Foi o que buscamos extrair nos textos de Gabriel.

A incidência de uma marca é o que leva um sujeito a emergir do real. Essa marca é indestrutível, mesmo que esquecida ou revestida. Em torno dela o sujeito narra a sua história, numa reedição sempre diferente, mas que inclui algo que se mantém constante. Essa marca, apagada, reaparece como insígnia, que lembra a ausência. A primeira identificação é um furo real, como resultado do encontro com o Outro, um tempo mítico, de privação. A segunda identificação reporta ao ideal, como traço que constrói e reveste essa marca invisível, resultado desse encontro inaugural com o Outro. O ideal representa o Outro através de um signo, um traço único. Esse traço intervém na relação narcísica, constituindo a orientação dos investimentos libidinais e mantendo a função do eu ideal. Aqui está o núcleo da função do amor, pois, abandonado o objeto de amor, surge no seu lugar uma identificação. Esse traço tomado emprestado do objeto torna-se o signo do amor. No amor, a dimensão da falta está sempre presente. O eu do amante, empobrecido, situa no outro aquilo que lhe falta, para resgatar a sua imagem ideal. Trata-se de uma escolha narcísica, tendo como referência o traço unário.

Gabriel busca essa complementaridade no outro, no momento em que é confrontado com a ausência da relação sexual. Diante da impossibilidade, o amor é uma saída elegante, como diz Lacan. Mas como o amor não se sustenta, dada a sua inconsistência, Gabriel se agarra na letra, enlaçando-a no amor. Nas decepções amorosas, a escrita o salva da queda. No encontro com o real do sexo, a escrita operou no amor como suplência. A escrita no blog tem a função de sintoma para Gabriel, pois permite uma solução ao impasse provocado pelo confronto com a ausência da relação sexual.

A operação de constituição de um sujeito envolve o laço com o Outro, que deixa marcas desse encontro inaugural. Podemos dizer que esse encontro deixa “restos”, “detritos”, que escapam nesses objetos pulsionais que nos ligam ao Outro. No ato de escrever, o sujeito transporta esses restos, como pedaços de real, buscando assimilar aquilo que escapa à simbolização. No entanto, nessa construção da narrativa de si, existem sempre pontos de ruptura, de quebra, restos não assimiláveis, que apontam a insuficiência do Outro, os limites da linguagem. Gabriel tropeça nesses limites da linguagem, mas se ergue pela escrita. Na construção que o sujeito faz a partir dessas rupturas, surge o estilo. Gabriel, orientado pelo desejo de ser “escritor”, persegue o seu estilo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. As esferas pública e privada. In: *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p.31-88.
- ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges. *História da Vida Privada*, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 637 p.
- ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. In: *Arquivos Pessoais. Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, nº 21, 1998. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf>.
- BAKHTIN, Mikhail. Biografia e autobiografia. In: *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. 5 ed. São Paulo: Annablume, 2002, p.250-262.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. 5 ed. São Paulo: Annablume, 2002. 439p.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476p.
- BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade*. Sobre a modernidade. São Paulo: Editora Paz e Terra. 3 ed, 2002, p.24-25.
- BARROS, Maria do Rosário C. do Rêgo. Adolescência: quê despertar? In: RIBEIRO, Heloisa C. e POLLO, Vera (Orgs). *Adolescência: o despertar*. In: *Revista Kalimeros – Escola Brasileira de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1996, p.69-80.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. 214 p.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 225 p.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 225p.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*, trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *O texto escolar: uma história*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004. 160 p. (Coleção Linguagem e Educação, 08).
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 190 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 272 p.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras Escolhidas vol. 1), p.197- 221.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*, trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BLANCHOT, Maurice. VIII – Le journal intime et le récit. In: *Le livre à venir*. Gallimard, 1971, p.271-279.

BLOOD, Rebecca. *Weblogs: a history and perspective* Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em 8 jul. 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: FVG, 2005, p.183-191.

BRANCO, Lúcia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. *Literaterras*. As bordas do corpo literário. São Paulo: Annablume, 1995 (Coleção E; 4). 180 p.

BRANCO, Lúcia Castello. *Literaterras*. A traição de Penélope. São Paulo: Annablume, 1994.

BROUSSE, Marie-Hélène. Em direção a uma nova clínica psicanalítica. In: *Revista Mental* n. 15. Paris: NLS, 2005.

CALDAS, Heloísa. *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não-escrita. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: FVG, 2005, p.139-147.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002. 144 p.

CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle (Org.). *Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.413-611. (Coleção História da Vida Privada, 4, dir. Philippe Ariès e Georges Duby).

COSTA, Ana. A transicionalidade na adolescência. In: COSTA, Ana (Org.). *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p.165-193.

COSTA, Ana. *Corpo e escrita*. Relações entre memória e transmissão da experiência. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

COSTA, Sérgio Roberto. Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.37-43.

COTTET, Serge. Estrutura e romance familiar na adolescência. In: RIBEIRO, Heloisa Caldas e POLLO, Vera (Orgs.). Adolescência: o despertar. In: *Revista Kalimeros*. Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996, p.7-20.

CUNHA, Tito Cardoso. Do mito coletivo ao mito individual. Prefácio. In: LACAN, Jacques. *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987, p.9-42.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 130 p.

DERRIDA, Jacques. *Otobiographies – l'enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre*. Paris: Galilée, 1984.

DESCARTES, René. *Meditações*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. 431 p.(Coleção Os Pensadores).

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURAS, Marguerite. *O deslumbramento* (le ravissement de Lol V. Stein), trad. Ana Maria Falcão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 145 p.

ELIAS, Norbert. Formação do Estado e civilização. In: *O processo civilizador*, vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p.248-262.

ERCÍLIA, Maria. A Internet. In: *Folha de S.Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2000. Folha Explica. 100 p.

FABRE, Daniel (Org.). *Écritures ordinaires*. Paris: Bibliothèque Publique D'Information (Centre Georges Pompidou) et P. O. L., 1993.

FERREIRA, A. A. L. O surgimento da psicologia e da psicanálise nos textos da genealogia foucaultiana. In: *Memorandum*, 10, 71-84. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/ferreira03.pdf> 84. Acesso em 12 jul. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, 27ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

FOTHERGILL, Robert A. *Private chronicles – a study of English diaries*. London: Oxford University Press, 1974.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: *Ética, sexualidade, política*. Coleção Ditos e Escritos de Michel Foucault. Vol. V. Org. Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, p.144-162.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Coleção Ditos e Escritos de Michel Foucault. Vol. V. Org. Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* – I: A vontade de saber. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006b. 174 p.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 295 p.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Nova Vega, Passagens, 2006.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com a aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital*. Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005, p.59-83.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. [Editado por Otto Frank e Miryam Pressler]. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007. 373 p.

FREDA, Hugo. O adolescente freudiano. In: *Clínica do Contemporâneo*. Revista *Curinga*. Escola Brasileira de Psicanálise. Seção Minas, 2004 (nº 20), p.21-29.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: *A interpretação dos sonhos* (Parte I). Rio de Janeiro: Imago, 1974/1900. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 4).

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: *A interpretação dos sonhos* (Parte II). Sobre os sonhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1900-1901. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 5).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1905, p.118-230. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 7).

FREUD, Sigmund. Romances familiares. In: *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1908, p.241-247. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 9).

FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Cinco lições de psicanálise*, Leonardo Da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1910, p.53-124. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 11).

FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In: *Cinco lições de psicanálise*, Leonardo Da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1912, p.153-163. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 11).

FREUD, Sigmund. O tabu da virgindade. In: *Cinco lições de psicanálise*, Leonardo Da Vinci e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1917-1918, p.175-192. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 11).

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *O caso de Schreber*, artigos sobre a técnica e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1912, p.147-159. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12).

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: *A história do movimento psicanalítico*, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1915, p.129-162. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12).

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1914, p.281-288. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13).

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1912-1913, p.13-191. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 13).

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução In: *A história do movimento psicanalítico*. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1914, p.85-119. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 14).

FREUD, Sigmund. O estranho. In: *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1919, p.273-318. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 17).

FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada. In: *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1919, p.223-253. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 17).

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do eu. In: *Além do princípio do prazer*, psicologia de grupo e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1921, p.89-179. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 18).

FREUD, S. A dissolução do Complexo de Édipo. In: *O ego e o id*, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1924, p.215-224. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19).

FREUD, S. Dostoiévski e o parricídio. In: *O futuro de uma ilusão*, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1927-1928, p.203-227. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI).

FREUD, Sigmund. O prêmio Goethe. In: *O futuro de uma ilusão*, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1930, p.240-247. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI).

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *O futuro de uma ilusão*, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1974/1930, p.75-256. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI).

FREUD, Sigmund. Construções em análise. In: *Moisés e o monoteísmo*, esboço de psicanálise e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974/1937, p.291-308. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXIII).

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade – 1915-1930. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. 267 p.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Entrando na cultura escrita: percursos individuais, familiares e sociais nos séculos XIX e XX*. Projeto de pesquisa. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG; Recife: Centro de Educação da UFPE, 2002. p.12-38.

GANNETT, Cinthia. *Gender and the journal – diaries and academic discourse*. New York: University of New York Press, 1992. 262 p.

GIDDENS, A. et al. *A modernização reflexiva*. São Paulo: Unesp, 1995.

GIRARD, A. *Le journal intime*. Paris: Presses Universitaires de France, 1986. 672p.

GUÉGUEN, Pierre-Gilles. Acerca de lo inesencial del Sujeto Supuesto Saber. Conferência. In: LAURENT, Éric (Org.). *El pase y la formación del analista*. IX Conversación de la ELP. Madri, 5 maio 2007.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, Ana Cristina V., BASTOS, Maria Helena C. e CUNHA, Maria Teresa S. (Orgs.) *Refúgios do eu*. Educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, p.29-59.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Saraiva, 2000. 3008 p.

KAFKA, Franz. *Carta ao pai*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 86 p.

KAFKA, Franz. *Sonhos*, trad. Ricardo F. Henrique. São Paulo: Iluminuras, 2008. 24 p.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*, trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1997.

KOMESU, Fabiana. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/blogs.pdf>.

LACADÉE, Phillippe. *O despertar e o exílio*. Editions Cecile Defaut, 2007.

LACAN, Jacques. O sonho da injeção de Irma. In: *O seminário, Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992/1954-1955, p.187-217.

LACAN, Jacques. Para que serve o mito. In: *O Seminário, Livro 4. A relação de objeto*, trad. Dulce Duque Estrada, texto estab. por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1995/1956-57, p.254-273.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 7: A ética da psicanálise*, trad. Antônio Quinet, texto estab. por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997/1959-60. 396p.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 8: A transferência*, trad. Dulce Duque Estrada, texto estab. por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992/1960-61. 386p.

LACAN, Jacques. *Le séminaire, Livre IX: L'identification*. 1961-62. Inédito.

LACAN, Jacques. Do cosmo à *unheimlichkeit*. In: LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 10: A angústia*, trad. Vera Ribeiro, texto estab. por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2005/1962-63, p.38-52.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, trad. M. D. Magno, texto estab. por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993/1964. 269 p.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 16: De um Outro ao outro*, trad. Vera Ribeiro, texto estab. por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008/1968-69. 412p.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 17: O avesso da psicanálise*, trad. Ari Roitman, texto estab. por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992/1969-70.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 18: De um discurso que não seria do semblante*. 1971. Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 20, Mais ainda*, trad. M. D. Magno, texto estab. por Jacques-Alain Miller. 2 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985/1972-1973.

LACAN, Jacques. *Livre XXII, RSI*, 1974-75. Disponível em <http://gaogoa.free.fr/>.

LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 23, O sinthoma*, trad. Sérgio Laia, texto estab. por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007/1975-76.

LACAN, Jacques. O seminário sobre “A carta roubada” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (Campo Freudiano no Brasil), p.13-66.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998/1957 (Campo Freudiano no Brasil), p.13-66.

LACAN, Jacques. A psicanálise e seu ensino. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998/1957 (Campo Freudiano no Brasil), p.437-460.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998/1965 (Campo Freudiano no Brasil), p.855-892.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998/1949, p.96-103.

LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.653-691.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.793-842.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998/1953, p.238-324.

LACAN, Jacques. De nossos antecedentes. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.69-76.

LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003/1976, p.567-569.

LACAN, Jacques. Prefácio a O despertar da primavera. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003/1974 (Campo Freudiano do Brasil), p.557-559.

LACAN, Jacques. Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Campo Freudiano do Brasil), p.508-543.

LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998/1960, p.653-691.

LACAN, Jacques. *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p.52-64.

LACAN, Jacques. Litraterria. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003/1971, p.15-25.

LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.198-205.

LACAN, JACQUES. Du Discours Psychanalytique. Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue: *Lacan in Italia. En Italie Lacan*. Milan: La Salamandra, 1978/1953-1978, p.32-55.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura*. Memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Editora UNESP, 2003. 498 p.

LAURENT, Eric. Quatre remarques sur le souci scientifique de Jacques Lacan. In: Brissac, Marie-Pierre de Cossé; DUMAS, Roland et al. *Connaissez-vous Lacan?* Paris: Seuil, 1992.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000. 260 p.

LEJEUNE, Philippe. Entrevista. *Ipotesi*. Revista de Estudos Literários. Juiz de Fora. Vol. 6, n. 2, p.21-30. (s. d.)

LEJEUNE, Philippe. *Cher écran: journal personnel, ordinateur, Internet*. Paris: Seuil. 2000. 443 p.

LEJEUNE, Philippe. *Le moi des demoiselles*. Enquête sur le journal de jeune fille. Paris: Seuil, 1993. 487 p.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975. 357 p.

LEMOS, André. A arte da vida: Diários pessoais e webcams na Internet. In: BLOOD, Rebecca. *Weblogs: a history and perspective*. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em 8 jul. 2007.

LESCURE, M. *Les autographes et le goût des autographes en France et à l'étranger*. Portraits, caractères, anecdotes, curiosités. Paris: J. Gay Éditeur, 1965.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000. 260 p.

LIMA, Luiz Costa. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p.243-309.

LIMA, Nádia Laguárdia de. *Fascínio e alienação no ciberespaço*. Uma contribuição da psicanálise para o campo da educação. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FAE/Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

MACIEL, Maria Esther. *Voo transverso*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

MAN, Paul de. Autobiography as de-facement. In: *The rhetoric of Romanticism*. Citado por MIRANDA, José A. Bragança e CASCAIS, Antonio Fernando. *A lição de Foucault*. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Nova Veja, Passagens, 2006.

MANDIL, Ram. *Os efeitos da letra*. Lacan leitor de Joyce. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa Livraria/Faculdade de Letras UFMG, 2003. 283 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A coerência no hipertexto. In: COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital*. Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005, p.185-207.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e*

gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. Disponível em: <http://www.lucerna.com.br/downloads/8586930369.pdf>.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.193-261. (Coleção: História da Vida Privada. Vol. 4. Dir. Philippe Ariès e Georges Duby).

MARX, K. A questão judaica. In: *Manuscrtos econômicos-filosóficos*. Edições 70, Lisboa, 1975.

MERLET, Alain. Entrevista. @gente. revista digital de psicanálise. Escola Brasileira de Psicanálise. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/bahia/agente/pagina2.html>.

MERQUIOR, José Guilherme. *A estética de Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MILLER, Jacques-Alain. La constelación y la cadena. In: *Los signos del goze*. Buenos Aires: Paidós, 2006, p.139-154.

MILLER, Jacques-Alain. *Los signos del goze*. Buenos Aires: Paidós, 2006. 447 p.

MILLER, Jacques-Alain et al. Comentário del seminário inexistente. In: *Comentário del seminário inexistente*. Buenos Aires: Manantial, 1992, p.11-43.

MILLER, Jacques-Alain. Elementos de epistemologia. In: *Percurso de Lacan*. Uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p.40-54.

MILLER, Jacques-Alain. Sobre Kant com Sade. In: *Lacan elucidado*. Palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.153-218.

MILLER, Jacques-Alain e LAURENT, Éric. O Outro que não existe e seus comitês de ética. *Revista Curinga*. Escola Brasileira de Psicanálise. Belo Horizonte, n. 12, set. 1998, p.4-18.

MILLER, Jacques-Alain. Reflexions sur l'enveloppe formelle du symptôme. In: *Les formes du Symptôme*. Actes de L'École de la Cause Freudienne. Paris, octobre, ECF, 1, rue Huysmans, Paris 6. (vol. IX).

MILLER, Jacques-Alain. Orientation lacanienne III, 9. *Troisième séance du Cours* (mercredi 29 nov. 2006) III. *Sixième séance du Cours* (mercredi 10 jan. 2007), trad. Elisa Alvarenga.

MILLER. Jacques-Alain. Siete observaciones de Jacques Alain Miller sobre la creación. *Revista Malentendido*, nº 5, maio 1989.

MILLER, Jacques-Alain. *O sobrinho de Lacan*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. *Pièces détachées*. La Cause Freudienne. Paris, n. 61. 2005, p.131-153.

MILLER, Jacques-Alain. *L'orientation lacanienne*. Choses de finesse en psychanalyse. VI Cours du 17 déc. 2008. Texto não publicado.

MILNER, Jean-Claude. *La obra clara*. Lacan, la ciencia, la filosofía. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1996.

MINOT, Ana Chrystina Venâncio. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: MINOT, A. C. V. et al (Orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000, p.123-143.

MIRANDA, José A. Bragança e CASCAIS, Antonio Fernando. A lição de Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Nova Veja, Passagens, 2006.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 335 p.

MRECH, Leny Magalhães. *Psicanálise e educação*. Novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999, p.121-128.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários públicos, mundos privados*: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Dissertação de mestrado (Comunicação e Cultura Contemporâneas). Facom/UFBa, 2002. Também disponível em URL: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicosmundos-privados.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2006.

PANARELLO, Melissa. *100 escovadas antes de ir para a cama*, trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. 157 p.

PEREIRA, Ana Paula M. S. e MOURA, Mirtes Zoé da Silva. A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção e COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.65-83.

PINTO, Jeferson Machado. *Psicanálise, feminino, singular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PORTUGAL, A. M. *O vidro da palavra*. O estranho, literatura e psicanálise. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital*. Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005, p.125-150.

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*, trad. André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 280 p.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 76p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. Coleção Clássicos Edipro, trad. José Benedito Pinto. Bauru: Editora Edipro, 2007. 592 p.

SADE, Marquês de. *A filosofia na alcova*, trad. Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2008. 256 p.

SANTIAGO, Ana Lydia. *A inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 229 p.

SANTIAGO, Ana Lydia. Psicose e surto na adolescência: por que os adolescentes surtam tanto? In: GUERRA, Andréa Máris Campos e LIMA, Nádia Laguárdia de. *A clínica de crianças com transtornos no desenvolvimento*. Uma contribuição no campo da psicanálise e da saúde mental. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.75-89.

SANTIAGO, Jésus. *O tempo na metodologia do testemunho*. Texto não publicado (s.d).

SANTIAGO, Jésus. Aspecto atual da histeria na civilização da ciência. In: COUTO, Luís Flávio Silva (Org.). *Pesquisa em psicanálise (Coletâneas da Anpepp n. 16)*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996, p.33-42.

SANTOS, Luis Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. Leituras do tempo. In: *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*. Introdução à teoria da literatura. São Paulo, Martins Fontes, 2001, p.54-65.

SANTOS, Tânia Coelho dos. *O discurso analítico: novos sintomas e novos laços Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001. 340 p.

SANTOS, Tânia Coelho dos. *Sintoma, corpo e laço. Social*. Ed. Sephora/UFRJ: Rio de Janeiro, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Memórias. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2005. 175 p.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 235 p.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*. São Paulo, Campinas, vol. 23, n. 81. 2002, p.143-160. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

SOLER, Collete. A clínica do Real. *FOLHA*. Revista da Clínica Freudiana. Ano 3, n. 30. Salvador: Fator, 1989.

SOLER, Colette. Rousseau, o símbolo. In: *A psicanálise na civilização*, trad. Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998a, p.29-62.

SOLER, Colette. *Sintomas*. Comisión de Publicaciones. Asociación del Campo Freudiano de Colombia (ACFC). Calle 51, n. 9-29. Santafé de Bogotá, Colômbia, jun. 1998b.

SOLER, Collete. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SOUZA, Aguinaldo Gomes. *Revista Letra Magna*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura, Ano 4, n. 7, 2º semestre de 2007. ISSN 1807-5193. Disponível em: http://www.letramagna.com/generos_virtuais_revista_aguinaldo.pdf.

STEVENS, Alexandre. Adolescência, sintoma da puberdade. In: *Clínica do contemporâneo*. *Revista Curinga*. Escola Brasileira de Psicanálise. Seção Minas, 2004, nº 20, p.27-39.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1999. 431 p.

VIEIRA, Márcia Rosa. *Fernando Pessoa e Jacques Lacan: constelações, letra e livro*. Tese doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. 292 p.

VIGANÓ, Carlo. As dependências patológicas. *Latusa Digital*, ano 5, n. 33, jun. 2008.

ZIZEK, Slavoj e DALY, Glyn. *Arriscar o impossível*. Conversas com Zizek, trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 211 p.

Sites pesquisados

www.blogger.com

www.robotwisdom.com

<http://pt.wikipedia.org>

<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/blogs.pdf>

<http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI737650-EI4802,00.html>

www.uol.com.br

<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2002/T3G4.PDF>

www.peterme.com

www.jjg.net/infosift

www.camworld.com

<http://www.peacetakescourage.com/page-home.htm>

<http://portal.eatonweb.com/portal/portal.php3>

<http://www.peacetakescourage.com/page-home.htm>

<http://portal.eatonweb.com/portal/portal.php3>

<http://www.conceitoweb.com.br/news.asp?codigo=3294>

<http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI737650-EI4802,00.html>

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/1,,EDG74942-5856,00.html>

<http://www.nemonox.com/ppp/>

<http://zamorim.com>

http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/cultura_digital/na_midia/index.php?p=20645&more=1&c=1&pb=1

<http://web.infomoney.com.br/templates/news/view.asp?codigo=900429&path=/suasfinaucas/>

<http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI737650-EI4802,00.html>

Blogs de adolescentes

http://desabafodeumaadolescente.zip.net/arch2006-10-15_2006-10-21.html

http://umacrisedeadolescente.zip.net/arch2008-08-10_2008-08-16.html

http://wastedwords.zip.net/arch2006-04-23_2006-04-29.html

http://bah-ba.zip.net/arch2006-06-04_2006-06-10.html

<http://malucadanet.blogs.sapo.pt/>

http://jovemsonhador.zip.net/arch2004-11-28_2004-12-04.html

http://desabafodeumaadolescente.zip.net/arch2006-10-15_2006-10-21.html

http://natinha.br.zip.net/arch2006-12-03_2006-12-09.html

<http://kel-canarinho.blogspot.com/search?updated-min=2006-01-01T00%3A00%3A00-02%3A00&updated-max=2007-01-01T00%3A00%3A00-02%3A00&max-results=11>

http://rluchiari.zip.net/arch2006-11-19_2006-11-25.html

http://clarasonhadora.zip.net/arch2004-02-08_2004-02-14.html

http://adolescentegirl.zip.net/arch2006-07-30_2006-08-05.html

<http://faroldalua.blig.ig.com.br/>

http://kokoy_kitty.zip.net/arch2005-05-15_2005-05-21.html

http://gatinha.rbd.zip.net/arch2006-07-09_2006-07-15.html

http://my-private-life.blogspot.com/2006_11_01_my-private-life_archive.html

http://odiariodecaio.zip.net/arch2004-07-25_2004-07-31.html

http://avidalouca.zip.net/arch2004-08-08_2004-08-14.html

http://mlga.zip.net/arch2006-03-19_2006-03-25.html

<http://srta.kah.myllinha.zip.net/>

<http://avidanaocheqa.blogs.sapo.pt/>

<http://pekenadoll.blogspot.com/>

http://momentosdelilian.zip.net/arch2007-06-17_2007-06-23.html

http://luanadiario.zip.net/arch2007-12-09_2007-12-15.html

http://blogdasandia.zip.net/arch2005-10-23_2005-10-29.html

Http://pablomod.zip.net/arch2004-07-04_2004-07-10.html

http://diariodeumaadolescente.zip.net/arch2005-01-09_2005-01-15.html

http://secretodiario.zip.net/arch2006-09-24_2006-09-30.html

http://marializ.zip.net/arch2005-06-26_2005-07-02.html

http://mahandtassi.zip.net/arch2006-07-23_2006-07-29.html

http://odiariodeeumaadolescente.zip.net/arch2007-09-30_2007-10-06.html

http://laisrrodrigues.zip.net/arch2006-01-01_2006-01-07.html
http://naycacau.zip.net/arch2005-11-20_2005-11-26.html
http://diariodeadolescenteroquera.zip.net/arch2005-04-03_2005-04-09.html
http://cat12.zip.net/arch2007-07-08_2007-07-14.html
http://jujub3.zip.net/arch2005-11-20_2005-11-26.html
http://thediarygirl.zip.net/arch2007-07-29_2007-08-04.html
http://heleng.zip.net/arch2005-09-18_2005-09-24.html
http://kcat.zip.net/arch2005-07-24_2005-07-30.html
http://diariodalola.zip.net/arch2006-07-23_2006-07-29.html
http://lloquinha12.zip.net/arch2005-07-16_2005-07-31.html
http://mia.aostreze.zip.net/arch2006-10-08_2006-10-14.html
http://carol_miranda12.zip.net/arch2004-06-06_2004-06-12.html
http://pitikacrys.zip.net/arch2005-10-23_2005-10-29.html
http://jaqueh.zip.net/arch2005-10-09_2005-10-15.html
http://arianediario.adolescente.zip.net/arch2006-07-02_2006-07-08.html
http://gatinha.rbd.zip.net/arch2006-07-09_2006-07-15.html
http://poetisaamorim.zip.net/arch2005-02-06_2005-02-12.html
http://magiasedesencantosdaadolescencia.zip.net/arch2006-11-16_2006-11-30.html
http://veronicah.zip.net/arch2006-10-29_2006-11-04.html
http://eu.adolescente.adicta.zip.net/arch2007-05-20_2007-05-26.html
http://gatinhamaluca.zip.net/arch2004-12-05_2004-12-11.html
<http://gostodeopostos.blogspot.com/2007/12/selo-do-blog.html>
http://rluchiari.zip.net/arch2006-11-19_2006-11-25.html
http://debora.vitoria.blog.uol.com.br/arch2004-10-10_2004-10-16.html

ANEXO: POR QUE OS JOVENS ESCREVEM BLOGS?

1) Blog: Diário da BaH

http://bah-ba.zip.net/arch2006-06-04_2006-06-10.html

06/06/2006

Oiee!! 😊

Hmmm.. o//

Então.. ateh q enfim criei meu Blog.. Meu diário.. hehe. Deve ser legau, contar minhas "aventuras".. quer dizer, nem são aventuras.. ah sei lah, soh sei q passo por tanta coisa..bem, sou uma adolescente normal, com meus 14 anos, chegando nos 15 esse ano, o//tenho meus amores, minhas dores, decepções.. como todo mundo! 😊tenho meus amigos, minahs amigas..minha vidinha normal..tenho meus estudos.. tenho a minha família q eu amo d+! tenho mta coisa.... e pretendo compartilhar todas minhas alegrias e tristezas aqui... procurar conselhos de vez em quando tbm eh bom, ñ faz mal a ninguem.. =D

Acho q eh isso..

Beijos!! 😊

2) Blog: Adolescente-Blog da gatinha

<http://malucadanet.blogs.sapo.pt/>

02/01/2004

A primeira vez nunca se esquece.

Olá eu! Dou hoje início àquilo que será a mais profunda busca de mim mesma, à mais intensa viagem àquilo que sou e que sinto. Não acho que sou louca, pelo menos não mais do que aquela anormalidade que consideram normal. Sou apenas uma rapariga que tomou como decisão de ano novo querer ser eu própria. Para isso preciso saber quem sou, mas eu chego lá. Por hoje digo só: olá vida nova! ___eu___

3) Blog: Diário de um adolescente

http://jovemsonhador.zip.net/arch2004-11-28_2004-12-04.html

28/11/2004

Beleza galera ...

Oi galera, neste blog pretendo falar um pouco do que penso, do que gosto,eventualmente vou publicar letras de músicas,fotos e dicas legais,além de um pouco do meu dia a dia,espero que vocês gostam, e por favor, deixem seus comentários.

4) Blog : Desabafo de uma adolescente http://desabafodeumaadolescente.zip.net/arch2006-10-15_2006-10-21.html

18/10/2006

oi gente q eu acho q nao vai ter muita pois nao vou passar para todoshj eh o 1º dia de postar ...quero q aqui seja um diario q atrai apenas pessoas q estao passando pelo mesmo problemaser adolescente nao eh facil neh ...bjs boa noite ate a proxima

- Postado por: **Bruninha** às 00h35

5) Blog: Vida de Adolescente é Style!!

http://natinha.br.zip.net/arch2006-12-03_2006-12-09.html

03/12/2006

Este Blog é tipo um diário de duas adolescentes completamente sequeladas, mas super alto-astral!!! Conta os nossos rolos, micos, muitas históriass!!!!

6) Blog Diário de uma canário: a história de um canarinho que queria voar

<http://kel-canarinho.blogspot.com/search?updated-min=2006-01-01T00%3A00%3A00-02%3A00&updated-max=2007-01-01T00%3A00%3A00-02%3A00&max-results=11>

10/09/2006

Sou Racquel. Mas me chamem de Kel, por favor. Mãe adolescente. Engravidei com 15 anos. Agora tenho 17. Moro com meus pais e meu namorado praticamente mora conosco. É daí que surgem a maioria dos meus problemas. Amiga, companheira pra todas as horas e conselheira. Alguém que busca liberdade, independência. Uma menina tentando ser mulher. Querendo ser guerreira. É isso o que sou. Não sou uma garota de vícios. Mas "preciso" de uma xícara de café com chocolate seguidos de um copo d'água depois do almoço. Também estou viciando em Net e Internet. E, agora que descobri o blog, em escrever. Não consigo mais parar. Sou louca por doces. Não vivo sem. Minha mente é confusa e contraditória. Quero ser uma patricinha fútil. Quero mudar o mundo. Quero mudar minha vida. Quero coisas demais. Coisas contraditórias demais. Repito muito as palavras. Uso reticências demais. Gosto muito do que escrevo, e me orgulho. Mas normalmente só quem gosta do que escrevo sou eu... Tinha escrito um texto enorme. E infinitamente melhor que esse... Mas já que deu erro. Fica isso mesmo! Beijos a todos! E não se esqueçam de comentar...

7) Blog: Diário de uma adolescente

http://rluchiari.zip.net/arch2006-11-19_2006-11-25.html

19/11/2006

Começo de tudo

Olá...

Aqui começo a escrever de mim, um pouco de cada dia, um pouco da minha vida...

Aqueles que queiram ler, muito bem!

Quem não quiser, aperta o X lá em cima...

Procurarei atualizar assim que puder sempre!! valeu!!

8) Blog: Diário amoroso de uma adolescente sonhadora

http://clarasonhadora.zip.net/arch2004-02-08_2004-02-14.html

11/02/2004

Saudações

Essa é a mensagem inicial do meu blog, a partir de amanhã minha vida amorosa estará exposta em capítulos muito interessantes, tenho certeza que todos vão adorar os desencontros de uma vida real alimentada por fantasias.

9) Blog: Diário de uma adolescente... Escrito por uma adolescente

http://adolescentegirl.zip.net/arch2006-07-30_2006-08-05.html

Apresentação

Sinceramente, eu odeio esses livros para pessoas como eu, em plena puberdade (por sinal, que palavra horrível) de autores adultos e principalmente autores homens. OK, eles já passaram por isso um dia e, muitas vezes já nos sentimos como eles, mas existe um pequeno e modesto detalhe nisso: nunca vi um livro onde uma adolescente tenha escrito (exceto, talvez o Diário de Anne Frank) todas as suas dúvidas, as suas confusões, os seus problemas, seus dramas, suas carências...se alguém conhece um, me diga, por favor, porque eu estou cometendo uma rata terrível.

Eu não vou me apresentar, já que eu não confio muito em Internet e tenho as minhas paranóias. Não é qualquer um que sabe o meu nome não!!! Onde já se viu... hehehe...parece o meu pai falando. Ele vive dizendo que tomemos cuidado com o que dizemos na Net. Eu sou a favor à opinião dele, mas às vezes a gente burla um pouco essa "regra".

OK, só enrolei até agora, certo? Bem, eu decidi escrever esse diário pra desabafar e porque eu sempre quis que alguém lesse o meu (que é cheio de babados!!! Tudo que as garotas mais gostam!!!) mas nunca teria de coragem de entrega-lo de mão beijada.

Dêem uma olhada na minha condição atual:

Apelido: <<M>>

Orkut: eu tô na comunidade "Eu amo a minha mãe" hehehe

Cidade: Qualquer lugar a qualquer hora

Idade: 15 anos

Status: Offline by the world

Preferências: música, beijar, fofocar, escrever, dormir, dançar, amar...

Odeio: acordar cedo, levar pé-na-bunda, TPM, menstruação, estudar, segurar vela...

Tô...: solteira e feliz

Acho que tá bom...diz aí, você não se parece comigo? 😊

10) Blog: Farol da Lua

<http://faroldalua.blog.ig.com.br/>

14/03/2006

Sei lá... eu tenho um pobre blog largado... nem eu ligo pra ele coitado. Mas, é bom ter um blog... é bom ter um lugar pra desabafar... quando comentam sobre aquilo que eu disse é melhor ainda ...

11) Blog: Diário de uma Adolescente Patty

http://kokoy_kitty.zip.net/arch2005-05-15_2005-05-21.html

15/05/2005

sse eh meu novo bloguinho...

naum sei mexer muitxo,

maix minha amiga tah me ajudando...

sejam bem vindas todas as °pattys° q visitarem meu blog!

eu vou blogar um monte d plaquinhas bem frescas...

quem gostar eh soh copiar e colar

bem....passei o meu fds todinho em ksa, na net...

vou indu agora!!!!

xauzim....e COMENTEM

12) Blog: Gatinha

http://gatinha.rbd.zip.net/arch2006-07-09_2006-07-15.html

3/07/2006

confusa

Isso parece ser estranho mais a cada dia que passa minha vida muda e pra pior pequenas coisas me diverte o meu corpo muda, minha mente, como penso, minhas atitudes. As vezes para e pra que serve um blog se quase ninguem o ve, outras vezes penso que serve para ser um diario (se vc tem medo que os outros vejam o sue diario que se esconde em baixo da cama). Para todos os blogados ai vai uma dica as nossas coroas so querem o nosso bem por isso denhem um tempo pra ela, ela sofre muito pra nos dar o que temos. Vcs devem pensar que sou so uma pre-adolescente que ve muitos filmes e quero comparar minha ida a eles mais neste instante nao penso nisso so penso em me acostumar com as mudanças da vida principalmente as mudanças do boletim, mais isso é o de menos quero começar a pensar 10 vezes no minimo antes de fazer alguma coisa diferente e extraordinaria. Bom isso é o que penso, essas foram confisoes de uma pre-adolescente em crise

13) Blog: O diário de uma adolescente

http://my-private-life.blogspot.com/2006_11_01_my-private-life_archive.html

02/11/2006

Minha Vida Secreta

Oi!!!

hoje é meu primeiro post!!!

gro compartilhar com vc's minhas alegrias, tristezas, tudo q eu estiver com vontade de compartilhar com alguém e não puder falar para pessoas "ao vivo" eu colocarei aqui. """""""" Abração!!!!!!!!!!!!

14) Blog: Diário de um adolescente

http://odiariodecaio.zip.net/arch2004-07-25_2004-07-31.html

27/07/2004

Querido diário, hoje é o primeiro dia de nossa caminhada..... Blá, blá, blá, blá...

O negócio e o seguinte, este blog vai dar o que falar, com histórias reais da vida de um adolescente que tem muita experiências para contar. Me indentifico como Caio ou C@C@´ pois ainda não posso dizer que realmente sou, mas no futuro direi a todos que me acompanham e seguem meu fatos. Isso porque sou bastante conhecido, pois postei um blog a um tempo atrás e foi muito comentado então fiz muitas amizades e derrepente percebi que não tinha mais graça postar naquele blog, pois não podia me espessar totalmente, contar os fatos acontecidos em minha vida, pois tinha medo do que podia acontecer por ser muito conhecido.

Agora resolvi blogar novamente e contar tudo sem por enquanto me identificar.

Mas se conquistar amizades verdadeiras que me demonstrem segurança, porque não contar quem sou? E talvez poderemos até entrarmos em contato. O que acha deste meu novo projeto de vida????

15) Blog: A vida de Manu: Uma adolescente perturbada

http://avidalouca.zip.net/arch2004-08-08_2004-08-14.html

14/08/2004

Boas Vindas

 *Seja bem vindo ao meu blog, aqui você vai ver um pouco do meu diário, as fofocas, barracos, festas e muito mais.* 

16) Blog: O meu diário na Net

http://mlga.zip.net/arch2006-03-19_2006-03-25.html

19/03/2006

*É irônico como vimos um diario de uma adolescente, dizem k esta é a faxe melhor da noxa vida, una parte tem rasão por outra ã, 1º andamos na escola e temos carradas d coisas para estudar! 2º temos de tomar decisões importantes k iram afectar a nossa vida já por adultos. Por ixo não venham com história k a vida de um adolescente é a melhor fase, pois eu digo n é! A pesar k iremos ter muitos mais problemas, mas as nossa decisões refletem nas escolhas k fazemos! **A vida é tão complikada** *

17) Blog: Diário de uma aborrescente

<http://srta.kah.myllinha.zip.net/>

25/12/2007

Quase Louca aqui!!

 *Ah, hoje eu acordei agora a pouco, como ontem eu estava muito cansada, só consegui me levantar agora, mais isso não vem ao caso.*

 *Estou ficando nervosa com o simples fato de não estar sabendo usar um negócio que fiz aqui na web, e isso é totalmente irritante. Mas vou tentar e tentar até conseguir. Aff.*

Mas agora mudando de assunto, quero apenas dizer que irei postar duas vezes por dia, claro nem sempre, pois não é sempre que temos algo interessante a dizer. Mas então, por agora é só que quero ver se consigo arrumar o negócio que já citei a cima.

Beijos e até mais.

18) Blog: A vida não chega...

<http://avidanaocheга.blogs.sapo.pt/>

26/08/2005

*O meu nome é **Joana**, tenho 15 anos (por pouco tempo...) e moro em Portimão. Como é normal nas pessoas da minha idade, tenho os meus amigos, muito importantes para mim, e o meu namorado, João.*

Posso descrever-me, tal como diz na imagem sobre as pessoas com o meu nome, como uma pessoa bastante indecisa, ou não fosse eu do signo Balança. Sou um pouco tímida, mas apenas quando não conheço as pessoas. Considero-me uma boa amiga e, até agora, não tenho recebido queixas!

19) Blog: A minha vida.... a partir de agora

<http://pekenadoll.blogspot.com/>

Segunda-feira, Setembro 25, 2006



*Bem este é o meu primeiro blog..decidi criá-lo nesta altura da minha vida pois preciso de desabafar..nem ke seja so para um computador.. estou num buraco sem fundo, e kada vez sinto-me a afundar cada vez mais.. foi-me diagnostikado anorexia nervosa, nada ke nu fundo eu já nao soubesse quando estou nos meus momentos mais virados para a realidade.. levaram-m a uma medika, nem seker sabia ke ia a uma psikiatra.. vim para casa pratikament km um ultimato da psikiatra, "ou keres te kurar a bem ou temos ke tratar de ti a mal".. por um lado o k eu mais kero e livrarme dixtu..so penxo em cumida, sonho com kumida, prokuro as calorias de tudo e mais algma coisa..mas dpx olho-me ao espelho e penxo, "espera la, mas kual anorexia kual ke exa gaja (psikiatra) ta mas é maluka..eu tou gorda ke nem uma porka..magras sao akelas modelos, essas sim sao anorecticas eu nu minimo sou obesa". Tenhu até para a semana pa penxar no k kero fazr da minha vida.. **amiga ou inimiga "ela" vive e sei ke sempre viverá cmgo..***

*Nome: pkena_doll
Localização: Portugal*

20) Blog: Momentos da vida de Lilian

http://momentosdelilian.zip.net/arch2007-06-17_2007-06-23.html

18/06/2007

Este aki é meu 1º post

Neste blog vou contar um pouco sobre momentos vividos por mim e das minhas amigas. É como se fosse um livro, um diário sobre minha complicada vida de adolescente.

21) Blog: O diário de uma adolescente

http://luanadiario.zip.net/arch2007-12-09_2007-12-15.html

Sábado , 15 de Dezembro de 2007



Oi meu nome é Luana, tenho 12 anos, tenho 1,52 metro, gosto de animais, viajar, estudar, moda, minha familia, escrever no meu blog, desenho (ANIME). E eu sou mais eu quando sou eu!!!

::Escrito por Luana às 22h27

22) Blog: Diário de uma adolescente

http://blogdasandia.zip.net/arch2005-10-23_2005-10-29.html

Quarta-feira , 26 de Outubro de 2005

E ai pessoal, beleza? Espero que gostem do meu blog, aqui vou compartilhar com vocês as minhas histórias, fotos e fatos da minha vida e também da vida das pessoas que convivem comigo. Vai ser "dá hora". Aguarde e verá!!!!!!

::Escrito por SANDIA às 21h42

23) Blog: Simplesmente eu

Http://pablomod.zip.net/arch2004-07-04_2004-07-10.html

10/07/2004

É... Hoje é a primeira vez que ponho mensagens aqui. No meu diário virtual, onde expressarei todos os meus sentimentos, vontades e tudo mais que eu sentir.

Hoje minha vida está na mesma rotina de um adolescente meio revoltado porém muito feliz.

Amanhã direi algo mais... 😊

::Escrito por Pablo às 07h53

24) Blog: Diário de uma adolescente

http://diariodeumaadolescente.zip.net/arch2005-01-09_2005-01-15.html

14/01/2005

BOA TARDE!!!!

O i gente, td bem? Espro que sim... Nossa que indelicadeza a minha, começo a postar aqui sem me apresentar: Me chamo Sheila, e acho que adolescente é um termo que eu me enquadro apesar de ter 18 aninhos... Bem, aqui pretendo contar tudo que se passa na minha vida, tristezas alegrias, e tudo que há de bom para ser contado e apreciado... mas não escrevo só aqui, eu tbm escrevo num caderno, pois, quando eu ficar velhinha, e não puder ir a cyber (rsss) eu quero ler e lembrar de omo eu era... mas deixemos de detalhes bobos e vamos começar logo a blogar de verdade.

Ontem no orkut aconteceu uma coisa muito chata, eu disse que era uma Paty que gostava de rockeiros e eles me xingaram até, mas hoje, meu scrap estava cheio de pedidos de desculpas!!!! Muito legal, saber qe há pessoas que assumem seus erros...

Meu tempo acabou beijos até amanhã...

25) Blog: Diário de um adolescente em crise

http://secretodiario.zip.net/arch2006-09-24_2006-09-30.html

30/09/2006

Oi

A primeira vez que eu vou blogar... bem nesse blog pretendo contar a minha vida mesmo quero q ser torne meu diario eu pretendo contar tudo o que acontece na minha vida...o que eu acho... não vou esperar que entrem pq esse não é o proposito... blz!!!!

Escrito por secret.jr às 23h07

26) Blog: Depois que a gente cresce

http://marializ.zip.net/arch2005-06-26_2005-07-02.html

02/07/2005

Pra comecar...

Antes havia um diário, capa vermelha, forrado em tecido, tinha ate cadeado! Mas as palavras ficavam ocultas demais! Para que escrever se não haverá leitor?

Assim, resolvi compartilhar minhas idéias. Não haverão manchetes em jornais, pois o que aqui esta escrito é meramente um desabafo. Coisas que não diria olho no olho ou que tão somente vieram em um momento que não havia para quem falar.

Eis então meu novo diário... diário de uma pós-adolescente que ainda vive situações similares àquela época, pois, nesse arremedo de vida, todas as eras parecem sempre voltar; como se tivéssemos que ser criança-adolescente-joven-adulto ao mesmo tempo! 😊

✪Escrito por Maria Liz às 11h27

27) Blog: *. Diário Maah and Tassi . *

http://mahandtassi.zip.net/arch2006-07-23_2006-07-29.html



23/07/2006

Hii !*

*Meu nome eh Anna Maria,tenho 12 anos e tive a idéia de criar um diário com minha * Best Friend * para contar o que rola no nosso dia-a-dia e desabafar nossos pensamentos,porque daqui a algum tempo,nós vamos querer saber o que se passava entre nós e saber o que pensavamos quando estavamos se tornando uma adolescente.*

*Espero que gosteem !**

*Kisses :**

/Maah

28) Blog: O diário de uma adolescente

http://odiariodeeumaadolescente.zip.net/arch2007-09-30_2007-10-06.html

04/10/2007

Boa tarde...

Bom, na verdade eu nem sei o que dizer... hum... eu ja tive um blog... um blog bem "baladado"... mas acontece q eu excluí... To fazendo esse agora pq eh mais o meu estilo... Bom, aki eu postarei tudo oq me vier a cabeça... só isso.....

Escrito por ~*~Lulynhah~*~ às 13h36

29) Blog: O diário de uma adolescente

http://laisrrodrigues.zip.net/arch2006-01-01_2006-01-07.html

06/01/2006

oie...primeira vez que tow blogando,espero que dessa vez dê certo isso aki!!! rrsrbom pra começar vou falar um pouco de mim,o que digo?meu nome né?dã....me chamo Laís,vou fazer 17 anos(quero presente),moro com minha mãe,só nois duas(meu pai,depois eu explico),estudo vou fazer 3 ano,amigos?tenho sim,que privilegio,hein? tenho amigos,conto nos dedos,mas isso que importa,amo minha mãe(ela acha que nãO)mas ela é chata,qual mãe que não eh?briga pra caramba.."vai estudar menina","sai dessa internet",mas e axim...gosta de pegar no meu pé,antes de sair passo por akele interrogatório:"pra onde tú vai?","com quem?","fazer o q?","que horas volta?","qual o telefone de lá?",bom....eh só isso,acho que acontece com muitos adolescentes,mas no fundo ela eh legal,acho que só vou entender por completo quando por mãe(isso que ela me diz),agora namorado cadê?bem...num tenho,mas dizem que melhor tá sozinha que mal acompanhada,né?entaum...quando tiver que aparecer vai aparecer(eu espero)... 😊

acho que dá pra ter uma noção de como é minha vida,e a partir de hoje vou relata-la,naum liguem pois ela eh monotona!!huahua

bjux

::Escrito por L@lah às 19h07

30) Blog: diário de uma pré-adolescente

http://naycacau.zip.net/arch2005-11-20_2005-11-26.html

26/11/2005

Olá.

Meu nome é Nayara Souza Rocha, tenho 9 anos e estou terminando a 3ª série do ensino fundamental. Tenho um irmãozinho que é a coisa mais linda. O nome dele é Gabriel e tem 1 ano e 3 meses. Espero começar aqui uma boa conversa sobre tudo que gosto. Beijos, Nay.

31) Blog: Diário de uma adolescente

http://diariodeadolescenteroquera.zip.net/arch2005-04-03_2005-04-09.html

05/04/2005

oi galera esse eh o mais novo blog da net vao saber como eh a vida de uma pessoa q adora viver mas naum tem tanta liberdade estou aberta a sugestões ajudem ai!!

Escrito por nathyrock às 15h31

32) Blog: Meu diário

http://cat12.zip.net/arch2007-07-08_2007-07-14.html

12/07/2007

Oi!

Meu nome é Cat,e no meu blog eu vou fala de tudo na minha vida tipo sobre:meus amigos,a escola,passeios,inimigos e sobre o que penso e vcs vão me ajudar às vezes, a resolver muitos problemas que se passam na minha vida,a vida de uma adolescente.

Bejuh!

Fui!

33) Blog: Diário de um adolescente

http://jujub3.zip.net/arch2005-11-20_2005-11-26.html

6/11/2005

Bom meu plimeiro post...

meiu sem u qi iscrever...us outrus jujubb i jujubb2 saum meus tbm...sow qi eu perdih a senha....i agora mi deu uma saudade di blog..intaum resolvih fazer outruh...aki eu vow desabafar mtu...msm qi poukus vejam...=[[

Amigus...amu v6!!!!

34) Blog: Diário de uma menina

http://thediarygirl.zip.net/arch2007-07-29_2007-08-04.html

01/08/2007

*** Bem - Vindos ***

Sejam bem vindas 🍷

Nosso Blog... que não é bem um blog é na verdade o nosso diário.🍷 Vai tratar de vários assuntos do universo de uma adolescente que retrata seus problemas e suas alegrias.

Somos duas meninas que estamos fazendo um trabalho escolar...mas q pretendemos levar isso muito além!🍷 (será q agente tira 10 nesse ?!?! hahaha 🍷)

Em breve traremos dicas e textos dos mais diversos e interessantes assuntos.

Não deixe de nos visitar Heim?!👍

Beijos Milla e Juh 😊

35) Blog: Meu diário na NET

http://heleng.zip.net/arch2005-09-18_2005-09-24.html

24/09/2005

Oi gente!!! Tudo bem com vocês? Espero que sim, né? Só para começar eu quero lhe dar as boas vindas, ok? Espero que gostem do meu blog e voltem sempre... Se vcs quiserem é só deixar o nome do seu blog, que assim eu passo nele também, mas nao se esqueçam vcs serao sempre muito bem-vindos e voltem sempre!!!

36) Blog: Diário de uma adolescente

http://kcat.zip.net/arch2005-07-24_2005-07-30.html

30/07/2005

Stand By Me

😊 *Boa noite galera, tenho 13 anos e criei este blog com a finalidade de compartilhar assuntos e idéias com meus amigos e pessoas que se identifiquem com meu modo de pensar (mas tb com aquelas que pensam diferente de mim). Parece estranho o título da mensagem, mas é que ao criar o Blog estava tocando a música do Oasis que tem este nome e por se tratar de uma música muito bonita, resolvi colocá-la como título da mensagem.*

Um abraço a todos!!!

37) Blog: O Diário de uma Adolescente!

http://diariodalola.zip.net/arch2006-07-23_2006-07-29.html

24/07/2006

“Vivendo, Amando e Aprendendo.”

O que uma adolescente poderia fazer?

VIVER, AMAR e APRENDER

E é nisso que se resume a minha vida, neste espaço vou colocar como eu estou aprendendo a amar e a viver.

Meu nome é... bom, meu nome não vem ao caso agora, mas pode me chamar de Lola, Miss Lola. Tenho 15 anos, moro no Estado de Santa Catarina. Logicamente no Brasil :}

Porque fiz esse blog?

Porque eu preciso me abrir com alguém, e como não tem "alguém" em que eu confie vou me abrir para você, que está lendo meu diário neste momento. Quem sabe você não está passando por isso, ou passou e Deus queira que não passe.

Cada dia, ou duas vezes por dia... não sei, vai depender muito de mim, vou colocar um assunto, no título do post, e vou descrever o que está acontecendo comigo relacionado a este assunto, ou seja, vou escrever o que eu estou passando que tem a ver com esse assunto.

Vou ser sincera mesmo, vou falar tudo o que eu fiz e o que eu eu penso em fazer. Não vou esconder nada, já que a minha identidade será mantida em mais perfeito sigilo ;]

***Medo?** Acho que o motivo não seria esse, mas sim, a vergonha e o receio de me abrir como já disse. ~Por isso não vou me identificar, e se achar ruim, o que está fazendo aqui???*

Acho que é só por agora...

Depois eu voltarei...

XD~~

beijos...

•°♥ Miss Lola ♥°•

38) Blog: O diário de Lloquinha

http://lloquinha12.zip.net/arch2005-07-16_2005-07-31.html

21/07/2005

Bem vindos ao meu blog, em breve ele estará pronto e vcs vão adorar!!! Estou fazendo o possível para vc fazê-lo ficar legal, ah, e para quem não me conhece sou Lloquinha12 tb chamada de Arual 😊

Esse blog está sendo feito especialmente para aqueles que são louquinhos(as), fanáticos por td que é legal, que gostam de gifs fofos e para os integrantes do Elite s_aclube 😊



Espero que gostem da Hello Kitty...

::Escrito por Lloquinha12 às 11h33

39) Blog: Confissões de uma adolescente

http://mia.aostreze.zip.net/arch2006-10-08_2006-10-14.html

13/10/2006

Oi gentii!!

Bem-vindos ao meu blog!!

Espero ki vcs gostem... =)

~> *Dexa eu me apresentar...*

Bom, meu nome é Micaelly, mais todo mundo me chama de Mia (adoro).

Adoro a banda RBD, animais, internet... AMO MEU NAMORADO!

Hum... me add no orkut?

www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7626977158761156257

Se vc gosta de rebelde tbm, entra aew:

www.flogao.com.br/rbdmixmia

Meu diário está aki... Em breve minhas confissões...

Bjux... fui...

::Escrito por Mia às 13h37

40) Blog: Diário virtual

http://carol_miranda12.zip.net/arch2004-06-06_2004-06-12.html

10/06/2004

E aí galera, este é o mais novo blog sobre tudo o que uma adolescente deve saber espero que gostem !!! BEIJÃO

::Escrito por cacau às 16h30

41) Blog: Diário de uma adolescente

http://pitikacrys.zip.net/arch2005-10-23_2005-10-29.html

29/10/2005

como ja viram meu nome e mayta tenho 14 anos e estou naquela faze onde nunca sei se estou fazendo as coisas certas onde nunca sei se meus "amigos" na verdade sao meus "amigos" espero dar conta de expressar oque ando sentindo para voceis oi seja benvindo ao meu blog espero que gostem e se divirtan com meu dia a dia que e uma comedia ha e não se esqueçam de comentar

:: Postado por mayta às 14h47

42) Blog: Diário da JaQuEhH

http://jaqueh.zip.net/arch2005-10-09_2005-10-15.html

09/10/2005

*Apenas mais um dia
olah galera, to comexando hj o meu blog max antes tarde do q nunca. Bom hj eh apenas mais um dia
xato com xuva, mta ressaca d ontem, pq soh enchendo a cara pra mim ficar feliz, hj mta dor de cabexa e
mto sono. Estou decepcionada com algumas pessoas, max graxas a minha mamamhe grah e meus
miguxos lindux do colaxaum eu ganhei forxas e me reergui. Max eh issu essa mensagem eh apenas o
comexo, logo logo vcs saberam maix sobre meus dias infernais de adolescente!!*

*Escrito por by *_* JaQuEhH *_* às 14h02*

43) Blog: Diário de uma adolescente em crise

http://arianediario.adolescente.zip.net/arch2006-07-02_2006-07-08.html

04/07/2006

Oi!!!!

Eu sô a Ariane... e tô aqu pra falar de assuntos atuais de Adolescentes para Adolescentes...

Escolhi este nome por que o filme é muito legal... vale a pena conferir

Bom estarei todos os dias postando para falar sobre fatos que acontecem com Adolescentes... dando dicas ou coisas assim...

Bom é só... amanhã agente começa...

Escrito por Ariane Rovesse às 22h07

44) Blog: Diário de uma adolescente - Gatinha

http://gatinha.rbd.zip.net/arch2006-07-09_2006-07-15.html

14/07/2006

blog

 *Pra que sera que realmente serve um blog para colocar fofocas, ou pra falar do que a gente gosta, ou pra falar nossos sentimentos, ou sera pra retirar nossas duvidas seja pra que for, faço de tudo um pouco!E vc oq faz?*SEJA OQ FOR BOA SORTE E BAY**

45) Blog: Diário de uma adolescente

http://poetisaamorim.zip.net/arch2005-02-06_2005-02-12.html

11/02/2005

espero que tenham gostado da poesia.

meu nome é diuli e adoro escrever

Quero fazer amizade. Alguém topa?

Moro em Porto Velho -Ro. onde foi gravada a nova mini serie da globo 'Med Maria' ou Maria Louca assim dizendo. Tenho 22 anos e você?

Sempre deixarei uma poesia, para que possam refletir sobre alguma coisa. Só espero que gostem. Um abraço!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Escrito por poetisa às 20h09

46) Blog: Magias e desencantos da Adolescência

http://magiasedesencantosdaadolescencia.zip.net/arch2006-11-16_2006-11-30.html

23/11/2006

Bom á partir de hoje iremos falar e discutir sobre os assuntos da adolescência numa especie de Blog Novela...

Esperamos que vocês gostem!! 😊

Oi diário...

Hoje estou muito feliz, completo 12 acabo de me tornar uma adolescente, meus pais sempre me disseram que esta fase é muito boa mais também que todos os adolescentes são estressados, briguentos, rebeldes...

Bom acho que comigo não será assim, acho que é apenas ladainhas que eles contam, sei que eles são muito exagerados; Diário, estou feliz, na verdade estou animadíssima ganhei meu primeiro sutiã, meus seios estão crescendo e na verdade isso é muito bom, alias, não sei se já lhe contei mais há um garoto no meu colégio, mais velho, ele está na 7ª série é muito lindo e vive falando do corpo das meninas do colegial, quero ter um corpo bonito igual o delas, assim quem sabe ele me olha também...

Bom diário vou ficando por aqui, tenho que ir pro colégio e a noite é minha festa de 12 anos, eu convidei a todos da minha sala e também algumas de outras salas, alias fiz questão que o Rafael ficasse sabendo da minha festa, nossa seria legal se ele aparecesse por lá mais acho que é sonhar de mais...

Até amanhã Diário

Beijos

47) Blog: Veve

http://veronicah.zip.net/arch2006-10-29_2006-11-04.html

02/11/2006

Aki poderei colocar todos os meus pensamentos....

Sem ninguem ao menos saber.... poderei colocar de td, desde meus desejos mais fortes, qto aos meus piores rancores....

Sei q minha vida eh igual a de toda adolescente... e todos temos um objetivo, e o meu, eh perder minha timidez podendo assim, flr com todos sem receio algum...

Nao sei pq, as vezes tento me afastar das pessoas... gosto mtu de ficar sozinha, na minha.... pensando na vida..... mas mtas vezes preciso de uma companhia para poder me desabafar.. pq apesar de td, ninguem eh de ferro neh.....

Resolvi fzr esse "diario", pra ver se assim, eu consigo me expressar mais o q eu sinto... e kem sabe ate desabafar um pouco neh.....

48) Blog: Eu. Adolescente. Adicta.

http://eu.adolescente.adicta.zip.net/arch2007-05-20_2007-05-26.html

25/05/2007

bom dia eu adicta em recuperaçao mais um dia limpa de substancias que alteram meu estado de humor prestes a completar 6 meses de recuperaçao e durante esse tempo mim vem varias lembranças boas e ruins também.... como falei eu sou uma adolescente que esta em recuperaçao bastante cedo graças à uma irmandade "NA" que salvou minha vida... mim perdi no cruel mundo de drogas e graças ao apoio de minha família eu pude sair deste mundo à tempo... hoje descobri que existe sim uma maneira nova de viver sem nenhuma substancias psicoativas.. e hoje sou uma pessoa feliz graças ao meu poder superior que mim devolveu a minha sanidade e minha vida a esta irmandade e a minha família... mas tudo só aconteceu poque eu quis pois so consegue sair das drogas quem realmente quer e nao quem precisa.... só por hoje continue voltando que nas proximas páginas mas coisas serão reveladas.... só por hoje bons momentos a todos

::Escrito por EU ADOLESCENTE EM RECUPERAÇÃO às 12h15

49) Blog: Só para loucos

http://gatinhamaluca.zip.net/arch2004-12-05_2004-12-11.html

10/12/2004

OI genteeu sou a Gatinha Maluca...desculpa não colocar meu nome verdadeiro...é que como isso é um diario, prefiro declarar tudo sem omissoes e é bem melhor fazer isso sem qu voces saibam quem eu sou....aposto que querem saber tudo o que se passa na cabeça de uma adolescente que não mediu esforços para curtir a vida...então é isso que eu irei fazer só com escondendo uma coisa minha identidade espero que voces entendam...

Escrito por Gatinha Maluca às 15h22

50) Blog: crônicas de um adolescente

<http://gostodeopostos.blogspot.com/2007/12/selo-do-blog.html>

Sou um louco atrás da felicidade. Um louco que procura amigos e creio já ter encontrado uns mais loucos que eu. Um louco que ri, brinca,chora,tem dias de bom e de mau humor. E esse louco compartilhará cada momento dele com vcs.

Sexta-feira, 30 de Março de 2007

[desabafo inicial](#)

Mesmo com a intenção de sair do armário, ainda não consegui. Com todas as correntes que me prendem a essa sociedade que independentemente de dizer que é contra o preconceito ainda discrimina da pior forma o possível todo ser que tente sair desse antro de marionetes.

Vivo no anonimato desde que encontrei minha sexualidade... Desde cedo percebi que tinha gostos diferentes dos meus amigos e de certo modo sentia algo por eles que não sabia explicar,mas sabia o que era.

Como ouvi dizer: "gosto de maçã e de pêra" ou "do meu lado eu gosto de opostos" ainda não assumi minha bissexualidade por medo... Medo de que ainda não sei.

Pretendo descobrir com os que aqui vierem a me ajudar e buscar ajuda,pois tenho consciência de que há muitos na mesma situação que eu.

agradeço aqueles que me compreenderem.

Com saudade por Raphinha às [16:34](#)